A
CHAVE DE HIRAM

FARAÓS, FRANCO-MAÇONS
E A DESCOBERTA DOS MANUSCRITOS SECRETOS DE JESUS

CHRISTOPHER KNIGHT & ROBERT LOMAS

TRADUÇÃO E NOTAS
Z.RODRIX

EDITORA LANDMARK
São Paulo, Brasil

Agradecimentos

Os autores gostariam de expressar seus agradecimentos às seguintes pessoas, por sua ajuda e assistência durante a escrita deste livro:

Em primeiro lugar, às nossas famílias, que toleraram as longas horas de ausência enquanto estávamos pesquisando e escrevendo.

Ao reverendo Hugh Lawrence, um Past-Master da Ordem (que prefere permanecer anônimo), Tony Thorne, Niven Sinclair, Judy Fisken, Barbara Pickard, Ven. Ir. Alan Atkins, Ven. Ir. Adrian Unsworth, Steve Edwards, barão St Clair Bonde of Charleston, Fife.

Ao nosso agente Bill Hamilton da A. M. Heath & Co. Ltd, aos nossos editores Mark Booth e Liz Rowlinson, da Century, e a Roderik Brown.

"A *Chave de Hiram* poderia lançar as centelhas do início de uma reformulação do pensamento cristão e de uma reconsideração dos 'fatos' que nós tão cegamente temos aceitado e perpetuado através de gerações. Este livro é uma peça obrigatória para os livres pensadores!".

David ***Sinclair Bouschor***
Past Grão-Mestre da Maçonaria,
Grande Loja de Minnesota, EUA.

Christopher Knight nasceu em 1950 e em 1971 concluiu seus estudos formando-se em publicidade e desenho gráfico. Sempre demonstrou um forte interesse no comportamento social e no sistema de crenças tendo por muitos anos atuado como analista de consumo envolvido no planejamento de novos produtos e estratégias de vendas. Em 1976 tornou-se Maçom e atualmente é presidente de uma agência de publicidade e *marketing.*

Dr Robert Thomas nasceu em 1947 e graduou-se com honra em engenharia elétrica, iniciando-se após isso em pesquisas no campo da física dos estados sólidos. Mais tarde trabalhou no sistema de direcionamento para os mísseis Cruise e esteve envolvido no desenvolvimento de computadores pessoais mantendo sempre o seu interesse sobre história da ciência. Atualmente leciona no Centro de Administração da Universidade de Bradford. Em 1976 tornou-se Maçom e rapidamente tornou-se um conceituado palestrante sobre a história da Maçonaria nas Lojas da região de West Yorkshire.

Seu segundo livro, O *Segundo Messias,* foi publicado em 1997 e está disponível pela Arrow em sua versão original em inglês e pela Editora Landmark em sua versão em português. Seu último livro *Urieli Machine* também está disponível pela Arrow.

****

Z. Rodrix nasceu no Rio de Janeiro em 1947, é músico, autor teatral, palestrante, publicitário e escritor. Teve seu romance de estréia, *Diário de um Construtor do Templo,* primeiro volume da *Trilogia do Templo*, premiado em 2000 com o prêmio Lima Barreto Especial do Júri, concedido pela UBE. Iniciado em 1991 no Rito Escocês Antigo e Aceito, milita na Maçonaria desde essa data sem interrupções, tendo alcançado o Grau 32°, sendo também membro das Lojas de Mark Masonry e de Royal Arch Masonry, na cidade de São Paulo.

Dedicado à memória de John Marco Allegro

Um homem vinte anos à frente de seu tempo.

Nada é tão oculto que não possa ser conhecido, ou tão secreto que não possa vir à luz.
O que vos digo nas trevas que seja dito na luz. E o que ouvirdes em um sussurro, proclamai do alto do edifício.

Yehoshua Ben Joseph, também conhecido como Jesus Cristo

Índice

Introdução à Edição em Língua Portuguesa 1
Introdução 1

1. Os Segredos Perdidos da Maçonaria
A Mais Pura Falta de Objetividade
Um Pobre Candidato Imerso em Trevas
Os Mistérios Ocultos da Natureza e da Ciência
Uma Pequena Luz
Conclusão

2. Começa a Busca
Onde se originou a Ordem?
O Templo do Rei Salomão
Conclusão

3. Os Cavaleiros Templários
Os Primórdios da Ordem
O Que Buscavam os Templários?
A Regra da Ordem
O Selo da Ordem
A Organização da Ordem
Conclusão

4. A Conexão Gnóstica
Os Primeiros Censores Cristãos
Os Evangelhos Gnósticos
A Ressurreição Gnóstica
Conclusão

5. Jesus Cristo: Homem, Deus, Mito ou Franco-Maçom?
Mais um Nascimento de uma Virgem
Os Principais Grupos de Jerusalém
A Firme Evidência dos Manuscritos do Mar Morto
A Família de Jesus
O Nascimento de uma Nova Religião
A Verdade entre as Heresias
Uma Ligação Positiva entre Jesus e os Templários
A Estrela dos Mandeanos
A Estrela da América
Conclusão

6. E no Principio, Deus Criou o Homem
O Jardim do Éden
As Cidades da Suméria
Ur, a Cidade de Abraão.
Deus, o Rei, o Sacerdote e os Construtores
A Figura de Abraão, o Primeiro Judeu
Conclusão

7. O Legado dos Egípcios
Os Primórdios do Egito

A Estabilidade dos Dois Reinos
A Feitura de um Rei
Provando o Improvável
A Evidência Silenciosa
A Estrela da Manhã Brilha Novamente
Conclusão

8. O Primeiro Franco-Maçom
Hiram Abiff Descoberto
O Colapso do Estado Egípcio
Os Reis Hicsos
A Perda dos Segredos Originais
A Evidência Bíblica
O Assassinato de Hiram Abiff
Os Assassinos de Hiram Abiff
A Evidência Física
A Evidência Maçônica
Seqenenre Tao, o Intimorato.
Conclusão

9. O Nascimento do Judaísmo
Moisés, o Doador da Lei.
O Deus Guerreiro das Montanhas do Sinai
E os Muros Caíram ao Chão
A Oportunidade do Êxodo
David e Salomão
Conclusão

10. Mil Anos de Luta
A Jovem Nação Judaica
O Exílio na Babilônia
O Profeta da Nova Jerusalém
O Templo de Zorobabel
Uma Nova Ameaça a Yahweh
Conclusão

11. O Pesher de Jachin e Booz
Os Manuscritos do Mar Morto
Os Livros Perdidos dos Macabeus
O Eleito de Judá
Midrash, Pesher e Parábola.
Os Segredos de Qurnran
Os Pilares Gêmeos
Conclusão

12. O Homem que Transformava a Água em Vinho
A Corrida contra o Tempo
O Novo Caminho para o Reino de Deus
A Prisão do Pilar Real
Julgamento e Crucificação
Os Símbolos de Jesus e Tiago
A Ascensão do Mentiroso
Os Tesouros dos Judeus
Conclusão

13. A Ressurreição
Os Vestígios da Igreja de Jerusalém
O Manuscrito da "Jerusalém Celestial"
O Impacto dos Manuscritos Nazoreanos
Conclusão

14. A Verdade Libertada
A Profecia se Torna Verdade
A Crucificação
A Evidência Física
A Mensagem Vem à Tona
A Terra da Estrela Chamada "La Merika"
Conclusão

15. A Redescoberta dos Manuscritos Perdidos
O Santuário Escocês
O Retorno a Rosslyn
Faça-se a Luz!
O Segredo Perdido da Maçonaria de Marca Redescoberto
O Lorde Protetor que Protegeu Rosslyn
Por Trás do Selo de Salomão
Escavando os Manuscritos Nazoreanos

Post Scriptum

Apêndice I:
O Desenvolvimento da Moderna Maçonaria e seu Impacto no Mundo
A Reforma Inglesa e as Condições para a Emergência
O Rei que Ergueu o Sistema de Lojas
Os Arquitetos do Segundo Grau
A Nova Heresia
As Antigas Obrigações
A Ascensão dos Republicanos
A Sociedade Real Emerge
A Maçonaria Encontra os seus Próprios Pés
A Maçonaria se Difunde
O Desenvolvimento da Maçonaria na América

Apêndice II:
Lojas Maçônicas Escocesas Anteriores a 1710 com a Data do seu Primeiro Registro

Apêndice III:
Os Primeiros Grão-Mestres da Maçonaria Inglesa

Apêndice IV:
Os Primeiros Grão-Mestres da Maçonaria Escocesa

Apêndice V:
Cronologia

Apêndice VI:
Mapas
Índice Remissivo

Introdução à Edição em Língua Portuguesa

Em 1996, passeando os olhos e as mãos pelas estantes de uma livraria especializada em assuntos da mística e do esoterismo, deparei-me com um grosso volume de capa dura na estante de obras maçônicas: chamava-se *The Hyram Key* de dois irmãos ingleses, editada naquele mesmo ano. Adorando a arte de capa e os assuntos listados no índice, comprei. Foi uma experiência fascinante ler as descobertas feitas por dois membros da Maçonaria da Inglaterra, com a qual já tivemos tantas e tão profundas ligações, que felizmente estamos reatando nos últimos anos, para mútuo gáudio e prazer. O trabalho de Christopher Knight e Robert Lamas traz um enorme cabedal de fatos indiscutíveis, que recolocam em seu verdadeiro papel a Maçonaria mundial. A obra dá à Ordem Maçônica a devida importância não apenas quanto a sua participação em fatos históricos muito antigos, mas também estabelecendo de forma concreta os motivos pelos quais seus inimigos mais constantes ainda persistem em tratá-la (e a nós, seus membros) como se fosse o próprio Satanás, de maneira pouquíssimo racional. A Ordem, graças a essa obra, pode ser compreendida sem que restem mais dúvidas.

Fiquei excitadíssimo com a possibilidade de apresentar esses fatos a vários irmãos, e cheguei mesmo a planejar uma tradução do livro, para que uma eventual necessidade de mercado pudesse trazê-lo a público sem muita dificuldade. Por causa de meu próprio trabalho este projeto acabou relegado a um segundo plano, até que meus irmãos Jorge e Fábio Cyrino, da Editora Landmark, me convidaram para uma reunião. Fui pensando como seria maravilhoso se estivessem dispostos a buscar maneiras de editar essa obra que eu considerava como essencial ao estudo e enriquecimento do maçom brasileiro; e ao chegar lá, foi exatamente desse livro que falamos, numa impressionante sincronicidade, dessas que o Universo anda cheio, ainda que insistamos em não percebê-las.

Portanto, graças à conspiração positiva (e sempre a favor) do Universo Vivo, eis a tradução (razoavelmente comentada) da obra: esses comentários, aliás, foram feitos na sua maior parte por Fábio Cyrino, dono de uma capacidade imensa para perceber o que seria compreensível ou incompreensível tanto para o leitor maçônico quanto para o profano interessado no assunto, já que *A Chave de Hiram* trata por diversas vezes de rituais pouco conhecidos no Brasil. Fábio também fez a tradução da obra seguinte dos mesmos autores, O *Segundo Messias*, disponível junto com esta, no mesmo esforço editorial, e que recomendo vivamente, por explorar de forma mais aprofundada algumas descobertas feitas por Knight e Lamas neste primeiro trabalho.

Essas descobertas são de vital importância para a compreensão da História, não apenas da Maçonaria, mas também da Humanidade, eternamente enganada por seus senhores, quando o assunto é capaz para ampliar a liberdade de pensamento e o livre-arbítrio dos homens, tornando-os livres dos dogmas sem sentido que até hoje só serviram para escravizar-lhes corpo e espírito.

A mesma liberdade que aprendi dentro das Lojas Maçônicas, que tenho freqüentado desde minha iniciação, foi o norte inamovível desta tradução: era essencial que ficasse claro para o leitor o valor das descobertas e conclusões dos autores, que esclarecem com extrema precisão e oportunidade alguns enganos perpetuados através dos séculos, já que os que os divulgam não têm tido nenhum interesse em que a Verdade venha à tona. O compromisso maçônico com a Livre Investigação da Verdade, no entanto, é a primeira coisa que aprendemos quando pela primeira vez enxergamos a Verdadeira Luz, e é com a satisfação do cumprimento desse dever que posso entregar aos leitores o presente trabalho, sabendo que os fatos nele apresentados, mais do que qualquer outra coisa, servirão para que se conheça o real objetivo da Maçonaria, e que a fonte onde ele nasce é e sempre será a fonte da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade entre todos os homens do mundo.

São Paulo, dezembro de 2002.
Z. Rodrix

Introdução

Henry Ford declarou certa vez que 'toda a História é uma grande mentira', Pode ter soado um tanto abrupto, mas uma vez encarados os 'fatos' do passado que nós ocidentais aprendemos nas escolas, conclui-se que o sr. Ford tinha toda razão.

Nosso ponto de partida foi um trabalho de pesquisa particular para tentar encontrar as origens da Maçonaria - a maior sociedade do mundo, hoje com mais de cinco milhões de membros em Lojas regulares, e que no passado incluiu entre eles muitos grandes homens, de Mozart ao próprio Henry Ford. Sendo Franco-Maçons, nosso objetivo era tentar entender um pouco mais sobre o significado da ritualística maçônica: essas cerimônias estranhas e secretas efetuadas exclusivamente por homens, quase todos de meia idade e de classe média, de um pólo a outro.

No centro das lendas maçônicas está um personagem denominado Hiram Abiff que, de acordo com o que se conta a todos os Maçons, foi assassinado há quase dois mil anos atrás durante a construção do Templo do Rei Salomão. Este homem é um enigma absoluto. Seu papel como construtor do Templo do Rei Salomão e as circunstâncias de sua horrível morte são claramente descritas nas histórias maçônicas, mas ele não é mencionado no Antigo Testamento (1). Durante quatro dos seis anos que gastamos nessa pesquisa acreditamos que fosse uma criação simbólica, mas então ele se materializou das brumas do tempo para provar-se extremamente real.

Assim que Hiram Abiff se ergueu do passado distante, nos brindou com nada menos que uma nova chave para a História ocidental. As contorções intelectuais e as elaboradas conclusões que previamente formaram a visão coletiva que a sociedade ocidental tem de seu passado deram lugar a uma ordem simples e lógica. Nossas pesquisas nos levaram inicialmente à reconstrução do ritual de mais de quatro mil anos de idade que o Egito usava para a feitura de seus reis: isso nos levou a desvendar um assassinato que ocorreu por volta de 1570 a.c., e o que deu partida à cerimônia de ressurreição que é a antecedente direta da moderna Maçonaria. Ao seguirmos o desenvolvimento desse ritual secreto, de Tebas a Jerusalém, descobrimos seu papel na construção da nação judaica e na evolução de sua teologia.

Em flagrante contraste com o que hoje se acredita ser fato, o mundo ocidental na verdade se desenvolveu de acordo com uma filosofia muito antiga, codificada em um sistema secreto que só veio à superfície em três momentos cruciais nos últimos três mil anos.

A prova final de nossas descobertas pode certamente tornar-se a maior descoberta arqueológica do século: nós localizamos os manuscritos de Jesus e de seus seguidores.

(1) Hiram Abiff é mencionado no Antigo Testamento como um mestre em metalurgia e trabalhos com metais, enviado pelo Rei de Tiro a Salomão quando da construção do Templo, mencionado em Reis I, 7:13-14 e em Crônicas II, 2:13-14. Em algumas versões do Antigo Testamento, ele é apresentado como sendo Adonhiram, um coletor de impostos, mencionado em Samuel n, 20: 24, ou como superintendente dos trabalhos no Monte Líbano, mencionado em Reis I, 5:14. (N. T.)

Capítulo Um
Os Segredos Perdidos da Maçonaria

Que a Maçonaria data de antes do Dilúvio; que é apenas uma criação de ontem; que é apenas uma desculpa para o convívio social; que é uma organização ateísta e destruidora de almas; que é uma associação caritativa, fazendo o bem debaixo de uma tola pretensão de segredo; que é uma máquina política de extraordinária potência; que não tem segredos; que seus discípulos possuem o maior conhecimento já legado à Humanidade; que celebram seus misteriosos ritos sob os auspícios e as invocações a Mefistófeles; que seus atos são perfeitamente inocentes, para não dizer extremamente estúpidos; que os Maçons cometem todos os crimes de que não se pode acusar a mais ninguém; e que existem com o único propósito de promover a fraternidade e a irmandade universais - essas são algumas das alegações que fazem os boquirrotos que estão fora do círculo dos Livres e Aceitos Irmãos. OMNE IGNOTUM PROMAGNIFICO. Quanto menos se sabe mais se aprende na Maçonaria.

(The Daily Telegraph, Londres, 1871)

A Maçonaria coloca um considerável empenho em encorajar altos padrões de moralidade entre seus membros. Mas não é nada surpreendente que uma sociedade que use apertos de mão, sinais e linguagem secreta para o reconhecimento mútuo de seus membros se tome mais suspeita de ser uma má que uma boa influência. Por que usar esses métodos, senão para ocultar a verdade? Por que ocultar, se nada existe a ocultar?

Os que estão fora da Maçonaria acham tão tola a idéia de vestir-se, recitar textos esotéricos e realizar estranhos rituais que tendem a acreditar que deve haver nela alguma outra atração, e muito mais sinistra. Provavelmente não há... Mas uma negativa é sempre mais difícil de provar.

(The Daily Telegraph, Londres, 1995)

A Mais Pura Falta de 0bjetividade

Em 1871, a rainha Vitória ainda tinha trinta anos de reinado à sua frente, Ulysses S. Grant era presidente dos Estados Unidos da América, e a Maçonaria era alvo da especulação pública. Cento e vinte e cinco anos depois, a chegada do homem à Lua já está a uma geração de distância, e a Maçonaria ainda é alvo da especulação pública.

Encontramos a primeira das epígrafes acima num recorte de jornal dobrado em um empoeirado livro sobre a História da Maçonaria, onde foi usado como marcador de página por algum Maçom já falecido. Chris leu o segundo em um ano no meio do Atlântico entre o almoço e o filme.

Quase tudo, inclusive o estilo de escrita, mudou nos últimos cento e vinte e cinco anos, mas a atitude geral do público em relação à Maçonaria hoje ainda é tão confusa quanto era no século XIX. A maioria das pessoas não confia naquilo que não compreende e, quando sentem algum elitismo que as exclua, essa desconfiança rapidamente se transforma em desagrado e até ódio. Enquanto a Maçonaria tem sido aberta a todos os homens acima da idade de vinte e um anos (dezoito pelas constituições escocesas), com boa saúde física e mental, que possam demonstrar bom caráter e expressar a crença em um Deus, não há dúvida que se associar a ela nas Ilhas Britânicas foi, no passado, quase que exclusividade da aristocracia, com os lugares inferiores sendo ocupados pelo estrato superior da classe média.

No meio do período vitoriano era socialmente importante, quase essencial, que um profissional fosse Franco-Maçom. Os novos-ricos da Revolução Industrial buscavam *status* social através da filiação a uma sociedade exclusiva que tivesse alto perfil de ocupação por aristocratas de todos os níveis, incluída a própria família real. Pelo menos em teoria, membros das classes trabalhadoras eram igualmente aptos a tornarem-se Maçons, mas na prática dificilmente passaria por suas cabeças a idéia de tentar unir-se ao "clube" de seus patrões, devido ao fato da existência de uma Loja estar associada com os bem-postos-na-vida. Em todos os níveis da sociedade, aqueles que não eram Franco-Maçons só podiam especular sobre os segredos que eram revelados aos membros dessa misteriosa organização. Sabia-se que usavam aventais e colares e havia rumores de que enrolavam a barra das calças e trocavam estranhos apertos de mão, enquanto sussurravam senhas uns aos outros.

Na segunda metade do século XX, a Maçonaria já era uma organização muito menos elitista, posto

que homens de todos os níveis da sociedade buscaram e alcançaram filiação a ela. Ainda assim uma olhada rápida para o topo da Maçonaria Inglesa rapidamente mostra que ser membro da família real ou par hereditário do reino ainda é uma grande vantagem para avanços dentro da Ordem.

Muitos no mundo ocidental estão pelo menos conscientes da existência da Maçonaria, e seus mistérios intrigam dois grandes grupos: os que não são Maçons, e se perguntam quais seriam os segredos da Ordem, e os que são Maçons, e também se perguntam quais seriam esses segredos! Uma sólida razão para o silêncio entre os Maçons não é tanto a compulsão de aderir aos sagrados votos, ou o medo de alguma macabra retribuição por parte de seus irmãos, mas sim o fato de que não compreendem uma palavra sequer das cerimônias que participam, sendo o seu único medo o de que as pessoas venham a rir dos rituais tolos e sem objetividade a que comparecem.

A Maçonaria para nós, e para todo e cada irmão que conhecemos, é um pouco mais que um clube social cheio de oportunidades e um pouco de teatro amador, seguido por uma lauta refeição acompanhada de muita cerveja e vinho. O ritual complexo e obscuro tem que ser memorizado através de anos e anos de repetição cantada (2). Dá-se muita ênfase à sinceridade com que o ritual é apresentado, mas na realidade apenas pequenas partes da cerimônia conseguem ser entendida como simples mensagens alegóricas que se relacionam com a retidão de caráter moral- o resto é uma estranha mistura de palavras sem significado e representações de supostos eventos históricos que se relacionam com a construção do Templo do Rei Salomão em Jerusalém, há três mil anos.

(2) A prática maçônica feita na Grande Loja Unida da Inglaterra é a de se realizar todas as cerimônias sem o auxílio de rituais escritos, prevalecendo com isso uma tentativa de se manter a tradição da transmissão oral dos trabalhos maçônicos. (N. T)

Enquanto nós que estamos dentro fazemos muito pouco além de aprender textos amalucados de cor, muitos do lado de fora estão tentando destruir a organização por suspeitar que ela cause corrupção, por vê-la como um bastião de privilégio capitalista ou por considerá-la apenas um clube onde os membros trocam favores. Inúmeros livros sobre o assunto têm alimentado a curiosidade e o antagonismo do público em geral. Alguns, como os escritos pelo autor americano John J. Robinson são obras-primas de pesquisa; outros, como os do falecido, Stephen Knight, são pouco mais que ficção urdida exclusivamente para satisfazer os piores temores do setor antimaçônico.

O lobby antimaçônico trabalha constantemente para provar supostas irregularidades, e já tivemos experiência quanto a isto. Um amigo de Chris, renascido-em-Cristo, nos disse recentemente que iria ocupar o lugar de conselheiro na sua igreja. Questionado sobre a quem iria aconselhar, me horrorizou com a resposta, "a todos aqueles que sofrem de feitiços maçônicos".

"O que é um feitiço maçônico?", eu perguntei, sem informar minha ligação com a Ordem (como a Maçonaria é chamada pelos seus membros).

"Maçons têm que jurar lealdade absoluta entre si mesmos acima de todos os outros, inclusive das famílias. Quando falham, são amaldiçoados com terríveis feitiços, que trazem grande sofrimento a eles e aos que lhes estão próximos!".

Eu fiquei momentaneamente sem palavras. A Maçonaria é muitas coisas, mas certamente não é o Mal, apesar de tantas pessoas estarem determinadas a considerá-la exatamente isso. Repudiando diretamente essas acusações nascidas da falta de informação, a Grande Loja Unida da Inglaterra afirma publicamente que "o dever de um Franco-Maçom como cidadão está sempre acima de qualquer obrigação que tenha com qualquer outro. Franco-Maçom", e que "a Maçonaria não pode prejudicar nem a família de um homem nem qualquer de suas ligações pessoais, ou por tomar muito de seu tempo e seu dinheiro ou por forçá-lo a agir de maneira que fira o seu próprio interesse".

Não temos nenhum desejo de sermos apologistas da Maçonaria, mas a temos visto praticar o bem e, tanto quanto saibamos, não a temos visto praticar nenhum mal. A Ordem doa consideráveis somas de dinheiro à caridade, anonimamente na maioria das vezes, e promove níveis de retidão moral e responsabilidade social que são não apenas impressionantes, mas também firmam padrões pelos quais muitos outros se têm pautado. Cor, raça, credo, política são sempre irrelevantes para a filiação, e os dois principais objetivos são uma ordem social baseada na liberdade individual e a busca da totalidade do Conhecimento. A única exigência absoluta é a da crença em um Deus... qualquer Deus (3).

(3) A crença na existência de uma Divindade, ou de um Princípio Criador (como o professado pelos Maçons do Rito Francês), é um ponto essencial da Maçonaria Especulativa, tão essencial que é um dos pontos balisadores para o ingresso à Ordem. Como citado por Albert Mackey: "a 'religião' da Maçonaria é cosmopolita, universal; mas a crença requerida em um Deus não é incompatível com essa universalidade". De fato, a liberdade dada a cada um de seus membros para que se professe o Deus pessoal e a tolerância com os princípios religiosos de cada um é um dos fatores que tem levado a Maçonaria a sofrer toda a forma de ataque pelas crenças mais fundamentalistas, especialmente as alas mais conservadoras da Igreja Católica Romana e algumas organizações cristãs evangélicas e neo-pentecostais. (N. T.)

Nossa maior crítica à Maçonaria é a sua falta de objetividade. Não sabe de onde veio, ninguém parece saber o que ela deseja alcançar, e parece cada vez mais improvável que ela tenha muito futuro em um mundo que deseja cada vez mais clareza de propósitos e de benefícios. Não só não se conhecem mais as origens da Ordem, mas todos admitem que os "verdadeiros segredos" estão perdidos, e "segredos substitutos" estão sendo usados no lugar nas cerimônias maçônicas, "até o momento em que os verdadeiros sejam redescobertos".

Se as palavras que emergem do ritual forem tomadas no seu valor imediato, supõe-se que a Maçonaria deva ter pelo menos três mil anos de idade. Não são apenas os opositores da Ordem que rejeitam isso - a própria Grande Loja Unida da Inglaterra não declara tal antigüidade. Ciente da possível derrisão pública, evita qualquer posição oficial sobre as origens da Ordem e permite apenas às chamadas "lojas de pesquisa" o debate sobre a limitada evidência histórica existente.

Um Pobre candidato Imerso em Trevas

Quando nós nos tornamos Maçons, passamos pelo processo experimentado por todo iniciado da Ordem, pelo menos nos últimos duzentos e cinqüenta anos. Como parte dessa cerimônia fomos levados a jurar, como homens de honra, que não divulgaríamos nenhum dos segredos da Maçonaria ao mundo profano, e temos consciência de que certas informações que aqui damos podem parecer a alguns Maçons uma traição desses segredos. No entanto, a Grande Loja Unida da Inglaterra considera apenas os meios de reconhecimento mútuo como segredos protegidos pela Ordem, e ninguém poderá passar-se falsamente por Maçom após ter lido este livro. Seria necessário explicar os rituais de maneira consideravelmente detalhada, já que formam a base de toda a nossa pesquisa. Algumas das palavras mencionadas são palavras de passe, mas nunca revelamos que palavras devem ser usadas em que circunstâncias, portanto, fizemos o melhor possível para manter o espírito de nosso juramento. De qualquer forma, fizemos esses votos por entender que nunca interfeririam em nossa liberdade como agentes morais, civis e religiosos: e se esses votos nos impedissem de partilhar as importantes descobertas que fizemos, estariam certamente interferindo nessas liberdades.

****

Apesar de termos nos filiado a diferentes Lojas com uma distância de vários anos, podemos nos recordar de experiências idênticas. Eis como nos sentimos: (usaremos o "EU" para significar o que ambos vivemos).

Tendo sido entrevistado por um painel de *past-masters* alguns meses antes, eu agora estava pronto para ser um Franco-Maçom. Aquilo a que ia me unir era virtualmente desconhecido para mim: a única pergunta direta que me havia sido feita tinha sido "crê em Deus?" Eu acreditava, e tudo seguiu até o ponto em que eu estava de pé, ao lado de um guarda que batia com o cabo de uma espada desembainhada na grande porta de madeira que dava acesso ao templo, pedindo. permissão para que eu entrasse.

Eu estava imerso em trevas (quer dizer, vendado) e vestido em calças e camisa brancas muito largas. Um de meus pés calçava um simples chinelo, minha perna esquerda estava exposta até o joelho, e a aba esquerda da camisa estava afastada para que meu peito aparecesse nu desse lado. Sem que eu soubesse, uma corda com um nó de carrasco havia sido posta em meu pescoço e deixada cair às minhas costas. Havia sido aliviado de todos os objetos de metal que trazia e agora estava pronto a ser guiado para dentro do templo (mais tarde soube que essa maneira de vestir, a roupa larga com o nó de enforcado à

volta do pescoço, era exatamente como um herético medieval teria sido tratado pela Inquisição antes de fazer sua confissão).

Recordo-me de perceber a presença de um grande número de pessoas à minha volta e de sentir-me muito vulnerável. Pude sentir uma ponta de metal colocada em meu peito.

"Sentes alguma coisa?", perguntou a voz à minha frente. Um sussurro em meu ouvido esquerdo me deu as resposta formal que eu repeti em voz alta.

"Sim, eu sinto".

"Então que esta ponta seja um ferrão em tua consciência, assim como morte instantânea se acaso algum dia traíres os segredos que agora te serão comunicados" .

Outra voz falou do outro lado da sala - eu a reconheci como pertencendo ao Venerável Mestre. "Como nenhum homem pode tornar-se Maçom a menos que seja livre e maduro de idade, eu agora te pergunto - és um homem livre e de idade igual ou acima de vinte e um anos?".

"Eu o sou".

"Tendo respondido a esta questão de maneira tão satisfatória, existem outras que eu farei imediatamente, esperando que as respondas com a mesma franqueza. Declaras seriamente e por tua honra que é sem preconceito causado por solicitações de amigos que sejam contrárias às tuas próprias inclinações ou influenciado por motivos mercenários ou de qualquer outro indigno teor que livre e voluntariamente te ofereces como candidato aos mistérios e privilégios da Maçonaria? E ainda mais: declaras por tua própria honra que te sentes pronto a requerer os privilégios de uma opinião pré-concebidamente favorável à nossa Ordem, um desejo geral de conhecimento e uma vontade sincera de tornar-se mais amplamente dedicado ao serviço de nossos iguais humanos?".

"Sim" .

A adaga que havia sido firmemente posta em meu peito foi removida (apesar de que, nesse momento, eu não o soubesse), mas a corda (chamada de cabo de toa) (4) permaneceu em meu pescoço. O homem à minha direita sussurrou que eu me ajoelhasse e uma curta prece foi dita, invocando as bênçãos do Supremo Governador do Universo (Deus - assim descrito de maneira neutra para ser igualmente acessível aos membros de qualquer religião monoteísta).

A cerimônia prosseguiu com o mentor me guiando à volta do perímetro do templo, parando por três vezes para apresentar-me como "um pobre candidato imerso em trevas". Eu não via, mas o centro do assoalho do templo era um retângulo de quadrados brancos e negros. No lado oriental estava o altar do Venerável Mestre, ao sul sentava-se o Segundo Vigilante e a oeste, o Primeiro Vigilante, ambos em altares menores.

No fim da terceira volta fui levado, ainda vendado, ao pedestal do Venerável Mestre onde ele me perguntou: "Tendo estado nas trevas, qual é o maior desejo de teu coração?"

Uma vez mais a resposta me foi sussurrada ao ouvido.

(4) Corda que normalmente é utilizada para o reboque de outras embarcações. (N. T.)

"Luz" .

"Que esse bem então te seja devolvido". A venda foi removida e quando meus olhos se ajustaram pude ver que estava em frente ao Venerável Mestre que imediatamente chamou minha atenção para as "luzes" emblemáticas da Maçonaria, que se explica como sendo o Livro da Lei Sagrada (para candidatos cristãos, a Bíblia), o Esquadro e o Compasso. Ele então me disse que eu agora havia sido aceito no grau de Aprendiz Maçom - o primeiro dos três graus pelos quais teria que passar até ser aceito como Mestre Maçom. Os sinais secretos, apertos de mão e palavras de passe do 1º. Grau me foram então explicados, e me disseram que a coluna que ficava à esquerda da entrada do templo tem significado especial para os Maçons. Tanto o pilar da esquerda quanto o da direita são recriados na Loja e ficam atrás e de cada lado do Venerável Mestre. O pilar da esquerda, chamado Booz, é assim denominado por causa de Booz (5), o bisavô de David, rei de Israel.

Após várias perambulações à volta do templo, me apresentaram um avental muito simples feito de pele de carneiro, símbolo do grau que eu havia alcançado. Então me foi dito, "É mais antigo que o Velo de Ouro ou a Águia Romana, mais honrado que a Estrela, a Jarreteira (6) ou qualquer outra condecoração ainda existente, sendo a marca da inocência e o laço da amizade..." Este trecho provou ser uma parte

particularmente reveladora do ritual maçônico: como mostraremos, contém evidências claras de ter sido urdido em três períodos diferentes da História, do genuinamente antigo ao relativamente moderno.

(5) Booz, personagem constante do Livro de Ruth, no Antigo Testamento, da Casa de Judá, da qual David fazia parte. (N. T.)

(6) A Ordem da Jarreteira foi criada em 1348, pelo Rei da Inglaterra, Eduardo III, logo após curioso incidente. Ao dançar com a condessa de Salisbury, sua amante, esta deixou cair a jarreteira, uma liga de prender meias. Ao devolvê-la à sua dona, percebeu que os cortesãos manifestavam risos maliciosos e reagiu com a frase: *Honi soi! qui maly pense* (vergonha para quem puser nisto malícia). O traje apresenta, além da veste, manto, luvas e chapéu, a própria jarreteira usada na perna esquerda, em veludo azul, com a famosa base bordada a ouro (N. T.)

No decorrer da cerimônia, várias virtudes morais e sociais me foram recomendadas usando um sem-número de analogias arquiteturais: entre elas, as ferramentas de pedreiro foram comparadas a métodos de auto-aprimoramento. Quase no fim da cerimônia de iniciação, fiquei alarmado em saber que existem perguntas que devem ser fixadas na memória para que eu progrida para o 2.° Grau, o de Companheiro Maçom. Entre essas perguntas estão algumas informações, mais intrigantes que informativas:

Pergunta: "O que é a Maçonaria?"

Resposta: "Um sistema peculiar de Moral, oculto por alegorias e ilustrado por símbolos".

Pergunta: "Quais são os três grandes princípios sobre os quais a Maçonaria se fundamenta?"

Resposta: "Amor fraternal, alívio e verdade".

Para qualquer candidato, o primeiro desses princípios soa razoável, mas os outros dois são difíceis de perceber. Alívio de quê? Qual verdade?

Sendo agora um irmão totalmente aceito, apesar de ainda um mero "aprendiz", deixei o templo com a sensação de que alguma coisa de muito especial havia acontecido: mas não fazia a menor idéia do que aquilo tudo significava. Um banquete festivo aconteceu e, sendo o homem do momento, fui colocado à esquerda do Venerável Mestre. Brindes e discursos se seguiram e todos extraímos grande prazer em participar da comemoração. Os mistérios da Ordem não me tinham sido revelados. Talvez, pensei eu, tudo fique claro na próxima cerimônia.

Não ficou.

Os Mistérios Ocultos da Natureza e da Ciência

Alguns meses mais tarde eu passei pela cerimônia do 2º. Grau a fim de alcançar o grau de "Companheiro Maçom". Dessa vez eu adentrei o templo com os demais irmãos usando o mesmo avental simples de pele de carneiro, o símbolo de minha inocência genuína - e de minha muito humilde posição. A Loja foi aberta no 1º. Grau, e como candidato a elevação, fui testado, tendo que responder às perguntas cujas respostas me tinham sido ensinadas no final da primeira cerimônia. Assim que consegui passar por esse exame de habilidade de recitar palavras sem sentido, foi-me ordenado que deixasse o templo para ser devidamente preparado para a "cerimônia de passagem".

Fui readmitido vestindo a mesma roupa grosseira que usara na cerimônia de iniciação, agora com a perna esquerda e o peito direito expostos. Enquanto os Diáconos me conduziam à volta do templo, novas palavras de passe e sinais eram revelados, inclusive uma postura de mão erguida que se disse ter sido originada quando "Josué lutou as batalhas do Senhor (no vale de Joshoshapat) e rezou para que o sol parasse em seu percurso até que a derrota de seus inimigos tivesse sido completada". Isto mais tarde provou ser muito significativo.

O pilar da direita da entrada do Templo do Rei Salomão foi descrito para complementar a informação dada no grau anterior sobre o pilar da esquerda. Esse pilar, identificado como "Jachin", assim se chamava por causa do sumo-sacerdote que realizou a sagração dessa seção do Templo de Jerusalém. Os pilares-gêmeos Booz e Jachin se tornariam importantíssimos, em todos os pontos de nossa futura pesquisa. Foi dito que o primeiro representa "a força" ou "na força", e o segundo, "estabelecer" e que quando juntos, significavam" estabilidade" (7).

Depois de terminada a cerimônia do 2º. Grau me foi “permitido ampliar minhas pesquisas nos

mistérios ocultos da natureza e da ciência".

Mais uma vez a cerimônia foi seguida de banquete, discursos e cantos.

(7) Freqüentemente tem-se estudado qual o verdadeiro significado das duas colunas vestibulares no pórtico do Templo de Salomão: alguns estudiosos apresentam-nas como homenagens aos ancestrais da casa de David; entretanto, a versão mais aceita atualmente é a de representarem uma frase de

dedicação da casa de Deus, podendo também ser traduzida por "em Sua força, estabelecerá". (N. T.)

Uma Pequena Luz

Alguns meses mais tarde, já como Companheiro, usando um avental branco com duas rosetas azuis, estava apto a ser elevado ao que se considera o "sublime" grau de Mestre Maçom. Mas antes foi necessário que eu mais uma vez provasse a minha competência decorando as respostas para novas perguntas-teste.

Enquanto me eram feitas as perguntas e eu as respondia, chamou minha atenção a informação "nossos antigos irmãos recebiam seus salários na câmara do meio do Templo do Rei Salomão, sem dúvidas nem desconfianças e com grande respeito à integridade de seu empregador nesses dias". Estudos cuidadosos da Bíblia não haviam mostrado nenhuma menção a uma câmara do meio no Templo de Salomão. Um engano factual desses não pode ocorrer. Portanto, para dar-lhe algum sentido, concluímos que as perguntas e respostas indicavam que os irmãos haviam sido capazes de confiar em seus empregadores no passado, mas talvez não pudessem fazê-lo agora.

Nesse ponto também me foi mostrada uma referência aparentemente bíblica que não existe na Bíblia, mas que indica a missão que me seria dada assim que alcançasse o sublime grau de Mestre Maçom: "Disse o Senhor: *Com Força estabelecerei Minha Palavra em Minha Casa* para que ela fique de pé para sempre". Essa citação provou ser extremamente importante, apesar de não fazer nenhum sentido para os Maçons de hoje, como não fez sentido para nenhum de nós quando pela primeira vez a ouvimos.

Foi-me então revelada uma palavra de passe que me permitiria reentrar o templo quando a Loja já tivesse sido aberta como Loja de Mestres Maçons. As coisas dessa vez eram bem diferentes e muito mais dramáticas.

Reentrei no templo para encontrar escuridão total exceto pelo pequeno brilho da luz de uma vela que estava acesa no Oriente em frente ao Venerável Mestre. Na grande sala sem janelas, a vela solitária dava pouquíssimo da iluminação necessária, mas assim que meus olhos se ajustaram foi possível ver as faces atrás dela e apenas vislumbrar as formas do templo em tons de negro e cinza escuro. Dramaticamente, fui informado de que o assunto desse grau era a própria morte.

A cerimônia começou com um breve resumo dos graus anteriores:

Irmãos, todos os graus da Maçonaria são progressivos e não podem ser alcançados a não ser com tempo, paciência e assiduidade. No 1 ° Grau nos são ensinados os deveres que temos para com Deus, nosso próximo e nós mesmos. No 2° Grau, somos admitidos como participantes dos mistérios da ciência humana, para traçar a bondade e a majestade do Criador, pela analise minuciosa de Seus atos. Mas o 3° Grau é o cimento que a tudo une: foi calculado para unir os homens pelos místicos pontos da irmandade, como um laço de afeição fraternal e amor entre irmãos: mostra as trevas da morte e a escuridão da sepultura como antecipação da luz brilhante, que se segue à ressurreição dos justos, quando esses corpos mortais que por tanto tempo estiveram depositados no pó serão finalmente despertados, reunidos a seus espíritos idênticos, e vestidos de imortalidade...

Uma prece então foi dita, com esta conclusão:

... rogamos a Ti que concedas Tua graça a este Teu servo, que busca conosco partilhar dos segredos de um Mestre Maçom. Completai-o de tal fortitude que, na hora do julgamento ele não falhe, mas que passando sob a segurança da Tua proteção através do escuro vale da sombra da morte, ele possa finalmente erguer-se da tumba do pecado para brilhar como as estrelas, para todo o sempre.

A cerimônia prosseguiu de maneira não muito diversa das anteriores, até o ponto em que fui obrigado a viver um papel em uma marcante história que explica de que maneira os segredos de um

Mestre Maçom foram perdidos. Vivi o papel de um personagem que não existe fora dos rituais da Maçonaria: seu nome foi dado como sendo Hiram Abiff.

O Venerável Mestre narra a história:

... a natureza apresenta mais uma grande e útil lição - o auto conhecimento. Ela te ensina, pela meditação, que te prepares para as horas finais de tua existência; e quando, por meio de tal meditação, ela tiver te levado através das voltas intrincadas desta tua vida mortal, ela finalmente te ensina como morrer. Este, meu querido Irmão, é o objetivo desse Terceiro Grau da Maçonaria. Ele te convida a refletir sobre este terrível assunto e te ensina a sentir que, para o homem justo e correto, a morte não traz terror igual ao que traz a nódoa da falsidade e da desonra.

Dessa grande verdade, os anais da Maçonaria dispõem de um grande exemplo na imutável fidelidade e prematura morte de nosso Grão-Mestre Hiram Abiff, que perdeu a vida pouco antes do acabamento do Templo do Rei Salomão, a construção da qual, como com certeza sabes, era o arquiteto principal Sua morte se deu da maneira que se segue:

Quinze Companheiros de uma turma específica, que tinham sido apontados para presidir sobre os outros, percebendo que o Templo estava quase terminado, mas que ainda não estavam de posse dos segredos genuínos de um Mestre Maçom, conspiraram para obter esses segredos por quaisquer meios, dispostos a recorrer até mesmo à violência. Na véspera de transformar sua conspiração em execução, doze desses quinze recuaram, mas três de caráter mais atroz e determinado que o dos outros persistiram em suas ímpias decisões, e com este propósito se colocaram respectivamente nos portões sul, oeste e leste do Templo, onde nosso Mestre Hiram Abiff se havia retirado para prestar adoração ao Mais Alto, como era seu antigo costume, sendo doze horas.

Terminadas as suas devoções, ele se retirava pelo pomo sul quando foi abordado pelo primeiro desses três rufiões, que, na falta de melhor arma, tinha se armado com uma régua de chumbo, e que de maneira ameaçadora exigiu de nosso Mestre, Hiram Abiff, os segredos de um Mestre Maçom, avisando-o de que a morte seria a conseqüência de sua recusa: mas fiel à sua obrigação este replicou que esses segredos só eram conhecidos por três homens em todo o mundo e que sem o consentimento dos outros dois ele não podia e nem efetivamente os divulgaria: mas ponderou que não tinha nenhuma dúvida que a paciência e a perseverança em pouco tempo dariam ao Maçom a participação neles. Mas falando por si próprio, preferia enfrentar a morte que trair a confiança sagrada que lhe havia sido depositada.

Essa resposta sendo insatisfatória, o rufião desferiu violento golpe na fronte de nosso Mestre, mas abismado pela firmeza de seu comportamento, só conseguiu atingi-lo na têmpora esquerda, ainda assim com força suficiente para que ele girasse e caísse ao chão sobre o joelho esquerdo.

Nesse ponto eu senti um fraco golpe em minha têmpora esquerda e meus dois guias, conhecidos como Diáconos, fizeram com que eu me ajoelhasse em imitação à história.

Recobrando-se dessa situação, ele correu para o portão oeste onde encontrou o segundo rufião, a quem respondeu como antes, e ainda com a mesma firmeza, quando o rufião, armado com um prumo, deu-lhe um violento golpe na têmpora esquerda, que o levou a cair ao chão sobre o joelho esquerdo.

À luz das velas, eu vi o Venerável Mestre debruçar-se sobre seu pedestal com um instrumento que me tocou a fronte e senti muitas mãos me puxando para trás. Fui sendo deitado de costas com meus pés mantidos no lugar, de maneira que meu corpo foi ficando na horizontal, na escuridão. No que toquei o solo, uma mortalha foi imediatamente posta sobre mim, de forma que apenas a parte de cima de minha face ficasse descoberta. O Venerável Mestre continuou:

Irmãos: na cerimônia anterior, assim como na presente situação, este nosso Irmão representa um dos mais brilhantes personagens nos anais da Maçonaria, exatamente Hiram Abiff, que preferiu perder a vida a trair a confiança sagrada nele depositada. E eu creio que essa decisão criou uma forte impressão, não apenas em sua mente, mas também nas nossas, caso algum dia nos vejamos em circunstâncias semelhantes.

Irmão Segundo Vigilante, agora tentareis erguer o representante de nosso Mestre com o aperto de mão de Aprendiz.

O Segundo Vigilante se abaixou, tirou minha mão de dentro da mortalha e puxou. Minha mão escapou de seus dedos.

Venerável Mestre, este aperto de mão não é firme.

Figuras sombrias marcharam à volta de minha "tumba" por alguns instantes, antes que o Venerável Mestre novamente falasse.

Irmão Primeiro Vigilante, tentareis agora o toque de Companheiro.

Esse foi tão sem efeito quanto o anterior.

Irmãos Vigilantes, ambos falhastes em vossas tentativas. Resta ainda um terceiro e muito peculiar método, conhecido como a Garra do Leão ou da Águia, que se dá apertando com firmeza os tendões do punho da mão direita com as pontas dos dedos, erguendo-o pelos Cinco Pontos de Perfeição, o qual com vossa ajuda tentarei agora.

O Venerável Mestre tomou firmemente de meu punho e puxou, trazendo-me de volta à posição vertical. Uma vez mais, mãos que eu não via suportaram meu peso. Quando fiquei de pé, o Venerável Mestre me segredou duas peculiares palavras ao ouvido. Agora eu já conhecia ambas as partes da palavra de Mestre Maçom. Naquele momento não queriam dizer nada, mas através de nossas pesquisas descobrimos seu antigo e fascinante significado, como mais tarde mostraremos.

Assim, queridos Irmãos, foram todos os Mestres Maçons erguidos de sua morte figurativa, para reunir-se com seus iguais e retomar seus trabalhos. Peço-vos agora que observeis que a luz de um Mestre Maçom não é mais que uma visível escuridão, servindo apenas para expressar essa penumbra que paira sobre os prospectos do futuro. É esse o misterioso véu que o olho da razão humana não pode penetrar, a menos que seja auxiliado pela luz divina que vem do alto. Ainda assim, aos raios desta luz haveis de perceber que estais à beira da tumba à qual fostes figurativamente descidos a qual, quando tiver passado esta vida transitória, novamente vos receberá em seu frio regaço.

Enquanto o Venerável Mestre dizia estas terríveis palavras, forçava meu olhar para baixo e para a minha direita, onde eu pude apenas vislumbrar a forma de uma cova aberta, em cuja parte superior estava um crânio humano posto sobre duas tíbias cruzadas. Pela primeira vez em qualquer cerimônia maçônica, eu senti arrepios passando por minha espinha.

Que esses emblemas da mortalidade, que agora jazem à vossa frente, vos levem a contemplar vosso inevitável destino e guiem vossas reflexões sobre o mais interessante e mais útil de todos os estudos humanos - o auto-conhecimento.

Cuidai de realizar vossa tarefa enquanto ainda é dia; ouvi a voz da Natureza que dá o testemunho de que, mesmo nesse organismo perecível, reside um princípio vital e imortal, que inspira uma santa confiança, a de que o Senhor da Vida nos permitirá pisar com os pés o rei do Terror, e olhar para o alto...

O Venerável Mestre dirigiu meu olhar para o alto à esquerda em direção a um brilho de luz no Oriente (a direção exatamente oposta à da cova) no qual eu pude ver a forma pequena e iluminada de uma estrela.

... para esta brilhante estrela matutina cujo erguer nos céus traz paz e tranqüilidade aos fiéis e obedientes membros da raça humana.

Minha cerimônia de Exaltação me fez renascer como Mestre Maçom e foi concluída com a entrega de mais palavras de passes e toques, e mais analogias construtivas que me guiariam no aprimoramento de

minhas qualidades como Maçom e como membro da sociedade. Mais tarde, em outro encontro formal da Loja, a história dos eventos que seguiram ao assassinato foi explicada:

Houve agitação geral entre os trabalhadores em todos os departamentos, quando três supervisores de uma mesma turma não foram encontrados. No mesmo dia, os doze artífices que haviam originalmente feito parte da conspiração vieram ao rei, e fizeram uma confissão voluntária de tudo o que sabiam, até o momento em que se haviam afastado do número dos conspiradores. Com seus temores pela segurança de seu artista chefe grandemente ampliados, o rei selecionou quinze Companheiros de confiança, e ordenou que fizessem diligentes buscas pela pessoa de nosso Mestre, para se certificarem de que ainda estava vivo ou de que havia sofrido na tentativa feita de extrair-lhe os segredos de seu grau exaltado.

Tendo um dia certo sido apontado para o regresso a Jerusalém, se organizaram em três Lojas de Companheiros e partiram pelas três portas do Templo. Muitos dias se passaram em infrutífera busca, tendo mesmo uma dessas Lojas retomado sem ter feito nenhuma descoberta de importância. A segunda Loja foi mais afortunada, porque no entardecer de um certo dia, após ter sofrido grandes privações e fadigas, um dos Irmãos que havia tomado uma postura reclinada, para erguer-se lançou mão de um arbusto que lhe estava próximo, notando com surpresa que este saía facilmente do solo: num exame mais acurado, descobriu-se que a terra ali havia sido recentemente revolvida: portanto, chamou a seus companheiros, e com seus esforços unidos reabriram a cova e lá encontraram o corpo de nosso Mestre desrespeitosamente enterrado. Cobriram-no novamente com todo o respeito e reverência e, para marcar o lugar, enfiaram um ramo de acácia na cabeceira da cova, e então se apressaram a ir a Jerusalém narrar o triste fato ao rei Salomão.

Quando as primeiras emoções de dor do rei já haviam se amainado ele os ordenou que retomassem e colocassem nosso Mestre em um sepulcro de acordo com seu grau e talentos exaltados, ao mesmo tempo informando-lhes que com essa inesperada morte todos os segredos de um Mestre Maçom estavam perdidos. Exortou-os, portanto, a serem particularmente cuidadosos ao observar quaisquer Sinais, Atos ou Palavras que pudessem ocorrer, enquanto se estivesse pagando esse triste último tributo de respeito aos méritos do ausente.

Eles cumpriram sua tarefa com enorme fidelidade e ao reabrir a cova um dos Irmãos, olhando em volta, observou alguns de seus companheiros nessa posição...

Foi-me então explicado como os Companheiros tentaram erguer Hiram Abiff com as palavras e toques usados em minha própria exaltação simbólica, e como desde essa época esses elementos foram adotados como reconhecimento de Mestres Maçons em todo o Universo, até que o tempo e as circunstâncias restaurem os genuínos. A cerimônia então continua:

A terceira Loja, enquanto isso, tinha dirigido suas pesquisas na direção de Jopa, e estavam discutindo seu retorno a Jerusalém quando, passando acidentalmente pela boca de uma caverna, ouviram sons de lamentação e arrependimento. Entrando na caverna para descobrir as suas causas, encontraram três homens que correspondiam à descrição dos que haviam desaparecido, os quais, sendo acusados do assassinato, e não encontrando mais nenhuma oportunidade de fuga, fizeram uma confissão completa de sua culpa. Foram atados e levados à Jerusalém, onde o rei Salomão os sentenciou àquela morte que a crueldade de seu crime sem dúvida merecia.

Nosso Mestre foi então novamente sepultado tão perto do Sanctum Sanctorum quanto a lei dos Israelitas permitia: dali foi cavada uma cova, afastada um metro a oeste e um metro a leste, um metro ao norte e um metro ao sul, e com um metro e meio ou mais de profundidade. Não era possível colocá-lo no Sanctum Sanctorum, porque não era ali permitida a entrada de nada que fosse comum ou imundo: nem mesmo o Sumo Sacerdote o fazia, exceto uma vez por ano: e isso apenas após muitos banhos e purificações, no importante dia da expiação de todos os pecados, pois pela leis Israelitas toda a carne é considerada imunda.

Os quinze Companheiros confiáveis tiveram ordem de atender ao funeral, usando aventais e luvas brancas como emblemas de sua inocência.

A cerimônia continuou, e maneira similar à dos dois Graus anteriores, e dela eu emergi na plenitude de Mestre Maçom. Alguns meses mais tarde, quando não havia nenhum candidato a aumento de salário

na reunião da Loja, um Past Master deu-me a explicação sobre o 3° Grau. Os três vilões que assassinaram Hiram Abiff foram identificados como Jubelas, Jubelo e Jubelum, conhecidos coletivamente como os Vilões (em inglês, Juwes, pronunciada Jú-is). Os "sons de lamentação e arrependimento" que foram ouvidos saindo da caverna me foram dados em detalhe. Ouviu-se que os culpados estavam imersos em grande remorso e desejando para si próprios terríveis punições por suas vis ações, e no correr do processo seus desejos são realizados; o rei Salomão os fez executar exatamente da maneira como cada um deles havia expressado ser seu castigo desejado. Estes castigos são descritos no ritual, mas não os descrevermos por fazerem parte dos meios de identificação maçônica.

****

Os resumos dos três graus do ritual maçônico que mostramos aqui certamente parecerão estranhos aos leitores que não estiverem "entre o compasso e o esquadro", mas serão muito familiares aos Maçons. A familiaridade, no entanto, serve apenas para que essas atividades inexplicáveis se tornem normais, quando por qualquer ponto de vista são no mínimo bizarras. Alguns Maçons crêem que estas histórias são verdadeiras, assim como muitos cristãos aceitam como verdade as lendas do Antigo Testamento; outros as consideram apenas divertidas, mas com um razoável fundo moral. Muito poucos na verdade se preocupam em saber onde esses estranhos rituais se originaram.

Muitos dos principais personagens são facilmente identificáveis na mitologia judaico-cristã - o rei Salomão, por exemplo, Booz, Jachin e vários outros que não chegamos a identificar - mas a personalidade chave é um mistério completo. Hiram Abiff não é mencionado no Antigo Testamento (8), nenhum construtor do Templo é nominado e nenhum assassinato de um sumo-sacerdote tem registro. Alguns críticos cristãos da Maçonaria condenam a Ordem dizendo que ela glorifica a ressurreição de um outro que não Jesus Cristo, e que por isso ela é essencialmente uma "religião pagã". Mas é importante notar que Hiram Abiff, uma vez mono, permanece mono: não existe nenhum retorno à vida, e inclusive nenhuma sugestão de vida após-morte. Não existe nenhum conteúdo sobrenatural nos rituais maçônicos e é por isso que membros das mais diversas religiões, inclusive judeus, cristãos, muçulmanos, hindus e budistas os consideram complementares e não conflitantes com suas próprias crenças teológicas.

A história central é muito simples e corriqueira, não tendo nem uma estrutura especial ou mesmo algum valor simbólico. Sim, Hiram Abiff prefere morrer a trair suas crenças, mas assim fizeram muitos outros homens e mulheres, antes e depois dele. Se alguém desejasse inventar uma história que fosse emblemática de uma nova sociedade, teria certamente criado alguma coisa mais marcante e auto-explicativa? Foi esse pensamento que nos provocou a cavar mais fundo na pesquisa pelas origens da Ordem.

(8) Como já mencionado anteriormente, Hiram Abiff é citado no Antigo Testamento como um mestre em metalurgia e trabalhos com metais, enviado pelo rei de Tiro a Salomão quando da construção do Templo, mencionado em Reis I, 7: 13-14 e em Crônicas II, 2:13-14. Em algumas versões do Antigo Testamento, ele é apresentado como sendo Adonhiram, um coletar de impostos, mencionado em Samuel II**,** 20:24, ou como o superintendente dos trabalhos no Monte Líbano, mencionado em Reis I, 5:14 (N.T.)

Partilhamos as mesmas frustrações com a vaga e convencional explicação sobre as origens da Ordem. Nossas discussões se tomaram mais e mais freqüentes e nosso interesse cresceu com o que trazíamos um para o outro, não sendo muito depois disso que decidimos fazer uma investigação estruturada com os objetivos de identificar esse personagem que conhecíamos como Hiram Abiff e descobrir os segredos perdidos da Maçonaria. Nessa época nenhum dos dois acreditava que teríamos qualquer chance de sucesso nessa estranha busca, mas sabíamos que a jornada seria pelo menos interessante. Não sabíamos na época que havíamos colocado em ação uma das maiores investigações detetivescas de todos os tempos, nem que nossas descobertas seriam de tal importância, não apenas para a Maçonaria, mas para o mundo em geral.

Conclusão

Muito pouco do ritual maçônico pode ser descrito como "comum". O candidato é vendado, alijado

de todo o dinheiro e objetos de metal, vestido como um acusado de heresia a caminho da forca, e finalmente avisado que o assunto do último grau é "a Morte!" A jornada das trevas à luz é obviamente importante, como o são os dois pilares chamados Booz e Jachin, que simbolizam "força" e "estabelecer" e quando unidos significam "estabilidade".

A Maçonaria alega ser mais antiga que o Tosão de Ouro ou a Águia Romana e que tem como meta o amor fraternal, a caridade e a verdade - e ainda assim a livre investigação dos mistérios ocultos da Natureza e da Ciência são apresentados como sendo muito importantes. Os verdadeiros segredos da Ordem, nos informaram, foram perdidos, e segredos substitutos foram postos em seu lugar até que chegue o tempo em que os reais sejam reencontrados.

O personagem central da Maçonaria é o construtor do Templo do Rei Salomão denominado Hiram Abiff, que foi assassinado por três de seus próprios homens. A estilizada morte e ressurreição do candidato é o ato que faz de cada um que por ele passa um Mestre Maçom, e quando este é erguido da tumba, a brilhante estrela da manhã está no horizonte.

Onde idéias tão estranhas podem ter-se desenvolvido e por quê?

Só poderíamos iniciar a investigação analisando as teorias conhecidas.

Capítulo Dois
Começa a Busca

Um grande número de homens bem-informados já havia antes de nós tentado encontrar as origens da Maçonaria, não deixando de lado nenhuma das possibilidades óbvias: assim também o fizeram os romancistas e charlatões que a eles se uniram nessa busca. Para alguns a linha é simples: a Maçonaria é simplesmente tão antiga quanto sua história publicamente registrada (o século XVII) e tudo que pretenda pré-datar esses registros é um delírio irreal. Essa atitude pragmática é descomplicada, mas das hipóteses é a mais fácil de se rejeitar por muitas razões, como mostraremos, e não só pelo fato de haver amplas evidências que mostram que a Ordem se materializou vagarosamente durante mais de trezentos anos antes que se estabelecesse a Grande Loja Unida da Inglaterra.

Do estabelecimento da Grande Loja Unida da Inglaterra em 1717 em diante, a Ordem tem sido clara quanto a sua existência: apenas os métodos de reconhecimento mútuo têm sido mantidos afastados do olhar do público. Mas a organização que agora chamamos de Maçonaria já era uma sociedade secreta antes do meio do século XVII, e sociedades secretas, por definição, não publicam histórias oficiais. Portanto nós decidimos pesquisar a história possível da Ordem antes que ela se tornasse pública, e sentimos que havia três sólidas teorias que receberam consideração por parte dos historiadores maçônicos:

1. Que a Maçonaria é tão antiga quanto seu ritual mostra. Que foi realmente criada como resultado de acontecimentos durante a construção do Templo do rei Salomão e que chegou até nós por meios ainda desconhecidos.

2. Que é o desenvolvimento das guildas de pedreiros da Idade Média, a partir das quais os conhecimentos "operativos" para o trabalho na pedra foram traduzidos para o que os Maçons chamam de conhecimentos "especulativos" para o trabalho de desenvolvimento moral.

3. Que os rituais maçônicos se originam diretamente da Ordem dos Pobres Soldados-Companheiros de Cristo, hoje mais conhecida como Cavaleiros Templários.

A primeira teoria, a de que a Maçonaria foi criação do rei Salomão, mostrou-se impossível de pesquisar, porque o Antigo Testamento é sua única fonte, donde não a aprofundarmos nesse momento. A segunda, de que os pedreiros medievais desenvolveram a Ordem para seu próprio desenvolvimento moral, é uma teoria que encontrou aceitação em praticamente todos os níveis, maçônicos e não-maçônicos. Não obstante, apesar da aparente lógica dessa idéia e do grande número de livros que a têm divulgado durante inúmeras gerações, percebemos ser difícil de fundamentar uma vez considerada em profundidade. Para começar, apesar de rigorosa pesquisa, fomos completamente incapazes de encontrar qualquer registro que mostrasse a existência de guildas de pedreiros na Inglaterra. Houvessem elas existido estamos certos de

que algum indício ainda restaria; em muitos países da Europa essas guildas certamente existiram, havendo ampla evidência de suas atividades. A *História da Maçonaria*, de Gould, traz, página após página, escudos das guildas de pedreiros de toda a Europa, mas nenhuma inglesa.

Esses trabalhadores eram artesãos especializados a serviço da Igreja ou de ricos proprietários de terras, e não parece provável que seus mestres houvessem sido esclarecidos o bastante para permitir alguma forma de proto-sindicato, mesmo que se esses trabalhadores tivessem desenvolvido o desejo de participar de uma estrutura unificadora como essa. Muitos deles gastaram toda a sua vida trabalhando em um único edifício, como uma catedral, e a necessidade de sinais secretos de reconhecimento, as palavras de passe, nos parecem desnecessárias entre Maçons que exercem seu oficio na mesma construção durante cinqüenta anos.

Muitos pedreiros e canteiros da Idade Média eram analfabetos com pouca ou nenhuma educação além de seu aprendizado, que lhes ensinava apenas as técnicas do oficio. Imaginar que poderiam ter compreendido, quanto mais originado, um ritual tão complexo quanto esse que hoje é praticado pelos Maçons exige demais de nossa credibilidade. Seu vocabulário, e principalmente sua habilidade para pensamento abstrato, devem ter sido verdadeiramente muito limitadas. Viagens, especificamente para os mestres-pedreiros mais capacitados, eram eventos raros, portanto, sinais secretos, apertos de mão e palavras de passe teriam pouco ou nenhum valor; e mesmo se eles tivessem que viajar entre uma construção e outra, para que necessitariam de meios secretos de reconhecimento mútuo? Se alguém mentirosamente alegasse ser um pedreiro, não demoraria muito para que se descobrisse a sua inabilidade no trabalho da pedra.

Como muitos reis e seus mais poderosos nobres têm sido Maçons desde os primórdios conhecidos da Ordem até a presente data (ver Apêndices), não conseguimos imaginar as circunstâncias nas quais um bando de nobres chega a uma reunião de pedreiros perguntando se podem copiar seus procedimentos e usá-los, de maneira simbólica, para seu próprio aprimoramento moral.

Encontramos o argumento definitivo para abandonar a teoria das "guildas de pedreiros" quando estudamos o que em Maçonaria é conhecido como as *Old Charges* (Antigas Obrigações), cuja mais antiga se crê datar do século XV. Essas *Old Charges* estabelecem regras de conduta e responsabilidade para os Maçons e sempre se acreditou que elas haviam sido extraídas dos códigos de conduta das guildas de pedreiros da Idade Média. Uma dessas *Charges* diz que "nenhum irmão deve revelar qualquer segredo legítimo de qualquer outro irmão se isso puder a ele custar sua vida e posses". O único segredo maçônico que nessa época traria automaticamente essa pena, caso descoberto pelo Estado, seria a heresia, um crime que certamente não teria sido cometido nem apoiado por simples pedreiros cristãos. A pergunta que nós fizemos foi: Por que motivos a heresia seria antecipadamente encarada como possível segredo de culpa por esses construtores de castelos e catedrais? Não fazia sentido. Organizações não desenvolvem importantes regras de conduta caso um de seus membros venha um dia a ser culpado de crime contra a Igreja; quem quer que tenha criado essa regra estava claramente consciente de que todos os Irmãos viviam sob o risco de serem acusados de heresia. Estávamos seguros de que essas regras não haviam sido criadas por simples pedreiros, mas sim por um grupo que vivia à margem das leis do lugar.

Satisfeitos com a falta de evidência que sustentasse a teoria da guildas de pedreiros da Idade Média e a quantidade de argumentos contra a mesma, tornamo-nos mais e mais curiosos por saber a que tipo de gente as *Old Charges* se referiam. .

Uma outra *Charge* do mesmo período, muito discutida por historiadores, indica um antigo objetivo muito clandestino. Ela se refere ao hábito de "emprego" para um Irmão visitante pelo período de duas semanas, após as quais "ele deve receber algum dinheiro e posto a caminho para a próxima Loja". Esse é o tipo de tratamento que se daria a um homem em fuga, procurando abrigo em casas seguras. Uma outra *Charge,* ainda proíbe, que os Maçons tenham relações sexuais com a mulher, a filha, a mãe ou a irmã de qualquer irmão Maçom, o que seria uma necessidade absoluta para a manutenção do sistema de casas seguras - chegar em casa e encontrar um convidado maçônico na cama com a própria mulher ou irmã certamente violentaria profundamente o juramento de caridade fraterna. Não conseguíamos imaginar de que heresia esses antigos grupos de Maçons poderiam ter sido culpados, para que se criasse um sistema de reconhecimento e sobrevivência à margem da Igreja e do Estado tão rigorosamente estruturado. Além desses fatos que desacreditavam mais ainda a teoria dos pedreiros medievais, é essencial lembrar-se de que as imagens centrais da Maçonaria são as da construção do Templo do rei Salomão. Não existe nada

que ligue os Maçons medievais a este evento, mas é exatamente aí que toma alento a *terceira* teoria - a os Cavaleiros Templários.

Os Cavaleiros Templários, ou para chamá-los por seu título completo, os Pobres Soldados-Companheiros de Cristo e do Templo de Salomão, se formaram pelo menos seis séculos antes que se estabelecesse a Grande Loja Unida da Inglaterra. Se houvesse uma ligação entre esses monges guerreiros das Cruzadas e a Maçonaria, teríamos que explicar o buraco de quatrocentos e dez anos entre a súbita destruição da Ordem em outubro de 1307 e o surgimento formal da Maçonaria. Esse espaço de silêncio levou muitos observadores, maçônicos e não-maçônicos, a considerar sugestões de uma possível ligação como pensamento delirante: alguns publicaram livros que mostram que os que apóiam essa teoria são meros românticos predispostos a crer em tolices esotéricas. No entanto, evidências mais recentemente trazidas à luz, invertem o peso desse argumento a favor da conexão Templários/ Maçonaria, e nossas próprias pesquisas as colocaram acima de qualquer dúvida.

Antes de nos debruçarmos sobre a formação dessa fascinante Ordem, examinaremos as circunstâncias do edifício que deu aos Templários o nome e à Maçonaria, o tema.

O Templo do Rei Salomão

Descobrimos que houve, em sentido amplo, quatro Templos associados ao Monte Moriá na cidade de Jerusalém. O primeiro foi erguido pelo rei Salomão há três mil anos. O seguinte nunca existiu em pedra palpável: apareceu em uma visão do profeta Ezequiel durante a escravidão dos judeus na Babilônia por volta de 570 a.C. Apesar de puramente imaginário, não se pode ignorar o significativo efeito que esse Templo teve em crenças e escritos posteriores dos judeus, que acabaram por integrar crenças cristãs. O terceiro foi construído pelo rei Zorobabel na primeira parte do século VI a.e., após o retorno dos judeus de seu cativeiro da Babilônia, e o último Templo foi erigido por Herodes na época de Jesus Cristo e foi destruído pelos romanos em 70 d.C., apenas quatro anos depois de sua conclusão.

Como mais tarde descobrimos, Salomão se dispôs a criar muitos grandes edifícios, inclusive um templo onde habitaria o Deus que agora chamamos de Yahweh ou Jeová. Os dois nomes são tentativas de tradução do hebraico, uma forma de escrita que não possui vogais. Salomão, sempre mencionado como sendo um rei sábio, mas com o progresso de nossas pesquisas descobrimos que a palavra "sábio" foi usada para todos os construtores e reis que patrocinaram construções desde mil anos antes de Salomão, como demonstraremos mais tarde.

Os judeus não tinham qualquer herança arquitetônica, e nenhum deles possuía o conhecimento construtivo necessário para erigir qualquer coisa maior que uma simples parede; em conseqüência disso, o Templo de Jerusalém foi construído por artesãos contratados de Hiram, o rei de Tiro, na Fenícia. Apesar do nome estava claro para nós, e para cada observador que nos antecedeu, que o rei Hiram nada tinha a ver com Hiram Abiff. O ritual do grau do Santo Arco Real, que discutiremos mais profundamente no capítulo treze, deixa muito claro que Hiram, rei de Tiro, forneceu os materiais enquanto outro indivíduo, Hiram Abiff foi o verdadeiro arquiteto do Templo. Esse ritual menciona inclusive que esses três indivíduos (Salomão e os dois Hiram) dirigiam uma importante Loja e eram os únicos depositários dos verdadeiros segredos de um Mestre Maçom.

A despeito da visão generalizada na Maçonaria de que o Templo foi um ponto alto na história das construções, Clarke e outros especialistas no assunto consideram seu estilo, tamanho e formato como sendo quase uma cópia carbono de um templo sumério erigido mil anos antes para o deus Ninurta. Era um edifício pequeno, similar em tamanho a uma capela de aldeia inglesa e pelo menos com a metade do tamanho do Palácio de Salomão. Nós pudemos imaginar onde as grandes prioridades do grande rei estavam quando descobrimos que a construção destinada a seu harém era pelo menos tão grande quanto o Templo de Yahweh.

Com o conhecimento que se tem do propósito de igrejas, sinagogas e mesquitas, é fácil acreditar que o Templo de Salomão era o lugar onde os judeus adoravam a seu Deus. Isso, no entanto, seria um erro, pois esse Templo não foi construído para ser visitado pelos seres humanos - era, quase que literalmente, a Casa de Deus, a morada de Yahweh.

Não existem nem restos físicos do Templo de Salomão nem registros independentes de sua existência, portanto, ninguém pode estar absolutamente seguro se ele existiu ou não; pode ser uma invenção de escribas judeus posteriores, que anotaram suas tradições verbais muito depois da alegada

construção ter ocorrido. Eles nos dizem que este, o mais famoso dos Templos, foi construído de pedra e completamente forrado em seu interior com cedro trazido de Tiro. Das paredes se diz que tinha a espessura de nove côvados (aproximadamente 4 metros e 33 centímetros) em sua base, erguendo-se para suportar um teto reto de madeira coberto com abeto. Uma característica específica desse Templo era a quantidade de ouro que cobria o assoalho, paredes e forro, incrustado entre querubins e flores abertas esculpidas na madeira. O interior tinha aproximadamente 27, 50 metros de comprimento e 9,15 metros de largura e o edifício era inteiramente alinhado de oeste para leste, com uma única entrada em seu lado oriental. Uma divisão com portas dobráveis dividia o espaço interior em um terço, criando assim um cubo com aproximadamente 9,15 metros de comprimento, largura e altura. Este era o Oráculo do Antigo Testamento, também conhecido chamado Santo dos Santos e conhecido nos rituais maçônicos como o *Sanctum Sanctorum,* que ficava permanentemente vazio exceto por uma caixa retangular de madeira de acácia com aproximadamente 1,20 metros de comprimento, 0,60 cm de largura e de altura, colocada exatamente no centro do assoalho, a Arca da Aliança, contendo apenas três coisas: duas lâminas de pedra onde estavam gravados os Dez Mandamentos e o próprio Yahweh. No alto dessa Arca, havia uma grossa lâmina de ouro e dois querubins de madeira, também pesadamente recobertos de ouro, com asas estendidas guardando o seu precioso conteúdo.

Esses querubins não eram os bebês rubicundos, aureolados e voadores tão populares entre os pintores da Renascença. Teriam sido de estilo egípcio, com a exata aparência das figuras que se vê em paredes e sarcófagos das pirâmides. O Santo dos Santos estava em permanente escuridão, exceto uma vez por ano, no Dia do Perdão, quando o Sumo Sacerdote lá entrava levando o sangue da oferenda pelos pecados da nação, o bode expiatório. Assim que o Sumo Sacerdote saía, uma grande corrente de ouro era colocada na porta, separando a câmara menor da maior. De acordo com antigas tradições judaicas, essa câmara maior era usada exclusivamente pelos sacerdotes e levitas (Os levitas ou a tribo de Levi foi destinada aos serviços religiosos por Deus quando Moisés guiou o povo hebreu a partir de seu cativeiro no Egito até a Terra Prometida, episódio narrado no Êxodo, bem como em Levítico, Números e Deuteronômio. Em Números, cap. 16, é narrada a tentativa de usurpação empreendida por Coré, Datã e Abiram, contra o poder sacerdotal dos levitas) e continha um altar de cedro coberto de ouro, colocado exatamente em frente às portas e, é claro, fora da entrada oriental ficavam os dois pilares, Booz e Jachin.

Esse era, portanto, o edifício que os Templários veneravam como o ícone central de sua Ordem. Mas as ruínas que eles escavaram foram as de um outro Templo, construído exatamente mil anos mais tarde no mesmo lugar pelo infame rei Herodes. Por que então, nos perguntávamos, eles preferiram nomear-se baseados do Templo de Salomão?

Conclusão

Já tínhamos decidido sem dificuldades que a teoria que impunha à Maçonaria uma origem nas guildas de pedreiros da Idade Média não se sustentava por não haver existido guildas de pedreiros na Inglaterra. O fato de terem existido no continente não é relevante, porque a Maçonaria não se desenvolveu nas áreas em que essas guildas européias se formaram.

O protocolo encontrado nas *O/d Charges* da Ordem, com a obrigação de prover trabalho e a preocupação em garantir a proteção dos parentes femininos dos irmãos, nos pareceram muito mais adequadas a uma sociedade secreta que a um grupo de construtores itinerantes.

Havíamos pesquisado profundamente, gastando centenas de horas debruçados sobre livros de referência em diversas bibliotecas, mas por mais que tentássemos não conseguíamos encontrar nenhuma conexão entre o Templo do rei Salomão e os pedreiros medievais.

A História não havia mostrado terem existido três templos de pedra no mesmo lugar, além de um imaginário que não podia ser ignorado por haver inspirado muitas pessoas através das eras. O Templo original construído para Salomão havia sido um pequeno edifício erguido em estilo sumério, menor que o seu harém, erigido para abrigar o problemático Yahweh, deus das tempestades, e não como um local de culto. O próprio Yahweh morava dentro da Arca da Aliança que ficava dentro do Santo dos Santos desse Templo, uma área conhecida pelos Maçons como *Sanctum Sanctorum.* Essa Arca teria sido feita e decorada em estilo egípcio e na porta leste desse Templo ficavam os dois pilares conhecidos pelos Maçons como Booz e Jachin.

A idéia de que a Ordem havia se desenvolvido a partir do próprio Salomão como uma sociedade secreta oculta do mundo parecia completamente impossível, e nos restou, por um processo de simples

eliminação, apenas uma origem plausível para investigar. Sabíamos que o primeiro cavaleiro Templário havia escavado no lugar do último Templo, e muitos escritores haviam sugerido conexões entre esses Cavaleiros e a Maçonaria.

Capítulo Três
Os Cavaleiros Templários
Os Primórdios da Ordem

A imagem do bravo cruzado vestido com um alvo manto decorado com uma cruz rubra e usando longas barbas, castigando aos perversos e protegendo aos bons, é uma imagem que se tornou familiar a muitos de nós desde a infância. A realidade era bem diferente. A cruz rubra nas vestes alvas não era hábito de todos os cruzados, mas apenas de um grupo de monges guerreiros: os Cavaleiros Templários. Sua misteriosa ascensão do nada, as suas subseqüentes e massivas riquezas e influência e a sua súbita e total queda e destruição na sexta-feira 13 de outubro de 1307 os tornaram matéria de debates e de especulações imaginativas daquele dia até hoje.

Por quase duzentos anos os Templários foram mais poderosos que muitos reis, com legendárias habilidades de luta e fabulosos tesouros. Poderia haver realmente uma conexão entre essa desaparecida Ordem medieval e os homens de classe média que murmuram palavras do ritual maçônico atrás de portas fechadas em praticamente todas as cidades dignas desse nome no mundo Ocidental? Num primeiro olhar parecem tão afastados um do outro que pareceria necessária uma enorme massa de evidências para garantir essa relação direta, mas quando começamos a colocar uns e outros lado a lado, a disparidade entre eles diminuiu com rapidez surpreendente.

Os muçulmanos dominavam Jerusalém desde o século VII, permitindo que judeus e cristãos tivessem acesso à cidade que, por motivos diversos, era importante para essas três religiões. Quase no fim do século XI os turcos seljúcidas tomaram o controle de Jerusalém e impediram as peregrinações dos cristãos. Esse estado de coisas desagradou profundamente aos poderes da Cristandade, que mobilizaram suas forças para recapturar a terra de Jesus. Apesar da pureza dos motivos aparentes que impulsionavam aos assim chamados Cruzados, as batalhas pelo controle da Terra Santa eram conflitos combatidos sem misericórdia.

Os brutais e egoístas invasores cristãos do norte acreditavam que os muçulmanos costumavam engolir o ouro e as jóias que possuíam para escondê-los em tempos de crise, e conseqüentemente muitos muçulmanos morreram em agonia com seus ventres abertos enquanto os dedos brancos dos infiéis exploravam as suas entranhas procurando riquezas inexistentes. Os judeus de Jerusalém não foram melhor tratados. Haviam alegremente vivido lado a lado com os muçulmanos por centenas de anos, e a 14 de junho de 1099 morreram a seu lado: a sede de sangue dos cruzados não tinha limites. Um cruzado, por nome Raimundo des Aguillers, foi inspirado pela visão da cidade devastada e dos cadáveres mutilados de seus habitantes, a citar o Salmo 118: *"Este é o dia que o Senhor fez:. regozijemo-nos e sejamos felizes por ele".*

Nos anos que se seguiram à captura de Jerusalém, cristãos de todas as partes da Europa começaram a fazer a peregrinação à Cidade Santa, uma jornada tão longa e árdua que um corpo saudável e de constituição muito forte era essencial para sobreviver a ela. O crescente número de peregrinos que viajava dos portos de Acre, Tiro e Jafa para a cidade de Jerusalém gerava inúmeros problemas, e uma infra-estrutura precisou ser criada para prover suas necessidades. Uma parte importante desse sistema era a Hospedaria Amalfi, em Jerusalém, estabelecida pelo Hospitaleiro dos Templários para prover alimentação e hospedagem do constante fluxo de viajantes. A importância e riqueza da pequena e obscura ordem de monges que a controlavam aumentou proporcionalmente ao sempre crescente número de viajantes, e os novos comandantes cristãos da cidade premiaram seus esforços com presentes generosos. A Ordem se desenvolveu rapidamente e seu Prior deve ter sido um indivíduo ambicioso e politicamente muito astuto, pois deu o passo inesperado que foi criar-lhe um braço armado, ao permitir que Cavaleiros fizessem parte dela, após o que mudou o seu título para "Hospital de São João em Jerusalém". A Ordem obteve a bênção papal em 1118, quando finalmente foi agraciada com uma constituição, conhecida como Regra.

Essa era a organização que provavelmente influenciou Hugues de Payen, um nobre francês da região de Champagne, porque no mesmo ano ele e outros oito Cavaleiros estabeleceram não-oficialmente a Ordem dos Pobres Soldados de Cristo e do Templo de Salomão. De acordo com a tradição, o rei Balduíno II, Patriarca de Jerusalém, sem hesitar deu seu apoio à nova Ordem, provendo-os de

hospedagem na ala leste de seu palácio, que era contíguo à Mesquita de Al-Aqsa, erguida no lugar do Templo de Salomão. Desses Templários, como são agora chamados, diz-se que haviam surgido com o propósito de dar proteção ao crescente fluxo de peregrinos, enquanto fizessem sua perigosa viagem entre o porto de Jafa e Jerusalém.

Todos esses Cavaleiros originais eram leigos que faziam o juramento de viver como se fossem monges, na pobreza, na castidade e na obediência. A princípio não usava nenhum traje especial, mas diziam suas preces a intervalos regulares e em todos os aspectos se comportavam como se fossem membros de uma ordem religiosa.

Em algum momento de 1118, esses nove Cavaleiros aparentemente partiram em viagem saindo da França e se auto-indicaram guardiões das desertas estradas da Judéia no caminho para Jerusalém. Essa afirmação fundamental nos chamou a atenção por sua estranheza. Por que teriam esses franceses assumido uma tarefa que era extremamente otimista na melhor das hipóteses e uma tolice na pior? Mesmo um pequeno bando de sarracenos insurretos os teria certamente dominado, não importa o quanto estivessem treinados e armados. Surpreendentemente descobrimos que Fulcros de Chartres, capelão de Balduíno II, não faz sequer uma menção a eles em suas extensas crônicas, que cobrem os primeiros nove anos da existência não-oficial da Ordem. A mais antiga evidência dos Templários data de 1121, quando um certo conde Foulques V d'Anjou se alojou com os Templários e daí em diante legou-lhes uma anuidade de trinta libras de Angevin.

Pela evidência disponível parece claro que o grupo de nove Cavaleiros não se expandiu a não ser longo tempo depois de seu estabelecimento. Foi apenas depois de passar não menos de nove anos em seus alojamentos no lugar do Templo de Herodes que Hugues de Payen partiu para oeste na busca de recrutas valorosos que ampliariam a Ordem para um tamanho mais de acordo com a consecução de sua missão auto-proposta.

O Que Buscavam Os Templários?

Instintivamente sentimos que alguma coisa estava errada. Não existe nenhuma evidência de que esses Templários fundadores alguma vez tivessem protegido peregrinos, mas por outro lado encontramos provas de que eles conduziram extensas escavações debaixo das ruínas do Templo de Herodes. Logo percebemos que vários outros autores tinham reservas quanto à versão aceita das metas dos Templários; e quanto mais pesquisávamos, mais encontrávamos teorias sobre os verdadeiros motivos dos Templários. Em uma delas, o historiador francês Gaetan Delaforge comentou:

A verdadeira tarefa dos nove Cavaleiros era realizar uma pesquisa na área, para recuperar certas relíquias e manuscritos que contém a essência das tradições secretas do Judaísmo e do Antigo Egito, algumas das quais provavelmente datam do tempo de Moisés.

Esse comentário foi utilizado pelo pesquisador e escritor Graham Hancock ao afirmar que esses Cavaleiros não eram aquilo que pareciam ser. Concluiu então que o lugar do Templo era o seu verdadeiro foco de interesse e que existe evidência de suas grandes escavações. Ele cita o relatório oficial de um arqueólogo que estabelece que esses nove Cavaleiros estavam escavando as ruínas do Templo em busca de alguma coisa desconhecida:

O túnel se aprofunda por uma distância de mais ou menos trinta metros a partir da parede do sul antes de estar bloqueado por pedaços de pedra. Sabemos que ele continua mais além, mas havíamos nos imposto a regra rígida de nunca escavar dentro dos limites do Monte do Templo, que está atualmente sob jurisdição muçulmana, sem primeiro pedir permissão para isso às autoridades muçulmanas. Neste caso elas apenas nos permitiram medir e fotografar a seção exposta do túnel, sem conduzir escavações de nenhuma espécie. Após concluir esse trabalho, selamos a saída do túnel com pedras.

Encontramos ainda mais evidências de que os Templários teriam se envolvido em alguma forma de escavações debaixo das ruínas do Templo de Herodes, nos escritos do tenente Charles Wilson, dos Engenheiros Reais, que liderou uma expedição a Jerusalém na virada do século XIX. Ele recuperou muitos itens antigos, em escavações debaixo do Templo, que podem positivamente ser identificados como

artefatos Templários. Quando nossas pesquisas para esse livro estavam quase completas, tivemos a sorte de encontrar Robert Brydon, um arquivista morador na Escócia e estudioso do Templo, e que hoje em dia é responsável pela guarda de muitos desses objetos.

Nosso motivo para buscar as origens dos Templários era tentar confirmar qualquer ligação direta entre sua Ordem e a Maçonaria moderna. Ao absorver os fatos conhecidos, lendo as perspectivas oficiais e não-oficiais sobre os Templários, concluímos que era claro que eles efetivamente estavam cavando sob o Templo. As perguntas para as quais precisávamos de respostas eram as seguintes: o que eles estavam procurando e, muito mais importante, o que efetivamente tinham encontrado?

Outros autores já aventaram a hipótese de que estivessem procurando pelos tesouros perdidos do Templo, pelo Santo Graal ou mesmo tentando encontrar a verdadeira Arca da Aliança. Essas especulações podem ser corretas, mas, é claro, estávamos mais interessados no que eles encontraram do que naquilo que eles haviam inicialmente procurado.

Por nove anos, portanto, esses nove devotados caçadores de "tesouros" haviam escavado o terreno do grande Templo dos judeus e durante esse tempo não haviam permitido nem buscado a presença de mais nenhum cavaleiro na Ordem, vivendo exclusivamente da caridade de Balduíno.

As coisas devem ter corrido razoavelmente bem anos após anos, e no entanto eles abriam um túnel em rocha sólida, chegando mais e mais perto da base do Santo dos Santos: foi então que alguma coisa aconteceu que modificou totalmente seus planos originais. Nos ocorreu que isso era provavelmente menos que uma coincidência, que a jornada de Hugues de Payen em direção ao oeste, pela primeira vez buscando recrutas, aconteceu apenas meses depois da morte de seu benfeitor, Balduíno, em outubro de 1126. Teriam eles ficado sem fundos e alimento antes que sua tarefa oculta houvesse sido completada, ou apenas aguardaram que Balduíno morresse para não ter que dividir com ele nem uma parte do tesouro?

A Regra da Ordem

Parece que a jornada de Payen havia sido causada por um verdadeiro temor quanto à continuidade de seu grupo. Uma carta que ele escreveu enquanto viajava através da Europa indica claramente suas preocupações com os irmãos Cavaleiros que haviam ficado em Jerusalém e que precisavam manter a chama de sua convicção sempre acesa. Essa carta se refere à vocação original dos Cavaleiros estar sendo enfraquecida pelo diabo, passando a citar passagens bíblicas para reassegurar seus sete Cavaleiros restantes. Só havia sete deles no Monte do Templo, porque Payen era acompanhado nessa viagem por André de Montbard, o tio do muito jovem e influente Abade de Clairvaux, que mais tarde se tornaria São Bernardo. Devem ter sido essas ligações familiares que primeiro os levaram a Bernardo, que ficou claramente impressionado com a história que ouviu de seu tio. As palavras usadas por Bernardo na divulgação dessa campanha de assistência deixam poucas dúvidas sobre a opinião que tem desses Cavaleiros de Jerusalém: "Eles não se atiram impulsivamente à batalha, mas com cuidado e prudência, pacificamente, como verdadeiros filhos de Israel. Mas assim que a luta se inicia, eles avançam sem demora sobre o inimigo... e não conhecem o medo... um deles já pôs em fuga mil inimigos: dois, dez mil adversários... mais gentis que carneiros e mais terríveis que leões, deles é a suavidade do monge e o valor do cavaleiro".

O futuro São Bernardo rapidamente levou a tenra Ordem à atenção do papa Honório II, rogando que esse pequeno grupo de Cavaleiros de Jerusalém fosse dotado de uma "Regra", uma constituição própria que estabelecesse os requisitos de conduta e prática que lhes dariam legitimidade e definiriam seu *status* no seio da Igreja. Isso finalmente foi concedido, a 31 de janeiro de 1128 quando Hugues de Payen apareceu perante o especialmente reunido Concílio de Troyes. Esse corpo impressionante era presidido pelo Cardeal de Albano, o legado Papal e compreendia os Arcebispos de Reims e Sens, não menos que dez bispos e um grande número de abades, entre eles o próprio Bernardo. A proposta foi apresentada e os Templários ganharam o direito de vestir seus próprios mantos, que nesta época eram inteiramente brancos, além de receber sua Regra.

Para o mundo inteiro, eles agora eram verdadeiramente tanto monges quanto Cavaleiros.

O que nos fascinou sobre a Regra dada aos Templários não era tanto o que ela dizia, mas sim o que ela *não* dizia. Em nenhum lugar havia qualquer menção a peregrinos ou à sua proteção. Estranho, nós pensamos, como a aparentemente única razão para a criação dessa Ordem pudesse ser totalmente esquecida! Nesse ponto já estávamos convencidos de que alguma coisa muito misteriosa era o motivo da fundação da Ordem do Templo.

Os nove Cavaleiros originais haviam relutado muito em receber novos recrutas, mas agora eram forçados a isso pela necessidade de fundos, de trabalhadores adicionais e talvez até mesmo de clérigos para modificar sua atitude. Sua nova Regra colocava os novos membros em experiência por um ano e exigia deles um imediato voto de pobreza, fazendo com que o novo "irmão" entregasse todas as suas riquezas pessoais à Ordem. De todos os candidatos se exigia que tivessem nascido de um casamento legal, fossem de origem nobre, livres de qualquer outro voto ou promessa e todos de corpo saudável. Ao ser admitido, cada irmão possuía apenas sua espada, e nada mais: não tinha nenhuma identidade separada dessa espada, que ele dedicava ao serviço da Ordem. Quando morria, seu túmulo não levava nenhuma inscrição, sendo marcado apenas por uma pedra retangular onde a forma de sua espada era gravada.

Imediatamente após o recebimento de sua Regra a condição real dos Templários evoluiu sem cessar. Conseguiram o apoio de inúmeros e influentes proprietários de terras, e as doações começaram a chegar de todos os cantos do mundo cristão. Bernardo havia convencido o Papa de seu valor e subitamente eles se tornaram a causa da moda, com muita riqueza sendo atirada sobre eles. Quando Hugues de Payen e André de Montbard retornaram a Jerusalém, quase dois anos depois de haver partido, o resultado de seu sucesso era flagrante. Tinham viajado para o oeste sem nada, e estavam de volta com uma Regra papal, dinheiro, objetos preciosos, riqueza territorial e não menos que trezentos nobres recrutados para seguir liderança de Hugues de Payen como Grão-Mestre de uma Ordem Maior.

Hugues de Payen devia ter apresentando alguma coisa muito tangível, para gerar tal interesse e suporte. Com nossa curiosidade cada vez mais aguçada, aprofundamos nosso olhar sobre o que ainda se sabia desses monges guerreiros.

Os novos membros da Ordem faziam votos de pobreza, castidade e obediência, mas não havia nenhuma menção se esta Regra se aplicava retroativamente ou não aos fundadores. Hugues de Payen certamente permaneceu casado com Catarina St. Clair (uma escocesa descendente de normandos) e ergueu o primeiro Preceptório Templário fora da Terra Santa nas propriedades familiares dela na Escócia, um fato que mais tarde se mostraria de extrema relevância. Os neófitos eram obrigados a cortar os cabelos, mas proibidos de cortar as barbas. Disso nasceu a imagem do Cruzado Templário com a longa barba esvoaçante. Dietas alimentares, vestuários e todos os outros aspectos da sua vida diária eram controlados pela Regra, particularmente o comportamento estritamente ordenado no campo de batalha. Os Templários não tinham permissão para pedir clemência ou pagar seu próprio resgate, mas eram compelidos a lutar até a morte. Não tinha permissão para bater em retirada a não ser que as chances contra eles excedessem três para um, e enquanto a História mostra claramente que eles no final das contas foram derrotados, também é claro nos arquivos tanto muçulmanos quanto cristãos que a Ordem era respeitada e temida por sua capacidade de luta.

Nos espantamos ao descobrir que mais ou menos dez anos após a concessão da "Regra Latina" os Templários tenham começado a se levar em tanta consideração que unilateralmente desenvolveram a "Regra Francesa", para substituir a antiga por uma que tivesse a linguagem de trabalho dos membros da Ordem. O fato de eles terem autoconfiança suficiente para fazer isto ilustra o poder e a independência de que os Templários gozavam. Essa nova Regra continha várias mudanças significativas, mas, curiosamente, ainda não fazia nenhuma menção à proteção de peregrinos. Nela se abria mão de requerer um ano de experiência e provas para os noviços, e colocava de ponta cabeça uma regra altamente importante, invertendo instantaneamente a base legal da Ordem.

Na Regra Latina, uma instrução rezava: "... e principalmente onde quer que Cavaleiros *não-excomungados* se reúnam, aí tu deves ir". No entanto, na traduzida e modificada Regra Francesa, a mesma frase começava assim: "... te ordenamos que vás onde quer que Cavaleiros *excomungados* se reúnam". Isso só pode significar que estavam fora das leis do Vaticano. Não existe possibilidade de que isso tenha sido um simples erro de tradução, já que os clérigos estavam trabalhando com sua própria língua, não sobre alguma escritura pouco familiar, e uma tal inversão de significado teria sido notada pelo resto da Ordem mesmo se o escriba original tivesse apenas cometido um engano. Juntando isso ao que agora sabemos sobre os Templários, tanto sobre sua arrogância quanto sua suspeita de desvio da Igreja de Roma, é inteiramente compreensível que tenham ousado escrever tal frase, mas nada encontramos que pudesse nos indicar quais teriam sido suas razões para isso.

A sorte dos Templários eventualmente se esgotou. O papa e Filipe, rei de França, atacaram a Ordem errante, pondo-a de joelhos em um só dia terrível: sexta-feira, 13 de outubro de 1307. Desde esse dia o número treze passou a ser considerado aziago e uma sexta-feira 13, em qualquer mês do ano, tornou-se

uma data sobre a qual as pessoas abertamente supersticiosas se mantêm dentro de casa agarradas a seu pé-de-coelho.

O Selo da Ordem.

O primeiro selo da Ordem dos Templários mostrava dois Cavaleiros sobre um único cavalo e usualmente se diz que isso era uma forma de simbolizar a pobreza em que os Cavaleiros juravam viver, pela qual não poderiam dispor de um cavalo para cada cavaleiro. Isso os teria tornado uma força de combate bastante ineficaz, se fosse verdade. A Regra Francesa, contudo, rezava que "o mestre deve ter quatro cavalos, e um irmão-capelão, e um irmão-secretário com três cavalos, e um irmão-sargento com três cavalos, e um valete para carregar sua lança e escudo, com um cavalo..." Claramente não havia carência de montarias disponíveis.

Ocorreu-nos que esse selo poderia representar os dois graus de cavaleiro dentro de uma mesma Ordem: os que eram mais avançados e que tinham permissão para participar do segredo Templário, e aqueles no "banco de trás", que não tinham essa permissão. Essa interpretação do selo é, sem dúvida, pura especulação, mas parece certo que entre eles havia um segredo e que entre os Templários, uma vez vencido o período de provas de doze meses, teria sido necessário algum método para que se protegessem de arrivistas não-testados e provavelmente indignos de confiança.

A Organização da Ordem.

A Ordem não era constituída apenas por Cavaleiros. Havia duas classes inferiores além dos irmãos principais. Os primeiros eram conhecidos como sargentos e eram recrutados no que hoje chamaríamos de classe trabalhadora, em vez de no meio da nobreza que era a fonte de onde saíam os Cavaleiros. Assumiam as posições de valetes, serviçais, sentinelas e soldados rasos nas tropas de apoio. Como seus superiores, eles também usavam uma cruz vermelha, mas seu manto era marrom escuro em vez de branco, significando sua falta de pureza em comparação aos Cavaleiros da Ordem. O outro grupo compreendia os clérigos que cuidavam das necessidades espirituais dos Cavaleiros. Eram os únicos membros letrados da Ordem e eram todos sacerdotes, cuidando dos arquivos e das comunicações, de vez em quando fazendo uso de códigos muito complexos. O francês era a língua usada para falar e administrar os Templários, mas esses padres versáteis podiam dizer a missa em latim, pechinchar com mercadores locais em árabe e eram capazes de ler tanto o Antigo Testamento em hebraico quanto o Novo Testamento em grego. Serviam às necessidades espirituais dos homens de armas e eram identificados pelo uso da Cruz Templária sobre um manto verde. Esses clérigos consagravam o pão e o vinho na Eucaristia exatamente como um padre de hoje em dia, mas levavam essa função tão a sério que usavam luvas brancas todo o tempo, exceto quando manipulando a hóstia durante o serviço da missa. Já que o pão é considerado como sendo o corpo de Cristo, era importante não conspurcá-lo com a sujeira das atividades do dia-a-dia profano, e essas luvas brancas eram usadas para manter suas mãos suficientemente limpas para poder tocar o corpo de Cristo. Esse uso das luvas brancas possui um paralelo evidente com os modernos Maçons, que sempre usam luvas brancas em suas sessões de Loja, sem que haja nenhuma razão para essa prática. Poderia esta ser, cogitamos, uma conexão Templária?

Outro eco distante nas práticas maçônicas atuais é o uso da pele de carneiro como única forma de adorno possível, além da exigência que a Regra fazia quanto ao uso de calções justos feitos de pele de carneiro, usados abaixo das roupas diárias todo o tempo, como símbolo de inocência e castidade. Esse pensamento é alarmante em nossa era de higiene pessoal, mas esses Cavaleiros conscienciosos não removiam seus calções de pele nem mesmo para lavar-se. Após alguns dias, quanto mais as muitas décadas que muitos passaram sob o sol do deserto, sua castidade estaria totalmente garantida! Apesar dos Maçons de hoje não usarem esses calções, usam aventais de pele de carneiro em seus encontros em Loja, significando o escudo da inocência e o emblema da amizade.

Mais uma similaridade nos chamou a atenção como sendo uma outra possível conexão Templária. Descobrimos que o *Béausant*, o estandarte de batalha Templário, consistia de duas faixas verticais, uma negra e uma branca - a negra simbolizando o mundo do pecado que o cavaleiro havia deixado para trás ao entrar para a Ordem, e a branca simbolizando seu movimento das trevas para a luz. Os Templos maçônicos de hoje em dia sempre têm no centro do assoalho uma parte formada por quadrados brancos e negros, e em todas as sessões de Loja os Maçons usam camisa branca com gravata e terno pretos: se não estiver assim vestido, sua entrada não é permitida. Ninguém jamais explicou porque existe a exigência de

usar pele de carneiro e traje preto e branco para que se considere um Maçom corretamente vestido. A única explicação oferecida é a de que "nossos Irmãos sempre se vestiram assim".

Apesar de haver esse grande número de paralelos, nós não buscamos dar grande importância a essas similaridades, pois pretendíamos estarmos seguros de que não estávamos vendo aquilo que queríamos ver. Essas poderosas coincidências eram apenas evidências circunstanciais, mas ampliaram nosso entusiasmo em explorar mais de perto a conexão entre as duas Ordens. Agora queimava em nós uma importante pergunta:

O que teriam encontrado os Cavaleiros Templários que influenciou de tal maneira o seu desenvolvimento?

Conclusão

Agora já sabíamos que os Templários haviam escavado sem descanso as ruínas do Templo de Herodes e que a queda da Ordem tinha ocorrido por acusações de heresia. Se os Templários tivessem tido crenças heréticas e participado de estranhos rituais, havia uma possibilidade real de que essas práticas tivessem se originado em um documento ou uma série de documentos encontrados por eles. Tivessem esses Cavaleiros do século XII descoberto quaisquer textos antigos, teriam estado em uma posição privilegiada para interpretá-los e apreciá-los. Ao mesmo tempo em que se crê que os Cavaleiros Templários eram analfabetos, sabe-se que seus clérigos eram todos capazes de ler e escrever em muitas línguas, e eram famosos por suas habilidades em criar e decifrar códigos. Seguimos esta rota como nossa melhor possibilidade, sem saber que a evidência de uma descoberta templária estava literalmente debaixo de nossos narizes, oculta no ritual de um grau maçônico ao qual nenhum de nós havia sido promovido ainda.

Capítulo Quatro
A Conexão Gnóstica

Os Primeiros Censores Cristãos

O século XX foi muito rico na descoberta de manuscritos perdidos, a mais importante delas sendo a dos chamados "Manuscritos do Mar Morto", encontrados em Qumran em uma série de cavernas do deserto, trinta e dois quilômetros a leste de Jerusalém; e a extensa coleção conhecida como "Evangelhos Gnósticos", descobertos em Nag Hammadi, no Alto Egito, em 1947. Parece razoável supor que ainda haja mais descobertas a serem feitas no futuro, assim como que tenha existido uma série de descobertas não-registradas feitas no passado. As descobertas feitas antes de nosso tempo podem ser organizadas em três categorias: as conhecidas e registradas, as destruídas e/ou perdidas e as que aconteceram, mas foram mantidas em segredo. Talvez, especulamos nós, os Templários tivessem desencavado uma coleção de manuscritos similar a essas descobertas recentes, mas a tivessem mantido oculta dos olhos do mundo em geral.

A Maçonaria moderna tem freqüentemente sido descrita como sendo 'gnóstica' em muitos aspectos, portanto, decidimos tomar como nosso ponto de partida a biblioteca de Nag Hammadi, buscando encontrar alguma pista do que os Templários tivessem encontrado.

Os Evangelhos Gnósticos

O termo 'gnóstico' é usado hoje em dia como o nome coletivo de uma longa série de trabalhos heréticos que infectaram a verdadeira Igreja durante algum tempo, mas foram postos fora da lei como tolices importadas de outras religiões. Na verdade, 'gnóstico' é um título bem pouco exato e que não identifica nenhuma escola de pensamento específica. Escritos identificados como Gnosticismo Cristão vão desde os que apresentam influências hindus e persas, entre outras, aos que apresentam um fundo de conceitos mais claramente judeus. Alguns desses trabalhos são extremamente bizarros, como a história de Jesus menino matando uma outra criança em um acesso de ira e depois ressuscitando sua vítima, enquanto outros são clara e simplesmente mensagens filosóficas atribuídas a ele.

A palavra vem do grego *gnosis,* significando conhecimento ou compreensão, não no sentido científico, mas a partir de uma interpretação mais espiritual, assim como os budistas podem encontrar a iluminação através da auto contemplação e empatia com o mundo à sua volta. A consciência do próprio eu, a apreciação da natureza e das ciências naturais são, para os gnósticos, caminhos que levam a Deus. Muitos cristãos gnósticos viam Jesus Cristo não como um deus, mas como o homem que iluminou os

caminhos, da mesma maneira que Gautama Buda e Maomé são compreendidos por seus seguidores.

Os Evangelhos Gnósticos são conhecidos pelo menos há tanto tempo quanto os Evangelhos do Novo Testamento, mas esses trabalhos não-canônicos se tornaram conhecidos de um público não-acadêmico muito maior depois da publicação da tradução de cinqüenta e dois rolos de papiro em escrita copta desenterrados em Dezembro de 1947, próximo à cidade de Nag Hammadi no Alto Egito. Esses documentos em particular datam de 350-400 a.C., mas muitos deles são reconhecidos como sendo cópias de documentos pelo menos trezentos anos mais velhos. Foram encontrados por um jovem árabe chamado Mohamed Ali-Al Samman e seus irmãos em um vaso selado de cerâmica vermelha, com mais ou menos um metro de altura, que estava enterrado em solo macio perto de uma grande barragem. Os irmãos haviam quebrado o vaso, pensando encontrar algum tesouro, mas ficaram desapontados ao achar apenas treze livros de papiro encadernados em couro. Levaram os livros para casa porque estavam secos o bastante para serem usados como combustível para o fogão.

Felizmente o jovem Mohamed Ali estava sendo investigado pela polícia, e temendo ser acusado pelo roubo dos textos, pediu a um padre local, AlQummus Basiliyus Abd-Al Masih, que os escondessem para ele. Naturalmente, o padre percebeu o possível valor dos documentos e enviou alguns para o Cairo para que fossem avaliados: eles passaram pelas mãos de muitos negociantes e estudiosos até que um trecho do Evangelho segundo Tomé, mais antigo que qualquer um que já tivesse sido visto, chegou às mãos do professor Quispel, da Fundação Jung, de Zurique. Este ficou atônito com o que viu e rapidamente detectou o resto da descoberta, que nesse momento já havia compreensivelmente encontrado abrigo no Museu Copta do Cairo. Assim que teve oportunidade de examinar a documentação completa o professor Quispd percebeu que estava frente a textos ainda desconhecidos que haviam sido enterrados por volta de 1600 anos antes, em um período crítico na formação da Igreja Católica de Roma. Os trabalhos redescobertos haviam sido suprimidos como heréticos pelos eclesiásticos cristãos. Não sendo isso, o Cristianismo ter-se-ia desenvolvido em uma direção completamente diferente, e a forma ortodoxa dessa religião, como a conhecemos hoje em dia, talvez nem tivesse existido. A sobrevivência da estrutura organizacional e teológica da Igreja Católica de Roma sempre dependeu da supressão das idéias que estavam nesses livros.

A Ressurreição Gnóstica.

Havia grandes diferenças entre as duas mais antigas tradições cristãs no que se refere à verdade sobre a ressurreição de Jesus. No trabalho gnóstico *Tratado sobre a Ressurreição,* a vida humana comum é descrita como sendo a morte espiritual, enquanto a ressurreição é vista como o momento da iluminação, em que se revela o que verdadeiramente existe. Quem quer que aceite esta idéia se torna espiritualmente vivo e pode ressurgir dos mortos imediatamente. A mesma idéia pode ser encontrada no *Evangelho Segundo Filipe,* que ridiculariza os "cristãos ignorantes que entendem a Ressurreição literalmente":

Aquele que diz que primeiro se morre e depois se ressurge dos mortos incorre em erro, pois a Ressurreição deve ser recebida enquanto ainda estão vivos.

Essa descrição de uma ressurreição-em-vida nos fez recordar do tema de fundo da cerimônia maçônica do 3° Grau (Mestre), nos encorajando a investigar mais profundamente a causa da polêmica sobre a verdade literal da ressurreição do corpo de Jesus. Há importantes conseqüências de uma crença literal na ressurreição do corpo de Jesus, que mais tarde ascendeu aos céus. Toda a autoridade da Igreja Católica de Roma se fundamenta na experiência da ressurreição de Jesus vivida por seus doze apóstolos, experiência esta que era impossível para qualquer um que tivesse chegado ao mundo após esta subida aos céus. Essa experiência fechada e indiscutível tinha enormes implicações para a estrutura política da Igreja original.

Por meio dela se restringia a liderança da Igreja a um pequeno círculo de pessoas que tinham uma posição de autoridade incontestável que conferia a este grupo o direito de ordenar os futuros líderes como seus sucessores. Isso resultou no tipo de autoridade religiosa que sobreviveu até nossos dias: apenas os apóstolos tinham autoridade religiosa definitiva e seus únicos e legítimos herdeiros são os padres e bispos, sendo esta ordenação traçada à mesma sucessão apostólica. Ainda hoje, o próprio papa deriva a sua autoridade de Pedro, primeiro entre os apóstolos, já que foi a primeira testemunha da ressurreição. Foi de extremo interesse dos líderes da Igreja primeva a aceitação da ressurreição como uma verdade literal

por causa dos benefícios que ela lhes conferia como fonte incontestável de autoridade. Já que ninguém das gerações posteriores poderia ter acesso a Cristo da maneira que os apóstolos teriam tido durante sua vida terrena e sua ressurreição, cada crente deve voltar-se para a Igreja de Roma, essa mesma de que os apóstolos são considerados fundadores, e para seus bispos, como focos de autoridade.

A Igreja Gnóstica considerava essa visão literal da ressurreição "a fé dos tolos", declarando que aqueles que anunciavam ao mundo que seu senhor morto havia retomado fisicamente à vida estavam confundindo uma verdade espiritual com um acontecimento verdadeiro. Os Gnósticos citavam a tradição secreta dos ensinamentos de Jesus como declarada em sua fala aos discípulos em Mateus:

A ti foi dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não foi dado.

Os Gnósticos reconheciam que sua teoria do conhecimento secreto, que devia ser adquirido por seus próprios esforços, também tinha implicações políticas. Elas sugerem que quem quer que tenha "visto o Senhor" através da visão interna pode declarar-se portador de autoridade que iguala ou ultrapassa a dos apóstolos e de seus sucessores.

Descobrimos que Irineu, conhecido como o pai da teologia Católica e o mais importante teólogo do século II d.C., enxergou os perigos que essa visão da autoridade da Igreja apresentava:

Consideram-se tão maduros que ninguém pode comparar-se a eles na grandeza de sua gnose, nem mesmo se mencionarmos Pedro ou Paulo ou qualquer dos outros apóstolos... Eles crêem haver descoberto muito mais que os apóstolos, que segundo seu ponto de vista ainda pregavam os evangelhos muito influenciados pela influência das opiniões judaicas, e que por isso são muito mais sábios e inteligentes que os apóstolos.

Aqueles que se consideram mais sábios que os apóstolos também se consideram mais sábios que os padres, pois o que os Gnósticos dizem sobre os apóstolos, particularmente os Doze, expressa sua atitude em relação aos padres e bispos que alegam fazer parte da sucessão apostólica ortodoxa. Além disso, muitos mestres Gnósticos também declaram ter acesso a suas próprias fontes secretas de tradição apostólica, em rivalidade direta com a que é comumente aceita nas igrejas. No *Apocalipse Gnóstico de Pedra* a declaração de autoridade religiosa da Igreja ortodoxa é abalada pela narração de um Cristo reerguido explicando a Pedro que:

Esses que se auto denominam bispos e diáconos e agem como se tivessem recebido sua autoridade de Deus são na realidade canais onde a água não corre. Apesar de não compreenderem os mistérios, eles se vangloriam de que o mistério da verdade pertence exclusivamente a eles. Interpretaram errado aquele ensinamento do apóstolo, e ergueram uma imitação de Igreja em lugar da verdadeira tradição da irmandade cristã.

Esse ponto foi destacado e explicado pelos estudiosos que haviam traduzido os Evangelhos Gnósticos. Nós dois fomos surpreendidos com a importância política dessa idéia de uma ressurreição viva em uma tarde em que, na Biblioteca da Universidade de Sheffield, encontramos esse comentário da respeitada estudiosa gnóstica Elaine Pagels:

Reconhecer as implicações políticas da doutrina da ressurreição não revela seu extraordinário impacto nas experiências religiosas dos cristãos... mas em termos da ordem social... o ensinamento ortodoxo da ressurreição teve um efeito bem diverso. Foi através dele que se legitimou a única hierarquia de pessoas através das quais todos os outros poderiam se aproximar de Deus. O ensino Gnóstico subvertia essa ordem, declarando oferecer a todos os iniciados um meio direto de acesso a Deus, do qual os padres e bispos eram totalmente ignorantes.

Agora sabíamos que a interpretação da ressurreição havia sido um tremendo foco de controvérsia na primeva Igreja Cristã, e que existia uma tradição secreta que tratava da ressurreição espiritual em vida, ligada a um grupo de cristãos denominados Gnósticos, denunciados como heréticos por razões puramente políticas, porque seu interesse na busca do conhecimento minava a autoridade dos bispos dessa Igreja Ortodoxa.

A ressurreição também figurava com proeminência no ritual maçônico do 3º. Grau, mas lá ela é uma história de ressurreição em vida misturada com a história de um assassinato ilegal e a descoberta e segundo enterro de um corpo morto. Havíamos encontrado referências a esse elemento da ressurreição em vida nos Evangelhos Gnósticos, mas agora necessitávamos de mais informação para tentar desvendar o que os Templários tinham encontrado, portanto, avançamos na pesquisa lendo as descobertas de Nag Hammadi traduzidas.

Particularmente, os livros relacionados a Tomé nos forneceram várias pistas adicionais. No *Evangelho segundo Tomé* encontramos uma frase que está em direta correspondência com o ritual de Mestre Maçom de Marca:

E Jesus disse: *"Mostrem-me a pedra que os construtores rejeitaram. Esta é a pedra angular.*

Percebemos que várias passagens similares aparecem no Novo Testamento:

E Jesus disse a eles: "Nunca lestes nas Escrituras que a pedra que os construtores rejeitaram é a mesma que se tornou a pedra angular? Esse é o trabalho do Senhor, maravilhoso ante nossos olhos?" (Mateus, 21:4).

E não lestes nas Escrituras: "A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular?" (Marcos, 12:10).

E ele lhes disse: "O que é isto então que está escrito, que a pedra que os construtores rejeitaram é a mesma que se tornou a pedra angular?" (Lucas, 20: 17).

Essas citações dos Evangelhos Sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas) falam de Jesus ensinando as Escrituras sobre a importância de uma pedra angular rejeitada: mas apenas no *Evangelho de Tomé* ele pede para que lhe mostrem a pedra que os construtores rejeitaram - num paralelo exato com o ritual de Maçom de Marca, e isto nos pareceu indicar uma conexão entre Maçonaria e Gnosticismo.

Mais adiante, em outra obra, os *Atos de Tomé,* encontramos a narrativa desse apóstolo construindo um belo palácio nos céus através de suas boas ações na terra. Essa história é a epítome da fala dita no canto nordeste durante o ritual maçônico do 1º. Grau (Existente na cerimônia do Ritual de Emulação, praticado na maioria das Lojas da Grande Loja Unida da Inglaterra).

Apesar desses pontos serem muito interessantes, não pareciam ser o bastante para explicar o comportamento dos Cavaleiros Templários, que fora a razão de nossa pesquisa nesses textos. Nesse ponto, apesar de já termos encontrado algumas possíveis conexões entre cristianismo gnóstico e a Maçonaria moderna, nada verdadeiramente concreto havia surgido. Havíamos encontrado alguns conceitos fundamentais que tinham paralelo com as bases da Maçonaria, particularmente a idéia de que as pessoas deveriam experimentar uma "ressurreição" em vida, e nesse ponto decidimos olhar mais de perto para a formação da primeva Igreja Cristã, buscando deduzir o que os Cavaleiros Templários haviam descoberto.

Conclusão

Especulamos se não seria possível que os Templários tivessem encontrado um repositório oculto de textos que tivesse mudado sua visão de mundo, e em uma tentativa de encontrar o que eles teriam achado fomos pesquisar em uma coleção de antigos textos cristãos conhecidos coletivamente como Evangelhos Gnósticos. Concluímos que o conceito *de gnosis* (conhecimento) é exatamente o oposto do conceito de "fé" da Igreja de Roma, e que esse é um tipo de processo de pensamento que se coaduna muito bem com a Maçonaria.

Chegamos à conclusão que muitas das doutrinas seletivas da Igreja primeva estavam baseadas tanto em manobras políticas quanto em opiniões religiosas. Nas descobertas de Nag Hammadi, escondidas entre os anos de 350 e 400 d.e. e redescobertas no Egito, havíamos encontrado uma interpretação bastante diferente da verdade por trás da ressurreição de Jesus. Havia no Gnosticismo Cristão uma tradição de ressurreição em vida, que nos trouxe fortes lembranças da cerimônia maçônica do 3° Grau.

A crença literal na ressurreição do corpo de Jesus, que mais tarde ascende aos céus, era um fator básico no estabelecimento da autoridade da Igreja Católica de Roma. Essa autoridade se fundamenta nos

alegados testemunhos da ressurreição de Jesus pelos seus doze apóstolos preferidos, uma experiência impossível de ser vivida por qualquer um que tivesse se tornado parte do grupo depois da ascensão de Jesus. Essa experiência fechada e indiscutível era a fonte do poder do Bispo de Roma na estrutura política da Igreja primeva, conferindo-lhe incontestável autoridade sobre qualquer um que nela tivesse fé.

Lemos escritos gnósticos que consideravam essa visão da ressurreição como "a fé dos tolos", declarando que qualquer um que anunciasse que seu Mestre morto havia retomado fisicamente à vida estava confundindo uma verdade espiritual com um evento real, e que eram como "canais sem água". Essa visão era apoiada pelo apelo a uma tradição secreta do ensinamento de Jesus que está no *Evangelho de Mateus.* Irineu, um teólogo do século II d.C., havia escrito sobre os perigos que esta idéia de ressurreição em vida gerava para o poder dos sacerdotes estabelecidos. Em nosso estudo dos textos de Nag Hammadi descobrimos que a interpretação da ressurreição já havia causado tremenda controvérsia na Igreja Cristã primeva, e que um grupo de cristão denominado "gnósticos" possuía uma tradição secreta que tratava de ressurreição espiritual em vida em conexão com Jesus. Concluímos então que os gnósticos haviam sido denunciados como hereges por razões políticas, e mais ainda: que seu interesse por esse conhecimento minava a autoridade dos bispos e a ortodoxia de sua Igreja.

Leituras subseqüentes dos Evangelhos Gnósticos nos mostraram fortes ecos de rituais maçônicos que já conhecíamos bem e, encorajados por essas descobertas, decidimos olhar mais de perto essa Igreja Cristã primeva, sempre com a mente aberta. Começamos a analisar a especificidade das declarações do próprio Jesus.

Capítulo Cinco

Jesus Cristo: Homem, Deus, Mito ou Maçom?

Mais um *Nascimento* de uma Virgem

Se a versão da Igreja para os eventos que cercam o homem a quem chamamos Jesus Cristo não fossem acuradas, seria de esperar que houvesse uma enorme quantidade de escritos contemporâneos conflitantes com a história "oficial". Rapidamente percebemos ser exatamente este o caso, e que tanto os manuscritos de Nag Hammadi quanto os do Mar Morto impunham uma luz diferente sobre a interpretação dada ao Novo Testamento.

A dificuldade principal da Igreja está no fato de que o mito central da cristandade precede em muito a Jesus Cristo. O roteiro da história de Cristo é tão antigo quanto o próprio homem, desde o nascimento de mãe virgem em circunstâncias humildes até a morte sacrificial que salva seu povo - tudo já tinha sido escrito, época após época, sobre as principais figuras religiosas de diversas culturas. Não é sequer o caso de similaridades: estamos falando de uma reciprocidade total. Tão semelhante era a história de Mithra *(ou* Mithras), um outro culto extremamente popular no Império Romano, que os Pais da Igreja identificaram como o trabalho do Diabo tentando deliberadamente parodiar a história de Cristo. O fato do Culto a Mithra já existir muito antes do nascimento do Messias cristão não abalou esses indivíduos plenos de expedientes: eles simplesmente declararam que o Diabo era uma raposa velha e astuta, e que havia viajado para o passado só para plantar um homem que traria descrédito à "óbvia" originalidade da história de Cristo.

Eis, portanto, algumas das figuras da Antigüidade que eram consideradas deuses, todas elas anteriores a Cristo:

Gautama Buda: nascido da virgem Maya por volta de 600 a.C.

Dionysus: Deus grego, nascido de uma virgem em um estábulo, transformava a água em vinho.

Quirinus: Um antigo salvador romano, nascido de uma virgem.

Attis: nascido da virgem Nama na Frigia por volta de 300 a.C.

Indra: Nascido de uma virgem no Tibet por volta de 700 a.C.

Adônis: Deus babilônio - nascido da virgem Ishtar.

Krishna: Deidade hindu, nascido da virgem Devaki por volta de 1200 a.C.

Zoroastro: Nascido de uma virgem entre 1500-1200 a.C.

Mithra: Nascido de uma virgem em um estábulo no dia 25 de dezembro por volta do ano 600 a.c. Sua ressurreição era celebrada na Páscoa.

Parece que em praticamente todos os séculos havia muitas virgenzinhas inocentes dando à luz os filhos dos deuses!

O culto de Mithra é particularmente difícil de engolir pelos cristãos que não aceitam a teoria do viajante satânico do tempo. O Mithraísmo é um rebento do anterior culto persa de Zoroastro, que foi introduzido no Império Romano em 67 a.C. Sua doutrina incluía o batismo, uma refeição sacramental, a crença na imortalidade, um deus salvador que morreu e retomou para agir como mediador entre Deus e os homens, uma ressurreição, um juízo final, e a existência do céu e do inferno. Sua cerimônias, curiosamente, incluem o uso de velas, incensos e sinos. Seus devotos reconheciam a divindade do Imperador e eram muito tranqüilos quanto à coexistência com outros cultos, mas acabaram por ser absorvidos pelos infinitamente pouco-tolerantes cristãos. Como mostraremos mais tarde, a verdadeira seita de Jesus, a Igreja de Jerusalém, havia escapulido da maioria dessas armadilhas pagãs: elas foram adições muito posteriores da Igreja de Roma, para criar uma teologia híbrida que satisfaria as necessidades do maior número possível de cidadãos. Se os plebeus faziam questão de suas superstições, pensaram os romanos, por que não ter uma que fosse controlada pelo Estado?

Não fosse por uma pequena reviravolta da sorte nos últimos anos do Império Romano, as famílias de hoje estariam indo para o culto de domingo com plásticos de "Mithra Te Ama" nos vidros de trás de seus carros. Outro problema essencial é o nome de Cristo. Muitas pessoas estão conscientes de que o nome "Jesus Cristo" é um título grego muito posterior, mas nem mesmo eles se preocupam em questionar qual teria sido o verdadeiro nome desse deus-homem. Não se conhece verdadeiramente o nome sob o qual ele nasceu, mas é possível que ele tivesse usado durante a sua vida o nome Yeoshua, que significa "dado por Yahweh", com o sentido moderno de alguma coisa como "aquele que trará a vitória". Nos dias de hoje seria traduzido e reconhecido como Joshua (Josué), o mesmo nome dado ao homem do Antigo Testamento que trouxe a vitória a seu povo na batalha de Jericó, quando os muros dessa cidade supostamente vieram abaixo graças a toques de trombeta. O nome Jesus é simplesmente uma interpretação grega do nome hebreu Yeoshua, mas a adição do título "Cristo" é um tanto mais preocupante, por ser uma tradução grega do título judeu de Messias, significando "aquele que trará a salvação pela redenção do pecado", apesar da palavra hebraico-aramaica significar simplesmente a pessoa que, por direito, se tornará o rei dos judeus. A tradição judaica diz que os reis de Israel também eram sempre associados com os messias. Para eles a palavra significava "o que será rei" ou "o que espera ser rei". Esses significados eram diretos e práticos: podemos estar certos de que o conceito judeu de "messias" e de seu reino vindouro nada tem de sobrenatural.

Espantosamente a palavra "messias" aparece apenas duas vezes na versão oficial do Antigo Testamento, e está totalmente ausente do Novo. Não obstante, no tempo de Jesus já havia se tornado um conceito muito popular entre os judeus, que ansiavam por um tempo em que pudessem governar a si próprios novamente, em vez de ficar sob o controle dos que ocupavam seu território ("kittim", como eram chamados), tais como os sírios, os babilônios e, particularmente para eles, os romanos. Para os nacionalistas judeus dos primeiros séculos a.C. e d.C., logo que um homem justo ocupasse por direito o trono de Israel ele se tornaria o rei de Israel, e o titulo de messias, projetado para o futuro, não teria mais razão de ser usado.

O fato do termo "messias" não ser usado nem uma vez no Novo Testamento só pode ser explicado se os tradutores tivessem usado a palavra grega *"christós'* onde quer que a palavra hebraica "messias" tivesse aparecido. Com o tempo, a designação "Cristo" tornou-se sinônimo de Jesus mais que de qualquer outro messias, apesar do termo não ser nem exclusivo nem restritivamente aplicável a um indivíduo específico.

Para os posteriores usurpadores gentios das crenças tribais judaicas, o uso hebreu da palavra "messias" era muito passivo, estrangeiro e baseado no mundo real das aspirações políticas dos judeus: conseqüentemente, na tradução para o grego, a palavra ganhou os contornos de um Culto Helenístico dos Mistérios, com o poder sobrenatural de salvar as almas e redimir o mundo inteiro. Norman Cohen descreve sucintamente a situação quando fala do Messias judeu:

Ele será, na melhor das hipóteses, um grande comandante militar e um líder justo e sábio, guiado por Yahweh e por Ele apontado para reinar sobre seu povo em Judá. A noção de um salvador transcendental em forma humana, tão importante para o Zoroastrismo e tão central para o Cristianismo, é totalmente desconhecida na Bíblia Hebraica.

O clamor cristão por reconhecimento da autoridade de suas crenças particulares sobre o Antigo

Testamento deve ser muito estranho para os estudiosos judeus modernos, ao verem que sua herança tem sido usada para emprestar credibilidade a um Culto Romano dos Mistérios, grandemente persa em sua origem. Essa pilhagem dos vinte e dois textos judeus que constituem a essência do Antigo Testamento se espalhou logo após o início do século II d.C., quando os cristãos buscaram referências que apoiassem as crenças de seu culto ainda imaturo.

Membros da Igreja primeva se consideravam judeus, e até o final do século I d.C. todos viam o cristianismo como uma seita judaica. No início do segundo século, no entanto, a grande maioria dos cristãos era formada por gentios convertidos de todas as partes do Império Romano, que já não se consideravam mais judeus sob nenhum aspecto. Esses aproveitadores culturais tinham pouco ou nenhum respeito pelo contexto ou pelas interpretações aceitáveis dos textos, e se sentiam livres para citar à vontade textos judeus que não eram reconhecidos como escrituras por seus proprietários.

O Livro do Antigo Testamento foi traduzido do grego no século III a.C., e ficou conhecido como *Septuaginta* (usualmente indicado como *LXX).* Os cristãos inseriram novas passagens e até livros inteiros e depois tiveram a audácia de acusar os judeus de terem apagado essas passagens de suas próprias escrituras! Essa crença se tornou fortemente enraizada no pensamento cristão e resultou em muitos atos futuros de vandalismo, como por exemplo, uma ocasião em Paris, 1242, quando vinte e quatro carroças cheias de escrituras judaicas foram arrebanhadas em várias sinagogas antes de serem queimadas, e também vinte anos mais tarde quando o rei Jaime I de Aragão ordenou a destruição de todos os livros judeus.

Alguns dos primeiros estudiosos cristãos acreditavam que o Antigo Testamento não pertencia à sua nova religião, mas a maioria lia imaginativamente as entrelinhas para ali encontrar "óbvias" referências à figura de seu Salvador. Os vinte e dois livros originais do Antigo Testamento foram sendo rigorosamente ampliados para criar um gigantesco velho Testamento cristão.

Essas adições de antigos escribas cristãos incluíram Esdras, Judite, Tobias, Macabeus, Sabedoria, Eclesiastes, Baruc, a Oração de Manassés e, dentro do Livro de Daniel, o Cântico dos Três Santos Jovens (Os *T rês Jovens Santos* - Sidrac, Misac e Abdênago - eram três jovens judeus educados na corte da Babilônia e responsável pela administração da província da Babilônia, condenados à fogueira por Nabucodonosor e milagrosamente salvos das chamas, episódio narrado em Daniel cap. 3), a História de Susana e Bel e o Dragão.

Por algum tempo os cristãos ficaram satisfeitos com seu "novo" Antigo Testamento, mas assim que estudiosos mais sérios, como Alexandre Orígenes no século III d.C., se puseram a estudá-los novamente do princípio, surgiram várias dúvidas palpáveis, que os fizeram compreender ser a versão original judaica a única correta. Foi feita a sugestão de que todas as Escrituras existentes nas igrejas cristãs fossem destruídas, mas esses argumentos foram todos enterrados pelo forte desejo cristão de ter uma religião ímpar, com escrituras próprias e exclusivas verdadeiramente diferenciadas.

No entanto, enquanto a Igreja principal tomava o caminho mais fácil, o debate continuava, e muitos pensadores cristãos não estavam convencidos. No século IV; Cirilo de Jerusalém proibiu a leitura desses livros extemporâneos, mesmo privativamente, e mesmo até o século XVIII vários pensadores cristãos, como João Damasceno, insistiam em que os vinte e dois livros originais eram os únicos componentes das verdadeiras Escrituras.

O mesmo povo arrogante que havia reescrito o Antigo Testamento montou O Novo Testamento. Para ter uma visão esclarecida dos eventos que levaram à criação desse relativamente instantâneo bloco de escrituras estalando de novas, é essencial que compreendamos um pouco da visão judaica do mundo nesse ponto crucial da História.

Hoje em dia, praticamente todas as pessoas do Ocidente compreendem a existência de uma separação real entre política e religião, mas é um erro pensar que outros países ou outros períodos da História vêem ou viam as coisas da mesma maneira. O Irã de hoje, por exemplo, não percebe nenhuma diferença entre os dois assuntos, e o povo da Judéia e da Galiléia, há dois mil anos, nos considerariam como loucos se tentássemos convencê-los de que a relação com seu Deus era diferente de sua luta pela nacionalidade. A política no tempo de Jesus Cristo era um assunto teológico da maior seriedade: a estabilidade da nação se apoiava na visão que Deus tinha seu valor. Se provassem esse valor, os judeus teriam seu próprio rei e derrotariam todos os seus inimigos em batalha. Por centenas de anos eles haviam sido um povo sem nenhum valor, e por isso Deus os havia abandonado aos desígnios de seus inimigos, mas logo que os judeus devotos se puseram a viver uma vida mais austera, começaram a esperar a

chegada de um Messias que iniciaria o processo de reconduzi-los à autodeterminação. .

Há aqui um ponto fundamental que não pode ser ignorado: em nenhum lugar do Antigo Testamento existe a profecia da chegada de um salvador mundial. Os judeus esperavam, isso sim, por um líder que emergisse para ser um rei temporal aos moldes de David, e não importa quanto os cristãos o desejassem, Cristo *não* era o Messias da linha davídica (o Cristo) porque ele não conseguiu tornar-se o indiscutível rei de Israel. Para o povo judeu da época, inclusive o próprio Jesus, não havia outro significado para a palavra: não se trata de uma questão de fé, mas sim de um fato histórico acima e além de qualquer debate teológico. A Igreja atualmente está perfeitamente consciente desse mal-entendido e pode alegar que sua visão "espiritual" do mundo é verdadeira e válida, apesar do fato de que os judeus usavam a palavra com significado bem diverso. De qualquer forma, uma vez que a Igreja aceite que os usos cristão e judeu da palavra "messias" nada têm em comum, daí se segue que os cristãos não têm nenhum direito de usar o Antigo Testamento como fonte de evidência da vinda de seu Cristo. Fazer isso é uma clara fraude. Insistimos no ponto que os judeus não estavam esperando nem um deus nem um salvador mundial: estavam simplesmente ansiando por um líder político com credenciais que o ligassem a seu primeiro rei – David (Se já houve algum messias verdadeiramente judeu, este somente pode ter sido David ben Gurion, o ativista sionista que tornou-se o primeiro 'rei' a governar o estado judeu em 1948. Seu título moderno era o de 'primeiro-ministro' ao invés de 'rei', mas o efeito foi o mesmo. Se ele poderia ou não se declarar como um descendente da linhagem de David, nós não sabemos).

Um problema maior ainda para o cristianismo principal é a crença de que Jesus foi fruto de um cruzamento mágico entre Yahweh e Maria. Como já vimos, as uniões deus-mulher eram uma antiga necessidade da genealogia de todos os pretensos homens-deuses das culturas do Oriente Médio. A justificativa dessa pretensão entre os cristãos nasce do título que Jesus dava a si próprio - "Filho de Deus" - que era simplesmente um título tradicional para qualquer um que estivesse pleiteando o lugar de rei. Todos os reis, desde o tempo dos Faraós, estabeleciam seu direito de governar através de sua descendência direta dos deuses.

Enquanto pesquisávamos toda essa complexa área do que se esperava de um messias, chegamos a um estranho e interessante ponto que, até onde chegava nosso conhecimento, ninguém antes havia levado em consideração. Tem a ver com o nome do assassino que foi libertado no lugar de Cristo durante o seu julgamento. Esse nome, como todos sabemos, era Barabbas (Barrabás). Mais um nome bíblico, acreditamos todos, e que parece ter uma aura de maldade à sua volta: "Barrabás, o malvado assassino que os também malvados judeus escolheram libertar em lugar de nosso Salvador!" Os urros da multidão que pedia a crucificação do Cristo em vez da de um criminoso comum é uma das evidências que o Novo Testamento exibe para confirmar a alegada natureza perversa dos judeus, e que levou a dois mil anos de anti-semitismo.

Na verdade, basta um conhecimento rudimentar da linguagem daquele tempo para perceber que "Barabbas" não é um nome, mas sim um título, que significa precisamente "Filho de Deus", já que "bar" quer dizer "filho de" e "Abba" quer dizer "pai", mas seu uso era, e ainda é, uma referência ao Pai, ou seja, Deus. Isso nos intrigou, mas o que nos deixou pasmos foi a descoberta de que, nos manuscritos antigos de Mateus, 27:16, esse homem é designado por seu nome completo: 'Jesus Barabbas'.

Portanto, o indivíduo que foi libertado e não crucificado a pedido da multidão era, como o indiscutível registro do evangelho mostra, conhecido como "Jesus, o Filho de Deus". A primeira parte desse nome foi apagada do Evangelho de Mateus em uma data muito posterior, por aqueles que procuravam estabelecer fatos que confirmassem suas crenças gentílicas. Tal seletividade configura aquilo que eufemisticamente se chama "ser econômico com a verdade", mas é pouco mais que um truque para evitar perguntas difíceis que a Igreja não queria, ou melhor, não podia responder.

Estávamos certamente ficando quentes.

Os Evangelhos afirmam que esse outro "Jesus, Filho de Deus", foi acusado de ser um rebelde judeu que havia matado algumas pessoas durante uma pequena insurreição. Portanto, Barrabás não era um criminoso comum, mas sim um fanático judeu que enfrentava uma acusação semelhante à que estava sendo imposta a Jesus.

Quando a totalidade desses fatos é levada em conta, as circunstâncias que cercam o julgamento de Jesus se tornam muito mais complicadas. Dois homens com o mesmo nome e o mesmo título e mais ou menos o mesmo crime: como podemos ter certeza de qual dos dois foi libertado? Certamente muitas das antigas seitas cristãs acreditam que Jesus não morreu na cruz, pois um outro morreu em seu lugar. Os

muçulmanos nos dias de hoje têm Jesus em alta conta como um profeta que foi condenado à morte, mas cujo lugar foi tomado por outro. O simbolismo do Cristo Crucificado é absolutamente central para a crença oficial da Cristandade, e ainda assim muitos grupos, tanto contemporâneos do evento quanto modernos, afirmam que ele não morreu desta maneira. Poderiam estar certos?

A evidência que havíamos encontrado não vinha de nenhum evangelho gnóstico sem representatividade, mas sim do próprio Novo Testamento. Portanto, nossos inevitáveis críticos cristãos teriam muito trabalho para escondê-la debaixo do tapete. Não temos dúvida de que alguns não tomaram conhecimento dela, fingindo não tê-la lido, ou alegando que é algum tipo de engano que pode ser racionalizado simplesmente com o expediente de ser distorcido.

Estando livres dos dogmas da fé cega, podíamos aceitar que a lenda de Jesus, o Cristo, era uma amálgama de detalhes sobrenaturais recolhidos de outras religiões e cultos de mistérios. Já que havíamos apreendido esses fatos começamos a cogitar se até mesmo os detalhes mais gerais da história da vida de Jesus não seriam um combinado das histórias de dois homens - mais ou menos da mesma maneira, acredita-se hoje, que a história de Robin Hood foi urdida a partir de várias narrativas sobre uma série de nobres saxões que operavam fora das leis estabelecidas pelos dominadores normandos. .

Teriam as autoridades, ameaçadas pelo crescente nacionalismo da Judéia, caído sobre todos os encrenqueiros de uma vez só? Os judeus eram um espinho pequeno, mas permanente espinho na pata do Imperador Romano, e a expectativa geral da chegada de um novo messias que expulsaria os romanos estava excitando a população local além da conta. Os Sicários, Zelotes fanáticos e armados, andavam assassinando judeus que se mostravam amigos de Roma, e o povo em geral estava muito confiante na possibilidade de alcançar independência. Teria sido muito normal para as autoridades romanas resolver o problema antes que este lhes escapasse ao controle. Só podíamos especular sobre o que teria ocorrido para criar essa estranha situação que o Novo Testamento registrava.

O primeiro roteiro possível é o de que existirem dois messias competindo um com o outro, surgidos de dois grupos diferentes na Judéia, sendo extensa a documentação sobre muitos que reivindicavam o título de messias durante os séculos I e II. E se esses dois messias estivessem no auge de sua popularidade ao mesmo tempo? Teriam ambos sido chamados de Jesus por seus seguidores, porque o nome é a descrição que se faz do salvador do povo judeu - seu provedor de justiça e prosperidade futuras? No momento dessas prisões preventivas, uma dessas figuras pode ter sido conhecida como "Jesus, Rei dos Judeus", e a outra como "Jesus, Filho de Deus". Enquanto esses criminosos eram expostos ao público, Pôncio Pilatos percebeu que a situação podia se tornar explosiva, e temendo um banho de sangue do qual podia tornar-se vítima, ofereceu-se para libertar um desses prisioneiros. A multidão é que teria que escolher entre seu messias real ou seu messias sacerdotal e a multidão escolheu esse último.

Chamamos essa teoria sobre o Messias de Teoria do Gato de Schrödinger (a partir do famoso experimento lógico que mostra que dois resultados mutuamente exclusivos podem coexistir no estranho mundo da mecânica quântica) porque é impossível dizer se o verdadeiro Jesus da fé cristã foi crucificado ou libertado. As histórias desses dois homens estão atualmente tão imbricadas uma na outra que tanto as seitas cristãs que alegam que ele nunca foi crucificado quanto a crença oficial da Igreja de Roma de que ele morreu na cruz estão corretas.

Um outro roteiro possível é baseado no conhecimento de que havia uma exigência tradicional para que houvesse dois messias, que trabalhariam juntos e articulados para a vitória de Yahweh e de Seu povo escolhido. Um messias real da tribo de Judá, a linha real davídica, seria unido a um messias sacerdotal da tribo de Levi. Isso era o que se esperava, porque todos os sacerdotes tinham que ser levitas, ou seja, membros da tribo de Levi. Essa teoria implica em que, no momento do julgamento, ambos os messias foram presos e acusados de fomentar a insurreição civil.

O Jesus da linha real de Judá foi preso e morreu na cruz, enquanto que o Jesus da linha sacerdotal de Levi foi libertado.

Quem era quem? O Jesus que nasceu de Maria se declarava messias por vir da linha real de David, havendo supostamente nascido na cidade de David, Belém. No entanto, como se pode ler nos versículo iniciais do Novo Testamento, essa descendência, uma longa linha de "fulano gerou sicrano", se baseia na genealogia do marido de Maria, José, que não era, de acordo com a crença cristã, o pai de Jesus. Uma cruel torção da fria lógica - se ele era o Filho de Deus, não poderia ser o messias real!

O Jesus nascido de Maria não podia, tecnicamente, ser o messias real, mas podia sem dúvida ser o messias sacerdotal: sua mãe era parente de João, o Batista, que era um levita: então Jesus deveria ter

sangue levita. Se esse Jesus tivesse seguido essa linha de raciocínio, estaria claro que não foi ele quem morreu na cruz.

Nessa situação de "Jesus duplo" havíamos encontrado uma falha óbvia na história cristã do messias, mas além de discutir esses dois roteiros como soluções possíveis, não nos foi possível avançar mais. Foi apenas quando deciframos um complicado enigma maçônico que a solução real nos foi revelada: e isso é o que mostraremos em outra parte deste livro.

Os Principais Grupos de Jerusalém.

Os três grupos principais entre a população da Judéia no século I eram os saduceus, os fariseus e os essênios. Os dois primeiros são definidos, em notas ao pé de página da Bíblia Douai, da seguinte maneira:

Fariseus e Saduceus: essas eram duas seitas entre os judeus, das quais a última era composta em sua maior parte de notórios hipócritas, e a primeira por um tipo de livres-pensadores em assuntos religiosos.

Para uma informação tão pequena o grau de imprecisão é admirável. Os saduceus eram, por direito estabelecido, a burocracia sacerdotal e aristocrática de Jerusalém. Eram muito conservadores em suas idéias religiosas, não crendo em nenhuma espécie de existência após-túmulo e sem dúvida consideravam as complexas idéias e ações dos fariseus como sendo obra de tolos supersticiosos. Sob muitos aspectos eles controlavam o país, mais de acordo com as exigências dos romanos que com as dos judeus: eles eram o que hoje em dia chamamos de Quinta-Coluna. Apoiavam a liberdade do indivíduo para moldar seu próprio destino e, divergindo dos fariseus, acreditavam que a História seguia seu próprio curso em vez de ser parte de algum plano divino. Eram ricos e de alto nível social, mas rudes, ásperos e extremamente rígidos com qualquer um que infringisse a lei ou interferisse com sua administração, Não eram homens nem de idéias nem de ideais, mas mantinham o país funcionando, enquanto perseguiam o *status-quo* que lhes trouxesse mais vantagens. Falando sinceramente, não eram muito diferentes da classe dominante de nenhum país antes e depois deles, mas considerá-los "livres-pensadores em assuntos religiosos" é o mais longe da verdade que se pode chegar.

Os fariseus, por outro lado, não eram estritamente sacerdotes, mas eram devotados à Lei e tentavam constantemente aplicá-la a todas as instâncias da vida. Para apoiá-los nessa busca do cumprimento da Lei haviam desenvolvido uma tradição de interpretação pela qual todas as ações eram minuciosamente regulamentadas. Estabeleceram os altos padrões que se tornaram os marcos do Judaísmo ortodoxo moderno, e tanto quem partilha de suas crenças como quem não partilha delas os considera como tendo o pensamento impressionantemente limitado. Tradicionalmente, todo o culto a Yahweh havia sido restrito a ocorrer em Sua Divina Presença no Templo de Jerusalém sob o controle do Sumo Sacerdote, mas os fariseus criaram a oportunidade para a eventual evolução dos conceitos de rabino e sinagoga, como uma base para que judeus em todas as partes do mundo pudessem ter acesso a Deus.

Atualmente os temores e esperanças dos fariseus sobrevivem sob a forma do Judaísmo ortodoxo. Em todo o mundo os judeus ortodoxos não executam nenhum trabalho no Shabbath, não dirigem automóveis, não usam transportes públicos, não empurram carrinhos de bebê, não cosem nem cerzem, não assistem à televisão, não cozinham nem espremem esponjas, nem mesmo apertam uma campainha ou usam um elevador. Recentemente o gerente judeu de um hotel *kosher no* balneário de Bornemouth foi despedido por ter ligado o interruptor que acionou o sistema de aquecimento central em uma manhã de sábado. O fato de que seus hóspedes corriam o risco de morrer de hipotermia não foi desculpa suficiente para esse terrível abuso da Lei, que nasce do fato da Torah, o Livro da Lei judaica, proibir o "acendimento de fogos" no Shabbath.

Os essênios permaneceram sendo um grupo menos compreendido até 1947, quando os Manuscritos do Mar Morto foram descobertos em Qumran, trinta e dois quilômetros a leste de Jerusalém. Esses Manuscritos informam muito sobre esses homens estranhos que viveram nesse vale seco de pedra desde a metade do século II a.C. até o ano 68 d.C. Há evidências de que suas cavernas foram subseqüentemente ocupadas por um número menor de pessoas até o ano 136 d.C. (que é o ano do levante final dos judeus liderados por um outro Jesus), mas não é certo se esses moradores eram ou não essênios.

A medida das estritas e amplas criações da mente essênia fazem os fariseus parecerem hedonistas despreocupados. Apesar de hoje em dia já se aceitar que os essênios e a Igreja primeva tinham muitas

características em comum, a Igreja de Roma sempre negou qualquer ligação entre os dois grupos. Um dos detalhes mais óbvios é a expectativa de ambos por um apocalipse vindouro. Os dois grupos esperavam que o mundo acabasse abruptamente e muito breve.

O fator que mais diferencia os essênios dos saduceus e fariseus é que para tornar-se um essênio teria que haver escolha individual e adulta, não um simples detalhe de nascimento. Os essênios de Qumran se consideravam os únicos possuidores do verdadeiro ensino religioso de Israel, e acreditavam que através de seu fundador sacerdotal, conhecido nos Manuscritos como "O Mestre da Retidão", haviam estabelecido uma "nova aliança", a forma final e mais perfeita de pacto entre o povo de Israel e seu Deus. Essa conquista era exclusivamente reservada aos membros da comunidade essênia, graças ao seu inabalável respeito por todos os 613 mandamentos da lei, e a crença total em sua profunda falta de valor. Como os fariseus, eles também haviam desenvolvido a idéia de deuses menores, conhecidos como anjos.

Não existe dúvida de que os autores dos Manuscritos do Mar Morto, que agora chamamos de Comunidade de Qumran, eram essênios: mas ainda estava por tornar-se claro para nós que eram todos Nazoreanos da Igreja de Jerusalém original. A evidência de que esses dois grupos eram essencialmente o mesmo grupo é imensa e o argumento da Igreja de Roma de que eram grupos distintos parece ser apenas uma tentativa de proteger a "singularidade" de Jesus, quando os Manuscritos contam uma história semelhante sem referir-se a ele. Se a Igreja de hoje tivesse que assumir os Qumranianos como a Igreja de Jerusalém, teriam antes de tudo que explicar o porquê de sua divindade principal não ser o líder de sua comunidade.

Os Manuscritos do Mar Morto descrevem um grupo com idêntica visão de mundo, a mesma terminologia peculiar e precisamente as mesmas crenças escatológicas da Igreja de Jerusalém. Já foi provado por peritos, como o professor Robert Eisenman, que o líder da Comunidade de Qumran na quarta e quinta décadas do século I d.C. era Tiago, o Justo, o irmão de Jesus, que a Igreja aceita como sendo o primeiro Bispo de Jerusalém. (Isso foi subseqüentemente confirmado em uma conversa particular com o professor Philip Davies).

Como Tiago dividia seu tempo entre os dois grupos? Usava o sistema de dias alternados ou talvez passasse as manhãs com um grupo e as tardes com outro? Dificilmente. A resposta irrecusável é que os dois grupos são um só. Nas últimas três décadas de sua existência, a Comunidade de Qumran era a Igreja de Jerusalém.

Em espírito os essênios eram judeus ultraconservadores, mas em algumas questões eles eram progressistas e criativos além da conta. O vocabulário Qumraniano está presente na literatura cristã e mal-entendidos sobre seu significado Original têm servido de apoio aos que pretendem preservar o Deus dos gentios através dos valores judaicos. O novo vocabulário dos Qurnranianos começou a penetrar na cultura teológica judaica no século I a.C. e se desenvolveu no século seguinte, quando a Literatura Targímica se tornou corriqueira. Essa literatura era a tradução da Bíblia Hebraica para o aramaico, a língua dos judeus no tempo de Jesus Cristo. Como os cultos eram feitos no pouco compreendido hebraico, eram simultânea e livremente traduzidos para o aramaico, como forma de beneficiar o geral dos participantes. Os tradutores usavam termos e frases que só eram compreendidas à luz circunstancial do momento, donde frases Qumrânicas do ritual cristão tais como "venha a nós o Vosso Reino", "o Reino do Senhor", "o Reino de Deus" e "o Reino da Casa de David" todas se referiam ao mesmo objetivo político. George Wesley Buchanan comenta:

Quando se afirma que Jesus disse "meu Reino não é deste mundo" (João 18:36) isso não significa que esse Reino estivesse nos céus. N o Evangelho de João todas as pessoas são divididas em dois grupos: (1) os desse mundo e (2) os que não são desse mundo. Os que não são desse mundo incluíam Jesus e todos os seus seguidores que nele acreditavam. Viviam na terra. Não estavam no céu, mas não eram gentios. Pertenciam "à igreja" em contraste com "o mundo". O "mundo" incluía todos os gentios e todos aqueles se recusavam a acreditar em Jesus'.

Podemos perceber que os termos usados na época eram claras afirmações políticas. Quem seguia o movimento independente estava "no Reino de Deus" e quem não seguia estava relegado ao "mundo". Em Lucas 17:20-21, um fariseu perguntou a Jesus para quando seria este Reino de Deus, recebendo a seguinte resposta:

A vinda do Reino de Deus não é observável. Não se poderá dizer "Êi-lo aqui ou ali!" Pois eis que o Reino de Deus está entre vós.

Os termos "Reino de Deus" e "Reino dos Céus" tinham um significado muito simples e claro para seus usuários originais, mas quando foram adotados pelos gentios cristãos, os novos proprietários se puseram a urdir um agradável paraíso onde as pessoas boas, depois que suas vidas tivessem terminado, provavelmente se reuniriam com seus entes amados em uma espécie de êxtase atemporal. Isso está muito longe de qualquer coisa que Jesus (isto é, o "portador da vitória") tenha ensinado a partir do século I. A palavra aramaica que foi traduzida para o grego com o significado de "reino" foi mal-compreendida nesse contexto, porque também significa "governo" ou "regra", e quando se analisa a imagem ampla do termo se percebe que significa "a terra de Israel sendo governada de acordo com a Lei de Moisés". Com efeito, quando Jesus e seus contemporâneos se referiam à "vinda do Reino dos Céus", queriam dizer apenas "o momento muito próximo em que chutaremos os dominadores estrangeiros e seus líderes para fora da Judéia, e começaremos a viver em estrita observância às rígidas regras judaicas". Os mais religiosos entre eles acreditavam que seus problemas eram simplesmente seu abandono por Yahweh em virtude de seus profundos pecados, gerados por não obedecerem à Lei de Moisés com toda a rigidez. O remédio para todos os problemas que os infestavam eram a pureza e a retidão: tinham que obedecer cegamente a cada letra da Lei de Deus.

A Firme Evidência dos Manuscritos do Mar Morto

Como já mostramos, as ligações entre os termos usados no Novo Testamento e os Manuscritos do Mar Morto são óbvias, mas desde o início a Igreja Católica tentou desqualificá-las. A interpretação dos Manuscritos foi liderada por um grupo de católicos que inclui o padre De Vaux, o padre Milik, o padre Skehan, o padre Puech e o padre Benoit. Outras figuras independentes também envolvidas reclamaram desde o início não estar tendo acesso total a muitos dos manuscritos, e tanto John Allegro quanto Edmund Wilson declararam que sentiam ser política intencional distanciar a Comunidade de Qumran dos primeiros cristãos, apesar das fortes evidências de identidade.

O padre De Vaux insiste peremptoriamente que a Comunidade de Qumran era completamente diferente da dos primeiros cristãos: também observou que o fato de João, o Batista, ser tão próximo aos ensinamentos da Comunidade de Qumran não permite que o consideremos como cristão, mas simplesmente como um precursor do cristianismo. Como é claríssimo no Novo Testamento que João, o Batista, foi essencial para o ministério de Jesus, essa conexão é difícil de desmontar. De Vaux também ignorou o fato de que ambos os grupos aplicavam o batismo, ambos usavam as posses pessoais como se fossem comunitárias, ambos tinham um conselho de doze personalidades líderes e ambos estavam preocupados com figuras messiânicas e a iminente chegada do "Reino de Deus". A 16 de Setembro de 1956,John Allegro escreveu a seguinte mensagem para o padre De Vaux:

. .. você não é capaz de olhar o Cristianismo sob uma luz objetiva. .. você fala alegremente sobre o que era o pensamento dos cristãos originais de Jerusalém, e ninguém adivinharia que a sua única evidência real- se é que pode ser chamada assim - é o Novo Testamento.

O padre De Vaux e sua equipe não puderam olhar esses novos manuscritos sob outra ótica que não fosse a de sua crença existente, e consciente ou inconscientemente torcem os fatos para tentar provar que a Comunidade de Qumran e os Nazoreanos/ Igreja de Jerusalém não têm nenhuma relação.

Essa pretensão caiu por terra.

A nós parece indiscutível que o homem que foi Jesus Cristo efetivamente foi uma figura de proa entre os Qumranianos durante os anos cruciais da terceira e quarta décadas do século 1. A Comunidade era pequena nesta época, não tendo possivelmente mais que duzentas pessoas, e talvez houvesse pouco mais que quatro mil essênios ao todo. Eram um grupamento de pessoas com identidade de pensamento, que enxergavam a solução imediata de seus problemas através da santidade e, apesar de não serem sacerdotes hereditários, de uma vida monástica. Essa vida envolvia uma sociedade extremamente hierarquizada, descendo de um Grão-Mestre até homens de pouca importância como os homens casados ou, pior ainda, as mulheres, especialmente as menstruadas. Mulheres nesse ponto de seu ciclo hormonal deviam afastar-se de qualquer contato com homens, inclusive o visual. A reprodução era uma necessidade

desafortunada da vida, mas aqueles que escolhiam entregar-se aos assuntos da carne passavam por um complicadíssimo processo de limpeza antes de poder retornar ao seio da comunidade.

Havia vários níveis de filiação, desde o amplo grupo externo até o *sanctum* interno. Iniciação aos altos escalões requeria votos de segredo que incluíam ameaças de horríveis punições se os segredos da irmandade fossem revelados ao mundo exterior. Isso nos parece prática maçônica, mas a diferença é que para os Qumranianos essas práticas não eram simbólicas: eles as tomavam literalmente.

Essas pessoas de Qumran nos interessavam muito. Usavam mantos brancos, tomavam votos de pobreza, juravam segredo sob ameaças de terríveis punições e alegavam possuir conhecimentos secretos. Estava sendo pintado à nossa frente o quadro de um grupo judeu revolucionário que bem pode ter incluído Jesus, e que foi básico na revolta judaica, que eventualmente levou à destruição de Jerusalém e de seu Templo mais uma vez.

****

Havíamos comprovado, além de qualquer dúvida razoável, que os Templários escavaram sob as ruínas do Templo de Herodes, e o que quer que tenham encontrado por lá deve ter sido escondido entre os primeiros anos do século I, quando ainda estava nos primeiros estágios de construção, e o ano 70 d.C., quando foi destruído. Isso nos deixava um período de não mais que setenta anos durante os quais o material podia ter sido ocultado. O Manuscrito de Cobre - assim chamado por ter sido escrito em folhas de cobre - encontrado em Qumran, conta como a Comunidade ocultou seus tesouros e escritos sob o Templo um pouco antes de 70 a.C., portanto, não há necessidade de especular sobre quais Manuscritos os Templários encontraram. E, se estivéssemos corretos, e a Comunidade de Qumran e a Igreja de Jerusalém fossem uma e a mesma coisa, os Templários evidentemente estariam entrado na posse dos mais puros documentos "cristãos" existentes - muito mais importantes que os Manuscritos Sinópticos!

De longe a mais importante ligação entre os essênios de Qumran e os Cavaleiros Templários e a Maçonaria é o fato de que todas as três vertentes põem seu foco na reconstrução mística e física do Templo do Rei Salomão. Isso dificilmente seria uma coincidência e não poderia ser um desses casos de associação fraudulenta no que concerne à Maçonaria, porque a Grande Loja da Inglaterra e seus ensinamentos sobre a construção de um Templo espiritual antecedem a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto em pelo menos 200 anos.

Ao observarmos o Cristianismo gnóstico percebemos que existe uma estreita ligação entre ele, o Novo Testamento e a Maçonaria na medida em que todos fazem referência às "pedras angulares". Descobrimos as mesmas referências nos textos Qumrânicos, Eisenman e Wise ressaltam este ponto, entre outras observações, sobre elos da Maçonaria e dos Manuscritos:

Leitores familiarizados com o Novo Testamento reconhecerão que 'Comunidade' e 'Templo' são alusões basicamente paralelas, pois da mesma forma que Jesus é representado como 'o Templo' nos Evangelhos e em Paulo, a regra da Comunidade, o uso dessas imagens paralelas de um Templo espiritualizado em vii 5-6 e em ix 6 mostram o Conselho da Comunidade de Qumran como 'o Santo dos Santos para Aarão e um Templo para Israel'. Essa imagens, como veremos, estão espalhadas por Qumran, incluindo alusões a 'reconciliação', 'agradável fragrância', 'Pedra Angular' e 'Fundação' que as acompanham.

O uso da palavra "Fundação" também nos despertou a atenção.

A Família de Jesus

Um elemento significativo, que a Igreja de Roma sempre reluta em discutir, é a evidência de que Jesus tinha irmãos, e provavelmente também irmãs. Referência aos irmãos de Jesus são encontradas em uma vasta gama de documentos dos séculos I e II, aí incluído o próprio Novo Testamento. Ter irmãos era muito normal, mas quando se supõe que você seja o Filho de Deus, uma dúvida surge - quem é o pai dos outros? Afortunadamente a evidência mostra que Jesus era o mais velho, portanto, seu nascimento de uma virgem não está instantaneamente rejeitado. Essa série de irmãos já foi reconhecida como verdadeira, e três teorias principais foram urdidas para explicar essa situação.

Os debates iniciais do Cristianismo sempre trazem o nome de seu teólogo principal. Na visão de Helvídio, se aceita que Jesus efetivamente tinha irmãos: os argumentos de Epifânio tentam impor a idéia de que eram filhos de José, mas de um casamento anterior, e a desesperada explicação preparada por Jerônimo estabelece que o termo "irmão" na realidade quer dizer "primo". Apesar da Bíblia se referir claramente aos irmãos do Cristo em muitas ocasiões, a Bíblia Católica Romana Douai indica claramente sua preferência por essa opção nas notas explicativas:

Helvídio e outros hereges impiamente inferiram que a Abençoada Virgem Maria teve outros filhos além do Cristo.

E isso contradiz Mateus, que em 13, 55-56, diz:

Não é este o filho do carpinteiro? E sua mãe não se chama Maria, e não são seus irmãos Tiago, José, Simeão e Judas? E suas irmãs, não estão todas entre nós?

A resposta dos editores da Bíblia Douai é muito criativa, ainda que pouco convincente para o leitor mais crítico que nela pode ler:

Essas eram as crianças de Maria... a irmã de Nossa Abençoada Senhora, e, portanto, de acordo com o estilo usual das escrituras, eram chamados de irmãos, ou seja, parentes próximos de Nosso Senhor.

Se houvesse uma gota de verdade nessa estranha explicação, qualquer um notaria não ter havido muita criatividade por parte dos avós maternos de Jesus, já que, tendo duas filhas, deram a ambas o nome de Maria. Mesmo assim, agora já é universalmente aceito que Jesus teve irmãos e irmãs. Seu irmão mais novo, Ya'acov (Tiago em português) sobreviveu a Jesus por aproximadamente trinta anos e, como depois mostraremos, foi o responsável pela preservação de seus verdadeiros ensinamentos para que eles pudessem eventualmente triunfar no embate contra acontecimentos inacreditáveis.

O Nascimento de Uma Nova Religião

Agora sabemos que houve uma grande diferença entre a Igreja de Jerusalém original e a organização posterior que assumiu suas vestes depois que foram literalmente apagados da face da terra durante a guerra com os romanos. Estudando os escritos daqueles que a Igreja de Roma chama de "os pais da Igreja primeva" e seus subseqüentes líderes, nós percebemos, chocados pela confusão, incompreensão e pensamentos imperfeitos que se perpetuaram através das eras. Mas também descobrimos honestidade surpreendente: o papa Leão X (o mesmo que intitulou o rei Henrique VIII "defensor da fé") deixou registrado que:

T*em-nos servido bem, esse mito do Cristo.*

Da queda de Jerusalém, no ano 70 d.C., a fé chamada Cristianismo começou a afastar-se de suas origens judaicas e logo todos os sinais do herói chamado Yeoshua foram se perdendo no meio de mitos e lendas. Velhas histórias pagãs foram reunidas para montar a história do homem que tentou ser o rei salvador de seu povo. Em Roma, a lenda de Rômulo e Remo foi recontada como sendo a de dois deuses menores, os grandes santos Pedro e Paulo. O deus Sol tinha seu aniversário comemorado a 25 de dezembro e essa data foi considerada adequada para ser também o aniversário de Jesus, para que dois grandes deuses pudessem ser festejados em um mesmo feriado. O *shabbath* foi transferido do sábado para o domingo, dia do deus-Sol e o símbolo do Sol encontrou seu lugar atrás das cabeças dos divinos e dos santos na forma da auréola.

Os cidadãos do Império Romano acharam a nova religião ao mesmo tempo familiar e confortável: se não estivessem indo tão bem nesta vida certamente conseguiriam uma coisa melhor na próxima. Como muitos no decorrer de toda a História eles tinham pouco uso para a lógica mais simples, preferindo se satisfazer com a emoção dessas novas idéias, pedindo auxílio a esse seu (agora único) Deus em tempos de necessidade e louvando com orações quando as coisas iam bem. O Cristianismo se tornou mais um culto de rituais que de idéias, e a teologia cedeu lugar ao controle político.

O Império Romano já era uma imensa força política, mas, a despeito de seu intimorato empenho para a manutenção do poder, não podia mantê-lo para sempre. Começou a se desmanchar como força

cultural mas percebeu que o controle das mentes dos indivíduos era muito mais efetivo que apenas controlar seus corpos. O Cristianismo forneceu a Roma o mecanismo para estabelecer poder político sem paralelo, baseado em massas sem sofisticação a quem se oferecia uma vida após a morte se aceitassem os argumentos da Igreja. Thomas Hobbes, filósofo e pensador político do século XVII, expressou claramente essa situação ao dizer:

O papado não é outra coisa que não o Fantasma do defunto Império Romano, usando sua coroa e sentado sobre sua sepultura.

Provavelmente o evento mais significativo na criação do que hoje conhecemos como "A Igreja" teve lugar na Turquia a 20 de maio de 325 d.C. Aí aconteceu o Concílio de Nicéia, o resultado da decisão do imperador Constantino para retomar de uma vez por todas o controle de seu império fragmentado. Nesse momento Constantino era muito impopular e o descontentamento era geral: mas a idéia que ele teve para resolver seus problemas foi um golpe de puro gênio. Ele era realista o bastante para compreender que Roma não era mais o poder que tinha sido, e já que não podia manter sua posição segura nem através da força nem através das recompensas financeiras, ele poderia tornar-se importante para seu povo se pudesse inserir-se nas crenças espirituais que pareciam estar dividindo a lealdade de seus súditos. Todo o império havia se tornado uma mixórdia de cultos, com alguns deles, como o Cristianismo, presentes em muitas e variadas formas. Durante muitas gerações praticamente todas as religiões ocidentais haviam encontrado seu caminho em direção a Roma, e haviam sido absorvidas e metamorfoseadas para satisfazer aos gostos locais. Tão forte havia sido o processo de romanização que poucos fundadores dos cultos originais reconheceriam sua própria fé após elas terem-se misturado umas às outras, influenciando-se mutuamente: uma verdadeira colcha de retalhos religiosa. Nesse período de mudanças, aqueles que se chamavam a si mesmos de cristãos disputavam entre si por causa de diferenças fundamentais em suas crenças.

A despeito de seu papel como legitimizador do Cristianismo, Constantino foi um seguidor do deus-solar Sol Invictus até o momento em que se encontrou em seu leito de morte, quando finalmente aceitou o batismo, para aproveitar-se da possibilidade de que os cristãos estivessem com a razão. Um sensível e barato seguro de vida após a morte.

Quando o imperador teve seu envolvimento inicial com os cristãos, o número era bastante insignificante: apenas um em cada dez cidadãos alegava ser seguidor dessa dissidência judaica. Ele foi o mediador de disputas entre diversas facções cristãs que se acusavam mutuamente de falsidade, e deve ter sentido que essa religião estava por emergir como uma força dominante.

Constantino merece o título que a História lhe conferiu - Constantino, o Grande. Ele urdiu seu plano e executou-o imaculadamente. Nesse momento havia dois imperadores. Constantino dominava o Ocidente e Licínio, o Oriente, e quando Constantino avisou a sua contra-parte imperial que os monoteístas não deviam mais ser perseguidos, Licínio prontamente concordou. Como essas perseguições já haviam praticamente cessado, Licínio deve ter ficado curioso sobre o motivo de Constantino subitamente estar tão interessado no bem-estar de cultos tão aceitos quanto o Cristianismo. Ele descobriu logo depois, quando Constantino o acusou de quebrar o acordo e mandou assassiná-lo, alegando proteção da liberdade religiosa de seus súditos. Constantino imediatamente tornou-se o Imperador Único, com o apoio total do cada vez mais barulhento e influente culto do Cristo. Esse foi, sem dúvida, um excelente jeito de manter a ordem e engendrar a coesão, e Constantino deve ter sentido que merecia desenvolver-se ainda mais. Havia, no entanto, dois obstáculos para essa estratégia: primeiro, ainda havia muitas outras religiões ativas em geral, e, em particular, no seio do exército: e em segundo lugar, os próprios cristãos se desentendiam tanto que estavam sempre à beira de se estilhaçar em dezenas de crenças diversas. A solução encontrada por Constantino foi no mínimo brilhante.

Apesar de ainda ser um devoto da religião do Sol Invictus, Constantino insistiu para que um primeiro Concílio internacional de cristãos estabelecesse, de uma vez por todas, uma única posição oficial que regulamentasse o culto cristão e seu profeta judeu Jesus Cristo. Mandou trazer líderes desse culto de todas as partes do mundo antigo, incluindo Espanha, França, Egito, Síria, Pérsia, Armênia e a própria Terra Santa. Sendo os cristãos sem comparação a mais barulhenta das seitas do império, esse Concílio reunido em Nicéia (agora Iznik) na Turquia, tornou-se de fato o parlamento do novo império unificado. O evento foi teatralmente organizado com extremo profissionalismo: Constantino sentava-se

ao centro, cercado pelos bispos, de modo que sua autoridade fosse a maior de todas em todas as discussões. O imperador na verdade ocupou o lugar do Cristo naquele momento, acoitado e cercado por seus discípulos e, como a lenda nos conta, o poder do Espírito Santo também esteve presente, agindo através do homem que seria o fundador dessa nova Igreja. O interesse de Constantino estava principalmente em duas coisas: o Deus dos cristãos, que ele via como uma manifestação de seu deus-solar já existente, e a figura de Jesus Cristo, que ele via como um messias judeu, da mesma forma que ele, Constantino, era o messias do império. Ele considerava Jesus como sendo uma figura tão guerreira e sagrada quanto ele, havendo ambos lutado para estabelecer a Lei de Deus: mas onde o rei judeu tinha falhado, ele tinha vencido.

Desde o tempo de Constantino, os cristãos o têm visto como o grande líder da Fé, que derrotou os hereges. Logo começou a ser contada a história de sua conversão ao Cristianismo quando, durante a batalha da Ponte Mílvia, o imperador seguiu as instruções recebidas em um sonho profético e pintou o símbolo do Deus Verdadeiro nos escudos de seu exército. A partir do posterior envolvimento de Constantino com os cristãos assumiu-se que esta imagem tivesse sido a das letras gregas sagradas "chi" e "rho", as primeiras letras da palavra grega "Christós". No entanto, como Constantino nunca se fez cristão em vida, a imagem nesses escudos deve certamente ter sido o brilhante sol do "Verdadeiro Deus", Sol Invictus. Não existe nenhum registro dessa época descrevendo este símbolo, mas como o imperador havia sido recém-aceito como membro do culto do Sol Invictus, é bastante improvável que ele tenha usado qualquer outra imagem.

O resultado desse Concílio foi o "Credo Niceano", que buscava reconciliar as diferenças entre as várias facções cristãs, evitando os abismos doutrinais que pareciam estar partindo a Igreja Ocidental em vários pedaços. As regras que aí surgiram ainda são a base de muitas decisões da Igreja de hoje, cobrindo detalhadamente pontos como quando as congregações deveriam ficar de pé e quando deveriam sentar durante os serviços. O ponto central, no entanto, era a seguinte discussão: Jesus era homem ou deus e, se fosse deus, qual seria a verdadeira natureza de sua divindade?

Os membros do Concílio tinham diante de si uma tarefa hercúlea, que deve ter dado um nó em seus cérebros teológicos. Achar uma solução era dolorosamente difícil: se havia um só Deus, como Jesus podia ser deus sem ser esse Deus? E se tivesse sido concebido em Maria, então devia ter havido um tempo em que esse Deus não havia ainda nascido, .portanto, deveria haver uma deidade mais velha que ele, mas que dele não era totalmente separada. Isso foi racionalizado pela mente gentílica de Constantino com a explicação da relação entre "Deus Pai" e "Deus Filho". Essa nos parece uma conclusão muito pobre porque nenhuma pessoa consegue acreditar que ele e seu pai são manifestações diversas de uma mesma entidade: se assim fosse, haveria apenas um ser humano, já que todos descendemos de uma mesma linhagem genealógica de pais e filhos. A conclusão inescapável é a de que o Cristianismo não é uma religião monoteísta coisíssima nenhuma, e que apenas se ilude sobre esse ponto mantendo os pensamentos extremamente confusos.

Os participantes do Concílio de Nicéia também se fizeram a difícil pergunta: "Havendo um Deus Pai antes de criar o mundo o que será que ele estava fazendo enquanto não o criou?" A resposta emergiu um século mais tarde através de Santo Agostinho de Hipona, que declarou que "Deus passou esse tempo construindo um inferno especial para os que fazem perguntas como essa!".

Arius, um padre de Alexandria, era o líder do *lobby* a favor do Jesus Homem e não Deus. Ele havia ponderado que Jesus Cristo não poderia ser Deus porque era um homem. Deus era Deus, e era blasfêmia pensar que Jesus fosse divino por sua própria natureza: ele só podia tornar-se divino através de suas ações. Arius era um teólogo extremamente inteligente, e arrebanhou uma impressionante quantidade de argumentos evangélicos para comprovar sua tese de que Cristo fora um homem, exatamente igual aos membros do Concílio. A ele se opunha um outro alexandrino chamado Atanásio, que insistia serem o Pai e o Filho (paradoxalmente) uma só e a mesma substância. A opinião sobre a divindade de Jesus dividiu o Concílio, e teve que ser votada. Arius perdeu, e a pena que paga até hoje é ter-se tornado sinônimo do mal sob a designação "a Heresia de Arius".

Heresia já era uma acusação muito imprecisa que um grupo de cristãos atirava contra os outros, mas após Constantino ter tomado o controle, seu significado tornou-se transparente como cristal. Em essência, a verdade se tornou aquilo que o imperador dizia que ela era, e todo o resto era heresia, o trabalho do diabo. Muitos evangelhos foram postos fora da lei, e a aplicação sobre eles do termo "gnóstico" efetivamente os removeu do agora estreitamente definido credo do Cristianismo.

Curiosamente, um dos documentos mais importantes que *não* foi gerado no Concílio de Nicéia foi a "Dotação de Constantino". Essa foi uma descoberta do século XVIII que alegava ser instrução expressa de Constantino que a Igreja de Roma tivesse autoridade absoluta sobre assuntos seculares porque São Pedro, o sucessor de Jesus como líder da Igreja, havia transferido essa autoridade ao Bispo de Roma. Hoje em dia se tem essa instrução como sendo uma farsa bem mal-feitinha, mas a despeito disso a Igreja Católica Apostólica Romana ainda se sustenta sobre os pretensos direitos que esse documento falso lhe confere. Nesse ponto devemos mencionar também que a alegação de que São Pedro deu as chaves do Céu ao papa é outra mentira intencional, inventada apenas para sustentar as alegações da Igreja de Roma. Fica claro para quem lê os *Atos dos Apóstolos* e as *Cartas de Paulo* que Tiago, o irmão mais novo de Jesus, foi quem assumiu o papel de líder da Igreja de Jerusalém. Também é interessante notar que os primeiros dez bispos da Igreja de Jerusalém foram todos, de acordo com o "Pai da Igreja" Eusébio, judeus circuncidados que respeitavam as leis dietárias, usavam a liturgia judaica para suas preces diárias e respeitavam o *shabbath* e as festas judaicas, inclusive o Dia do Perdão. Essa última parte demonstra claramente que eles não consideravam a morte de Jesus como perdão para todos os seus pecados.

Constantino, mais do que todos, fez um esplêndido trabalho no seqüestro da teologia judaica. Apesar de ter sido efetivamente o arquiteto dessa Igreja, ele nunca se tornou cristão - mas sua mãe, a imperatriz Helena, certamente o fez. Helena desejou que todos os lugares santos fossem devidamente identificados e marcados por meio de igrejas ou outros altares, e para isso enviou times de investigadores que tinham instruções de não retornar até que houvessem descoberto cada local e artefato santificado possível, desde a Sarça Ardente até a própria Cruz de Cristo.

O Sepulcro de Cristo foi rapidamente encontrado debaixo do Templo de Júpiter em Jerusalém, e um pouco além foi detectado o lugar da crucificação. O lugar exato em que Maria Madalena esteve quando ouviu as boas novas sobre a ressurreição foi localizado e marcado com uma estrela - tudo isso trezentos anos após os eventos terem ocorrido, e duzentos e cinqüenta anos após a destruição da cidade pelos romanos. Por uma milagrosa coincidência foi a própria Helena quem tropeçou na Verdadeira Cruz, completa com a placa de Pôncio Pilatos que denominava Jesus, o "Rei dos Judeus". Talvez seus servos estivessem um pouco ansiosos demais para agradá-la.

A imperatriz fundou igrejas no Monte das Oliveiras, marcando o ponto de onde Cristo ascendera aos céus, e no lugar de seu suposto nascimento em Belém. Só podemos acreditar que Helena encontrava exatamente o que queria encontrar; um desses lugares identificados era o lugar exato no Monte Horeb onde Deus falou a Moisés por meio da Sarça Ardente, e onde hoje se localiza o Monastério de Santa Catarina.

Tão logo a família imperial percebeu o valor pratico do Cristianismo, certamente se atirou de cabeça à celebração publica das lendas de seu novo culto.

A Verdade entre as Heresias

A Igreja Romana inicial tomou a si a tarefa de destruir tudo aquilo que não fosse ao encontro de seu dogma absoluto. A verdade não tinha nenhuma importância: o que a Igreja queria que fosse verdade se tomava verdade, e tudo que contradissesse isso era removido. Até muito recentemente pouco ou nada se sabia sobre Jesus Cristo além da mesquinha informação dada no Novo Testamento. É estranho como um homem que é a base da principal religião do mundo ocidental tenha deixado tão poucos traços. Quase sempre é possível provar a existência de uma figura histórica a partir das coisas negativas ditas sobre ela por seus inimigos, mas Jesus aparentemente não é mencionado em fontes como, por exemplo, os escritos de Josephus, o historiador judeu do século I - só o é no texto de um certo Josephus Slavonico, ao qual retornaremos mais tarde nesse mesmo livro. A quase total ausência de referências a Jesus se deve às tesouras dos censores, mas afortunadamente não foram felizes de todo, como o texto de Josephus Slavonico, escondido durante muito tempo, pode demonstrar.

A Igreja Romanizada destruiu toda e qualquer evidência que mostrasse seu salvador como mortal em vez de mostrá-lo como deus. Em um dos maiores atos de vandalismo de todos os tempos os cristãos atearam fogo à Biblioteca de Alexandria no Egito, reduzindo-a a cinzas, simplesmente por conter muita informação sobre a verdadeira Igreja de Jerusalém. Assim fazendo destruíram a maior coleção de textos antigos que o mundo já havia visto. Por sorte sua tarefa era praticamente impossível, já que lhe seria impossível remover todos os traços de evidência, como as revelações dos Evangelhos Gnósticos e os

admiráveis Manuscritos do Mar Morto. Além disso, os escritos dos pais fundadores da Igreja oficial, sem o perceber, trouxeram à luz muitas pessoas e pensamentos que pretendiam destruir. E mais: os trabalhos dos primeiros pensadores cristãos por vezes escapavam aos censores porque eram considerados inócuos, mas ainda assim suas palavras nos podem revelar muito.

Um desses pedaços de informação veio da pena de Clemente de Alexandria, um proeminente pensador cristão do século II. Era considerado bastante gnóstico de maneira geral, mas seu trabalho não foi todo destruído por ser julgado aceitável. Uma carta que ele escreveu a um homem de nome Teodoro sobreviveu, e nela se lê o seguinte:

Você fez bem em silenciar os indizíveis ensinamentos dos Carpocracianos. Pois estes são as 'estrelas vagabundas' a que a profecia se refere, que vagam do estreito caminho dos mandamentos até o abismo sem limites dos pecados corpóreos e carnais. Por se imiscuírem no conhecimento, como eles mesmos dizem, 'das profundezas de Satã', não percebem que estão se atirando no 'escuro mundo da escuridão' da falsidade, e vangloriando de ser livres, tomaram-se escravos dos desejos servis. A tais (pessoas) devemos nos opor de todas as maneiras e inteiramente. Pois, mesmo se disserem alguma coisa que seja verdadeira, aquele que ama a verdade não deve, mesmo assim, concordar com eles. Pois nem todas as verdades são verdades, nem deve aquela verdade que meramente parece ser verdadeira tomar o lugar da verdade verdadeira, aquela que está de acordo com a fé.

Uma das coisas que se dizem sobre o divinamente inspirado Evangelho de Marcos, é que algumas partes são falsificações, e que outras, mesmo contendo algumas partes verdadeiras, se misturam com invenções, mesmo assim são consideradas verdadeiras. Pois a verdade, sendo misturada com as invenções, torna-se falsificada, de modo que, como se diz, até o sal perde seu sabor. É que Marcos, durante a estadia de Pedro em Roma, escreveu um relato dos feitos do Senhor, mas não declarando tudo, e nem mesmo indicando o que é secreto, mas sim selecionando aquelas que considerou mais úteis para ampliar a fé daqueles que estivessem sendo instruídos.

Mas quando Pedro morreu como mártir, Marcos veio até Alexandria, trazendo consigo tanto suas próprias anotações quanto as do próprio Pedra, das quais ele transferiu para seu antigo livro as coisas adequadas para quem quer que faça progressos na direção do conhecimento [gnosis}. Assim ele compôs um Evangelho mais espiritual para uso daqueles que estivessem sendo aperfeiçoados. Mesmo assim, ele nem divulgou as coisas que não devem ser ditas, nem escreveu os ensinamento hierofânticos do Senhor, mas às histórias já escritas ele adicionou ainda outras e, mais do que isso, trouxe a elas certos ditos que ele sabia, como mistagogo, levariam os seus ouvintes ao santuário mais interno daquela verdade oculta pelos sete. Assim, em suma, ele pré-organizou os assuntos, nem com rancor nem sem cuidado em minha opinião e, morrendo, deixou sua obra para a Igreja de Alexandria, onde ela está cuidadosamente guardada até hoje, sendo lida apenas por aqueles que são iniciados nos grandes mistérios.

Mas como os sujos demônios estão sempre buscando a destruição para a raça dos homens, os Carpocracianos, instruído por eles e usando artes do disfarce, escravizaram um certo presbítero da Igreja de Alexandria e dele conseguiram uma cópia do Evangelho secreto, que não só interpretaram segundo sua doutrina blasfema e carnal, mas também poluíram, misturando com as claras e santas palavras as mais torpes mentiras. É dessa mistura que nascem os ensinamentos dos Carpocracianos.

A eles, portanto, como já disse antes, não se deve dar nenhum espaço e nem, quando puserem às claras as suas falsificações, confirmar que o Evangelho Secreto é de Marcos, mas negá-lo até sob juramento. Pois, 'nem todas as coisas verdadeiras devem ser ditas a todos os homens'. Por esse motivo a Sabedoria Divina, através de Salomão, aconselha: 'Responda ao tolo com sua própria tolice', ensinando que a Luz da Verdade deve ser escondida daqueles que são mentalmente leigos. Ele também diz: 'Que seja tirado daquele que nada tem' e 'Que o tolo permaneça na escuridão'. Mas nós somos 'Filhos da Luz', tendo sido iluminados pela 'aurora' do Espírito do Senhor 'que vive no alto' e, 'aí onde estiver o Espírito do Senhor', lá se diz, 'ai está a liberdade', pois 'todas as coisas são puras para o puro'.

Para ti, portanto, não hesitarei em responder as perguntas que me fizeste, refutando as falsificações com as próprias palavras do Evangelho. Por exemplo, após 'E eles estavam na estrada indo para Jerusalém' e daí em diante até 'após três dias ele se erguerá', o Evangelho Secreto traz a seguinte matéria, palavra por palavra: 'E eles chegaram a Betânia, e urna certa mulher, cujo irmão havia morrido, lá estava. E chegando a eles, ela se prostrou diante de Jesus e lhe disse: 'Filho de David, tende piedade de mim'. Mas os discípulos a afastaram, e Jesus, tendo ficado irado, foi com ela para um jardim

onde a sepultura se encontrava e imediatamente um grito foi ouvido de dentro da sepultura. Chegando perto, Jesus rolou a pedra para longe da porta da sepultura e, indo diretamente para onde o jovem estava, estendeu sua mão e o segurou, puxando-o pela mão. Mas o jovem, olhando para ele, amou-o e rogou para que pudesse estar com ele. E saindo da sepultura eles se dirigiram à casa do jovem, pois ele era rico. E após seis dias, Jesus lhe disse o que fazer e à noite o jovem veio até Jesus usando uma túnica de linho sobre seu corpo nu. E passou esta noite com Jesus, que lhe ensinou o mistério do Reino de Deus. E assim, erguendo, ele passou para o outro lado do Jordão.

A estas palavras segue-se o texto: "... e Tiago e João vieram a ele" e toda a seção seguinte. Mas o texto 'homem nu com homem nu' e outras coisas sobre as quais tu escreveste não foram encontradas.

E após as palavras 'E ele veio até Jericó', o Evangelho Secreto só adiciona 'E a irmã do jovem a quem Jesus amou e sua mãe e Salomé lá estavam, e Jesus não as recebeu'. Mas todas as coisas sobre as quais tu escreveste parecem ser e são falsificações.

Agora, a explicação para tudo isso de acordo com a verdadeira filosofia...

Nesse ponto a carta se interrompe, em meio a página.

Essa referência a um Evangelho Secreto, e mais importante que isso, a uma cerimônia secreta e fechada conduzida pelo próprio Jesus, foi uma grande descoberta. Poderia ser verdade, nós questionamos? Clemente poderia estar errado mas não parecia ser assim. A carta também poderia ser uma falsificação, mas, se assim o fosse, qual o motivo? Não conseguíamos pensar em nenhum motivo pelo qual ela tivesse sido forjada por quem quer que seja, tanto tempo atrás. Voltando ao âmago da carta, consideramos haver fortes similaridades entre as referências ao jovem "usando uma túnica branca sobre seu corpo nu" e o incidente não explicado quando da prisão de Jesus em Getsêmani, como descrito em Marcos 14:51-52:

E um certo jovem o seguiu, com apenas uma túnica de linho jogada sobre seu corpo nu. E eles o seguraram. Mas ele, livrando-se da túnica de linho, deles fugiu nu.

Os Carpocracianos eram um seita cristã primeva particularmente desagradável, que acreditava que os pecados eram o meio da salvação e a implicação sobre dois homens nus pode ser uma leitura deliberadamente errônea de eventos feita especificamente para justificar seu comportamento bizarro. O conteúdo da carta soa verdadeiro, em vista dos eventos narrados no *Evangelho de Marcos*. Mais do que isso, existem paralelos maçônicos: tudo nos recordou a cerimônia maçônica em que o candidato está vestindo apenas uma túnica de linho - e, é claro, o manto templário que era feito de puro linho branco.

Se um cristão do século II tivesse algum conhecimento de cerimônias secretas conduzidas por Jesus Cristo e seus seguidores, seria de se esperar que essa pessoa fosse de Alexandria, que mantinha fortes ligações com a Igreja de Jerusalém. Em vista do dramático conteúdo da carta, fomos impelidos a pesquisar nos tratados restantes de Clemente, apesar deles terem sido muito deturpados pelos censores cristão que o sucederam. Num pequeno trabalho intitulado *Mistérios da Fé que Não devem Ser Divulgados de Nenhuma Maneira* ele indica que o conhecimento não está disponível para todos:

Os sábios não proferem com suas bocas aquilo que pensam no conselho. Mas o que ouves no teu ouvido", diz o Senhor, "proclama-o em todas as casas", ordenando-lhes que recebam a tradição secreta do verdadeiro conhecimento, e a exponham ampla e conspicuamente: e como a ouvimos no ouvido, assim entregamos a quem quer de que seja requisitado: mas não nos unindo na comunicação dela a todos sem distinção, a não ser por meio de parábolas.

Isso sugere haver uma tradição secreta e que ela está, pelo menos em parte, presente na Bíblia, escrita de tal forma que os não-iniciados seriam levados a aceitar a parábola literalmente, enquanto os mais informados nela discerniriam alguma coisa muito mais importante e significativa. Clemente só poderia estar se referindo a partes do Novo Testamento que normalmente não são consideradas parábolas, porque as que obviamente o são, como por exemplo, a do "bom samaritano", são apenas lições de moral e nada mais. Nesse caso, poderia haver um ensinamento secreto nas partes mais estranhas da história de Jesus Cristo que é tomada pelos cristãos modernos como verdade literal? Estariam episódios como a transformação da água em vinho ou a ressurreição dos mortos ocultando uma mensagem críptica por detrás das ações impossíveis a que se refere? Estávamos começando a ficar tão interessados nos detalhes das escrituras bíblicas como já éramos por textos maçônicos.

Lendo um texto atribuído a outro cristão do século II**,** Hipólito, intitulado *A Refutação de todas as Heresias,* encontramos testemunhos interessantíssimos de uma seita herética que ele identifica como os Naassenos, que alegavam possuir conhecimentos que lhes tinham sido dados por Tiago, o irmão do Senhor por parte de Maria. Supõe-se que eles acreditavam ser a relação entre homens e mulheres uma prática perversa e suja, ao passo que se lavar na água-doadora-devida seria uma coisa esplêndida. Hipólito assim diz:

Eles asseguram que os egípcios, que depois dos frígios são os mais antigos entre toda a humanidade, e que confessamente foram os primeiros a proclamar para todos os ouros homens os ritos e orgias de todo os deuses ao mesmo tempo, assim como as espécies das coisas, possuem os sagrados e augustos e, para os não-iniciados, inomináveis mistérios de Isis. Esses, entretanto, nada mais são do que os seus sete véus e vestidos negros de zibelina que eram liberados e descartados, especialmente, os dos órgãos sexuais de Osíris. E eles dizem que Osíris é água. Mas a natureza das sete túnicas, cercadas e ordenadas por sete mantos de textura etérea, pois assim eles denominam as estrelas planetárias, chamando-as alegoricamente de vestidos etéreos, é como e fosse a mutável geração, e é exibida como a criatura transformada pelo inefável e irretratável, inconcebível e infigurável. E isso (o Naasseno) diz, e o que se declara nas escrituras", O justo cairá sete vezes, e se reerguerá. Pois essas quedas, ele diz, são as mudanças da estrelas, movidas por Aquele que põe as estrelas em movimento.

Muitas luzes se acenderam quando lemos esta passagem. O termo "Naasseno" é outra forma de se escrever "Nazoreano", o nome adotado pelos seguidores originais de Jesus que formaram a Igreja de Jerusalém. A descrição de sua rejeição ao contato sexual com mulheres e o importante papel da purificação também casa perfeitamente com o que agora sabemos sobre a Comunidade Essênia de Qumran que produziu os Manuscritos do Mar Morto. A fixação com o número sete se liga curiosamente à referência na carta de Clemente ao "santuário mais interno da verdade oculta por sete". A coisa toda nos pareceu ter um sentido muito maçônico: apesar de não podermos identificá-lo com precisão, ele se tornou muito claro quando entramos em contato com o Ritual do Arco Real da Maçonaria - mas disso falaremos mais tarde.

Uma Ligação Positiva entre Jesus e os Templários

Pela evidência disponível estávamos agora convencidos de que Jesus e seus seguidores eram originalmente chamados de Nazoreanos (ou Nazarenos), mas era importante entender o que essa designação significava e descobrir porque deixara de ser usada. O próprio Jesus se havia dado esse título em Mateus 2:23:

E veio a habitar em uma cidade chamada Nazaré, para que fosse cumprido aquilo que fora dito pelos profetas, que ele seria chamado de "O Nazareno".

Isso parecia indicar que o Evangelho de Marcos havia sido escrito por alguém muito afastado da verdadeira Igreja ou, melhor dizendo, que fora adicionado algum tempo mais tarde por alguém que desejava corrigir algumas pontas soltas pouco atraentes. Nos pareceu uma dolorosa torção da lógica dizer que Jesus estava obrigado a morar em um lugar especifico simplesmente porque algum profeta muito antigo disse que ele o faria. E mais: é um erro flagrante do Novo Testamento estabelecer que as pessoas chamavam seu salvador de "Jesus de Nazaré", porque a cidade de Nazaré simplesmente não existia no tempo de Jesus! Não existe nenhum registro histórico desta cidade antes de sua menção nos Evangelhos, o que é uma situação muito estranha, já que os romanos mantiveram arquivos completos durante todo o seu Império. O termo verdadeiramente usado fora "Jesus, o Nazoreano", por ser ele o membro mais antigo de um movimento que levava esse nome. O Novo Testamento situa as atividades de Jesus nas imediações do Mar da Galiléia, e sua suposta mudança para Cafarnaum, descrita em Mateus 4:13, foi apenas a correção necessária para trazer a história de volta a seus trilhos.

O fraseado nos chamou a atenção: ele implica que Jesus era *membro* da seita Nazoreana, o que sugere claramente não ser ele o seu líder original. Parece que Jesus afinal não foi o fundador da Igreja.

Os nazoreanos estavam se mostrando realmente muito importantes na história que começava a se desdobrar à nossa frente. Subitamente surgiu uma importante pista, vinda de uma fonte totalmente

inesperada. Enquanto visitava o Sinai, Chris, que é um experiente mergulhador, teve a oportunidade de mergulhar nos recifes de coral do Mar Vermelho, que ele sabia por experiência anterior serem os melhores do mundo.

A visibilidade submarina nas imediações de Sharm el Sheik é normalmente excelente, mas em determinado dia praticamente cessa, por causa do lançamento anual de esporos do coral. Isso torna a água turva e em alguns lugares a visibilidade cai para poucos metros. Chris conta a história:

Eu sabia que as noticias não eram tão ruins como pareciam, porque o plâncton atraía criaturas maravilhosas como arraias, buscando banquetear-se com a farra comida disponível Eram mais ou menos dez horas da manhã quando eu pulei do quente tombadilho de aço do Apuhara, um navio egípcio que havia começado sua vida como quebra-gelo na Suécia, e mergulhei uns trinta metros em direção ao multicolorido leito do mar.

Nadei em direção à costa, subindo vagarosamente na água cada vez mais rasa para conseguir uma taxa segura de descompressão de nitrogênio. A nove metros entrei em uma grande nuvem de zooplâncton e perdi completamente a visão de meu companheiro de mergulho, o que me fez recuar para a área mais limpa. Assim que minha visão foi restaurada e percebi uma arraia gigante se dirigindo para mim, com a boca aberta para filtrar de toneladas de água para sua refeição matinal. Ela parou uns três metros e meio à minha frente, flutuando imóvel como um disco voador alienígena. a peixe tinha mais de seis metros de largura, e eu movi minha cabeça de um lado para outro para poder abarcar todo o esplendor dessa criatura magnífica, que me enchia de alegria e encanto. Subitamente, sem nenhum movimento visível de suas asas, ela nadou para a minha esquerda e eu pude ver atrás dela duas arraias menores que se aproveitavam da corrente de alimento que se dirigia para a costa.

Esse foi um de meus melhores mergulhos e assim que voltei ao barco perguntei a Ehab, o amigável guia árabe que sabia de tudo, o nome dessa localidade, e ele me disse que se chamava Ras Nasrani. Na conversa eu perguntei o que esse nome queria dizer, e ele me disse que Ras queria dizer ponta ou costa, e que Nasrani era a palavra para indicar muitos peixes pequenos. Insisti e perguntei a que tipo de peixes ele referia, e ele respondeu: "Qualquer peixinho comum, quando há muitos deles juntos".

Alguns dias mais tarde, no Monastério de Santa Catarina, ouvi um árabe se referir aos cristãos exatamente com a mesma palavra, Nasrani, e quando fui me certificar, ele me confirmou que essa é a palavra árabe corriqueiramente usada para os seguidores do grande profeta chamado Jesus.

a significado literal imediatamente me veio à mente e subitamente fez muito sentido. Poderia ser este o significado exato do termo - ou seja, que nos tempos antigos, os seguidores de Jesus fossem "os peixes pequenos"?

Isso podia se basear na imagem do "pescador de homens" que a Igreja atribui a Cristo: mas parece mais se basear na antiga associação entre sacerdotes e peixes. Os essênios eram sacerdotais em suas devoções e obediência às leis, e se banhavam na água em todas as oportunidades possíveis, o que também teria dado vazão ao uso dessa expressão. Essa teoria corrobora o fato de que membros da seita Nazoreana andavam pelos lugares sagrados da primitiva era cristã e as marcavam com as duas curvas que formam o famoso sinal do peixe. É interessante notar que o símbolo da organização era originalmente o peixe e não a cruz, indicando que a execução de Jesus não era assim tão importante nesse momento.

Pode ser também que Pedro e João tivessem sido altos membros da seita Nazoreana e que recrutassem novos membros, e por isso fossem conhecidos como "pescadores", mais em virtude de suas atividades de recrutamento que em uma referência literal à profissão. Isso fazia muito mais sentido, porque na área do Mar Morto não existem peixes: e fora para dar validade a uma leitura literal que os últimos autores do Novo Testamento haviam mudado as origens desses "pescadores" para o Mar da Galiléia - que é pleno de peixes - corrigindo a contradição.

Mais pesquisas mostraram que o adjetivo "nazôraios" fora identificado como um termo muito antigo usado pelos que não faziam parte da seita que mais tarde ficou conhecida como cristã. Epifânio fala de um grupo pré-cristão chamado de Nasaraioi que, conforme sugestão de vários estudiosos tais como Lidzbarski, era o nome que originalmente designava a seita da qual a figura de Jesus (e, portanto, da Igreja) havia emergido. Isso também sugere que Jesus tenha sido um simples membro e não o fundador.

Não havia mais dúvida em nossas mentes sobre duas coisas: Jesus não viera da cidade de Nazaré e,

em vez disso, era membro da seita dos Nazoreanos cujos membros certamente se denominavam "peixinhos".

Essas descobertas faziam tanto sentido que buscamos sobre elas o máximo de informação possível, procurando os mínimos detalhes que pudessem lançar mais luz sobre essa hipótese muito promissora. Muitas partes dessa informação eram intrigantes, mas ficamos atônitos ao descobrir que a seita dos Nazoreanos nunca havia verdadeiramente desaparecido: ainda sobrevive no sul do Iraque, como parte da grande seita Mandaeana, cujos membros traçam sua herança religiosa não até Jesus, mas até Yahia Yuhana, mais conhecido entre os cristãos como João, o Batista! Sua literatura usa o termo "natzoraje" para se auto descrever. Eles crêem que Yshu Mshiha (Jesus) era um Nazoreano, mas um Nazoreano rebelde e herético que traiu as doutrinas secretas que lhe haviam sido confiadas. Ficamos curiosos sobre que segredos ele pudesse ter possuído e para quem ele os teria contado. As respostas possíveis não estavam muito longe.

Não sabíamos muito sobre os Mandeanos e, pesquisando sobre eles, fomos surpreendidos pela seguinte declaração:

Os Mandeanos, uma pequena, mas tenaz, comunidade que vive no Iraque, segue uma antiga forma de Gnosticismo, que inclui práticas iniciáticas e estáticas, e alguns rituais que parecem muito com os dos Maçons.

Aí estava. Um grupo que descendia diretamente da Igreja original de Jerusalém, e uma das primeiras descrições que identificavam seus rituais com os da Maçonaria. Seria possível que o segredo que Jesus traíra fosse algum tipo de segredo ao estilo maçônico? Era um pensamento estranho. Isso devia ser o início de alguma coisa muito importante, e essa visão foi confirmada quando descobrimos que os Mandeanos de hoje chamam seus sacerdotes de "Nazoreanos"! Ficamos fascinados quando descobrimos que essa seita tira seu nome da palavra Manda, que significa "conhecimento secreto", e rapidamente percebemos as evidências de possíveis ligações com a Maçonaria. Os Mandeanos usam um aperto de mão ritual chamado Kushta, que é um aperto dado a candidatos cerimoniais, significando Retidão, ou seja: fazer o que é certo. Isso é considerado como uma idéia bastante maçônica.

Outro aspecto de seu ritual que parecia ter tintas maçônicas era o fato de que os Mandeanos fazem uma prece silenciosa quando seus iniciados são considerados ritualmente mortos, exatamente como as palavras mais secretas da Maçonaria são sempre sussurradas ao ouvido do candidato a Mestre Maçom quando ele é erguido de sua sepultura ritual. Isso mais tarde mostrou ser um elo entre o passado e a Maçonaria moderna.

A Estrela dos Mandeanos

Chris começou a estudar mais a fundo as crenças e rituais desse incrível fóssil teológico de uma cultura que datava do tempo de Jesus, e encontrou algumas palavras que levariam a um impressionante desenrolar da história.

Josephus, o historiador judeu do século I, notou que os essênios acreditavam que as boas almas têm sua morada além do oceano, em uma região que não é oprimida nem por tempestades de água ou neve nem por calor intenso, mas sempre refrescada pelo gentil sopro do vento oeste que sopra perpetuamente do oceano. Essa terra idílica através do mar na direção oeste (às vezes norte) é uma crença comum a muitas culturas, dos judeus aos gregos e celtas. Os Mandeanos, no entanto, crêem que os habitantes dessa terra longínqua são tão puros que os olhos mortais não os podem ver, e que essa terra é marcada por uma estrela, cujo nome é "Mérica".

Uma terra do outro lado do oceano: um lugar perfeito marcado por uma estrela conhecida como Mérica... Ou quem sabe A-Mérica? Sabíamos que a estrela da manhã havia sido importante para os Nazoreanos, e que a estrela do entardecer, a estrela do oeste, é o mesmo corpo celestial- o planeta Vênus.

Como mais tarde descobriríamos detalhadamente em nossas pesquisas, os Estados Unidos da América haviam sido criados por Maçons, sendo sua Constituição baseada em princípios maçônicos, e como já sabíamos, a estrela da manhã é aquela para a qual se pede que cada novo Mestre Maçom olhe. A estrela como símbolo sempre foi importante para os Estados Unidos. Nossas mentes imediatamente volveram ao ritual maçônico, e ao fechamento da Loja, quando as seguintes perguntas são feitas aos

Primeiro e Segundo Vigilantes pelo Venerável Mestre:

Irmão Primeiro Vigilante, para onde dirigis vossos passos?
Para o Oeste, Venerável Mestre.
Irmão Segundo Vigilante, por que deixais o Leste e ides para o Oeste?
Em busca daquilo que foi perdido, Venerável Mestre.
Irmão Primeiro Vigilante, o que é que foi perdido?
Os verdadeiros segredos de um Mestre Maçom, Venerável Mestre.

Essa ligações podem ser coincidências, mas a nós pareceu que havia muitas coincidências acontecendo ao mesmo tempo.

Pode parecer uma digressão sem sentido em uma pesquisa sobre Jerusalém no tempo de Jesus, mas a origem do nome América é um interessante sub-produto de nossas pesquisas. Cremos que um dos problemas da pesquisa histórica tradicional é que os peritos olham "pacotes" individuais da história como se certos trechos significativos de circunstâncias tivessem acontecido em uma data determinada para que pudessem ser etiquetados e observados. Cada vez mais certos investigadores sérios têm apreciado a idéia de haver inesperadas e poderosas conexões entre todos os tipos de eventos previamente considerados não-relacionados.

Sabíamos que os Mandeanos eram os descendentes diretos dos Nazoreanos, que também havíamos estabelecido como o mesmo grupo dos Qumranianos, as pessoas que haviam enterrado seus manuscritos secretos sob o Templo de Herodes. Daí se segue que, se os fundadores dos Mandeanos tivessem sido os autores dos manuscritos que os Templários desenterraram, a terra mística chamada Mérica poderia ter sido registrada em seus escritos secretos. Por certo, parecia ser possível que os Templários tivessem aprendido nesses manuscritos sobre uma terra maravilhosa sob a luz da brilhante e solitária estrela chamada Mérica e, assim sendo, havia uma grande possibilidade de que tivessem navegado rumo oeste para encontrá-la.

A crença popular é a de que o continente americano tirou seu nome do nome cristão de Ameriggo Vespucci, um rico armador de Sevilha que só navegou para o Novo Mundo em 1499, sete anos depois de Colombo. Agora já se aceita que muitos europeus e asiáticos chegaram a esse continente muito tempo antes dessas famosas e destacadas expedições financiadas pelos espanhóis. Talvez descendentes dos Templários tenham estado envolvidos no batismo do novo continente: talvez os próprios Templários estivessem em busca de uma terra sob a estrela do entardecer que eles haviam conhecido em suas descobertas como Mérica.

Navios Templários eram construídos para enfrentar as mais difíceis condições, inclusive as tempestades da Baía de Biscáia, e sua navegação, por meio de astrolábios e mapas astrológicos, era tudo menos grosseira. Uma viagem transatlântica não era apenas possível: se eles tivessem conhecimento da terra da estrela da manhã, a terra de Mérica, também teriam o motivo perfeito tanto para encontrar o Novo Mundo quanto para abandonar o Velho - sobrevivência, já que sua Ordem havia sido declarada herética em 1307.

À luz de todas essas novas evidências, Chris sentiu que era razoável especular se alguns Templários não teriam navegado rumo oeste para o desconhecido, sob sua bandeira marítima, a do crânio com dois ossos. Podem ter encontrado a terra da estrela do oeste, pelo menos cento e oitenta e cinco anos antes de Colombo. A idéia parecia fazer muito sentido, mas a evidência ainda era extremamente circunstancial.

Chris estava trabalhando na interpretação das complexidades dos cultos do século I, e quando chegou à idéia de que poderia haver uma ligação entre Mérica e América, que ele considerou muito significativa, mesmo reconhecendo que estava muito longe de qualquer coisa que parecesse uma prova. Chris se recorda:

"Lembro de estar seguro de que em nossa próxima reunião Robert ficaria muito excitado com a possibilidade de haver uma origem Nazoreana para o nome do continente americano. Não falei nada e esperei que ele terminasse de ler o meu rascunho do capítulo. Ele inseriu meu disquete em seu computador e perscrutou a tela. Quando chegou no trecho importante, sua reação foi um silêncio de pedra. Fiquei muito desapontado: se Robert não achasse essa hipótese interessante, ninguém mais acharia".

Robert se levantou e murmurava para si mesmo enquanto procurava nas pilhas de livros que

enchiam cada espaço do chão de seu escritório. Ele tremeu quando vários volumes da *História da Maçonaria* de Gould caíram ao chão, e então sorriu quando do meio deles tirou um livrinho muito novo e brilhante.

Ele folheou as páginas do mapa rodoviário das Ilhas Britânicas e apontou com o dedo a região sul da Escócia.

"Que tal um passeio?", ele me perguntou.

"Para onde você está apontando?", eu perguntei, tentando não parecer muito frustrado, "Edimburgo?".

"Não. Alguns quilômetros para o sul, a aldeia de Roslin, onde fica a Capela de Rosslyn".

Foi só dois dias depois que partimos para Edimburgo, e Robert ainda não me havia explicado onde ou porque estávamos indo. Desde o início de nosso trabalho havíamos dividido as responsabilidades exatamente no período Templário, com Robert se concentrando nos eventos a partir do século XIII e eu em tudo antes dessa data. Enquanto eu investigava o século I em Jerusalém, Robert estava focado na Escócia do século XIV: Visitas anteriores ao território escocês haviam revelado um grande número de sepulturas Templárias e Maçônicas, o que demonstrava o quanto esse país havia sido importante no desenvolvimento da Maçonaria. Mas o que mais Robert teria encontrado?

Usamos o tempo de nossa viagem para discutir várias partes de nosso trabalho, mas quando nos aproximamos da fronteira escocesa em Gretna, eu fiquei impaciente e pedi que Robert me explicasse qual seria a nossa missão nesse dia.

"Certo", ele me disse com um sorriso. "Você sabe que eu tenho pesquisado a história da família Sinclair e a capela que William St Clair construiu no que hoje é a aldeia de Roslin".

"Sim", disse eu friamente, indicando que ele devia ir direto ao ponto sem nenhuma longa introdução.

"Bem, eu não havia registrado quando li pela primeira vez, mas há alguma coisa muito estranha sobre a Capela de Rosslyn que combina com a sua idéia de Mérica". Robert tinha toda a minha atenção, e continuou: "O edifício é todo decorado por dentro com esculturas de significado maçônico... e botânico. Arcos, lintéis, bases de pilares e similares são completamente cobertos com detalhes decorativos e altamente detalhados de plantas, com muitas espécies diferentes representadas".

"Isso certamente é fascinante, mas a ligação com a minha descoberta Mandaeana não está muito clara".

"O ponto é..." Robert hesitou para aumentar o suspense. "Essas plantas incluem folhas de babosa e espigas de milho".

A importância desse fato girou em minha mente por alguns segundos.

"Em que data você disse que a capela foi construída?".

"É exatamente esse o ponto!" Robert disse, batendo no joelho. "O primeiro buraco foi aberto em 1441, e todo o trabalho estava completado quarenta e cinco anos mais tarde, em 1486. Essas esculturas devem ter sido postas em seu lugar por volta de 1470".

"Recorde-me, por favor, quando exatamente Colombo descobriu a América?" Eu precisava confirmar o que minha memória me dizia. .

"Ele aportou nas Bahamas em 1492, em Porto Rico em 1493, em Cuba em 1494, mas na verdade nunca pôs os pés no continente". Robert continuou antes que eu fizesse a próxima pergunta. "E, sim, a babosa e o milho índio eram plantas do Novo Mundo que supostamente não eram conhecidas fora desse continente até pelo menos o meio do século XVI".

Eu encarei Robert enquanto a inevitável conclusão me assomava. Mesmo se Colombo tivesse descoberto essas plantas em sua primeira e breve viagem, a Capela de Rosslyn havia sido terminada seis anos antes, e, portanto, as esculturas de milho e babosa tinham sido feitas quando Colombo ainda era um menino de escola. Alguém deve ter viajado até a América e recolhido essas plantas bem antes que Colombo supostamente descobrisse o Novo Mundo. E a prova está presente em um edifício Templário/Maçônico!

Chegamos à capela por volta do meio-dia, ambos sentindo-nos excitados e honrados por estar em lugar tão especial. Olhando em volta do interior da capela pudemos ver o teto abobadado feito de pedra sólida com um metro de espessura que tomava todo o comprimento da capela, e nos maravilhamos com a pesada decoração. Passeando pela capela logo descobrimos as plantas pelas quais estávamos procurando,

espigas de milho arqueadas sobre uma janela na parede sul e a planta da babosa em um lintel conectado a essa mesma parede. Em outros lugares pudemos ver uma série de outras plantas perfeitamente reconhecíveis, e em todas as partes havia manifestações do "homem verde", a figura céltica que simboliza a fertilidade. Uma centena de "homens verdes" já foi detectada, mas crê-se que muitos mais espreitam sutilmente por entre a vegetação.

A Capela de Rosslyn é um lugar interessante e mágico. Une o Cristianismo ao folclore celta, à Maçonaria e ao Templarismo. Sabíamos com certeza que essa não seria nossa última visita a esse edifício único.

****

Tudo o que havíamos descoberto sobre os Essênios/ Nazoreanos parecia exibir flagrantes conexões com a Maçonaria: a inesperada revelação de que uma seita descendente dos Mandeanos ainda existe no Iraque trazia ainda maiores paralelos. Uma linha de pesquisa havia inesperadamente nos colocado em um edifício da Escócia que exibia tantalisantes imagens Templárias/Maçônicas. Mas para entender os Nazoreanos em sua totalidade, sabíamos que tínhamos que voltar no tempo o máximo possível para desenrolar os fios iniciais de nosso mistério: precisávamos descobrir onde os elementos-chave da religião haviam originalmente surgido.

Conclusão

Tendo descoberto que os Qumranianos e o próprio Jesus tinham fortes ligações com os Templários e a Maçonaria, agora desejamos descobrir a origem de suas crenças e rituais. O povo de Qumran era uma destilação de tudo o que pode ser descrito como judeu, e ainda assim havia muito mais em sua estrutura e sistema de crenças do que pode ser atribuído ao Antigo Testamento.

Uma vez mais ficamos sem saber qual seria o próximo passo em nossa pesquisa. Assim como tivéramos que dar um salto de volta aos tempos de Jesus na esperança de encontrar uma explicação para as crenças templárias, agora teríamos que voltar mais uma vez no tempo para reconstruir a teologia dos judeus. Os rituais da Maçonaria podem ter sido inventados pelos Qumranianos, mas nós sentimos que de alguma forma eles eram muito, muito mais antigos.

Decidimos recuar no tempo o máximo possível para, daí em diante, podermos melhor compreender as paixões da mente Qumrânica.

Capítulo Seis
E no Princípio O Homem Criou Deus

o Jardim do Éden

Tendo decidido que precisávamos entender a história e a evolução das crenças religiosas judaicas, voltamos nossa atenção para uma coisa vital a todas as civilizações - a língua. Há evidência de que muitas línguas do sub-continente Índico, da Ásia ocidental, da Europa e partes da África do Norte nascem de uma fonte antiga e comum. Os termos comuns a centenas de línguas provam esse ponto. A nós pareceu que a mesma coisa poderia ser aplicada à religião, porque quando as pessoas se espalharam, levando consigo suas línguas, é provável que tenham levado também suas lendas e seus deuses. As ligações entre religiões aparentemente diferentes podem, acreditamos nós....... revelar elos tão claros quanto os que os filólogos encontraram.

As origens da língua vem sendo buscadas por centenas de ano. Muitos dos povos antigos acreditavam que a língua tinha origem divina, e que se fosse possível descobrir a mais antiga ou mais pura forma de uso da língua, se encontraria o léxico dos deuses. Muitas "experiências" foram feitas para encontrar essa língua primeva, inclusive por Psantik I, Faraó do Egito no século VII a.C., que criou dois bebês sem que ouvissem qualquer palavra falada, na esperança de que eles instintivamente desenvolvessem a língua pura e divina. Diz-se que os bebês vieram a espontaneamente falar o frígio, uma antiga língua da Ásia Menor. A mesma experiência foi feita dois mil anos mais tarde pelo *rei* Jaime IV da Escócia, com a língua falada sendo, de forma tão inconvincente quanto antes, o hebraico.

O idioma original, de que todas as línguas subseqüentes nasceram, foi denominado, sem poesia nenhuma, de proto-indo-europeu. Ele mostra ser a fonte comum da qual saíram o urdu, o francês, o punjabi, o persa, o polons, o tcheco, o gaélico, o grego, o lituano, o português, o italiano, o norueguês arcaico, o alemão e o inglês, entre muitas outras. Nos é impossível saber a quanto tempo o proto-indo-

europeu foi um idioma vivo e único, porque nosso conhecimento detalhado do passado se apóia no grande passo evolucionário seguinte, nascido da língua, e que é a palavra escrita.

O Livro do Gênese foi originariamente escrito há mais ou menos 2700 anos, bem depois da época do rei Salomão. Apesar de ser muito antigo, sabemos agora que a sua escrita se iniciou pelo menos o dobro de anos antes, em uma terra chamada Suméria.

A Suméria é aceita como o berço de toda a civilização. Sua escrita, teologia e técnica de construção estabeleceram as fundações de todas as culturas posteriores no meio-oeste e na Europa. Apesar de ninguém estar seguro de onde os sumérios vieram, acredita-se que surgiram em uma terra chamada Dilmun, que pode ser o que hoje se conhece como o Bahrein, na costa oeste do Golfo Pérsico. Por volta de 4000 a.C. eles tiveram grande atividade ali no sul do Iraque, entre os dois rios Eufrates e Tigre. As amplas planícies aluviais eram uma rica terra agricultável na qual se cultivava e colhia e se criava gado, e os dois rios eram abundantes em peixes. No quarto milênio a.C. a Suméria tinha uma cultura bem estabelecida, com cidades, artesãos especializados, obras de irrigação cooperativa, centros cerimoniais e registros escritos.

Culturas urbanas são muito diferentes das encontradas em aldeias, já que a concentração de grande número de pessoas demanda uma estrutura social sofisticada, com a maior parte da força de trabalho removida do trabalho agrícola sem que haja perda de produtividade. Os sumérios desenvolveram excelentes técnicas agrícolas, e se calcula através de textos cuneiformes que sua produção de trigo há 4.400 anos atrás pode comparar-se favoravelmente com a dos modernos campos de trigo do Canadá!

Além de estabelecer uma agricultura altamente eficiente e uma série de indústrias básicas como a de tecidos e cerâmica, os sumérios inventaram novos materiais, inclusive o vidro, e se tornaram excepcionais vidreiros, além de metalúrgicos em ouro, prata, cobre e bronze. Mostraram ser excelentes trabalhadores da pedra, e criadores de delicado trabalho de filigrana e carpintaria, mas sem dúvida a mais importante invenção desse povo fascinante e competente foi a roda.

Suas conquistas como construtores são impressionantes: as muitas importantes inovações incluem o pilar, que foi diretamente inspirado no tronco da tamareira. Suas mais antigas cidades eram de edifícios feitos de tijolos de lama: esses ruíam depois de algumas gerações, e logo outro edifício era construído por cima do antigo. No decorrer dos milhares de anos de civilização Suméria, o processo de ruína, colapso e reconstrução criou altos montes que chamamos de "teus", muitos dos quais com até dezoito metros de altura, ainda existem.

A riqueza dos sumérios atraía viajantes das terras mais distantes, buscando negociar seus bens simples em troca da maravilhosa produção dessa civilização tão avançada. Em resposta a isso, os sumérios desenvolveram toda uma classe de negociantes internacionais, com grandes armazéns para importação e exportação. Os sumérios estavam em posição excelente para exigir condições vantajosas para seus negócios, e é provável que a população tivesse acesso aos mais exóticos e esplêndidos bens de todos os cantos do mundo conhecido. Muitas de suas matérias-primas eram trazidas pelos rios em barcos, que costumavam ser vendidos ou então desmontados para que se aproveitasse sua madeira valiosa. A única árvore nativa era a tamareira, e sua madeira era flexível demais para ser usada em construção. A Suméria não tinha pedreiras, por isso quando queriam fazer algum edifício em pedra, blocos cortados eram enviados de barco pelos rios e levados através de seu elaborado sistema de canais até o lugar desejado. Os barcos não podiam navegar rio acima, portanto, os bens manufaturados que pagavam a compra de matéria prima tinham que ser carregados para o norte em lombo de burros, já que o cavalo ainda era desconhecido na Suméria.

As cidades da Suméria.

Havia vinte cidades nas terras da Suméria, as mais importantes sendo Ur, Kush, Eridu, Lagash e Nippur. Cada uma delas era politicamente autônoma, com um rei e um corpo sacerdotal. Para os sumérios a terra era de Deus, sem cujo poder de procriação toda a vida terminaria: o rei era um deus terreno e menor cuja responsabilidade era assegurar a produtividade de sua comunidade. No centro de cada cidade estava a casa de seus deuses - o Templo, do qual os sacerdotes controlavam todos os aspectos da vida em comunidade, incluindo a distribuição da justiça, administração da terra, ensino científico e teológico e ritual religioso.

As escolas, conhecidas como "edubba", produziam as classes profissionais que iniciavam a educação em tenra idade. Esperava-se que se tornassem proficientes na escrita e que estudassem uma gama de assuntos que incluía matemática, literatura, música, lei, contabilidade, supervisão e almoxarifado. Seu desenvolvimento era orientado para produzir cultos líderes de homens. Apesar de elementos da língua suméria permanecerem sendo usados ainda hoje, não foram as origens do proto-indo-europeu: na verdade é uma das poucas línguas completamente desconectadas dessa língua raiz.

Nosso interesse na Suméria era perceber se os elementos de sua teologia haviam sido a fonte comum das crenças religiosas que se espalharam da mesma maneira que a língua, desenvolvendo-se para adaptar-se às preferências locais enquanto se deslocava, mas mantendo uma essência identificável.

Das ruínas de Nippur os arqueólogos recuperaram muitos milhares de tabletes que registram a história de seu povo. Sua escrita mais antiga se iniciou, pelo que sabemos, por volta de 3500 a.C. e praticamente da mesma maneira como a língua se desenvolveu. Objetos como a cabeça, a mão e a perna foram os primeiros itens a serem identificados. Eram pictogramas facilmente reconhecíveis com um perfil dos objetos, mas rapidamente palavras mais simbólicas foram criadas. O símbolo para um homem era um pênis ejaculante, com toda a aparência de uma vela. Daí se desenvolveu a palavra para escravo, com três formas triangulares, representando montanhas, sobrepostas ao formato da vela. Isso indicava um estranho: a Suméria não tinha montanhas, e seus únicos residentes não-sumérios eram os escravos. As marcas que eles traçavam eram feitas enfiando um graveto em argila crua, e isso criava uma endentação e depósito mais fortes exatamente onde o instrumento iniciava ou terminava uma linha. Esse efeito triangular no fim de cada linha foi mais tarde traduzido como uma serifa, essas pequenas marcas que se vê no final das letras dessa página.

Não é apenas o tratamento estilístico de nossas letras que veio das terras da Suméria: nosso próprio alfabeto lhe deve muito. A letra *"N'*, por exemplo, é derivada da imagem de uma cabeça de boi, que era um triângulo com dois de seus lados estendidos para dar a impressão de chifres. Isso foi elaborado primeiro pelos fenícios, então entrou no grego primitivo como uma cabeça de boi vista de lado, pois quando os gregos desenvolveram suas letras maiúsculas, o A foi girado outros noventa graus, tornando-se "alfa", uma letra muito similar ao nosso A moderno, que é essencialmente uma cabeça de boi com os chifres para baixo. Ainda hoje as línguas ocidentais possuem algumas palavras que são de origem puramente sumérias, como álcool, cana, gesso, mirra e açafrão.

Além de nos legar, entre outras coisas, a roda, o vidro, nosso alfabeto, as divisões do dia, a matemática, a arte da construção, os sumérios nos deram outra coisa: Deus. Também nos proveram com as mais antigas histórias escritas, e como Maçons estávamos particularmente interessados nas referências sumérias a Enoque, que é tão importante na cultura maçônica, e na história suméria do Grande Dilúvio que aparece de maneira tão intensa no ritual maçônico do grau de Ark Mariners.

Etimologistas nos mostraram que a história do Jardim do Éden no Livro do Gênese é a história da Suméria: e mais ainda, cidades como Dr, Larsa e Haram, mencionadas no Livro do Gênese, ficavam em território sumério. Assim, o Gênese nos conta a história da Criação:

No princípio Deus criou o céu e a terra. Ora, a terra era vazia e vaga, as trevas cobriam a face do abismo, e o vento de Deus pairava sobre as águas. E Deus disse: "Haja luz", e houve luz. Deus chamou à luz dia e às trevas noite... E Deus disse: "Haja um firmamento no meio das águas e que ele separe as águas das águas". Deus fez o firmamento, que separou as águas que estão sob o firmamento da águas que estão sobre o firmamento... E Deus disse: "Que as águas que estão sob o céu se reúnam em uma só massa, e que apareça o continente". E assim se fez. E Deus chamou ao continente, terra e à massa das águas, mares... e Deus disse: "Que a terra verdeje de verdura, ervas que dêem semente e árvores frutíferas que dêem, sobre a terra, frutos que contenham a sua semente..."

Comparemos isso com um excerto de uma narrativa babilônica da Criação denominada *Enuma Elish*, tirada de suas primeiras palavras, "quando no alto". Foi escrita em babilônio e sumério pelo menos mil anos antes do Gênese e sobrevive praticamente completa em sete tabletes cuneiformes:

Toda a terra era mar. Então houve um movimento no meio do mar. Nesse instante Eridu foi feita. .. Marduk deitou um papiro na face das águas. Formou a poeira e derrapou-a ao lado do papiro. Para que

ele pudesse levar os Deuses a morar na morada que seus corações desejavam. Ele formou a humanidade. Com ele a deusa Aruru criou a semente da humanidade. As bestas dos campos e as coisas vivas dos campos Ele formou. O Tigre e o Eufrates ele criou e colocou em seu lugar: Seu nome ele proclamou de maneira divina. A relva, os juncos e as urzes, o papiro e a floresta ele criou. As terras, as charnecas e os pântanos, a vaca selvagem e sua cria, o carneiro do rebanho, pomares e florestas, o cabrito e o cabrito da montanha... O Senhor Marduk ergueu um dique ao lado do mar... papiros ele formou, árvores ele criou, tijolos ele prensou, edifícios ele ergueu, casas ele fez, cidades ele construiu. .. Erech ele fez...

O épico mesopotâmico da Criação é sem dúvida a fonte da lenda da Criação como no Gênese, e lá se atribui a Deus todas as coisas boas que vieram a existir pela mão dos incríveis sumérios. As referências a edifícios sendo erguidos por Deus não permaneceram na história israelita, pois a natureza nômade dos judeus fez com que as únicas cidades em que eles tinham vivido quando o Livro do Gênese foi escrito fossem as cidades erguidas por outros, muitas vezes tomadas depois que seus habitantes originais haviam sido passados pelo fio das espada. O deus do Gênese, Yahweh, não veio a existir senão centenas de anos depois que esses tabletes cuneiformes foram gravados.

De acordo com muitos peritos, os deuses das civilizações posteriores são desenvolvimentos dos deuses sumérios da fertilidade e das tempestades. Será isso verdade? Com certeza um deus da tempestade teve papel muito importante na Suméria e na lenda de Noé. Os sumérios viam a Natureza como uma entidade viva, e os deuses e deusas eram concretizações das forças dessa terra viva; cada um tinha um papel a cumprir nessas forças da Natureza. Algumas deidades eram responsáveis pela fertilidade da terra e de seu povo: outras eram responsáveis pela organização das tempestades que aconteciam. Era obviamente muito importante para a continuidade desse povo que os favores desses deuses da fertilidade fossem ativamente buscados: igualmente, dados os devastadores efeitos de suas ações, os deuses das tempestades tinham que ser aplacados para preservar a maneira suméria de viver.

Teria sido um deus da tempestade com poderes sobre o clima quem causou o Grande Dilúvio, que deu início à história de Noé, e como Maçons estávamos naturalmente interessados em deuses da tempestade e dilúvios, já que a Ordem devota todo um grau adicional- o grau de Ark Mariners - com um ritual completo e detalhado que preserva a história do Capitão Noé e a lenda do Dilúvio.

O maior problema com que o povo da Suméria tinha que lidar era a inundação das planícies baixas através das quais o Tigre e o Eufrates fluíam para o sul até o mar. Periodicamente essas inundações eram desastrosas, mas em uma determinada ocasião ela deve ter sido inesperadamente cataclísmica, assim passando a fazer para sempre parte do folclore. Se houve ou não houve um construtor de barcos chamado Noé não nos é dado saber, mas podemos estar bem seguros de que o Grande Dilúvio realmente aconteceu.

Análises mais profundas do Gênese, especialmente da genealogia de Set e Caim, claramente levam a história da criação até a Suméria. Há listas em Larsa com reis sumérios que nomeiam dez reis que reinaram antes do Dilúvio, e dão a duração de cada um de seus reinados, que vão de 10.000 a 60.000 anos. Essa lista de Larsa termina com as seguintes palavras: "Após o Dilúvio os reis nos foram enviados do alto". Isso sugere que um novo começo foi estabelecido logo depois do Dilúvio. O último nome na segunda lista de Larsa é Ziusundra, que é outro nome para Utanapishtim, o herói da história babilônica do Dilúvio, escrita no décimo primeiro tablete da Epopéia de Gilgamesh. O sétimo rei dessa lista suméria é tido como possuidor de sabedoria especial em assuntos relativos aos deuses e como sendo o primeiro homem a praticar a profecia: esse sétimo nome é Enoque, de quem as Escrituras dizem ter "andando com Deus", e que na tradição judaica posterior é tido como tendo sido levado para o Céu sem ter morrido. Parece-nos haver pouca dúvida de que os escritor do Gênese estava usando material sumério que havia sido absorvido pela tradição judaica. Os elos entre a religião dos judeus e a antiga terra da Suméria são claros, mas a situação se torna ainda mais intrigante quando encaramos a razão pela qual o escritor original, ou o Yahwehista que usou esse material, legou tanta longevidade aos descendentes de Set anteriores ao Dilúvio. Suspeitamos que foi para enfatizar o contraste entre as condições de vida antes e depois do julgamento divino que o Dilúvio representou. Há, porém, uma outra razão provável. Já foi sugerido por alguns estudiosos que os números astronômicos nas listas de reis sumérios podem ser produto de especulações astrológicas que aplicam medidas derivadas da observação das estrelas para calcular os períodos míticos de reinado. Da mesma forma, os primeiros escritores judeus podem ter arranjado esses números na lista para que correspondessem à cronologia que decretava um número exato de anos entre a Criação e a fundação do Templo de Salomão, dividindo esse período em épocas, a

primeira das quais, da Criação até o Dilúvio, teria durado 1656 anos.

Ur, hoje famosa por seu grande zigurate, era tida no terceiro milênio a.c. como uma das grandes cidades-estado do mundo. Os lados norte e oeste dessa cidade tinham largos canais que permitiam a aproximação de grandes navios que vinham do Eufrates e do mar, muito mais próximo a ela há 4400 anos que agora. Uma prancha de conhecimento lista ouro, minério de cobre, madeiras rijas, marfim. pérolas e outras pedras preciosas em apenas uma carga.

Ur esteve em seu apogeu sob Ur-Namma por volta de 2100 a.C., quando grande parte da cidade foi reconstruída e desenvolvida, contando com uma população de pelo menos 50.000 pessoas. O grande zigurate foi aumentado, incrustado com mosaicos e plantados arbustos e árvores. Em seu topo ficava o templo da deidade da cidade - Nanna, deusa da Lua. Em 2000 a.C. os habitantes incorreram na ira de seus deuses e, assim como outras cidades sumérias, e Ur foi saqueada pelos Elamitas. Essa derrota, como todas as outras, foi imputada ao povo por ter falhado com seu deus de alguma maneira, tendo ele em troca deixado que ficassem sem proteção contra seus inimigos. Essa destruição foi descrita por um escriba que testemunhou a terrível ocasião:

Em todas as ruas, onde costumavam passear quando vivos, corpos mortos estavam caídos: em seus lugares, onde as festividades da terra aconteciam, as pessoas estavam amontoadas.

Templos e casas foram arrasados, valores confiscados e muitos dos que não morreram transformados em escravos. A cidade sobreviveu, mas nunca verdadeiramente recuperou sua antiga glória e no século XVIII a.C. já se tinha transformado em uma cidade relativamente pequena. Durante esse período de declínio as relações entre os sumérios e seu panteão de deuses tornaram-se tensas, e o conceito de deuses pessoais ganhou importância.

Esses deuses pessoais, que normalmente nem nome tinham, se relacionavam diretamente com cada indivíduo - mais ou menos o que chamaríamos de anjo da guarda. Uma pessoa herdava seu deus de seu pai, portanto, quando alguém dizia que "adorava o deus de seus pais", ele não estava fazendo uma declaração meramente institucional sobre a importância desse deus, mas sim expressando sua identidade familiar individual - seu direito por nascimento. Esse deus pessoal cuidaria dele e levaria seu caso a deuses superiores, se necessário, mas em troca disso exigia atenção e obediência. Se o homem se comportasse mal seu deus podia abandoná-lo. O homem era, é claro, o árbitro do que era certo e errado: se sentisse que tinha errado temeria a reação de seu deus, mas se tivesse feito alguma coisa que todos, menos ele próprio, considerassem perverso, ele estava a salvo. Essa parece ser uma excelente maneira de controlar a maior parte do mau comportamento, seguindo a linha Grilo Falante, em sua frase lapidar no filme *Pinóquio:* "Deixe que a sua consciência seja seu guia".

Em algum ponto do período de declínio entre 2000 e 1800 a.C. um homem chamado Abrão decidiu abandonar a cidade de Ur e seguir para o norte na procura de uma vida melhor. A direção que ele escolheu era praticamente oposta à de Dilmun, a terra sagrada a que seu povo aspirava, por ser a terra de seus ancestrais. Em algum ponto da história judaica Abrão se transformou em Abraão, o pai do povo judeu. Estava claro para nós que as idéias que ele levou consigo de Ur deviam ser parte muito importante daquilo que estávamos precisando compreender.

Estávamos olhando para épocas muito antigas na esperança de ganhar uma maior compreensão de Abraão e de seu deus, já que junto representavam o primeiro encontro entre um homem de verdade (o oposto de um personagem mítico) com a deidade que mais tarde se tornou o deus dos judeus. Nenhum de nós sabia de muito antemão sobre as terras da Suméria: na verdade todo esse período da história era totalmente desconhecido até o meio do século XIX quando P. E. Botta, um arqueólogo francês, começou a fazer importantes descobertas na área hoje conhecida como Mesopotâmia.

A expansão da cultura suméria deve ter ocorrido há mais de 5000 anos. Um dos melhores exemplos desse tipo de desenvolvimento cultural advindo de uma origem norte-africana/sudoeste-asiática são os celtas, que atravessaram a Europa central e finalmente se estabeleceram em áreas litorâneas do oeste da Espanha, Bretanha, Cornualha, Gales, Irlanda e Escócia, onde alguns grupos sociais ainda se mantêm geneticamente puros graças à virtual ausência de casamentos com outras pessoas fora de seu grupo. Seu artesanato de intrincados nós mostra uma forte relação com a arte do Oriente Médio e, houvesse alguma dúvida, as análises de DNA de celtas contemporâneos que vivem em comunidades remotas mostrou ser

idêntico ao de grupos tribais do Norte da África.

Ninguém sabe verdadeiramente por quanto tempo a Suméria existiu, mas pelos registros que consultamos parece razoável crer que tudo o que sabemos da Suméria aconteceu depois do Grande Dilúvio: muitas das cidades e aldeias eram provavelmente muito maiores antes que o Dilúvio as tivesse apagado da face da terra.

Deus, o Rei, os Sacerdotes e os Construtores

O Dilúvio é lembrado como um acontecimento muito antigo, até mesmo para aqueles que hoje consideramos mais antigos que nós. A Bíblia conta a história de Noé sobrevivendo com sua família e animais variados. Em um mito mesopotâmico do Dilúvio, o rei Utanapishtim salva tanto sementes quanto animais da enchente destruidora, enviada por Enlil para aterrorizar aos outros deuses. Na mitologia grega Deucalião e sua mulher Pirra constroem uma arca para escapar da devastadora ira de Zeus.

Intuir não era mais nosso único caminho: evidências de uma grande enchente há 6000 anos foram encontradas nas proximidades de Ur, onde uma camada de barro depositado pelas águas com dois metros e meio de espessura cobre uma área de mais de 100.000 quilômetros quadrados. Isso representa toda a largura do vale que fica entre o Tigre e o Eufrates, do norte da moderna Bagdá até a costa do Golfo Pérsico, incluindo o Iraque, o Irã e o Kuwait. Para deixar tal depósito a enchente deve ter sido de proporções gigantescas, e certamente teria arrastado qualquer cultura humana no que mais tarde foi o território da Suméria. Essa datação da enchente explica porque os sumérios parecem ter surgido do nada por volta de 4000 a.c. - virtualmente da noite para o dia em termos arqueológicos. Um cultura sofisticada e completamente desenvolvida, sem nenhuma evidência histórica de suas origens em qualquer outro lugar, é verdadeiramente muito misteriosa.

Mas é um mistério que tem uma solução simples.

A resposta é que o período inicial, talvez o maior, da história da Suméria foi completamente perdido nesse cataclisma, e os sumérios tiveram que reconstruir tudo das fundações para cima. O maior problema que confrontava esse povo remanescente era encontrar sobreviventes que tivessem sido "guardiões dos segredos reais", aqueles que tivessem sido sumo sacerdotes dos templos desaparecidos e, portanto, ainda tivessem o poder da ciência, especialmente o da ciência da construção. Alguns devem ter sobrevivido, talvez seus conhecimentos dos mistérios ocultos da natureza e da ciência lhes tivessem garantido aviso suficiente sobre a enchente que estava por vir, dando-lhes tempo para fugir para terras mais altas ou quem sabe construir uma arca. Os segredos e simbolismo da construção antecedem claramente o Dilúvio, e nós cremos que a súbita e urgente necessidade de reconstruir "o mundo todo" criou uma nova visão de mundo baseada no esquadro, no nível e nas fundações perfeitamente retas de uma nova ordem. Não estamos dizendo que isso era Maçonaria de alguma maneira, mas que deu início à ligação entre a ciência da construção e o conceito de ressurreição, já que o mundo havia "morrido" e uma vez mais seria erguido das águas da Criação.

Muitas pessoas podem ter achado a reconstrução da Suméria um desafio muito grande, e deixado a região em busca de um novo lar longe do barro macio e úmido que cobria sua terra. Com eles levaram sua língua que tinha uma estrutura gramatical tão sofisticada quanto a de muitas línguas modernas. E a isso juntaram seu conhecimento de agricultura, a história de seus edifícios, seus deuses e seus mitos. Para povos menos avançados da Europa e Ásia eles devem ter parecido como se fossem deuses.

Nosso problema para escrever a história de nossa investigação era a amplitude dos tópicos sobre os quais devíamos nos debruçar, todos aparentemente não-relacionados, mas na verdade fortemente ligados uns aos outros. Por vezes nossos estudos ficavam enterrados sob material que ia do início dos tempos aos dias de hoje. Organizar tudo o que havíamos descoberto em algum tipo de seqüência inteligível provou ser um desafio, mas quanto mais informações coligíamos mais claro se tornava o quadro. Isso foi especialmente verdadeiro em relação aos assuntos da Suméria. Quanto mais procurávamos pelas suas influências sobre outras culturas, mais encontrávamos. Este livro não pode lidar com todo esse material, mas gostaríamos de dar um exemplo do quão extraordinária essa cultura foi.

O conceito de pilar ou montanha sagrada conectando o centro da Terra com o Céu (paraíso) é um conceito sumério que encontrou espaço em muitos sistemas de crença, inclusive os do Norte da Ásia. Os tártaros, mongóis, e os povos Buryat e Kalmyk do Norte da Ásia têm uma lenda que diz ser a sua montanha sagrada um edifício formado por sete andares, cada um menor que o anterior em sua subida até o céu. Seu ápice é a estrela polar, "o umbigo do céu", que corresponde à base embaixo, "o umbigo da

terra". Essa estrutura não descreve nenhum edifício que essas tribos conheçam, mas parece ser a descrição de um zigurate sumério, que foi criado como uma montanha artificial. Estamos certos de que essa conexão não é uma coincidência porque o nome que esses nômades dão a essa torre mítica e sagrada é simplesmente... Sumer43! Acreditasse que todos os templos sumérios seguiam esse formato, o mais famoso deles sendo conhecido como a Torre de Babel, o grande edifício estreitamente ligado aos descendentes de Noé. Essa torre foi erguida na Babilônia por Nabopolassar e era um zigurate de sete andares com noventa metros de altura e um altar para o deus Marduk em seu topo. Como a história do Dilúvio, a história da Torre de Babel foi escrita no Livro do Gênese combinando versões diferentes de antigas lendas, permitindo que os autores encontrassem algum sentido em sua visão de mundo. O Capítulo l0 do Gênese lida com o povoamento dos países da Terra após o Dilúvio, explicando como os filhos de Noé haviam dado início a várias tribos em cada parte do mundo. Para os hebreus o mais importante desses filhos é Sem, que deu origem aos povos conhecidos como semitas (no curso de seus impressionantes seiscentos anos de vida) entre os quais, é claro, estão incluídos os judeus. O capítulo seguinte do Gênese conta a história da Torre de BabeI, iniciando com a afirmação de que antes só existia uma língua. Começa assim:

Todo mundo se servia de uma mesma língua e das mesmas palavras. Como os homens emigrassem para o Oriente, encontraram um vale na terra de Senar (hebreu para Suméria) e aí se estabeleceram.

Disseram um ao outro: "Vinde, façamos tijolos e cozamo-los ao fogo!". E o tijolo lhes serviu de pedra, e o betume, de argamassa. E eles disseram: "Vinde! Construamos uma cidade e uma torre cujo ápice penetre nos céus! Façamos nosso nome famoso e não sejamos dispersos por sobre toda a terra!". E Yahweh desceu para ver a cidade e a torre que os Filhos de Adão tinham construído. E Yahweh disse: "Eis que todos constituem um só povo e falam uma só língua. Isso é o começo de suas iniciativas. Agora, nenhum desígnio será irrea1izável para eles! Vinde! Desçamos! Confundamos sua língua para que não mais se entendam uns aos outros!".

Yahweh os dispersou dali por toda a face da Terra, e eles cessaram de construir a cidade.

Essa pequena racionalização explicou aos judeus porque as pessoas falavam línguas diferentes e como era razoável, já que o mundo havia sido uma vastidão deserta antes que Deus decidisse repovoá-lo através da linhagem de Noé, que Yahweh prometesse a terra de Canaã aos filhos de Sem sem pensar no povo que estava lá antes deles. De seu início na Suméria, "Deus" tomou caminhos diferentes, pelos vales do Nilo, pelo Vale do Indo e possivelmente até mesmo o rio Amarelo, dando início às grandes religiões do mundo. Tudo isso aconteceu em tempos muito antigos e uma das últimas variações da teologia suméria foi o Deus dos judeus.

A Figura de Abraão, O Primeiro Judeu.

Assim que Abraão tomou a decisão de deixar Ur, sua direção natural foi subir para o norte, seguindo os dois rios em busca de um novo lar na qual pudesse estar em paz com seu Deus. O Antigo Testamento nos conta que até que Abraão entrasse em cena os ancestrais de Israel "serviam a outros deuses" (*Josué,* 24:2), o que dificilmente surpreende, já que Yahweh, o deus dos judeus (e eventualmente dos cristãos) estava tão afastado deles quanto o computador estava para William Caxton! Mesmo depois que Yahweh se deu a conhecer a Seu "povo escolhido", a lealdade a Ele foi no mínimo discutível por pelo menos mil anos - outros deuses com outras descrições tinham a mesma popularidade. Quando chegou a hora dos israelitas registrarem a história e a herança de seu povo eles recordaram de imensos períodos de tempo, e confirmaram as antigas tradições orais simplesmente corrigindo os "detalhes" para que ficassem como deviam ter sido.

Abraão foi provavelmente levado a deixar sua cidade nativa de Ur porque os nômades sem deus vindos do Norte que estavam dominando seu dia-a-dia não lhe eram mais aceitáveis: nesse tempo, o descontentamento político sempre se expressava como descontentamento teológico. A Bíblia declara que Abraão se afastou da ordem humana exatamente onde a regra divina havia sido rejeitada. Isso se refere à remoção dos representantes de Deus sobre a Terra - o rei de Ur e seus sacerdotes.

Abraão é geralmente considerado como sendo a primeira figura histórica da Bíblia: por contraste, Adão, Eva, Caim, Abel e Noé são representantes de pessoas e tempos que englobam as primitivas idéias e tradições hebraicas relativas aos primórdios da vida sobre a terra. Provavelmente é verdade que ele tenha

viajado para a terra de Canaã, morando em uma tenda, e no caminho, tendo pesadas discussões com seu deus pessoal que naturalmente estava viajando com ele desde a Suméria.

A descrição de Abraão como sendo um nômade igual a eles faz imenso sentido, já que ele e o povo que com ele viajou não possuíam território que pudessem chamar de seu. Seu próprio nome "hebreu", descobrimos, deriva do termo aparentemente derrogatório "habiru" (por vezes escrito "apiru") usado pelos egípcios para descrever as tribos semitas que vagavam como os beduínos.

Pelo que vimos, a história dos judeus alega descendência de Set, o filho de Noé, que já era personagem de uma lenda suméria, e mais tarde de Abraão, que deixou a Suméria para encontrar a "terra prometida". Não havendo nenhum traço desses moradores da Suméria, cremos que muitos sumérios devem ter viajado para o norte e oeste, para tornar-se uma parte significativa dos povos nômades que formaram a nação judaica. No entanto toda a evidência mostra que os judeus não são nem uma raça nem uma nação histórica como eles mesmos vieram a crer, mas sim um amálgama de grupos semitas que encontraram em comum sua ausência de estado territorial, e adotaram uma história teológica baseada em um sub-grupo sumério. Talvez um em cada dez israelitas no tempo de David e Salomão fosse de descendência suméria, e apenas uma pequena fração entre eles fosse de descendentes de Abraão, que pela lógica não foi o único sumério a viajar para Canaã e Egito durante a segunda metade do segundo milênio a.C. Os habirus se destacavam dos nômades que haviam existido no Egito, por serem asiáticos que vestiam estranhos trajes, eram barbados e falavam em língua estrangeira.

Considera-se Abraão como a chave para a fundação de Israel, com seu Deus que lhe promete para seu povo um novo lar sobre a terra, mais tarde identificado como a parte norte do Crescente Fértil, denominada Canaã.

Dada a natureza das deidades sumérias antes descritas, é de se crer que Abraão tenha sido um sacerdote com um deus particular que era seu companheiro e guardião.

O judeu ou cristão comum, ao ler o Antigo Testamento, pode ser desculpado se acreditar que a terra de Canaã foi um presente de direito que Deus fez a Seu povo escolhido, mas a eventual tomada de posse dessa terra "prometida" não foi mais que um roubo. Se as palavras do Antigo Testamento foram tomadas literalmente, então os judeus e seu Deus eram efetivamente muito perversos. Nenhuma justificativa sobrenatural pode explicar o massacre de tantos de seus habitantes originais, que é o que o Antigo Testamento declara ter acontecido.

Muitos cristãos hoje em dia têm uma idéia vaga e imprecisa da história de seu Deus, que foi primeiro o Deus dos judeus. Imaginam seu Deus Todo-Poderoso e Amantíssimo prometendo a seu "povo escolhido" uma linda terra, de onde fluem o leite e o mel (uma espécie de Suméria ou Jardim do Éden redescoberto) uma terra chamada Canaã. Mas Canaã não era um lugar selvagem e desabitado onde nobres andarilhos pudessem construir uma nova terra natal, e Yahweh não era nenhum doce benfeitor. Era um deus das tempestades, um deus das guerra.

Recentes pesquisas arqueológicas revelaram que os canaanitas cujas terras os israelitas haviam tomado possuíam uma civilização avançada com cidades muradas e inúmeras cidades e aldeias, sofisticados sistemas de produção de alimento, manufaturas e negócios exteriores. Se aceitarmos as histórias da Bíblia, então o Deus original dos hebreus era na realidade um chefe que justificava a invasão, o roubo e o massacre, com muito em comum com Gêngis Khan!

Nos impressiona o fato de muitos cristãos acreditarem que o Antigo Testamento seja um registro de eventos históricos, apesar do fato de retratar Deus como um maníaco vingativo e vão, sem nem um pingo de compaixão.

Além de ordenar o massacre de centenas de milhares de homens, mulheres e crianças nas cidades que ordenou que fossem tomadas de suas populações nativas, Ele também se tornou conhecido por atacar os próprios amigos sem razão aparente. Em Êxodo 4:24-25 lemos que Yahweh decidiu matar Moisés logo depois de ordenar-lhe que se dirigisse ao Egito para resgatar os israelitas "escravizados". Ele foi convencido a desistir dessa demonstração de mau comportamento por uma mulher que reconheceu Moisés como seu noivo. Isso foi reescrito mais tarde no texto apócrifo *Jubileus* para tomar a culpa de Yahweh e colocá-la sobre um espírito chamado Mastema, que é apenas a palavra que significa o lado "hostil" da natureza de Yahweh. Ainda assim, fica claro no Livro do Êxodo que Deus matou o filho de Moisés quando bem quis.

Apesar de ninguém até hoje ter conseguido datar com precisão as viagens de Abraão, é de aceitação corrente que ele não existiu antes de 1900 a.C. nem depois de 1600 d.C. Se ele tivesse existido na parte

mais tardia desse período ele estaria exatamente no meio da ocupação do Egito pelos hicsos, ou "reis pastores", que invadiram e oprimiram os egípcios entre 1786 e 1567 a.C. Havíamos chegado à conclusão de que se houvesse uma conexão entre Abraão e os semitas que ocuparam o Egito a partir de Jerusalém, a história começaria a fazer mais sentido. Abraão havia ido com seus seguidores em direção a Haran, uma cidade da Síria moderna nas barrancas do rio Balikh, que ficava na rota de comércio da Suméria acima do Eufrates. Daí ele levou seu grupo para Canaã, que é o que chamamos de Israel.

Em algum ponto da jornada Abraão se preocupou com a possibilidade de ter feito alguma coisa errada, porque sentia que seu deus pessoal estava zangado com ele. Essa provavelmente foi a maneira como ele racionalizou um grande problema ou incidente que tenha afetado seu grupo, traduzindo a calamidade como resultado de seu deus tirar-lhes a proteção por estar zangado. Tão irritado estava o deus de Abraão (o que dá a medida do problema que eles enfrentavam) que ele sentiu que a única maneira de sair dessa seria oferecer seu filho Isaac em sacrifício. Uma passagem em Micah 6:7 mostra como a situação era séria:

Devo eu dar meu filho em pagamento pela transgressão, o fruto de meu corpo pelo pecado de minha alma?

Duas vezes na história de Abraão as palavras "depois dessas coisas" aparecem: é notório que esses eram os momentos de maior crise, nos quais o deus de Abraão devia ser aplacado. Esse foi um deles. Afortunadamente para o jovem Isaac, o problema deve ter-se suavizado e seu supersticioso pai pode mudar de idéia sobre a necessidade de matá-lo. Existe, no entanto, uma história muito mais tardia que diz ter sido Isaac sacrificado por Abraão mas subseqüentemente ressuscitado, e Isaac, como Jesus Cristo, é retratado como o "servo salvador" que traz salvação e redenção para os outros.

Algo em torno de 1000 a 1300 anos se passou antes que a história de Abraão fosse escrita, sendo até então apenas uma lenda tribal perpetuada oralmente durante esse imenso período de tempo. Quando veio a ser escrita pareceu natural que o Deus de Abraão fosse Yahweh, apesar do fato de que Yahweh não ter surgido na história enquanto não chegou o tempo de Moisés. A terminologia de Moisés, quando guiou os israelitas para fora do Egito, dizendo-lhes que sua mensagem vinha do "deus de seus pais", é uma maneira exclusivamente suméria de referir-se ao deus pessoal que pertencia à descendência de Abraão. Enquanto apenas uma pequeníssima parcela desses asiáticos deslocados (protojudeus) pode efetivamente ter sido descendente de Abraão, todos eles nesse momento aceitam essa lenda e a adotam como uma razão nobre e correta para a presente circunstância.

Se Moisés tivesse ido à frente desses escravos no Egito e lhes dito que sua mensagem vinha de Yahweh ou de um deus único que cancelava a existência de todos os deuses anteriores, teriam pensando que ele era louco.

Diferente de outros personagens, Abraão não se tornou a origem de toda uma tribo que levasse seu nome: em vez disso o seu deus pessoal, o "deus de Abraão", tornou-se a característica distinta de seu futuro povo. Consideramos verdadeiramente fascinante que a psique de um homem da Suméria tenha formado a base para as três grandes religiões monoteístas do mundo.

Nessa fase nossa pesquisa já nos tinha levado a um entendimento da concepção de deus pessoal e das pessoas que recebiam sua herança cultural de um homem que havia deixado a cidade suméria de Ur levando consigo seu deus pessoal. Apesar de termos encontrado comentários sobre uma possível cerimônia de ressurreição ligada a Isaac, o filho do pai dos judeus, essa história parece ter-se originado muito tempo depois. Não encontramos nenhum elo com a Maçonaria, por isso sentimos que antes de retomar o desenvolvimento do povo judeu deveríamos olhar para a maior de todas as civilizações, que floresceu em volta do rio Nilo. Abraão havia vivido no Egito durante o período de formação da nação judaica e nós estávamos cônscios de que mais tarde houve judeus que chegaram a lugares proeminentes na terra do Egito. O Antigo Egito tinha que ser o novo foco de nossas pesquisas.

Conclusão

Foi apenas quando estudamos os primeiros tempos do desenvolvimento de Deus que compreendemos quão pouco nos são ensinado do início da história. Nada sabíamos da Suméria, o berço da civilização e o lugar onde escrita e educação haviam se originado. Os sumérios, havíamos descoberto, eram os inventores do pilar e da pirâmide que se haviam espalhado muito além de seu próprio território. A história contada no Gênese sobre o Dilúvio já havia sido narrada quase mil anos antes no mito da criação suméria chamado Enuma Elish.

Foi da cidade suméria de Ur que Abraão trouxe consigo seu deus pessoal, conhecido como "deus de seus pais", em algum ponto entre 2000 e 2600 a.C. Nós questionáramos sobre as possíveis ligações ou sincronicidade entre Abraão e os reis hicsos que haviam dominado o Egito de 1786 a 1567 a.C., mas não tínhamos conhecimento suficiente sobre os egípcios para satisfazer essa dúvida. E a despeito de algumas possíveis aparições de fascinantes personagens que são parte da Maçonaria, não havíamos encontrado nenhuma outra ligação com a Ordem como ela é hoje. Se quiséssemos decifrar essa charada, teríamos que nos adiantar no tempo e estudar a civilização do Egito.

Capítulo Sete
O Legado dos Egípcios
Os Primórdios do Egito

Os egípcios não são famosos somente por suas pirâmides. Como iríamos descobrir, o legado desse povo tão especial vai muito além dos artefatos antigos, já que foram responsáveis por algumas imensas contribuições à nossa maneira moderna de viver. Os egípcios de hoje são uma mistura de tipos árabes, negros e europeus, criando uma imensa variedade de tons de pele e características faciais. Muitas dessas características são intensamente belas, algumas delas idênticas às imagens encontradas em antigas tumbas dentro das pirâmides. Essa beleza não é apenas epidérmica: sempre foram uma nação amigável e tolerante. A idéia corrente dos "perversos" egípcios que usaram os escravos judeus para construir as pirâmides não faz sentido, em grande parte porque não existiam hebreus nessa época tão antiga.

Os primeiros egípcios devem ter sido fortemente influenciados, se não inteiramente guiados, pelos construtores de cidades da Suméria. Talvez depois do Grande Dilúvio, alguns portadores dos segredos e mistérios da construção tenham seguido em direção ao norte e ao oeste até encontrar outro povo sustentado por um rio, que vivia sua vida através das rítmicas e controladas inundações desse rio, cujas águas traziam húmus e fertilidade ao árido solo do deserto. Como o Egito tem um nível de chuvas baixo demais para sustentar o plantio, o Nilo sempre foi central para a continuidade da vida nesse lugar, e ninguém estranha que esse rio tenha se tornado praticamente um sinônimo do Egito.

Do fim de agosto até setembro uma inundação anual se espalha do sul do Mediterrâneo ao norte do Egito, depositando a lama negra na qual o alimento dessa nação frutifica. Uma enchente exagerada em um ano leva a perigosas inundações, destruindo casas e matando gado e pessoas: uma enchente mesquinha significa falta de irrigação e, portanto, fome. O equilíbrio da vida era dependente da generosidade do Nilo.

Antigos registros mostram que quando os soldados egípcios tiveram que combater seus inimigos na Ásia, se horrorizaram com as condições que encontraram em lugares como o Líbano, por exemplo. Quanto à vegetação, relataram "cresce selvagem e impede o progresso das tropas", e o Nilo "inexplicavelmente cai do céu, em vez de correr por entre os montes". Essa referência mostra que eles não tinham uma palavra para "chuva" e que até mesmo esse fenômeno naturalmente vital pode tornar-se mal-vindo depois que se aprende a viver sem ele.

Também estranharam a temperatura da água que bebiam nos rios frios, preferindo deixá-la esquentando ao sol em tigelas antes de levá-la aos lábios.

O Nilo viera sustentando pequenos e isolados grupos de caçadores nômades por dezenas de milhares e anos, mas durante o quarto milênio a.C. algumas possessões agrícolas começaram a surgir. Essas se desenvolveram em proto-reinos com fronteiras territoriais para proteger. Lutas se tornaram comuns antes de haver a compreensão geral de que a cooperação era mais efetiva que a agressão, promovendo o surgimento de comunidades harmoniosas. Em algum momento antes de 3100 a.C. um único reino foi finalmente estabelecido com a unificação dos territórios do Alto e do Baixo Egito.

A teologia dos períodos iniciais do reino unido ainda era muito fragmentada, com cada cidade mantendo os seus deuses originais. Muitas pessoas acreditavam em um tempo antes da memória quando os deuses viveram da mesma maneira que os homens, com temores, esperanças, fraquezas e até mesmo morte. Deuses não eram imortais, quanto mais onipotentes: envelheciam e morriam, e tinham cemitérios exclusivos para seus restos mortais. Essa mortalidade total vai claramente contra qualquer definição de deus, e levanta a questão de porque esses habitantes originais eram descritos assim. A única possibilidade é que as pessoas que haviam controlado a região do Nilo há 5500 anos tivessem sido estrangeiros possuidores de conhecimento ou tecnologia tão avançadas em comparação com a das populações nativas que a estas parecessem verdadeiramente possuidores de poderes mágicos. No tempo antigo a magia e a

religião eram inseparáveis, e qualquer pessoa poderosa podia facilmente ser tomada por um deus.

Não faz sentido especular tanto sobre eventos perdidos na pré-história, mas talvez esses deuses vivos fossem os homens que possuíam os segredos da construção, que repassaram para os construtores das pirâmides antes de partir ou morrer como uma raça isolada.

Os egípcios acreditavam que a matéria sempre tivesse existido: para eles era ilógico pensar que um deus fizesse alguma coisa a partir de rigorosamente nada. Sua visão era a de que o mundo começara quando a ordem saiu do caos, e que desde então há uma batalha entre as forças da organização e as da desordem. Essa criação da ordem fora trazida por um deus que sempre existira - não só estava lá antes dos homens, do céu e da terra, mas já existia até mesmo antes do tempo dos deuses.

Esse estado caótico era chamado de Nun, e como as descrições sumérias e bíblicas das condições pré-Criação, tudo era um abismo escuro, cheio de água e sem sol, mas com um poder, uma força criativa dentro de si que ordenava que a ordem se iniciasse. Esse poder latente que estava dentro da substância do caos não se sabia que existia: era uma probabilidade, um potencial que se entrelaçava com a irregularidade da desordem.

Estranhamente, essa descrição da Criação explica com perfeição a visão da ciência moderna, particularmente a teoria do Caos, que mostra como padrões intrincados se desenvolvem e repetem matematicamente dentro de acontecimentos completamente desestruturados. Parece que os antigos egípcios estavam mais próximos de nossa visão de mundo baseada na física do que parece possível a um povo que não tinha nenhuma compreensão da estrutura da matéria.

Os detalhes desses tempos iniciais variavam um pouco de acordo com as crenças de cada um das grandes cidades: as mais influentes eram (usando seus antigos nomes gregos) Mênfis, Hermópolis, Crocodilópolis, Dedera, Essna, Edfu e Heliópolis, "a cidade do sol", que antes fora conhecida como On. O ponto central da teologia que era praticada nessas cidades era um "momento primeiro" da história quando uma pequena ilha ou monte fértil e pronto para sustentar a vida se ergueu do caos das águas. Em Heliópolis e Hermópolis o espírito que havia deflagrado a vida trazendo a ordem era o deus sol Re (também conhecido como Rá) enquanto na grande cidade de Mênfis ele era identificado como Ptar, o deus da terra. Em qualquer dos casos considerava-se que ele havia chegado à consciência de si mesmo no momento em que fez com que a primeira ilha emergisse das águas. *Rei* Ptar tornou-se a origem dos benefícios materiais que os egípcios usufruíam, e era a inspiração de todas as artes, a fonte das capacidades essenciais e, mais importante que tudo, dos mistérios da construção.

Os líderes do Egito, primeiro os reis e depois os faraós, eram tanto deuses quanto homens, que reinavam por direito divino. Cada rei era o "filho de deus" que no momento de sua morte se tornava um só com seu pai, para ser deus em um paraíso cósmico. A história do deus Osíris mostra como esse ciclo de deuses e seus filhos se iniciou:

A deusa celestial Nut tinha cinco filhos; o mais velho, Osíris, era tanto homem quanto deus. Como depois se tornou norma no Egito, sua irmã tornou-se sua consorte: seu nome era Isis. Ajudado pelo seu braço direito, o deus Thot, comandava o reino sabiamente, e o povo prosperava. No entanto seu irmão Set tinha ciúmes do sucesso de Osíris, e o matou, cortando seu corpo em diversos pedaços que atirou em partes diferentes do Nilo. Isis ficou inconsolável, especialmente porque Osíris não tinha produzido nenhum herdeiro, o que significava que a perversidade de Set acabaria lhe concedendo o direito de governar. Sendo uma deusa cheia de expedientes, Isis não desistiu: localizou as partes do corpo de Osíris e mandou trazê-las a ela para que pudesse reuni-las magicamente e soprar um breve último momento de vida em seu irmão. Ela então se sentou sobre o falo divino e a semente de Osíris a penetrou. Com Isis agora trazendo no ventre o seu filho, Osíris se uniu com as estrelas de onde passou a governar o reino dos mortos.

Isis deu à luz um filho chamado Horus, que cresceu para tornar-se um príncipe do Egito e mais tarde desafiou o assassino de seu pai para um duelo. No combate que se seguiu Horus decepou os testículos de Set, mas perdeu um olho. A seguir o jovem Horus foi declarado vencedor e tornou-se o primeiro rei.

Desse momento em diante o rei era sempre considerado como sendo o deus Horus, e no momento de sua morte ele se transformava em Osíris, e seu filho no novo Horus.

A Estabilidade dos Dois Reinos

O Baixo e o Alto Egito foram unidos em um só reino por volta de 5200 anos atrás. Não sabemos

que problemas o povo vivenciava antes desse tempo, quando os deuses ainda moravam entre eles, mas desde o início a unificação foi considerada como sendo absolutamente essencial ao bem-estar do estado bipartido.

A construção das pirâmides preencheu para os egípcios as mesmas necessidades que os zigurates preenchiam para o povo da Suméria, por serem montanhas artificiais que auxiliavam os reis e sacerdotes a alcançar os deuses. Mas muito mais antigo que a pirâmide era o pilar, que tinha a mesma função de ligar o mundo dos homens e o mundo dos deuses.

Antes da unificação, cada uma das duas terras tinha seu pilar principal para conectar o rei e seus sacerdotes com os deuses. Parece razoável considerar que, quando o Alto e o Baixo Egito foram unidos, os dois pilares tenham sido mantidos. Cada um desses pilares era um cordão umbilical unindo Céu e Terra, e os egípcios necessitariam de uma nova estrutura teológica para expressar a relação de sua nova trindade formada por duas terras e um céu.

Na antiga cidade de Annu (mais tarde chamada de On na Bíblia, e de Heliópolis pelos gregos) havia um pilar sagrado que também se chamava Annu - possivelmente antes da cidade. Esse, acreditamos, era o grande pilar do Baixo Egito e sua contraparte, o Alto Egito, quando da unificação estava na cidade de Nekheb. Mais tarde a cidade de Tebas, então conhecida como "Waset", tinha o título de "Iwnu Shema", que significava "o Pilar do Sul".

Através da análise de rituais das crenças egípcias posteriores, viemos a acreditar que os pilares sagrados se tornaram a manifestação física da unificação. Simbolizando a união das duas terras em um só reino, os dois pilares foram considerados unidos pela celestial viga de Nut, a deusa do céu, as três partes formando um portal arquitetônico. Com um pilar ao sul e outro ao norte, a abertura naturalmente se voltava para o leste para saudar o Sol nascente. Em nossa opinião isso representava a estabilidade, e enquanto os dois pilares permanecessem intactos o reino das Duas Terras prosperaria. Achamos isso muito mais pertinente quando notamos que o hieróglifo egípcio para as Duas Terras, chamado "taui", era o que se poderia descrever como sendo dois pilares voltados para o leste, com pontos que indicavam a direção do nascer do sol.

Olhando do leste para essa porta espiritual, o pilar da direita era o do Baixo Egito, correspondente ao pilar maçônico Jachin, que significa "estabelecer". Não há explicação no ritual moderno para o que isso realmente signifique, mas a nós parece vir diretamente do Baixo Egito, a mais antiga das terras. De acordo com o mito egípcio esse era o lugar onde o Mundo veio a existir a partir do caos primordial chamado Nun, e, portanto, "Jachin" significa nada menos que o estabelecimento do Mundo.

Para os egípcios o pilar da esquerda marcava a conexão do Céu com o Alto Egito, e no ritual maçônico ele é identificado como Booz, que quer dizer "força" ou "na força". Como demonstraremos no próximo capítulo, essa associação Surgiu quando a terra. do Alto Egito mostrou grande força. em tempos de necessidade do Egito, em uma época em que o Baixo Egito esteve perdido temporariamente nas mãos de um inimigo poderoso.

A Maçonaria diz que a unificação dos dois pilares representa "estabilidade", e que não há dúvida de que isso descreve como o Egito se sentia. Enquanto ambos os pilares estivessem intactos, o reino das Duas Terras prosperaria. Esse tema da força através da unidade de dois pilares foi, acreditamos nós, o início de um conceito que viria a ser adotado sob muitas formas por culturas posteriores, incluindo os judeus e mais recentemente, a Maçonaria.

Ao estudar a história do Egito nós imediatamente percebemos um ideal que era absolutamente essencial à sua civilização: era um conceito denominado Ma'at. À luz de nossas pesquisas é possível imaginar nossa alegria e excitação quando demos com a seguinte definição:

O que caracterizava o Egito era a necessidade de ordem. As crenças religiosas egípcias não tinham grande conteúdo ético mas em termos práticos havia um reconhecimento geral de que a justiça era um bem tão fundamental que era parte da ordem natural das coisas. O juramento solene do Faraó ao apontar seu vizir deixava isso bastante claro: a palavra usada, Ma'at, significava alguma coisa mais compreensível que agir bem. Originalmente o termo era físico: significava nivelado, ordenado, e simétrico como as fundações de um templo. Mais tarde passou a significar retidão, verdade, justiça.

Pode haver uma descrição mais clara e acurada da Maçonaria? Como Maçons, acreditamos que não. A Maçonaria se considera um sistema peculiar de moralidade baseado no amor fraternal, no apoio mútuo

e na verdade. O Maçom recém-iniciado é informado de que todos os esquadros e níveis são sinais seguros pelos quais se pode conhecer um Maçom.

A Maçonaria não é uma religião, da mesma forma que o conceito de Ma'at não era parte integrante de alguma lenda ou estrutura teológica. Ambas são compreensões pragmáticas de que a continuidade da civilização e progresso social reside na habilidade individual de "fazer aos outros como se faz a si próprio". O fato de ambas usarem o plano e construção de um templo como exemplo, além de observar que o comportamento humano deve estar nivelado e aprumado, está certamente além da mera coincidência. É raro encontrar em qualquer sociedade um código moral que exista fora de um sistema religioso, por isso é justo dizer que Ma' at e Maçonaria, pedra por pedra, nível por nível, têm uma semelhança que muito pode ensinar ao mundo moderno.

Quando começamos a apreciar a força e beleza de Ma'at sentimos mais e mais que a Maçonaria, em sua forma atual, era dela uma pobre descendente, se descendente fosse. Talvez os membros de uma Grande Loja se identifiquem com os valores reais que indiscutivelmente fazem parte da Ordem, mas tememos dizer que, de acordo com nossa experiência, poucos Maçons ativos têm sequer um vislumbre do esplendor social com o qual estão associados. Em nosso mundo ocidental moderno, valores tais como piedade e caridade se confundiram com a religião, sendo quase sempre chamados de "valores cristãos", o que é uma vergonha. Muitos cristãos são, é claro, pessoas piedosas e caridosas, mas nós acreditamos que isso tem mais a ver com sua espiritualidade individual que com qualquer exigência teológica. Da mesma forma, alguns dos mais terríveis e desumanos atos da história têm sido realizados em nome do Cristianismo.

Analisando as equivalências modernas de Ma'at, não podemos deixar de observar que muitos socialistas e comunistas se consideram buscadores não teológicos da bondade e equanimidade humanas. Quando o fazem, se enganam.

Como uma religião qualquer, seu credo exige a aceitação prévia de uma metodologia pré-ordenada para que sua "bondade" funcione: Ma'at era a bondade pura, dada de graça. Parece-nos razoável dizer que se a sociedade ocidental algum dia alcançar seus amplos objetivos de igualdade e estabilidade, finalmente teremos redescoberto Ma'at. Se engenheiros modernos se maravilham com os dificilmente imitáveis talentos dos construtores das pirâmides, o que nossos cientistas sociais não poderiam fazer com um conceito como esse?

Nesse momento percebemos que o elo entre a os valores maçônicos e os de Ma'at era difícil de negar. Certamente alguns alegarão que a Maçonaria foi uma fantasiosa invenção do século XVII, estilizada a partir dos conceitos de Ma'at. Mas este argumento não se sustenta, porque os hieróglifos não puderam ser entendidos até que se decifrasse a Pedra de Rosetta - que trazia a tradução dos hieróglifos em grego - cem anos depois que a Grande Loja de Inglaterra já se estabelecera. Antes disso, obviamente não havia nenhuma maneira para que a Maçonaria conhecesse e entendesse Ma'at de maneira a usá-la como seu modelo estrutural.

Havíamos encontrado no Antigo Egito uma civilização que pregava os princípios que havíamos aprendido no ritual da Maçonaria, e que também usava o conceito dos dois pilares dentro de sua estrutura civil. Havia também uma história de assassinato e ressurreição ligada ao nome de Osíris, mas ela não estava conectada ao arquiteto do Templo de Salomão, ou de qualquer outro templo. Obviamente era preciso que olhássemos para a civilização do Antigo Egito muito mais detalhadamente.

Os egípcios haviam experimentado as limitações da decisão individual durante seu período formativo, e por isso iniciaram, através da genialidade da ampla idéia de Ma'at, a construção de uma nova ordem que servisse tanto aos deuses quanto aos homens. O temperamento futuro do povo egípcio, parece-nos, havia sido moldado pelo espírito de tolerância e amizade. Em tempos antigos Ma'at havia se tornado a base para o sistema legal e logo se tornou a própria "retidão", desde o equilíbrio do universo e seus corpos celestes até a honestidade e a justeza de princípios na vida cotidiana. Na antiga sociedade egípcia, o pensamento e a natureza eram entendidos como dois lados de uma mesma realidade, e o que quer que fosse regular e harmonioso em qualquer um desses lados era considerado como uma manifestação de Ma'at.

Estávamos cientes, a partir de nossos estudos maçônicos, de que a apreciação de tudo que fosse "regular" e "harmonioso" é central em toda a Maçonaria e que o direito de livre investigação dos mistérios da natureza e da ciência é dado a todos Companheiros ou Maçons do 2° Grau.

A história de Set e Osíris que narramos antes demonstrava ao povo do Egito que a regra divina da

legitimidade dos reis não podia ser quebrada, mesmo pelos poderes de desagregação e anarquia que Set representava. O conceito de Ma'at se tornou o mais importante traço de um bom rei e os antigos registros mostram que cada rei e faraó era descritos como "aquele que pratica Ma'at", "protetor de Ma'at" ou "aquele que vive sob os preceitos de Ma'at". A ordem social e o equilíbrio da justiça fluíam da fonte de Ma'at, o deus-vivo Horus, o rei. Apenas através da preservação da linhagem divina dos reis é que a civilização do Egito podia sobreviver. Essa apresentação de Ma'at e da linha real como inseparáveis era evidentemente um excelente mecanismo para evitar rebeliões e preservar a monarquia.

Não só a estabilidade política do país era sustentada pelo amplexo de Ma'at, mas também toda a prosperidade da nação. Se as pessoas vivessem suas vidas de acordo com Ma'at, os deuses assegurariam que o Nilo traria consigo uma enchente do tamanho exato para fertilizar a colheita que alimentaria a população. Muita ou pouca água seria culpa do povo e do rei. Viver sob os preceitos de Ma' at garantia a vitória na guerra. Inimigos do país eram vistos como as forças do Caos, e seriam derrotados porque os deuses apoiavam o bom povo de Ma'at.

Ma'at era eventualmente considerada como deusa. Era a filha do deus sol Rá e navegava com ele pelo céu em um barco, sendo também mostrada como aquela que ficava na frente do barco garantindo que se manteria um curso perfeito e verdadeiro. Ma'at sempre traz uma pena de avestruz em seu ornato de cabeça, e um *ankh* pendurado em cada braço. O *ankh* era e é o símbolo da vida. Tem a forma de um crucifixo, com a parte de cima cortada de cima a baixo e aberta para os lados, formando um olho ou um barco em posição vertical.

Uma outra descoberta muito significativa para nós foi a de que o irmão de Ma'at era o deus-lua Thot, que quase sempre é mostrado na proa do barco de Rá ao lado de Ma'at. Nosso interesse cresceu quando encontramos referências para o fato de que Thot era uma figura importante em certas antigas lendas maçônicas.

Foi Thot quem ensinou aos egípcios a arte de construir e a religião, e diz-se que foi ele quem estabeleceu o que é verdadeiro. Um rei que combatia o mal era considerado um bom deus - e herdeiro de Thot.

A Feitura de um Rei

Como mostramos, a Maçonaria tem muitos elementos que são egípcios, usando pirâmides e o olho de Amon-Rá, mas ninguém realmente acredita haver qualquer ligação. As tradições orais da Maçonaria datam o estabelecimento do ritual em mais ou menos 4000 anos atrás, mas ninguém crê que isso seja verdade. No entanto, com a possível origem egípcia das colunas e a natureza idêntica à de Ma'at, estávamos começando a acreditar em uma possível ligação. O lugar de se iniciar a busca por evidências mais profundas da similaridade dos rituais tinha que ser os costumes do rei e de sua corte.

Quando o senhor das duas terras morria, ele se tornava Osíris e seu filho imediatamente se tornava Horus e o novo rei. Quando o rei não tinha filhos os deuses eram chamados para resolver o problema. No entanto, acreditávamos que eram os membros de uma "loja real" que tomavam as decisões e assim que a iniciação do novo "mestre" estava completa, o Horus estava além de toda competição, para sempre.

Uma dessas ocasiões seguiu-se à morte de Tuthmosis II em 1504 a.C. Ele tinha uma filha de sua mulher, Hatshepsut, mas seu único filho nascera de uma concubina chamada Isis. Esse filho sucedeu ao pai com o nome de Tuthmosis III e narrou a estranha história de como o deus Amon o havia escolhido como novo senhor das duas terras. Quando ainda jovem estava sendo preparado para o sacerdócio e freqüentava o templo que o mestre construtor Ineni havia erguido para seu avô. Um dia ele estava presente quando seu pai oferecia um sacrifício a Amon e o deus fora trazido ao Salão das Colunas de Cedro, carregado dentro de um andor em forma de barco.

O deus era carregado à altura dos ombros, em volta de toda a sala. O jovem muito corretamente se prostrou ao chão com os olhos fechados, mas assim que o andor o alcançou, o deus fez com que a procissão parasse simplesmente multiplicando o seu peso, forçando os carregadores a colocá-lo no chão. O jovem percebeu que tinha sido posto de pé e nesse momento compreendeu que fora escolhido como o próximo Horus, mesmo com seu pai ainda vivo.

Essa história tem uma forte semelhança com o comportamento atribuído a Yahweh quando era carregado em sua Arca (seu andor em formato de barco) pelos israelitas. Isso nos levou a pesquisar no Livro do Êxodo sob uma nova luz, e começamos a perceber o quanto a história de Moisés e de seus israelitas realmente era egípcia.

Em nossa opinião a cerimônia de coroação do novo Horus (o futuro rei) também era a cerimônia funeral do novo Osíris (o rei que se ia) Esses eventos eram realizados em segredo e estavam restritos ao corpo interno de oficiais muito graduados - uma Grande Loja? Entre esses estavam obviamente incluídos os grandes sacerdotes e os membros homens imediatos da família real, mas mestres construtores, chefes dos escribas e generais do exército também poderiam estar incluídos. A liturgia funerária não foi registrada, mas muitos dos procedimentos foram ordenados para traçar um quadro bastante esclarecedor.

Descobrimos serem muito significativos o reconhecimento e a coroação dois eventos separados. O reconhecimento acontecia normalmente na primeira luz do dia imediatamente após a morte do velho rei, mas a coroação era celebrada um bom tempo depois. A despeito dos extensos registros feitos pelos egípcios, não foi encontrada qualquer descrição completa de uma coroação egípcia, o que sugere que importantes partes eram um completo segredo ritualístico transmitido para um pequeno grupo de forma exclusivamente verbal.

Sabe-se que o ritual de feitura-de-rei era realizado na pirâmide de Unas. Como em um templo maçônico, o teto da câmara principal representa o céu com as estrelas em seus devidos lugares. A visão mais aceita é a de que a cerimônia era celebrada na última noite da lua minguante, começando ao pôr-do-sol e levando toda noite até o nascer do sol, sendo seu propósito um ritual de ressurreição que identificava o rei morto com Osíris. As cerimônias de ressurreição não era exclusivas da morte de um rei e na verdade parecem ter sido eventos bastante freqüentes realizados no templo mortuário. Já se sugeriu que esses eram rituais para honrar ancestrais reais, mas também podem ter sido cerimônias de admissão de novos membros ao grupo real mais interno, durante a qual eram figurativamente ressurrectos antes de ser admitidos aos segredos e mistérios concedidos de boca a ouvido desde o tempo dos deuses. Claro está que esses segredos, por definição, requereriam a existência de uma "sociedade secreta", um grupo de privilegiados que constituiria uma sociedade a parte. Tal grupo teria que realizar cerimônias de admissão: nenhuma instituição de elite antiga ou moderna deixa de ter uma cerimônia de admissão dos membros comuns ao patamar do grupo interno mais restrito.

No ritual de coroação / funeral, o velho rei era ressurrecto no novo, e se provava candidato adequado viajando por todo o perímetro de seu país. Isso era um ato verdadeiramente simbólico, já que o novo rei era conduzido em toda a volta do templo para mostrar-se como um candidato de valor aos presentes, que incluíam o deus Rá e seu assistente direto. Em uma cerimônia maçônica o novo membro também é conduzido por toda a volta do templo para provar-se um candidato de valor.

Depois de passar por todos os pontos da rosa dos ventos ele é apresentado ao sul, ao oeste e finalmente ao leste. O primeiro deles ao Segundo Vigilante, que representa a Lua (Thot era o deus da Lua), depois ao Primeiro Vigilante, que representa o Sol (Rá era o deus do Sol) e finalmente ao Venerável Mestre, que se pode dizer que represente Osíris. Como os egípcios, os Maçons também conduzem suas cerimônias à noite.

As similaridades são fortes, mas que evidência tínhamos de que existia realmente uma sociedade secreta, quanto mais que os princípios da cerimônia de coroação se estendiam à iniciação de seus membros?

Há muitas inscrições indicando a existência de um grupo selecionado a cujos membros era dado o conhecimento de coisas secretas. Uma inscrição em uma porta falsa, agora no Museu do Cairo, foi feita por alguém que ficou surpreendido e honrado em ser admitido ao grupo interno do rei Teti. Lá está escrito assim:

Hoje em presença do Filho de Rã, Teci, para sempre vivo, alto sacerdote de Ptar, mais honrado pelo rei que qualquer de seus servos, como mestre das coisas secretas de toda tarefa que sua majestade deseje feitas, agradando ao coração de seu senhor todos os dias, alto sacerdote de Phtá, Sabu, Alto Sacerdote de Ptar, portador da taça do rei, mestre das coisas secretas do rei em todas as partes... quando sua majestade me favoreceu, fez com que eu entrasse na câmara privada, fez com que eu arrumasse em seu nome as pessoas em todos os lugares, e lá encontrei o caminho. Nunca foi assim feito a outro servo que não eu, por nenhum soberano, porque sua majestade me amava mais que a qualquer um de seus servos, porque eu estava honrado em seu coração. Eu fui útil na presença de sua majestade, encontrei o caminho de todas as coisas secretas da corte, fui honrado pela presença de sua majestade.

Essa pessoa obviamente sentiu que sua aceitação em grupo tão excelso era bem pouco usual para alguém que ocupasse o seu cargo original, o que indica que indivíduos mais velhos e importantes provavelmente tinham direitos de serem membros desse grupo, o rei e provavelmente outros tinham autoridade suficiente para indicar outras pessoas selecionadas.

Egiptólogos nunca encontraram uma explicação para a expressão "encontrei o caminho" em referência a assuntos secretos, mas podemos interpretar isso como sendo instrução em conhecimento secreto que posteriormente se tornava uma maneira de viver. Um ponto importante é que os essênios e a Igreja de Jerusalém usavam a mesma expressão para os que seguiam sua Lei.

Outra inscrição se refere a um construtor desconhecido que também era membro secreto do grupo interno de apoiadores do rei Teti:

Assim fiz para que sua majestade me elogiasse por conta disso... [sua majestade fez com que eu entrasse] na câmara privada e que eu me tornasse membro da corte do soberano. .. sua majestade me fez conduzir os trabalhos do templo. .. e nas pedreiras de Troja. .. fiz uma porta falsa, no decorrer do trabalho.

A expressão "câmara privada" é uma tradução nonocentista que foi escolhida por descrever o que modernamente seria a sala pessoal de um rei, mas isso não se confunde com o termo "corte do soberano", que implica toda a equipagem de um palácio. Talvez pudesse ser mais bem expressa assim: "Sua majestade permitiu-me entrar a câmara real de acesso restrito para que eu pudesse me tornar membro da elite real".

Como já vimos, havia instruções sobre práticas secretas para essa elite, que provavelmente eram concedidas em cerimônias ocultas da vista de indivíduos menos importantes. Isso representaria o mais alto nível de aceitação a que um homem podia aspirar: mas para um homem que era também um deus, Horus, havia um evento ainda mais especial - a feitura de um rei. Era uma ocasião tremendamente importante por representar a continuidade do elo entre as Duas Terras e a prosperidade e estabilidade que elas viviam. No entanto, entre a morte do velho rei e a confirmação do novo havia um ponto de perigo, por abrir espaço para a oportunidade de uma insurreição.

O egiptólogo H. W. Fairman comentou:

É bastante evidente que em algum ponto da feitura de um rei, em sua escolha ou sua coroação, alguma coisa acontecia que garantia a sua legitimidade, o que automaticamente desarmava qualquer oposição, exigindo e obtendo a lealdade, e isso simultaneamente o transformava em um deus, ligando-o diretamente ao passado do Egito.

Essa visão é partilhada por muitos, mas até agora nenhuma evidência específica havia vindo à luz para identificar esse evento-chave como parte da cerimônia. Graças às nossas pesquisas mais amplas, uma nova e surpreendente teoria sobre a natureza especial da feitura de reis no Egito havia nos ocorrido.

Comecemos revendo o que já se sabe do ritual de fazer reis:

A coroação tinha lugar em dois estágios. O primeiro estágio incluía a unção e a investidura com um colar cerimonial e um avental assim como a apresentação do *ankh* (símbolo da vida) e quatro buquês. No segundo estágio as insígnias reais eram apresentadas e o ritual principal tinha início. Uma parte crucial disso era a reafirmação da união entre as Duas Terras e a feitura do novo rei pela apresentação de duas coroas diferentes e de todos os paramentos. Nunca foi revelado em que ponto desses procedimentos o rei se tornava um deus.

Sugeriríamos que o processo crucial e central da feitura de um rei envolvia a viagem do candidato através das estrelas, para que fosse admitido como membro da sociedade dos deuses, e lá fosse transformado em Horus, possivelmente por ser espiritualmente coroado pelo velho rei - o novo Osíris. Em algum ponto dos acontecimentos dessa noite o velho e o novo rei viajavam juntos para a Constelação de Orion, um para permanecer em sua casa celestial e o outro para aprender a governar a terra dos homens.

O novo rei teria passado por uma "morte", por meio de uma poção administrada a ele pelo sumo-sacerdote durante um encontro do grupo interno dos portadores do real segredo. Essa droga teria sido um alucinógeno que lentamente induzia a um estado catatônico, deixando o novo rei inerte como qualquer cadáver. Com o passar das horas a poção perdia seu efeito e o Horus recém-feito retornaria de sua visita

aos deuses e antigos reis do Egito. A volta seria perfeitamente calculada para que o novo rei retornasse à consciência precisamente quando a estrela da manhã surgisse no horizonte. Desse momento em diante nenhum mortal sequer pensaria em usurpar seu poder, divinamente concedido em um conselho dos deuses que habitam os céus. Uma vez tendo os membros da elite do rei, os "portadores do real segredo", decidido a quem erguer para o divino e exclusivo grau de Horus, o momento para qualquer tipo de competição já teria passado.

Essa teoria lógica respeita todos os critérios acadêmicos para intuir a parte desconhecida da cerimônia que tornava o rei intocável. Esse processo conseguiria:

1. Desarmar a oposição e garantir lealdade total;
2. Transformar o novo rei em um deus *(status* que, obviamente, nenhum homem poderia conceder);
3. Ligá-lo diretamente com o passado do Egito (já que havia visita do todos os reis anteriores).

Provando o Improvável

Se houvéssemos descoberto uma nova câmara em uma das pirâmides e em uma de suas paredes uma descrição completa desse ritual de feitura de reis, teríamos provas suficientes para que muitos (ainda que não todos) os acadêmicos aceitassem nossa teoria como viável. Não é esse o caso, e com certeza isso não acontecerá.

Os registros de eventos não incluiriam nem detalhes de uma poção administrada ao futuro rei nem detalhes da química de embalsamamento usada no rei morto. Já que os hieróglifos falham em registrar que o candidato à realeza experimentava uma "morte temporária" e viajava às estrelas, diríamos que o evento principal era a criação de um Osíris e que a criação de um Horus era um evento implícito ao principal. Existem muitas provas circunstanciais para apoiar essa teoria.

Antes de entrarmos nas razões pelas quais acreditamos que essa teoria está correta, gostaríamos de lembrar que nossa aproximação a esse assunto sempre partiu de dois pontos de vista. Segundo nosso sistema, nós nunca ignoramos nenhum fato provado, e sempre indicamos claramente quando estávamos especulando; Em contraste com a enorme quantidade de novas idéias que colocamos neste livro, não podemos de nenhuma forma apresentar provas absolutas de que era assim que se faziam reis, mas esta é sem dúvida uma teoria que preenche as lacunas no processo conhecido de feitura de reis egípcios, e toda ela se apóia nos fatos como eles são.

Muitas pessoas têm a impressão de que os antigos egípcios construíam as pirâmides para servir como sepultura para seus faraós. Na verdade, a época na qual as pirâmides foram construídas foi relativamente muito curta, e talvez seja uma surpresa para muitos leitores saber que a rainha Cleópatra está temporalmente mais próxima dos técnicos da NASA que dos construtores da Grande Pirâmide. Também está bem longe da verdade a idéia de que o objetivo principal das pirâmides era prover espaço sepulcral para reis mortos, e seu propósito e verdadeiro significado ainda é amplamente discutido. Uma analogia útil seria o fato de que a Catedral de São Paulo não é a sepultura de sir Christopher Wren, ainda que ele esteja enterrado nela.

A maior fonte de informações sobre o ritual de Osíris/ Horus vem de inscrições conhecidas como *Textos da Pirâmide*, encontrados dentro das cinco pirâmides de Saqqara, perto do Cairo, das quais a mais importante é a do rei Unas, que data do final da Quinta Dinastia dos reis. Apesar de ter 4300 anos ela ainda é uma pirâmide relativamente tardia, mas o ritual que ela descreve é considerado como tendo 5300 anos de idade.

O estudo desses textos produziu uma reconstrução de alguns dos elementos do ritual, mas o que falta acaba se revelando naturalmente. Essa reconstrução descreve as várias câmaras e o ritual específico de cada uma delas: a câmara fúnebre representa o mundo inferior, a antecâmara, o horizonte ou mundo superior, e o teto era o céu noturno. O caixão contendo o corpo do rei morto era trazido à câmara fúnebre onde o ritual era executado.

O corpo era colocado dentro do sarcófago e os membros da elite passavam para antecâmara, quebrando dois vasos vermelhos na passagem. Durante a cerimônia o Ba (a alma) do rei morto deixava o corpo e atravessava o mundo inferior (a câmara fúnebre) e então, adquirindo forma tangível como estátua de si próprio, prosseguia atravessando o céu noturno e alcançando o horizonte onde se religava ao Senhor de Tudo.

O processo então se repetia de forma abreviada. Para quem? Talvez para o candidato a rei?

O aspecto mais tantalizante dessa interpretação do texto da Pirâmide de Unas é que ele contém outro ritual que corre por baixo do ritual principal. Era um ritual silencioso, exclusivamente relativo a algo como uma ressurreição. Parece ter sido realizado como parte do ritual falado, começando, na medida em que os celebrantes atravessavam da câmara fúnebre para a antecâmara, com a quebra dos dois vasos vermelhos.

A única tentativa de explicação para esse ritual paralelo é a de que ele ocorreria no Alto Egito, enquanto o falado, o mais importante, ocorria no Baixo Egito. Em vez disso, cogitamos se não poderia ter sido pelo transporte do candidato a rei temporariamente "morto", que teria que ser ressurrecto sob forma humana antes que a tumba fosse selada.

As mesmas cerimônias, hoje se sabe, foram conduzidas de forma idêntica em outros períodos, e muitos peritos crêem que o ritual seja mais antigo que a mais antiga história egípcia, que começa por volta de 3200 a.C.

Uma oração de uma pirâmide da Sexta Dinastia (2345 -2181 a.c.) expressa o espírito da teologia do Antigo Egito, que se fundamentava sobre a ressurreição das estrelas e a manutenção da estabilidade sobre a Terra:

Tu permaneces, ON, protegido, paramentado como deus, paramentado com o aspecto de Osíris no trono do Primeiro dos Ocidentais. Tu fazes o que ele desejou fazer entre os espíritos, as Estrelas Inextinguíveis. Teu filho fica em teu trono, paramentado com teu aspecto: ele faz aquilo que tanto desejaste, fazendo comando dos vivos por ordem de Rá, o Grande Deus: ele cultiva cevada, ele cultiva espelta55, com os quais possa depois te presentear. Oh, N. toda a vida e domínio a ti são dados, e a eternidade é tua, diz Rã. Tu mesmo dizes que recebeste o aspecto de um deus, e tu és, portanto, grande entre os deuses que estão no estado. Oh, N, teu Ba se ergue entre os deuses, entre os espíritos: e o temor de ti está em seus corações. Oh, N, esse N se coloca em teu trono como cabeça dos vivos: e o temor de ti está em seus corações. O teu nome que está na terra vive, teu nome que está na terra, permanece: tu nunca perecerás, tu nunca serás destruído para sempre e sempre.

Consideremos agora a prece silenciosa pelo candidato a rei, que experimentará sua breve morte passando pelo mundo inferior e encontrando os reis passados das Duas Terras:

Poderoso e externo Rá, Arquiteto e Senhor do Universo, sob cuja vontade criativa todas as coisas em principio foram feitas, nós frágeis criaturas de tua providência, humildemente imploramos que derrames sobre essa assembléia, reunida em teu nome, o orvalho contínuo de tua bênção. Mais especialmente te rogamos que concedas tua graça a este servo que busca partilhar conosco os segredos das estrelas. Enche-o de tal fortitude para que na hora de suas provas ele não falhe, mas passe em segurança sob tua proteção, através do negro vale da sombra da morte e finalmente se erga do sepulcro da transgressão para brilhar como as estrelas, para sempre e sempre.

Não combina perfeitamente? Mas não é nenhum ritual do Antigo Egito: é uma oração oferecida na cerimônia maçônica do 3° Grau antes que o candidato passe pela morte figurativa para ser ressurrecto como Mestre Maçom!

E quanto à sugestão de que uma poderosa droga narcótica era usada para "transportar" o novo rei até as estrelas e de volta? Como já dissemos, não haveria registro dessa poção da mesma forma que não existe nenhum registro real do ritual de coroação.

Parece razoável não haver registros do mais importante momento da feitura de um rei porque ninguém sabe qual ele era: o candidato tomava a poção, viajava até as estrelas e retomava como rei e Horus. Tudo que os que permaneciam na terra tinham a fazer era apresentar-lhe os paramentos de oficio sem nada lhe perguntar sobre os negócios dos deuses, dos quais esse rei era agora um. O próprio rei sem dúvida teria estranhos sonhos induzidos pela droga, mas não revelaria, é claro, nenhum deles. Por este processo da cerimônia de feitura-de-reis, o novo Horus era colocado indiscutivelmente como a escolha divina para governar as Duas Terras.

Drogas narcóticas têm sido usadas em cerimônias religiosas em quase todas as antigas culturas humanas e seria surpreendente se uma cultura avançada como a dos antigos egípcios não possuísse conhecimento muito sofisticado sobre seu uso. A pergunta não é se eles usavam essas drogas, mas sim

porque acreditamos que eles não as usavam. O método usual para que um homem alcançasse os céus pela morte era atravessar essa ponte ainda em vida, usualmente com a ajuda de narcóticos:

A ponte funerária, um elo entre a Terra e o Céu que os humanos usam para se comunicar com os deuses, é um símbolo comum a todas as antigas práticas religiosas. Em algum ponto do passado distante tais pontes eram de uso *muito* habitual, mas com o declínio do homem tornou-se cada vez mais difícil usar essas pontes. Pessoas só podem cruzar esta ponte com seu espírito estando mortas ou em estado de êxtase. Tal travessia seria cheia de dificuldades: nem todas as almas conseguiriam atravessá-la, porque demônios e monstros poderiam derrotar aqueles que não estivessem adequadamente preparados. Apenas os "bons" e traquejados adeptos que já conheciam o caminho através de um ritual de morte e ressurreição poderiam atravessar a ponte com facilidade,

Essas idéias do Xamanismo se coadunam em todos os sentidos com o que sabemos das crenças do Egito. Demônios eram afastados da passagem de Osíris por meio de maldições proferidas, mas na realidade o caminho seria bastante seguro por duas razões: inicialmente, ele vivia segundo os preceitos de Ma'at, e, portanto, era um bom homem: segundo, ele já conhecia o caminho por tê-lo atravessado quando fora transformado em Horus. Talvez a passagem do novo rei fosse conduzida em silêncio para não chamar a atenção de demônios. O novo rei podia então seguir o velho rei através dos céus, aprendendo o caminho para que um dia pudesse guiar o próximo rei, quando de sua própria morte.

Mais tarde descobrimos que Henri Frankfort havia percebido que os ritos de renascimento do rei morto eram conduzidos paralelamente aos rituais de coroação de seu herdeiro. Isso confirmou nossa visão de uma cerimônia dupla para o rei morto e o vivo. Além do mais, uma passagem dos *Textos da Pirâmide* mostra que o novo Horus era considerado como sendo a estrela da manhã, quando o novo Osíris diz:

Os juncos flutuantes do céu estão postos em seu lugar para mim, para que sobre eles eu atravesse até Rá no horizonte... eu me erguerei entre eles, pois a lua é meu irmão e a Estrela da Manhã é meu descendente. . .

Cremos que muito da teologia e tecnologia dos egípcios foi adotada dos segredos dos construtores de cidades da Suméria, e que os sumérios eram extremamente bem versados no uso de drogas para propósitos religiosos.

A próxima pergunta que tínhamos a fazer era se os rituais de ressurreição eram ou não reservados com exclusividade para as cerimônias de coroação. A resposta parece ser que não. Lá pelo final do Velho Reino (cerca de 2181 a.C.) alguma forma de cerimônia de ressurreição real era realizada anualmente, e com o progresso do Meio-Reino, o ritual começou a ser aplicado às pessoas graduadas, provavelmente fora do grupo interno do rei. Essas pessoas não-reais com toda certeza não teriam acesso ao conhecimento do grupo real.

A Estrela da Manhã Brilha Novamente

Agora era preciso que levássemos em conta um elemento vital da teologia egípcia. Como dissemos antes, a teologia do Egito era um desenvolvimento das crenças da Suméria. Mais ainda: as crenças dos futuros hebreus (e por conseqüência dos cristãos) eram um desenvolvimento da teologia egípcia acrescentada de posteriores versões babilônicas do mesmo material fonte. Já havíamos chegado a uma identificação em comum da estrela da manhã como símbolo de renascimento na Comunidade Essênia/Igreja de Jerusalém e a Maçonaria: agora reencontrávamos o tema mais uma vez no Antigo Egito. Os *Textos da Pirâmide* 357, 929, 935 e 1707 se referem à descendência do rei morto (Horus) como sendo a Estrela da Manhã.

É interessante notar que o hieróglifo egípcio para a Estrela da Manhã tem o significado literal de "conhecimento divino". Isso parece apoiar nossa tese de que o candidato à realeza era elevado ao *status* de novo deus/rei Horus ao partilhar os segredos dos deuses na terra dos mortos, onde aprendia todos os grandes segredos antes de voltar à Terra quando a Estrela da Manhã surgisse no horizonte imediatamente antes do nascer do sol.

Estávamos trabalhando nessa fase de nossa pesquisa quando um novo livro foi publicado, alegando trazer nova luz ao objetivo da construção das pirâmides simplesmente pela análise de seu projeto astrologicamente inspirado. Robert Bauval e Adrian Gilbert divulgaram um caso bem montado e defendido em que mostram que as pirâmides de Gizé estão arrumadas sobre o solo em uma cópia

intencional das estrelas no Cinturão de Orion.

Também fazem referência a rituais que eram conduzidos nos degraus dos zigurates da Antiga Mesopotâmia, envolvendo a "Estrela da Manhã, vista como a Grande Deusa Cósmica Ishtar". Essa evidência da confirmação de um caminho completamente diferente conforma o que havíamos descoberto de maneira independente trabalhando temporalmente para trás a partir dos rituais da Maçonaria moderna.

No Egito o novo rei, Horus, é a Estrela da Manhã, erguendo-se (como se ergue o Maçom) de uma morte figurativa e temporária. A Estrela da Manhã, o planeta Vênus, estava provando ser um elo muito importante em nossa corrente.

Mas não importa quão fascinante fossem os paralelos com essênios e Maçonaria que tivéssemos encontrado nas práticas egípcias, porque ainda havia uma pergunta óbvia a ser respondida. Havia realmente um caminho para as idéias de Ma' at, os segredos dos reis do Egito e um ritual detalhado de ressurreição que pudéssemos traçar até os Essênios? Para descobrir isso, era preciso que olhássemos mais atentamente a história de Osíris.

O peculiar destino de Osíris - seu brutal assassinato e desmembramento, executados por seu irmão Set, seguidos de sua ressurreição e exaltação às estrelas - é um exemplo muito remoto de vingança e recompensa do sofrimento inocente. O destino de Osíris trazia esperança aos estratos mais baixos da sociedade, dando um significado e um propósito para o sofrimento. O culto de Osíris tornou-se um culto funerário, acessível ao egípcio comum. Enquanto outros deuses se mantinham afastados em seus templos, Osíris podia ser cultuado em qualquer lugar por qualquer pessoa, ao lado do deus local.

Substitua-se "destino" por "crucificação" e essa descrição pode ser aplicada a Jesus Cristo. Começávamos a achar possível que houvesse conexões de cuja existência sequer suspeitávamos. Não tivemos que esperar muito até que uma hipótese viesse à tona. Quando estávamos no meio da análise do próximo período chave da história do Egito, o personagem central de nossas pesquisas, Hiram Abiff, emergiu das brumas do tempo para nos confrontar.

Conclusão

Sentíamos que pelo menos havia a probabilidade de que os primeiros construtores egípcios tivessem origem na Suméria e que esses imigrantes sumérios houvessem trazido tanto a tecnologia quanto a teologia para o Egito. A florescente civilização egípcia já estava bem estabelecida por volta de 3100 a.C. e os dois reinos do Alto e Baixo Egito já se haviam entrelaçado como duas metades de um mesmo Estado único. Essa unificação dos dois reinos com um só governante divino provaria ser muito importante para o desenvolvimento de nossas investigações.

O direito de governar do rei era baseado na história do assassinato de Osíris por Set, e contava como Isis havia reconstruído o corpo de Osíris, tendo depois um filho dele, Horus. Horus partiu para tomar de volta os reinos do Egito batalhando fortemente contra Set. Cada rei, daí em diante, era considerado como sendo uma encarnação de Horus, literalmente "o filho de Deus". Quando o rei morria, ele se transformava em Osíris (o Deus Pai) e ia morar no reino dos mortos, enquanto seu filho se tornava Horus, o novo rei vivo.

Havíamos descoberto que a segurança do estado como um todo dependia dos dois reinos trabalhando juntos, e que essa cooperação era simbolizada pelos dois pilares, um ao norte e outro ao sul, unidos por uma viga celeste formando um portal que ficava de face para o sol nascente. Esse poderoso conceito da força através da unidade de dois pilares ainda é um tema central nos rituais maçônicos, um tema com o qual estávamos grandemente familiarizados.

Esse não era o único elo que havíamos descoberto com a Maçonaria moderna: o conceito de Ma'at, significando retidão, verdade e justiça dentro de um esquema simetricamente nivelado e ordenado, resumia os princípios que havíamos aprendido como Maçons. Esse código humanista de ética não era um mandamento religioso, nem um requerimento legal- era a bondade partilhada pelo próprio prazer de partilhar.

Sabíamos que a Maçonaria não podia ter copiado essa idéia da história do Egito, porque o conceito de Ma'at, há muito perdido para o mundo, assim permaneceu até a decodificação da Pedra de Rosetta. Essa pedra, que abriu o caminho para a tradução dos até então incompreensíveis hieróglifos egípcios, não fora encontrada até cem anos depois da fundação da Grande Loja de Inglaterra.

Nesse ponto havíamos estabelecido dois elos circunstanciais com a Maçonaria: primeiro havia uma

tênue ligação de cerimônia de ressurreição ligadas à lenda de Osíris: e depois Ma'at, inicialmente uma grande verdade e mais tarde uma deusa, era irmã de Thot, o deus da Lua, outra figura de grande significado nos mitos maçônicos.

Enquanto investigávamos as cerimônias da feitura de reis havíamos percebido que, apesar da liturgia fúnebre não ter registros, ela envolvia uma ressurreição ritual que identificava o rei morto com Osíris. Também havíamos encontrado evidências que sugeriam que cerimônias similares eram amplamente usadas apenas na feitura de reis, e não pareciam envolver uma sociedade secreta. As evidências dessa sociedade secreta encontramos em traduções de inscrições em artefatos do Museu do Cairo - textos que também não poderiam ter sido traduzidos antes da descoberta da Pedra de Roseta, que ocorreu bem depois que a Maçonaria já anunciara publicamente a sua existência.

Com a percepção adicional que nosso treinamento maçônico nos forneceu, fomos capazes de tentar uma reconstrução da cerimônia egípcia de feitura de reis, que se enquadrava com todos os fatos conhecidos.

O mais excitante elo com o 3° Grau da Maçonaria veio de referências, nos *Textos da Pirâmide,* de que o rei representava a Estrela da Manhã, que tinha papel tão importante em nossas cerimônias de elevação. O hieróglifo egípcio para Estrela da Manhã ou Estrela Divina era a mesma estrela de cinco pontas usada para representar os cinco pontos de perfeição no 3° Grau Maçônico. Isso obviamente nos encorajou a investigar mais de perto as ligações com o Egito porque, apesar de nossas suspeitas, não tínhamos nenhuma prova de quaisquer práticas que fossem inegavelmente maçônicas.

Capítulo Oito
O Primeiro Maçom

Muitas de nossas energias já tinham sido dedicadas a desenrolar o novelo dos mistérios do Egito, mas enquanto estávamos começando a nos focar em personagens determinados e em eventos com grande significado para nós como Maçons, estávamos sempre buscando padrões na história. Algumas vezes a interpretação convencional de eventos históricos se complica com fatos que não se encaixam no padrão aceito. Quando essas falhas históricas acontecem, às vezes é possível perceber uma nova verdade por trás da face até então aceita da história. Foi uma dessas falhas que inicialmente direcionou a nossa atenção ao período dos hicsos na história egípcia. Os egiptólogos atuais chamam essa era de Segundo Período Intermediário (1782-1570 a.C.) colocando-a entre o Reino Médio e o Novo Reinado. Aqui havia uma grande perturbação no fluxo contínuo da história egípcia.

Era o tipo de catástrofe da qual poucas civilizações conseguem se recuperar, e ainda assim sabíamos que o Egito não só se havia recobrado, mas daí partiria para alcançar novos níveis de realização, apesar do declínio total de sua monarquia tradicional e da dominação da população nativa durante seis gerações por um grupo de invasores estrangeiros que havíamos encontrado pela primeira vez sob o nome romântico de "Reis Pastores". Porque isso acontecera era o maior mistério.

A nós parecia muito possível que uma era de mudanças - dos reis egípcios para os dominadores hicsos, e depois de volta à monarquia tebana - nos desse mais pistas, portanto, nos concentramos nesse período usando todas as fontes possíveis de informação, inclusive o Antigo Testamento.

Hiram Abiff Descoberto

Se houvesse uma ligação entre o Antigo Egito e os judeus do século I d.C., ela certamente ocorreria através de Moisés, o fundador da nação judaica, que havia sido adotado como membro da família real egípcia.

A possibilidade de encontrar essa ligação era bastante remota, mas seguimos buscando enquanto revíamos os fatos que nos eram conhecidos.

Tendo passado pelo 3° Grau da Maçonaria, aquele que nos conferiu o *status* de Mestre Maçom, temos a dizer que as referências a Hiram Abiff e o Antigo Testamento nos deixaram boquiabertos. As seguintes palavras são ditas pelo Venerável Mestre quando primeiramente apresenta esse antigo personagem ao candidato:

> *A Morte não impõe maior terror que a nódoa da falsidade e da desonra. Dessa grande verdade, os anais da Maçonaria têm um glorioso exemplo na inabalável fidelidade e cruel morte de nosso Grão-Mestre, Hiram Abiff, que perdeu sua vida logo antes do término do Templo do Rei Salomão, de cuja*

construção, como sem dúvida estás ciente, ele era o arquiteto principal.

Espera-se claramente que o candidato instruído deva ter conhecimento desse personagem por sua própria cultura, presumivelmente a partir da Bíblia. Nenhum de nós já ouvira falar de tal pessoa e nenhuma versão da Bíblia a que tivéssemos tido acesso fazia qualquer menção a um arquiteto do Templo de Salomão. Já que Hiram, rei de Tiro, foi quem proveu os trabalhadores e o cedro, alguns os ligaram um ao outro, mas não existe nenhuma ligação possível além do fato de que compartilham um mesmo nome. Nós, como todos os Maçons que conhecemos, aceitamos esse herói maçônico a despeito de sabermos não haver registros de seu envolvimento na criação do Templo de Salomão.

Se o nome do mestre construtor fosse conhecido pelos autores do Livro de Reis, especialmente à luz de seu assassinato, parece quase impossível que tivessem ignorado um tal personagem-chave ao contar essa história. A princípio isso nos sugeria que ele devia ser uma invenção muito posterior, possivelmente representando algum outro personagem importante cujo papel existisse na história apenas em benefício desse drama. A única explicação razoável que encontramos foi a de que Hiram significa "nobre" ou "real" em hebreu, enquanto Abiff era traduzido do francês arcaico significando "perdido", formando uma descrição literal de "um rei perdido". Quando nos pusemos a estudar o Antigo Egito paramos de tentar encontrar Hiram Abiff, porque não havia pistas sobre ele e a tarefa nos pareceu impossível.

Ainda assim, e estranhamente, foi Hiram Abiff quem emergiu do passado distante para nos encontrar!

Uma vez tendo pesquisado da maneira mais ampla que nos fora possível, tornando-nos familiarizados com muitos detalhes do Antigo Egito, uma solução em potencial para o maior de todos os mistérios maçônicos vagarosamente começou a surgir. Convencidos de que havia uma cerimônia secreta, que era essencial à feitura de reis no Antigo Egito, baseada em uma "morte temporária" e ressurreição, nos pusemos a tentar entender como os israelitas puderam entrar na posse desses mistérios tão especiais.

Nosso ponto de partida para conectar os dois era fácil. A Bíblia coloca claramente a importância do Egito na história do povo judeu, com personagens tão importantes quanto Abraão,Jacó, Isaac, José e Moisés todos profundamente envolvidos em eventos egípcios. Os últimos dois são apresentados como membros importantes da corte real, ainda que em épocas diferentes. Os últimos capítulos do Livro do Gênese pintam um quadro de tolerância e cooperação entre os egípcios e os proto-israelitas, e ainda assim o Êxodo apresenta uma situação de grande amargor entre os dois povos. As razões para uma mudança tão rápida em suas relações tornaram-se muito mais claras quando compreendemos o período dos assim chamados Reis Hicsos - e a pessoa que fora Hiram Abiff tornou-se a figura central de toda a história.

O Colapso do Estado Egípcio

Trabalhando através do desenvolvimento do Egito havíamos chegado ao ponto mais baixo da história dessa nação, no fim da Média Idade do Bronze, por volta do terceiro milênio a.C. O Egito havia entrado em um período de declínio contínuo com governos fracos e *débâcle* social. Estrangeiros do deserto se espalhavam por todo o território, os roubos se tornaram lugar comum, e o estilo de vida aberto e relaxado das pessoas deu lugar à falta de confiança e à tendência de cada um cuidar de si próprio no que se relacionava à segurança, em vez de confiar esse trabalho ao Estado. Vagarosamente o espírito e vigor que haviam erguido o Egito começaram a se esvair, deixando o país exposto à sanha cobiçosa dos estrangeiros. Inevitavelmente, seguiu-se a invasão, e os egípcios foram fulminados por um povo denominado *Hicsos.* Os hicsos não surgiram subitamente navegando Nilo acima e exigindo rendição: o processo foi muito mais sutil do que isso. Eles se infiltraram suavemente na sociedade egípcia, durante um longo período de tempo, até que estivessem em posição forte o bastante para forçar seu controle sobre as Duas Terras. A história nos provê dessas datas bem precisas dessa perda de vigor nacional, chamada hoje de Segundo Período Intermediário, colocando-o entre os anos 1780 e 1560 a.C., no fim de uma secção muito mais longa da história egípcia chamada de Reino Médio.

Descobrimos que hicsos não quer dizer "reis-pastores": na verdade vem da expressão egípcia "hikhau-khoswet", significando simplesmente "príncipes-do-deserto". Acredita-se que tenham sido um grupo misto de povos asiáticos, provavelmente semitas, que surgiram da Síria e da Palestina. Sua tomada final de poder inevitavelmente encontrou resistência. O que resultou no incêndio de algumas cidades não-cooperativas e a destruição de templos, culminando no saque completo da capital egípcia Mênfis por volta de 1720 a.C. Os hicsos não eram devotos de Ma'at e em sua busca pelo poder inicialmente lidavam

cruelmente com qualquer um que lhes parecesse um obstáculo à sua causa: mas uma vez estabelecidos, não eram opressores difíceis, e as autoridades egípcias parecem ter colaborado com eles em grande escala. No século XVIII a.C. já haviam estendido seu domínio até o Alto Egito.

Vindo quase que totalmente dos países que agora chamamos de Israel e Síria, os hicsos falavam a mesma língua semita do povo que mais tarde foi conhecido como israelitas. A pergunta que imediatamente veio à nossa mente foi: seriam os hicsos judeus? A resposta tinha que ser não, pelo menos no sentido amplo da palavra, porque o conceito de Judaísmo ainda não existia nessa época. As espalhadas tribos nômades que os egípcios chamavam de *Habiru* (hebreus) eram uma mistura de asiáticos semitas que falavam uma mesma língua, mas não era de nenhuma outra forma uma raça identificável. No entanto, é extremamente provável que os hicsos/habirus tenham, posteriormente, formado uma parte substancial do cooperativismo tribal que se tornou as tribos de Israel e mais tarde o povo judeu. Há várias razões que nos levam a crer que há uma conexão direta entre os hicsos e os judeus, sendo uma delas o fato de que a primeira menção da Bíblia ao povo judeu coincide precisamente com a época em que os egípcios expulsaram os hicsos de sua terra - para Jerusalém!

Recentes evidências geológicas começam a mostrar que a existência do deserto em grande parte do Oriente Médio é uma ocorrência relativamente recente, e que há cinco ou seis mil anos atrás o território egípcio era uma área muito mais fértil e verde. Registros mostram que houve súbitos e dramáticos períodos de mudança climática durante o segundo milênio a.C., trazendo a seca como problema sazonal para todo o Oriente Próximo.

Como crentes nos princípios de Ma'at, os egípcios eram um povo generoso, e proveram os nômades Habiru com água e terras para pastagem de seus carneiros quando as condições fora do Delta do Nilo se tornaram insuportáveis. Um claro exemplo disso é dado em Gênese, 12:10:

Houve fome na Terra, e Abrão desceu ao Egito para aí ficar, pois a fome assolava a Terra.

Durante o período de declínio da sociedade egípcia, o controle desses asiáticos sedentos era fraco, e eles tinham permissão para entrar no país em grandes números, e ninguém pedia que eles saíssem enquanto suas necessidades não estivessem satisfeitas. Sem uma política de imigração o país se tornou açambarcado por esses povos nômades: além do mais, eles eram seguidos por povos muito mais sofisticados, que enxergavam as oportunidades de ganho em meio à confusão geral. Esses semitas citadinos, os hicsos, eram muito mais guerreiros que os superconfiantes egípcios e possuíam armas muito avançadas, como os carros puxados por cavalos que lhes permitiam tomar o que quer que desejassem sem encontrar resistência significativa por parte das pacíficas populações nativas.

Os Reis Hicsos

É provável que durante o período dos hicsos os membros das tribos habirus tenham experimentado um *status* social mais elevado e se tomado mais assimilados à vida nas cidades. Antes disso a única maneira que um desses pastores do deserto tinha para aumentar suas posses e usufruir os benefícios da vida urbana era oferecer-se como escravo para uma família egípcia. Esse arranjo não era escravidão no sentido em que hoje a imaginamos: era mais como ser um serviçal preso a um contrato vitalício. Os salários podem não ter sido bons, mas a qualidade de vida era bem mais alta que as aspirações da vasta maioria do povo.

Assim que os reis hicsos se estabeleceram, começaram a patrocinar a construção de templos e a produção de estátuas, relevos, escaravelhos, trabalhos artísticos em geral e alguns dos melhores trabalhos literários e técnicos de seu tempo. Aparentemente eles tinham pouca herança cultural própria e rapidamente adotaram os hábitos e costumes egípcios. Esses novos governantes começaram a escrever seus nomes em hieróglifos, assumindo os títulos tradicionais dos reis egípcios e até escolhendo nomes egípcios para si próprios. Os reis hicsos, a princípio, espalharam sua influência para dominar o Baixo Egito, a maior e mais rica das duas terras, a partir da nova cidade de Avaris. Adotaram como seu deus estatal uma deidade que já tinha sido especialmente reverenciada na área onde primeiramente se haviam estabelecido. Esse deus era Set, que tinha grandes semelhanças com seu anterior deus canaanita Baal. Centraram sua teologia em Set, mas também aceitavam Rá como um deus maior e o honram nos nomes reais que escolheram. Mais tarde controlaram ambas as Duas Terras a partir da velha capital Mênfis. É justo dizer que havia um tipo de relação simbiótica pela qual os invasores ganhavam cultura e refinamento

tecnológico enquanto os egípcios ganhavam uma tecnologia nova como a dos carros de combate e outros armamentos, inclusive os arcos compostos e as espadas de bronze para substituir seus velhos e simples armamentos. Eles também ganharam mais uma coisa importante dos hicsos: o cinismo. Eles já tinham sido abertos e vida mansa demais no passado para seu próprio bem, dando pouca atenção à defesa pró-ativa de seu país. A experiência do período dos hicsos lhes ensinou uma poderosa lição e uma nova maneira positiva de encarar a realidade emergiu, assentando-lhes as fundações para o ressurgimento do espírito do Egito naquilo que hoje chamamos de Novo Reino.

Apesar de terem perdido o controle da velha capital, Mênfis, elementos da verdadeira monarquia egípcia continuaram a existir no Alto Egito, na cidade de Tebas. Em seus registros fica claro que os tebanos reconheciam a soberania de seus dominadores asiáticos, com os quais parecem ter estado em bons termos. Com o tempo os reis hicsos se tornaram absorvidos em muitas das práticas religiosas e culturais do Egito, e inevitavelmente um problema político/teológico surgiu. Os invasores começaram a desejar ter poder espiritual da mesma forma que já tinham poder físico. Por exemplo, o dominador hicso chamado rei Khyan (ou Khayana) assumiu o nome real egípcio de "Se-user-en-re", assim como os títulos de "o Bom Deus" e "Filho de Rá", e em adição criou para si próprio o nome de Horus 'Abarcador-das-Regiões", um título que sugeria dominação mundial.

Essa declaração por parte de um hicso de ser o "Filho de Deus" deve ter ultrajado o povo egípcio em todos os âmbitos.

Aqui, acreditamos, existe uma questão essencial que ainda não foi estudada pelos egiptólogos modernos.

Agora sabemos que havia um ponto muito especial durante o processo de feitura dos reis que tornava o novo Horus não desafiável: mas os futuros reis hicsos, com todo o seu poder estatal e sua emulação da religião egípcia, estavam excluídos desse louvor exclusivo. Como poderia um estrangeiro simplesmente mudar seu nome de Khyan para Seuserenre e se auto denominar como Horus sem passar pelo processo de iniciação secreta conhecido apenas pelos verdadeiros reis do Egito e seu grupo interno?

A resposta é simples: não poderia. Fica completamente fora dos limites da razão pensar que os egípcios teriam partilhado seus maiores segredos com esses estrangeiros brutais: mas como Khyan queria desesperadamente esse poderoso título e não tinha acesso legítimo a ele, não lhe restou outra opção a não ser assumi-la por vacância.

Relações superficiais entre os egípcios e seus novos mestres eram boas, mas o ressentimento devia ser muito grande. Além do mais, apesar de imitar o estilo e os costumes egípcios, os hicsos permaneciam essencialmente diferentes. O enxerto dos hicsos no Egito foi a melhor das hipóteses superficial. Eles falavam o egípcio com um sotaque engraçado, usavam barbas (os egípcios se barbeavam todos os dias, a não ser quando de luto) tinham uma maneira estranha de se vestir e se transportavam em estranhas máquinas com rodas que chamavam de carros, que eram puxados por cavalos em vez de burros.

A Perda dos Segredos Originais

Continuamos nossa pesquisa do final do Reino Médio e ficamos certos de que as tensões entre os novos reis hicsos e a verdadeira linhagem real egípcia deve ter alcançado o ponto máximo com as falsas coroações como Horus. Se estivéssemos certos sobre a cerimônia secreta de ressurreição dos reis legítimos, teria que ter havido problemas para afastar esses presunçosos enxeridos que pressionavam para obter os segredos reais agora que já tinham tomado todo o resto.

Ter o controle da vida cotidiana era uma coisa: levar esse controle para o reino dos deuses, tanto os terrestres quanto os celestes, deve ter sido intolerável. Uma vez que os reis hicsos já eram da terceira e quarta gerações nascidas no Egito e haviam assumido a teologia egípcia, parece quase certo que se sentiam com direito a possuir os segredos de Horus, já que se consideravam como *sendo eles mesmos* Horus. E (talvez mais importante) eles queriam ser Osíris na morte e transformar-se em uma estrela que brilhasse para todo o sempre.

Tendo se tornado reis do Egito, por que deveriam morrer uma morte canaanita, quando morrer como Horus lhes garantiria a vida eterna?

Essa foi uma época complexa e fascinante, e nós estudamos e reestudamos os eventos e personagens envolvidos. Alguma coisa sobre este período em geral e sobre as atitudes dos verdadeiros reis do Egito - mas particularmente Seqenenre Tao II - começou a incomodar Chris.

Esse rei ficou restrito à cidade de Tebas no Alto Egito até o fim do domínio dos hicsos, e por uma grande variedade de pequenas razões Chris começou a sentir que a história de Hiram Abiff poderia ter-se iniciado com uma batalha de poder entre Seqenenre Tao II e o importante rei hicso Apepi I, que tomou o nome real egípcio de A-user-re ("Grande e Poderoso como Rá") e o título de "Rei do Alto e Baixo Egito, Filho de Rá".

Por meses Chris estudou esse período, procurando mais e mais evidências que afastariam ou confirmariam suas suspeitas.

Essas suspeitas lentamente se solidificaram em uma intuição muito forte. Chris nos conta como isso se deu:

"Eu sabia que o rei hicso Apepi também era conhecido como Apophis. Este era um exemplar de nomenclatura que me alertou para o seu envolvimento em uma batalha espiritual que não era nada mais do que a recriação da fundação do Egito por Osíris, Isis e o primeiro Horus. Fiquei convencido de que Apophis era um homem que deliberadamente se dedicou a obter os segredos dos verdadeiros reis egípcios - a qualquer preço!".

"O povo hicso era guerreiro e auto-centrado. Adotavam como seu deus principal Set, o assassino de seu irmão Osíris, o deus que todo rei egípcio almejava tornar-se. Identificando-se com Set os hicsos demonstravam seu desdém para com o povo egípcio e sua aliança com as Forças do Mal. O conceito de Ma'at deve ter parecido muito tolo a Apophis, e sintomático da 'moleza' que havia permitido a seus antepassados a tomada do Egito.

O oposto de Ma'at era chamado Isfet, que significava conceitos negativos como o egoísmo, a falsidade e a injustiça, e de acordo com a mitologia egípcia o líder desses atributos de Isfet era um deus-serpente monstruoso, malvado, com a aparência de um dragão, denominado... Apophis. Fiquei surpreso ao descobrir que esse poder maligno tinha o mesmo nome que o rei hicso".

"Os epítetos desse monstro anti-Ma'at incluíam 'aquele com a aparência malvada' e 'aquele que tem o caráter cruel', e para os egípcios era a própria corporificação do caos primordial. A serpente da qual o rei hicso havia tirado seu nome era representada como sendo cega e surda para todas as coisas; ela podia apenas gritar dentro da escuridão e era expulsa todos os dias pelo nascer do sol. Não admira que o grande terror de cada egípcio fosse essa serpente maligna.

Apophis, em uma noite escura, finalmente venceria a batalha contra Rá e o dia seguinte nunca nasceria.

Para defender-se dessa ameaça sempre presente, liturgias eram recitadas diariamente nos templos do deus-sol para apoiar a batalha contínua entre as forças da luz e das trevas".

"Acabei sabendo que uma vasta coleção de liturgias auto descritivas havia sido descoberta como O *Livro para a Derrota de Apophis.* Esse era um livro secreto que era guardado no templo e continha centenas de palavras mágicas para afastar os males de Apophis, dando ao leitor iniciante as instruções precisas de como fazer figuras de cera da serpente que podiam ser amassadas até a deformidade, destruídas pelo fogo ou desmembradas com facas. O livro exigia que o estudante executasse esses atos todas manhãs, meio-dia e meia-noite e, mais especialmente, nos momentos em que o Sol estivesse obscurecido por nuvens".

"Seiscentos e cinqüenta quilômetros ao sul de Avaris, a cidade de Tebas continuava com sua linhagem de reis egípcios, a despeito de se curvarem ao poder dos hicsos e do pagamento aos coletores de impostos de Apophis de todas as taxas devidas. Apesar de estarem isolados e empobrecidos, os tebanos lutavam para manter os costumes do período do Reino Médio que lhes eram tão caros. Haviam sido impedidos pelos hicsos (e seus títeres de Kush) de ter acesso às madeiras da Síria, ao calcário de Tura, ao ouro da Núbia, ao marfim e ao ébano do Sudão e às pedreiras da moderna Assuã e do Wadi Hammamat, o que os forçou a improvisar novas técnicas de construção.

Mesmo com as severas limitações que enfrentavam acabaram por produzir excelentes edifícios, ainda que usassem mais tijolos de lama que pedras. De qualquer forma, as crescentes dificuldades parecem ter trazido um ressurgimento do espírito e determinação que haviam tornado o Egito grande, e mesmo enquanto a qualidade de vida continuava a ser prejudicada, o aprendizado e cultura começaram a se desenvolver. Essa pequena cidade-reino começou a se erguer da depressão e da desordem e a pôr-se de pé contra os asiáticos do Baixo Egito".

"Minha descoberta era a de que por volta do trigésimo quarto ano de reinado de Apophis ele instruiu o rei de Tebas para que lhe revelasse todos os segredos de Osíris, para que finalmente pudesse

alcançar a vida eterna, que era seu direito como 'verdadeiro' rei das Duas Terras. O rei tebano Seqenenre Tao II era um jovem firme que se considerava o verdadeiro Horus e não tinha nenhum interesse em partilhar seus direitos de nascimento com quem quer que fosse, quanto mais esse asiático barbudo que usava o nome da 'serpente das trevas'.

Sua recusa imediata deve ter gerado grande tensão entre os dois, e o rei Apophis começou a usar seu poder contra Seqenenre de todas as formas possíveis. Um exemplo significativo desse conflito foi a ordem dada por Apophis de Avaris a Tebas (uma distância de seiscentos e cinqüenta quilômetros) reclamando a Seqenenre por causa de barulho:

Faça com que a lagoa dos hipopótamos, que fica a leste da cidade, seja extinta. Pois eles não permitem que me venha o sono nem de dia nem de noite.

"Essa mensagem não era apenas um joguinho tolo para humilhar Seqenenre. Ela ilustra um poder muito claro tentando estabelecer nada menos que o direito divino de governar. Apophis já tinha todo o poder de Estado que desejava, mas o que ele não tinha era o segredo da ressurreição e a bênção dos deuses. Sua mensagem era profundamente política. Os tebanos haviam revivido o arpoamento ritual de hipopótamos em sua lagoa a leste da cidade: era um antigo ritual sagrado executado para garantir a segurança da monarquia egípcia. Isso era claramente feito para irritar Apophis, mas doía mais ainda por ser o hipopótamo uma das formas do deus dos hicsos, Ser, portanto, o rei asiático estava sendo duplamente insultado".

"O ritual dos hipopótamos consistia de cinco cenas que incluíam um prólogo, três atos e um epílogo. O propósito dessa peça era comemorar a vitória de Horus sobre seus inimigos, sua coroação como rei das Duas Terras e seu triunfo definitivo sobre aqueles que a ele se opusessem.

Era o rei que, naturalmente, vivia o papel de Horus e no Ato I ele enfiava dez arpões em um hipopótamo macho, alternadamente como Horus, Senhor de Mesen e Horus, o Behdetita, representando o Alto e o Baixo Egito. No Ato III, a vítima, representando Set, era desmembrada duas vezes".

"Esse embate pelo poder deve ter continuado por algum tempo, mas eu creio que em um certo momento Apophis decidiu encerrar com a impudência do rei tebano, e extrair os segredos de Seqenenre de uma vez por todas o resultado seria a morte de Seqenenre seguida de perto pela expulsão dos hicsos e a volta à regra dos reis egípcios".

Nesse instante, Chris já sentia que sua suspeita, que se havia transformado em descoberta, era agora urna respeitável, ainda que tênue hipótese. Ele estava pronto para discuti-la com Robert, que prontamente concordou que tinham em Seqenenre um candidato promissor para a origem de Hiram Abiff.

A Evidência Bíblica

Nosso próximo passo foi considerar uma outra fonte de informação adicional muito importante, que poderia nos dar uma outra perspectiva do embate Seqenenre-Apophis. Nossas visões dos eventos do século XVI a.C. haviam se desenvolvido a partir de uma mistura de informação tirada tanto da história do Egito quanto do ritual maçônico: agora o Livro do Gênese poderia ser adicionado a essa mistura porque, surpreendentemente, descobrimos que ele é riquíssimo em informação sobre esse período.

As figuras-chave que poderiam, potencialmente, ter alguma ligação com Seqenenre e Apophis são Abraão, Isaac, Jacó, José e, possivelmente, Moisés. Datar esses personagens havia se mostrado muito mais difícil para os peritos do que aqueles de períodos mais tardios da história judaica, de David e Salomão em diante, quando existem na História pontos de referência cruzada muito mais claros. O ponto de partida lógico para tentar identificar essas cinco figuras famosas foi José, o asiático ou protojudeu que, como diz a Bíblia, veio a ocupar o mais alto cargo do Egito, estando abaixo apenas do próprio rei.

A história de José, desde que foi vendido como escravo por seus irmãos até sua ascensão ao poder no Egito e seu famoso manto de muitas cores (derivado de uma tradução incorreta de "um casaco de longas mangas") é bem conhecida e geralmente aceita como sendo baseada em uma pessoa real. No entanto, a lenda foi superenfeitada por escribas posteriores que foram os primeiros a transformar a tradição oral para a forma escrita.

Referências a camelos como bestas de carga e o uso de moedas são historicamente impossíveis, porque nem camelos nem moedas existiam até muitas centenas de anos após a última data possível de

referência a José.

De acordo com o Livro do Gênese, Abraão desceu ao Egito quando tinha setenta e cinco anos de idade, e teve seu filho Isaac aos cem anos, morrendo setenta e cinco anos depois. Isaac teve dois filhos, Jacó e Esaú, quando tinha sessenta anos de idade e Jacó teve doze filhos, sendo José o segundo mais novo.

Parece seguro assumirmos que tenha havido algum exagero nisso, particularmente no que concerne à idade de Abraão. Para trabalhar com períodos de tempo mais realistas, podemos começar por assumir que José estava no ápice de seu poder no Egito entre as idades de trinta e sessenta anos. Podemos então voltar até um período de tempo provável entre sua época como Grande Oficial do Egito e a chegada a essa terra de seu bisavô Abraão.

Jacó aparentemente adorava ser pai de crianças com tantas mulheres quantas pudesse, incluindo suas duas esposas e suas criadas. José era um dos mais jovens e é provável que seu pai já fosse relativamente velho à época de seu nascimento, portanto, aceitemos que Jacó tinha sessenta anos. Podemos aceitar a idade bíblica de sessenta anos para Isaac no nascimento de Jacó, mas teremos que, mais realisticamente, reduzir os cem anos de Abraão para uns setenta anos. Essas idades seguem o espírito de informação dado pela Bíblia sem aceitar os obviamente impossíveis extremos que foram impostos à História.

O Livro do Gênese nos conta que Sara, a mulher de Abraão, era uma bela mulher e que Abraão temia que os egípcios quisessem matá-lo para roubá-la, portanto, dizia a todos que ela era sua irmã. A lógica é difícil de seguir, mas como eles são mais tarde descritos como velhos e já tendo superado a idade de fazer amor quando Isaac finalmente nasceu, isso indica que os dois eram bastante jovens ao dirigir-se para o Egito.

Na outra ponta de nossa escala encontramos uma pista na história de José, que nos ajuda a identificar uma data histórica. Essa pista é uma referência ao uso de um carro puxado por cavalos, que coloca com clareza esse evento no período dos hicsos, porque esses eram os veículos dos dominadores asiáticos, não dos reis nativos.

Aceita-se que, de maneira geral, havia elementos semitas entre os invasores, e que esse seria um período durante o qual imigrantes semitas seriam favoravelmente recebidos. Muitos estudiosos comentaram que a mudança de dinastias que se seguiu à expulsão dos hicsos pode corresponder à ascensão de "um novo rei que não conhecia José" (Êxodo, 1:8) e que quaisquer estrangeiros deixados no Egito estariam sujeitos a ser tratados da maneira descrita nos primeiros capítulos do Êxodo.

Há pouco lugar para dúvidas de que a migração dos hebreus para o Egito durante uma seca em Canaã e a dominação dos hicsos sobre o Egito ocorrem paralelamente à ascensão política de José. O faraó do período de José recebeu bem os hebreus em seu reino porque ele era hicso, portanto, também um semita, como eles.

Já foi aventada a hipótese de que quando só hicsos foram derrubados, o novo monarca egípcio considerava os hebreus como aliados dos hicsos e, portanto, se pôs a escravizá-los.

Os peritos parecem ter sido lentos em chegar à conclusão óbvia desta evidência. Os versículos 8 e 9 do Êxodo nos dão a data mais clara possível para José e esse faraó não-identificado:

> *Nesse ínterim um novo rei subiu ao trono do Egito, que não conhecia José. E ele disse a seu povo: "Cuidado, o povo dos filhos de Israel é numeroso e mais forte do que nós".*

Havíamos concluído com certeza que José foi contemporâneo a Apophis, e, portanto, de Seqenenre Tao.

Precisávamos nos recordar constantemente de não tomar nenhuma das palavras do Antigo Testamento como evidência conclusiva, por causa do abismo de tempo entre os eventos e aqueles que eventualmente os registraram. Lembrem-se das referências a camelos e moedas: podem ter se enganado quanto aos detalhes.

Mesmo assim, o quadro geral é provavelmente um bom indicador do que efetivamente aconteceu naquela época. Em termos bem simples a Bíblia nos conta que José se tornou o homem mais importante do Egito, abaixo apenas do próprio faraó, levando-nos a concluir que José foi o vizir do rei Apophis, de tão longo reinado, o oponente de Seqenenre Tao II.

Trabalhamos na cronologia para trás a partir da confrontação entre Apophis e Seqenenre, datada

pela maioria dos estudiosos como tendo ocorrido em 1570 a.C., e para o cômputo geral aceitamos que o vizir José tinha por volta de cinqüenta anos nessa época. O seguinte padrão então emergiu:

1570 a.C
Vizir José (possivelmente com 50 anos de idade).

1620 a.C.
Nascimento de José (seu pai Jacó reconhecidamente velho, provavelmente com 60 anos).

1680 a.C.
Nascimento de Jacó (seu pai Isaac com 60 anos de idade).

1740 a.C.
Nascimento de Isaac (seu pai Abraão reconhecidamente muito velho, digamos, 70 anos).

1780 a.C
Abraão chega ao Egito pela primeira vez (provavelmente com 30 anos de idade).

As idades que estabelecemos são tão fiéis quanto a informação disponível na Bíblia é razoavelmente possível, e trabalhando em direção ao passado a partir do conflito entre Apophis e Seqenenre conseguimos estabelecer a chegada de Abraão no Egito precisamente no ano que foi identificado como o início do reinado dos hicsos!

A conclusão dramática é inescapável: Abraão era ele próprio um hicso, talvez até mesmo um príncipe: recordemo-nos de que o termo hicso significa simplesmente "príncipes do deserto", e que toda a evidência aponta para Abrão sendo um homem bem-nascido de Ur.

Ficávamos constantemente nos recordando de que os autores dessas histórias tinham uma distorção de pelo menos mil anos com que lidar, e que eles, como outras pessoas supersticiosas, tentariam acomodar seus preconceitos e crenças dentro da história que interpretavam e transcreviam. O Livro do Gênese começa com relatos extremamente antigos das origens do homem, mas rapidamente se afasta dessas lendas distantes e chega à relativamente recente história dos escribas. Em nenhum ponto os autores mencionam abertamente as conquistas asiáticas dos egípcios, que se sabe ter acontecido em algum período entre Abraão e Moisés. Seriam eles ignorantes desse período, ou estariam simplesmente envergonhados dele? Não podemos saber, mas esses fatos estarem ausentes de seu relato desses anos tão significativos para a história nos pareceu muito estranho.

O Assassinato de Hiram Abiff

O rei Seqenenre estava em meio a uma grande batalha mental com Apophis, a força das antigas trevas materializada como um rei hicso no Baixo Egito, e ele precisava de todo o poder do deus-sol Amon-Rá para tornar-se vitorioso. Todos os dias ele deixava o palácio real de Malkata para visitar o Templo de Amon-Rá na hora do meio-dia, quando o sol estava em seu meridiano e um homem não projetava praticamente nenhuma sombra, nenhuma nódoa de escuridão, no solo. Com o sol em seu zênite o poder de Rá estava em seu ponto máximo e o da serpente das trevas, Apophis, em seu ponto mínimo. Essa declaração - "enquanto nosso Mestre Hiram Abiff se recolhia para prestar suas homenagens ao Mais Alto, como era seu costume, sendo a hora do meio-dia" - vem do ritual do 3° Grau, como já explicamos no Capítulo Um, em que é um comentário sem explicação prévia. Mas agora, no contexto de Seqenenre, fez sentido pela primeira vez.

Eis nossa reconstrução dos eventos. Determinado dia, sem que Seqenenre disso tivesse conhecimento, conspiradores enviados por Apophis já haviam tentado extrair os segredos de Osíris dos dois sacerdotes mais graduados e, tendo falhado em seus intentos, os haviam matado. Estavam aterrorizados pelo que agora teriam que fazer, enquanto esperavam pelo próprio rei, cada um deles em uma saída diferente do Templo. Assim que Seqenenre terminou suas preces ele se dirigiu para a porta do sul onde foi abordado pelo primeiro dos três homens, que lhe exigiu os segredos de Osíris. Ele ficou firme e enfrentou a todos. A cerimônia do 3° Grau maçônico relata o que aconteceu nesse dia há três mil e quinhentos anos no Templo em Tebas. Para que a comparação se torne mais perfeita mudamos os nomes

originais para os nomes egípcios:

... terminadas suas orações, preparou-se para sair pela Porta do Sul, onde foi abordado pelo primeiro desses rufiões que, na falta de melhor arma, havia se armado com uma régua, e de maneira ameaçadora exigiu de nosso Mestre, Seqenenre, os verdadeiros segredos de Osíris, avisando-o de que a morte seria a conseqüência de sua recusa: mas fiel à sua obrigação este replicou que esses segredos eram conhecidos apenas por três homens em todo o mundo, e que sem o consentimento dos outros dois ele não poderia e nem efetivamente os divulgaria...

E que falando por si mesmo, preferia sofrer a morte a trair a sagrada confiança nele depositada.

Essa resposta não sendo satisfatória, o rufião deu um forte golpe na cabeça de nosso Mestre, mas abalado por sua postura firme, apenas conseguiu acertar-lhe a têmpora direita, ainda assim com força suficiente para que ele se abalasse e caísse ao chão sobre o joelho esquerdo.

Recobrando-se dessa situação, ele correu para o pomo do Oeste, onde foi oposto pelo segundo rufião, a quem respondeu como antes, ainda com firmeza não diminuída quando o rufião, que estava armado com um nível aplicou-lhe um violento golpe na têmpora esquerda que o fez cair ao solo sobre seu joelho direito.

Percebendo que todas as chances de escapar por esses dois portões estavam cortadas, nosso Mestre cambaleou, fraco e sangrando, até a porta do Leste onde o terceiro rufião estava colocado e que, recebendo uma resposta idêntica às suas insolentes exigências pois nosso Mestre permaneceu fiel à sua obrigação mesmo em seu momento mais difícil - deu-lhe um violento golpe no centro da testa com um pesado maço de pedra, que o deixou sem vida a seus pés.

Os segredos da feitura dos reis egípcios morreu com Seqenenre, o homem que chamamos de Hiram Abiff, "o rei que foi perdido".

Estávamos sentindo que já tínhamos o mais provável candidato para nosso Mestre maçônico e começamos a pesquisar mais profundamente sobre o que se sabe sobre esse homem. Ficamos tremendamente impressionados quando lemos pela primeira vez os detalhes da múmia de Seqenenre - com os incríveis fatos dos ferimentos de Seqenenre detalhadamente descritos:

Quando em Julho de 1881 Emil Brugsch descobriu a múmia do Faraó Ramsés II, no mesmo nicho estava outro corpo real, pelo menos 300 anos mais velho que o de Ramsés, sendo isso perceptível pelo odor pútrido que exalava. De acordo com as marcas esse era o corpo de Seqenenre Tao, um dos senhores nativos do Egito forçados a viver no extremo sul em Tebas durante o período dos hicsos, e como era patente até para os olhos menos treinados, Seqenenre havia encontrado um fim violento. O centro de sua testa havia sido afundado... outro golpe havia fraturado a órbita de seu olho direito, o lado direito de seu maxilar e seu nariz. Um terceiro golpe havia sido dado atrás de sua orelha esquerda, quebrando o mastóide até a primeira vértebra do pescoço.

Era aparente que em vida tinha sido jovem alto e elegante com cabelos negros encaracolados, mas a expressão fixa em sua face mostrava que havia morrido em agonia. Após a morte parece não ter sido bem cuidado, pois seu corpo tem todos os sinais de haver sido abandonado por algum tempo antes da mumificação, donde o odor pútrido e os sinais de decomposição inicial. Registros egípcios são silenciosos quanto à morte de Seqenenre, mas quase certamente foi pelas mãos dos hicsos/canaanitas.

O impossível havia acontecido. Havíamos identificado Hiram Abiff e, além disso, seu corpo ainda existe.

Os ferimentos combinam perfeitamente. Um cruel golpe que lhe quebrou os ossos em toda a extensão do lado direito de sua face: ele certamente teria tonteado e caído de joelhos com um golpe desses. Sendo jovem, alto e encorpado pôs-se de pé da forma como os homens fortes o fazem quando em momentos de necessidade, mas encontrou outro atacante que feriu o lado esquerdo de sua cabeça, novamente quebrando-lhe os ossos. Muito enfraquecido e próximo ao colapso ele ainda tentou retomar suas forças, mas o último e letal golpe acertou exatamente o centro de sua testa, matando-o instantaneamente. Outra inscrição que encontramos descreve claramente esses ferimentos:

Os terríveis ferimentos no crânio de Seqenenre foram causados por pelo menos duas pessoas atacando-o com uma adaga, um machado, uma lança e possivelmente um maço.

Foram necessários muitos dias para que nossa excitação voltasse a níveis suportáveis para nos permitir pensar em avançar em nossas investigações, e quando isso aconteceu, fizemos uma revisão do que já tínhamos.

Os instrumentos sugeridos como armas do crime recordavam a lenda maçônica na qual Hiram é atacado com uma variedade de ferramentas de construção, incluindo um pesado malho que certamente produziria ferimentos similares aos de um maço. A descrição prévia dos sinais de decadência de seu corpo mostra que os embalsamadores reais não receberam o corpo senão depois de algum tempo de sua morte, o que nos trouxe à mente as circunstâncias descritas no 3° Grau maçônico relativas ao corpo de Hiram Abiff, desaparecido após o assassinato:

Com seus temores naturalmente ampliados pela segurança de seu artista principal, ele selecionou quinze fiéis Companheiros, e lhes ordenou que fizessem diligentes buscas pela pessoa de nosso Mestre, certificando de que ainda estivesse vivo, ou de que tivesse sofrido na tentativa de extrair-lhe os segredos de seu exaltado grau.

Um dia certo tendo sido determinado para seu retomo a Jerusalém, organizaram-se em três Lojas de Companheiros e partiram pelas três saídas do Templo. Muitos dias foram gastos em infrutíferas buscas: na verdade um dos grupos retomou sem ter feito nenhuma descoberta importante. O segundo grupo foi mais afortunado, pois na tarde de um certo dia, após haver sofrido as maiores privações e fadigas pessoais, um dos Irmãos que havia se colocado em postura reclinada, para ajudar-se a erguer, segurou-se em uma moita que nascia ali perto a qual, para sua surpresa, saiu com facilidade do solo: examinando-a mais de perto, descobriu que a terra havia sido recentemente revolvida: e, portanto, chamou a seus companheiros, e com seus esforços unidos reabriram essa cova e encontraram o corpo de nosso Mestre recentemente enterrado. Cobriram-no outra vez com todo o respeito e reverência, e para marcar o lugar, enfiaram um ramo de acácia sobre a cova, apressando-se então para Jerusalém para dar as aflitivas notícias ao rei Salomão.

Quando as primeiras emoções de tristeza do rei haviam diminuído, ele lhes ordenou que retomassem e erguessem nosso Mestre para um sepulcro que estivesse de acordo com sua posição e talentos: ao mesmo tempo informando-lhes que por sua morte inesperada os segredos dos Mestres Maçons estavam perdidos. Portanto, ordenou-lhes que ficassem particularmente atentos a quaisquer sinais ou palavras que ocorressem, enquanto pagavam esse último e triste tributo de respeito ao mérito do morto.

Tiremos Hiram Abiff do tempo do rei Salomão e tudo o mais faz sentido. Estávamos também muito interessados em descobrir se o corpo do rei Seqenenre era o único corpo de rei conhecido do Antigo Egito que exibia sinais de morte violenta.

Portanto tínhamos agora a história de um homem morto por três golpes enquanto protegia os segredos reais egípcios dos invasores hicsos. Mas e sobre a ressurreição? Seqenenre obviamente não havia ressuscitado, já que seu corpo está no Museu do Cairo, portanto, nossa história ainda não estava completa. Decidimos, então, examinar nosso ritual maçônico.

Os Assassinos de Hiram Abiff

Na lenda maçônica os assassinos de Hiram Abiff são denominados Jubelo, Jubelas e Jubelum, com o nome conjunto de "os *Juwes"*. Os nomes parecem invenção simbólica: o único significado que pudemos encontrar foi que os três nomes contêm a palavra "jub" que quer dizer montanha em árabe. Mas isso não nos parece relevante de nenhuma maneira.

Eram os assassinos verdadeiros que nos interessavam, não o simbolismo tardio. Como já mostramos, as circunstâncias da vida de José descritas na Bíblia indicam que ele foi vizir do rei hicso Apophis, e, portanto, é bem provável que estivesse envolvido no plano para extrair os segredos de Seqenenre.

A Bíblia também nos conta que o pai de José, Jacó, teve uma troca simbólica de nome mais tarde em sua vida, quando se tornou Israel, e seus doze filhos foram identificados com as doze tribos de Israel.

Essa foi, claramente, a idéia dos autores posteriores da história judaica, que procuravam pelo momento claramente definido em que a nação tivesse formalmente começado a existir. Os filhos de Jacó/Israel eram circunstâncias históricas que pareciam apropriadas ao *status* de tribos, na época em que

os escritores do Gênese colocaram a tinta sobre o papiro. A tribo de Ruben parece ter perdido importância enquanto que a tribo de Judá se tornou a nova elite, portanto, chamamos os descendentes dos israelitas de "judeus", não de "rubeus". Buscando alguma coisa que pudesse ser uma pista nessas passagens da Bíblia, chegamos a um estranho versículo na versão do rei Jaime, em Gênese 49-6 que não se refere a nada conhecido. Aparece exatamente no ponto em que Jacó está morrendo e refletindo sobre as ações de seus filhos, os novos cabeças da tribos de Israel:

Ó minha alma, que não entres em seu segredo, com sua assembléia, minha honra, não te unas: pois em sua ira assassinaram um homem, e de sua vontade própria derrubaram uma parede.

Aqui encontramos referência a um assassinato que deve ter sido considerado importante o bastante para ser incluído, ainda que não explicado. Quais segredos eram buscados? Quem foi assassinado?

A Igreja Católica descreve isso como uma referência profética ao fato de que os judeus mataram seu Cristo, mas essa informação não faz sentido. Nossa tese sugere uma possibilidade mais sensível. A primeiras palavras não são nem um pouco ambíguas: "que não entres em seu segredo". Em linguagem moderna o significado é "não conseguiste conhecer o seu segredo". A acusação final é a seguinte: "não só vocês não conseguiram o seu segredo, como também para piorar as coisas vocês perderam o controle e o mataram, prejudicando tudo e fazendo com que o mundo caísse sobre nossas cabeças!".

Os dois irmãos e futuras tribos de Israel que são responsabilizados por esse assassinato desconhecido são Simeão e Levi, os filhos de Jacó/Israel com a cega Lia a quem ele desprezou. Essas tribos eram claramente amaldiçoadas pelo que haviam feito quando "assassinaram um homem", mas quem era essa vítima inominada?

Apesar de acharmos improvável que os assassinos de Hiram Abiff fossem realmente chamados Simeão e Levi e que tivessem sido efetivamente os irmãos de José, parece bastante possível que esse estranho versículo contivesse a tradição folclórica do assassinato de um homem inominado que tivesse trazido desgraça a duas das Tribos de Israel. E mais ainda: porque seria esse crime tão importante a ponto de merecer estar incluído na história dos judeus, enquanto o indivíduo assassinado permanece não-identificado?

Nós nos achávamos ainda mais convencidos de que a resposta podia estar em Seqenenre Tao. Os eventos que levaram a seu assassinato, já resumidamente narrados, e suas decorrências são tão essenciais à nossa tese que consideramos importante repassá-los com o máximo de detalhes.

Apophis estava ultrajado. Quem esse reizinho de Tebas pensava que era? Ele não compreendia que o mundo havia mudado para sempre e que seu império era apenas história, esmagada sob os calcanhares dos algozes hicsos?

O rei chamou seu vizir José, que havia alcançado posição tão alta por ser capaz de interpretar os sonhos de Apophis, e lhe disse que o tempo da convivência amigável havia terminado: os segredos deviam ser tomados de Seqenenre sem demora. O rei estava ficando velho e tinha todas as intenções possíveis de conseguir uma pós-vida egípcia.

José foi feito responsável pelo projeto, e quem melhor para executá-lo que dois desafetos entre seus irmãos, efetivamente Simeão e Levi? Se fossem apanhados e mortos não teria importância, pois não mereciam sorte melhor já que haviam vendido José como escravo muitos anos antes. Caso se dessem bem, melhor ainda:

José seria um herói e seus irmãos teriam pago uma velha dívida.

Os irmãos foram rapidamente instruídos sobre o que fazer e sobre o mapa da cidade. Podem ter raspado suas reveladoras barbas de hicsos antes de entrar em Tebas, para não chamar muita atenção sobre si próprios.

Uma vez na cidade entraram em contato com um jovem sacerdote do Templo de Amon-Rá, conhecido por ser ambicioso e facilmente influenciável. Os irmãos explicaram que Apophis era tremendamente poderoso e havia decidido destruir Tebas se não conseguisse arrancar o segredo de Seqenenre. O jovem sacerdote (chamemo-lo Jubelo) foi informado de que apenas ele poderia afastar o desastre que cairia sobre toda a população de Tebas caso não os ajudasse a extrair o segredo, tornando desnecessário o ataque de Apophis, também garantindo que seria feito alto-sacerdote de Apophis assim que os segredos estivessem seguros e a luta política com Seqenenre estivesse resolvida.

Jubelo tinha muito medo desses asiáticos ameaçadores, mas sabia o que acontecera em Mênfis

quando os hicsos ficaram insatisfeitos. Talvez a única coisa que lhe restasse fazer fosse trair a confiança nele depositada: em qualquer caso ele bem podia se ver como alto-sacerdote, mesmo que do malvado deus Apophis.

Jubelo revelou a Simeão e Levi quem eram os dois sacerdotes que detinham o segredo, e a melhor maneira e lugar para abordá-los. Ambos foram apanhados, mas se recusaram a prover quaisquer detalhes, portanto, foram ambos mortos para proteger os conspiradores. Agora restava apenas uma opção desesperada: atacar o próprio rei.

Jubelo a esta altura estava aterrorizado, mas já tinha superado o ponto sem volta, portanto, guiou seus dois co-conspiradores ao Templo de Amon-Rá enquanto o sol se dirigia para o seu ponto mais alto. Um pouco mais tarde o rei emergiu da saída onde foi instado a entregar os segredos. Ele recusou e o primeiro golpe foi dado. Em questão de minutos, o rei Seqenenre estava caído ao chão do Templo em uma poça de sangue. Em fúria cega e frustração um dos irmãos atingiu o corpo mais duas vezes. Jubelo estava passando fisicamente mal de tanto medo.

Todos os três sabiam que haviam ficado subitamente sós, sem um amigo sequer no mundo. Seriam caçados pelos tebanos, José não lhes estenderia nenhuma simpatia, e Apophis ficaria fulo de raiva pela perda definitiva dos segredos. Seu fracasso era verdadeiramente espetacular. Os segredos estavam perdidos para sempre e uma guerra sem quartel para vingar a Seqenenre certamente seria deflagrada por Kamose e Ahmose, os filhos do rei morto - uma guerra que expulsaria os hicsos para fora do Egito para sempre. As paredes efetivamente estavam caindo por sobre suas cabeças!

E quanto ao sacerdote traidor? Ele foi apanhado vários dias depois escondido no deserto fora de Tebas, no lugar que hoje chamamos de Vale dos Reis. Foi trazido de volta ao Templo e obrigado a explicar sua parte nessa traição, assim como a contar todos os detalhes do plano urdido por Apophis e seu vizir asiático, José. Ouvindo os detalhes, o filho de Seqenenre chamado Kamose sentiu-se ultrajado pelo perverso ato dos hicsos: mas ele também estava seriamente perturbado pelo fato de que não poderia tornar-se rei: os segredos perdidos lhe tiravam toda a possibilidade de vir a ser Horus. Para ele e os que o apoiavam, era um desastre sem comparação possível.

Kamose reuniu um conselho dos mais velhos entre os sacerdotes sobreviventes e um deles, destinado a tornar-se o Alto Sacerdote, apresentou uma interessante análise da situação e uma solução brilhantíssima para o dilema. Ele notou que o Egito havia começado a existir milhares de anos antes, na idade dos deuses, e que a ascensão das Duas Terras havia sido criada através do assassinato de Osíris por seu irmão Set. A deusa Isis não havia desistido e havia feito a ressurreição do corpo desmembrado de Osíris para que ele pudesse ser pai de seu filho, o filho de deus chamado Horus. Horus era ele mesmo um deus que cresceu para a maturidade e combateu o perverso Set em uma magnífica batalha na qual Horus perdeu um olho e Set perdeu seus testículos. O jovem deus foi considerado como tendo vencido a batalha, mas nem por isso deixou de ser uma vitória indecisa, que gerou uma tensão crescente e permanente entre o bem e o mal.

O sábio sacerdote explicou que o Egito havia crescido em força após esta batalha, mas que as Duas Terras haviam lentamente envelhecido e entrado em declínio. O poder do deus Set havia crescido com a chegada dos hicsos, que o adoravam assim como à serpente Apophis. Acabara de acontecer na terra, portanto, uma outra batalha entre o primeiro Horus e Set, mas dessa vez Set havia vencido e o Horus do momento havia perdido.

Nessa batalha o rei Horus mais uma vez tivera seu olho ferido antes de morrer. A resposta era recordar-se da sabedoria de Isis e recusar-se à desistência apenas porque um deus havia sido assassinado. Ele lentamente ergueu sua mão e apontou um dedo para o trêmulo jovem sacerdote, gritando:

"Eis a manifestação de Set. Ele nos ajudará a derrotar o perverso".

O corpo de Seqenenre estava em péssimas condições depois de passar muitos dias em seu esconderijo, mas os embalsamadores conseguiram prepará-lo da maneira usual. Como parte de sua punição Jubelo foi continuamente mergulhado em leite azedo e no calor do deserto a proteína animal em decomposição logo o fez feder, dando-lhe a marca específica do "perverso". Quando chegou a hora da cerimônia de Seqenenre/Osíris, simultaneamente com a de Kamose/Horus, tudo estava preparado, mas havia dois caixões, não apenas um.

O primeiro esquife antropóide estava esplêndido e literalmente preparado para um deus/rei docemente perfumado, o segundo era totalmente branco sem nenhuma inscrição.

O momento das cerimônias foi se aproximando, e o fedorento e semidelirante Jubelo foi trazido

completamente nu à frente dos embalsamadores. Suas mãos foram presas ao lado de seu corpo e com um golpe preciso da uma faca os seus genitais foram cortados e jogados ao chão pelo próprio Kamose, que estava por tornar-se Horus.

O gemente Jubelo foi então enrolado em bandagens de mumificação dos pés para cima. Foi-lhe permitido colocar as mãos sobre a ferida que lhe causava tanta agonia, porque isso mostraria a todos os observadores o lugar exato do ferimento dessa criatura perversa. As bandagens finalmente chegaram à cabeça de Jubelo e os embalsamadores as apertaram firmemente sobre sua face até que ele estivesse completamente coberto. Assim que terminaram e ele foi colocado em seu caixão, Jubelo jogou a cabeça para trás tentando colocar sua traquéia reta e forçou sua boca a abrir-se em uma tentativa de respirar através das sufocantes bandagens.

Ele morreu alguns minutos depois que seu caixão foi selado.

Jubelo pagou caro por sua traição.

O sábio, novo Alto-Sacerdote, havia dito a Kamose que segredos substitutos teriam que ser criados para tomar o lugar dos verdadeiros que haviam sido perdidos com a morte de seu pai.

Uma nova cerimônia de ressurreição real de uma morte figurativa foi estruturada para substituir o velho método, e novas palavras mágicas foram criadas para elevá-lo ao *status* de Horus.

A nova cerimônia contava a história da morte do último rei do primeiro Egito, que com o novo rei se tornou uma nação renascida. O corpo de Jubelo viajou para o Reino dos Mortos junto a Seqenenre, para que a batalha pudesse continuar - Set (na forma de Jubelo) sem seus testículos e o novo Osíris, exatamente como o primeiro Horus, sem seu olho direito. Os sacerdotes haviam organizado tudo para que a batalha continuasse de onde havia parado no início dos tempos. A guerra estava longe de chegar a seu fim.

Kamose foi extremamente ofensivo a Apophis quando escolheu o nome real de "Wadj-kheper-re", que significa "Florescendo na Manifestação de Rá".

Em outras palavras, "você falhou e eu estou muito bem e de posse dos segredos reais".

Kamose foi reerguido de uma morte figurativa, e assim aconteceu com sua nação. O período que agora chamamos de Novo Reinado logo se iniciou e o Egito tornou-se mais uma vez uma nação cheia de orgulho.

A Evidência Física

A história que acabamos de contar é uma versão fictícia para expor nossa confiança naquilo que acreditamos tenha acontecido há tantos milhares de anos. Não obstante, as únicas partes que inserimos na história são os pequenos detalhes que juntam os fatos reais que desvendamos.

Usamos a evidência bíblica para estabelecer o envolvimento de José e de seus irmãos, mas o jovem sacerdote, a quem denominamos Jubelo, chamou nossa atenção através de longas pesquisas em registros egípcios. Quase não acreditamos em nossa boa sorte quando demos com os restos mortais do jovem que tem sido um enigma para os egiptólogos nos últimos cem anos.

De todas as múmias encontradas no Egito, duas se destacaram para nós por serem pouco usuais. Seqenenre é único por ser o único rei que encontrou um fim violento, e um outro cadáver também se destacou por outras razões radicais. Buscando informação sobre todas as múmias registradas, ficamos imediatamente interessados nos detalhes dos estranhos restos mortais de um jovem que na vida não tivera mais que um metro e sessenta de altura. Fotografias dessa múmia desembrulhada eram fascinantes por causa da aparência de extrema agonia em sua face, assim como os detalhes de seu enterramento, que não tinham precedentes. O corpo não havia sido embalsamado, pois não havia nenhuma incisão e os órgãos internos estavam todos em seus devidos lugares. Apesar do indivíduo não ter sido mumificado no sentido exato da palavra, havia sido enrolado em bandagens como de costume. Estranhamente, nenhuma tentativa havia sido feita para corrigir o ângulo da cabeça nem compor os traços da face, e o efeito dessa múmia é o de um homem que dá um longo e terrível grito.

Os braços não estão ao lado do corpo nem cruzados no peito do jeito de sempre, mas esticados para baixo com as mãos cobrindo, ainda que não tocando, a região púbica. Debaixo dessas mãos em concha há um espaço onde os genitais deveriam estar: esse homem foi castrado.

Seu cabelo empastado está coberto de um material com a aparência do queijo, o que nos tocou como sendo o resultado que se espera de sucessivos mergulhos em leite azedo, com o objetivo de fazê-lo cheirar mal: os demônios das trevas tinham um sentido de olfato muito apurado, e o reconheceriam como

um dos seus.

Os dentes estão em boas condições e as orelhas foram furadas, e esses detalhes indicam nascimento em classe superior. A múmia foi achada em um caixão de cedro pintado de branco, sem nenhuma inscrição, tornando a identificação impossível, mas os peritos crêem que ele tenha sido um nobre ou um membro da classe sacerdotal.

A datação neste caso é muito difícil, mas se considera que seja da Décima Oitava Dinastia, que se iniciou logo depois do reinado de Seqenenre Tao. Uma pista importante que antes não foi notada está nas rugas formadas pela pele da face. São muito estranhas, mas também estão presentes em uma outra múmia - a de Ahmose- Inhapi, a viúva de Seqenenre! Essas rugas são causadas por bandagens muito apertadas, e essa característica sugere que a mesma pessoa de mãos muito pesadas executou os dois enrolamentos.

Nossos diagramas mostram como o ângulo dessas rugas fortemente sugere que o jovem sacerdote estava vivo quando foi enrolado e enterrado. Esse corpo não identificado não gerou grande interesse entre os egiptólogos, que tendem naturalmente a se interessar mais pelas múmias dos famosos, mas faz tempo que se aceita que essa múmia mostra todos os sinais de que estava viva quando de seu enterro.

A datação oficial estimada do início do Novo reinado era inacreditavelmente próxima de nosso momento-alvo, e começamos a pensar se a jovem múmia não teria sido descoberta na área de Tebas, tendo, portanto, uma conexão com o nosso rei assassinado. Logo descobrimos que foi encontrada por Emil Brugsch em 1881, não apenas em Tebas, mas na sepultura real e, Deir al Bahri. .. ao lado de Seqenenre Tao! Essa não era a tumba original de nenhum dos dois, mas é bastante provável que tenham sido mudados da mesma sepultura ao mesmo tempo em data posterior.

As possibilidades de coincidência iam se evaporando, e nós começávamos a ter certeza de que havíamos não apenas encontrado Hiram Abiff, mas também descoberto as circunstâncias de sua morte e identificado um dos assassinos, três mil e quinhentos anos depois dos eventos. Sentimo-nos como os detetives devem se sentir quando resolvem um caso difícil, e comemoramos com muito champagne nessa noite.

O desafortunado Jubelo, no entanto, nunca conseguiu escapar da presença de sua vitima.

O jovem sacerdote está no Museu do Cairo, número de catálogo 61023 junto com Seqenenre Tao, número de catálogo 61051.

A Evidência Maçônica

Assim que ficamos novamente sóbrios depois das comemorações da solução do assassinato de Seqenenre, sentamos para considerar qual seria nosso próximo passo. Retomamos ao ritual maçônico para buscar ainda mais pistas para nossa reconstrução do desenvolvimento do segredo dos reis. A história de Seqenenre e seus assassinos é a história do Egito passando por uma reencarnação, e é a história de Hiram Abiff. As duas são uma e a mesma história. A Bíblia completa os trechos em branco, e os restos humanos nos dão irrefutáveis evidências médico-legais, apesar do abismo de três mil e quinhentos anos. Mas descobrimos que as evidências maçônicas vão ainda mais fundo.

Chris voltou sua atenção para as palavras secretas usadas na cerimônia do 3° Grau, que é a de exaltação de Mestre Maçom. As palavras são sussurradas para o irmão recém-ressurrecto e nunca são ditas em voz alta.

Parece blá-blá-blá sem sentido. Ambas as palavras são muito similares em sua estrutura e som como se tivessem sido formadas por uma corrente de sílabas muito curtas ao estilo do Antigo Egito.

Chris as separou em sílabas e em muito pouco tempo percebeu estar olhando para algo que fazia sentido perfeito! Os sons sussurrados em Loja aberta são:

Ma'at-neb-men-aa, ma'at-ba-aa

Os leitores Maçons certamente reconhecerão essas palavras, mas ficarão atônitos em saber que são puro antigo egípcio. Seu significado é fenomenal:

Grande é o Mestre da Maçonaria, grande é o espírito da Maçonaria.

Traduzimos Ma'at como Maçonaria porque não existe nenhuma palavra atual que chegue perto do complexo conceito original que engloba uma série de idéias em torno de "verdade, justiça, harmonia e

retidão moral como estão simbolizadas pela pureza regular das aprumadas, niveladas e esquadrinhadas fundações de um templo".

Ma'at era, como já vimos antes, uma atitude de vida que combinava os três maiores valores que a humanidade possui, principalmente o conhecimento da ciência, a beleza da arte e a espiritualidade da teologia.

E isso é a Ordem Maçônica.

Outras traduções são ao pé-da-letra, palavra por palavra. Reconstruímos essas palavras em hieróglifos para demonstrar sua origem egípcia apesar de duvidarmos que elas alguma vez tenham sido escritas em qualquer língua, antes da impressão deste livro.

A pergunta que nós fazíamos era como essas poucas palavras tinham sobrevivido intactas durante um período de tempo tão vasto. Acreditamos que esses vocábulos sobreviveram à possibilidade de tradução em outras línguas canaanita, aramaico, francês e inglês - porque sempre foram tidas como "palavras mágicas", o encantamento que tornava a ressurreição do novo candidato em alguma coisa mais que apenas simbólica.

Seu significado original provavelmente já estava perdido no tempo de Salomão!

Observado o início do Novo reinado, podíamos sentir o poder dessas palavras quando imaginamos Kamose sendo erguido como o primeiro candidato logo após o assassinato de seu pai, a figura que conhecemos como Hiram Abiff. Isso acaba por significar "o rei está morto, viva o rei". O candidato recém-ressurrecto *é* o espírito de Ma'at (Maçonaria) vivendo além das mortes daqueles que o antecederam.

Esse encantamento fossilizado nos deu mais evidências poderosas para apoiar nossa tese. Se alguém quisesse duvidar que Seqenenre era Hiram Abiff, teria que explicar porque a cerimônia maçônica moderna contém duas frases em puro antigo egípcio no próprio âmago do ritual.

Já foi estabelecido por antropólogos culturais que a informação é efetivamente transmitida para as gerações sucessivas por meio de rituais tribais, sem que os recebedores da mensagem necessariamente façam qualquer idéia do que está sendo transmitido. Na verdade todos concordam que a melhor maneira de transmitir idéias sem distorção é fazê-lo através de pessoas que não compreendem o que estão dizendo.

Um bom exemplo disso está na maneira como as rimas infantis ainda sobrevivem mais perfeitamente que as velhas histórias, que subseqüentemente foram escritas e embelezadas por uma série de "melhoradores" bem-intencionados. Por exemplo, muitas crianças inglesas ainda cantam "eenie, meenie, minie, mo" (correspondente em português ao uni-duni-tê) uma rima baseada em um sistema de contagem que certamente pré-data à ocupação romana da Inglaterra, e possivelmente até mesmo os celtas.

Sobreviveu intacta por dois ou três mil anos e, se deixada em paz, pode durar ainda outros tantos.

Esse encantamento fossilizado egípcio relativo a Ma'at chegou aos Maçons via duas longas tradições verbais e um período de hibernação enterrado debaixo do Templo de Herodes. A referência às suas qualidades mágicas o mantiveram mesmo muito depois do significado e de suas palavras terem se perdido.

Essa descoberta nos deu evidências realmente poderosas pára apoiar nossa tese em desenvolvimento, e qualquer um que desejasse refutar que Seqenenre foi Hiram Abiff, agora teria que explicar como é que a cerimônia maçônica moderna contém duas frases em puro egípcio antigo no próprio âmago de seu ritual. Acreditamos que para que esses sons se traduzissem claramente por mera coincidência seria preciso desafiar as probabilidades em milhões para um, mas já que a tradução possui um significado preciso e inteiramente relevante, o acaso deve ser afastado completamente.

Encontramos outras conexões abundantes com a Maçonaria quando olhamos para a estrutura do sacerdócio e do oficialato mais idoso do Novo Reinado do Egito. As descrições de papéis e funções são claramente maçônicas.

O primeiro profeta da rainha Hatshepsut também era conhecido como "Supervisor das Obras" e o Primeiro Profeta de Ptah era o "Grande Construtor" ou o "Grande Artífice". Sabemos que a Maçonaria não podia ter copiado essas descrições porque, como já demonstramos, não havia maneira de traduzir-se o egípcio até muito tempo depois da Ordem ter sido fundada.

Quanto mais olhávamos, mais conexões surgiam. No Antigo Egito um homem serviria o Templo associado ao deus de seu ofício. O deus lunar Thot estava associado aos arquitetos e escribas: e foi Thot quem mais tarde se tornou objeto de interesse dos Maçons iniciais. Também encontramos conexões com os essênios, os fundadores da Igreja de Jerusalém, no fato dos sacerdotes egípcios só usarem túnicas brancas e gastarem muito tempo com lavagens e purificações. Eles se abstinham de relações sexuais,

eram circuncidados, e tinham tabus em relação a certos alimentos, inclusive frutos do mar. Usavam a água de forma quase batismal, e também incenso para purificar suas vestes. Essas observâncias dos essênios eram, portanto, bem antigas.

Acreditamos ter extraído tudo o que podíamos desejar desse trecho de nossa investigação, mas um pensamento subitamente veio a Robert. Os rituais maçônicos se referem a Hiram Abiff como o "Filho da Viúva", o que nunca teve nenhuma explicação - mas subitamente duas interpretações ligadas uma à outra vieram à tona.

Na lenda egípcia o primeiro Horus só foi concebido depois da morte de seu pai, e, portanto, sua mãe era uma viúva mesmo antes dessa concepção. Parecia lógico, portanto, que todos os que posteriormente se tornaram Horus, i.e., os reis do Egito, também se descrevessem como "Filhos da Viúva", um título especialmente correto para Kamose, o filho da viúva Ahmose-Inhapi, mulher de Seqenenre Tao II.

Seqenenre Tao, o Intimorato

Podíamos agora estarmos certos de que a história de Hiram Abiff era um fato histórico e não apenas simbólico como muitos Maçons (nós mesmos, a princípio) acreditam. Anteriormente nos havia parecido ser uma história ritualizada que tivesse sido inventada para trazer luz sobre pontos simbólicos importantes, mas era exatamente o contrário: o simbolismo havia sido extraído da realidade. O evento marca um ponto maciçamente importante na teologia egípcia, quando os segredos do culto das estrelas e a mágica da feitura-de-reis foi perdido pela primeira vez para sempre.

Os antigos egípcios reconheciam haver alguma coisa muito especial sobre o rei Seqenenre, que morrera por volta dos trinta anos de idade, porque lhe havia sido dada a alcunha de "o Intimorato" em relatos que a ele se referem. Por causa da brutal natureza de seus ferimentos alguns observadores especularam que ele tivesse morrido em batalha contra os hicsos, apesar da maioria concordar que ele provavelmente tenha sido assassinado.

A teoria da batalha ignora registros que mostram haver paz com os hicsos até o reino de Kamose, e se Seqenenre tivesse morrido como herói em uma batalha, esses registros não ficariam silenciosos sobre os meios de sua morte. Seqenenre era obviamente visto como um herói morto por outras razões menos usuais que simplesmente liderar suas tropas em batalha.

Agora estávamos certos de que esse título lhe fora dado por um povo grato por seus esforços em manter os segredos das Duas Terras, até mesmo em face da morte. Certamente a morte de Seqenenre, o Intimorato, foi o início da reconquista egípcia de sua liberdade ante os invasores, enquanto Tebas se preparava para a guerra contra os hicsos como vingança por este assassinato perverso.

O filho de Seqenenre, rei Kamose, eventualmente infligiu pesadas derrotas aos "malditos asiáticos" e os hicsos logo foram expulsos de Mênfis. As mulheres do último rei hicso, o sucessor de Apophis denominado Apepi II**,** passaram pela aterrorizadora experiência de ver a frota tebana, liderada por um general de nome Aahmas, singrar pelo Canal do Pet' ektu acima até os muros de Avaris, a capital dos hicsos. Os hicsos foram finalmente e completamente expulsos do Egito pelo irmão mais jovem de Kamose, e seu sucessor, Ahmose, que os rechaçou de volta a Jerusalém. Incapazes de escapar pelo mar, não menos do que duzentas e quarenta mil famílias foram forçadas a enfrentar o caminho dos desertos de Sinai e Negev. Estranhamente, a rota que tomaram era conhecida como "Wat Hor" - o Caminho de Horus.

Em conclusão, esse drama que se desdobrou em Tebas no fim da primeira metade do segundo milênio a.C. foi um ponto crucial na história do Egito: uma recriação óbvia da batalha entre o Mal e o Bem que havia criado o país dois mil anos antes. O Velho Reinado do Egito havia nascido, crescido, amadurecido, envelhecido e finalmente morrido pelas mãos do perverso deus Set, que desta vez havia usado seus seguidores contra os egípcios como se fossem uma praga. O Egito, como o próprio Osíris, estivera morto por algum tempo.

Depois desse período de morte, Amon-Rá havia lutado em uma batalha contra o antigo deus-serpente, a força das trevas, Apophis, que havia tomado a forma de um rei hicso. Talvez sentindo que o Egito estava para ressurgir, Apophis havia tentado em vão assenhorear-se dos segredos de Osíris. Falhou porque o intimorato Seqenenre Tao preferiu morrer a trair esses grandes segredos. Ele é o "rei que foi perdido", porque seu corpo foi encontrado tarde demais para que ele pudesse ressurgir em pessoa, e porque o segredo de Osíris havia morrido com ele.

Desse momento em diante os segredos originais de como Isis reergueu Osíris foram trocados por segredos substitutos e nenhum rei do Egito voltou a unir-se às estrelas.

Desse momento em diante os senhores do Egito não foram mais reis. Tornaram-se meros Faraós, palavra que vem do egípcio "per-aa", um eufemismo para "rei" com o significado de "grande casa", da mesma forma que os Estados Unidos da América por vezes se referem à sua base de poder como Casa Branca em vez do próprio presidente. O absoluto direito divino do indivíduo havia terminado para sempre.

Não apenas um rei fora perdido, mas todos os reis estavam perdidos para sempre!

Apesar da perda dos segredos, a ressurreição do Egito foi um enorme sucesso e o Novo Reinado se tornou o último grande período dos egípcios. A morte e a ressurreição haviam levado a um renascimento que trouxe nova força e vigor para toda a nação.

As questões restantes que precisávamos responder para ver confirmadas as ligações entre Hiram Abiff e Seqenenre Tao eram: por que Seqenenre é lembrado como um construtor, e como se tornou associado à idéia do Templo de Salomão? A primeira era muito lógica: Seqenenre fora o grande protetor de Ma'at, o princípio de verdade e justiça que é representado pela construção das fundações niveladas e aprumadas de um templo. Quanto à segunda parte, em breve estabeleceríamos que os israelitas tiveram acesso direto a essa história dramática, e que ela foi usada pela Casa Real de David como sustentadora de uma estrutura de segredos reais que seus novos e incultos monarcas não conheciam.

Quando chegou o momento de escrever a história dessa lenda, os judeus mudaram sua origem egípcia e a atribuíram ao maior dos momentos na história de sua nação: a construção do Templo do Rei Salomão.

O herói da história judaica não podia ser o rei porque a história de Salomão era bem conhecida. Portanto criaram um papel que era a melhor coisa depois disso - o construtor do grande Templo. Os segredos da construção e a sabedoria do construtor foram compreendidas por todos, por isso não houve "ressurreição" melhor para Seqenenre, o Intimorato.

Uma origem egípcia para Hiram Abiff resolveu outro problema. Assim que compreendemos que nosso personagem central, Hiram Abiff, não estava adorando ao deus Yahweh, mas sim ao deus-sol Rá - literalmente "o altíssimo", pudemos entender o significado do meio-dia como hora de devoção. Maçons ainda hoje declaram que sempre se encontram simbolicamente ao meio-dia porque a Maçonaria é uma organização mundial e, portanto, o sol sempre está em seu meridiano no que se relaciona à Maçonaria.

A referência maçônica a Deus como "o Altíssimo" é, portanto, uma descrição de Rá, o deus-sol em sua mais marcante posição, o zênite dos céus ao meio-dia. Em adição, vale a pena notar que a Bíblia nos conta que antes de adotarem o nome Yahweh os israelitas chamavam seu deus de "el-elion", uma expressão canaanita para "deus - o altíssimo". Isso reforça a ligação entre a história egípcia original e os israelitas que a levaram consigo.

Topamos com outra prova circunstancial muito significativa. Ela tem a ver com o rei Tuthmosis III que, como narramos no capítulo anterior, foi feito rei como resultado de Deus tê-lo escolhido no templo ao tornar sua arca pesada demais para seu carregadores. Tuthmosis III foi o quarto rei depois da partida dos hicsos, e tudo sobre sua vida indica que os segredos da religião baseada nas estrelas e da feitura de Osíris e Horus já estavam perdidos. O fato de ele ter tido que substanciar seu direito ao trono por meio da história dessa "arca" indica que ele não sentia ter um claro e divino direito de governar, em contraste com seus antecessores.

Mas é o fato dele ter sido usurpado por outro que particularmente revela sua falta de divindade.

Tuthmosis III havia morrido sem produzir um herdeiro legítimo com sua mulher e meia-irmã Hatshepsut, e um menino nascido de sua relação com uma concubina havia tomado o trono, mas ele não pode ter sido feito Horus segundo a técnica de feitura de reis. A princípio, o rei Tuthmosis não teve nenhuma dificuldade em estabelecer seu reinado, mas as coisas se desenvolveram de uma maneira sem precedentes.

Antigos hieróglifos mostram como Hatshepsut saiu do segundo plano para reclamar *status* idêntico ao de Tuthmosis, rapidamente superando-o para tornar-se a primeira mulher a ter a verdadeira progênie divina do deus Amon-Rá. Tuthmosis III foi então despachado para treinamento militar para que não houvesse dúvidas sobre quem estava no controle.

Como muitas mulheres que alcançam o topo, ela se tornou imensamente poderosa e realizou grandes coisas. Seu templo mortuário na margem oeste do Nilo é ainda hoje um dos mais fascinantes e belos edifícios de todos os tempos.

Sem dúvida a nobre morte de Seqenenre Tao marcou a ressurreição da maior civilização do mundo

e o ponto no qual os verdadeiros segredos da linha real do Egito se perderam para sempre. Os segredos substitutos foram criados para prover o necessário rito de passagem para os futuros faraós e seus conselheiros mais próximos, mas o direito absoluto de reinar que estava embebido nos segredos originais não era passado adiante com os novos mistérios.

O nosso sucesso nessa busca havia continuado de maneira bem suave, e Robert lançou a seguinte questão: as respostas estão vindo tão certas e rápidas, pode ser que estejamos começando a enxergar exatamente aquilo que desejamos enxergar. Decidimos rever exatamente onde estávamos e as evidências que havíamos coligido, e observando sem nenhuma paixão cada elo da corrente de nossa teoria, ficamos mais certos do que nunca de que estávamos em um novo veio da história facmal, e que o que havíamos descoberto produzia uma continuidade tão elegante simplesmente por ser a verdade.

Nosso próximo desafio seria entender como a lenda de um rei egípcio assassinado por proto-israelitas fora transformada em um evento da história da nova nação dos judeus. Agora sabíamos que teríamos que deslindar as circunstâncias da maior lenda da história do povo judeu - o profeta Moisés.

Conclusão

Focar o período dos hicsos no Antigo Egito havia produzido resultados além de todas as nossas expectativas. Agora sabíamos quem era Hiram Abiff, e para nossa alegria havíamos localizado seu corpo e o corpo de um de seus assassinos. Havíamos observado o papel do Egito na história dos judeus, tornando-se óbvio pelo estudo da Bíblia que houvera uma mudança de atitude completa dos egípcios para com os judeus. Mas o mais interessante era o que a Bíblia *não* diz. Não existe referência ao período da invasão do Egito pelos hicsos, mas investigações mais precisas nos permitiram datar o período dos hicsos com muita exatidão, baseando-nos em informações do Antigo Testamento.

Estudos posteriores e mais cuidadosos do Livro do Gênese nos permitiram deduzir que Abraão foi contemporâneo da invasão dos hicsos, que significa "príncipes do deserto". O último protojudeu influente no Egito foi José, e com a comparação da Bíblia e da evidência histórica descobrimos que José foi vizir de Apophis, o rei invasor que se envolveu em uma grande batalha por supremacia com o rei tebano, Seqenenre Tao II. Seqenenre era herdeiro dos antigos rituais egípcios de feitura de reis, era por direito o verdadeiro Horus. Apophis havia tomado um nome real egípcio, mas nunca teve acesso aos segredos da feitura dos reis.

Encontramos no Gênese 49:6 uma referência ao assassinato de um *homem* pelos irmãos de José na tentativa de arrancar-lhe um segredo, e descobrimos que a múmia de Seqenenre mostra claramente ter sido ele morto por três golpes na cabeça e não imediatamente preservado. Isso casava exatamente com todos os fatos que conhecemos da história de Hiram Abiff. Investigações posteriores nos fizeram descobrir que um jovem sacerdote havia sido enterrado ao lado de Seqenenre. Usando todas essas evidências e a história maçônica que conhecemos tão bem, fomos capazes de reconstruir a história do assassinato de Seqenenre e como dele resultou a queda dos hicsos.

Conhecendo esses detalhes do assassinato de Hiram Abiff, podíamos finalmente compreender o significado das duas palavras que são sussurradas na cerimônia de Exaltação, que foneticamente se traduzem em antigo egípcio e permanecem fazendo sentido: "Grande é o Mestre da Maçonaria, grande é o espírito da Maçonaria". Aí estava, afinal, um firme elo com a Maçonaria moderna. Duas palavras aparentemente sem sentido nem objetivo que só sobreviveram porque os rituais maçônicos as conservam de cor e por repetição.

Com nossa ligação entre Seqenenre e a verdadeira história de Hiram Abiff firmemente estabelecida, agora teríamos que encarar uma lacuna de quase 1500 anos até o *único* grupo que poderia enterrar informações que os Templários pudessem encontrar. Teríamos que traçar o desenvolvimento do Judaísmo até o florescimento dos essênios, e nosso estudo teria que se iniciar com Moisés.

Capítulo Nove
O Nascimento do Judaísmo
Moisés, o Legislador

Nosso trabalho agora seria o de andar para frente no tempo, passo a passo, para ver se poderíamos estabelecer uma continuidade nas cerimônias maçônicas que ligassem o Novo Império do Egito à época de Jesus. Isso ia ser difícil porque nossa única fonte de informação seria o Antigo Testamento, mas pelo

menos possuíamos o ritual maçônico para nos ajudar na interpretação.

Felizmente a Bíblia é inequívoca ao dizer que a nação judaica teve seu início com um homem determinado e existe pouca dúvida de que existiu um homem chamado Moisés, e de que ele esteve ligado a algum tipo de êxodo de escravos asiáticos para fora do Egito. Após a expulsão dos hicsos, semitas de todos os tipos, ai incluídos os Habiru, devem ter-se tomado bastante impopulares, e isso explicaria porque os sempre amigáveis egípcios subitamente escravizaram muitos ou todos os remanescentes em seu país durante a década de 1560-1550 a.C.

Inscrições dos séculos XVI e XV a.C. foram encontradas dando detalhes desses escravos Habiru e de seus trabalhos forçados. Uma delas conta como era grande o número dessas pessoas forçadas a trabalhar em minas de turquesa, o que deve ter sido extremamente perigoso sem ventilação e com archotes queimando todo o oxigênio. Foi interessante perceber que essas minas estavam a muito pouca distância da montanha de Yahweh, o Monte Sinai, nas montanhas ao Sul da península de Sinai. Seria isso uma coincidência, ou poderia ser que o movimento de escravos Habiru tivesse se dado aqui em vez de no próprio Egito?

Achamos registros que indicam que apesar desses protojudeus falarem a língua canaanita, eles adoravam deidades egípcias e ergueram monumentos aos deuses Osíris, Ptah e Hator, o que não combina com a imagem dos nobres e escravizados seguidores de Yahweh ansiosos para serem levados a Jerusalém pelo "deus de seus pais".

A história de Moisés é recontada a todas as crianças judias e cristãs e por isso acaba permanecendo nos adultos como se fosse fato histórico, mesmo quando se desconta seus elementos exóticos, como a abertura do Mar Vermelho. É difícil definir exatamente quando esses eventos se deram, mas a opinião mais antiga é a de que Moisés liderou "seu povo" para fora do Egito durante o reinado de Ramsés II**,** o que nos daria os anos entre 1290 e 1224 a.C.

Existe, no entanto, boa evidência recentemente descoberta que comprova uma data muito anterior, mais próxima ao tempo da expulsão dos hicsos. Mas antes de nos aprofundarmos na questão das datas é importante lembrar aquilo que sabemos sobre esse homem chamado Moisés e o que a Bíblia nos conta sobre os israelitas e seu novo deus.

Percebemos que o nome Moisés é verdadeiramente muito revelador. Estranhamente, a Bíblia Católica Romana Douai informa a seus leitores que significa "salvo das águas", quando na verdade quer simplesmente dizer "nascido de". Esse nome Moisés sempre requeria um outro nome que o prefixasse, como por exemplo, Thotmoses (nascido de Thot), Ramsés (nascido de Rá) ou Amenmosis (nascido de Amon). Apesar do elemento "moisés" ser soletrado de maneiras diversas em outras línguas que não o egípcio, significa sempre o mesmo, e nos parece provável que o próprio Moisés ou talvez algum escriba posterior tenha abolido da frente de seu nome o nome de algum deus egípcio, alguma coisa assim como tirar o Donald de um nome escocês, deixando-o apenas com o Mc, em vez de McDonald.

A definição católica romana está provavelmente errada, mas se existir alguma verdade histórica nessa idéia, pode ser que o nome de Moisés tenha sido "nascido do Nilo", e então ele se chamaria Hapymoses.

O nome de Moisés é incomum por ser um dos poucos nomes egípcios antigos ainda muito populares hoje em dia, tanto em sua forma hebraica Moshe quanto em sua forma árabe Musa. Os egípcios ainda chamam o Monte Sinai de Jubal Musa - a Montanha de Moisés.

É impossível saber hoje exatamente quanto da história de Moisés como está contada no Antigo Testamento é verdade e quanto é invenção romântica. De acordo com o Livro do Êxodo, o faraó deu instruções para que todas as crianças de sexo masculino fossem atiradas ao Nilo.

É quase impossível crer nisso como evento histórico, porque um decreto tão bárbaro estaria em total desacordo com o conceito de Ma'at, que era tão caro aos egípcios.

Qualquer Faraó que desse uma ordem dessas estaria abrindo mão de seu direito a uma vida eterna quando seu coração fosse pesado. Além do mais, em termos práticos teria sido muito desagradável e pouco saudável ter milhares de corpos em decomposição flutuando na praticamente única fonte de água potável da população.

De acordo com o Antigo Testamento, a mãe de Moisés estava decidida a não permitir que seu filho morresse, portanto, colocou-o nos juncos da beira do Nilo em uma cesta impermeabilizada com piche, na qual ele foi encontrado pela filha do Faraó.

Faz tempo já se percebeu que esse episódio de nascimento é quase idêntico ao de Sargão I, o rei que

dominou a Babilônia e a Suméria centenas de anos antes de Moisés. Uma comparação rápida mostra as similaridades óbvias:

Sargão
Minha inconstante mãe Concebeu-me: e me teve Em segredo
Ela me colocou em uma cesta de vime, com betume selando
A tampa. Ela me atirou ao rio, Que não me cobriu.

Moisés
. .. uma mulher Levita. concebeu e teve um filho... ela o escondeu por três meses Mas não podia escondê-lo mais. Então ela conseguiu uma cesta de vime, tornou-a impermeável com barro e Piche, colocou-o na cesta.
E a colocou nos juncos da Margem do Nilo.

Concluímos que a história desse nascimento é certamente ficção criada no século VI a.C. ecoado, para o nascimento da nação judaica, o antigo tema da criação que emerge das águas. Também era uma excelente maneira de racionalizar o fato de que um general do exército egípcio e membro da família real tenha se tornado o pai fundador do povo judeu. Mas a isso voltaremos em breve.

Não temos dúvida de que alguns aspectos da história tenham sido invenções posteriores. Um deles é a descrição da mãe de Moisés como uma mulher Levita: essa é apenas uma tentativa de colocar a história em tal ordem que venha a justificar os autores posteriores. Os Levitas se tornaram a tribo sacerdotal e, portanto, os escribas, usando a lógica de seu próprio tempo, pensaram que Moisés tinha sido um sacerdote e, portanto, um Levita.

O livro do Êxodo dá indicações bem claras de ser uma colcha de retalhos de pelo menos três versões orais da história tradicional da fuga do Egito, sem definir se foi Moisés ou Aarão o personagem principal, porque até mesmo o monte onde Moisés se encontrou com Yahweh se chama tanto Monte Sinai quanto Monte Horen.

Ficávamos nos lembrado constantemente de que os autores dos livros iniciais do Antigo Testamento estavam narrando lendas tribais de seu passado distante, as histórias mais antigas tendo literalmente milhares de anos de idade, e mesmo as mais recentes como as de David e Salomão tendo acontecido centenas de anos antes de sua época. A forma geral desses supostos eventos era clara, mas os detalhes históricos estavam completamente ausentes. Autores diferentes preencheram as lacunas de formas diversas, dependendo de sua visão política do mundo, e de sua opinião sobre como as coisas deveriam ter sido. Peritos já foram capazes de desenroscar essas camadas autorais às quais deram designações técnicas como "J", "E", "D" e "P". Como o acesso atual proporciona muito mais informação histórica do que estava disponível para esses homens, podemos facilmente perceber alto grau de invenção. Por exemplo: esses autores descrevem os camelos como animais de carga e o uso de moedas no tempo de Isaac e José, quando de fato nada disso ocorreu até muito mais tarde.

Outro engano significativo é a descrição de Abraão evitando o sul de Israel por ser terra dos Filisteus, quando hoje sabemos que esses não chegaram lá a não ser depois que os Israelitas saíram do Egito.

Se o Livro do Êxodo nos contasse qual filha de qual faraó encontrou o bebê Moisés, as coisas seriam muito mais fáceis, mas claramente nem os próprios autores fazem a menor idéia.

Raciocinamos que só poderia haver três explicações básicas para que Moisés estivesse no centro da família real egípcia:

1. Ele era asiático ou habiru de nascimento e foi levado para a família real ainda bebê, como sugere o Antigo Testamento. Sabe-se que os egípcios costumavam adotar as crianças de países vizinhos para que como adultos eles pudessem influenciar seu povo de maneira favorável aos egípcios. A princípio isso parecia improvável em uma época tão próxima à época em que os hicsos escravizaram os habirus.

2. Ele era um egípcio de nascimento nobre que como homem se encontrou em fuga por causa de um crime e que adotou os habirus como seus seguidores fora da lei.

3. Ele era um jovem general semita no exército do último rei dos hicsos e foi expulso do Egito para as terras selvagens com o resto das hordas asiáticas quando a monarquia tebana finalmente retomou o controle. Mais tarde ele retornou para liderar os habirus para a liberdade. Isso situaria a história de Moisés muito antes do que já se tenha considerado, mas não existe razão nenhuma para que não seja assim - sabe-se que Moisés foi um general no exército de um faraó não-identificado.

Essa terceira opção era atraente, mas não pudemos a princípio encontrar evidência suficiente para uma datação tão anterior e, mais ainda, para aprender os segredos dos egípcios ele deve ter estado envolvido com um faraó verdadeiro, não um impostor hicso. Portanto aceitamos que a verdade estivesse na primeira ou na segunda hipótese. Em ambos os casos a versão bíblica dos eventos é aceita como amplamente correta. Para nossos propósitos nós decidimos não nos prender às circunstâncias de como Moisés tenha vindo a liderar esses protoisraelitas: é suficiente aceitar que um membro altamente graduado da corte do Egito se tornou o líder de algumas das tribos que mais tarde vieram a formar a nação dos judeus.

Em Atos 7:22 diz:

Assim foi Moisés iniciado em toda a sabedoria dos egípcios, e tornou-se poderoso em suas palavras e obras.

Os israelitas que escreveram sobre Moisés todos esses anos depois não tinham nenhuma razão para inventar essa sua intimidade com os opositores de seus antepassados, e acreditavam claramente que ele houvesse sido investido com grandes segredos: na verdade, *todos* os segredos. Na época em que Moisés estava envolvido com a família real do Egito o Novo Império já tinha sido estabelecido e os "segredos substitutos", tomado o lugar dos "segredos originais de Osíris". Como membro graduado da corte do faraó, Moisés deve ter sido instruído nos princípios da ressurreição descritos na lenda de Seqenenre Tao e seu sacrifício intimorato, que substituiu os segredos genuínos. Para o jovem Moisés esse ritual era uma forma de aproximá-lo dos segredos da feitura dos reis, a mais alta expressão do poder, cuja simples posse era uma marca de realeza. Isso deve ter causado uma forte impressão porque ele certamente levou adiante essa história, e ela eventualmente se tornou o novo ritual secreto de passagem para a feitura dos reis na nova terra de Israel.

Por ser secreta e repassada apenas para o menor número possível de judeus importantes, a história do "rei que foi perdido" passou para a linha real de David sem muitas modificações. Os detalhes do Êxodo eram uma história menos importante disponível para todos, por isso a verdade e a ficção se misturaram e pouca realidade permaneceu.

Qualquer que fosse o caminho tomado, a história bíblica do Êxodo demonstra claramente que o grupo liderado por Moisés era altamente egipcianizado, e que a devoção às deidades egípcias era prática normal. Moisés receber os Dez Mandamentos em tabletes de pedra era absolutamente necessário para marcar o estabelecimento de um novo Estado. Cada rei tem que receber a sua "carta real" dos deuses como prova de estar adequado a liderar e para que haja uma base para a lei e a ordem nessa nova sociedade.

Esses tabletes só poderiam ter sido escritos em hieróglifos egípcios, porque Moisés não entenderia nenhuma outra escrita. Hoje nós nos apoiamos na palavra escrita de maneira cotidiana, e por isso é difícil entender o quanto a escrita era considerada especial no segundo milênio a.C. A idéia de mensagens se materializando a partir de marcas feitas na pedra encantava as pessoas comuns, e os escribas que podiam fazer "a pedra falar" eram considerados como possuidores de grande mágica. Isso pode ser facilmente entendido quando percebemos que os egípcios chamavam os hieróglifos "as Palavras de Deus", uma expressão constantemente repetida na Bíblia.

O Deus Guerreiro das Montanhas do Sinai

Lendo a história do Êxodo cuidadosa e objetivamente ficamos horrorizados. A imagem que se formara em nossas mente durante nossa educação em bases cristãs virou rapidamente de cabeça para baixo. Em vez de um grande e nobre povo conquistando sua liberdade e encontrando sua "terra prometida", encontramos um perturbador catálogo de demonologia primitiva, traição, assassinatos em

massa, estupros, vandalismo e roubo. Era a mais disfarçada declaração de origem imaginável para uma nova nação.

A história de Moisés começa com um assassinato. Ele vê um egípcio batendo em um habiru, e, depois de se certificar de que ninguém está olhando, mata esse egípcio: esse é o primeiro das dezenas de milhares de assassinatos que esse ex-soldado cometerá. Desafortunadamente o crime foi testemunhado por outros habirus, que delataram o incidente aos egípcios, e Moisés passou a ser um homem procurado. Ele fugiu, dirigindo-se para leste do Sinai onde foi abrigado pelos Madianitas e se casou com a filha de seu rei, Séfora.

Foi aqui que Moisés conheceu pela primeira vez o deus das tribos Madianitas, um deus de tempestades e guerra, cujo símbolo era uma marca em formato de cruz que era usada em suas testas, tornando-se mais tarde conhecida como a marca de Yahweh. Esse deus, que morava nessa montanha, foi a inspiração para o tema central do Deus dos judeus depois das conversas que Moisés teve com Ele no Monte Horeb.

Raramente os deuses, se alguma vez o fazem, surgem espontaneamente para a existência: eles se desenvolvem naturalmente e passam por uma série de metamorfoses ao absorver qualidades transpostas de outros deuses.

O primeiro encontro registrado com esse Deus dos judeus e cristãos parece estranhamente frio e ameaçador. Quando Moisés pediu Suas credenciais e Lhe perguntou Seu nome ele foi bastante esperto: mas não deu certo. Moisés sabia por sua criação egípcia que nem sempre os deuses eram superiores aos humanos, e que se um homem pudesse arrancar de um Deus o Seu nome teria grande poder sobre Ele.

No Egito os deuses tinham muitos nomes, desde o comum e largamente conhecido até os mais restritos, mas sua designação fundamental não era dada a nenhum outro homem ou deus.

Se Moisés tivesse recebido a resposta à sua pergunta sobre o nome principal desse Deus, ele teria efetivamente escravizado esse Deus.

Teologia e magia têm sempre sido conceitos totalmente sinônimos até tempos relativamente recentes, quando conseguimos traçar uma linha que separa as duas metades do primitivo misticismo humano. O conceito do Deus dos Israelitas morando em sua Arca não é nada diferente do de um gênio que mora em uma garrafa e concede favores a seus amigos: ambos praticam essas atividades enquanto voam pelo ar, dividem oceanos inteiros, atiram bolas de fogo e de maneira geral ignoram as leis da natureza. Hoje mantemos uma tênue separação mental entre as histórias das Mil e Uma Noites e as da Bíblia, mas sem dúvida ambas partilham uma origem comum.

Para muitas pessoas é difícil aceitar, mas se tomarmos a Bíblia literalmente, a figura do Criador, que o mundo ocidental chama simplesmente de Deus, começou sua existência como um humilde gênio que sobrevivia com seus talentos nas montanhas do Nordeste da África e Sudoeste da Ásia.

Temendo por sua independência, esse deus madianita se recusou a responder à pergunta de Moisés sobre Seu nome e tentou estabelecer Sua própria importância mandando Moisés tirar as sandálias e recuar porque estava em solo sagrado.

O Livro do Êxodo nos conta que a resposta que deu à pergunta sobre Seu nome foi:

Ehyeh asher ehyeh.

Isso é usualmente traduzido como "Eu sou aquilo que sou", mas no discurso dos autores do trabalho isso tinha uma força muito maior, e seria mais bem traduzido como "meta-se com a sua própria vida!". Os nomes Yahweh ou Jeová são ambos pronúncias modernas da descrição judaica de Deus como YHWH (a língua hebraica não possui vogais) Isso não é nenhum nome de deus: é apenas um título extraído da resposta dada, significando "Eu sou".

De acordo com a história da Bíblia, Moisés eventualmente retornou ao Egito para libertar da escravidão os bandos de asiáticos sortidos a quem os egípcios chamavam de Habiru, supostamente usando os poderes desse djinn/gênio/deus para trazer miséria e morte aos desafortunados egípcios. Nos é contado que 600.000 israelitas partiram para uma jornada de 40 anos através do deserto, mas é claro para qualquer observador inteligente que um êxodo desse tipo só poderia ter envolvido uma fração desse número. Não existe nenhum traço de tal evento na história egípcia, e se fosse efetivamente um evento desse tamanho, tal como a Bíblia descreve, certamente existiria. Se o grupo fosse desse tamanho teria representado um quarto de toda a população do Egito, e o efeito que tal migração implicaria em necessidade de alimento e

suprimento de força de trabalho, teria certamente tido seu impacto social registrado pelos egípcios.

Não obstante, qualquer que tenha sido o número, Moisés levou seu povo através do Sinai de volta ao acampamento madianita e saudou seu sogro, Jetro, que congratulou os israelitas e deu bons conselhos a Moisés. O profeta então subiu novamente a montanha sagrada para encontrar-se com o deus que ali ainda vivia. O deus das tempestades que morava em uma nuvem negra disse a Moisés que se algum dos israelitas ou de seus animais chegasse perto da montanha ou mesmo a tocasse, Ele os mataria atravessando-os com raios ou apedrejando-os. O novo deus informou a seus seguidores que eles deveriam adorá-Lo ou ele se vingaria não apenas nos indivíduos em questão, mas também em seus filhos, netos e assim por diante. Exigiu que os israelitas lhe fizessem presentes de ouro, prata, cobre, linho fino, peles de toupeiras e madeira de acácia, que construíssem uma Arca completamente coberta de ouro para que Ele morasse dentro dela.

Essa Arca era de desenho egípcio clássico com dois (por assim dizer) querubins na tampa, e que hoje em dia se aceita que fosse um par de esfinges aladas, ou seja, leões alados com cabeças humanas.

Esse novo Deus não deve ter causado uma boa impressão sobre a maioria dos Israelitas, já que eles fizeram um bezerro de ouro assim que Moisés subiu a montanha para falar com Yahweh. Essa esfinge era provavelmente uma representação do deus egípcio Ápis, o que contrariou tremendamente o novo deus. Ele ordenou que Moisés mandasse seus sacerdotes matarem tantos desses "pecadores" quanto fosse possível e, como nos é contado, três mil israelitas foram massacrados.

E os Muros Caíram ao Chão

O progresso dos israelitas em direção à sua "terra prometida" só apresentava um obstáculo entre eles e seu objetivo: a população nativa. Mas Yahweh os lideraria até a vitória sobre os fazendeiros de Canaã.

O Livro do Deuteronômio (versão Douai) explica esses eventos a partir do momento em que o povo escolhido de Deus começou a ameaçar as cidades-estado de Canaã, em passagens dos Capítulos 2 e 3:

E o Senhor veio ao nosso encontro com todo o seu povo para combater-nos em Jasa. E Deus nosso Senhor os entregou a nós: e nós os matamos com seus filhos e todo o seu povo.

E tomamos todas as cidades nesse tempo, matando os habitantes delas, homens, mulheres e crianças. Deles não deixamos que restasse nenhum.

Exceto pelo gado que entrou na partilha dos que o tomaram, e os despojos das cidades, que tomamos nós.

De Aroer, que fica sobre a margem da torrente do Arnon, uma cidade que fica em um vale, tão longe quanto Galaad Nenhuma aldeia ou vila escapou de nossas mãos: Deus nosso Senhor no-las entregou todas. . .

. .. então nos dirigimos a caminho de Basan: e Og o rei de Basan veio encontrar-nos com seu povo para lutar em Edrai.

E o Senhor me disse: "Não o temas, porque ele será entregue em tuas mãos, com todo o seu povo e todas as suas terras. E tu farás com ele como fizeste com Seehon, rei dos Amoritas, que viviam em Hesebon".

Então o Senhor nosso Deus pôs em nossas mãos Og também rei de Basan e todo o seu povo. E nós os destruímos completamente.

Arrasando todas as suas cidades de uma só vez. Não houve cidade que nos escapasse: sessenta cidades, todo o país de Argob, o reino de Og em Basan.

Todas as cidades eram cercadas com altos muros, e com portões e grades: além disso, havia inúmeras cidades sem muralhas.

E nós os destruímos completamente, como havíamos feito a Seehon, o rei de Hesebon: destruindo cada cidade, homem, mulher e criança. Mas o gado e os despojos das cidades tomamos para nossa posse.

Essas passagens não descrevem batalhas, mas sim massacres em que cada homem, mulher e criança, assim como cabra, ovelha, boi ou jumento foi passado pelo fio da espada.

O Antigo Testamento contém muito mais passagens desse tipo violento. Em adição a isso, Yahweh lembra a Seu povo que ele é Todo-Poderoso e está sempre pronto a punir sem piedade a todos aqueles que deixarem de adorá-lo e viver por Sua Palavra. Deuteronômio 8: 19-20 registra o seguinte aviso:

Mas se te esqueceres do Senhor teu Deus, e seguires a deuses estranhos, e os servires e adorares, cuidado, porque agora te aviso que perecerás completamente.

Como as nações, que o Senhor destruiu à tua entrada, assim será contigo, e perecerás se fores desobediente à voz do Senhor teu Deus.

Quem quer que Moisés realmente fosse, ele se tornou um assassino no Egito e passou o resto de sua vida matando grande número de pessoas, tanto estrangeiros quanto aqueles que nele haviam depositado sua confiança. Achamos difícil reconciliar esse homem e sua visão de Deus com o Deus dos atuais judeus e cristãos. A nós essa disparidade prova que a idéia de Deus não é uma entidade estática, mas sim um foco social que evolui enquanto Ele se mescla com outros deuses, vagarosamente se tornando uma figura de proa que reflete a moralidade e as necessidades da época. Não é que Deus tenha feito o homem à Sua imagem: mas sim o homem que continuamente adapta Deus à sua própria.

A Oportunidade do Êxodo

Alguns estudiosos agora crêem que as cruéis vitórias descritas no Antigo Testamento são grandemente exageradas e que a chegada dos israelitas foi mais uma lenta absorção pela sociedade canaanita do que a substituição sangrenta da mesma. No entanto, recentes explorações arqueológicas revelaram evidências de um grande número de cidades destruídas indicando uma oportunidade para o Êxodo por volta do final da Média Idade do Bronze. Tal datação colocaria o Êxodo em algum ponto entre os cem anos entre a expulsão dos hicsos e o meio do século XV a.C. Isso aumenta tremendamente a possibilidade de que Moisés fosse aceito na família real egípcia logo depois que os tebanos retomaram o controle do país.

Acreditamos que foi o treinamento que ele recebeu no Egito que possibilitou a Moisés a visão e a habilidade para criar seu próprio deus e estabelecer uma nova nação mesmo em face de grandes dificuldades. Seus métodos incruentos podem ter sido a única maneira de que ele dispunha para alcançar sucesso. Existem muitas evidências da forte influência egípcia nos eventos relacionados ao Êxodo, desde o desenho da Arca da Aliança até os tabletes hieroglíficos dados por Yahweh a Moisés, e consideramos perfeitamente lógico assumir que os segredos da cerimônia de ressurreição de Seqenenre também tenham saído do Egito com ele. Moisés tratava seu povo claramente como se fossem almas simples e na verdade devem ter sido muito pouco sofisticados, em comparação com seu líder que era, como sabemos, versado em todos os segredos dos egípcios.

David e Salomão

As tribos de Israel existiram independentemente por centenas de anos em um período conhecido como o dos Juízes. Esses Juízes não eram em princípio figuras magistrais ou judiciais, mas sim heróis determinados ou mais precisamente "salvadores".

A idéia corrente de que as doze tribos de Israel estavam todas envolvidas no Êxodo é certamente equivocada: só duas ou três tribos, sabe-se agora, chegaram à meta dessa maneira. No tempo dos Juízes as tribos de Simeão e Levi haviam sido praticamente apagadas, e a todo-poderosa tribo de Judá estava apenas começando a ser reconhecida como sendo israelita.

Lentamente os nômades das tribos Habiru se tomaram a nação hebraica dos israelitas, e abandonaram seus dias errantes para tomarem-se fazendeiros e artesãos. Os elementos da mais avançada sociedade Canaanita que não haviam sido assassinados durante a invasão acabaram por se misturar com os recém-chegados, ensinando-lhes os talentos que haviam desenvolvido em milhares de anos de agricultura.

O livro mais antigo do Antigo Testamento é o Cântico de Débora, também conhecido como Cântico de Débora e Baruc (Juízes, 5:1-31). Ele nos conta como havia cooperação entre algumas das tribos quando enfrentavam um inimigo comum como os Filisteus. As tribos que não cediam soldados para a batalha eram repreendidas. O papel dos Juízes era diferente do papel dos reis, na medida em que cada um deles teria poder muito localizado sobre uma ou diversas tribos, com pouca ou nenhuma liderança política e econômica, sob a alegação de serem voluntários. Para encurtar: reis eram indicados por deus, juízes, não.

Nem todos os juízes, no entanto, eram iguais. Um dos mais antigos heróis do tempo da invasão

inicial foi Jerubaal que mais tarde mudou seu nome para Gedeão (seu nome original era provavelmente canaanita, honrando o deus Baal, o que provavelmente indica que nessa época Yahweh ainda não estava perfeitamente estabelecido como os autores do Antigo Testamento nos querem fazer crer). A Gedeão foi oferecido o reinado de Israel, mas ele declinou da oferta alegando que Yahweh era rei sobre todos os reis: não obstante, fica claro que ele tinha uma posição muito especial e deve ser visto como um herdeiro de Moisés.

Apesar da recusa de Gedeão, sua autoridade derivava diretamente da de Moisés e certamente ultrapassava em muito a de outros Juízes. Ele fundou um centro religioso em Oprah onde fez um objeto de culto conhecido por *efod* que era um tipo de Arca, sugerindo que ele talvez possuísse um outro deus. Como homem de influência e poder, Gedeão mantinha um imenso harém (possivelmente incluindo virgens madianitas capturadas) e reputa-se que tivesse tido setenta filhos, o principal deles sendo Abimalec, um nome que sugere aos estudiosos bíblicos uma ideologia crescentemente real. Isso foi tomado como evidência de que Gedeão aceitou o reinado, mas, tenha ou não aceito, seu filho Abimalec definitivamente transcendeu o *status* de juiz e tomou-se rei. Seu templo devotado a Baal-berith foi escavado e descobriu-se ter sido um *migdal,* ou templo fortificado, com paredes de aproximadamente cinco metros de grossura, e em cada lado do portal foram encontradas bases para pilares sagrados .

Isso aconteceu uma geração após a morte de Moisés e, mais importante ainda, centenas de anos antes da construção do Templo de Salomão: e ainda assim temos dois pilares sagrados ao lado do portal em um Templo que pertenceu ao primeiro rei dos judeus. A instrução maçônica sobre o significado dos pilares e a cerimônia que necessariamente se associa com eles só pode ter vindo a nós de Moisés, através de Gedeão para Abimalec. Nos parece extremamente razoável assumir que a cerimônia de ressurreição baseada na história de Seqenenre tenha sido usada por essa outra família real, já que não poderia conhecer nenhum outro ritual de feitura de reis senão aquele que Moisés aprendera no Egito. Os próprios pilares representariam a conexão com Deus e a estabilidade do novo estado.

Infelizmente para Abimalec, a estabilidade foi curta. Sua imatura monarquia ruiu logo depois de estabelecida e ele perdeu sua vida em uma batalha com o não cooperativo povo da cidade de Tebah. O período dos Juízes, portanto, continuou, mas o conhecimento dos segredos da casa real e da feitura de reis foram mantidos vivos na linhagem dos Juízes de Gedeão.

Por todo esse período, Jerusalém permaneceu sendo uma cidade que pertencia aos seus antigos fundadores, os jebusitas: o centro político e religioso para os israelitas era a cidade de Silo cerca de trinta e dois quilômetros ao norte. Escavações mostram que Silo foi destruída por volta de 1050 a.C., na guerra entre israelitas e filisteus. Esse evento foi testemunhado por Samuel, que era um importante juiz, profeta, sacerdote e fazedor de reis.

A guerra entre os israelitas e os filisteus está registrada na história de Sansão, que era um nazarita (homem santo) de imensa força. Ele destruiu três mil filisteus simplesmente derrubando seus pilares da direita e da esquerda, o que nos parece uma metáfora para a destruição de sua estabilidade nacional.

Foi Samuel quem fez rei ao benjamita Saul, em cerimônia privada de unção. Nenhuma explicação é dada na Bíblia sobre como Samuel tinha conhecimento para fazer isso e nem existe, é claro, nenhuma descrição dessa cerimônia. Parece que a relação entre Samuel e Saul era a dos poderes gêmeos de Sacerdote e Rei, os dois pilares de uma sociedade de sucesso que se unem para produzir estabilidade. Essa relação rapidamente tornou-se instável quando Saul fez um sacrifício em Gilgal sem o benefício das bênçãos de Samuel, e quando ele deixou de seguir as instruções de Samuel para destruir o harém dos amalecitas derrotados, Samuel começou a se arrepender de sua escolha.

Um novo candidato logo surgiu, dessa vez na grande tribo de Judá em vez de ser originário da pequena tribo de Benjamim. Seu nome era David, e ele viera de uma pequena cidade chamada Belém.

David era, de todos os pontos de vista, um indivíduo altamente talentoso, primeiro como cortesão e depois como soldado e estadista. A conhecida história da derrota de Golias é geralmente aceita como verdade, mas não foi David quem matou o gigante gitita - isso foi feito por outro homem de Belém chamado Elhanan, filho de Jaareoregim.

A atribuição desse evento a David foi uma tentativa posterior de apresentá-lo como um simples pastorzinho desacostumado com a guerra, mas o fato é que ele foi um grande soldado e político durante toda a sua vida.

Saul viu a ameaça que David representava e tentou removê-lo, mas eventualmente foi Saul quem perdeu sua vida, e Samuel criou seu segundo rei. Ninguém se aprofunda no fato de que quando David

estava fugindo de Saul ele serviu no exército dos filisteus contra os israelitas: isso seria um qualificativo estranho para o fundador da mais extensa linhagem na história de Israel.

David se tomou rei de Israel por volta de 1000 a.C. e pela primeira vez verdadeiramente uniu as tribos em um só povo. Há um paralelo interessante com o papel dos reis do Egito, no fato de que Israel também era duas terras, uma ao norte e uma ao sul, unidas por um líder. Nos primeiros sete anos, David reinou desde o Hebrom até o sul de Judá, mas seu papel mais importante é o do rei que tomou Jerusalém, criando uma nova capital que ficava entre as duas metades de seu reino unido. Ali ele mandou que lhe construíssem um palácio, e moveu a tenda que abrigava a Arca da Aliança e seu altar para um lugar onde pretendia construir um Templo para Yahweh.

David estabeleceu um exército bem treinado, composto em sua maior parte de mercenários estrangeiros, como os quais derrotou os filisteus que ainda dominavam cidades na região, eventualmente ganhando controle das terras desde o Eufrates até o Golfo de Aqaba. A paz parecia estar assegurada enfim quando David assinou um tratado de paz com Hiram, rei de Tiro, mas o comportamento desregrado de David e sua família logo trouxe de volta a instabilidade.

Os eventos parecem um épico de Hollywood. David se apaixona por Betsabá e mata o seu marido Urias. O filho de David, o príncipe coroado Amom, é assassinado por seu irmão Absalão depois de ter estuprado sua meia irmã Tamar, e Absalão finalmente tenta tomar o reino de seu pai pela força. Depois do que já era uma guerra civil, David reteve seu reino e seu filho Absalão perdeu a vida pendurado pelo pescoço nos galhos de uma árvore.

Todas essas distrações impediram David de construir o planejado templo onde alojaria seu Deus, Yahweh. Logo David estava em seu leito de morte e o herdeiro do trono, Adonias, foi coroado rei. No entanto, antes que a festa da coroação terminasse, outro filho de Betsabá chamado Salomão foi ungido rei por Sadok, com a ajuda do próprio David. A cerimônia de Salomão foi considerada como a única verdadeira e não demorou muito até que o novo rei se desfizesse de seu irmão e dos que o apoiavam, impedindo que eles viessem alguma vez tentar desafiá-lo de novo.

Salomão estava posto em grandeza, e sob seu comando Israel alcançou alturas que nunca antes alcançara, e nem depois alcançaria. Ele se casou com a filha do faraó, recebendo como dote a cidade estratégica de Gezer, na fronteira com o Egito: criou focos de construção em toda a terra: e, mais importante que tudo, ergueu a casa de Yahweh, o Templo Santo pelo qual ele é melhor lembrado. Como já discutimos, o Templo era um edifício relativamente pequeno, mas luxuosamente decorado e centralmente localizado. Ficava no topo de um monte com seu portal faceando o leste na direção do sol nascente, e porque estava colocado mais ou menos na fronteira entre as duas terras, uma ao norte e uma ao sul, os pilares desse portal representavam a harmonia e o equilíbrio do reino unido. Essa era uma recriação do conceito egípcio de estabilidade política através da unidade.

Booz, o pilar da esquerda, ficava ao sul representando a terra de Judá e significando Força: Jachin ficava à direita representando a terra de Israel e significando Estabelecimento, e quando unidos pelo lintel de Yahweh os dois produziam Estabilidade. Como no Antigo Egito, enquanto as duas terras estivessem unidas pelos pilares apropriados a estabilidade política se perpetuaria. Esse conceito foi inteiramente emprestado do Egito, indicando que a estrutura da monarquia e teologia israelitas ainda não havia perdido suas antigas origens.

Todo esse trabalho tinha que ser pago, já que toda a técnica usada era estrangeira - Hiram, rei de Tiro, foi quem forneceu a força de trabalho e a maior parte da matéria prima. Isso foi uma grande despesa para o ainda jovem reino, e Salomão começou a ficar sem dinheiro, com muitas cidades sendo vendidas para fazer frente aos débitos crescentes. A população teve que suportar trabalhos forçados, com turmas de dez mil pessoas sendo enviadas para estadias de um mês no Líbano, trabalhando para Hiram, rei de Tiro. O reino foi dividido em doze regiões, com cada região inteiramente responsável pelo envio ao palácio dos impostos de um mês por ano. Os impostos se tornaram cada vez mais altos e os súditos de Salomão começaram a perder o entusiasmo pelo desejo de grandeza de seu rei.

Apesar da forma como os autores posteriores da Bíblia preferiram ver esses acontecimentos, há evidências abundantes de que o interesse em Yahweh era realmente muito tênue, e que outros deuses em toda a história da nação eram objetos de estima, se não maior, pelo menos igual à dele. Para muitos, Yahweh não era mais do que o deus israelita da guerra, útil em tempos de batalha, mas uma figura bastante apagada quando observada em comparação com todo o panteão de deuses disponíveis. Os nomes dados aos mais notáveis israelitas através das eras indicam um forte respeito por Baal, e mesmo o mais

ardente Yahwehista não poderia pretender que os judeus dessa época acreditassem exclusivamente em um deus.

Assim foi com Salomão. No fim de seu reinado Salomão se entregou à adoração solitária de outros deuses, o que causou muita insatisfação entre vários grupos, especialmente os sacerdotes do Templo de Jerusalém. Mais tarde foi dito que Salomão não foi punido por Yahweh por ter desrespeitado seu pai David.

Na verdade, desde o tempo de Moisés até o fim do reinado de Salomão, Yahweh não parece ter impressionado muito a seu “povo escolhido". Quando Salomão - o rei famoso por sua sabedoria - morreu, o país não estava apenas falido, estava sem Deus.

Roboão, filho de Salomão, foi criado acreditando no poder da realeza, e apesar de avisado para tomar uma posição conciliatória em relação aos ofendidos do norte que não o aceitavam como rei, ele continuou a exigir cooperação. A unidade das duas terras ruiu rapidamente e o reino do norte, Israel, deixou de ter qualquer coisa a ver com Judá, a quem via como a fonte de seus problemas.

Resumiremos o que aprendemos sobre os israelitas desse período. As aspirações dessa nova nação de tornar-se uma grande civilização eram baseadas em uma teologia semi-estruturada, trabalhos forçados e dinheiro emprestado. Como todos os projetos mal preparados, falhou, mas deixou uma marca nos corações e mentes das futuras gerações, que posterior e retrospectivamente completariam sua teologia e lutariam para reconstruir a transitória glória que havia marcado sua emergência como um povo com um deus e um destino. Essa era a visão que nunca alcançaria seu objetivo, e ainda assim alcançaria grandeza acima de qualquer medida possível.

Enquanto isso, os segredos das cerimônias de iniciação através da ressurreição, e da retidão moral baseada nos princípios da construção de um templo, eram perpetuados dentro do grupo real. Não era mais um conceito abstrato tomado da história do Egito e trazido a eles por Moisés. Era real, tão real quanto seu Templo em Jerusalém, que continha a Arca e seu Deus.

Nesse estágio de nossa pesquisa não havíamos encontrado nenhuma referência ao assassinato do arquiteto do Templo de Salomão. Não obstante, agora estávamos começando a enxergar as crescentes evidências que apoiavam nossa hipótese dos dois pilares e de sua associada cerimônia de ressurreição de Seqenenre Tao, que havia sido levada para Israel por Moisés e se tornado o segredo da Casa Real de Israel.

Nossa próxima tarefa seria identificar quando o nome do personagem principal havia sido transformado de Seqenenre Tao em Hiram Abiff. Para compreender como esses segredos ocultos possam ter sobrevivido e eventualmente vindo à tona através das ações de um homem chamado Jesus Cristo, e como o Novo Testamento podia ser interpretado à luz de nossas mais amplas descobertas, era preciso que investigássemos muito mais de perto o próximo estágio da história da nação judaica.

Conclusão

A história do nascimento de Moisés mostrou ser baseada em antiga lenda da Suméria, e agora sentíamos que havia sido adotada como forma de racionalizar o fato de que um general graduado dos egípcios e membro da família real egípcia havia se transformado em pai da nação judaica. Estávamos bastante seguros de que Moisés havia tido acesso aos segredos substitutos de Seqenenre Tao e que estava familiarizado com a história dos dois pilares: ele usou esses segredos para estabelecer um novo ritual de feitura de reis para seus seguidores. Isso deus aos judeus sem Estado, nem cultura, uma identidade e um ritual secreto que foi passado adiante na linhagem de David.

Foi Moisés quem adotou o turbulento deus kenita das tempestades chamado Yahweh, que era identificado pelo símbolo do *tau*, originalmente conhecido como "a Marca de Yahweh". Uma vez tendo feito contato com esse novo deus, Moisés voltou ao Egito onde era procurado por assassinato para liderar um grupo de habirus. A jornada dos judeus para a terra de Canaã é mostrada na Bíblia como um processo contínuo de massacre da população nativa.

Uma vez estabelecida a religião de Yahweh, o povo de Yahweh, os israelitas, foram liderados por uma série de Juízes, começando por Josué, o líder da famosa Batalha de Jericó. Este foi seguido por um grande número de outros Juízes, mas tanto a Bíblia quanto as evidências arqueológicas mostram que o símbolo dos dois pilares foi usado tanto por Abimalec, o filho de Gedeão, quanto por Sansão, o nazarita. Sentimos que isso indica fortemente que os segredos egípcios de Moisés continuavam sendo usados pelos líderes dos israelitas.

O profeta Samuel ungiu Saul como o primeiro rei dos judeus, mas ele foi eventualmente sucedido por David, que foi um rei de extremo sucesso, por volta de 1000 a.C. David uniu os reinos de Judá e Israel com uma nova capital entre as duas terras, em Jerusalém. Foi seu filho Salomão quem primeiramente construiu o Templo de Jerusalém com os dois pilares representando a unificação dos dois reinos e formando um portal que faceava o leste - um pilar no norte representando Judá e outro no sul representando Israel. Os pilares gêmeos ficavam no pórtico ou entrada do Templo, mostrando que a monarquia israelita ainda tinha suas raízes e rituais egípcios. Salomão morreu deixando seu país praticamente falido, mas deixou os segredos da cerimônia de iniciação através da ressurreição em vida, e da retidão moral, baseados nos princípios da construção de um templo, para que fossem distribuídas entre o grupo real.

Não duvidávamos mais que houvéssemos encontrado o modelo secreto da construção de um Estado judeu. Mas não havíamos encontrado referências ao assassinato do construtor do Templo de Salomão, e precisávamos descobrir como e quando Seqenenre havia se tornado Hiram Abiff:

Capítulo Dez
Mil Anos de Luta
A Jovem Nação Judia

A morte do rei Salomão aconteceu quase que exatamente mil anos antes que o último e mais famoso reivindicante do título de rei dos judeus morresse nas mãos dos romanos.

Para os judeus foi um milênio cheio de dor, lutas e derrotas, mas nunca de rendição. Também se caracterizou por uma busca desesperada pela identidade racial e o anseio por uma teologia e uma estrutura social que lhes fosse própria. Tinham a distante lenda de um pai fundador em Abraão e de um legislador em Moisés, mas, além disso, tinham muito pouco que pudesse constituir uma cultura. Os primeiros reis judeus haviam lhes dado um senso de herança bastante vazio. David, erroneamente retratado como um matador de gigantes, lhes deu a figura-modelo para sua ansiada vitória sobre seus poderosos vizinhos, e Salomão, humilde e amaldiçoado apesar de suas conquistas, tornou-se o foco do orgulho nacional. Não era um homem, no entanto, quem eventualmente veio a ser a epítome da busca de um propósito e auto-estima, mas sim um pequeno edifício sem muita importância que Salomão erigiu para seu deus da guerra, Yahweh.

Como já vimos, após a morte de Salomão as duas terras dos judeus novamente se separaram, com Israel ao norte e Judéia ao sul Cada terra retornou às suas respectivas formas de desenvolvimento, que muito em breve as levaram à guerra uma com a outra. No reino do norte o assassinato do rei tornou-se quase que um esporte nacional e nos séculos que se seguiram à guerra, o assassinato e a traição tornaram-se a norma. Talvez o indivíduo mais infame desse período seja Jeú, o general que tomou o poder ao assassinar Jorоão, rei de Israel. Ele depois matou Ocozias de Judá, que foi desafortunado o bastante para estar visitando o Norte, e mandou que a azarada Jezebel fosse despedaçada pelas patas dos cavalos de forma a que apenas seu crânio, pés e palmas de suas mãos foram encontrados para serem enterrados. Mais adiante matou cento e vinte possíveis opositores e todos os adoradores de Baal foram cercados e massacrados. Somos informados de que Deus gostou muito dessas "nobres" ações, como se lê em Reis 2-10:30:

E o Senhor disse a Jeú: porque executaste bem o que era agradável a meus olhos e cumpriste a Minha vontade contra a casa de Acab de acordo com tudo que estava em Meu coração, teus filhos até a quarta geração se sentarão sobre o Trono de Israel.

O reino setentrional de Judá continuou a ser comandado a partir de Jerusalém e o contraste com Israel ao norte não podia ser maior. Judá conseguiu manter estabilidade genuína por quase três séculos e meio após a separação. A linhagem davídica continuou ininterrupta por quatrocentos anos ao todo, o que contrasta terrivelmente com as oito revolucionárias trocas de dinastia que Israel experimentou em seus primeiros duzentos anos de autonomia.

A pergunta que tínhamos que nos fazer era - porque as duas metades do estado tão brevemente desunido haviam alcançado resultados tão diferentes?

A geografia deve ter alguma coisa a ver com isso. Judá, o reino do sul. estava fora da principal rota

leste-oeste e o terreno era mais difícil para invasores estrangeiros, dando-lhe um senso de segurança nacional maior que o reino do norte podia desejar. Suspeitamos que, no entanto, a maior razão para a continuidade da linhagem real davídica durante período tão considerável acontecia por causa da coesão garantida pelo "direito divino de poder" conferido através de uma cerimônia mística e secreta. Assim como os primeiros reis egípcios tinham sido vistos como colocados nessa posição pelos deuses, assim os descendentes de David eram considerados como a escolha de Yahweh, e a importantíssima aliança entre um Deus e seu povo era a continuidade da realeza. Sentíamos que nossas suposições estavam corretas, a família real e sua corte estando unidas por sua aceitação no grupo secreto de apoio (a Loja) e quando "levantavam" seu candidato ao *status* de rei, formavam a insurreição quase impossível por causa do poder desse grupo de controle.

A importância central do rei de Judá estava demonstrada em seus rituais do Ano Novo, que seguiam modelos egípcios e babilônios. Alguns dos mais importantes atos rituais aconteciam para garantir que o rei continuasse a reinar, um exemplo disso sendo a representação pelo rei da batalha original e do triunfo das forças da Luz sobre as forças das Trevas e do Caos. O rei e seus sacerdotes cantavam o *Enuma Elish* - a história que conta como o dragão do Caos, Rtiamat, foi subjugado para que a Criação pudesse ter lugar. Esse ritual pode ser comparado ao ritual egípcio dos hipopótamos (discutido no Capítulo Oito) que reafirmava o antigo e sagrado direito de governar do rei.

O papel do rei como "portador da Aliança" lhe dava responsabilidade pelo bem-estar de seu povo, e qualquer catástrofe em escala nacional seria atribuída ao fato de que o rei ou teria exorbitado de suas funções ou permitidos que seus súditos ofendesse a Yahweh de alguma maneira.

O Exílio na Babilônia

O reino setentrional de Israel havia lutado do início até o fim e finalmente caiu em derrocada no ano de 721 a.C quando foi tomado pelos assírios. Judá ainda durou um século e meio a mais. Em 15 e 16 de março de 597 a.C o grande rei babilônio Nabucodonosor tomou Jerusalém, capturou o rei e pôs em seu lugar um fantoche chamado Sedecias. O verdadeiro rei, Joaquin, foi levado para o exílio com toda sua corte e os intelectuais da terra, a idéia sendo a de que os que lá ficassem não teriam inteligência suficiente para rebelar-se contra seus novos senhores.

A Bíblia nos dá vários números, mas é provável que por volta de três mil pessoas tenham sido levadas para a Babilônia: tabletes cuneiformes encontrados nesse reino indicam pagamentos de rações de óleo e grãos aos cativos, nomeando especificamente o rei Joaquin e seus cinco filhos como recebidores.

O fato de Joaquin não ter sido morto fez com que muito judeus acreditassem que ele ainda teria permissão para voltar, e há evidências de que isso pudesse ter sido a intenção original de Nabucodonosor. O novo rei-fantoche não era tão dócil como os babilônios haviam imaginado, e ele tentou aliar-se ao inimigo da Babilônia, o Egito, tentando com isso libertar Judá. A princípio ele seguiu os conselhos de seus apoiadores e não criou nenhum problema para seus senhores. Infelizmente as pressões pró-egípcias em sua corte forçaram uma rebelião em 589 a.C, o que levou Nabucodonosor a atacar imediatamente as cidades de Judá: em janeiro seguinte o cerco de Jerusalém começou. Sedecias sabia que não haveria misericórdia dessa vez e resistiu como pôde por dois anos e meio, mas a despeito de todas as tentativas feitas pelas forças egípcias para expulsar os babilônios, a cidade caiu em julho de 586 a.C Jerusalém e seu Templo foram completamente destruídos.

Sedecias foi trazido à frente de Nabucodonosor em Rebla na Babilônia onde foi forçado a assistir à execução de seus filhos, e quando arregalou os olhos de puro terror eles foram arrancados. Com esta última imagem aterrorizante para sempre gravada em sua memória, o rei-fantoche foi levado acorrentado para a Babilônia. De acordo com Jeremias 52:29 o acompanharam para o exílio mais oitocentas e trinta e duas pessoas.

Para os exilados de Judá, a Babilônia deve ter sido uma visão maravilhosa. Era uma cidade cosmopolita e esplêndida que se espalhava por ambas as margens do Eufrates no formato de um quadrado, que se diz medir vinte e cinco por vinte e cinco quilômetros. O historiador grego Heródoto visitou essa cidade no século V a.C e descreveu sua grande escala, com seu traçado de estradas perfeitamente retas e edifícios que tinham três e às vezes quatro andares de altura.

Nossa primeira reação a essa descrição foi a de que esse grego era culpado de exagero, mas depois descobrimos que ele também alegava que os muros da cidade eram tão largos que uma carroça puxada

por quatro cavalos podia andar por sobre eles, e as escavações mais recentes mostram que isso é a pura verdade.

Esse apoio arqueológico à Heródoto como testemunha com credibilidade nos levou a apreciar o quanto a Babilônia deve ter sido impressionante. Soubemos que dentro de suas muralhas havia extensos parques e que entre seus edifícios estava o palácio real com seus famosos "jardins suspensos", que eram imensas montanhas artificiais em forma de terraços cobertos de árvores e de flores trazidas de todas as partes do mundo conhecido. Havia também o enorme Zigurates de Bel, a pirâmide em degraus com sete andares, decorada com as cores do sol, da lua e dos cinco planetas, tendo em seu topo um templo. Essa maravilhosa estrutura era sem dúvida a inspiração para a história da Torre de Babel, onde se diz que a humanidade perdeu a habilidade de se comunicar em uma só língua.

Ba-Bel era um termo sumério significando "portão de deus", dando ao sacerdócio babilônio uma ligação entre os deuses e a Terra. Inacreditavelmente essa Torre de Ba-Bel ainda existe, apesar de hoje ser apenas uma ruína disforme.

A Via Processional que levava à grande Porta de Ishtar deve ter arregalado os olhos dos recém-chegados. Era feita em escala maciça e coberta de cerâmicas de azul brilhante nas quais estavam representados leões, touros e dragões em alto relevo. Esses animais representavam os deuses da cidade, sendo Marduk, a deidade dragão, a mais importante entre elas, com Adad o deus do céu tendo forma de um touro e a própria Ishtar, a deusa do amor e da guerra, sendo simbolizada por um leão.

Para os nobres e sacerdotes deportados de Jerusalém, essa nova vida deve ter parecido bastante estranha. Devem ter ficado gratos por não terem sido passados a fio da espada, e ao mesmo tempo entristecidos pela perda de sua terra e Templo. Mas ainda assim devem ter ficado impressionados com o que viam e ouviam na maior cidade da Mesopotâmia, uma metrópole que deve ter feito Jerusalém e seu Templo parecerem extremamente humildes.

Deve ter sido o tipo de choque cultural que os imigrantes judeus das pequenas cidades da Europa sentiram quando chegaram à Nova York no início do século XX.

Tudo na vida da Babilônia deve ter-lhes parecido estranho, mas logo descobriram que a teologia era estranhamente familiar. Suas próprias lendas de base egípcia-canaanita e as lendas dos babilônios derivavam de uma fonte comum suméria, e os judeus logo perceberam que as lacunas em suas histórias tribais sobre a Criação e o Dilúvio agora poderiam ser preenchidas.

Os dignitários que haviam sido desenraizados estavam acostumados a comandar um país, e agora se encontravam dispersos em uma terra estranha, e de maneira geral apenas com tarefas mesquinhas a realizar. Para homens acostumados ao comando de um Estado agora não lhes restava muito a não ser refletir sobre as injustiças da vida, mas não obstante a maioria deles acabou por aceitar que a vida era cruel, começando a partir disso a transformar uma situação desagradável na melhor situação possível.

Na verdade um número significativo, talvez mesmo a maioria, das famílias judias foi completamente absorvida na vida da "grande cidade", e lá permaneceu mesmo depois que o cativeiro terminou.

Contrário à crença popular, os judeus dessa época não eram monoteístas e mesmo se adorassem a Yahweh como o deus especial de sua nação, teriam adorado também aos deuses babilônios após sua chegada forçada a este novo lar. Era bastante normal prestar respeitos ao deus ou deuses da área que se visitava, como medida de prudência, porque todas as deidades pareciam ter poder antes de tudo territorial. A zona de influência de Yahweh ficava em Jerusalém, e todas as evidências mostram que nem mesmo seus mais ardentes seguidores ergueram um único altar para ele em todo o período de sua escravidão.

Enquanto muitos desses judeus seguiram a vida como lhes era possível, um pequeno número de deportados que eram sacerdotes, filosófos e fundamentalistas do Templo de Salomão, que só podem ser descritos como "homens inspirados com uma visão oposicionista de seu destino", buscaram racionalizar sobre a situação da melhor maneira possível. Hoje em dia se aceita de maneira geral que foi aqui, durante o Cativeiro da Babilônia, que muitos dos cinco livros da Bíblia foram escritos, em uma busca apaixonada por herança e meta. Usando a informação que recebiam de seus captores sobre o início dos tempos os judeus foram capazes de reconstruir a maneira como Deus havia criado o mundo e a humanidade, assim como perceber detalhe sobre eventos posteriores, como o Dilúvio.

Os escritos desses primeiros judeus eram uma mistura de excertos de fatos históricos precisos, pedaços de memória culturais corrompidas e mitos tribais, cimentados por invenções originais criadas quando quer que lacunas incômodas surgissem na narrativa. É obviamente muito difícil separar que pe-

daços são o quê, mas estudiosos modernos se tornaram tremendamente capazes de identificar as prováveis verdades e ficções, assim como desvendar os estilos autorais e suas influências. As grandes histórias foram analisadas em profundidade por times de peritos, mas, para nós, os pequenos pedaços de informação esquisitos são os que geralmente produzem algumas das mais poderosas pistas de suas origens.

Descobrimos a influência tanto da Suméria quanto à do Egito nos lugares mais inesperados. Por exemplo: a figura de Jacó, o pai de José, devia anteceder a influência egípcia, e ainda assim existem claros sinais de que aqueles que escreveram sobre ele estavam vendo o mundo bem depois do Êxodo. Em Gênese 28:18 nos contam que Jacó erigiu um pilar para ligar a Terra ao Céu em Betel, uns dezesseis quilômetros ao norte de Jerusalém, e mais tarde em Gênese 31:45 diz-se que ele ergueu um outro, provavelmente em Mizpah, que ficava nas montanhas de Galaad, a leste do Jordão. Essa identificação de dois pilares é fortemente remanescente da teologia que Moisés havia trazido consigo dos reinos duplos do Alto e Baixo Egito. Não parece ser possível que essas duas cidades citadas na Bíblia tenham existido ao tempo de Jacó, e quando se olha para o significado literal dos nomes dessas cidades se percebe que foram criadas para ficar de acordo com as necessidades da história. Betel significa "casa de Deus", sugerindo um ponto de contato entre os Céus e a Terra, e Mizpah significa "torre de vigia", que é um ponto de proteção contra invasões.

Muitos ocidentais hoje em dia pensam em nomes próprios como etiquetas abstratas, e quando uma criança está por nascer, os pais podem comprar um livro de nomes do qual escolhem um que lhes agrade. Para a maior parte da história, no entanto, em vez de ser uma designação meramente agradável ou popular, os nomes têm sido fonte de importantes significados. É muito interessante notar que o falecido filólogo John Allegro descobriu que o nome Jacó vem diretamente do sumério IA-A-GUB, que quer dizer "pilar" ou "pedra ereta".

Ao escrever a história de seu povo os hebreus deram aos personagens-chave uma série de títulos que comunicam significados especiais, mas que os leitores modernos vêem como simples nomes. Cremos que os autores do Gênese queriam dizer muitas coisas ao dar o nome de Jacó a esse personagem: e quando o texto muda seu nome para Israel, isso mostra ao leitor contemporâneo que os pilares do novo reino estavam em seu devido lugar e que a nação estava pronta para receber seu próprio nome. Isso era um acontecimento que devia anteceder o estabelecimento da verdadeira realeza.

O Profeta da Nova Jerusalém.

Um dos mais estranhos e importantes personagens de nossa reconstrução da Babilônia é o profeta Ezequiel. Seu estilo obscuro, repetitivo e profundamente difícil já levou muitos observadores a concluir que esse homem deve ter sido um tanto louco. Tenha ou não existido e tendo sido são ou totalmente esquizofrênico não importa, porque os escritos a ele atribuídos, falsos ou não, estabeleceram a teologia de Qumran, o povo que foi a Igreja de Jerusalém.

Ezequiel foi o arquiteto do Templo de Yahweh imaginário ou idealizado, e não duvidamos que este tenha sido o mais importante de todos.

Muitos peritos do século XX concluíram que esses trabalhos foram a expressão de pessoas muito posteriores, cerca de 230 a.C. em diante. Isso os colocaria bem perto da datação do mais velho dos manuscritos encontrados em Qumran, que se crêem datados entre 187 a.C e 70 d.C. Se este fosse o caso, então nossa tese estaria afetada, servindo apenas para confirmar os já imensos elos entre esses escritos e a Comunidade de Qumran, então para nossa conveniência assumimos nesse ponto de nosso trabalho que o *Livro de Ezequiel* foi escrito por um só homem durante o Cativeiro na Babilônia.

A Queda de Jerusalém e a Destruição do Templo tiveram grande significado para Ezequiel, que foi um sacerdote do templo e um dos membros da elite levada cativa para o exílio em 597 a.C. As estranhas visões que ele teve durante o cativeiro estão centradas nesses dois eventos. Sua mulher morreu na véspera da destruição do Templo, o que, para o profeta, era sinal de um grande portento. No entanto, esse desastre não surpreendeu Ezequiel, que o viu como a punição que Yahweh estava dando a Israel por seu passado cruel e sem valor, que remontava aos tempos de suas origens pagãs e à adoração de ídolos egípcios. A infidelidade a Yahweh havia continuado até o momento em que Deus permitiu que os inimigos de Israel a derrotassem. A despeito de tudo o que Yahweh fez por seu povo escolhido, Israel (os dois reinos) havia persistido em seu comportamento rebelde, impudente e renitente, sem dar a mínima atenção a seu chamado e ao elo de sua Aliança. Os judeus haviam desobedecido às leis e estatutos divinos e profanado as coisas sagradas, inclusive o próprio Templo - o mesmo Templo onde sua Glória habitava o Santo dos

Santos. A destruição de Jerusalém e do Templo representava uma morte, enquanto a sonhada nova cidade e o templo reconstruído seriam uma ressurreição, um renascimento com todas as nódoas removidas.

Ezequiel se viu como o arquiteto desse Novo Templo, um que realizaria a promessa e criaria um foco central para a nação que seria pura e boa, que seria o "reino dos Céus" sobre a Terra. Em suas visões obscuras a alegoria e o simbolismo são abundantes em imagens de homens de muitas faces, leões, águias, e itens tão estranhos como grelhas de ferro para assar. Ele voa pelo ar de volta ao Templo e lá executa estranhos rituais como raspar sua barba e cabelo, dividindo o material em três partes ao pesá-lo. Um terço de seu cabelo e barba é queimado, outro terço, cortado em pedaços por uma espada e o último terço, espalhado ao vento. Naquela época o cabelo de uma pessoa representava a sua dignidade, sua força e seu poder, e parece que "ele usou essas imagens como representações do destino recente do povo de Judá e Israel.

Uma visão importante e particularmente interessante ocorreu em novembro de 591 a.C. quando Ezequiel estava sentado em sua casa perto do Grande Canal da cidade de Nippur na Mesopotâmia (Suméria) recebendo os mais velhos de Judá que se sentaram a seus pés. Os mais velhos (talvez o próprio rei estivesse entre eles) haviam vindo escutar quaisquer mensagens que Yahweh lhes quisesse transmitir, quando o profeta caiu em um transe e viu um homem vestido de fogo que estendeu a mão, pegou-o pelos cabelos do alto da cabeça e o levou de volta ao portão interno do Templo. Ezequiel viu imagens de cultos pagãos aos deuses Tammuz, Baal e Adônis antes de ser levado a uma porta no pátio e ordenado a cavar um buraco na parede, através do qual ele viu uma cena marcante:

Através desse buraco ele vê pinturas murais contendo quadros de coisas rastejantes e outras cenas mitológicas, motivos que parecem apontar para práticas sincréticas provenientes do Egito. Setenta anciãos estão praticando mistérios secretos com incensórios em suas mãos.

O grifo é nosso porque aqui temos os anciãos de Jerusalém (as mesmas pessoas que estão sentadas aos pés de Ezequiel em transe, sendo acusadas de possuir "mistérios secretos" de origem egípcia e de conduzir cerimônias privadas dentro do Templo de Salomão. Ezequiel 8:12 conta que a cerimônia era realizada no escuro, como acontece no 3° Grau da Maçonaria.

A que poderia estar se referindo o profeta?

Essa parte da visão nunca fez muito sentido para os estudiosos bíblicos, além da mensagem geral e óbvia de que a destruição do Templo fora causada por falta de pureza no relacionamento com Yahweh.

O elemento egípcio nunca foi explicado, especialmente por estar claro que na visão são os anciãos de Israel que estão envolvidos nesses ritos secretos. Neste versículo (Ezequiel 8:8) que apresenta essa visão em particular se conta como o profeta foi capaz de espiar os acontecimentos, e tem impressionantes similaridades com Gênese 49:6, que mais tarde identificamos como sendo referente ao plano irrealizado de José para conseguir os segredos de Seqenenre e o fato de que os vilões "cavaram uma parede".

Recordemo-nos do versículo do Gênese que diz:

Que minha alma não entre em seu conselho, que meu coração não se una a seu grupo, porque em sua cólera mataram um homem, e em seus caprichos cavaram uma parede.

O versículo em Ezequiel parece reportar-se diretamente a essas circunstâncias da tentativa frustrada de arrancar de Seqenenre Tao os segredos da feitura de reis. Diz assim:

Ele me disse: "Filho do Homem, abre uma fenda na parede". Abri uma fenda e ali vi uma porta.

No Gênese existe uma falha na tentativa de conhecer os segredos, mas na visão de Ezequiel ele encontra uma porta e vê o que acontece por de trás dela, mas dessa vez não era um templo em Tebas onde estavam os segredos originais, mas sim o Templo de Jerusalém com os segredos substitutos. Ezequiel está ultrajado pelas imagens egípcias nas paredes, nomeando como principal culpado ao rei Josias, que no meio do século anterior havia reformado o templo e mandado redecorar suas paredes.

A descrição parece muito similar ao simbolismo encontrado nas paredes e teto de um templo maçônico dos dias de hoje, que são baseados no Templo do Rei Salomão e, até hoje, muitos dos detalhes são flagrantemente egípcios.

Os ex-líderes do reino de Judá que entraram na casa em Nippur onde Ezequiel se exilara lá estavam em busca de aconselhamento por parte desse santo homem, e foi isso o que ele lhes deu. Ao ler e reler Ezequiel foi incrível perceber quanto sentido esse livro tão obscuro agora fazia. Nossa excitação cresceu enquanto se tornava claro que havíamos encontrado um elo importantíssimo em nossa corrente reconstruída de eventos, ligando Seqenenre à Comunidade de Qumran.

A mensagem que o profeta estava passando aos anciãos exilados estava relacionada com sua própria cerimônia secreta, que lhes havia sido transmitida diretamente desde Moisés através da linhagem de David. A essência da mensagem do profeta era esta:

Vos digo que perdemos nosso reino por serem as pessoas infiéis a Yahweh, adorando outros deuses, e vós fostes os maiores transgressores porque conduzistes vossos 'mistérios secretos' que vem do Egito pagão, baseados na adoração do sol e sem lugar para o Deus de vossos pais. Vós sois os maiores pecadores de todos, e é certo que Yahweh vos tenha punido.

E podemos imaginar a resposta desses homens alquebrados:

Mas estes são os segredos da Casa Real de David ensinados pelo próprio Moisés!

É por isto que vós não tendes mais uma casa Real, lembrai-vos de que Yahweh é o Rei dos Céus, responde Ezequiel.

O que devemos fazer, profeta? Dize-nos como recuperar aquilo que perdemos!

Deveis reconstruir o Templo primeiro em vossos corações para que a ele se siga o Templo de pedra. Vivei de acordo com a Lei e adorai somente a Yahweh. Podeis guardar vossos segredos, mas deveis abandonar de uma vez a história egípcia que os acompanha, transformando as grandes verdades dentro de vós na vossa tarefa de reconstruir o Templo. Usai vossos segredos - mas conhecei vosso Deus antes.

Não podemos pensar em explicação mais simples para essa importante visão de Ezequiel. Cremos que foi neste ponto da história judaica que a história de Seqenenre se tornou a história de Hiram, o construtor do primeiro Templo, que foi perdida por causa da urgência com que Ezequiel impôs a remoção de todos os traços possíveis do ritual egípcio.

O *Livro de Ezequiel* segue contando como ele recebeu em outra visão a ordem de tomar duas varas, inscrever nelas os nomes de "Judá" e "Josee" e juntá-las em uma só, simbolicamente reunindo os dois reinos. Um só rei os governaria e Yahweh o salvaria da apostasia (significando as "relações" com outros deuses), o purificaria de toda a sujeira e o traria para uma nova relação de aliança. Sob a regra de seu servo David o reino viveria em obediência e fidelidade e ocuparia a terra de seus pais. A aliança de paz, como todas as bênçãos e benefícios dessa nova era, seria eterna: mas acima de tudo Yahweh viveria no meio de seu povo. A presença de seu santuário em seu meio é uma prova de que a aliança teria sido renovada e, portanto, as nações veriam que Yahweh santificara seu povo e por isso os separara dos outros.

A mais famosa das visões de Ezequiel ocorreu no começo de 573 a.C., logo após o profeta ter passado quase um quarto de século como cativo, e durante esse tempo seu modo de ver o mundo tornou-se especialmente refinado. Nessa visão ele é transportado para uma alta montanha onde pode ver um panorama de edifícios espalhados a seus pés com muralhas e portões como uma cidade. Primeiro ele se vê no portão do leste onde encontra um homem que é como uma estátua de bronze e traz nas mãos uma cana que mede aproximadamente três metros e vinte e cinco centímetros: esse é seu padrão arquitetônico. Ezequiel é ordenado a prestar atenção, pois seria seu dever tudo relatar aos exilados.

Ele enxerga o portão do leste, também conhecido como Porta da Retidão, em linha direta com o caminho principal para o Templo. A área principal do Templo é elevada para separar o sagrado do profano, e pela subida de sete degraus ele chega ao limiar e então passa pelo portão, onde existem três salas de guarda em frente uma da outra, sendo todas elas perfeitamente quadradas e das mesmas dimensões.

Os ecos dessa visão estão bastante claros na Maçonaria, com a importância do portão do leste ou Oriente e o respeito ao esquadrejamento, mas de particular importância são os sete degraus do limiar. O candidato ao 3° Grau deve subir sete degraus até o pedestal do Venerável Mestre no leste do Templo maçônico.

Além dessa passagem fica um segundo limiar e o vestíbulo do portão que leva ao pátio. Ao longo da muralha desse pátio, com a mesma profundidade que os portões tem de comprimento, corre um largo pavimento com câmaras arranjadas simetricamente, totalizando trinta. Os graus de santidade são representados pela crescente elevação de várias partes do Templo. A descrição das partes componentes se segue identificando os três portões como estando ao leste, ao oeste e ao sul, exatamente como na tradição maçônica. Ezequiel eventualmente é levado até o pátio interno onde enxerga duas salas ao lado os portões do norte e do sul, o primeiro para os sacerdotes que controlam as facilidades do Templo e o outro para os que são responsáveis pelo altar. O pátio é um quadrado perfeito. O vestíbulo do Templo é dez degraus mais alto que o pátio interno, os pilares do qual são identificados como correspondendo a Booz e Jachin, os pilares do Templo de Salomão. A visão culmina com o retorno de Yahweh, e como o Horus do Antigo Egito ele se ergue como uma estrela no leste e entra em sua nova casa pelo "Portão da Retidão".

Finalmente a imaginação de Ezequiel estabelece as regras para o sacerdócio que se tornarão os marcos definitivos dos essênios em Qumran. Os legítimos sacerdotes desse santuário devem ser os filhos de Sadok, o antigo sumo-sacerdote. Conhecidos pelo povo de Qumran como Sadoquitas, esses filhos de Sadok deveriam vestir linho branco quando entrassem no pátio interno. Não poderiam raspar suas cabeças nem permitir que seu cabelo crescesse demasiadamente, não podiam beber vinho antes de entrar nesse pátio, deveriam casar-se com virgens de nascimento israelita e deveriam ensinar às pessoas a diferença entre limpo e sujo. A lista de requerimentos segue e incluía proibição de ter posses pessoais ou de entrar em contato com os mortos.

A forma para a nova ordem havia sido feita, e a imagem do "templo-que-será" se torna mais importante que o templo que foi perdido.

O Templo de Zorobabel

A 12 de outubro de 539 a.C. um general do rei persa Ciro, de nome Ugbaru, toma a cidade da Babilônia sem derramamento de sangue. Dezessete dias mais tarde, o próprio Ciro atravessava os Portões de Ishtar em seu carro, seguido pelos exércitos combinados dos medos e dos persas. O rei não apenas permitiu que os judeus retornassem a Jerusalém, mas também devolve a eles os tesouros que Nabucodonosor havia tirado de seu Templo. Os judeus reconquistaram sua cidade, mas Judá se tornou uma província do Império Persa em vez dos babilônios.

Pessoas que haviam deixado Jerusalém ainda crianças voltavam como homens e mulheres muito velhos. As lembranças de sua cidade natal devem ter sido muito apagadas e a realidade da comunidade parcialmente reconstruída deve ter sido um choque após uma vida na Babilônia. Deve ter sido um choque também para a população que tinha ficado em Jerusalém por todo esse tempo. Ver milhares de estranhos chegando do leste, exigindo não apenas comida e abrigo, mas também esperando poder retomar a posse de velhos terrenos e casa de família, deve ter sido, para dizer o mínimo, muito difícil. Traziam com eles uma série de idéias que haviam sido incubadas na escravidão e esses parentes sofisticados logo se aplicaram ao trabalho de reatar uma nova e poderosa aliança com Yahweh.

O Templo foi reconstruído antes do final do século VI a.C por Zorobabel, o neto do último rei e herdeiro do trono de David. O considerável efeito que a servidão teve nos judeus é ilustrado pelo nome de seu líder: Zorobabel (Zerubbabel) significa "semente da Babilônia". Enquanto novas pedras eram postas umas sobre as outras novas e mais estritas exigências de "santidade" eram formuladas, não apenas para os sacerdotes, mas agora também para os leigos. Usamos o termo no masculino deliberadamente porque apesar das mulheres terem estado ainda envolvidas em vários aspectos da nova religião que floresceu durante o segundo templo, não tinham permissão para o sacerdócio. O Livro da Lei que foi aplicado aos exilados que retornavam era muito preciso sobre o que se exigia do povo de Yahweh. Leis dietárias eram extremamente rígidas, com uma longa lista de comidas que não podiam ser ingeridas. A lista de animais impuros era compreensível e incluía: camelos, texugos, caranguejos, lagostas, animais de concha, tubarões, cobras, morcegos, certos tipos de insetos, ratos, lagartos, lebres, avestruzes e, é claro, porcos.

Animais que eram considerados aceitáveis para a mesa de refeições iam de escolhas lógicas como carneiros, cabritos, pombos e pombas até o que nos pareceria guloseimas menos saborosas, como grilos e gafanhotos.

É importante lembrar que antes do retorno dos exilados, o povo de Israel e Judá de maneira geral não era nem monoteísta nem fervoroso adorador de Yahweh, o deus de Moisés. Na verdade o termo "judeu" (significando "membro da tribo de Judá") fora cunhado durante o Cativeiro da Babilônia, e com ele veio um novo e poderoso sentido de nacionalidade que foi marcado pela construção do Templo de

Zorobabel. Os construtores da nova Jerusalém se viam como um povo com alguma coisa muito especial em sua relação com Yahweh, e para proteger essa preferência tomaram medidas tais como proibir o casamento fora de seu povo. Dessa maneira, as antes disparatadas tribos do Levante se tornaram uma raça.

A Nova Ameaça a Yahweh

Os judeus com seu agora ampliado sentido de identidade haviam escapado de seus senhores babilônios, graças à intervenção dos persas, em cujo império haviam sido absorvidos. A influência desses dois poderes está aparente nos textos do Antigo Testamento, mas no meio do século IV a.C. uma cultura radicalmente nova se ergueu, causando um efeito muito mais profundo no futuro do Judaísmo. Na verdade ela menos influenciou que colidiu com a visão introvertida e espiritual dos judeus. Esses pensadores radicais eram os gregos.

Os gregos tinham seu próprio panteão de deuses, mas diferentemente dos exclusivistas e fechados judeus eram cosmopolitas e ecléticos, com um intenso interesse nos deuses dos outros povos. Os judeus haviam construído uma teologia que bebera largamente em crenças da Suméria, do Egito, da Babilônia e de muitos outros lugares, mas agora queriam apenas consolidar O foco em seu deus especial- Yahweh. Apesar dos gregos por um outro lado serem extremamente supersticiosos sobre o papel das influências de outros mundos, estavam abertos a novas idéias. Haviam criado uma separação clara entre o papel dos deuses e o direito humano de pensar criativamente, acreditando que seu destino era dependente da ciência, da política, das finanças e do poder militar.

Enquanto em Jerusalém a ordem social era centrada em um sacerdócio e a satisfação de um deus difícil, os pensadores gregos estavam produzindo uma nova classe de filósofos, cientistas e poetas. O mundo soube deste novo grande poder graças aos esforços militares de um dos maiores líderes de todos os tempos: o rei da Macedônia, Alexandre, o Grande.

Alexandre liderou um exército que conquistou o Egito, todo o Império Persa e atravessou o Afeganistão até o sub-continente indiano, mas quando morreu de febre na Babilônia em 323 a.C. tinha apenas trinta e três anos de idade. O império criado por esse incrivelmente jovem rei 'abriu as portas para uma verdadeira forma internacional de viver, com o conhecimento e os deuses sendo permutados em todo o mundo, desde a nova cidade de Alexandria, no Egito, até o Vale do Indo.

A língua grega tornou-se o padrão do comércio, da diplomacia e do aprendizado. O modo de vida e de pensamento helenístico tornou-se a única opção para os intelectuais: se uma pessoa não pudesse ler e escrever em grego, estava fora da nova elite internacional.

A decadente sociedade egípcia respondeu à chegada dos gregos declarando que o jovem rei de vinte e quatro anos de idade chamado Alexandre era filho de deus e faraó encarnado. O jovem guerreiro que livrou o Egito de seus invasores persas, mas que tinha ele mesmo vindo através do Mar Mediterrâneo, tomou O nome real de haa-ib-re Setep-en-amen, que significa "Jubilante está o Coração de Rá, Escolhido de Amon". A estada de Alexandre no Egito foi curta, mas sua influência foi maciça, pois restaurou antigos templos e ergueu a cidade que ainda leva seu nome. A influência helenística no Egito permaneceu dentro da linhagem de faraós conhecidos como Dinastia Ptolomaica, os quais, apesar de seus trajes tipicamente reais, eram gregos.

A mais famosa foi Cleópatra, a quem se reputa como tendo sido sábia e bela: certamente ela foi um dos poucos líderes dessa Dinastia que podia falar a língua egípcia.

Na cidade de Alexandria, os velhos deuses egípcios se misturaram com os deuses gregos para produzir deidades híbridas que satisfizessem a todos os gostos. Os pilares duplos das Duas Terras se tornaram os Pilares de Hermes, e os atributos do deus-lunar Thot foram absorvidos por Hermes. Thot representava a sabedoria e era, como todos sabemos, irmão de Ma'at. Já foi dito que esse deus possuía todo o conhecimento secreto em 36.535 rolos de papiro que estavam ocultos sob o vão celestial (o céu) e que só poderiam ser encontrados pelos que tivessem valor, que usariam esse conhecimento para o beneficio da humanidade. (Nos chamou a atenção o fato do número de rolos ser quase exatamente igual ao número de dias existentes em um século). Hermes assumiu o manto de Thot como inventor da escrita, arquitetura, aritmética, topografia, geometria, astronomia, medicina e cirurgia.

Tanto Thot quanto Hermes são extremamente importantes nas lendas da Maçonaria e os dois nomes são tratados pelos mitos maçônicos como pertencendo a uma mesma pessoa:

No sepulcro de Osymandias foram depositados vinte mil volumes... todos os quais, por conta de sua

Antigüidade, ou pela importância de seus assuntos, eram atribuídos a Thot ou Hermes que, como bem se sabe, uniu em seu caráter a inteligência da divindade com o patriotismo de um ministro fiel.

As *Antigas Obrigações* da Maçonaria nos contam como Hermes/Thot se envolveu no desenvolvimento dos primórdios da ciência como essa citação da versão de Inigo Jones mostra:

TU me perguntas como esta Ciência foi inventada, Minha Resposta é essa: Que antes do Dilúvio Universal, que é comumente Chamado de Dilúvio de Noé, havia um Homem chamado LAMECH, como podes ler no Capítulo IV do Gênese: que tinha Duas Esposas, Uma chamada ADA, a outra ZILA, que tinha Um FILHO chamado TUBAL e uma Filha chamada Naamab: que essas Crianças descobriram o princípio de Todos os Ofícios do Mundo: JABAL achou a Geometria, e ele Dividiu Rebanhos de Carneiros, Ele foi o primeiro a erguer uma Casa de Pedra e Madeira.

SEU Irmão JUBAL achou a ARTE da MÚSICA. Ele foi o pai de instrumentos como a Harpa e o Órgão.

TUBAL-CAIN foi o Instrutor de Todo Artífice em Cobre e Ferro, E sua Filha descobriu a ARTE de Tecer.

ESSAS Crianças sabiam bem que DEUS se Vingaria do PECADO pelo Fogo ou pela Água: Portanto eles Escreveram suas CIÊNCIAS que haviam descoberto em Dois Pilares, para que pudessem ser encontrados depois do Dilúvio de NOÉ.

UM dos Pilares era de Mármore, que não se Queima com nenhum Fogo, E a outra pedra era Cerâmica pois esta não afunda em nenhuma Água.

NOSSA intenção a seguir é Contar com Verdade, como e De Que maneira essas PEDRAS foram encontradas nas quais estas CIÊNCIAS estavam Escritas.

O Grande HERMES (de Sobrenome TRISMAGISTUS, ou três vezes Grande). Sendo tanto Rei quanto Sacerdote e Filósofo, (no EGITO) encontrou Um deles e Viveu no Ano do Mundo de Dois Mil e Setenta e Seis, no reinado de NINUS, e alguns crêem que seja Neto de CUSH, que era neto de NOÉ, aquele que primeiro começou a Estudar a Astronomia, para Admirar as outras Maravilhas da Natureza: Ele provou que não existe senão Um DEUS, Criador de Todas as Coisas, Ele Dividiu o dia em Doze Horas, Dele também se crê que foi o primeiro que Dividiu o ZODÍACO em Doze Signos. Ele era Ministro de OSÍRIS, Rei do EGITO: E se diz que inventou a Escrita Comum e os Hieróg1ifos: as primeiras Leis dos egípcios: e Várias Ciências, e as Ensinou a outros Homens. (Anno Mundi MDCCCX).

Aqui a Maçonaria recorda como os gregos construíram suas crenças a partir de lendas egípcias. A data "Anno Mundi" significa "a partir do começo do mundo", que a Maçonaria considera ter sido o ano 4000 a.C o momento em que a civilização da Suméria se materializou aparentemente a partir do nada! (Curiosamente, a data do texto nos diz que Thot/Hermes inventou a escrita e ensinou as ciências à humanidade em 3390 a.C como agora sabemos, isso foi pouco mais que duzentos anos antes que a consolidação do primeiro reino unido do Antigo Egito tivesse lugar e também os mais antigos hieróglifos tivessem sido produzidos.).

No século IV a.C a teologia judaica havia amadurecido com lendas detalhadas de sua própria lavra, e o sacerdócio não desejava intrusões nem de gregos nem de ninguém mais. No entanto muitas pessoas foram ágeis em esquecer os aspectos mais restritivos de sua aliança com Yahweh e aceitaram essa nova ordem mundial com grande alegria. Logo a nova raça que se autodenominava 'Judeus" se espalhou, estabelecendo seu próprio centro em praticamente todas as cidades helenísticas. Os judeus tinham poucas habilidades a oferecer porque sua cultura muito jovem não tinha tradição de construção nem manufatura, mas através de cruéis circunstâncias haviam aprendido a viver de seus talentos e extrair o melhor de cada situação. Uma expediência natural e uma vontade imensa de prosseguir mesmo em face da adversidade os tornavam especialmente apta a tornarem-se negociantes, compradores e vendedores, que poderiam dar se uma vida boa e honesta simplesmente ficando atentos às oportunidades de lucro que outros não tivessem notado. Os judeus rapidamente se tornaram membros respeitados do novo comércio que impulsionou o império grego: e um comentarista os descreve como sendo "gregos não só na fala, mas também no espírito".

Os judeus levaram consigo sua crença em Yahweh, e seus livros foram traduzidos para o Koine, a versão contemporânea e urbana do grego clássico. Esses textos tornaram-se conhecidos como o

Septuaginta - o Livro dos Setenta. As escrituras originais agora existiam em hebraico, aramaico do Império Persa e Koine: e desse ponto em diante os novos trabalhos religiosos poderiam ser lidos e até mesmo criados em qualquer uma dessas três línguas.

A linguagem, no entanto, é uma coisa estranha: é uma forma de comunicação viva, criativa e especial que age dentro de uma comunidade em um ponto determinado do tempo. A tradução é uma arte imprecisa e nunca a substituição científica de uma palavra por outra encontra a sua contraparte exata, como as pessoas costumam pensar que seja. A língua grega foi desenvolvida por um povo racional, de mente aberta e cosmopolita, que usava a oratória e a filosofia para grande efeito: por contraste, o hebraico havia sido desenvolvido por um povo irracional e inspirado em uma visão de mundo completamente oposta. Os judeus que falavam koine e viviam em Alexandria, Éfeso e outras cidades e que traduziram suas próprias escrituras na melhor das intenções não tinham como não afetar o sabor e o conteúdo.

O mundo judeu fora de Judá era conhecido como a Diáspora, e a fiel minoria que ficara em Jerusalém se alarmava mais e mais com o que estava acontecendo em novos lugares além de suas fronteiras.

Chamaram esses judeus da Diáspora "buscadores-das-coisas-suaves" ou como diríamos hoje, "vida-mansa". Eles desejavam a herança de seu nascimento, mas também buscavam as boas coisas que o modo de vida grego lhes trouxera. Interpretavam a lei como melhor lhes conviesse e, pior do que tudo, cometeram uma "transgressão" ao inventar a sinagoga.

"Sinagoga" não é uma palavra hebraica: é grega, e significa "fazer reunir", e era originalmente um lugar em que os judeus se encontravam e organizavam as necessidades de sua comunidade para manter a suas variadas leis, principalmente as que tratavam da alimentação. Em algum ponto, no entanto, a sinagoga passou de lugar de encontro a templo, um lugar em que se podia prestar devoção a Yahweh. Essa era uma idéia ultrajante para os que acreditavam que seu Deus só pudesse ser adorado em Sua Casa na Cidade Santa. Os devotos seguidores de Deus nessa Cidade Santa estavam boquiabertos com a frouxidão de costumes dos judeus e começaram a temer pelo pior: Yahweh os puniria horrivelmente se não se resantificassem imediatamente.

A religião de Yahweh estava agora chamando a atenção de ocultistas que ficaram fascinados com as propriedades mágicas que nela viam, e que acabaram por gerar uma visão bem diferente de seu significado. Os elementos numerológicos se tornaram fascinantes, e até o nome de deus, pronunciado Yahweh, mas escrito YHWH, ganhou novos significados. Os gregos chamaram a esse nome de Deus de "Tetragrammaton", e trataram os textos judaicos como uma fonte de supostas sabedorias antiga e esotérica. Novos cultos surgiram no Império Helenístico, baseando-se nas escrituras de Yahweh, ainda que seus seguidores não fossem judeus. Esses gentios pegaram o que quiseram do Judaísmo, e foram esses grupos, como veremos posteriormente, que se tornaram o terreno fértil para um outro mistério grego chamado Cristianismo.

Conclusão

O Templo que Salomão havia construído para Yahweh havia incorporado uma das mais importantes representações simbólicas da permanente força da monarquia egípcia revitalizada, o símbolo dos dois pilares, e nós sabíamos que esse símbolo tinha uma ligação direta com o Êxodo de Moisés através de Josué, Gedeão, Abimalec e Sansão. Parecia razoável que se os aspectos mais públicos do ritual de Seqenenre tivessem sido dados aos israelitas por Moisés, então as cerimônias mais importantes de feitura de reis deveriam também ter sobrevivido. Mais uma vez surgia a estranheza histórica após a morte de Salomão, que atraiu nossa atenção. Enquanto o reino de Israel ao norte estava sendo abalado por mudanças em suas linhagens de poder, no reino de Judá ao sul a linhagem de David permaneceu sem interrupções por mais de quatrocentos anos. Consideramos essa estabilidade como prova circunstancial da sobrevivência do ritual de ressurreição de Seqenenre que conferia um "direito divino de governar à linhagem de David. Havíamos encontrado evidências que apoiavam esse ponto na representação ritual da batalha original entre as forças da Luz e as forças das Trevas e do Caos descrita no *Enuma Elish* que nos recordou fortemente do ritual egípcio dos hipopótamos.

De qualquer forma, foi nosso estudo detalhado do período de exílio babilônico na história judaica que finalmente revelou a explicação do porque o nome de Seqenenre foi abandonado. Ezequiel, o arquiteto do imaginário Segundo Templo de Yahweh, havia dito aos anciãos exilados de Jerusalém que removessem as práticas egípcias de seus mistérios secretos que eram conduzidos nas trevas debaixo do

Templo de Salomão. Sabemos que até hoje o ritual da ressurreição de Seqenenre é feito na escuridão, porque ambos passamos por ele.

Havíamos sido abalados pelas similaridades ao versículo do Gênese 49:6 que é a única referência da Bíblia à morte do rei tebano. O Livro de Ezequiel nos conta como o profeta expurgou das crianças de Israel as práticas egípcias, trazendo-as de volta ao caminho de Yahweh. Portanto agora sabíamos como Seqenenre Tao havia se tornado Hiram Abiff, o rei que foi perdido. Fora o trabalho da impressionante figura de Ezequiel em uma tentativa de explicar porque Deus falhara em defender seu próprio Templo de seus inimigos.

Capítulo Onze
O Pesher de Jachin e Booz
Os Manuscritos do Mar Morto

Nossa reconstrução detalhada do desenvolvimento do povo judeu nos últimos cinco capítulos finalmente nos levou até o período que precedeu diretamente os eventos que deram início à Igreja Cristã. Havíamos mergulhado profundamente no passado distante dos Essênios/Nazoreanos, e aprendido muito. Com base no que descobrimos, tivemos a sensação de que esta seria uma parte particularmente intrigante de nossa busca. Até aqui, tínhamos hipóteses emergentes de reinos sendo construídos pelo poder de pilares terrenos gêmeos e de um lintel ou arco celestial, e só podíamos esperar que uma prova final desse paradigma emergisse o mais rápido possível.

De todos os grupos existentes em Israel nessa época (ou seja, o período do nascimento de Cristo), acreditamos que o mais importante foi a Comunidade de Qumran que floresceu nos montes da Judéia. Apesar de não ter ultrapassado o número de duzentos membros em nenhum momento, sua influência sobre o mundo futuro foi imensa.

Já tínhamos boas razões para acreditar que os autores dos Manuscritos do Mar Morto, a Comunidade de Qumran, eram essênios, e que eles e os nazoreanos e a Igreja de Jerusalém original eram todos exatamente as mesmas pessoas. Nossa evidência para tal afirmação já estava bem forte, sendo um ponto de vista seriamente considerado por muitos peritos importantes, mas a visão que havíamos alcançado, extraída da *Chave de Hiram*, estava começando a se tornar inquestionável dentro de nós.

Nossa hipótese original, como explicitada nos Capítulos Quatro e Cinco - de que a Maçonaria havia se desenvolvido a partir desse grupo - agora parecia inteiramente possível por causa das ligações que havíamos descoberto entre eles e o Antigo Egito, mas agora devíamos procurar por atitudes e ritos maçônicos. Se estivéssemos certos de haver uma ligação entre a Maçonaria e os Qumranianos, e dos Qumranianos serem efetivamente os primeiros cristãos, poderíamos concluir que Cristo foi, em algum sentido da palavra, um Maçom. Estávamos conscientes de que essa noção horrorizaria muitos cristãos de hoje, particularmente os católicos romanos, mas acabamos por efetivamente encontrar a evidência de que ele foi exatamente isto.

Já se especulou muito sobre se os essênios de Jerusalém não teriam sido uma espécie de protocristãos, e que Jesus Cristo teria sido um deles, mas a evidência era sempre muito tênue. As coisas mudaram radicalmente, no entanto, quando diversos trechos escritos foram encontrados, como mencionamos no Capítulo Quatro, nas escavações do antigo acampamento de Qumran. Logo após o sítio arqueológico foi inteiramente escavado pelo Departamento de Antiguidades da Jordânia, L *'École Archeologique Française* e o Museu Arqueológico da Palestina, sob a direção de G. L. Harding e do padre R. De Vaux, em cinco campanhas entre 1951 e 1956. O que eles encontraram foi o equivalente teológico a nitroglicerina: o mundo cristão podia implodir se as descobertas não fossem manuseadas com extremo cuidado. Mas não havia jeito de manter a tampa sobre questão tão explosiva, não importando o esforço que a Igreja Cristã tivesse feito nesse sentido.

Os que estavam a cargo da pesquisa não eram estudiosos independentes, mas tinham uma fé a proteger e uma estrutura a manter. Outros estudiosos envolvidos com os manuscritos encontraram evidências que pareciam contradizer a visão do Cristo e do Novo Testamento, mas foram efetivamente silenciados e desacreditados.

Acusações de escândalo, ocultamento de provas e manipulação deliberada da verdade foram enfrentadas com negativas e contra-acusações de "imaginações hiper-ativas" e "sensacionalismo intencional". É fato que por mais de quarenta anos depois de sua descoberta pelo menos a metade dos 800

rolos encontrados ainda não havia sido publicada.

A comunidade acadêmica se declarou ultrajada por esse segredo sem precedentes em relação ao que devia ser de conhecimento público e após amplos protestos, liderados pela Biblioteca Huntington de San Marino, Califórnia, as autoridades israelenses finalmente removeram as restrições ao acesso público ao conteúdo dos rolos em outubro de 1991.

Várias versões dos textos bíblicos foram encontradas e todas elas eram pelo menos mil anos mais antigas que os mais antigos textos hebreus conhecidos, produzidos por Aarão Ben Moisés em 1008 d.C. Antes da descoberta dos manuscritos o mundo judeu e cristão não sabia ao certo o quão acurado era o Antigo Testamento, e só tínhamos conhecimento de que durante a era cristã mesmo o menor desvio era encarado com grande rejeição. Da grande variedade de textos existentes, cada um deles cuidadosamente guardado nas cavernas de Qumran, sabemos agora haver um grande número de textos diferentes, e que o que foi traduzido para o grego na versão *Septuaginta* era apenas um deles - portanto, não existe nenhuma versão "correta" da Bíblia, afinal.

Toda a área de investigação relativa a Qumran é um campo minado para o cristão comum, por isso muitos preferiram manterem-se afastados do assunto.

Enquanto o Judaísmo e muitas outras religiões se baseiam em um amplo território de pensamento social e teológico, a cristandade se fundamenta exclusivamente sobre a idéia de que em um determinado dia na História um deus/homem absolveu da responsabilidade sobre seus mal-feitos os membros da raça humana, que estava preparada para adorá-Lo, pelo ato de morrer (ainda que temporariamente) sob tortura. Até muito recentemente a única evidência relativa a esse evento pivotal eram os três Testamentos Sinópticos do Novo Testamento, que foram escritos bem depois dos eventos por pessoas que não estavam envolvidas pessoalmente neles e nem podem ser corretamente identificadas. Sabe-se agora que a história de Jesus contada nesses Evangelhos é em sua maior parte uma invenção dramática que envolve seus ensinamentos em um formato agradável aos leitores. Análises dos Evangelhos de Mateus e Lucas mostraram que são um amálgama de duas tradições deferentes da Igreja, baseados na combinação do *Evangelho segundo Marcos* e um outro Evangelho perdido mais antigo agora conhecido como Q (derivado do alemão *quelle* significando "manancial"). A história do nascimento de Jesus como contada em Marcos e Lucas é agora reconhecida como sendo uma total invenção de pessoas sem nenhuma compreensão das circunstâncias políticas e históricas daquela época. Os eventos que descreve, simplesmente não podem ter ocorrido. Um exemplo disso é a maneira como o rei Herodes é ligado à taxação romana sob Cirino - só que Herodes já estava morto desde 4 d.C., pelo menos dez anos antes que Cirino entrasse em cena.

Outros estudiosos, como Morton Smith, detectaram a existência de um evangelho secreto, com elementos que fluem dentro de todos os quatro Evangelhos, e que se crê seja anterior ao Evangelho de Marcos. Não podemos fazer nada a não ser cogitar se esse evangelho secreto de Jesus existiu em forma escrita, e se não teria sido ele o documento que está no cerne de nossa missão, o manuscrito que os Cavaleiros Templários encontraram!

Essa possibilidade nasce dos manuscritos de Qumran que estabelecem haver uma tradição secreta que seus membros deviam jurar nunca divulgar. Esses segredos foram escritos e mantidos em prontidão para o dia em que Deus visitasse seu povo nos dias dos últimos dias.

Há pouca ou nenhuma referência a Jesus em qualquer documentação reconhecida de outra origem, o que é pouco usual, especialmente quando historiadores como Josephus, Filo e Plínio, o Velho, estavam registrando praticamente tudo o que fosse digno de nota em suas épocas. Como já discutimos, é naturalmente possível entender personagens históricos através de quaisquer fontes independentes, inclusive a partir do que seus inimigos dizem sobre eles, mas nesse caso os ficcionistas originais fizeram um bom trabalho de remoção de toda a evidência sobre a existência de um mortal que queriam nos apresentar como deus. Não foram hábeis o bastante, no entanto, e através da boa sorte e das modernas técnicas de análise dedutiva subitamente muito mais informação disponível surge, e as estranhas interpretações da primeva Igreja Romana sofrem o desafio da verdade.

O Cristianismo é flagrantemente desmascarado. Não existe nenhum súbito influxo e informação que pudesse danificar os fundamentos do Judaísmo, do Islã, do Budismo ou até mesmo dos sistemas de crença dos aborígines australianos ou dos índios da Amazônia, porque essas são religiões que nasceram de uma profunda compreensão espiritual que se desenvolveu a partir de suas próprias culturas. Mesmo sem Gautama, o Budismo ainda vive: sem Maomé, o Islã vive: mas em a ressurreição de Jesus, o Cristianismo,

como hoje se apresenta, não significa nada. É compreensível, portanto, que a Igreja tome cuidados imensos na lida com informações novas que estejam relacionadas com esse pequeno instante da história relativamente recente, quando crêem que o Criador de todo o Universo decidiu que estava exatamente na hora de tornar-se um deus vivo. Isso faz a cristandade ficar exposta à luz da verdade.

Se toda a base do Cristianismo pode ser explicada como sendo um erro tolo, será que o Vaticano irá pedir desculpas pelos incômodos causados, auto abolir-se e devolver toda a sua riqueza e poder ao Rabino de Jerusalém? Não. Nenhuma prova conseguiria esse resultado, e talvez isso esteja correto, porque a Igreja de Roma é grande demais e importante demais para desaparecer subitamente: mas da mesma forma ela não pode estar certa em ocultar a verdade, porque a verdade tem que ser a essência de Deus. Deve haver uma maneira para que a Igreja sobreviva, repensando sobre o que agora se sabe serem idéias erradas. Há uma velha história judaica que prova bem esse ponto.

Numa reunião de rabinos os sábios estavam discutindo um trecho da Lei Sagrada e um deles se encontrou em desacordo com o resto do grupo no que se refere à interpretação de determinado ponto.

Ele estava sofrendo grandes pressões para mudar de opinião, mas ele sabia estar certo, e que, portanto, Deus estaria a seu lado. Por isso orou chamando o Altíssimo para ajudá-lo a provar seu ponto.

"Por favor, Deus, se eu estiver certo, fazei com que os rios de Israel fluam de baixo para cima", ele pediu. Imediatamente as águas da terra mudaram de direção. Desafortunadamente, isso não abalou a seus adversários. "Por favor, Deus", disse o rabino quase desesperado, "se eu estiver certo, que as árvores todas se dobrem até tocar o chão". E foi isso que aconteceu. Mas seus adversários não transigiram.

"Adorado Deus", clamou o rabino em crescente frustração, "que fales em voz bem clara para apoiar-me". As nuvens imediatamente se abriram e uma grande voz vinda dos céus trovejou.

"Amigos, devo dizer-vos que ele está certo e vós estais errados. Isso é o que sempre desejei".

O solitário rabino sorriu triunfante, mas o grupo de adversários não se impressionou.

"Ah, nós nunca damos atenção a vozes celestiais", disseram, "porque a determinação correta sobre esse ponto já foi escrita há muito tempo atrás".

Essa história humorística diz tudo. Velhas escrituras, não importa quão pouco precisas sejam, ganham uma vida própria, pois a religião em última instância não lida com a verdade, e sim com a fé.

Mas em nosso mundo moderno a fé cega não é o bastante, e nem mesmo o suficiente - e se a religião pretende sobreviver ela não deve voltar as costas a nenhuma informação nova.

Colocar os dogmas acima da verdade não é a melhor maneira de honrar a Deus.

Os Livros Perdidos dos Macabeus

A história convencional registra a revolta dos Macabeus como uma causa judaica com o direito a seu lado, e a ascensão de Judas Macabeus ao Sumo Sacerdócio é vista como um acontecimento popular. Enquanto a primeira parte é certamente verdadeira, sabemos agora pelos manuscritos tirados de Qumran que Judas era considerado pelos Hasidim (o grupo de judeus ortodoxo) como um ultraje, por colocar a política antes de Yahweh.

Quando Judas foi assassinado, seu irmão Simão se tornou Sumo Sacerdote e começou a levar as coisas muito mais adiante, declarando o "direito" hereditário de sua família a essa posição, uma declaração que ele mandou gravar em bronze e colocar no templo. A Bíblia Católica Romana Douai nos conta como Simão começou a considerar-se um jogador no palco do mundo quando enviou um embaixador e presentes a Roma. A ascensão ilegítima de Simão pode ser encontrada no Salmo 110.

A visão que a Comunidade de Qumran tinha do sacerdócio de Jerusalém está clara nas seguintes passagens dos manuscritos:

Os sacerdotes de Jerusalém, que ajuntam riqueza e lucro injusto pela espoliação do povo".(1 QpHab 9:4-5).

A cidade de Jerusalém na qual o perverso sacerdote fez sua tarefa de abominação e degradou o Templo de Deus.(1 QpHab 12:7-9)

Os nomes usados para descrever a governo da família que tomou o poder do Sumo Sacerdócio são confusos: o fundador foi chamado de Matatias, mas o termo "macabeus" é usado para seu filho Judas e a linhagem que eles geraram é chamada coletivamente de "os hasmoneus" na literatura rabínica. De acordo com o historiador Josephus, isso aconteceu por causa do nome do bisavô de Matatias, Hashmon. Quando

Simão foi assassinado seu filho João Hircano o substituiu, reinando por trinta anos, e então seu filho, Aristóbulo, imediatamente tomou o poder e tornou-se o primeiro hasmoneu a intitular-se ao mesmo tempo Rei e Sumo Sacerdote dos judeus. A linhagem continuou até que os papéis de Rei e Sumo Sacerdote se separaram novamente quando da morte da rainha Alexandra em 67 a.C., quando seu jovem filho Aristóbulo II se tornou rei e seu filho mais velho, Hircano, se tornou Sumo Sacerdote.

A Bíblia Católica Douai traz uma história bem completa desse período de intrigas políticas, assassinatos e corrupção generalizada, e apresenta os hasmoneus como hereges judeus - mas ainda assim a Bíblia do rei Jaime nada nos diz. Os últimos dois Livros da Bíblia Douai são o Primeiro e Segundo Livros dos Macabeus, escrituras totalmente ausentes do Antigo Testamento Protestante.

Por que seria assim? O fato desses dois livros estarem ausentes da Bíblia do rei Jaime na verdade nos conta muito. Deve haver uma razão muito importante para que a Bíblia Católica apresente a Revolta dos Macabeus e o Sumo Sacerdócio dos Hasmoneus como legítimos, e que a Bíblia do Rei Jaime não reconheça nada disso como escritura. O que haveria de errado com essas obras, e o que poderiam ter sabido os compiladores tardios da Bíblia Protestante que os fizesse dispensar esses trabalhos tradicionalmente aceitos, supostamente inspirados por Deus?

As únicas pessoas que sabiam que a ascensão dos reis e sacerdotes dos Hasmoneus foi ilegítima eram os membros da Comunidade de Qumran, que desprezavam esses falsos sacerdotes e suas curvaturas políticas a Roma. Ainda assim os Qumranianos foram quase destruídos na guerra contra os romanos em 66-70 d.C. e os judeus/cristãos da Diáspora (os que buscavam a vida mansa) foram aqueles que sobraram para contar a história da maneira como a viam. De qualquer modo, apesar dos Qumranianos terem perdido a batalha, venceram a guerra. Enterrando a verdadeira história em forma de manuscrito, a mensagem de alguma forma chegou às mãos dos criadores da Bíblia Protestante - graças às escavações do início do século XII feitas pelos Cavaleiros Templários.

O Eleito de Judá

Os judeus que voltaram de seu Cativeiro na Babilônia foram levados de volta a Jerusalém por Zorobabel, o homem que de alguma forma deve ter sido seu rei. Ele e seu grupo interno, denominado na Bíblia como sendo composto por Josué, Neemias, Saraías, Raelaiás, Mardoqueu, Belsã, Beguai, Reum e Baana, voltou à cidade com sua cerimônia secreta da linhagem real de David. Essa cerimônia estava agora um pouco diferente porque, seguindo as indicações de Ezequiel, os elementos egípcios mais flagrantes haviam sido substituídos por correspondentes hebraicos - mas no geral ainda permanecia intacta.

Enquanto reerguiam o templo segundo o projeto de Ezequiel, se sentiam cheios de uma nova confiança: construiriam um Novo Templo e uma nova e inquebrável aliança com Yahweh. Nunca mais seu povo erraria e nunca mais Deus precisaria puni-los tão duramente.

A confiança em um novo começo é sempre especial: a sensação de "dessa-vez-vai-dar-certo". É da natureza humana encontrar forças na esperança de um futuro que sempre parece que será mais agradável que o passado mas como muitas pessoas experientes sabem, raramente o é.

É bastante provável que os descendentes de Zorobabel e de seu grupo interno conhecido como os Hasidim tenham deixado Jerusalém entre 187 a.C e 152 a.C. O manuscrito conhecido como o Documento de Damasco (assim chamado porque a comunidade por vezes se referia a si própria como Damasco) nos dá a melhor pista para a fundação da Comunidade de Qumran:

Pois em sua deslealdade, quando O abandonaram, Ele ocultou sua face de Israel e de Seu Templo, e entregou-os à espada. Então quando Ele se recordou da Aliança dos Patriarcas, Ele deixou remanescentes em Israel e não os entregou totalmente à aniquilação. E no final do tempo da Ira - 390 anos depois de tê-los entregue às mãos de Nabucodonosor, rei da Babilônia - Ele os visitou e fez com que brotasse de Israel e de Aarão a raiz de uma planta que tomasse Sua terra e crescesse gorda na bondade de Sua terra.

Foi então que eles compreenderam sua iniqüidade, e souberam ser culpados. Mas eles eram como cegos, como homens que tateiam seu caminho, por vinte anos. E Deus considerou seus atos, já que O buscavam de todo o coração, e gerou para eles um Mestre da Retidão para guiá-los nos caminhos de Seu coração, e fez saber às novas gerações o que havia feito com a última geração, a congregação dos traidores, que haviam se afastado do caminho. (CD 1:3-13)

Se tomarmos a referência aos judeus como tendo sido "entregues às mãos de Nabucodonosor" a partir da data de sua primeira tomada de Jerusalém em 597 a.C em vez da data da destruição da cidade em 586 a.C , os 390 anos mais os 20 anos em que "tatearam no caminho" nos dá a data de 187 a.C como sendo a da fundação de Qumran. Essa datação não deve ser tomada literalmente, mas podemos estar certos de que a Comunidade de Qumran estava em seu lugar no anos de 152 a.C quando só Qumranianos protestaram contra a assunção de Judas, líder dos macabeus, ao Sumo Sacerdócio. Manuscritos recuperados nas cavernas de Qumran, particularmente o manual de Disciplina e o comentário aos dois primeiros capítulos do *Livro de Habacuc,* nos dão provas de sua aversão a essa indicação. Seu exílio foi auto-imposto e em seu refúgio no deserto eles se viam como o povo da nova aliança com Yahweh, os "Eleitos de Judá", vivendo uma dura vida monástica que se tornaria o modelo de todas as Ordens cristãs.

Eles se descrevem como "os homens que aceitaram uma Nova Aliança na terra de Damasco", sendo Damasco agora amplamente considerado como sendo o nome que davam a Qumran e não o da cidade da Síria.

Escavações mostram que o povo de Qumran provavelmente vivia em tendas e usava as cavernas e as escarpas em torno delas como depósitos e abrigos quando ocorriam as raríssimas chuvas de inverno.

Havia edifícios que incluíam uma torre de vigia, salas para. reuniões publicas, um refeitório com cozinhas e despensas, um escritório, uma padaria, uma oficina de cerâmica, várias oficinas variadas e grandes cisternas para abluções cerimoniais. Banhos rituais eram essenciais para a manutenção da santidade, portanto, grandes quantidades de água eram necessárias nessa região de muito pouca chuva.

Os membros da Comunidade se dividiam em três grupos: "Israel", "Levi" e "Aarão". Israel eram as pessoas comuns, levitas eram os padres inferiores e Aarão designava os mais velhos e sagrados sacerdotes. Como na Maçonaria, qualquer homem que pudesse expressar sua firme crença em Deus podia fazer parte da comunidade - "os muitos" como eles mesmos se chamavam. Há um grande número de similaridades distintas no tratamento dos novos membros, começando com uma entrevista com o Conselho para examinar o candidato em potencial e estabelecer a sua retidão, após o que uma votação acontecia. Se aceito, o candidato era admitido a um grau inferior por um período de um ano, sendo que durante esse tempo ele não deveria misturar sua riqueza com a "os muitos".

O primeiro nível da Maçonaria, o de Aprendiz, costumava durar um ano, e na cerimônia de iniciação o candidato não devia ter sobre si nem dinheiro nem nada metálico. No curso da iniciação se pede que dê dinheiro, e quando responde não ter nenhum lhe informam que é apenas um teste para que seja assegurado de que não havia trazido moedas nem outra riqueza qualquer para dentro da Loja.

Quando o novo membro completava um ano na Comunidade de Qumran ele era testado em seu conhecimento das obras da Torah: antes de seguir para o grau de Companheiro, um irmão Maçom precisa ser testado em seu conhecimento do ritual. Como com a Maçonaria antiga, o segundo estágio da aceitação era o grau que a maioria alcançava, mas para indivíduos especiais havia um terceiro grau para o qual o indivíduo poderia avançar após mais um ano. Isso os permitia " chegar perto do conselho secreto da Comunidade" - o que nos recorda dos segredos de Hiram Abiff que são revelados ao Maçom que só se torna Mestre quando exaltado ao 3° Grau.

Como na prática dos Cavaleiros Templários, uma vez tendo os iniciados superado seu primeiro ano tinham que abrir mão de toda a sua riqueza: naturalmente, esse é um procedimento que a Maçonaria não pode adotar sem desaparecer como organização da noite para o dia.

As virtudes positivas ensinadas na Comunidade de Qumran foram claramente definidas nos manuscritos: verdade, retidão, bondade, justiça, honestidade e humildade acompanhando o amor fraternal.

Os três graus da Comunidade de Qumran são similares à Maçonaria a ponto de transcender a própria coincidência. Empregando nossa técnica de usar o ritual maçônico com as poucas palavras de identificação trocadas, seria fácil acreditar que essa alocução feita ao iniciado do 3° Grau seria uma citação dos manuscritos sobre alguém que tivesse apenas sido elevado ao terceiro grau Qumraniano, o Grupo dos Muitos:

Vosso zelo pela instituição da Comunidade dos Muitos, o progresso que fizestes na Arte e vossa aceitação dos regulamentos gerais vos apontaram como objeto seguro de nosso favor e estima. Na figura de membro do Conselho Secreto estais de hoje em diante autorizado a corrigir os erros e irregularidades dos Aprendizes e Companheiros e cuidar para que sua fidelidade nunca se quebre.

Aprimorar a moral e corrigir os modos dos homens na sociedade deve ser vosso cuidado constante. Com isto em vista, portanto, devereis sempre recomendar a vossos inferiores a obediência e a submissão, a vossos iguais a cortesia e a afabilidade e a vosso superiores, bondade e condescendência. Deveis inculcar a benevolência universal e, pela regularidade de vosso próprio comportamento, gerar o melhor exemplo para o beneficio de outrem.

Aos Antigos Landmarks de Israel, que são neste instante confiados a vosso cuidado, deveis preservar sagrados e invioláveis e nunca aceitar que se infrinjam nossos rituais, nem qualquer desvio de usos e costumes estabelecidos.

Dever, honra e gratidão agora vos obrigam a ser fiel a toda essa confiança: apoiai com dignidade inquebrantável vosso novo caráter e reforçai-o pelo exemplo e preceito dos mandamentos do sistema de Deus.

Que nenhum motivo, portanto, vos faça fugir de vosso dever, violar vossos votos ou trair essa confiança, mas sede verdadeiro e fiel e imitai o exemplo do celebrado Artista, Taxo, cujo papel já representastes.

Antes de analisarmos comparativamente os segredos das duas ordens, citemos alguns motivos de exclusão que são estranhamente similares em ambas. Um homem não poderia juntar-se à Comunidade de Qumran se fosse estúpido, ou "marcado em sua carne, doente dos pés e mãos, coxo ou cego ou surdo ou mudo, ou marcado por uma ferida de pele que seja visível aos olhos, ou tão velho e trôpego que não possa manter-se de pé em meio à congregação." Apesar dessa regra não ser mais tão rigorosamente aplicada, a Maçonaria exige dos candidatos que sejam de mente e corpo sãos: qualquer defeito físico supostamente impediria a admissão.

A Comunidade que viveu em Qumran por volta de duzentos e cinqüenta anos sempre é encarada por observadores modernos como sendo um monastério essênio. Que eram essênios não resta mais dúvida em nenhum de seus estudiosos, mas o termo "monastério" é incorreto, no sentido de que eram não um grupo de machos celibatários que gastavam a maior parte de seu tempo livre em orações. Podemos ver pela biblioteca de manuscritos que se relacionam à Comunidade que o celibato era altamente considerado, mas nunca essencial ao ingresso. Não obstante, relações sexuais eram consideradas como sendo extremamente impuras e se um homem tivesse o menor contato com uma mulher menstruada, uma considerável quantidade de limpeza era exigida antes que ele pudesse novamente estar em contato com a Comunidade. As mentes ocidentais modernas adoram rotular: amamos ser capazes de colocar tudo o que encontramos em um escaninho - seja A ou B. Construímos tantas definições e categorias que nos sentimos um pouco fora de foco quando alguma coisa é impossível de enfiar em uma caixinha, mas o ponto principal sobre a Comunidade de Qumran é que ela mudou dramaticamente durante os 250 anos de sua existência, particularmente perto do fim, sob a influência de Jesus e Tiago.

Midrash, Pesher e Parábola

Qualquer um que hoje em dia estude o Judaísmo antigo está consciente de que a mente judaica de dois mil anos atrás e mesmo antes disso era bastante diferente da nossa mente atual, e por isso é preciso compreender as técnicas de *"midrash"*, *"pesher'* e "parábola". O termo *midrash* corresponde bem de perto à palavra *exegese,* e pode ser definida como "a investigação e interpretação das escrituras hebraicas com o propósito de descobrir as verdades teológicas e as instruções a seguir". Esse é um conceito fortemente relacionado com a técnica de entender eventos correntes denominada *pesher,* que pode ser explicada como sendo uma interpretação ou explicação de um versículo das Escrituras no qual uma declaração feita é considerada como tendo sentido em relação a algum evento ou pessoas nos dias de hoje ou no futuro.

Portanto, o *midrash* era um processo contínuo através do qual os sacerdotes e profetas de Israel buscavam instruções para aprimorar o bem estar espiritual do povo, e *pesher* era um método de dar sentido às coisas que aconteciam à sua volta. Eles acreditavam que os eventos não eram ocorrências caóticas mas sim obedeciam a padrões estruturados que poderiam ser decifrados pelo simples estudo das Escrituras. Como resultado desses dois princípios, quando eles escreviam a história de um evento recente, eles certamente se certificavam de que este se adaptava ao antigo padrão. Isso explica porque encontramos tantas referências, tanto no Novo Testamento quanto nos Manuscritos de Qumran, que são ecos do Antigo Testamento.

O termo "parábola" é bem compreendido pelos cristãos porque o Novo Testamento nos conta que Jesus Cristo usava essa forma de contar histórias para comunicar seus ensinamentos de moral às pessoas

pouco sofisticadas da Judéia. O método pode ser definido como "uma explicação figurativa que pode contar tanto alegoria quanto metáfora, ou ambas, para transmitir um nível mais profundo de significado". Essas histórias não eram apenas usadas como simples analogias para ajudar judeus incultos a entender a Lei, eram também uma técnica para explicar complexos eventos correntes de uma forma alegórica e, portanto, secreta. É fato sem discussão que a Cristandade foi um culto judeu e que todo o seu "elenco original" (Jesus, Tiago, Simão Pedro, André, Judas, Tomé, etc.) eram pessoas que pensavam em termos de *midrash*, de *peshere* de parábola. Por contraste, os que consideramos "elenco de apoio" (Paulo, Mateus, Lucas, etc.) eram bem diferentes no uso de processos de pensamento mais helenísticos, muito mais próximos dos que usamos hoje em dia. Os Evangelhos do Novo Testamento foram certamente escritos depois da destruição de Jerusalém e Qumran, e da morte do "elenco original". Esses textos foram criados para uma platéia que pensava em grego por pessoas que viviam pelos ensinamentos que acreditavam ser os de seu Cristo, e por isso construíram a partir deles uma vida para seu Cristo - sem o beneficio de nenhuma testemunha ocular da história.

Para separar os fatos da ficção no Novo Testamento, temos que remover o literalismo do pensamento grego e procurar abaixo do que lemos para estudar a corrente subterrânea de pensamento radical judeu e proto-cristão.

Há similaridades fundamentais entre o que a Comunidade de Qumran dizia sobre si mesma e o que a Igreja primitiva dizia sobre si. A Igreja primitiva era conhecida como "aqueles do caminho" ou "o caminho de Deus", como seita distinta (Atos 24:14).

Os membros da Comunidade de Qumran usavam exatamente os mesmo termos para se descrever. E mais: ambos os grupos se descrevem como os Pobres, os Filhos da Luz, os Eleitos de Deus, a Comunidade do Novo Testamento ou Aliança. Essa idéia da Igreja como Novo Templo de Deus onde a redenção sacrifical de todo o mundo é feita de uma só vez e para sempre vem do capítulo oito da *Epístola aos Hebreus*, que cita integralmente a passagem de Jeremias que a antecede:

...um plantio eterno, a santa casa de Israel, o conclave mais sagrado de Aarão, testemunhas da verdade em julgamento, e escolhidas pelo favor divino para expiar pela terra, deixando aos perversos seus desertos. Essa é a parede testada, a preciosa angular, cuja fundação não será abalada nem movida de seu lugar.

Não conseguimos deixar de notar as semelhanças extraordinárias com a descrição que Pedro faz da Igreja:

... vós também, como pedras vivas, ergueis a casa espiritual para ser o santo sacerdócio, para oferecer sacrifícios espirituais, que Deus aceita através de Jesus Cristo. Porque está contido nas Escrituras, cuidai, em sinal deixei a pedra angular fundamental, eleita, preciosa .. mas vós sois uma raça de eleitos, um sacerdócio real, um nação santa, o povo que é propriedade de Deus...

Esse paralelo foi notado primeiramente em 1956 quando se tornou claro que havia uma ligação muito especial entre os Qumranianos e a Igreja de Jerusalém. O que nunca se comentou foi o quanto essas palavras são parte de outra organização - a Maçonaria. Enquanto toda a Maçonaria se foca na construção do templo espiritual a partir do projeto que Ezequiel elaborou com sua visão do templo de Salomão, o "discurso feito no canto nordeste" imediatamente vem à nossa mente:

No soerguimento de todos os edifícios grandiosos ou soberbos, é costume assentar-se a pedra fundamental no canto nordeste desse edifício.

Vós, sendo recém-admitido na Maçonaria, sois colocado no canto nordeste da Loja, para figurativamente representar essa pedra e, das fundações feitas nessa noite, que de vós se erga urna superestrutura, perfeita em todas as suas partes e honrosa para seu construtor.

Os Segredos de Qumran.

Quando os essênios foram inicialmente forçados a deixar Jerusalém, contam que "tatearam" por vinte anos até que um homem conhecido como *Mestre da Retidão* lhes mostrou "o caminho" e a Comunidade de Qumran se estabeleceu firmemente. A dificuldade com os manuscritos de Qumran é que eles raramente dão nomes aos indivíduos, portanto, identificar personagens por comparação com fontes

não Qumrânicas é impossível Além do Mestre da Retidão, existem outros importantes personagens correntes nesses textos, tais como "o sacerdote perverso", e "o mentiroso", cujas identidades já provocaram muitos debates entre estudiosos.

Quem quer que tenha sido esse Mestre da Retidão, deve ter sido um homem santo e pio, aparentemente um descendente sacerdotal de Sadok, que revelou a essa Comunidade estarem eles vivendo em um tempo que traria "o fim dos dias" como predito pelos velhos profetas. Breve, ele lhes disse, Deus esmagará seus inimigos em uma batalha cósmica final e dará início a uma nova era de retidão, e como a Comunidade era o último remanescente do verdadeiro Israel- o povo da Aliança com Yahweh - seriam eles que lutariam essa batalha e retomariam a Jerusalém para purificar o Templo e reinstituir os corretos procedimentos devocionais.

Os Qumranianos tinham várias descrições para si próprios, inclusive "a Comunidade", "os Muitos", "a Congregação de Israel" e "os Filhos da Luz": em adição, o homem que os lideraria no "fim da era", o messias davídico, tinha títulos como "o Homem Poderoso", "o Homem da Glória", e "o Príncipe da Luz".

Seria este "Príncipe da Luz" que derrotaria o "Príncipe das Trevas" e "a Congregação de Belial (Satã). Um manuscrito intitulado "Midrash sobre os Últimos Dias" nos conta como "os Filhos de Belial" urdiriam planos sinistros contra os "Filhos da Luz", para que esses tropecem e para que os reis das nações se enraiveçam contra o povo eleito de Israel nos últimos dias. Deus, no entanto, salvará Seu povo pelas mãos de duas figuras messiânicas que se erguerão no final dos tempos: um será "o Ramo de David" e o outro "o Intérprete da Lei".

Dos manuscritos aprendemos que existiam alguns livros secretos que continham informações sobre eventos futuros e referências sobre certos rituais revelados por Deus: esses rituais eram normalmente transmitidos a pessoas selecionadas apenas oralmente, mas agora haviam sido escritos sob forma codificada. Esses segredos eram altamente restritos e diz-se que foram transmitidos por uma longa linhagem de tradição secreta, para que fossem cuidadosamente preservados até o advento dos "últimos dias". O padre J. T. Milik, que liderou grande parte do trabalho inicial sobre os manuscritos de Qumran, percebeu que certos manuscritos secretos usavam técnicas de codificação críptica. Um exemplo era o uso de dois alfabetos diferentes com sinais arbitrariamente escolhidos para substituir as letras hebraicas normais: outro tinha o texto escrito da esquerda para a direita em vez do movimento normal da direita para a esquerda.

Tudo o que descobrimos sobre a Comunidade de Qumran aumentava nossa convicção de que eles eram os descendentes espirituais dos reis do Egito, e os ancestrais dos Templários e da Maçonaria. Uma importante prova disso veio à luz graças a outro membro do grupo original de estudiosos dos Manuscritos do Mar Morto, indicado para o Prêmio Nobel. Em muitos dos manuscritos o dr. Hugh Schonfield descobriu um código secreto que ele denominou de "Código de Atbash", usado para ocultar nomes de certos indivíduos. Para seu estupor, antes de sua morte em 1988, o dr. Schonfield descobriu que certas palavras-chave usadas tanto pelos Cavaleiros Templários quanto pela Maçonaria são Códigos Atbash que revelam significados ocultos quando decifradas. Por exemplo, os Templários haviam sido acusados de adorar alguma coisa que tinha o curioso nome de Baphomet, o que nunca foi compreendido até ter sido escrito em hebraico e ter se aplicado o Código Atbash ao resultado, revelando a palavra Sophia - Sabedoria, em grego.

Portanto, aqui estava uma possível conexão com os Templários, e a seguir uma outra com a Maçonaria. Aplicando o Código Atbash à palavra maçônica Tajo (pronunciada Tacho) que era um pseudônimo supostamente dado ao Grão-Mestre da Espanha, encontra-se o nome do homem (Asaph) que, de acordo com vários dos Salmos, foi um homem que colaborou com a construção do primeiro Templo de Jerusalém.

O assunto de alguns desses textos misteriosos da biblioteca de Qumran é Noé e Enoque, dos quais se diz terem sido recipientes dos divinos segredos do Céu e da Terra que haviam sido partilhados por certos iniciados. Há uma crença antiga de que os ancestrais míticos da raça humana eram homens de sublime visão, e existem muitas lendas que apresentam Noé e Enoque como depositários dos divinos segredos. Essas histórias aparecem em grande parte da literatura apocalíptica. Apesar de tão antigas quanto o *Livro do Gênese*, claramente vieram de uma outra fonte não identificada. Acreditamos que essa fonte possa ser a dos segredos orais da cerimônia de ressurreição, já que existe uma antiga e inexplicada tradição secreta ligada ao nome de Enoque. Na literatura maçônica existem antigos rituais associados à

tentativa que Sem, Cam e Jafé fizeram para ressuscitar a Noé. E também já mencionamos um grau adicional da Maçonaria, conhecido como dos *Ark Mariners* (Marinheiros da Arca), que perpetua essa tradição dos segredos de Noé.

Mas existe um aspecto ainda mais importante dos ensinamentos secretos da tradição apocalíptica que se liga tanto a Moisés quanto a Ezra (que ficou conhecido como o segundo Moisés). Hoje em dia se acredita que já existiu um número muito maior de escritos atribuídos a Moisés do que os que sobreviveram até nossos dias. Um desses trabalhos que sobreviveu é a *Assunção de Moisés,* que se sabe ser uma obra essênia. Contém a seguinte instrução dada por Moisés a Josué:

Recebe então estes escritos para que possas saber como preservar os livros que deixarei contigo: e tu os porás em ordem e untá-los-ás com óleo de cedro e os guardarás em vasos de cerâmica no lugar que Ele fez no início da criação do mundo.

Essa referência fala de livros secretos que Moisés teria dado a Josué para que ele os mantivesse ocultos.

. . . até os dias de arrependimento na visitação através da qual o Senhor virá até ti para consumar o fim dos dias.

Os textos secretos ligados a Moisés imediatamente se destacaram para nós porque ele teria sido o único homem que poderia ter conhecido os segredos dos reis do Egito por experiência própria, e aqui ele dá instruções de que em algum instante antes do "fim dos dias" esses segredos devem ser depositados "no lugar que Ele fez no início da Criação do Mundo". Isso descreve um único lugar para os judeus: a pedra sob o Santo dos Santos no *Debir do* Templo em Jerusalém, porque esse é o ponto inicial da Criação. Sabemos que os Qumranianos esconderam eles mesmos a principal biblioteca de manuscritos feitos por suas próprias mãos, além de outros textos de outras partes da Judéia, nas cavernas ao fundo de seu acampamento. Também sabemos que eles eram devotados estudiosos da Lei, portanto, devem ter seguido essa instrução de Moisés porque é certo que eles acreditavam piamente que "o fim das eras" aconteceria ainda durante suas vidas. Daí se segue que se os Cavaleiros Templários tiverem escavado por debaixo da terra em direção ao Santo dos Santos, como temos cada vez mais confiança de que tenham feito, eles devem ter encontrado esses manuscritos secretos.

Nesse ponto ficamos extremamente agitados - havíamos encontrado uma instrução explícita para enterrar os segredos, recebidos de Moisés, sob o Templo de Herodes? Uma descoberta dessas imediatamente transformaria nossa interessante teoria em uma probabilidade pouquíssimo remota!

Decidimos imediatamente investigar mais profundamente sobre o pano de fundo *da Assunção de Moisés.* Descobrimos que a opinião dos estudiosos era a de que esse texto fora provavelmente escrito durante a vida de Jesus, traçando um panorama da história dos judeus através da era dos Selêucidas, e daí em diante pelo período hasmodeu até alguém que é descrito como "um rei insolente".

Essa referência é comumente tomada como sendo a Herodes, o Grande.

O livro segue com a descrição de um período de perseguições, que combina com a época de Antiôco Epifânio, o sucessor de Herodes, mas muitos estudiosos pensam que esse capítulo foi mal colocado e deveria vir antes. Aí então uma figura misteriosa, Taxo, aparece.

Ele incita seus filhos a se retirarem com ele até uma caverna, para lá morrer em vez de serem desleais à sua fé.

Sua morte é o acontecimento que deflagraria a esperada intervenção de Deus na história e o estabelecimento de Seu reino. Esse reino parece ser entendido como um Reino Celestial mais do que um reino estabelecido sobre a terra. Muitas tentativas já foram feitas para identificar Taxo com algum personagem histórico, mas nenhuma até agora realmente deu bons resultados.

Alguns autores tentaram identificá-lo com o Mestre da Retidão.

Tínhamos agora a confirmação de uma instrução de Moisés para que os segredos fossem enterrados, mas também tínhamos uma data que colocava a idade do manuscrito não antes dos anos da vida de Jesus, um momento em que toda a Comunidade estava se preparando para a grande batalha antes do "fim das eras". Mas foi essa menção a um personagem não-identificado denominado Taxo que nos agitou. Já sabíamos que Taxo e Tacho eram formas do mesmo nome, e que o Código Atbash traduzia Tacho como Asaph - o homem que colaborou com Salomão na construção do Templo de Jerusalém e

também um nome usado por Maçons para seu Grão-Mestre.

O nome Taxo não era mais um mistério por causa da descoberta do Código Atbash usado pelos Qumranianos em seus manuscritos que confirma nossas suspeitas iniciais de que se referisse ao Chefe da Comunidade, i.e., ao Mestre da Retidão nos últimos anos de sua existência. A exortação do texto para "morrer em vez de serem desleais à sua fé", também é extremamente remanescente do Ritual do 3º. Grau da Maçonaria, que é inteiramente orientado para a idéia de "fidelidade até mesmo na morte", resumida pelas palavras de Hiram Abiff quando ameaçado pelo primeiro de seus atacantes:

Prefiro enfrentar a morte a trair a sagrada confiança em mim depositada.

Nossa conclusão a partir dessa evidência é a de que o líder da Comunidade de Qumran era considerado como sendo o descendente espiritual do construtor original do Templo de Salomão, o homem que os Maçons hoje conhecem como Hiram Abiff.

As ligações com o Ritual do 3º. Grau agora pareciam combinar com nosso padrão histórico em ziguezague, mas outro motivo principal do simbolismo maçônico ainda requeria explicações mais profundas. Precisávamos descobrir como a história dos dois pilares, que é tão importante nos dois primeiros graus da Maçonaria, pode ter sido transmitida aos Templários.

Os Pilares Gêmeos

Uma vez que a Igreja Romana se posicionou falsamente como herdeira dos ensinamentos de Jesus e os cristãos modernos erroneamente acreditam ter algum direito a essa posição superior da qual estudam outros grupos, os essênios/qumranianos são encarados como apenas mais um grupo entre os muitos que existiram na Terra Santa ao tempo de Cristo. Essa é uma avaliação definitivamente inadequada da Comunidade de Qumran. Seus membros eram a nata de tudo o que havia de mais importante para os judeus como nação, os guardiões da Aliança com seu Deus e a corporificação de todas as aspirações de um povo. Era o Judaísmo em sua forma mais precisa.

Um ponto chave da discussão através dos anos tem sido a identidade do indivíduo descrito como o Mestre da Retidão, mas com a massa de informação atualmente disponível muitos estudiosos crêem que deve ter havido não apenas um, mas dois indivíduos que receberam esse título, o primeiro na fundação da Comunidade e o outro no "fim das eras". A dificuldade é que a Comunidade de Qumran não era uma coisa estática mas um grupo vivo, atuante e de rápida evolução, que precisava modificar-se constantemente para suportar as pressões que lhe eram impostas. Conseqüentemente os manuscritos mais velhos se referem ao primeiro Mestre da Retidão, e os mais novos falam apenas de seu último líder espiritual, identificado como Tiago, o Justo.

Os professores Robert Eisenman e Michael Wise concluíram, como observadores independentes, que esse líder dos Qumranianos foi Tiago, o irmão de Jesus e líder da Igreja de Jerusalém. Daí se segue que a Igreja de Jerusalém era a Comunidade de Qumran. Uma antiga referência a isto foi dada pelo historiador do século II**,** Hegesipo, que chamou a Tiago, o irmão de Cristo, de Tiago, o Justo, descrevendo-o como um "nazirita", dizendo que ele havia intercedido por seu povo no Santuário do Templo. O mesmo observador descreve Tiago como "o Íntegro", dizendo que ele não bebia vinho e não comia carne animal, vestindo os mantos de linho branco de um sacerdote e com os joelhos mais calejados que os de um camelo por causa de suas constantes orações.

De acordo com outro manuscrito conhecido como o *Manual de Disciplina,* o conselho da Comunidade consistia de doze homens santos e perfeitos, que eram os pilares da Comunidade, e acreditamos que os dois pilares principais eram altamente simbólicos, representando os aspectos real e sacerdotal da criação e manutenção do "Reino dos Céus". Tínhamos em mente que esse termo nunca significou nada extra terreno: na verdade, apontava para uma existência terrena na qual Yahweh governaria sobre os judeus em permanente estado de paz e prosperidade.

Esses pilares espirituais eram, está claro, descendentes dos pilares dos reinos unificados do Alto e Baixo Egito que haviam chegado à Comunidade como os legendários Booz e Jachin que haviam adornado o portão do Oriente no Templo de Salomão. Para esse pios e acuados judeus, as colunas representavam tanto o poder real ou "mishpat" quanto poder sacerdotal ou "tsedeq", e quando unidos suportavam o grande arco do Céu, cuja pedra-chave era a terceira grande palavra do anseio judeu, "shalom" .

A visão de mundo qumraniana tornou-se especialmente clara para nós pela leitura de vastos trechos de informação dos manuscritos, da Bíblia e de outras literaturas contemporâneas, já que temos a vantagem de nosso conhecimento da Maçonaria e das origens de Hiram Abiff. Outros já haviam visto todos os detalhes de uma maneira confusa e fragmentada, mas quando o amplo panorama da antiga Comunidade de Qumran/ primitiva Igreja foi corretamente percebido, toda confusão e as aparentes contradições se desvaneceram.

O pilar da direita é conhecido entre os Maçons como Jachin, que foi o primeiro Sumo Sacerdote do Templo, e portanto não é surpresa saber que este é o pilar sacerdotal que para os Qumranianos era a corporificação da santidade encarnada no conceito fundamental de "tsedeq". Esta palavra (por vezes escrita como Zedek ou Tzedek) significa o princípio que sustenta a ordem divinamente indicada usualmente traduzida como "retidão", apesar de já ter sido dito que a melhor definição seria" fazer o bem para os outros em todos os momentos".

Em outras palavras, esse conceito é fundamentalmente o mesmo conceito de Ma'at do Antigo Egito. Ficou claro em nossas leituras que "tsedeq" era para os canaanitas um termo que eles associavam ao deus-sol. O deus-sol canaanita era visto como o grande juiz que vigiava o mundo, corrigia os erros e derramava luz sobre os obscuros atos dos crimes ocultos. Quando só judeus amalgamaram cenas canaanitas a seu conceito de Yahweh, "Tsedeq" se tornou um de Seus aspectos. Todas as virtudes de Yahweh, desde alimentar o povo ao fazer com que as colheitas crescessem, até destruir seus inimigos, eram parte de "tsedeq". A palavra manteve essa associação com a luz do sol e isso a ajudou a tornar-se o oposto das trevas e do caos.

Apesar do culto ao sol ser bastante comum nas muitas teologias que brotaram da civilização suméria para que o destaquemos além da conta, existem similaridades interessantes entre a importante deidade Amon-Rá e Yahweh, naquilo que ambos tem em comum ao usar seu poder benéfico da luz do dia na luta contra as forças das trevas e do caos.

O pilar da esquerda do Templo de Salomão era chamado de Booz que, como todo Maçom sabe, foi o bisavô de David, rei de Israel. Para os Qumranianos esse também era o pilar real que simbolizava a Casa de David e o conceito de "mishpat". Costuma-se traduzir essa palavra como "julgamento", mas ela significa bem mais do que isso: ela significa o comando real de Yahweh, e portanto, representa a ordem divina.

A regra de governo e a distribuição da justiça sempre estiveram ligadas a esse pilar: foi em Mizpah (uma corruptela de mishpat) que Jacó erigiu seu primeiro pilar, e foi neste lugar que Saul foi aclamado como o primeiro rei de Israel.

Quando esses dois pilares espirituais estiverem em seu lugar, o Mestre da Retidão (tsedeq) na mão direita de Deus e o terreno rei davídico (mishpat) na esquerda, o arco da ordem de Yahweh estará em seu lugar, com a pedra-chave denominada "shalom" mantendo tudo em seu lugar como centro. Esse termo judeu é talvez a mais famosa de todas as palavras hebraicas, conhecida em todo o mundo como uma saudação que significa "paz", que é o estado de não estar em guerra: mas é desnecessário dizer que tinha uma importância muito mais complexa para os judeus da Bíblia. Para os Qumranianos shalom significava muito mais que apenas a paz - nela estavam incluídas a boa sorte, a prosperidade, a vitória nas guerras, e um estado de bem estar geral. Mas "shalom" não era um presente grátis - devia ser conquistado pelo estabelecimento da Lei de Yahweh, o que significa estabelecer uma ordem moral de governo, apoiada tanto pelo pilar real quanto pelo sacerdotal.

A essência e a missão da Comunidade de Qumran se tornavam compreensíveis a seus membros mais velhos através do simbolismo, que eles registraram por escrito segundo as instruções de Moisés e enterraram debaixo do Templo de Herodes, para mais tarde serem redescobertas pelos Cavaleiros do Templo.

Os Maçons herdaram esses símbolos, mas perderam seu significado no caminho. Quando os Qumranianos souberam que "o final dos tempos" estava se aproximando, a necessidade de encontrar pessoas que fossem adequadas para ser esses pilares se tornou premente, porque Deus não poderia destruir a velha ordem até que a nova estrutura estivesse em seu lugar. Já que essas posições eram "designadas" em vez de imediatamente disponíveis, por causa da ocupação romana e do falso Sumo Sacerdócio de Jerusalém, os candidatos eram chamados de messias, essencialmente, prováveis líderes.

Quanto mais descobríamos sobre o paradigma dos pilares Qumranianos, mais certos ficávamos de que suas cerimônias devem ter sido as ancestrais das cerimônias da Maçonaria de hoje. Ficamos

particularmente interessados quando estudamos as ruínas de Qumran e percebemos que eles haviam erigido uma imitação da entrada do Templo com suas próprias cópias de Jachin e Booz . As bases dos dois pilares ainda existem do lado de fora da entrada do Oriente de um vestlôulo que leva ao que é freqüentemente chamado de "O Santo dos Santos" de Qumran.

Não podemos crer que tenha sido mera coincidência que as únicas duas bases de pilares encontradas nas ruínas de todo o grande acampamento de Qumran estejam uma de cada lado da porta Oriental que leva a seu lugar substituto de devoção. Esses dois pilares devem ter sido o lugar da importantíssima cerimônia de iniciação dos membros mais velhos e a inspiração para os dois messias que chegariam logo após o "final dos tempos". As obras qumranianas que chamamos de Manuscritos do Mar Morto estão cheias de informações importantes para nossa investigação, e ficamos particularmente felizes quando encontramos uma referência ao "segredo dos pilares" no fragmento quatro de um rolo conhecido como *Brontologion.*

O próprio nome Qumran é a palavra em árabe moderno para a locação do monastério essênio, uma palavra que não tem nenhum significado. No entanto, descobrimos mais tarde que isso não é verdade, porque fomos afortunados o bastante para dar de encontro com uma cópia de um livro escrito pelo falecido John Allegro que traz uma tradução completa do Manuscrito de Cobre. Allegro, um filólogo semita, pode enxergar um significado raiz na palavra Qumran. Ele descreve suas origens e afirma que ela teria sido Qimrôn, no tempo de Jesus e Tiago.

O significado que ele detectou nada significava para ele, e ele só o mencionou em seu livro como uma interessante nota ao pé de pagina, mas para nós foi uma revelação explosiva!92

A raiz da palavra Qumran é dada como sendo "abóbada, arco, portal ou assemelhado".

Os Qumranianos se identificavam com uma "passagem em arco" ou, para ser mais preciso, eram o povo dos dois pilares que sustentavam um arco!

O portal era criado pelos pilares de "tsedeq" e "mishpat", encimados pelo santo arco de "shalom"!

Aqui estava uma prova indiscutível de nossa tese, ligando a Comunidade de Jesus e Tiago com a Maçonaria moderna. As semelhanças iam mais longe do que podíamos esperar.

Os Maçons dizem que o significado da palavra Jachin é "estabelecer". Era função do sacerdote ou messias "tsedeq" estabelecer a retidão na terra de Israel para que o Templo pudesse ser reconstruído. O pilar da esquerda, Booz, encarado pelos Maçons como significando "força", esse é o pilar real ou do messias "mishpat" que era responsável pela força do reino ha defesa dos estrangeiros, na aplicação da lei civil e pelos assuntos governamentais. E os Maçons dizem que quando os dois pilares se unem, o resultado é a "estabilidade".

Não pode haver melhor tradução para o conceito de "shalom". A base de tudo é que os Maçons modernos usam os dois pilares do Templo do Rei Salomão exatamente da mesma maneira que a Comunidade de Qumran e Jesus Cristo fizeram. Fragmentos de um Testamento a Levi, que é provavelmente mais velho que a versão do Testamento de Levi contido na Bíblia, foi encontrado nas cavernas de Qumran. Esse documento traz referências ao Messias, o que parece indicar que os textos vieram de círculos que aguardavam a chegada de um Messias Levítico (sacerdotal) em vez de um Messias Davídico (real). As traduções do documento que vimos parecem indicar que seus autores esperavam um líder sacerdotal junto com o líder civil, mas com o civil subordinado ao sacerdócio.

Muitos outros textos Qumranianos, como o Documento de Damasco, com suas referências aos "Messias de Aarão (sacerdotal) e de Israel (real)" confirmam essas idéias, mas o poderoso ainda que pouco conhecido Testamento a Levi torna esse ponto rigorosamente claro. Em Mateus 3:3, João, o Batista, é descrito como "uma voz que clama no deserto", exatamente como essas palavras eram usadas pela Comunidade de Qumran, e isso nos sugere que os autores dos Evangelhos tiveram que virar as Escrituras do avesso para que delas Jesus surgisse como o Messias. Também há referência ao fato de que mesmo tão tarde quanto ao tempo da criação do Evangelho de Lucas ainda existe memória de que as pessoas consideravam João, o Batista, como sendo o messias. Lucas diz em 3:15:

Como o povo estivesse na expectativa e todos os homens cogitassem em seus corações se João seria o Cristo ou não...

Este versículo provavelmente é desqualificado pela maioria dos cristãos que usa as escrituras mais para inspiração pessoal que para compreensão histórica, mas ele nos revela uma questão-chave: a escolha

das palavras "todos os homens" em vez de "alguns homens" indica que todo mundo via João como o candidato principal a ser o Messias. Que João e Jesus eram messias em dupla já tem sido aceito por muitos membros da comunidade teológica tradicional nos últimos quarenta anos94. Como já discutimos antes, os Mandeanos do sul do Iraque são descendentes dos Nazoreanos, e eles declaram que João, o Batista, foi o fundador de sua seita que aconteceu exatamente naquele ponto no tempo em que os Qumranianos se tornaram um culto distinto em vez de apenas uma comunidade introvertida ao estilo dos essênios, como as que esses fundaram em Éfeso, Turquia ou na ilha Elefantina no Egito.

Essa evidência amedrontará muitos cristãos por parecer tão estranha e ameaçadora à sua crença de que Jesus Cristo foi o único messias, mas isso é problema apenas para os que se aferram à corruptela sobrenatural e helenizada da palavra hebraica. Se a palavra for usada com seu significado original correto é bem natural ver João, o Batista, como o Messias sacerdotal e Jesus como o pilar "mishpat" - o Messias real.

João viveu uma vida dura no deserto, limpando os espíritos das pessoas ao mergulhá-las nas águas correntes do rio Jordão. Essa era a técnica preferida dos Qumranianos que normalmente tinham que se contentar com a água parada de suas cisternas. Ele era a personificação da retidão qumraniana, comendo apenas alimentos permitidos tais como gafanhotos e mel selvagem, e usando um cinturão de couro e uma túnica de pelo de camelo. Na visão de João, a sociedade de Jerusalém estava totalmente corrompida, portanto, ele proferia terríveis sermões contra ela: e ainda urgia sua congregação a arrepender-se e aceitar o rito Essênio/ Qumraniano da purificação pelo batismo. Alguns observadores crêem que João era o Mestre da Retidão, mas apesar disso parecer verdadeiro não encontramos nenhuma evidência para apoiar esse ponto de vista.

A história do batismo de Jesus descrita no Novo Testamento é uma narrativa deliberadamente aprimorada criada pelos posteriores autores dos Evangelhos para manter o grau de eventos mágicos que satisfizessem utna platéia de gentios, mas o material fonte reconstruído traz luz muito útil à relação entre esses dois homens tão importantes.

Isso revela que a idéia de João ter batizado a Jesus foi uma invenção de Marcos, e que João só se tornou consciente da existência de Jesus quando seus discípulos lhe informaram sobre um novo e sábio mestre que havia chegado do norte declarando que até um centurião romano mostrava mais crença nos poderes de Deus que o judeu médio. Jesus deve ter sido uma figura central na Comunidade de Qumran e, sendo da linha de David, bem como um estudante talentos o, é possível que o assim chamado batismo por João tenha sido o primeiro grau de iniciação de Jesus na Comunidade de Qurnran. A descrição de Jesus vendo uma pomba que descia sobre ele é uma forma hebraica de expressar o recebimento da sabedoria.

É ainda mais interessante olhar para o que aconteceu com Jesus após seu batismo.

De acordo com o Novo Testamento ele foi para o deserto onde jejuou por quarenta dias e quarenta noites. Não se sabe se ele abandonou o deserto depois desse jejum, e a Bíblia do rei Jaime nos informa que ele lá permaneceu por três anos, de 27 a 31 d.e., sendo importante lembrar que a expressão "o deserto" é usada nos Manuscritos do Mar Morto como uma descrição da Comunidade de Qurnran. Foi a inabilidade em compreender o uso da expressão "deserto" como em sua época que leva os cristãos a imaginar Jesus sozinho em um deserto verdadeiro. Podemos agora ter clareza sobre esse significado: Jesus estava em Qurnran passando pelos três graus da iniciação até alcançar o mais alto nível da irmandade - cada um dos quais, como sabemos, levava precisamente um ano! Aí ele aprendeu a enfrentar as tentações de Satã e voltar as costas às ofertas dos líderes de outras nações. No último estágio, após três anos, ele foi ensinado a usar a técnica secreta e as palavras de ressurreição preservadas desde Moisés, que erguem um candidato de sua tumba figurativa para que possa viver uma vida em retidão e fidelidade no aguardo da chegada do Reino de Deus.

É bastante provável que Jesus tenha vivido mais um ano depois disso sob as regras estritas da seita, mas após a morte de João em 33 d.C. ele decidiu que a maneira mais rápida e eficiente de preparar o povo de Israel para a chegada do Reino dos Céus seria mudar as regras, num caso típico de "o fim justifica os meios".

De toda a informação disponível só nos foi possível deduzir que Jesus e seu irmão mais novo, Tiago, devem ter sido discípulos especiais e Qumranianos altamente qualificados. Como um capacitado mestre da linhagem de David, João, o Batista, perguntou a Jesus se ele seria "aquele que virá", ou seja, o messias real que ocuparia o pilar oposto ao seu. Jesus respondeu a isso com uma resposta do tipo "pesher", dizendo" os cegos recuperarão sua visão, os aleijados andarão, os leprosos serão purificados, os

surdos ouvirão, os mortos se erguerão de suas tumbas, e os pobres receberão a boa nova." De nenhuma maneira ele declarou ter feito essas coisas: ele estava se referindo aos milagres de cura que Isaías havia predito que aconteceriam quando chegasse o tempo da restauração de Israel.

Essa foi a confirmação de que Jesus concordava com João em que" o fim dos tempos" era iminente, e que ele era o homem que "prepararia o caminho". Toda doença mental e física era considerada como sendo o produto de uma vida de pecado, e a libertação dos pecados curaria a doença.

Quando se chega à visão de João expressa por Jesus nos evangelhos reconstruídos, a mensagem é claríssima:

Vós sabíeis que João era um profeta e não esperáveis trajes reais quando o vistes. Mas o que vós não sabíeis, e que agora vos digo, é que João foi mais que um profeta. Ele foi aquele de quem se disse 'vede, vos envio meu mensageiro, ele vos mostrará o caminho à vossa frente.

Esse antigo texto incorretamente implica ser Jesus quem marca João como o messias sacerdotal, em vez de ser João quem descobre em Jesus o messias real. Essa passagem declara lucidamente que apesar de João ser pré-ordenado, as pessoas não deviam esperar ver sobre ele os "trajes reais", porque ele não seria rei. Muitas pessoas se confundem com passagens nas quais Jesus descreve João como "aquele que virá", pois João descreve Jesus exatamente com as mesmas palavras. Uma vez compreendendo que ambos eram os pilares do portal celestial, se torna claro que não existe nenhum conflito entre eles - eles precisam um do outro.

O ministério messiânico de João, o Batista, durou apenas seis anos, já que ele foi decapitado no início de 32 d.e. Josephus recorda em suas *Antigüidades* que ele foi morto por Herodes Antipas, que temia que as atividades de João pudessem levar a uma revolta causada por sua natureza "messiânica". Deve ter sido um forte golpe para Jesus saber que seu pilar oposto havia sido assassinado. A Comunidade de Qumran e todos os seus seguidores devem ter ficado devastados pela perda de um pilar, tão próximo do "fim dos tempos" e da chegada do "Reino de Deus". Apesar da haver pouquíssimas pessoas pias o bastante para serem consideradas como substitutas de João, dois candidatos parecem ter rapidamente se destacado para preencher esse papel-chave.

Um deles devia tornar-se o líder da Comunidade de Qurnran, conhecido como Tiago, o Justo, e o outro era seu irmão mais velho - o homem a quem chamamos Jesus!

Assim que começamos a estudar o Novo Testamento e os Manuscritos do Mar Morto com nosso novo e sólido conhecimento da importância dos pilares gêmeos, toda uma nova quantidade de novos significados ficaram cada vez mais claros para nós. Nós questionamos como todas as outras pessoas sobre a terra pudessem não ter percebido o óbvio: mas antes disso, ninguém havia articulado os rituais da Maçonaria e do Egito Antigo com esse período. O veio da investigação que estávamos escavando era rico além de todas as nossas expectativas, e podíamos apenas esperar que nossa boa sorte se mantivesse enquanto começássemos a olhar mais de perto a vida do pilar real, o próprio Jesus Cristo.

Conclusão

Nossa revisão da Terra Santa ao tempo de Jesus nos havia levado à conclusão de que a Comunidade de Qumran era, apesar de seu pequeno tamanho, o grupo mais importante em nossa busca. Sabíamos serem eles os autores dos Manuscritos do Mar Morto e havíamos chegado à firme convicção de que a Comunidade de Qumran, os essênios, os Nazoreanos e a Igreja de Jerusalém eram apenas nomes diferentes de um mesmo grupo.

Revendo o período dos Hasmoneus demos de encontro com o fato de que a Bíblia Católica Romana contradiz a Bíblia do rei Jaime na remoção do Primeiro e Segundo Livros dos Macabeus pelos autores da primeira. Os católicos mostram os Hasmoneus como heróis judeus - e os protestantes fazem claramente o contrário. Isso indica uma forte ligação entre os Qumranianos anti-Hasmoneanos e a cultura inglesa do século XVII, coisa que só poderia ter acontecido através de uma percurso Templário/maçônico.

Havíamos encontrado muitas ligações entre os Qumranianos e a Maçonaria, desde seus rituais de grau até a proibição de moedas e outros metais durante a iniciação. Nos Manuscritos do Mar Morto aprendemos que aqueles se centravam na verdade, na retidão, na bondade, justiça, honestidade e humildade estavam interligados com o amor fraternal. Isso fez com que sua posição de descendentes espirituais dos reis egípcios e de ancestrais dos Templários e da Maçonaria ficasse cada vez mais clara

para nós.

Nos Manuscritos havíamos também aprendido que havia livros secretos que continham referências a certos rituais revelados por Deus e que eram normalmente transmitidos oralmente a pessoas selecionadas, mas que haviam sido escritos sob forma codificada. Esses segredos eram altamente restritos e se alega que foram preservados por meio de uma longa linhagem de tradição secreta. Adicionalmente a isso, encontramos um referência definitiva ao "segredo dos pilares".

Nossas suspeitas iniciais de que os Cavaleiros Templários haviam escavado o Santo dos Santos e encontrado escritos secretos estava apoiada na *Assunção de Moisés* dos Qumranianos, em que se instruía a Comunidade a ocultar seus mais preciosos rolos exatamente nesse lugar.

Sem dúvida o líder da Comunidade de Qumran era considerado como o descendente espiritual do construtor original do Templo de Salomão, o homem que os Maçons conhecem como Hiram Abiff. E também ficamos convencidos de que Tiago, o irmão de Cristo, era Tiago, o Justo, dos Manuscritos do Mar Morto, e líder da Igreja de Jerusalém.

A essência do paradigma Qumraniano dos pilares tornou-se clara tendo "tsedeq" à esquerda e "mishpat" à direita, com Yahweh como pedra-chave de "shalom" mantendo tudo firme em seu centro. João, o Batista, e Jesus co-existiram como uma dupla de messias por algum tempo mas após o assassinato de João a situação política explodiu. Agora precisávamos tentar descobrir exatamente o que acontecera durante esse período, mais particularmente entre Jesus e Tiago.

Capítulo Doze
O Homem que Transformava Água em vinho
A Corrida contra o Tempo

Estávamos entrando na área mais sensível de nossa investigação do passado, por isso decidimos sentar e analisar cuidadosamente o que estávamos por fazer. Parecia certo que nossas conclusões seriam controversas, para dizer o mínimo, e sentíamos que seria mais importante que nunca fundamentar tudo aquilo que diríamos. Os cristãos conhecem um Jesus enormemente diferente daquele que estava emergindo de nossas pesquisas e sabíamos que o contraste seria perturbador para muitos. No entanto, nossa responsabilidade principal é para com a verdade, e após longas discussões decidimos contar tudo o que encontrássemos da maneira mais clara possível.

Na verdade, o que descobrimos revela um personagem que era imensamente poderoso e particularmente impressionante.

A primeira coisa que nos surpreendeu sobre Jesus foi que todo o seu ministério não durou mais que um ano, desde a morte de João, o Batista, até a sua própria crucificação. Ficou muito claro, a partir de todas as evidências disponíveis, que até esse curto período esteve repleto de amargor e lutas políticas internas, particularmente entre Jesus e Tiago. Tudo aponta para a mesma realidade: Jesus, ou Yahoshua Ben Joseph, como ele era conhecido por seus contemporâneos, era um homem profundamente impopular, tanto em Jerusalém quanto em Qumran. Seu projeto era muito mais radical que sua família e outros Qumranianos pudessem compreender. Como passaremos a mostrar, todas as evidencias sugerem que a maioria das pessoas apoiava Tiago, inclusive Maria e José.

Enquanto João, o Batista, esteve vivo é provável que Jesus observasse as mesmas regras sectárias que ele, mas com a perda do messias sacerdotal, a estratégia de Jesus se radicalizou97. Ele decidiu que era melhor quebrar a lei pelo bem da nação. Jesus acreditava que o momento da batalha final com os romanos e seus sucessores estava próximo, e ele acreditava ter a melhor chance de vencer esta guerra por Yahweh.

Os Qumranianos ficaram felizes por Jesus ser o pilar esquerdo de Mishpat, tornando-o o messias real, ou futuro rei dos judeus, mas não podiam aceitá-lo também como o pilar da direita.

A Bíblia diz que Jesus se sentará à mão direita do Pai, o que significa que ele é o pilar da esquerda, porque quando se olha para Deus olhando para o Oeste através da porta do templo, Deus está olhando para fora, em direção ao Oriente com o pilar de Mishpat à Sua direita.

As circunstâncias nos sugerem fortemente que Tiago, o Justo, deve ter dito a seu irmão que ele não era considerado santo o bastante para tornar-se ambos os pilares, mas Jesus ignorou seus comentários e se anunciou como sendo as duas conexões terrenas da santa trindade que tinha Deus como seu ápice.

Enquanto a idéia desses três pontos de poder se fixava em nossas mentes não podíamos deixar de cogitar se esta não fora a fonte da Trindade Católica que tem Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo.

Sempre achamos curioso o conceito de um Espírito Santo (em inglês *Holy Ghost*, Fantasma Santo) muito difícil de entender já que não parece fazer nenhum sentido. Nenhum de nossos amigos cristãos foi capaz de nos explicar o que significava essa curiosa designação. Se a primitiva Igreja Romana tivesse da Igreja de Jerusalém assimilado a importância de uma trindade divina, é perfeitamente possível que a tenham traduzido mal. Jesus Cristo clamava ser ambos os lados (pilares terrenos) desse triângulo e nós podíamos ver como a confusão se iniciara.

Como vimos antes, Jesus tinha um projeto militar. Isso não se coaduna bem com as imagens tradicionais dele, mas G. W Buchanan observou que Jesus era um guerreiro e concluiu que não seria possível para um historiador objetivo abrir mão de todas as implicações militares dos ensinamentos de e sobre Jesus.

Era papel de Jesus liderar a guerra e tornar-se o novo rei.

O prof. Eisenman disse, sobre os Manuscritos do Mar Morto:

O tipo de coisa sobre a qual estamos falando em nossa nova visão dos Manuscritos do Mar Morto é a de um movimento messiânico na Palestina que é multo mais agressivo, muito mais apocalíptico, muito mais militante e muito mais orientado para este mundo - um tipo de exército de Deus em acampamentos ao logo do Mar Vermelho, ou então um grupo preparando-se no deserto para a guerra apocalíptica final contra todo o Mal sobre a terra.

Como um homem profundamente inteligente Jesus sabia de início que o tempo não estava a seu lado: ele precisava acelerar o "fim dos dias" e se proteger dos poderosos inimigos que já haviam derrubado um dos pilares. A primeira coisa que ele fez foi escolher alguns guarda-costas pessoais para que o protegessem, depois seguiu uma política de estar sempre em movimento, com apenas breves paradas em lugares indeterminados. Seus cinco principais "protetores" eram: Tiago e João, a quem ele chamava de "filhos do trovão", dois Simões, um chamado "o zelote" e o outro chamado de "o terrorista" (barjona), e com Judas como seu "homem da faca" (sicário). Não havia pacificadores - em Lucas 22:35-38 é dito que eles informam a Jesus que já possuem duas espadas, depois que ele os exorta a vender suas roupas para comprar armas.

E ele lhes disse: "Quando vos enviei sem bolsa, nem alforje, nem sandálias, faltou-vos alguma coisa?". E eles disseram: "Nada".

Ele então disse a ele: 'Agora, porém, aquele que tem uma bolsa tome-a, assim como aquele que tem um alforje: e quem não tiver uma espada venda a veste para comprar uma. Pois eu vos digo, é preciso que se cumpra em mim o que está escrito: 'Ele foi contado entre os transgressores'. Pois também o que me diz respeito tem um fim".

Disseram eles: "Senhor, eis aqui duas espadas". E ele respondeu: "É o suficiente!"

As exigências mais importantes para o sucesso do plano de Jesus eram mais seguidores e mais fundos. Se ele tivesse que algum dia sentar-se ao Trono de Jerusalém, ambas teriam que ser concretizadas rapidamente. O sacerdócio de Jerusalém já era rico, vendendo ingresso na religião judaica aos gentios que circulavam pelo Império Romano, dando-lhes uma pedra do rio Jordão em troca de grandes quantidades de dinheiro, e ele tinha que desalojar essas pessoas. Sua idéia inicial foi genial, mas causou pânico e ultraje na Comunidade de Qumran. Ele começou por toda parte a elevar pessoas comuns ao *status* de iniciado Qumrariiano de primeiro ano: e pior ainda, ele unilateralmente "deu a "ressurreição" a muitos de seus seguidores, elevando-os ao nível mais alto, concedendo-lhes os segredos de Moisés.

O Novo Testamento indica que Jesus tinha uma elite com quem partilhava segredos especiais. Desde quase o início do ministério de Jesus parece ter havido um círculo interno e seguidores mais chegados com os quais ele partilhava segredos especiais. Alguns observadores detectaram três níveis adicionais: o primeiro time, um grupo formado por seguidores menos íntimos que incluía a família e os conhecidos mais próximos (aos quais o segredo não havia sido revelado) e os indiferentes ou hostis que formavam o mundo exterior.

Havia claramente um mistério secreto exclusivo de uns poucos selecionados entre os seguidores e

Jesus, mas até hoje ninguém foi capaz de explicar que segredo teria sido esse. Nós tínhamos certeza de que sabíamos a resposta, mas tínhamos que nos manter objetivos e não tentar forçar a nossa solução aos fatos. Felizmente não tivemos que fazer isso, porque os Evangelhos o fizeram por nós.

O primeiro milagre de Jesus foi a transformação da água em vinho nas Bodas de Caná.

Observando essa história no contexto de tudo o que já havíamos descoberto, estávamos certos de que não havia sido uma mera exibição de poder mágico. Essa foi a primeira tentativa de recrutamento feita por Jesus fora de sua Comunidade, no que deve ter sido um agrupamento razoável de pessoas.

Descobrimos que a expressão "transformar a água em vinho" era de uso comum, com o mesmo valor metafórico com a qual ela ainda é usada hoje em dia. Nesse contexto, ela realmente se referia a Jesus usando o batismo para transformar grandes grupos de pessoas comuns em seres humanos aptos a ingressar no "Reino dos Céus", como preparação para o "final dos tempos". Na terminologia Qumraniana, os não-instruídos eram "água" e os treinados e refinados eram "vinho".

Tomando a frase literalmente, como alguns cristãos menos informados fazem, é perder o sentido real da expressão.

A idéia de que Jesus andava por toda parte revivendo uns poucos seletos de sua morte recente, em uma terra em que centenas morriam diariamente, é outra literalização de alguma coisa bem mais terra-a-terra. O método pelo qual uma pessoa se tornava membro do círculo interno de Qumran era, como sabemos, a cerimônia que havia chegado até eles desde 1500 anos antes, à época do assassinato de Seqenenre em Tebas, e que havia surgido da cerimônia da feitura de reis do Antigo Egito e que tiveram seu início no quarto milênio a.c. Nós nos sentiamos muito confortáveis com o conceito de iniciados serem conhecidos como "os vivos" e todos os não-iniciados serem conhecidos como "os mortos". A Comunidade de Qumran acreditava religiosamente que a "vida" só podia acontecer dentro da Comunidade e de acordo com alguns judeus, ela só podia ocorrer no território da Palestina se ele estivesse livre do jugo romano. Descobrimos que era uma prática comum desse tempo para uma seita judaica qualquer considerar os membros de todas as outras como religiosamente "mortos".

Essa preocupação com uma ressurreição em vida já havia surgido em nossos estudos dos Evangelhos Gnósticos, portanto, a idéia dos não-ressurrectos serem chamados de "os mortos" não era uma coisa tão estranha assim.

Nossas descobertas até esse momento nos diziam que os Qumranianos usavam a ressurreição simulada como meio de admissão ao "terceiro grau" da seita e já foi indiscutivelmente estabelecido a partir dos Manuscritos do Mar Morto que eles encaravam os que estavam fora de sua ordem como Mortos, portanto, estava ficando cada vez mais claro no Novo Testamento que Jesus pode ser visto como usando as mesmas técnicas. Quando ele transformava alguém em membro comum a esse culto lateral à seita Qumraniana, ele transformava "água em vinho", e quando ele elevava um desses candidatos ao círculo interno, ele era "erguido dos mortos". Essa estrutura em dois níveis foi registrada por vários cristãos primitivos, que diziam que Jesus oferecia ensinamentos simples para "muitos" mas só dava seu ensinamento secreto a "poucos".

Clemente de Alexandria menciona essa tradição secreta em uma carta, como discutimos antes. Valentim, um mestre cristão do meio do século II**,** também registrou que Jesus partilhava com seus discípulos "certos mistérios que ele mantinha em segredo dos que estavam fora do grupo". Isso é confirmado no Novo Testamento por Marcos 4:11:

E de lhes disse: "A vós foi dado o mistério do reino de Deus, aos de fora, porém. Tudo acontece exclusivamente em parábolas".

A iniciação por ressurreição que trazia pessoas de volta dos "mortos" era chamada de "elevação" ou "soerguimento", e era reversível para aqueles que quebravam as regras da seita, o que era, logicamente, conhecido como "enterro" ou "queda". Um exemplo clássico desse processo foi encontrado no Novo Testamento na história de Ananias e Safira, que foram membros da seita nos tempos de crise logo após a crucificação. Tiago ordenou que a maior quantidade de dinheiro possível fosse levantada para organizar a defesa da seita, e cada membro do círculo interno teve ordem de vender qualquer terreno ou propriedade que tivesse e entregar o fruto dessa venda ao fundo comunitário. Quando se descobriu que Ananias e sua mulher Safira haviam feito sua venda, mas guardado uma parte do dinheiro para si próprios, foram trazidos um de cada vez ante Pedro, que decidiu fazer desse casal um exemplo que dissuadisse outros de

pensamento similares. A história vem contada em Atos 5:1-11:

Entretanto certo homem chamado Ananias, com sua mulher Safira, vendeu uma propriedade. Mas com a conivência da esposa reteve parte do preço. Levando depois uma parte, depositou-a aos pés dos Apóstolos. Disse-lhe então Pedro: "Ananias, por que encheu Satã teu coração para mentir ao Espírito Santo, retendo parte do preço do terreno? Porventura mantendo-o não permaneceria teu e, vendido, não continuaria em teu poder? Por que, pois, concebeste em teu coração este projeto? Não foi a homens que mentiste, mas sim a Deus". Ao ouvir estas palavras, Ananias caiu e expirou. E um grande temor sobreveio a todos que disto ouviram falar. Os jovens, acorrendo, envolveram o corpo e o retiraram, dando-lhe sepultura. Passou-se um intervalo de cerca de três horas. Sua esposa, nada sabendo do que sucedera, entrou. Pedro interpelou-a: "Dize-me, foi por tal preço que vendestes o terreno?". E ela respondeu: "Sim, por tal preço". Retrucou-lhe Pedro: "Por que vos pusestes de acordo para tentardes o Espírito do Senhor? Eis à porta os pés dos que sepultaram teu marido. Eles levarão também a ti". No mesmo instante ela caiu a seus pés e expirou. Os jovens que entravam de volta, encontraram-na morta: levaram-na e a enterraram junto com seu marido. Sobreveio então grande temor à Igreja inteira e a todos que tiveram notícia desses fatos.

Para aqueles que lêem a Bíblia sem a compreensão da terminologia do período, parece que um deus irritadiço assassinou um marido e uma mulher usando poderes sobrenaturais, porque não haviam apoiado com suficiente fervor a Seu grupo de escolhidos. Isso mostra um deus tão parcial e violento quanto Yahweh fora em seus primeiros dias de existência, e que é bastante diferente do Deus de Amor e Perdão que Jesus aparentemente divulgava. No entanto, uma vez conhecidos os procedimentos da Comunidade de Qumran podemos ver o fato exatamente como se deu: uma audiência disciplinar que resulta na expulsão de dois de seus membros, ou seja, seu retorno ao seio dos "mortos". O termo "jovens" usado nesta passagem não é uma referência desnecessária à idade desses acólitos, mas simplesmente a descrição Qumraniana normal aplicada a seus "noviços" - o oposto de "anciãos". Ser jogado no meio dos "mortos" em momento tão crucial era uma punição terrível para aqueles que acreditavam que o "Reino de Deus" estava apenas a alguns dias de distância: eles haviam perdido sua passagem para a nova ordem que estava por surgir em Israel.

Algumas vezes as pessoas experimentavam "morte temporária", sendo expulsas do círculo interno e depois readmitidas. Um exemplo disso foi Lázaro, que perdeu a coragem, quando as coisas começaram a ficar difíceis nos momentos finais da vida de Jesus. Ele explicou a suas irmãs Maria e Marta que tinha medo e teria que deixar o círculo interno. Quatro dias depois Jesus chega à sua casa e Maria diz a Jesus que Lázaro não se teria tornado um "morto" se Jesus lá estivesse para falar com ele. Jesus então vai em busca de Lázaro e o persuade a ser corajoso e retomar ao meio dos "vivos". A ressurreição de Lázaro sempre nos foi mostrada como um dos mais fantásticos milagres de Jesus registrado nos Evangelhos, mas agora que efetivamente compreendemos a terminologia usada pelos judeus do século I, podemos seguramente deixar de lado a desnecessária interpretação necromântica.

Esse tipo de expressão "vivos e mortos", acima de qualquer dúvida, mostra ter sido a terminologia usada no tempo de Jesus e aqueles que insistem em tomá-la literalmente não apenas negam todas as evidências mas também prestam um grande desserviço a um brilhante e singular mestre.

A idéia de um corpo em decomposição sendo trazido de volta à vida teria sido um conceito desagradabilíssimo para os judeus da época, e para os cristão de hoje pensar que houve um tempo em que tais coisas eram comentadas de maneira tão natural é tão tolo quanto acreditar que tapetes mágicos um dia foram realmente os meios de transporte em Bagdá. As pessoas que são de modo geral pragmáticas parecem prontas a acreditar que o ridículo pudesse acontecer no passado remoto em alguma "era de ouro" perdida.

A realidade é que Jesus não era suave nem bonzinho, nem distribuía o amor e a bondade onde quer que fosse: pelos padrões de hoje ele seria considerado extremamente rígido consigo mesmo e com seus seguidores, seu círculo interno, fazendo-os cortar todos os seus laços familiares como ele mesmo já o havia feito. Um exemplo disso está em Mateus 8: 21-22, um versículo que sempre pareceu estranho e desafiou as explicações da Igreja:

Outro de seus discípulos lhe disse: - Senhor, permite-me ir primeiro enterrar meu pai. Mas

Jesus lhe respondeu: - Segue-me e deixa que os mortos enterrem seus mortos.

Tentar encontrar sentido literal nessa alocução é mais difícil que "transformar a água em vinho", mas está claro que Jesus quis dizer: - Deixa que os do mundo exterior (os "mortos") cuidem de si próprios porque temos negócios mais urgentes para resolver dentro da Comunidade. Se algum leitor pensar que estamos super-valorizando esse aspecto dos ensinamentos de Jesus, deveria ler Lucas 14:26, em que ele efetivamente exige de seus seguidores que "odeiem" suas famílias.

A Bíblia traz um grande número de referências a uma relação rompida entre Jesus e sua mãe e irmãos, nenhuma mais clara que essa em Mateus 12:46-50:

Estando ainda a falar às multidões, sua mãe e seus irmãos estavam fora, procurando falar-lhe. Jesus respondeu àquele que o avisou: - Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? E apontando para os discípulos com a mão, disse: - Aqui estão minha mãe e meus irmãos, porque aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, este é meu irmão, irmã e mãe.

Isso mostra que Jesus não tinha tempo para os membros de sua família, mas também que eles poderiam ter estado tentando fazer as pazes com ele após o conflito que ele unilateralmente criara com os papéis de messias "sacerdotal" e "real". É certo que em algum ponto antes da crucificação, Tiago, o irmão de Jesus que como ele competia pelo papel de messias "sacerdotal", havia enxergado a sabedoria das ações de seu irmão e se tornado preparado para aceitar seus novos ensinamentos.

Jesus era conhecido como Yahoshua Ben Joseph, significando, "o salvador filho de José", mas no Novo Testamento não existe nenhuma menção de Jesus a seu próprio pai. Isso não nos surpreende já que ele havia dito a seus discípulos que não chamassem de pai a nenhum homem que vivesse sobre a terra (Mateus 23:9). Dos discípulos se exigia que rejeitassem suas famílias e vivessem como se elas nunca tivessem existido, para que toda a sua lealdade pudesse estar focada dentro do grupo. Na Oração do Pai Nosso, Jesus ensina aos apóstolos a se referirem a Deus como "nosso pai", em uma substituição completa desse parente genético. É fácil compreender nesse ponto como os gentios e helenizados cristãos, ao ouvir isso, compreenderam equivocadamente a mente judaica e a tomaram literalmente, crendo que Jesus era de alguma maneira física "o Filho de Deus", apesar dele próprio se chamar como" Filho do Homem", um título que nessa época comumente se aplicava a um possível messias. Essa descrição de Deus como Pai e de si próprio como seu filho mais velho faz todo o sentido, porque como o homem que se tornaria o novo rei davídico dos judeus, ele seria apenas o regente terreno de Yahweh, que sempre seria o Supremo Governante desse Estado teocrático.

O Pai Nosso é rezado assim:

Pai Nosso que estais nos Céus, Santificado seja o Vosso Nome, venha a nós o Vosso Reino, seja feita a Vossa Vontade, assim na terra como no Céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje. Perdoai-nos as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nosso devedores. Não nos deixeis cair em tentação e livrai-nos do mal. Pois teus são o Reino, o Poder e a Glória., para todo o sempre, amém.

Isso pode ser traduzido a partir do entendimento que agora temos da terminologia e das intenções de Jesus e de seu grupo de dissidentes como se segue:

Yahweh, grande é Teu nome. Israel se tornará Teu Reino. As exigência da vida santificada pelas quais Tu nos aceitas serão instituídas em Israel Sustenta-nos agora até que Teu Reino tenha esteja em seu lugar. Perdoa-nos se não conseguirmos cumprir todas as Tuas Santas exigências, assim como perdoaremos a todos aqueles que falharem conosco. E não faz com que a vida seja dura demais para testar nossa decisão, mas ajuda-nos a evitar os erros na realização de Tuas Santas tarefas. Israel é Teu, e são Teus o Poder, o Comando sobre nós e o Esplendor, para sempre. Que assim seja.

É importante compreender que a palavra "tentação" tinha uma conotação bastante diferente da maneira como é usada hoje em dia. Na verdade ela significava "teste" no sentido da pressão sendo

aumentada para poqer saber quanta punição uma pessoa poderia suportar, mais do que o sentido moderno de resistir aos prazeres.

Disso é possível ver o quanto é estranho para os não-judeus usar essa prece totalmente israelita para seus próprios objetivos gentios. Ela nunca foi mais do que um pedido feito a um deus judeu para criar autodeterminação em Israel, já que Jesus não tinha nenhum interesse em nada nem ninguém fora de seu pequeno reino. Outros termos que ele usava, como "irmãos" e "vizinhos" também se referiam apenas àqueles dentro da Comunidade, não no mundo inteiro. O Pai Nosso re-explicado que apresentamos é uma tradução de significado, mais do que das palavras que o formam, como faz a Bíblia. O fato de que as palavras usadas por Jesus tinham um significado político judeu e local não foi descoberto por nós: agora é amplamente aceito, mesmo em obras profundamente cristãs como os Comentários de Peake sobre a Bíblia.

Agora é claro que Jesus estava apenas falando de seu esforço político em libertar os judeus para sempre da dominação estrangeira.

O Novo Caminho para o Reino de Deus

As exigências para o fim da idade corrente e o início do "Reino de Deus" eram ter o Sumo Sacerdote de "tsedeq" no templo e o rei davídico de "mishpat" no trono, para que Yahweh assegurasse que "shalom" ficasse em seu devido lugar para sempre. Yahweh não participaria da chegada desses eventos até que um grande estado de santidade existisse na terra de Israel, e Jesus viu como sua tarefa principal trazer um progresso do povo comum.

A primeira coisa que Jesus fez em seu ministério foi ir a um grande casamento (que podiam ser festividades imensas, durando muitos dias) buscar convertidos para sua causa. A coisa mais impressionante que ele fez, assustando os estritos Qumranianos, foi permitir a aceitação de "não-limpos" - tais como homens casados, aleijados e, para surpresa geral, até mesmo mulheres.

Para Jesus eram todos igualmente capazes de pecar às vistas do Senhor e portanto tinham tanta necessidade de salvação quanto os outros, se não mais. Essa idéia de igualdade era revolucionária para a época e se tornou a marca mais importante de seus ensinamentos.

Mais do que qualquer outra coisa, Jesus precisava de dinheiro e para consegui-lo, de preferência bastante, ele precisava ir até os ricos. Desgraçadamente era exatamente esse grupo de pessoas que era considerado particularmente pecador. Seguindo-se à destruição do Templo em 586 a.C. o Lugar do Senhor havia sido dessacralizado, e os judeus devotos tentavam manter suas casas tão sagradas quanto o altar do Templo, e a si próprios tão sagrados quanto se fossem sacerdotes.

Isso significava manter as levíticas leis de pureza e as prescrições de dieta do Pentateuco com o máximo de cuidado. Um membro da Comunidade de Qumran nunca entraria na casa de alguém de fora da Comunidade (os "mortos") porque lá poderia estar exposto a todo tipo de imundície. Jesus ofendia os judeus "de importância" entrando nas casas de coletores de impostos, por exemplo, e como resultado disso estava sendo acusado de misturar-se com "pecadores" e "depravados", "bêbados" e "prostitutas". Na verdade essas pessoas eram perfeitamente respeitáveis e bastante ricas, mas sua devoção ao "caminho" não estava estabelecida, portanto, eram chamados por todos os palavrões imagináveis. O termo "depravados", por exemplo, significava simplesmente que ele se misturava com gentios em suas vidas social e profissional, mais do que opinar sobre sua promiscuidade sexual.

Um coletor de impostos tornou-se apóstolo de Jesus e um outro, Zaqueu, era na verdade o chefe dos coletores de impostos antes de ser "erguido" dos "mortos". Ele deu metade de sua fortuna para pagar antigas injustiças e a outra metade para "os pobres", que era o termo usado para indicar a Comunidade de Qumran.

Os ensinamentos de Jesus aparecem sob a forma de uma lista em alguns dos Evangelhos Gnósticos, e é certo que o Evangelho "Q" original não foi escrito no formato de história. Enquanto muitos desses ensinamentos de Jesus foram tecidos como biografia pelos escritores dos Evangelhos do Novo Testamento, uma grande parte deles aparece nessa forma de lista naquele que é conhecido como o Sermão da Montanha. Parece que a habilidade que Mateus exibe ao tecer todos os ensinamentos de Jesus em uma só história tenha se perdido já em alguns momentos, portanto, ele ajuntou todo tipo de ensinamentos como se tivessem sido dados um após o outro de cima de uma montanha para uma multidão. Se isso tivesse sido dado *ipsis-literis* como um sermão único, a pobre platéia teria ficado boquiaberta tentando assimilar toda

essa avalanche de informação. Acreditamos portanto, que muitos desses ditos e instruções tenham sido ajuntados nessa "ocasião" para não interromper o fluxo da história.

As palavras de Jesus usadas nessa "ocasião" têm sido o foco das mentes cristãs durante os séculos e delas já se extraiu todo tipo de interpretação. No entanto, à luz do que agora sabemos, os significados se tornaram muito claros e diretos. As bem-aventuranças são simples de interpretar:

Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles será o Reino dos Céus.

Isso em Lucas vem apenas como "os pobres", e em ambos os casos é apenas uma menção à Comunidade de Qumran, pois é assim que se denominavam os seus membros de "terceiro grau".

Bem-aventurados os aflitos, porque eles serão consolados.

Em Lucas, os "aflitos" são" os que choram". Em ambos os casos a referência é à Comunidade de Qumran e a outros judeus devotos que lamentaram pelo Templo de Yahweh nas mãos dos sem-valor. Este dito também aparece em um salmo Qumraniano.

Bem-aventurados os humildes, pois eles herdarão a terra.

Mais uma vez o termo "humildes" era comumente usado pelos membros da Comunidade de Qumran para se descreverem. Deles se requeria que se comportassem de maneira humilde e modesta para que o "Reino de Deus" (sua herança) chegasse logo. À luz das evidências dos Manuscritos do Mar Morto, pretender que isso mencione qualquer pessoa que seja humilde é abusar deliberadamente da verdade.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, pois eles serão saciados.

A Comunidade de Qumran era formada pelas pessoas que buscavam o "tsedeq" Gustiça, retidão) em todas as ocasiões, mas até que o "Reino de Deus" chegasse, eles não seriam satisfeitos.

Bem-aventurados os misericordiosos, pois alcançarão a misericórdia.

Como no Pai Nosso, Deus permite aos justos da Comunidade de Qumran seus pequenos erros porque eles também perdoam os pequenos erros de seus irmãos.

Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.

Os membros da Comunidade de Qumran eram ensinados a manter as mãos limpas e o coração puro, porque esta era a exigência para entrar no Templo de Sião: eles eram os escolhidos para testemunhar a chegada do "Reino de Deus".

Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados de os Filhos de Deus.

Nada foi mais mal-citado que esta declaração de crença. Os "pacificadores" aqui não significam nenhum tipo de pacifistas, mas se refere àqueles que trabalhavam em prol de "shalom", o Estado de paz, prosperidade e bem-estar geral que chegaria quando os pilares de "tsedeq" e "mishpat" estivessem finalmente em seu lugar. Uma vez mais, a referência se aplica unicamente à Comunidade de Qumran.

Como já sabemos, Jesus ensinava a seus seguidores a se separarem em definitivo de suas famílias, considerando Yahweh como seu Pai, daí portanto, a expressão "Filhos de Deus."

Bem-aventurados aqueles que são perseguidos por causa da justiça, porque deles serão o Reino dos Céus.

A Comunidade de Qumran sempre sofrera perseguições: João, o Batista, por exemplo, havia sido extirpado deles no ano anterior.

Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por causa de mim.

Esse trecho é razoavelmente diferente dos outros, já que parece aplicar-se a Jesus e seu grupo de dissidentes. Lucas usa a palavra "odiar" em vez de "injuriar". E isso é provavelmente uma referência à inimizade sentida pelos apoiadores de Tiago dentro da Comunidade de Qumran. Assim sendo, deve ter sido escrita apenas alguns meses antes da crucificação, quando a disputa entre irmãos estava em seu ponto máximo.

Essas bem-aventuranças são uma leitura bastante simplória quando vistas como aquilo que realmente são: uma série de *slogans* de recrutamento que acabam todas reduzidas a "torna-te um de nós e seja parte do Reino de Deus - ou não seja nada!".

Devem ter funcionado muito bem.

Até agora os cristãos nunca haviam compreendido as complexas circunstâncias judaicas que eram o pano de fundo para essa inspirada campanha de recrutamento, e usaram o texto literal das declarações de Jesus como apoio a seu próprio sistema de crença. Isso pode ter sido uma coisa boa na maioria das vezes, mas neste caso não é aquilo que Jesus queria dizer.

Por um curto período de tempo, talvez dois ou três meses, Jesus, com suas estranhas atividades, foi visto como tendo abandonado o âmago da Comunidade de Qumran: mas logo ficou claro para Tiago que seu irmão estava construindo um partido bastante substancial. Grande parte da ideologia dos ensinamentos de Jesus pode ser vislumbrada em obras de sua época que foram excluídas do Novo Testamento. No fragmento 114 do *Evangelho de Tomé* (o irmão de Jesus) este explica sua crença de que até mesmo as mulheres são iguais aos homens:

Simão Pedro disse a eles: "Que Maria saia de perto de nós, porque as mulheres não são dignas da vida". E Jesus disse: "Eu mesmo a instruirei para que ela se torne homem, para que ela também possa tornar-se um espírito vivo em tudo semelhante a vós, homens. Porque toda mulher que se tornar homem entrará no Reino dos Céus".

Desnecessário dizer que Simão Pedro não estava sugerindo que todas as mulheres fossem assassinadas quando disse que elas não eram "dignas da vida": essa é uma referência ao fato de que ela devia deixar a sala enquanto membros do mais alto escalão do movimento (os "vivos") discutiam assuntos secretos. Jesus deve ter causado espanto ante seus seguidores quando afirmava que ele pessoalmente "a erguerá dos mortos" para ser o primeiro membro mulher da elite, e que todas as mulheres tinham o mesmo direito. Essa passagem certamente saiu dos lábios do mestre radical que os cristãos chamam de Jesus Cristo, e é desapontador ver tantos padres atualmente levantando objeções à entrada de mulheres para o sacerdócio.

No *livro Secreto de Tiago*, que se reputa ter sido escrito por Tiago, o irmão de Jesus, após a crucificação, Jesus é citado como tendo explicado de que maneira seus seguidores deveriam entender seus ensinamentos:

Prestai atenção à Palavra. Entendei o Conhecimento. Amai a Vida. E ninguém vos perseguirá, ninguém vos oprimirá, além de vós mesmos.

Este homem era inacreditavelmente maravilhoso. Não podemos crer que tal sabedoria pudesse surgir em meio a tal tensão. Para nós essas palavras ainda provém uma magnífica filosofia de estilo pessoal de vida.

A Prisão do Pilar Real:

Jesus sabia que o tempo e o segredo eram essenciais. Ele precisava incitar uma revolta de massa contra os romanos e os saduceus em Jerusalém, armando o maior número de pessoas que pudesse. Isso deveria ser conseguido sem dar ao inimigo nenhuma pista da verdadeira força do movimento, por isso Jesus e seus seguidores se reuniam em segredo e pregavam em lugares afastados. Apesar de Tiago ainda não aceitar o direito de Jesus de ser tanto o messias real quanto o sacerdotal, as coisas pareciam estar indo bem. Além do mais, a rede de espiões de Jesus havia relatado que não havia nenhuma atividade especial planejada contar ele em Jerusalém.

Jesus precisava dar uma demonstração de força na capital, para deixar claro que não tinha medo de desafiar abertamente as autoridades e de estabelecer seu direito ao Trono de Israel Um plano cuidadoso era traçado para mostrar ao povo de Jerusalém que ele era o rei que se ergueria para salvá-los da dominação estrangeira, como já havia sido dito pelos profetas. Sua entrada em Jerusalém cavalgando um jumentinho foi uma recriação deliberada da bem conhecida profecia em Zacarias 9:9, que deixava bem claro o que o povo da cidade veria:

...eis que o Rei vem a ti! Ele é justo e traz a salvação: humilde, montado sobre um jumento, sobre um jumentinho filho da jumenta.

É aceito pelos estudiosos da Bíblia que os ramos de palmeira não tinham nenhum significado, e provavelmente foram usados pelos seguidores de Jesus para chamar atenção para um evento que de outra forma teria passado sem ser notado. Para garantir o máximo de publicidade, Jesus seguiu para o Templo e lá causou conflito quando virou as mesas dos negociantes e banqueiros que abusavam do edifício sagrado.

Um time dos homens de Jesus deve ter-se posto em volta da área para garantir que o lugar estava seguro, antes que fosse dado o sinal e o Messias real entrasse acompanhado de seus cinco "protetores".

Ele imediatamente começou a derrubar as mesas enquanto seus seguidores atiravam os negociantes ao chão. As pessoas se esconderam aterrorizadas enquanto Jesus gritava suas opiniões sobre seu comportamento ofensivo a Deus, antes de fazer uma retirada rápida para Betânia, três quilômetros ao leste da cidade.

A opinião geral foi a de que, sem dúvida, a missão tinha sido um grande sucesso, mas de fato foi o começo do fim.

Desse momento em diante as autoridades romanas e judaicas decidiram acabar de uma vez com essa seita de Qumran antes que ela ficasse grande demais para isso.

Tiago foi imediatamente preso e um cartaz de "procura-se" foi impresso, dando uma descrição visual de Jesus. Todas as cópias e referências a isso foram destruídas faz muitos séculos, porque ter uma descrição de um deus menos que perfeito não seria nada bom para uma Igreja em crescimento.

Foi, no entanto, relatado por Josephus em sua *Captura de Jerusalém*. Josephus tirou essa informação diretamente da "forma" produzida pelos oficiais de Pôncio Pilatos. Essa "forma" era um documento que trazia a descrição do homem procurado, uma cópia da que era enviada a Roma para ser arquivada. O Novo Testamento garante que foi editado um decreto pedindo a prisão do homem que se dizia rei dos judeus, e que foi Judas quem entregou a seu mestre.

Apesar da censura cristã uma cópia da descrição escrita por Josephus sobreviveu em textos eslavos e veio à luz no último século. Não temos certeza de que seja genuína, mas muitos estudiosos acreditam que sim, e não temos nenhuma razão para duvidar deles. Ela pinta o retrato de um homem bastante diferente da imagem que muitas pessoas imaginam:

... um homem de aparência simples, idade madura, pele escura, estatura baixa, apenas três cúbitos, corcunda e de rosto comprido, nariz grande e sobrancelhas unidas, de forma que muitos que o vêem o temem, com cabelos ralos divididos no meio da cabeça, à moda dos Nazaritas, e com uma barba pouco crescida.

Uma altura de três cúbitos o deixaria com pouco menos de um metro e *meio* de altura, os quais combinados com a corcunda e as feições severas tornavam Jesus uma pessoa fácil de ser reconhecida.

Apesar disso poder ser ofensivo a alguns cristãos, gostaríamos de acentuar que não deve ser mais importante para um deus ter boa aparência ou ser alto do que ter nascido em um palácio. Essa é uma visão moderna, no entanto, pois se Jesus tivesse sido apresentado como um homem pequeno e feio o mundo helenizado nunca o teria aceito como deus, portanto, os cristãos primitivos tiveram que ocultar esse fato.

Existem evidências adicionais de que Jesus era um homem de estatura muito baixa. Os Atos de João (que foram excluídos do Novo Testamento) dizem de Jesus:

. .. eu tive medo e gritei, e ele, voltando-se para mim, se mostrou como um homem de baixa estatura, que me segurou pela barba e a puxou, dizendo-me: "João, seja um crente, não um infiel nem um curioso".

Em Lucas 19:3 podemos ler sobre um homem chamado Zaqueu que tenta ver Jesus no meio de uma multidão:

E ele procurou ver quem esse Jesus era, mas não conseguia vê-lo, não por causa da multidão, mas porque ele era de baixa estatura.

Esse versículo pode ser lido de duas maneiras, com o comentário sobre a estatura aplicado a Zaqueu ou a Jesus. Essa ambigüidade disléxica sobreviveu à faca do censor. Seria Jesus o que era baixo?

Ninguém poderá jamais ter certeza.

Qualquer que fosse sua altura, Jesus foi rapidamente preso no Jardim de Getsêmani. Qualquer um de nós com criação cristã está familiarizado com o nome desse lugar que foi o cenário de uma das cenas mais dramáticas da história de Jesus, mas ao estudar a posição desse pequeno jardim ficou claro que sua escolha não foi acidental. Em Marcos 14:32 o autor faz com que ele pareça ter sido um ponto de parada casual em meio a uma jornada, quando diz:

E foram a um lugar cujo nome é Getsêmani. E Jesus disse a seus discípulos: "Sentai-vos aqui enquanto vou orar".

Com certeza, essa não foi uma escolha arbitrária - Getsêmani foi um lugar deliberadamente escolhido para que ali se mudasse o curso da história. O Jardim de Getsêmani fica a apenas 915 metros e exatamente em frente do portão oriental do Templo - o Portal da Retidão. Enquanto Jesus orava ele estava colocado em uma altura suficiente para poder enxergar através do vale os dois pilares físicos que ele representava na construção da Nova Jerusalém e na chegada do Reino de Deus. Ele pode observar o sol se pôr sobre o Templo recém reconstruído, sabendo com certeza que seria preso naquela noite. Nas passagens da Bíblia fica claro que Jesus estava preocupado e na expectativa de sua prisão, mas ele confiava que Yahweh fizesse com que as coisas caminhassem bem para ele, dizendo "Pai, tudo é possível para ti".

Jesus havia escolhido a ocasião e o lugar com extremo cuidado. O portal do leste, o portal de "tsedeq" ou retidão, era o portal mais importante na importantíssima celebração do Ano Novo, que era o Pesach ou festival da Passagem, na lua nova mais próxima do equinócio de primavera que caía no fim de março ou no início de abril. Era este portal, tão importante na visão de Ezequiel, que Jesus e todos os Qumranianos consideravam tão subitamente.

Nos capítulos 14 e 15 de Ezequiel podemos ler sobre a importância do portal do leste na visão que ele inicia dizendo ter acontecido "no começo do ano" .

E a Glória do Senhor veio até a casa pelo caminho do portal cuja perspectiva é direcionada para leste... então ele me trouxe de volta pelo caminho do portal do santuário externo que mirava para leste: e ele estava fechado. Então o Senhor me disse: 'Este portal deve ficar fechado, não deve ser aberto, e nenhum homem deve entrar por ele. Porque o Senhor, o Deus de Israel, entrou por ele, portanto, ele deve permanecer fechado. Existe para o príncipe: o príncipe, ele se sentará para comer pão ante o Senhor: ele entrará pelo caminho do pórtico desse portal. . . ' ...assim diz o Senhor Deus: 'o pomo do pátio interno que mira para o leste deve ficar fechado nos seis dias de trabalho; mas no Shabbath ele será aberto, e no dia da lua nova ele será aberto.

E o príncipe entrará pelo caminho do pórtico desse portal, e se postará ao lado do pilar desse portal, e os sacerdotes prepararão suas oferendas, e ele adorará no limiar desse portal: e então ele prosseguirá...

Isso é exatamente o que Jesus fez. Ele adorou o mais perto que pode do limiar do portal na noite da lua nova no início do Ano Novo. Ele se via como o príncipe de Israel esperando ser coroado para cumprir a tarefa dada por Ezequiel de "fazer justiça e retidão" (mishpat e tsedeq). Durante essa noite Jesus esperou que a Estrela da Manhã se erguesse, a estrela que se ergue no leste para anunciar a chegada do rei recém-criado do Antigo Egito e que na crença Qumraniana era a marca de seu novo rei. Essa "profecia da estrela", encontrada nos Manuscritos e em Números 24:17, diz que "uma estrela se erguerá de Jacó, um cetro para comandar o mundo": isso tinha um significado preciso para Jesus, mas mais tarde foi confundido pelos cristãos gentios como uma característica de seu nascimento em vez de ser seu breve momento de reinado. O autor das Revelações, o último livro do Novo Testamento, chama a Jesus:

A raiz e o ramo de David e a estrela brilhante da manhã.

O Manuscrito de Guerra da Caverna 1 de Qumran nos conta que eles viam a profecia da estrela em temos da "ascensão dos humildes", em alguma guerra apocalíptica final. Parece ser uma forte possibilidade que Jesus pensasse que vivendo os passos profetizados até que sobreviesse a guerra, ele causaria uma revolta popular que seria o início da "batalha do fim das eras."

Os discípulos de Jesus sabiam que ele não esperava sobreviver à confrontação que havia engendrado com as autoridades romanas e do Templo. Informação adicional pode ser encontrada no Evangelho de Tomé. Ele afirma conter os ensinamentos secretos de Jesus como tendo sido anotados por um certo Judas Dídimos, que se acredita tenha sido o irmão gêmeo de Jesus, portanto, chamado de Tomé, que quer dizer "gêmeo". Esse evangelho não está estruturado como narrativa: é uma lista das palavras ditas por Jesus como líder. Na linha n° 16 , Tomé nos diz:

E os discípulos disseram a Jesus: "Sabemos que está por partir de nosso convívio. Quem deverá ser nosso líder?" Jesus disse a eles: "Quem quer que sejais, deveis ir até Tiago, o Justo, em honra de quem o céu e a terra vieram a ser".

Isso indica claramente que o mal-estar entre os dois irmãos já estava terminado, e que Jesus tinha uma visão bem pessimista de seu próprio futuro. É fácil entender porque, trezentos anos mais tarde, Constantino rejeitou o Evangelho de Tomé, extirpando-o de sua Bíblia oficial, já que a linha preferida pela Igreja de Roma era a que indicava Pedro, não Tiago, como próximo líder, uma afirmação que agora surge transparentemente falsa.

Nessa noite, Jesus pretendia esperar que a Estrela da Manhã se erguesse, já que não esperava ser aprisionado pelos guardas do Templo antes do alvorecer, e mesmo sob o risco dessa prisão iminente ele conduziu uma cerimônia de exaltação ao "terceiro grau", lá nas encostas, quase à vista dos dois grandes pilares do Templo. Quem teria sido esse jovem iniciado, nunca saberemos, mas a iniciação pode não ter sido completada antes que a prisão se desse. Marcos 14:51-52 nos conta:

Um jovem o seguia, e sua roupa era só um lençol enrolado no corpo. E foram agarrá-lo. Ele , porém, deixando o lenço, fugiu nu.

Esse incidente sempre havia desafiado qualquer explicação, mas agora seu significado está claro.

Os poderes de Jerusalém agora tinham exatamente o que queriam: ambos os pilares desse movimento messiânico que intentava derrubar o Sinédrio e o Procurador Romano, Pôncio Pilatos.

Os sacerdotes judeus temiam as declarações que Tiago fazia sobre seu direito ao Templo e o romano estava provavelmente menos que pouco à vontade com a política dessa situação.

Ele sabia que aqueles judeus tinha a reputação de gerar uma impressionante quantidade de problemas quando entravam em frenesi, mas tinha o apoio de muitas tropas bem treinadas em sua retaguarda.

Desafortunadamente, muitas delas estavam a dois dias de marcha, na Cesárea: isso significava que qualquer levante poderia ser abafado em três dias. Isso era tempo bastante para que ele pudesse ser pendurado pelo pescoço nos muros da cidade, Pilatos não era nenhum tolo. Ele urdiu um plano que satisfez a todos.

O Procurador Romano tinha em mãos a Tiago e Jesus, os dois que alegavam ser os pilares da seita subversiva, sob prisão e prontos para ser executados a qualquer momento: mas Pilatos sabia que ele só precisava desequilibrar a um deles para minar o plano, portanto ofereceu a chance de deixar um dos dois livre, e deu à substancial multidão à sua frente a escolha. Recordemo-nos de que apesar de chamarmos o "messias real" de Jesus, esse não era o seu nome: essa é uma descrição de seu papel como "salvador", que em hebraico é Yahoshua. O nome de Tiago em hebraico certamente era Jacob, mas ele também podia ser chamado de "salvador" - ou seja, Jesus. Como suspeitávamos desde que encontráramos o verdadeiro significado do nome Barabbas, os dois réus no julgamento se chamavam Jesus - Jesus "o Rei dos Judeus" e Jesus "o Filho de Deus". Tiago era chamado de Barabbas - literalmente, "o Filho de Deus" - porque estava subentendido que ele era o messias sacerdotal e portanto, alguém em linha mais direta com seu "Pai".

É uma invenção total da Igreja posterior a idéia de que havia o costume de liberar um prisioneiro na

Páscoa. Isso simplesmente não aconteceu e teria sido um jeito pouco romano e muito tolo de aplicar um sistema legal. A realidade é que esse era um plano único de Pilatos para solucionar uma situação muito delicada. A maioria da multidão era de Qumran e apoiava Tiago, ou seja, 'Jesus Barabbas".

'Jesus, o Rei dos Judeus", não tinha vozes bastante gritando a seu favor, portanto, foi declarado culpado, açoitado, coroado com espinhos e crucificado em uma cruz no formato de um T, com as palavras "Rei dos Judeus" escritas sobre sua cabeça.

Ele morreu mais rapidamente do que seria normal, e se ele fosse realmente o corcunda que havia sido descrito na forma romana, isso seria de se esperar.

O processo de crucificação torna a respiração muito difícil, e é necessário erguer o tronco o tempo todo, para expelir o ar dos pulmões. Com costas curvadas ou corcundas isso teria sido muito difícil, e a sufocação adviria em tempo recorde.

Pesquisando todo o período do século I d.C., passamos o pente fino em todo tipo de informação, para construir um quadro do que realmente estava acontecendo em Israel. Por estarmos construindo uma nova e diversa perspectiva da vida de Jesus, coisas que pareciam sem importância para outros se tornavam para nós as peças mais importantes de um imenso quebra-cabeças. Uma das descobertas mais importantes veio de passagens obscuras em um texto rabínico chamado *Tosefta Shebuot*, que é datado dos primeiros séculos d.C. Esse documento registra as memórias dos judeus sobreviventes de Jerusalém e narra a história dos eventos que precederam a calamidade de 70 d.C. , e por vir de uma tradição não-cristã, cremos que seja autêntico e não-corrigido. No *Tosefta Shebuot* 1:4 demos de encontro com uma poderosa descrição que trouxe uma brilhante nova luz sobre os acontecimentos que se deram entre Jesus e Tiago durante a crucificação. A passagem começa assim:

Dois sacerdotes que eram irmãos estavam subindo a rampa pescoço a pescoço, e um deles chegou a um metro e setenta do altar antes do outro.

Essa primeira frase é uma referência reconhecível à corrida entre os dois irmãos para estabelecer qual deles seria o messias sacerdotal. Jesus estava quase lá quando morreu na cruz.

Ele tomou de uma faca (usada para o sacrifício de animais) e a enfiou em seu próprio coração.

Curiosamente, essa próxima frase confirma a idéia de Jesus se sacrificando deliberadamente ante Deus, uma idéia que nós levamos em consideração até reconstruírmos as últimas horas quando Jesus deliberadamente se deixou prender. Quando Jesus morreu na cruz ele foi visto como um "Cordeiro Pascal", e é assim identificado em Pedro 1:19.

A última parte do *Tosefta Shebuot* é realmente um grande achado:

Rabi Tsedeq veio e parou nos degraus do pórtico do monte do Templo e disse: "Ouvi-me, ó nossos irmãos, casa de Israel! Assim se diz: quando um cadáver é encontrado, e vossos anciãos e juízes se adiantam e o medem, como será conosco - de onde e até onde devemos medir? Até o santuário? Até o pátio?" Todos gemeram e choraram por causa do que ele disse.

Aqui temos sessenta e três palavras vitalmente importantes ditas por Tiago, o irmão de Jesus, possivelmente minutos após Jesus ter sido descido da cruz. Elas deveriam estar na Bíblia, mas não estão.

A primeira parte desse texto rabínico judeu é uma descrição da corrida entre Jesus e Tiago tentando mostrar-se como o messias sacerdotal, apesar de ambos concordarem que Jesus era o messias real. Essa narrativa estilizada nos conta que Jesus tinha quase alcançado seu objetivo de ser ambos os pilares quando se entregou ao sacrifício. Seu irmão Rabi Tsedeq (literalmente "o Mestre da Retidão") estava obviamente profundamente abalado por essa perda e ele se dirige aos membros da Comunidade de Qumran ali presentes com paixão e cheio de ira, enquanto se coloca sob o Pórtico de Salomão que dava para o Pátio dos Gentios. Tiago se refere a uma instrução do Deuteronômio 21:1-19 que estabelece a culpa de um crime apenas estabelecendo que cidade ou aldeia está mais perto do cadáver. Quando pergunta à assembléia de judeus da Comunidade se deve medir "até o santuário, até o pátio" ele na verdade disse que eles, os judeus supostamente de valor, eram tão culpados quanto o Sinédrio que fez o

pedido de execução, por terem feito a escolha de Jesus para morrer.

Achamos uma boa idéia descobrir se o Templo de Herodes tinha uma rampa que levava a seu altar. Tinha o próprio altar tinha quatro metros e meio de altura, com uma rampa de aproximadamente dezesseis metros de comprimento que começava no sul. Isso se traduz em uma inclinação de aproximadamente quinze metros e meio, o que significa que os irmãos que estavam na frente escolheram sacrificar-se quando, muito simbolicamente, estavam a onze doze avos do sucesso.

Essa informação significa que podemos fixar a data dessa "corrida" entre 20 e 70 d.C., porque sabemos que o Templo de Herodes foi destruído em 70 d.C., logo após seu término. Isso torna à nossa interpretação dos dois irmãos, sendo os homens que agora chamados de Jesus e Tiago, já que ambos eram líderes da comunidade essênia da época.

Interessante notar que no alto dessa rampa, no canto sudoeste do altar, havia dois buracos de ralo para o sangue sacrifical, e um grande bloco de mármore com um anel em seu cento. Esse bloco podia ser erguido para que se tivesse acesso a uma caverna sob o altar. Na cerimônia de 1º. Grau da Maçonaria o candidato é exortado por um irmão, que se posta no canto sudoeste do Templo Maçônico, a viver uma vida moral e de retidão. A frente desse irmão que exorta o candidato está um bloco de mármore com um pequeno anel em seu centro, suspenso por uma polia em uma trípode-de-elevação. Poderia haver ai alguma ligação?

Sentimos que a citação do discurso de Tiago a seus seguidores reunidos em assembléia foi de grande importância, porque confirmava o papel de Tiago e sua atitude em relação a seu irmão ao tempo da crucificação. De alguma maneira essas palavras foram omitidas do Novo Testamento. Isso parece ser mais deliberado que acidental: como já percebemos, havia uma política clara de depreciação do lugar de Tiago à frente da Igreja logo após a morte de Jesus, em beneficio de Pedro, que estava sob a influência de Paulo.

A prova de que esse texto contém as palavras ditas por Tiago é dada pela história de Pôncio Pilatos lavando suas mãos para mostrar que apesar de dar sua autorização para a crucificação, ele não aceitava a responsabilidade sobre a morte. A técnica de lavar as mãos para demonstrar inocência não era uma prática romana, mas sim Qumraniana, portanto, uma adição posterior em vez de uma descrição fiel dos eventos. Na verdade ela vem exatamente da passagem do Deuteronômio a que Tiago se referiu, e só servia como sinal de inocência *após* um assassinato, nunca antes dele. Uma vez tendo sido encontrado um cadáver e as medidas tomadas para identificar a cidade mais próxima, os anciãos dessa cidade eram obrigados a separar uma vitela que nunca tivesse parido, cortar-lhe a cabeça e lavar as mãos sobre seu corpo enquanto recitavam as palavras "nossas mãos não derramaram este sangue e nossos olhos não viram quando foi derramado". O versículo seguinte pede ao Senhor que "não fizesse correr o sangue inocente sob a responsabilidade de Teu povo de Israel, para que o sangue seja para sempre perdoado".

Esse meio, como está no Antigo Testamento, de clamar inocência sobre um assassinato, estava claramente nos pensamentos dos autores dos Evangelhos Sinópticos: Mateus, por exemplo, coloca palavras na boca de Pôncio Pilatos no capítulo 27, versículos 24-25:

Vendo Pilatos que nada conseguia, mas, ao contrário, a desordem aumentava, pegou água e, lavando as mãos na presença da multidão, disse: 'Estou inocente do sangue desta pessoa. A responsabilidade é vossa'. A isso o povo todo respondeu: 'Que o seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos'.

Se compararmos essa passagem do Deuteronômio com Mateus, a semelhança é óbvia:

Nossas mãos não derramaram este sangue, nem nossos olhos viram quem o fez. Sou inocente do sangue desta pessoa, a responsabilidade é vossa.

O clamor de inocência do Antigo Testamento se fundamenta em uma pessoa não ter cometido nem visto o assassinato: aqui temos Pilatos dizendo não ser culpado de cometer o ato e que só sobre os judeus cai a responsabilidade. Quem quer que tenha sido o primeiro a escrever sobre essa sucessão de eventos certamente estava ciente das palavras de Tiago após a crucificação, construindo sua referência e acusação de culpa parcial à multidão reunida. Tiago não teria sabido que suas palavras em breve seriam distorcidas por gentios para impor a acusação de "teocídio" sobre toda a nação judaica, para todo o sempre. A noção de que a multidão reunida se amaldiçoou com a frase "Que o seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos" é uma mentira perversa, responsável por dois mil anos de anti-semitismo.

A transcrição das palavras de Tiago no *Tosefta Shebuot* é importante porque confirma o papel dele no movimento, e sua atitude em relação a seu irmãos por ocasião da crucificação, e além disso explica as pretensas ações de Pilatos. Omitir as palavras de Tiago no Novo Testamento foi uma desqualificação deliberada de sua posição de comando lado a lado com "Jesus".

Enquanto procurávamos mais além neste texto rabínico, descobrimos uma referência no *Mishnar Sotah* 6:3 que novamente fez nosso olhos quase saltarem de suas órbitas:

Quarenta anos depois da destruição do Templo, a luz ocidental se apagou, a linha púrpura permaneceu púrpura, e os do Senhor permaneceram à esquerda.

Quarenta anos é um número muito especial para os judeus da época, mas foi também nesse período de tempo antes da destruição do templo que Jesus foi morto. A luz que se apagou era o messias real, simbolizado pela cor real - o púrpura - e os do Senhor que permaneceram à esquerda se refere à decisão da multidão de votar a favor de Tiago, "o pilar da direita", preferindo-o a Jesus, "o pilar da esquerda". A linha púrpura permanecendo púrpura nos diz que Tiago era o herdeiro do direito de seu irmão assassinado e, portanto, podia considerar-se o novo cabeça da linhagem real de David, assim como já era o Mestre da Retidão.

Sempre houve discussões sobre se Jesus morreu na cruz ou foi substituído por algum outro. Os muçulmanos sempre afirmaram que não foi Jesus quem morreu na cruz. O Corão diz na Sura 4: 157:

Que eles dizem se vangloriando: "Nós matamos o Cristo Jesus, filho de Maria, o apóstolo de Alá" - mas eles não o mataram, nem crucificaram mas apenas foi feito com que lhes parecesse assim, e aqueles que discordam por estar cheios de dúvidas, sem conhecimento seguro, mas apenas conjeturas a seguir, pois com certeza eles não o mataram.

Por que será que algumas pessoas estão convencidas de que Jesus foi crucificado, enquanto outras têm absoluta certeza de que ele não o foi? A resposta é tremendamente simples. Estão todos convencidos de estar certos porque *todos estão certos.* Dois filhos de Maria enfrentaram julgamento juntos e ambos haviam declarado ser o salvador ou o messias: ambos, além do mais, se chamavam "Jesus". Um morreu na cruz e o outro não. O que não morreu foi Tiago, o menos importante dos dois mas o único com apoio popular. Não é de estranhar que algumas pessoas pensem que ele tenha conseguido escapulir da cruz.

Os Símbolos de Jesus e Tiago

A Estrela de David é hoje um símbolo universalmente aceito do Judaísmo, mas o hexagrama é na verdade dois símbolos superpostos para criar um novo significado composto, e sua origem não é nem um pouco judia. As pontas de cima e de baixo dos dois triângulos na verdade são o ápices de duas pirâmides, colocadas uma em cima da outra. A pirâmide que aponta para cima é um antigo símbolo do poder de um rei, com sua base apoiada na Terra e seu topo alcançando o Céu. A outra representa o poder do sacerdote, estabelecido no Céu e se dirigindo à Terra. Nessas formas superpostas está a marca do messias duplo: o sacerdotal ou "tsedeq" e o real ou "mishpat". Assim sendo, é o único e verdadeiro símbolo de Jesus, carregando adicionalmente o significado de ser representativo da estrela brilhante da linhagem de David, erguendo-se a cada manhã.

Ela se chama Estrela de David, não porque David a tenha inventado, mas sim porque Jesus a usou e se posicionou como sendo pessoalmente a "Estrela de David" que havia sido profetizada.

Não nos surpreende, portanto, que esse símbolo nunca apareça em antigos livros hebraicos que tratem da vida religiosa, e seu único uso no antigo Judaísmo tenha sido como um motivo decorativo ocasional em meio a outras imagens do Oriente Médio, ai incluída (ironicamente) a suástica.

Ela se tornou de uso popular em um grande número de Igrejas cristãs da Idade Média e os exemplos mais antigos são, como ficamos espantados em descobrir, os que estão sobre edifícios erguidos pelos Cavaleiros Templários. Seu uso nas sinagogas veio muito depois. Alfred Grotte, um famoso construtor de sinagogas do início do século XX, escreveu o seguinte a respeito da Estrela de David:

Quando no século XIX a construção de sinagogas arquitetonicamente significativas se iniciou, a

maioria dos arquitetos não-judeus buscou construir essas casas de devoção de acordo com o modelo usado na construção das igrejas. Eles acreditavam que deviam procurar por um símbolo que correspondesse ao símbolo das igrejas, e encontraram o hexagrama. À vista do total desconhecimento (até mesmo de grande teólogos judeus) sobre o material do Símbolismo judaico, o Magen David acabou sendo exaltado como sendo a insígnia visível do Judaísmo. Como sua forma geométrica se adaptava facilmente a todos os propósitos estruturais e ornamentais, agora já faz mais de três gerações que se tornou um fato estabelecido, seguido pela tradição, que o Magen David para os judeus o mesmo tipo de símbolo sagrado que a cruz e o crescente são para outras fés monoteístas.

Não podíamos deixar de nos maravilhar com a maneira pela qual a história é tantas vezes feita de uma impressionante série de incompreensões e enganos!

Qualquer um pode perceber que, se removermos as linhas horizontais da Estrela de David, deixando apenas as linhas que apontam para cima e para baixo, o resultado é o esquadro e o compasso dos Maçons. A pirâmide sacerdotal ou celestial se torna o esquadro do Maçom, um instrumento usado para medir e esquadrejar a verdade e retidão dos prédios e, figurativamente, da bondade humana: a qualidade que os egípcios chamavam de Ma'at, como já vimos. A pirâmide real ou terrena é mostrada como o compasso que, de acordo com a Maçonaria, marca o centro do círculo do qual nenhum Maçom pode materialmente se afastar, ou seja, a extensão do poder do rei ou dirigente.

Logo, se a Estrela de David é um símbolo do messianismo unificado de Jesus, devia ser o símbolo do Cristianismo. Portanto, a pergunta tem que ser feita: qual seria o símbolo do Judaísmo? A resposta é a cruz em formato de *tall.*

Essa é a marca do *tall* e é o formato da cruz sobre a qual Jesus foi crucificado, em vez da cruz de quatro braços com um pedaço maior que se estende abaixo da barra horizontal. Já vimos antes que o *tall* era a marca de Yahweh, e que os kenitas a traziam em suas testas muito antes que Moisés os encontrasse no Deserto do Sinai: é também o símbolo mágico que era pintado nas portas durante a Páscoa.

Intrigou-nos perceber que o estilo de crucifixo usado pela Igreja cristã era um antigo hieróglifo do Egito, mas ficamos mais boquiabertos ainda em saber que tinha um significado muito preciso - "salvador", que se traduz em hebraico por 'Joshua", que por sua vez em grego é " Jesus". Na verdade, a forma do crucifixo não é o símbolo de Jesus, mas sim o seu próprio nome!

Isso nos leva de volta à Maçonaria. O símbolo mais importante do Grau do Arco real é o *Tau Tríplice,* que pode ser visto na gravura da prancha de traçar entre as bandeiras de Ruben e Judá. Esses três *taus* interligados representam o poder do rei, sacerdote e profeta. É explicado assim, pela Ordem:

As várias insígnias dos Cetros indicam os Cargos Real, Profético e Sacerdotal, que eram todos, e ainda devem ser, conferidos de maneira muito especial, acompanhados da posse de segredos específicos.

O último símbolo que queremos rever nesse estágio é o sinal do peixe, que nos anos recentes passou por uma espécie de renascimento como marca da cristandade.

Apesar de ser visto como um símbolo cristão, na verdade é um antigo sinal de sacerdócio, e era indubitavelmente o símbolo dos Nazoreanos, e quando os cristãos o usavam para identificar seus lugares sagrados em Jerusalém, no final do século I, essa era a única marca que existia para eles. Pode bem ter sido adotada por João, o Batista e, como já discutimos, o nome Nazoreano é uma corruptela da palavra "nazrani", que significa tanto "peixes pequenos" quanto "cristãos" em árabe moderno, assim como em aramaico há dois mil anos atrás.

Sabíamos que Tiago, o Justo, havia se tornado o primeiro bispo (ou, em hebraico, *mebbaker)* e que começou a usar uma mitra como adereço de ofício. Esse implemento agora é usado por todos os bispos, e não pode haver dúvida sobre sua origem: veio do Egito com Moisés

A mitra aberta entre as partes da frente e de trás com sua cauda, idêntica a de um bispo moderno, certamente chegou até nós através dos Nazoreanos desde o Egito. Esse era exatamente o hieróglifo que indicava 'Amon", o deus-criador de Tebas que mais tarde se amalgamou com o deus sol Rá, formando Amon-Rá. Uma vez mais não víamos espaço para coincidências, os fios de ligação do Egito para Jerusalém e até os dias de hoje se haviam combinado em nossas pesquisas até formar uma verdadeira corda!

Finalmente tivemos que recordar quão freqüentemente o nome de Amon ainda é vocalizado hoje. Sob o formato de Amém é usado diariamente por cristãos ao fim de cada prece: haveria a possibilidade

dessa expressão ter sido originalmente usada para atrair as bênçãos do deus Amen (Amon) para que o pedido ali feito se tornasse realidade? Como Tebas era a cidade de Seqenenre Tao, esperávamos que tal prece tivesse passado para os israelitas através de Moisés, na cerimônia de ressurreição. A língua hebraica usava a palavra "amém" no final de uma oração com o sentido de "assim seja", e foi daí que os cristãos a adotaram.

A Ascensão do Mentiroso

Após a morte de Jesus, Tiago, o Justo, recolheu-se em Qumran para analisar seu futuro, já que agora era o único messias, com responsabilidade de preencher os papéis dos pilares sacerdotal e real. Tiago parece ter sido um líder forte e fanático quanto à questão do viver em absoluta retidão. Ele se abstinha de absolutamente tudo e todos que pudessem contaminar a sua pureza. Tão livre era ele de pecados e impurezas que, diferente de todos os outros em Qumran, estava livre da lavagem ritual. Fomos informados de que ele "nunca se lavava", mas achamos que isso se refira especificamente ao uso ritual da água - está claro que ele se lavava da maneira costumeira por razões de higiene pessoal.

Que Tiago foi muito importante na Igreja primitiva é confirmado em Atos 12:17, em que Pedro envia notícias de sua libertação da prisão a Tiago e irmãos:

Mas ele, sinalizando sobre eles com a mão para manter a sua paz, declarou que o Senhor o havia trazido para fora da prisão. E ele disse: "Ide mostrar essas coisas a Tiago, e aos irmãos". E ele partiu e foi para outra parte.

O assassinato do Rei dos Judeus pelo procurador romano criou muita publicidade, em toda Israel e mais além, e pessoas começaram a se interessar pelo movimento messiânico. Uma dessas pessoas foi um cidadão romano de nome Saulo, vindo de uma área que hoje é ao sul da Turquia. Seus pais haviam se tornado judeus da Diáspora e ele era um jovem que tinha sido criado como judeu mas sem nenhuma das atitudes e cultura dos puros seguidores de Yahweh em Qumran. A idéia de que seu trabalho era perseguir cristãos é uma insensatez óbvia, porque esse culto não existia nessa época. Os Nazoreanos, agora liderados por Tiago, eram os judeus mais judaicos que é possível imaginar e o trabalho de Saulo era simplesmente, por conta dos romanos, desarticular qualquer movimento remanescente que buscasse a independência. Os Mandeanos do sul do Iraque, como já discutimos, são Nazoreanos que foram expulsos de Judá e cuja migração pode ser datada com precisão em 37 d.C.: portanto, é quase certo que o homem que os perseguiu foi o próprio Saulo, aliás, Paulo.

Saulo deve ter sido o terror do movimento judaico de libertação por dezessete anos, já que era o ano de 60 d.C. quando ele subitamente se viu cego na estrada para Damasco. Hoje em dia se acredita que Saulo não tinha autoridade para prender ativistas em Damasco mesmo se lá houvesse algum, o que parece bastante improvável, e seu destino era, no entender de muitos estudiosos, a Comunidade de Qumran, que era sempre chamada de "Damasco". Sua cegueira e a recuperação da visão foram simbólicos de sua conversão a um dos partidos da causa Nazoreana. O fato do destino de Saulo ser efetivamente Qumran está claro em Atos 22:14, em que lhe informam que ele seria apresentado ao "Justo", uma referência óbvia a Tiago.

Ele disse então: "O Deus de nossos pais te predestinou para conheceres a Sua vontade, veres o Justo e ouvires a voz saída de sua boca".

Paulo ouviu a história dos Nazoreanos diretamente dos lábios de Tiago, mas sendo um judeu estrangeiro e cidadão romano ele não conseguiu compreender a mensagem que lhe foi dada, e imediatamente desenvolveu uma fascinação helenística pela história de Jesus e seu papel como "cordeiro do sacrifício". É certo que Paulo não foi admitido aos segredos de Qumran, porque só ficou por lá muito pouco tempo: como sabemos, eram necessários anos de treinamento e exames para que alguém se tornasse um irmão. A relação entre o recém-chegado e Tiago logo se tornou muito tensa. Paulo vinha de dezessete anos de ininterruptas caçadas por judeus potencialmente rebeldes, e nunca foi convertido à causa de João, o Batista, Jesus e Tiago. Em vez disso ele inventou um novo culto ao qual deu o nome grego de "cristãos", uma tradução da palavra hebraica "messias". Chamou Jesus, um homem a quem nunca viu, de Cristo, e começou a reunir seguidores em volta de si próprio. Porque Paulo não tinha

nenhuma compreensão da terminologia dos Nazoreanos, ele foi a primeira pessoa que aplicou o literalismo às alegorias dos ensinamentos de Jesus, e um deus/ homem fazedor de milagres foi criado a partir de um patriota judeu.

Ele declarou "ter o apoio de Simão Pedro, mas isto era apenas uma dentre um grande número de mentiras articuladas. Simão Pedro lançou um aviso contra qualquer outra autoridade que não fosse a liderança nazoreana:

Portanto é bom ter extrema cautela, e não crer em nenhum mestre, a não ser que ele traga de Jerusalém o testemunho de Tiago, o Irmão do Senhor'.

Após ler as interpretações dos textos de Qumran feitas por Robert Eisenman, não tivemos nenhuma dúvida sobre a identidade de Paulo como o "Derramador de Mentiras" que lutou contra Tiago, o Mestre da Retidão. O uso da palavra "derramador" é um jogo de palavras tipicamente Qumraniano, e se refere aos procedimentos batismais associados com este adversário. O pesher de Habacuc torna claro que esse indivíduo "derrama sobre Israel as águas da Mentira" e "os desvia para um deserto sem Caminho".

O jogo de palavras com "Caminho" se relaciona com "a remoção das fronteiras da Lei".

Acreditamos que o "Mentiroso" e inimigo de Tiago foi Paulo: o homem que mentiu sobre seu treinamento como fariseu mentiu sobre a missão de Cristo, ensinou que a Lei dos judeus não era importante e admitiu os não-circuncidados. Fica claro pelas cartas de Paulo que apóstolos de Jerusalém foram enviados até seu território para desacreditar sua autoridade e contradizer suas palavras. Paulo fala de oponentes de inquestionável prestígio que eram "reputados como importantes" e "reputados pilares", e declara que não é dependente de nenhum dos chefes dos apóstolos.

Ele os descreve como "servos de Satã", "falsos apóstolos" e "irmãos espúrios". Ele fica espantado que seus convertidos Galacianos estejam se virando para um "Evangelho diferente" e lhes diz: "Se alguém pregar a vós um Evangelho diferente daquele que recebestes que ele seja amaldiçoado". Ele chama aos enviados de Tiago "falsos irmãos secretamente enviados... para espionar a liberdade que temos em Jesus Cristo, para que nos possam manietar".

Alguns comentaristas, tais como Hyam Maccoby, apresentaram o forte argumento de que Paulo nunca foi um Rabi fariseu, mas sim um simples aventureiro de passado obscuro. Escritos ebonitas confirmam que Paulo nunca teve nem experiência nem treinamento entre os fariseus: ele era um convertido ao Judaísmo, nascido de parentes gentios em Tarso. Ele veio para Jerusalém já adulto, e lá se tornou assecla do Sumo Sacerdote. Quando viu desapontadas suas esperanças de avanço, rompeu com o Sumo Sacerdote e fundou a sua própria religião.

Paulo reconhece que havia duas versões opostas da vida e da missão de Cristo: os "falsos" ensinamentos de Tiago, o irmão do Cristo, e seu próprio romance de mistério à moda helenista, que desprezava a própria essência da crença judaica. Em Coríntios 9:20-25, ele não tem o menor pejo em declarar seu desprezo pela Igreja de Jerusalém, e afirma abertamente ser um mentiroso sem escrúpulos:

Para os judeus, fiz-me judeu, para ganhar os judeus: para os que estão sujeitos à Lei, fiz como se estivesse sujeito à Lei - se bem que não esteja sujeito à Lei - para ganhar àqueles que estão sujeitos à Lei... Tornei-me tudo para todos ... é assim que pretendo vencer: é assim que pratico o pugilato, mas não como quem fere o ar.

Esse desprezo aberto pela Lei e a vontade de dizer e fazer o que quer que seja necessário para alcançar seus estranhos objetivos mostram o porquê de Tiago e a Comunidade de Qumran chamarem Paulo de "O Derramador de Mentiras". Em Romanos 10:12 e em outros lugares, Paulo anuncia seu desejo de fundar uma comunidade que "não faria distinção entre o judeu e o grego". Essa é precisamente a ambição que caracterizou a família de Herodes e os que a apoiavam. Paulo saiu muito de seu caminho para legitimar as forças de ocupação que haviam expulso o ramo de David para fora de Jerusalém e haviam assassinado seu rei/messias. Ele racionalizou assim:

"Deves obedecer às autoridades que estão no poder, já que todo poder vem de Deus, as autoridades civis foram escolhidas por Deus".

Este seqüestrador de cultos deve ter gerado grande ódio e medo. Seu acesso íntimo ao círculo do poder de Herodes em Jerusalém fica bem claro em Atos, e marca Paulo como um provável conspirador contra Tiago. O perigo deve ter ficado claro para Tiago, já que ele tomou grandes cuidados em evitar dirigir a Paulo o mesmo tipo de diatribe ofensiva que este dirigia a ele. Paulo continuava a "roubar" os segredos de Qumran para elaborar seus próprios ensinamentos. Em Coríntios 1-3:9 Paulo usa as imagens da "construção" e da "fundação dos alicerces" que estão no pesher de Habacuc, quando descreve sua comunidade como "o edifício de Deus" referindo-se a si próprio como "o arquiteto" e a Jesus como "a pedra angular". Esses são, é claro, os termos usados por Jesus e todos os Nazoreanos e que foram preservados na Maçonaria.

Já lidamos com a ira dos Nazoreanos de Qumran que foi gerada pela oposição de Paulo a Tiago, o Justo, que era o messias indisputado, e pela falsa declaração feita por Paulo de que Pedro era o líder da Igreja de Jerusalém. Não há dúvida que Paulo havia tentado tomar essa liderança para si mesmo com a mentira de ter sido treinado como fariseu sob o grande doutor da lei, Gamaliel, mas ele teve o instinto político de reconhecer que essa não seria a sua posição. A medida da impopularidade de Paulo entre o povo de Jerusalém fica evidente no Capítulo 21 dos Atos.

Aqui Paulo exorbita de sua autoridade e entra no Templo, mas é arrastado para fora para ser linchado pela multidão reunida em assembléia, que o reconhecem como o homem que falou contra a Comunidade da Aliança e a Lei, quando esteve em Éfeso. O conflito que se seguiu deve ter sido em grande escala, já que a Bíblia nos conta que "toda Jerusalém se levantou" e várias centenas de soldados romanos foram trazidos da Fortaleza Antônia, que felizmente para Paulo ficava bem ao lado do pátio do Templo.

Chris visitou o anfiteatro de Éfeso de onde Paulo discursou à massa e onde ele conseguiu confundir o momento. Nesse tempo Éfeso tinha uma população cosmopolita, aí incluída uma das maiores comunidades judias fora de Israel. Como os judeus de Alexandria, muitos eram Terapeutas, uma seita de curadores muito próxima aos essênios de Qumran. Nas ruínas pobremente recuperadas Chris encontrou uma grande pedra inscrita com a marca dos Terapeutas, o bastão e a serpente, que se tornaram o símbolo da medicina em todo o mundo. Esses judeus muito inteligentes e bem-informados não tinham tempo para Paulo e suas tolices, e o pregador auto-designado foi encarcerado em um pequeno edifício em um morro nu apenas visível do anfiteatro.

Chris não pôde deixar de pensar que lugar melhor o mundo teria se tornado se ele tivesse sido mantido por lá.

Paulo escapou do Conflito de Jerusalém com vida, mas no ano 62 d.C. foi a vez de Tiago ser atacado no Templo de Jerusalém. Os escritos de Epifânio, Bispo de Constância (315 a 403 d.C.) nos dizem que testemunhas declararam ter visto Tiago usando o peitoral e a mitra de um sumo sacerdote, exigindo, como o primeiro Bispo de Jerusalém, o direito de adentrar o Santo dos Santos uma vez por ano.

Parece provável que Tiago seguisse os passos de seu irmão e forçado sua entrada não-anunciada no Templo, sendo imediatamente preso. O Novo Testamento foi arrumado para excluir os detalhes de seu assassinato, mas um evangelho rejeitado pelo imperador Constantino, o Segundo Apocalipse de Tiago, registra o evento da seguinte maneira:

... os sacerdotes... O encontraram de pé ao lado das colunas do Templo, ao lado da poderosa pedra angular. E decidiram atirá-lo daquela grande altura, e jogá-lo ao chão. E... o pegaram e espancaram enquanto o arrastavam para o chão. O esticaram, e colocaram uma pedra sobre seu abdômen. Todos colocaram os pés sobre ele, dizendo: "Tu erraste!" E de novo o ergueram, já que ainda estava vivo, e o fizeram cavar um buraco. Fizeram-no ficar de pé dentro dele. E após tê-lo enterrado até o abdômen, o apedrejaram.

Partes do Templo ainda estavam sob construção e a pedra que foi colocada sobre o abdômen de Tiago teria estado certamente sendo preparada para cumprir seu propósito no edifício: como tal, pode ter sido um bloco em bruto, que é como se chama uma pedra aproximadamente esquadrejada recém chegada das pedreiras. É interessante notar que um desses blocos em bruto é colocado no canto nordeste da Loja maçônica.

Também existe uma história que trata da morte de Tiago e que pode ter elos com a Maçonaria. Hegesipo, uma autoridade cristã do século II, escreveu:

Então derrubaram Tiago, o Justo, e começaram a apedrejá-lo, já que não tinha morrido da queda: mas ele ajoelhou e disse: "Ó, Senhor Deus, meu Pai, vos imploro que os perdoeis, pois eles não sabem o que fazem". Enquanto eles o apedrejavam, um dos sacerdotes, filho de Rechab, gritou: "Parai! O que fazeis? Não vedes que o Justo ora por vós?". Mas um deles, que era lavrador de tecidos, esmagou a cabeça do Justo com seu porrete.

A pancada mortal dada pelo lavador de tecidos na cabeça de Tiago não é encarada como sendo um fato histórico, mas nos ocorreu que ela pode ter sido uma tradição acrescentada pelos Qumranianos para criar um perfeito pesher de Hiram Abiff. Dessa maneira o martírio de Tiago, o Mestre da Retidão, teria sido visto como uma repetição da morte do arquiteto do primeiro Templo de Salomão (e, portanto, Seqenenre Tao).

Uma pancada na cabeça matou tanto a Hiram Abiff, enquanto ele estava de pé no primeiro Templo quase concluído, quanto a Tiago, no quase pronto último Templo. Os paralelos são fortes demais para serem apenas uma mera coincidência.

As ilações com o Templo continuam após a morte. O túmulo de Tiago, acredita-se, fica no Vale do Cedrom, que leva diretamente ao portão Leste do Templo. Escavada na alta escarpa de pedra, ainda está de pé, com sua entrada dramaticamente marcada por um par de esplendidos pilares.

Josephus registrou que os habitantes de Jerusalém ficaram muito ofendidos com o assassinato de Tiago, e que secretamente entraram em contato com o rei Agripa, exigindo que punisse o sumo sacerdote Ananus por suas ações perversas e ilegais. Devem ter conseguido o que queriam, porque Ananus foi afastado.

Outra parte importante de nossa investigação, que tinha ficado como mistério, era a fonte dos nomes maçônicos dos assassinos de Hiram Abiff, dados como Jubelo, Jubelas e Jubelum. Sem levar em conta o fato (sem conexão com o assunto) de que Jubal quer dizer montanha em árabe, pouco havia a descobrir. No entanto, ao olharmos mais de perto para a morte de Tiago, o Mestre da Retidão, encontramos uma análise muito instrutiva do professor Eisenman. Referindo-se ao *pesher* de Habacuc encontrado em Qumran, ele diz:

O Pesher, que lida com as referências a 'ira' e 'dias festivos' nos textos relacionados, discute como 'o Perverso Sacerdote perseguiu o Mestre da Retidão para confundir' ou 'destruiu-o com sua ira raivosa na casa de seu retiro' (ou 'na casa onde ele foi descoberto'). O termo leval'o não aparece nos textos relacionados, mas indica ação forte, e como é usado em um contexto de violência, provavelmente significa 'destruir'.

Eisenman segue observando:

Desde a alusão à 'taça da ira' do Senhor é uma de vingança divina em retribuição pela destruição do Mestre da Retidão (como o pesher propõe na seção seguinte referindo.-se à destruição dos 'Pobres': como ele conspirou criminalmente para destruir os Pobres, assim Deus o condena à destruição; ele será recompensado da mesma maneira que recompensou os Pobres) o sentido de teval'enu aqui, e em conseqüência do uso anterior de leval'o/leval'am, também certamente é o de destruição...

Seria possível que as três palavras do pesher que lidam com a morte de Tiago , assim como estão nos Manuscritos do Mar Morto, leval'o, leval'am e teval'enu podem ter sido a origem de Jubelo, Jubelas, Jubelum?

Os Tesouros dos Judeus

Parece bastante possível que a guerra judaica de 66-70 d.C. tenha sido causada pelas tensões criadas pelo assassinato de Tiago, o Justo, e descobrimos que essa também era a opinião de Josephus. Apesar do documento original não mais existir, sabemos de sua existência porque Orígenes, um dos pais da Igreja no século III, fez referências às observações de Josephus porque elas o confundiram. Orígenes escreveu:

Apesar de não acreditar em Jesus como o Cristo, Josephus, na sua busca pela verdadeira causa da

queda de Jerusalém, devia ter dito que a perseguição de Jesus foi a causa de sua ruína, porque o povo havia assassinado o Messias profetizado. Ainda assim, como se contra sua vontade e não longe da verdade, ele diz que isto aconteceu aos judeus como vingança por Tiago, o Justo, que era o irmão de Jesus, o assim chamado Cristo, porque eles o tinham assassinado, apesar dele ser um homem perfeitamente justo.

A maioria dos cristãos hoje em dia é totalmente ignorante sobre o assunto que tanto consideram, mas quando se percebe que o ministério de Jesus durou apenas um ano, e o de Tiago vinte, se torna razoável aceitar que Tiago tenha sido a figura mais popular da época. A posição de Tiago como irmão de Jesus é encontrada em registros muito antigos, mas sempre suprimida pelo ensino católico, de forma que aos leigos e mesmo a muitos padres essa informação tem sido negada.

A guerra que estourou em 66 d.C. deu início a quatro anos de ferocidade selvagem com atos terríveis cometidos pelos judeus contra os romanos, pelos romanos contra os judeus e até mesmo por judeus contra os próprios judeus. Os horrores que ocorreram foram os piores que o mundo já viu, comparáveis aos das Revoluções Francesa e Russa. Josephus, o historiador dos judeus, era o comandante judeu da Galiléia - até ter mudado de lado e perseguido seus próprios antigos oficiais com grande zelo.

A princípio, os judeus estavam se dando bem, derrotando a legião Síria que marchou sobre Jerusalém, mas não conseguiram superar o poderio do exército romano.

Os Nazoreanos que acreditavam no poder da espada para restaurar o governo de Deus se chamavam Zelotes e é certo que tenham tomado Jerusalém e o Templo em novembro de 67 d.C. Liderados por João de Gischala, os Zelotes descobriram que muitos dos sacerdotes do Templo, junto com líderes da cidade, queriam fazer as pazes com Roma. Tal pensamento não era tolerado, e qualquer pessoa que defendesse esse ponto de vista era sumariamente executada. As forças de Roma estavam cada vez mais próximas e finalmente se tornou óbvio, até mesmo para o mais ardente dos Zelotes, que o fim não deveria estar muito longe. Na primavera de 68 foi tomada a decisão de ocultar todos os tesouros do Templo, os manuscritos sagrados, os vasos e dízimos, para que não caíssem em mãos gentias. Agiram na hora certa, porque em junho os romanos destruíram Jericó e o acampamento de Qumran.

Dois anos mais tarde Jerusalém caiu sob Tito, e os Zelotes foram assassinados ou escravizados, e eventualmente o último dos judeus que conhecia os segredos dos Nazoreanos morreu quando toda a população de Massada cometeu suicídio para não ter que se render aos romanos.

Os segredos transmitidos aos Nazoreanos desde Moisés foram depositados, como o profeta havia instruído, em uma caverna sob o Templo, o mais perto possível do Santo dos Santos que pudessem chegar. Outras obras foram ocultadas em pelo menos outros cinco esconderijos espalhados pelo país, inclusive as cavernas dos montes que cercavam Qumran.

Um dos rolos encontrados nessas cavernas é uma folha de cobre com aproximadamente dois metros e meio de comprimento e trinta centímetros de largura que agora se partiu ao meio, formando dois tubos.

O time de investigadores a princípio não teve como lê-lo, por causa da completa oxidação, mas ele foi cortado em tiras finas e depois reconstruído por uma equipe do *Manchester College of Technology* em 1955. John Allegro explicou a alegria que sentiram quando o conteúdo do Manuscrito de Cobre se tornou claro.

Enquanto palavra após palavra se fazia clara, e a importância do documento se tomava cada vez maior, eu praticamente não conseguia acreditar em meus olhos. Na verdade, eu estava decidido a acreditar no óbvio antes que mais tiras houvessem sido removidas e limpas. No entanto, após mais uma coluna ou duas do textos terem sido decifradas, eu enviei cartas urgentes para Harding com a noticia de que as cavernas de Qumran haviam produzido a maior de todas as surpresas - um inventário do tesouro sagrado, em ouro, prata, e jarros de ofertas consagradas, assim como vasos sagrados de todos os tipos.

A interpretação de John Allegro do conteúdo do Manuscrito de Cobre indicavam que havia pelo menos mais uma cópia, depositada no próprio Templo:

No Poço (Shith) que fica ao Norte, em um buraco aberto nessa direção enterraram em sua entrada: uma cópia deste documento, com uma explicação e medidas, e um inventário de cada coisa, e outras coisas.

Pode ter sido esse o rolo que os Templários encontraram? Se foi, eles devem ter sido capazes de produzir um perfeito mapa do tesouro. Em suas notas detalhadas Allegro mostra que o "Shith", que significa "poço" ou "caverna", ficava diretamente abaixo do Altar do templo: a caverna que sabíamos ter na entrada uma pedra de mármore com uma argola em seu centro.

O Manuscrito de Cobre lista imensas quantidades de ouro, prata, objetos preciosos e pelo menos vinte e quatro rolos, dentro do Templo. São dadas sessenta e quatro indicações de esconderijos diferentes. O seguinte é típico dessas listas:

Na câmara interna dos pilares duplos que sustentam o arco do portal duplo, olhando para o leste, na entrada, enterrado a um metro e vinte, escondido lá está um jarro, e nele um rolo manuscrito, oculto sob quarenta e dois talentos.

Na cisterna que fica a oito metros à frente da passagem do leste, ai estão vasos, e em seu interior, dez talentos.

No pátio de ... (?), aproximadamente quatro metros abaixo do canto sul: ouro e prata de dízimos, bacias de aspersão, taças, tigelas sacrificais, vasos para libações, ao todo seiscentos e nove.

*No poço(?) que fica no **MLHM**, ao norte: vasos de dízimos e vestimentas. Sua entrada fica no canto oeste.*

Nas passagens subterrâneas dos Buracos, na passagem que se volta para o sul, enterrados em argamassa a aproximadamente sete metros: 22 talentos.

Na boca da fonte do Templo: vasos de prata e vasos de ouro para os dízimos e dinheiro, ao total seiscentos talentos.

Sabemos hoje que os Cavaleiros Templários originais haviam encontrado alguns manuscritos em 1119, e agora compreendíamos porque eles haviam perdido mais oito anos cavando sob as ruínas do Templo. A explicação para a súbita obtenção de fama e fortuna pela Ordem não era mais um mistério!

Após os judeus terem perdido a guerra e o Templo ser destruído pela última vez, os manuscritos enterrados permaneceram esquecidos, e os ensinamentos de Jesus e dos Nazoreanos foram substituídos pelo Cristianismo, melhor descrito como "Paulianismo". Mas o fato da teologia cristã falhar em refletir os conteúdos dos ensinamentos sobreviventes de Jesus tende a sugerir que o dogma foi uma adição muito posterior. Essas doutrinas que Paulo inventou eram totalmente diferentes das idéias igualitárias e revolucionárias de Jesus.

Jesus havia sido um revolucionário e um pioneiro do pensamento democrático. Graças a Paulo e o culto hierárquico não-judaico que ele desenvolveu, os ensinamentos de Jesus foram enterrados e esquecidos. Mas nós sabíamos que eles estavam aptos a uma ressurreição.

Agora já ajuntáramos os pedaços da história de como os manuscritos haviam sido enterrados, e tínhamos desenvolvido uma hipótese sustentável sobre seus conteúdos. Através de nossa viagem pela história havíamos encontrado uma linha contínua que se iniciava no assassinato de Seqenenre Tao, passando pelo desenvolvimento da nação judaica e os conceitos de Ma'at dentro da Comunidade de Qumran. Havíamos encontrado na *Assunção de Moisés* instruções claras de esconder os manuscritos secretos no Santo dos Santos sob o Templo, e havíamos lido as narrativas da destruição dos essênios e do Templo que eles defendiam. Mas isso ainda deixava um abismo de pelo menos mil anos a ser preenchido.

Nesse ponto decidimos estudar novamente todos os Rituais maçônicos que conhecíamos, desde o Real Arco até os Ritos do 33°. Talvez na vasta proliferação de literatura maçônica e nas variações de seus rituais pudéssemos encontrar mais pistas que ajudassem em nossa busca. Também tínhamos, em ponto muito inicial de nossa pesquisa, olhado de forma muito atenta para a Igreja Celta, que tinha sido uma forte influência na sociedade escocesa de seu tempo: havíamos mesmo pensado que ela poderia ter influenciado a Ressurreição Céltica de Robert Bruce, que coincidia com a Queda dos Templários.

Nosso trabalho precisaria ser revisto para que tentássemos preencher essa lacuna de mil anos em nossa reconstrução da história. Decidimos que nossa investigação deveria continuar com um olhar mais apurado sobre o que acontecera com os remanescentes da Igreja de Jerusalém após a destruição romana do Templo, para ver como - e se - ela tinha alguma ligação com a Igreja Celta.

Conclusão

Revendo a vida de Jesus à luz da informação recolhida na Bíblia, nos Manuscritos do Mar Morto, na Maçonaria, o segredo reconstruído dos pilares e obscuros textos judaicos haviam mostrado ser muito frutíferos. Descobrimos que Jesus, ou Yahoshua Ben Joseph como de era conhecido, tinha tido um ministério ativo de apenas um ano, durante o qual de foi profundamente impopular tanto em Qumran quanto em Jerusalém, porque se havia anunciado como sendo os dois pilares.

Confirmamos que Jesus tinha uma elite que possuía segredos especiais e usava expressões tais como" transformar a água em vinho" como metáforas para eventos corriqueiros. Outras descrições que agora compreendíamos incluíam termos como "pecadores" e "depravados", "bêbados" e "prostitutas", que significavam simplesmente pessoas que se misturavam com os romanos. Até mesmo o Pai Nosso pode ser decifrado com seu verdadeiro significado.

Havíamos estabelecido que os Qumranianos usavam a ressurreição simulada como meio de admissão a seu mais alto grau, e que os iniciados eram conhecidos como "os vivos" e que todas as outras pessoas eram chamadas de "os mortos". Um bom exemplo de como os seguidores de Jesus usavam essa ressurreição em vida como entrada para seu círculo interno é a história de Ananias e Safira, que nos mostra que ser membro dessa elite era uma realidade reversível. A história de Lázaro confirma isso, mostrando que uma pessoa podia tornar-se membro, deixar de ser e tornar a ser novamente: o período em que estava fora era chamado de "morte temporária".

O papel dos pilares era absolutamente essencial a tudo o que Jesus fez, e quando foi preso no Jardim de Getsêmani ele estava realizando uma ressurreição em vida a apenas trezentos e vinte metros dos pilares gêmeos do Templo de Jerusalém. Outra conexão direta com a Maçonaria foi encontrada na imagem da "Estrela da Manhã": "a Estrela se erguerá de Jacó, um Cetro para governar o mundo".

Nossas primeiras hipóteses de que havia dois Jesus Cristos estava agora provada, e sabíamos que o que havia morrido fora Yahoshua Ben Joseph – o "Rei dos Judeus", e seu irmão Tiago, Yaacov Ben Joseph, era "Jesus Barabbas", significando que era conhecido como "o Filho de Deus". Descobrimos que o há muito perdido discurso que Tiago fez no Pátio dos Gentios após a crucificação de Jesus foi o que, deformado por cristãos posteriores, criou a base para o anti-semitismo que tem durado quase dois mil anos.

Agora acreditávamos entender a origem do curioso conceito cristão da Santíssima Trindade, que descreve um Pai, um Filho e um Espírito Santo como três Pessoas em um só Deus. Para nós, esse formato de deus tríplice sempre mostrou que o Cristianismo não é uma religião monoteísta. Em adição a isso nós não conseguíamos compreender quem seria esse Espírito Santo: ou era Jesus ou era outro alguém.

Os cristãos parecem evitar pensar muito o conceito da Santíssima Trindade, porque ele não faz nenhum sentido. A origem dessa Trindade deve ser o paradigma dos pilares. Deus o Pai é a pedra chave de "shalom", o Filho de Deus é o pilar de "tsedeq" e o rei dos judeus é o pilar de "mishpat".

Os dois pilares são inteiramente terrenos, e quando o arco ou lintel Celestial está em seu lugar uma harmonia perfeita entre Deus e Suas criaturas é alcançada.

O uso dos pilares e as descrições de Jesus como "a Pedra Angular", criam poderosas ligações com a Maçonaria, mas também percebemos haver ecos óbvios da origem egípcia dos segredos dos judeus.

O símbolo da Cruz cristã parece ser apenas a estrutura em que Jesus morreu - na verdade, ela é um antigo hieróglifo egípcio que significa "salvador". As vestes de um bispo, usadas por Tiago e ainda usadas hoje em dia, são um outro hieróglifo que significa Amon, o deus criador de Tebas.

Até o nome Qumran, como descobrimos, significa "um arco sobre dois pilares", confirmando que essas imagens eram essenciais para a visão de mundo da Comunidade.

O início da Igreja Cristã, descobrimos, não tem nada a ver com Jesus: foi apenas a invenção de um estrangeiro chamado Saulo, mais tarde Paulo. Estamos seguros de que ele seja o personagem que os Manuscritos do Mar Morto identificam como "o Derramador de Mentiras", e foi ele quem lutou contra Tiago para seqüestrar o culto Nazoreano. E foram Paulo e seus seguidores que deixaram de compreender o paradigma dos dois pilares, terminando por tentar racionalizar o pensamento judeu pela invenção da peculiar e bem pouco judaica idéia da Santíssima Trindade.

Mais importante ainda, agora sabíamos que os Nazoreanos de Qumran acreditavam que o final dos tempos havia chegado, portanto, ocultaram seus manuscritos mais secretos em uma caverna sob as fundações do Templo, o mais próximo possível do Santo dos Santos. Na guerra que se seguiu muitos judeus em toda Jerusalém foram mortos ou fugiram, e os manuscritos enterrados ficaram esquecidos até

que uma ferramenta Templária os tivesse resgatado.

Capítulo Treze
A Ressurreição

Os Vestígios da Igreja de Jerusalém

O desenvolvimento do falso credo de Cristo desagregou os ensinamentos Nazoreanos de Jesus, mas encontramos evidencias claras de que houve alguns sobreviventes da guerra judaica de 66-70 d.C., e que eles comunicaram a essência da mensagem de Jesus a vários territórios estrangeiros, inclusive as Ilhas Britânicas, via Alexandria no Egito. Uma seita chamada de os Ebionim ou Ebionitas era descendente direta da Igreja de Tiago, seu nome sendo exatamente o mesmo que os Qumranianos usavam para descrever-se - Ebionim, que como sabemos significa "os Pobres". Esta seita tinha os ensinamentos de Tiago, o Justo, em alta conta, e acreditava que Jesus havia sido um grande mestre mas um homem comum, não um deus. Eles ainda se consideravam como judeus e acreditavam que Jesus tinha sido o Messias após sua "coroação" por João. Há registros que também mostram que eles odiavam a Paulo, a quem viam como o inimigo da verdade.

Por muito tempo depois da morte de Jesus e Tiago, os termos Ebionita e Nazoreano eram usados para significar a mesma coisa, e essas pessoas eram condenadas, sob ambos os nomes, como hereges pela Igreja de Roma. No entanto todos os descendentes da Igreja de Jerusalém, exceto o desvio Paulino, acreditava que Jesus tinha sido um homem e não um deus, portanto, é apenas o próprio e enfeitado Vaticano e seus seguidores que são os verdadeiros pagãos ou "hereges".

Robert foi criado em um meio social em que se falava o Galês, e sempre teve interesse nos celtas e na mitologia de seus ancestrais remotos. Ele foi sido criado no ensinamento de que o Cristianismo havia chegado originalmente à Irlanda desde Alexandria através da Espanha, possivelmente por volta de 200 d.C., e que o isolamento desse país da Europa romanizada permitiu que lá se desenvolvesse um tipo distinto de Cristianismo. Em 432 d.C. Patrício foi para a Irlanda e em algum ponto de sua vida começou a se dizer que ele havia naufragado nas costas do norte de Anglesey, onde ele buscou abrigo contra as tempestades na caverna de uma pequena ilha não muito longe de onde Robert hoje mora. A lenda conta que quando o santo eventualmente chegou à segurança da costa, ele construiu a Igreja de Uanbadrig, para agradecer a Deus por seu pronto resgate. Há uma outra igreja posterior dedicada a Patrício (Sant Padrig em Galês) na própria cidade. De acordo com as versões católicas da história ele supostamente estava vindo de Roma, mas essa lenda nunca encontrou eco com os estudiosos dos celtas, porque os escritos remanescentes de Patrício o mostram como tendo sido um seguidor da "heresia ariana", já que ele não acreditava no nascimento da Virgem nem que Jesus fosse mais do que simplesmente mortal!

Tais idéias foram ativamente perseguidas pela Igreja de Roma, mas essa igreja não tinha nenhum poder sobre os muitos reinos dentro da Irlanda, da Escócia e do norte da Inglaterra até o Sínodo de Whitby em 664. A tradição de São Patrício declara que ele introduziu o Cristianismo romano no país por volta do século V, mas o sistema de bispos com dioceses territoriais, modelado a partir do sistema administrativo do Império Romano, não existia nesse tempo. Essa versão da lenda parece ser uma tentativa típica feita pela Igreja Romana de seqüestrar um santo local já existente, mudando a sua história para que ela se adequasse à versão preferencial dos fatos. A verdade é que, durante os séculos V e VI, os monastérios irlandeses haviam se tornado grandes centros de aprendizado sob os auspícios da Igreja Celta, enviando missionários como os santos Colombo, litut e Dubricius até os confins celtas da Europa.

O que para a maior parte da Europa foi uma Idade das Trevas para a Irlanda foi um período de ouro, quando era o maior centro de conhecimento do mundo cristão. A arte religiosa, como, por exemplo, o *Cá/ice de Ardagh* e o *Livro de Kells* e outros manuscritos iluminados, floresceu ao lado de conquistas artísticas seculares e até pagãs, como *Broche de Tara* e o épico irlandês *Tain Bo Cuilange.*

A Igreja Celta se espalhou da Irlanda até o País de Gales, Escócia e norte da Inglaterra, e seus eremitas e sacerdotes construíram muitas igrejas pequenas nas partes mais selvagens do oeste da Grã-Bretanha. Essas não eram igrejas feitas para servir às necessidades de culto da população local, já que estudos geográficos modernos mostram que muitas dessas igrejas muito antigas estavam em lugares sem população alguma 111 . Elas eram, à semelhança de Qumran, centros isolados em meio à vida selvagem onde os religiosos poderiam refinar sua retidão, e conseqüentemente o fundador de cada um desses

monastérios ou conventos acabava por ser considerado um santo.

Muito cedo em nossas pesquisas havíamos percebido a importância da conexão entre os celtas e a teologia dos sumérios; nos referimos aos desenhos entrelaçados e enlaçados dos celtas que mostram uma forte relação com a arte do Oriente Médio. Como dissemos antes, a origem desses norte-europeus não oferece mais nenhuma dúvida, já que as análises do DNA de alguns celtas modernos encontrados em comunidades remotas, como esta em que Robert escolheu morar, mostraram identidade com alguns grupos tribais do norte da África. Além do mais, existe um âmago no pensamento celta que mostra uma afinidade natural com o Judaísmo, e, portanto, com o Cristianismo de Tiago, que veio das terras da Suméria, havendo fortes similaridades entre a religião da Suméria e as tradições celtas.

Ao ser-lhe contada a história de Jesus, um rei celta a aceitou imediatamente, dizendo que "o Cristianismo tem estado entre nós por mais de mil anos!" A nova religião se amalgamou com algumas das velhas crenças druidas e cresceu para cobrir a Irlanda, a Escócia, o País de Gales e boa parte do norte e sudoeste da Inglaterra. A Igreja Celta era bastante diferente do Cristianismo de estilo romano que havia varrido o resto da Europa. Ela não acreditava:

No Nascimento Virginal;
Na Divindade de Jesus;
Que o Novo Testamento superasse o Antigo Testamento;
Que o Pecado Original fosse inevitável mas sim que podia ser expiado através da vontade pessoal e das boas obras.

Mas mantinha:

A Tonsura Druida (a metade da frente da cabeça era raspada);
Uma data de Páscoa baseada na Lua Cheia e no Calendário Judeu.

Eventualmente, após cinqüenta anos de debate, a Igreja Romana oficialmente absorveu a Igreja Celta no Sínodo de Whitby em 664, mas as subcorrentes de pensamento Nazoreano continuaram a ferver por baixo da superfície católica e que, acreditamos, mais tarde criou um excelente berço para os renascidos ensinamentos de Jesus.

Apesar de haver fortes indícios que nos levavam a acreditar que o Cristianismo celta estava ligado à verdadeira Igreja (ou seja, ao movimento nazoreano), não conseguíamos explicar a pureza e os detalhes contidos nos rituais da Maçonaria. Foi neste ponto que, pela primeira vez, começamos a sentir que poderíamos ter chegado a um beco sem saída, sem nenhum movimento adiante. Essa sensação não durou mais que um dia ou dois, porque Robert conseguiu por as mãos em um livrinho muito revelador quando de sua visita a uma outra Loja. Verde e simples, não media mais do que dez centímetros por seis e meio, mas para nós valeu seu peso em ouro, várias vezes multiplicado.

Já passava da meia-noite quando Chris foi acordado pela campainha de sua casa, seguida por fortes batidas na porta. Sua irritação inicial logo se dissipou quando o conteúdo do livrinho sobre Maçonaria do Real Arco foi aberto. Essa edição particular havia sido feita em Londres em 1915 e, portanto, era anterior às mudanças que haviam sido feitas no Ritual do Santo Real Arco, graças a pressões sobre a Grande Loja que eram todas externas à Maçonaria. Aqui estava o ritual original, registrado antes que as recentes mudanças e inovações que foram levadas a cabo por homens que não compreendiam a importância da tradição com a qual estavam mexendo tão levianamente.

Nas páginas desse livro estava nada menos que a história completa e inalterada da descoberta dos pergaminhos do Templo!

Ele nos contava que o candidato a este grau é primeiramente testado sobre os assuntos dos primeiros três graus do Ofício antes de ser admitido ao espaço da Loja. A sala em que ele entra é muito diferente da Loja com a qual ele se acostumou através dos vários graus da Maçonaria Simbólica, e seus Oficiais não são o Venerável Mestre e seus dois Vigilantes, mas sim Três Principais. Eles formam o que se chama um Sinédrio, que é o nome judaico do conselho de anciãos do Segundo templo, representando a poderosa tríade de Sacerdote, Rei e Profeta. Eles declaram que seus nomes são só dos três principais que se reputa, segundo a Ordem, terem organizado a que é chamada a Terceira, ou Grande e Real Loja do Segundo Templo após o retorno do Cativeiro da Babilônia.

Continuando a ler, descobrimos que essa tríade era formada por Ageu, o Profeta, Josué, filho de Josedec, sumo-sacerdote e herdeiro das tradições de Aarão e dos Levitas, e Zorobabel, rei da linhagem real de David. As lojas anteriores haviam sido chamadas de Primeira ou Santa Loja, que foi aberta por Moisés, Aholiab e Bezaleel ao pé do Monte Horeb no Deserto do Sinai: e a Segunda ou Sagrada Loja formada por Salomão, rei de Israel, Hiram, rei de Tiro e Hiram Abiff no seio do Monte Moriá.

Lendo as palavras da estrutura do grau do Real Arco, nossas bocas foram se abrindo mais e mais. Se tivéssemos sabido desse Grau no início de nossos trabalhos o teríamos descartado como insensatez romântica, mas agora, à luz do que nosso trabalho nos ensinara, podíamos levá-lo profundamente a sério.

O Mestre Maçom que pretende ser "exaltado à Suprema Ordem do Santo Real Arco" deve primeiro ser testado respondendo às perguntas do 3° Grau da Ordem antes de receber o Toque e a Palavra de Passe (cujo significado é "meu povo tendo alcançado a misericórdia") que lhe permitem a entrada. O candidato veste seu avental de Mestre Maçom e é vendado, com um pedaço de corda atado à sua cintura. Antes que o candidato seja admitido em Loja (que neste Grau é chamada de Capítulo) o pedestal que terá grande destaque na seqüência da cerimônia é coberto. O candidato é questionado sobre suas razões para desejar ingressar no Capítulo e depois se pede que ajoelhe enquanto uma prece é proferida, rogando ao Todo Poderoso e Eterno Pai do Universo que abençoe os trabalhos e apóie o candidato através de toda a sua exaltação. O Primeiro Principal então se certifica de que o candidato acredita no Altíssimo Deus antes de pedir-lhe que avance em direção ao pedestal velado em uma seqüência de sete passos que imitam as ações de um Sacerdote de Yahweh ao se aproximar do Santo dos Santos no Primeiro Templo. Quando isso já foi feito, diz-se ao candidato que acaba de chegar ao alto de uma câmara abobadada que deve descer. Para que o faça é necessário que remova uma pedra chave, e então é colocado de joelhos enquanto Provérbios 2:1-9 e 3:13-20 lhe são lidos em voz alta.

O candidato é então informado de que precisa procurar na escuridão para ver se algo aí foi ocultado em segredo. Um pergaminho de pele de carneiro é colocado em suas mãos, e se lhe perguntam o que há nele, mas tem que responder que, estando privado da luz, não pode dizer.

Isso era incrível. Muito além de nossas mais loucas esperanças. Uma descrição clara, não apenas de uma escavação em uma câmara nas profundidades do Templo, mas uma descrição absolutamente acurada da descoberta de um manuscrito: não um tesouro, não um artefato, mas especificamente aquilo que havíamos predito - um manuscrito!

Continuando a ler descobrimos que o candidato é novamente "baixado" ao interior da câmara e Ageu 2: 1-9 é lido. Essa é uma passagem sobre a reconstrução do Templo e como tal, é a própria essência da Comunidade de Qumran. O último verso diz:

A Glória dessa última casa será maior que a da primeira, disse o Senhor das Hostes: e em seu lugar eu trarei paz (shalom) diz o Senhor das Hostes.

Nesse ponto o candidato é jurado e presta seu juramento tocando a Bíblia quatro vezes com seus lábios. A venda lhe é removida e se lhe ordena que leia o conteúdo do manuscrito que encontrou na câmara abobadada. O candidato então lê Gênese 1:1-3, após o que o Primeiro Principal diz:

Tais, Novo Companheiro Exaltado, são as primeiras palavras do Livro Sagrado, que contém os tesouros da vontade revelada de Deus. Que louvemos e engrandeçamos Seu Santo Nome por esse conhecimento de Si Próprio que Ele deu à nossa guarda, e caminhemos valorosamente nessa Luz que tem brilhado à nossa volta.

A cerimônia aparentemente continua com uma narrativa ritual da história de como esse manuscrito foi encontrado. *a* candidato deixa o Capítulo e retoma vestido como um Maçom do Real Arco: a ele se unem dois outros companheiros, e os três são "os três viajantes", conhecidos como os três Mestres Maçons da Babilônia: Shadrach, Neshech e Abednego. Ao entrar os três tomam parte em uma cerimônia conhecida como a Travessia dos Véus, que representa um Sacerdote do Templo Sagrado aproximando-se do Santo dos Santos no Templo de Salomão. Completo esse ritual, eles se apresentam ao Primeiro Principal, descrevendo-se como três Filhos do cativeiro que ouviram dizer que ele está por reconstruir o Templo em Jerusalém e pedem permissão para participar desse trabalho. O Primeiro Principal os questiona sobre suas origens, ao qual respondem que são da Babilônia e de nascimento nobre, des-

cendendo de uma raça de patriarcas e reis que foram levados ao cativeiro por Nabuzardan, Capitão da Guarda de Nabucodonosor, até serem libertados pelo rei Ciro da Pérsia. Ciro derrota os babilônios e emite uma proclamação:

O Senhor Deus dos Céus me deu todos os reinos da Terra; e Ele me encarregou de construir-Lhe uma casa em Jerusalém, que fica em Judá. Quem de vós faz parte de todo o seu povo? Seu Deus esteja com ele: e que vá para Jerusalém, que fica em Judá, e lá construa uma casa para o Senhor Deus de Israel (Ele que é Rei) que fica em Jerusalém.

Os viajantes explicam que tão logo ouviram isso, voltaram a Jerusalém para oferecer seus serviços.

Zorobabel então os congratula por seu nascimento nobre e os reconhece como irmãos de suas tribos antes de lhes perguntar como pretendem ser empregados. Os três respondem que estarão felizes em ser empregados em qualquer tarefa que Zorobabel lhes der a honra de escolher. Tomando isso como uma indicação de que devem ser qualificados para posições de importância, Zorobabel lhes diz que só restam posições menores para ser ocupadas, e que a eles será dada a tarefa de preparar as fundações para o mais santo dos lugares, para cuja execução lhes são dadas as ferramentas necessárias. Também são informados que, se durante a remoção das ruínas fizerem alguma descoberta importante devem comunicá-la a ninguém mais que os Três Principais que têm assento no Conselho. Os três viajantes mais uma vez saem do Capítulo.

Na próxima parte da cerimônia os três Maçons da Babilônia novamente pedem admissão ao Capítulo, trazendo com eles as notícias de uma importante descoberta que pedem permissão para dividir com o augusto Sinédrio. Uma vez admitidos o Primeiro Principal lhes pede que contem sua história, que é a seguinte:

Nesta manhã bem cedo, ao reiniciar nossos trabalhos, descobrimos um par de pilares de delicada beleza e simetria: continuando com nossa tarefa, descobrimos mais seis pares de beleza idêntica, os quais, de onde estávamos, pareciam ser os remanescentes da galeria subterrânea que levava ao Lugar Mais Sagrado: limpando os fragmentos e os dejetos que impediam nosso progresso, chegamos a alguma coisa que parecia ser rocha sólida, mas quando acidentalmente a toquei com minha ferramenta, produziu um som cavo. Então limpamos mais da terra solta e dos detritos, e descobrimos que em vez de rocha sólida havíamos encontrado uma série de pedras no formato de um arco, e estando conscientes de que o arquiteto da antiga estrutura não havia feito nenhuma parte dela em vão, nós pusemos a examiná-las, e para isso removemos duas das pedras, descobrindo um vão de considerável magnitude, e imediatamente tiramos à sorte quem de nós devia descer. A escolha recaiu sobre mim: e para que nenhum vapor nocivo ou outras causas pudessem tomar minha situação insegura, meus companheiros ataram uma corda à minha cintura, e eu fui lentamente descido através do vão.

Chegando a seu fundo, dei-lhes o sinal previamente combinado, e meus companheiros me deram mais linha, o que me permitiu atravessar o vão.

Eu então descobri alguma coisa na forma de um pedestal e percebi certas marcas e figuras nele gravadas, mas por falta de luz fui incapaz de perceber quais elas eram. Também encontrei esse pergaminho, mas pelos mesmos motivos fui incapaz de ler seu conteúdo. Portanto dei outro sinal pré-combinado, e fui erguido de dentro do vão, trazendo o manuscrito comigo. Então descobrimos logo na primeira frase que ele continha os registros da Mais Sagrada Lei, que foi promulgada por nosso Deus ao pé do Monte Sinai.

O precioso tesouro nos estimulou a novas buscas. Removemos outra pedra, e eu novamente fui descido ao vão da câmara. Neste momento o sol havia alcançado sua maior altitude, e brilhava em todo o seu esplendor, emitindo seus raios através da abertura, o que me permitiu distinguir aqueles objetos que eu antes havia imperfeitamente descoberto. No centro do vão vi um pedestal de puro e virgem mármore, com certos caracteres místicos nele gravados, e um véu cobrindo a face superior do altar. Me aproximando com respeito reverente, ergui o véu, e percebi aquilo que eu humildemente supus ser a própria Palavra Sagrada. Recoloquei o véu sobre o Pedestal Sagrado e fui novamente erguido através da abertura para fora do vão da câmara. Então fechamos a abertura, e corremos até aqui, para revelar a Vossas Excelências as descobertas que fizemos.

O momento exato das descobertas deve ter sido o meio-dia, a hora em que Seqenenre Tao estava em suas devoções finais a Amon-Rá, com o Sol em seu meridiano, como sempre se encontra para os Maçons. O momento é sem dúvida simbólico, mas o simbolismo é deveras intrigante.

Zorobabel então pede ao viajante que lhe diga qual era a palavra que ele encontrou, e recebe essa fascinante resposta:

Isso devemos pedir perdão por deixar de fazer porque com nossos ouvidos ouvimos dizer, assim como nossos ancestrais declararam que em seu tempo e no tempo antes deles não era legal para ninguém a não ser o Sumo Sacerdote pronunciar o nome do Verdadeiro e Vivo Altíssimo Senhor, e mesmo este apenas uma vez por ano, quando ele entrava sozinho no Santo dos Santos e ficava à frente da Arca da Aliança para fazer os propícios para os pecados de Israel.

Mais tarde na cerimônia é dada ao candidato uma explicação dessa palavra que é encontrada no pedestal. Dizem-lhe que:

É uma palavra composta e suas combinações formam a palavra Jah-Bul-On. Jah, a primeira parte, é o nome caldeu (sumério) de Deus, e significa sua essência e majestade incompreensíveis: também é uma palavra Hebraica que significa "eu sou" e "serei", expressando, portanto, a atual, futura e eterna existência do Altíssimo. Bul é uma palavra Assíria, significando Senhor ou Poderoso, e é ela mesma uma palavra composta significa em ou sobre, com Ul significando Céu ou Alturas, portanto, com o significado de Senhor nos Céus ou nas Alturas. On é uma palavra Egípcia, significando Pai de Tudo, e é também uma palavra Hebraica que indica Força ou Poder, e expressa a onipotência do Pai de todos nós. Todos os significados dessas palavras podem, portanto, reduzir-se a: EU Sou e Serei: Senhor dos Céus: Pai de Tudo.

Após passarmos horas digerindo o conteúdo desse livro tão revelador nos separamos pouco antes da madrugada, e Chris passou a maior parte da manhã seguinte ponderando sobre o que havíamos encontrado. Nosso obstáculo parecia haver-se transformado. Será que essa história do Real Arco vinha dos Templários? Não podíamos pensar em nenhuma outra explicação, e mesmo assim sentíamos a necessidade de controlar nosso entusiasmo.

Chris achou a explicação da palavra Jah-Bul-On um urdimento bastante interessante, mas sentiu que ela não estava sendo apuradamente explicada pelos Maçons do Real Arco. A primeira parte, "Jah", é a palavra Hebraica para seu deus, provavelmente em uma conexão suméria. Pode ser vista com esse significado na palavra Eliajah (Elias) que é na verdade Eli-Jah, significando "Yahweh é meu Deus" (El ou Eli sendo a antiga palavra para Deus). A segunda parte está foneticamente quase que completamente correta, mas normalmente seria escrita como Baal, o grande deus canaanita cujo nome na verdade significa "Senhor das Alturas". Tão longe quanto eu possa perceber a antiga palavra egípcia para Pai não era it, nem on, como diz o texto, mas On fora o nome original de Heliópolis, a cidade do deus-sol Rá, de onde ele veio para a existência a partir do nada antes que de ali criar a primeira Terra. Desse ponto de vista eu comecei a achar impossível aceitar a definição como se apresentava. Também era muito instrutivo notar que os gregos identificavam Baal com seu deus-sol Hélios e sua cidade, Heliópolis. No entanto, a definição final dessa corrente de palavras, dada como "Eu Sou e Serei, Senhor dos Céus, Pai de Tudo", parecia não fazer nenhum sentido. Minha sensação era a de que Jah-Bul-On era simplesmente o nome de três deuses, dos judeus, dos canaanitas e dos egípcios, todos os três conhecidos como O Altíssimo. Se isto estava verdadeiramente gravado em uma pedra encontrada no centro do Templo de Jerusalém, seus criadores devem deliberadamente ter amalgamado as três formas de Deus em uma única deidade.

É claro, a idéia de um único e o mesmo Deus sob muitos nomes não é uma coisa desconhecida - é o credo central da Maçonaria!

Novos significados estavam se tornando mais claros, mas de repente percebemos que a Maçonaria do Real Arco dar tantas explicações de seu próprio ritual indicava fortemente que a história não se originara entre os Maçons, e que ela teria chegado até eles sem que seu significado original tenha sido claramente explicado. A narrativa completa é feita como se aqueles que conduzem as escavações fossem judeus da Babilônia que cavassem sob as ruínas do Primeiro Templo, mas nós cremos que na verdade está

descrevendo as descobertas dos Cavaleiros Templários no terreno do Último Templo. Só pode se referir às ruínas do Templo de Herodes porque o tipo de arco descrito na cerimônia é uma combinação de pedras que se sustentam umas às outras por compressão formando uma curva estrutural que suporta grande carga, e que era desconhecida no tempo de Zorobabel. O arco curvo empregava pedras cortadas com precisão em forma de cunha, exigindo pouca ou nenhuma argamassa, e desde que esse tipo de arco com três pedras-chave tem um papel tão proeminente na cerimônia do Real Arco, é absolutamente certo que o cenário da história representada durante o ritual é o do Templo de Herodes, que foi construído usando princípios de engenharia romanos.

Agora sentíamos que essa lenda maçônica pode muito bem ter mantido viva a história de como os primeiros Templários, liderados por Hugues de Payen, haviam encontrado os manuscritos que levaram à criação de sua Ordem. A parte mais significativa dessa história é que, para obter acesso à câmara oculta, os "altamente treinados" pedreiros visitantes removeram as pedras-chave de um arco e então ficaram sob ele sem nenhuma maneira de escorar o resto do arco. Eles mostram grande preocupação com a possibilidade de serem envolvidos por vapores nocivos dentro de um espaço confinado a ponto de fazerem uso de uma corda de segurança, mas não se preocuparam de forma alguma com a devastação que tinham causado à integridade estrutural do teto. Essas não seriam as ações de pedreiros de nenhuma espécie, quanto mais as de "altamente treinados em arquitetura", mas faz muito sentido como o registro de uma turma de Cavaleiros caçadores de tesouros, buscando em câmaras subterrâneas abaixo das ruínas do Templo de Herodes.

Quando olhamos pela primeira vez a história dos Cavaleiros Templários, aprendemos que existem evidências de tais escavações, portanto decidimos buscar e encontrar mais detalhes sobre elas. Havíamos recentemente descoberto que uma duplicata do Manuscrito de Cobre qumraniano tinha sido depositada no *Shîth,* ou caverna, diretamente abaixo do Altar do Templo - a caverna que fora tampada com o bloco de mármore que tinha um anel em seu centro. Teria sido essa a pedra que os Templários ergueram para descer ao vão abaixo dela?

Os Templários bem podem ter sido as primeiras pessoas que escavaram debaixo do Templo de Jerusalém, mas não foram os últimos. Já mencionamos antes que um grupo de oficias do exército britânico em 1894, com um orçamento de apenas quinhentas libras, havia tentado mapear os subterrâneos abaixo das ruínas do Templo de Herodes. O contingente de Engenheiros Reais liderado pelo tenente Chades Wilson conduziu um excelente trabalho, sob condições muito adversas, e puderam confirmar que as câmaras e passagens sempre foram descobertas apoiadas em arcos com pedras-chave. Também confirmaram que não tinham sido os primeiros visitantes às galerias desses subterrâneos quando encontraram artefatos Templários abandonados setecentos e quarenta anos antes. Esses consistiam de parte de uma espada, uma espora, parte de um dardo ou lança, e uma pequena cruz Templária, que estão hoje sob a responsabilidade de Robert Brydon, o Arquivista Templário da Escócia. O ritual do Real Arco e as descobertas feitas por Wilson e seu grupo nos fizeram mais uma vez ficar noventa e nove por cento seguros de que nossa hipótese Templária estava correta, e então o golpe de sone nos deu o um por cento que transformou nossa hipótese em certeza.

Alguns anos antes, quando havíamos pela primeira vez desenvolvido a teoria de que os Cavaleiros Templários teriam encontrado alguma coisa sob as ruínas do Templo, havíamos encarado um abismo de mais de mil anos no passado, nos perguntando o que teria sido colocado ali para que eles encontrassem.

Agora havíamos reconstruído um passado de vários milênios, e tudo de que necessitávamos era de alguma prova real de que tivessem verdadeiramente sido os Cavaleiros liderados por Hugues de Payen que encontraram os manuscritos. E essa certeza caiu de uma prateleira bem no colo de Chris.

O Manuscrito da “Jerusalém Celestial”

Chris estava folheando os muitos livros de seu escritório procurando uma pequena referência técnica quando uma ilustração chamou a sua atenção. Lá estava alguma coisa tremendamente familiar, alguma coisa que fez correr um arrepio por sua espinha. O título dado era "A Jerusalém Celestial *circa 1200* d.C.", descrita como estando atualmente na Biblioteca da Universidade de Ghent. Quanto mais ele olhava para a ilustração, mais ele via. Ela mostrava a visão de uma Jerusalém reconstruída, só que essa não era uma representação artística: era um diagrama altamente simbólico, desenhado para conter

significado para todos aqueles que soubessem o que estavam procurando.

A cidade estilizada mostra doze torres: uma torre celestial principal, duas torres grandes nascendo só pilares centrais, três torres menores com seus próprios pilares, e seis torres no plano de fundo. As torres que se erguem diretamente dos pilares principais sustentam uma passagem em arco e a torre celestial central: ambas são identificadas com Jacó, ou, como o conhecemos - Tiago! Essa foi uma descoberta excitante, porque confirmava nossa intuição prévia de que Tiago havia se tomado os pilares mishpat e tsedeq depois da morte de Jesus. Como ambos os pilares real e sacerdotal combinados, Tiago havia adotado o papel conjunto de messias duplo que seu irmão havia originalmente criado.

Por mais importante que essa confirmação da posição de Tiago fosse, não foi exatamente isso o que chamou a atenção de Chris: os motivos mais impactantes em todo o desenho eram claríssimos - três esquadros e compassos maçônicos!

Chris precisava saber mais sobre a origem desse fantástico manuscrito e rapidamente contatou o dr. Martine de Reu, conservador de manuscritos e livros raros da Universite its bibliotheek, que forneceu a fundamentação para esse manuscrito que poucas dúvidas deixou quanto ao fato de estarmos olhando para uma cópia de um dos manuscritos enterrados pela Igreja de Tiago e encontrado pelos Templários.

A informação dada pelo dr. de Reu que parou nossos corações, e caiu exatamente no centro da história que vínhamos desdobrando. Não se conhece mais a história completa desse manuscrito, mas nossa pesquisa certamente preenchia as lacunas. Podíamos agora articular de forma precisa a nossa pesquisa e a história conhecida do Manuscrito de Jerusalém:

Por volta de 1119 d.C. Hugues de Payen e seu pequeno grupo de arqueólogos primitivos abriram um vão abaixo dos restos do Templo de Herodes em Jerusalém, e encontraram os manuscritos secretos da Comunidade de Qumran, que estavam escritos em grego, aramaico ou em uma combinação de ambos.

Tivessem eles sido escritos em francês não faria diferença nenhuma, porque esses cavaleiros eram completamente analfabetos: no entanto nada tinham de estúpidos. Sabiam ter encontrado alguma coisa de extrema importância e que era provavelmente muito sagrada, portanto, decidiram traduzi-la. Os nove sentaram e ponderaram sobre quem seria capaz de entender os estranhos escritos e, mais ainda, em quem poderiam confiar para não interferir em seu trabalho nem ser indiscreto sobre ele. O homem com a solução foi Geoffroy de Saint-Omer, o segundo no comando depois de Hugues de Payen, Geoffroy conhecia um velho cônego por nome Lamberto, que era um mestre-escola aposentado do Capítulo de Nossa Virgem em Saint-Omer, o mais sábio e mais erudito homem imaginável, e que havia investido muitos anos na compilação de uma enciclopédia do conhecimento humano.

Geoffroy de Saint-Omer juntou uma seleção de manuscritos para a longa viagem de volta à sua terra natal. Satisfazendo as expectativas, Lamberto compreendeu a maior parte do que leu. O velho deve ter ficado embasbacado de alegria ao ver documentos tão fabulosos nos últimos anos de sua vida. Ele veio a morrer em 1121, desgraçadamente sem completar sua enciclopédia.

Hoje em dia, um dos mais famosos trabalhos de Lamberto de Saint-Omer é uma cópia apressada de um desenho que mostra a Jerusalém Celestial. Ela mostra que os dois pilares dessa Jerusalém Celestial são chamados de "Jacó", aparentemente mostrando João, o Batista, como seu fundador. Não há nenhuma menção a Jesus nesse assim-chamado "documento cristão". Não é uma imagem ordinária, e acreditamos que só possa ter vindo de um lugar: os porões do Templo de Herodes. O simbolismo nela encontrado é extremamente maçônico e confirma que Tiago era os dois pilares dos nazoreanos!

A cópia de Lamberto foi obviamente produzida às pressas, como se lhe tivesse sido dado pouquíssimo tempo para isso. Podemos imaginar Lamberto pedindo a Geoffroy a oportunidade de copiar o manuscrito em troca da tradução e da explicação de seu conteúdo, mas o Templário estava ansioso para retomar à Terra Santa. As marcas da pena mostram sinais de extrema pressa e há vários erros de traçado que ressaltam do desenho, indicando que o copista foi obrigado a trabalhar em uma velocidade bastante desconfortável.

O documento tem data de pelo menos quinhentos anos antes que o uso maçônico do esquadro e do compasso fosse empregado oficialmente pela primeira vez, e ainda assim apresenta a característica dominante das imagens dos edifícios que são compostos por eles. Não há lugar para enganos, porque não existe nenhuma razão para que os esquadros estejam colocados nessa gravura. Isso nos informa que este símbolo da Maçonaria já deve ter sido usado pela Igreja de Jerusalém. Na cópia de Lamberto ele escreveu em latim os nomes dos doze pilares da Cidade Mística, e podemos ver Jacó (fiago) em ambos os pilares e Sião (Israel) sobre o arco que esses pilares apóiam. Cremos que esse uso duplo de Tiago date a criação do

manuscrito original nos dezenove anos entre a crucificação de Jesus e o apedrejamento de Tiago.

A ilustração mostra três imensos esquadros incongruentemente enfiados dentro de balcões com os compassos que os acompanham colocados diretamente sobre eles no ápice de cada torre. Este trio está atrás dos pilares gêmeos de Tiago, indicando sua posição subalterna a ele. São denominados, apesar de não conseguirmos decifrar o nome da torre da mão esquerda, como André, à direita e Pedro, no do centro.

Infelizmente para a Igreja Católica e sua alegação de serem descendentes diretos da autoridade de Jesus através de Pedro, esse manuscrito confirma claramente que Tiago era o líder da Igreja de Jerusalém e que Pedro era uma pessoa importante, mas secundária.

O alinhamento das três torres, cada um com seu esquadro e compasso, está totalmente afinado com a Maçonaria moderna, por haver três figuraschave em cada Loja - o Venerável Mestre e seus dois Vigilantes - que representam o Sol (Rá), a Lua (Thot) e o Venerável Mestre da Loja.

Existe uma última indicação de que os manuscritos foram encontrados pelos Templários no Templo de Jerusalém, e que vem do próprio manual maçônico, quando o assunto dos segredos perdidos da Maçonaria é discutido entre o Venerável e seus dois Vigilantes:

- Irmão Segundo Vigilante, por que deixar o leste para ir para o oeste?
- Em busca daquilo que foi perdido, Venerável Mestre.
- Irmão Primeiro Vigilante, o que foi perdido?
- Os verdadeiros segredos de um Mestre Maçom, Venerável Mestre.
- Irmão Segundo Vigilante, como eles vieram a ser perdidos?
- Pela inesperada morte de nosso Grão-Mestre, Hiram Abiff, Venerável Mestre.
- Irmão Primeiro Vigilante, como esperamos encontrá-los?
- Pelo centro, Venerável Mestre.
- Irmão Segundo Vigilante, o que é um centro?
- É aquele ponto dentro de um circulo do qual todas as partes de a circunferência estão eqüidistantes.

Essas palavras são completamente sem sentido para a maioria dos Maçons que as repete vez após vez, mas para nós agora elas revelam tudo. No tempo das Cruzadas todo cartógrafo da cristandade produzia mapas que tinham Jerusalém como centro do mundo. O Templo estava no centro da velha cidade, e no próprio centro do Templo estava o Santo dos Santos. Os dois pilares mostrados no desenho de Lamberto também estão no centro da Nova Jerusalém, o lugar exato em que os segredos de Jesus e Moisés foram encontrados: para os Templários era inquestionavelmente o ponto mais central da Terra.

Estávamos rapidamente aprendendo coisas novas, e havíamos estabelecido o hábito de voltar ao material prévio de vez em quando para ver se nosso maior entendimento produziria novas compreensões.

Foi baseado nisso que relemos algumas das traduções dos Manuscritos do Mar Morto produzidos por Robert Eisenman, e descobrimos que o conceito de uma "Jerusalém Celestial" ou de uma "Nova Jerusalém" fora descoberto em manuscritos de cinco cavernas diferentes de Qumran, todos baseados nas visões de Ezequiel, nas quais a cidade nova é descrita em detalhes com mil e quinhentas torres, cada uma delas com trinta metros de altura.

Como todos os graus maçônicos, o Real Arco também tem uma "prancha de traçar" que é uma compilação visual dos assuntos e conteúdos da Ordem. Nesta se pode ver imediatamente que é toda sobre a escavação do Templo. Ao fundo, podemos ver Jerusalém e as ruínas do Templo espalhadas, e em primeiro plano, a entrada escavada para o subterrâneo, que fica abaixo dele. Dentro de um painel central há sete degraus que sobem até um pavimento quadriculado no qual existem ferramentas de escavar assim como de construção, um esquadro e compasso e um pergaminho. Em toda a volta desse painel estão os estandartes das doze tribos de Israel e, ao alto, aqueles que são considerados como importantes insígnias de Judá (um leão com uma coroa real), Ruben (um homem), Efraim (um boi) e Dan (uma águia).

Com a descoberta do Manuscrito da Jerusalém Celestial e a história relatada no Grau do Real Arco, estávamos agora certíssimos de que os Templários haviam encontrado os segredos de sua Ordem inscritos sobre os manuscritos enterrados pelos Nazoreanos e que eles conduziam cerimônias de iniciação baseadas na ressurreição em vida, como executada por Jesus.

O Impacto dos Manuscritos Nazoreanos

Os nove Cavaleiros que descobriram os manuscritos Nazoreanos encontraram um tesouro muito maior que seus sonhos, mas era um tesouro que não poderiam partilhar com todo o mundo. A descoberta teve um impacto imediato em seu país natal, a França. Foram necessárias várias décadas até que a Ordem estabelecida por Hugues de Payen e seus companheiros fundadores em 1118 se tornasse uma das mais poderosas forças da Cristandade. Em quinze anos, no entanto, algo de muito extraordinário começou a acontecer na França.

Em apenas um século a partir de 1170 não menos que oitenta catedrais e quase quinhentas abadias foram erguidas, e isso apenas no território francês, envolvendo mais trabalho de pedreiro que tudo o que fora erguido no Antigo Egitol14. Esses edifícios foram erguidos segundo novos planos em escala nunca dantes vista. Um exemplo clássico desses superedifícios é a Catedral de Chartres, que se ergue para o céu em uma composição de pilares ornados e vidro. Os pedreiros deste edifício e outros ao redor do país eram dirigidos pelos Cavaleiros Templários, cuja missão era descrita como sendo "a reconstrução de Jerusa-lém" em um novo e glorioso estilo arquitetônico de pilares, torres e espirais direcionadas para o céu.

Antes disso, não se encontra nenhuma explicação prévia do motivo pelo qual os Templários se haviam tornado mestres construtores de uma Jerusalém celestial em seu próprio país, mas agora tudo subitamente fazia sentido para nós. As instruções que os nove Cavaleiros recuperaram dos subterrâneos do Templo de Jerusalém haviam sido lá deixadas pelos Nazoreanos imediatamente antes de terem falhado em sua missão de construir o Céu na Terra. Tiago e seus seguidores morreram sem trazer o Reino dos Céus que Jesus havia prometido a *seus* seguidores, mas haviam deixado uma mensagem muito clara dentro deles.

Os manuscritos Nazoreanos não podiam ter sido encontrados por gente mais positiva. Os Templários tomaram os antigos segredos maçônicos inspirados por Ma'at de Jesus e Tiago para seus próprios propósitos iniciáticos e começaram a dar ao mundo um novo e sublime nível de Maçonaria Operativa. A ressurreição estava a todo vapor!

Da descoberta do manuscrito da Jerusalém Celestial, e outros agora perdidos, aprendemos que os Templários se haviam tornado mestres tanto da Maçonaria Operativa quanto da Especulativa. Agora precisávamos explorar a destruição dos Templários para entender como um remanescente da Ordem se transformou nisso que se tornou a Maçonaria moderna.

Conclusão

Estudando a Igreja Celta havíamos descoberto que ela diferia muito da variedade romana de Cristianismo, já que rejeitava certos pontos centrais tais como a virgindade de Maria e a divindade de Jesus. Apesar da Igreja Celta ter sido absorvida à força pela Igreja Romana nomeio do século VII, acreditamos que muito de seu antigo pensamento sobreviveu como uma corrente subterrânea que tornou a Escócia altamente receptiva ao pensamento Nazoreano quando os Templários eventualmente lá chegaram.

Encontrar o ritual original do Grau do Real Arco da Maçonaria foi um divisor de águas, já que nos forneceu a história completa da descoberta dos manuscritos. Um problema que ainda tínhamos sem solução era porque descrevia eventos como tendo acontecido no Templo de Zorobabel, em vez de no Templo de Herodes. Não havia dúvida em nossas mentes de que o ritual se referia à descoberta feita pelos Cavaleiros Templários no início do século XII, porque pedras-centrais e câmaras em arco não haviam sido inventadas antes do período romano.

A imagem usada na "prancha de traçar" do grau nos mostrou em detalhes a escavação do Templo e a aparência do vão em arco abaixo dos detritos que ocultavam os manuscritos. Ao fundo pudemos ver Jerusalém e as ruínas do Templo.

Continuaríamos com nossas pesquisas, esperando que uma explicação para esse paradoxo ainda seria trazida pelo tempo. A despeito desse pequeno problema, agora já entendíamos como essa lenda maçônica pode ter mantido viva a história de como os primeiros Templários, sob Hugues de Payen, haviam encontrado os manuscritos que levaram à criação da Ordem.

A identificação da Jerusalém Celestial em uma cópia de um dos manuscritos levados por Geoffroy de Saint-Omer para Lambertoo no Capítulo de Nossa Senhora em Saint-Omer, foi outra descoberta magnífica. O uso do esquadro e compasso maçônicos nesse desenho é gritante, e a identificação de Tiago como os dois pilares principais da Nova Jerusalém confirmou nossas deduções anteriores.

Capítulo Quatorze

A Verdade Vem à Tona

A Profecia se Torna Verdade

Em nossa viagem através da literatura pós-guerras judaicas encontramos uma crença generalizada, conhecida como "Bereshit Rabbai", de que o poder da profecia retornaria a Israel no ano de 1210, e que logo depois o Messias surgiria de seu esconderijo na Grande Sé de Roma. E isso, para nossa grande surpresa, é o que parece ter acontecido.

Em 1244, apenas trinta e quatro anos após a data marcada para o poder da profecia estar de volta a Israel, uma criança nasceu de uma família de pequenos aristocratas no leste da França: seu nome era Jacques (Tiago) de Molay. O jovem cavaleiro tinha a clara consciência de uma missão, e juntou-se aos cavaleiros Templários na idade mais tenra permitida - vinte e um anos. Ele se deu bem por ali, e desenvolveu uma reputação para a organização sustentada na disciplina rigorosa, chegando a Mestre do Templo na Inglaterra antes de ser elevado a Grande Marechal, com a responsabilidade da liderança militar da Ordem. Quando Tibauld Gaudin, o Grão-Mestre dos Templários, morreu em 1292, poucas pessoas se surpreenderam quando Molay foi eleito para esse alto posto.

Nessa época os Templários já haviam perdido o controle da Terra Santa para os mamelucos muçulmanos que haviam tomado Acre no ano anterior, portanto, levando o Reino de Jerusalém mais ou um menos a seu fim. No entanto, Molay ainda era um homem imensamente poderoso, controlando um grande número de propriedades através de toda a Europa, assim como um excelente exército, uma substanciosa armada naval e um sindicato internacional de bancos e casas de comércio. De seu humilde início cento e setenta e quatro anos antes, quando Hugues de Payen e seu pequeno bando de cavaleiros começaram a cavar sob as ruínas do Templo, a Ordem havia se tornado sem dúvida a mais poderosa força da Cristandade, rivalizando-se com, ou mesmo superando, o próprio Vaticano. Temos fortes suspeitas de que os primeiros Templários conseguiram encontrar o ouro, a prata e os outros tesouros escondidos pelos judeus quando da aproximação dos romanos na guerra de 66-70, já que a velocidade do desenvolvimento de sua riqueza e influência parece grande demais para ser o resultado de um simples crescimento orgânico. Parece razoável que, caso eles tenham encontrado tais tesouros, não tenham contado isso a ninguém e que, portanto, não haja registros históricos do fato.

Tão logo Molay subiu ao poder ele reimpôs a necessidade da completa observância de todas as regras e a disciplina absoluta em toda a Ordem. Sendo ele mesmo um analfabeto completo, proibiu que os outros cavaleiros perdessem tempo com leituras, deixando essa tarefa para os clérigos da Ordem.

Os Templários se reportavam diretamente ao papa, mas eram uma Ordem de origem francesa com a maioria de suas ligações naquele país. Nesse tempo, a França tinha um rei particularmente vaidoso e ambicioso em Filipe IV; conhecido como Filipe, o Belo, que procurava manipular o papa para alcançar seus próprios fins. Mas Bonifácio VIII não era um homem que pudesse ser manobrado com facilidade. Os dois entraram em conflito quando o papa recusou dar permissão a Filipe para cobrar imposto da Igreja de França, e em 1302 Bonifácio declarou que "o espiritual vale mais que o temporal", e que "opor-se ao papa é opor-se ao próprio Deus". Filipe anunciou ao mundo que Bonifácio não estava preparado para sentar-se sobre "o Trono de Pedro", acusando o Pontífice de todos os crimes imagináveis, inclusive os de blasfêmia, heresia, assassinato e até sodomia. Seu desejo de prejudicar o papa não conhecia fronteiras e ele foi aos extremos da credulidade medieval, quando deu a público a acusação de que Bonifácio tinha tido uma relação sexual secreta com um demônio que vivia em seu anel papal. Não foi surpresa que o papa se irritasse e respondesse pela imposição do mais alto grau de excomunhão pessoal sobre Filipe, em vez de sobre seu reino. No entanto, o rei conseguiu ganhar apoios substanciais através da França e Bonifácio respondeu com uma ameaça de proclamar o país como em estado de "interdição", que mesmo não sendo tão terrível quanto a excomunhão nacional, era um estado de coisas bastante desagradável.

Enquanto uma tal "interdição" estivesse em curso, o povo de França não seria batizado, não receberia a comunhão, a absolvição nem seria enterrado com todos os ritos cristãos.

Filipe sabia que tal sanção o derrubaria do trono, e enviou seus bandoleiros para "fazer ao papa uma oferta que ele não pudesse recusar", A 8 de setembro de 1303, Guilherme de Norgaret e seu grupo entraram no Palácio de Agnani, na Itália, prendendo o idoso papa, abusando dele e ameaçando-o com grandes danos. Os homens de Filipe não foram capazes de escapar levando o papa, e sabiam que matá-lo seria fatal para suas próprias existências, portanto, partiram proferindo terríveis ameaças. Bonifácio nunca

se recuperou desses acontecimentos e morreu cinco semanas mais tarde, alguns dizem que pelas mãos de Filipe por causa das conseqüências do ataque.

O novo papa, Benedito XI, começou seu papado usando um tom amigável para com Filipe, mas assim que o rei de França começou a ampliar as suas exigências, o relacionamento rapidamente azedou, a ponto do papa ter acusado Filipe publicamente pelo ataque a Bonifácio em Agnani. E breve Benedito morria envenenado pelas mãos de Filipe, o Belo. O rei efetivamente escolheu seu substituto - um certo Bernardo de Goth, arcebispo de Bordeaux. Ele era um inimigo jurado do rei, mas profundamente controlável, porque seu desejo pelo Trono de Pedro era muito maior que seu desagrado com Filipe. E subitamente, no ano de 1305, o rei de França tinha controle sobre o Vigário de Cristo e, portanto, sobre toda a Cristandade Ocidental. Bastante insolvente, Filipe imediatamente impôs uma taxa de dez por cento sobre os ganhos brutos do clero francês. Quatro anos mais tarde o papa marionete efetivamente transferiu a sede do poder papal de Roma para Avignon, uma situação que durou pelos próximos três quartos de século.

Com a escolha de um papa mais controlável na figura de Clemente V, Filipe, o Belo, tinha agora o poder que queria, só que precisava de muito dinheiro. Guilherme de Norgaret, que ainda era bandoleiro do rei, era um sujeito muito esperto e perpetrou um ato de grande roubo em beneficio do rei, tão bem urdido quanto perverso. Depois de muito planejamento extremamente cuidadoso e especializado, as tropas do rei se moveram em pequenos grupos através do país na manhã de 22 de julho de 1306, prendendo todos os judeus da França. Logo após os desafortunados judeus foram mandados para o exílio - naturalmente sem suas propriedades, que foram imediatamente transferidas para a Coroa.

Não há espanto, portanto, em saber que esse cobiçoso rei a seguir tenha voltado sua atenção para o Mestre Templário, Jacques de Molay, e toda a riqueza do Templo de Paris, suas propriedades e interesses de negócios através do país. Não obstante, nem mesmo Filipe podia esperar dar-se bem com seu esquema de pirataria declarada contra uma Ordem de tal importância. Os Cavaleiros Templários não respondiam a ninguém a não ser o papa, e estavam acima das leis de todos os países. O rei, no entanto, era um homem de muitos expedientes quando o assunto era aumentar sua riqueza e poder, portanto, se pôs a criar as circunstâncias necessárias para que seu plano se realizasse sem interferências.

A crença de que os Templários praticavam rituais estranhos já era uma suspeita desde os primeiros tempos da Ordem, mas como a mais poderosa e respeitada força da Cristandade havia ficado sempre imunes a toda sorte de especulações sérias. Desafortunadamente o próprio segredo de seus procedimentos mostrou ser uma excelente razão para que acusações falsas fossem encaradas como dignas de credibilidade. Um plano para destruir os Templários e apossar-se de suas riquezas foi cuidadosamente elaborado por Guilherme de Norgaret.

Ele deve ter tido pelo menos um espião plantado dentro da Ordem Templária, relatando a natureza dos rituais secretos dos Templários. Ainda assim, apenas essa informação não seria sensacional o bastante para derrubar a Ordem mais respeitada do mundo, permitindo que Filipe se apossasse de sua riqueza. Portanto, para compensar a ausência de informações, Norgaret simplesmente produziu a "descoberta" de novas informações. Testemunhas falsas vazaram a história de atividades viciosas, e no devido tempo o rei Filipe se sentiu "obrigado" a informar o papa sobre essa situação tão séria.

O rei sabia que a rivalidade entre as duas mais importantes Ordens da Cavalaria, os Templários e os Hospitalários, era profunda e muito ampla, daí ter sugerido ao papa Clemente que escrevesse ao Grão-Mestre de ambas, convidando-os para uma reunião em que discutiriam um plano para apoiar os reis da Armênia e de Chipre. Não era segredo para ninguém que o papa tinha idéias de amalgamar os Cavaleiros do Templo de Salomão e os Cavaleiros do Hospital de São João de Jerusalém em uma única Ordem, chamada de Cavaleiros de Jerusalém, e Molay certamente acreditou que essa fosse a verdadeira pauta da reunião. Tal amálgama, em sua opinião, estava fora de questão, e ele deve ter sentido que dado o poder e a riqueza dos Templários poderia facilmente impedir um casamento tão indesejado. Por outro lado, como aparentava, o papa provavelmente forçaria a realização dessa junção: ele já havia declarado sua preferência pelos Hospitalários para ocupar o papel principal. Enquanto isso, o rei Filipe não conseguia convencer ninguém de que seu plano para tornar-se o líder da Ordem conjunta era a melhor solução.

Guilherme de Villaret, o Grão-Mestre dos Hospitalários, foi incapaz de comparecer ao encontro por estar profundamente ocupado com um ataque dos Sarracenos em Rodes. Molay, que estava em Limassol, Chipre, ao receber a ordem papal para viajar até a França para um encontro com o papa, formou o grupo de sessenta cavaleiros, colocou em sua bagagem 50.000 florins de ouro e velejou para Marselha.

Molay tinha todo o direito de esperar uma recepção magnífica por parte do rei Filipe, o Belo, já que os Templários lhe haviam prestado muitos e excelentes serviços. Foram eles que emprestaram ao rei o dinheiro que ele precisou para o dote de sua filha, a princesa Isabela, e o Templo de Paris sempre concedeu refugio ao Rei em todas as ocasiões em que alguma revolta pública saiu de controle.

Pessoalmente, o Grão-Mestre deve ter sentido que o rei era um verdadeiro amigo, por ter pedido a Molay que lhe desse a honra de ser padrinho de seu filho, Roberto.

Suspeitando de que o papa traria à baila o assunto da amalgama com os Hospitalários, Molay havia tomado a precaução de trazer consigo o rascunho de um documento que defendia a continuidade da independência de sua Ordem. Intitulado *De Unione Templi et Hospitalis Ordinum ad Clementem Papam Jacobi de Molayo Relentio,* esse documento foi apresentado ao papa em Poitiers. Tão logo Molay chegou a Paris foi recebido com honras pelo rei, mas o Grão-Mestre começou a ficar profundamente preocupado com os rumores que estavam se espalhando sobre os "mal feitos" dos Templários.

O projeto de Guilherme de Norgaret era tomar toda a Ordem dos Templários em custódia simultaneamente. Considerando que havia somente em França quinze mil Templários nessa época, a tarefa era considerável - mas de Norgaret tinha excelente experiência e previa fazer prisões simultâneas em massa, quando havia prendido toda a comunidade judaica. A data da prisão dos Templários foi marcada para sexta-feira 13 de outubro de 1307. Ordens seladas foram enviadas a todos os senescais reais três semanas antes da data, com instruções precisas para não serem abertas antes de quinta-feira 12 de outubro. As ordens se iniciavam com uma frase poderosamente escrita, ainda que muito longa, destinada a superar quaisquer relutâncias que os senescais pudessem ter em executar o arresto de cavaleiros tão famosos:

Uma coisa difícil, uma coisa lamentável, uma coisa horrível de pensar e terrível de ouvir, um crime detestável, um malfeito execrável, um trabalho abominável, uma desgraça detestável, uma coisa completamente inumana, estranha a toda a humanidade, graças aos relatórios de várias pessoas dignas de fé, alcançara, nossos ouvidos, não sem nos derrubar ao chão com grande espanto e causando-nos violentos tremores de horror e, ao considerarmos sua gravidade uma dor imensa nasce dentro de nós, ainda mais cruel porque não existe nenhuma dúvida de que a enormidade do crime supera em muito o fato de ser uma ofensa à divina majestade, uma vergonha para a humanidade, um exemplo pernicioso do Mal e um escândalo universal.

As acusações principais foram feitas a partir do testemunho de um ex Templário, Squimn de Flexian, e eram:

Todos os Templários ao serem admitidos juram nunca deixar a Ordem e ampliar seus interesse por todos os meios possíveis, certos ou errados.

Que os líderes da Ordem estão em aliança secreta com os Sarracenos e que possuem mais infidelidade Maometana que fé cristã, sendo cada noviço ordenado a cuspir e pisar sobre a Cruz.

Os líderes da Ordem são hereges, cruéis e sacrílegos que matam e aprisionam qualquer noviço que, descobrindo a iniqüidade da ordem, tenta deixá-la. E além do mais ainda ensinam a mulheres que ficam grávidas deles mesmos a procurar aborto e secretamente matar seus filhos recém-nascidos.

Que estão infectados com os erros dos Fratecelli: eles desprezam o papa e a autoridade da Igreja e fazem pouco dos Sacramentos, especialmente os da penitência e confissão. Que são viciados nos mais infames excessos do deboche carnal. Se alguém expressa sua repugnância é punido com o cativeiro perpétuo.

Que as casas templárias são receptáculos de todo crime e abominação que possam ser cometidos.

Que a Ordem trabalha para colocar a Terra Santa nas mãos dos Sarracenos.

Que o Mestre é instalado em segredo e que poucos dos irmãos mais jovens estão presentes e que ele repudia a sua fé cristã fazendo o contrário do que é direito.

Que muitos estatutos da Ordem são ilegais, profanos e contrários à Cristandade. Sendo seus membros proibidos, sob as dores do confinamento perpétuo, a revelá-las a quem quer que seja.

Que nenhum vício nem crime cometido pela honra ou beneficio da Ordem é considerado como pecado.

A prisão de quinze mil Templários, incluindo Jacques de Molay, foi completada na manhã do dia 13. A principal falsa testemunha foi Plexian que havia sido expulso da Ordem com base em heresia e outras ofensas. Junto com um florentino chamado Noffo Dei, apresentou evidências contra a Ordem em troca de um perdão e de sua soltura da prisão. A Inquisição teve ordens para extrair confissões e que nenhuma tortura devia ser deixada de lado para avançar rumo a esse objetivo. Esses torturadores treinados geralmente eram peritos em infligir o máximo de dor sem verdadeiramente matar suas vítimas: apenas trinta e seis Templários morreram na área de Paris durante os primeiros estágios dos interrogatórios. Com o enorme influxo de prisioneiros a Inquisição teve que fazer arranjos especiais, já que não havia nem masmorras nem instrumentos de tortura suficientes para que pudessem trabalhar. Mas eram homens muito imaginativos e rapidamente tiveram novas e inventivas idéias para extrair confissões.

Um bom exemplo disso é o "forno de pés", que requeria uma simples plataforma onde se amarrava o prisioneiro, um pouco de óleo para seus pés e um braseiro. Esse instrumento fácil de fazer provou ser extremamente efetivo no convencimento de Templários a dizer a "verdade" à Inquisição. Um homem foi carregado até a Corte para confessar, carregando uma caixa onde estavam os ossos escurecidos que haviam caído de seus pés enquanto tostavam no braseiro.

A despeito dos melhores esforços da Inquisição as confissões estavam sendo produzidas muito lentamente, ainda que fossem o bastante para horrorizar o público quando sabiam que os antes proeminentes Templários admitiam haver negado a Deus, a Cristo, e à Virgem Maria, e que durante sua iniciação haviam dado o *oscu/um infame*, ou seja, "o beijo da vergonha", que consistia em beijar o iniciador na boca, umbigo, pênis e nádegas.

Com o benefício do conhecimento corrente é fácil desqualificar essas acusações tão sem sentido como sendo o produto da imaginação dos acusadores, mas algumas das confissões que emergiram têm que ser levadas muito mais a sério.

Muitos países foram lentos na perseguição aos Templários, apesar das ordens papais de que todos os membros da Ordem deveriam ser presos e interrogados: Portugal, Irlanda, Escócia e Inglaterra estavam entre aqueles que não se sentiam satisfeitos em levar avante estas ordens. Na Inglaterra, o rei Eduardo II eventualmente concordou em obedecer ao comando papal, mas seus torturadores não tiveram muito sucesso e a Inquisição de Paris se ofereceu para ajudá-los, colocando no ofício homens que tinham talentos mais desenvolvidos e um gosto especial por seu trabalho. Em junho de 1311, a Inquisição Inglesa deu de encontro com interessantes informações por parte de um Templário chamado Estevão de Strapelbrugge, que admitiu ter sido informado, em sua iniciação, que Jesus fora um homem e não um deus.

Outro Templário de nome João de Stokes afirmou que Jacques de Molay o instruíra de que devia saber que Jesus não era mais que um homem, e que ele deveria acreditar no "grande e onipotente Deus, que foi o arquiteto do Céu e da Terra, e não na crucificação". Isso surpreendeu um grande número de peritos, porque a declaração não combina com nenhuma crença teológica da época, inclusive a da seita herética dos Cátaros, que provavelmente teriam tido contato com a Ordem. Claro está que isso não nos surpreendeu, pois as palavras são quase que exatamente o que esperaríamos ouvir de um homem que tivesse sido iniciado em uma Ordem Nazoreana tardia, baseada nas mensagens de Tiago da Igreja de Jerusalém tais como encontradas nos manuscritos do Templo. A visão expressa pelo Grão-Mestre vem dos verdadeiros ensinamentos de Jesus e predata o culto Paulino da "crucificação" que havia sido adotado pelos romanos. Essas visões atribuídas ao Grão-Mestre parecem soar verdadeiras: elas não apenas rejeitam a Jesus - elas simplesmente recordam às pessoas que só existe um Deus, um Ser Supremo. Parece certo que tais pensamentos tenham vindo diretamente da Igreja de Tiago, onde os ensinamentos de Jesus eram reverenciados, mas na qual a crucificação era considerada um poderoso símbolo de "fidelidade até a morte", aos moldes de Hiram Abiff: nada mais. A cruz para os Templários era a marca do martírio, em vez da fonte de magia que o culto Paulino da "crucificação" acreditava que fosse.

De toda a informação que acumulamos em nossas pesquisas, sentimos fortemente que enquanto os Cavaleiros de postos mais altos podem ter tido pontos de vista radicalmente atípicos sobre a divindade de Jesus Cristo, os Templários foram, durante toda a sua existência, uma fiel Ordem católica. No meio do século XIII sua riqueza, posses, força armada e separação de Roma teriam permitido que estabelecessem um novo tipo de Cristianismo se esse tivesse sido o seu desejo.

Estavam claramente satisfeitos, preservando seu conhecimento especial para si próprios e

conduzindo suas próprias cerimônias secretas que, como os Maçons modernos, consideravam ser complementares à sua fé cristã.

Os Cavaleiros Templários foram traídos por uma Igreja e um papa a quem haviam servido bem.

A Crucificação

Que Jacques de Molay foi horrivelmente torturado não há dúvida, porque esse poderoso guerreiro quebrou e confessou crimes que nunca cometeu, apesar de se retratar deles pouco antes de ser queimado na fogueira sete anos mais tarde. Os meios de persuasão não foram registrados pela Inquisição, mas por incrível que pareça encontramos evidências em um edifício Templário Escocês, que nos ajudou a descobrir o que realmente aconteceu. Creio que podemos reconstruir o que aconteceu ao Grão-Mestre nessas masmorras há muitos séculos, graças a uma excepcional peça de evidência. O que aconteceu na sexta-feira, 13 de outubro, e sábado, 14 de outubro de 1307, deve ter sido alguma coisa assim:

O Grande Inquisidor de França, Guilherme Imbert, estava tomado de especial interesse na confissão que estava por ser extraída do maior de todos os hereges: Jacques de Molay. Sendo um padre que torturava outro padre, Imbert normalmente evitaria o derramamento de sangue - queimar, esmagar e esticar de forma imaginativa eram de maneira geral alternativas altamente efetivas. Nesse caso, no entanto, Imbert deve ter-se sentido ultrajado pelas atividades "AntiCristo" desse que fora o principal homem de Deus. Podemos imaginá-lo visitando o Templo de Paris com os oficiais de aprisionamento e tomando posse imediata do Grão-Mestre. Ele passeia pelo magnífico edifício procurando evidências de mal feitos para com elas confrontar o acusado, e no andar de cima encontra uma grande porta com uma placa de cobre em seu centro, e empurrando-a para que se abra ele não vê nada a não ser a escuridão.

No Templo Interno sem janelas ele acende uma das grandes velas que ficam no primeiro pedestal e seus olhos lentamente correm pelas estranhas imagens que podem ser percebidas na fraca e trêmula luz. É tudo tão terrivelmente pagão, com ornamentação profundamente anticristã: pirâmides com olhos em seu centro, um teto coberto de estrelas, esquadros e compassos. Fascinado e enervado pela sensação de ausência de deus que o lugar lhe transmite, ele fica subitamente certo de que as histórias são todas verdadeiras e que seu prisioneiro deve ser o mais perverso herege que já andou por sobre a Terra.

Seguindo em direção ao lado leste ele para em frente a dois grandes pilares e um grande pedestal, e olhando para baixo vê uma simples caixa de madeira que ele abre para ver que contem um sudário branco com mais ou menos quatro metros e meio de comprimento, um crânio e duas tíbias humanas. Esse, pensa ele, deve ser o tal sudário que seus espiões disseram ser usado para "ressuscitar" os mortos. O Grande Inquisidor fica horrorizado ao perceber ser verdade que Jacques de Molay tem efetivamente debochado do sofrimento e da santidade da paixão de Jesus Cristo ao realizar cerimônias de ressurreição com iniciados Templários. Uma linha diferente de interrogatório ocorre a Imbert exatamente nessa hora e nesse lugar: uma particularmente apropriada à vil impudência desse padre caído.

Nessa noite, nas celas debaixo do Templo de Paris, com Molay despido de seu manto e nu embaixo da túnica grosseira de um acusado de heresia, completa com o laço de enforcado em volta de seu peito, Imben o informa que ele admitirá todos os seus crimes no devido tempo, portanto, porque não se poupar de algumas dores e fazer uma confissão completa?

Mas para alivio do ultrajado Imbert, o Grão-Mestre se recusa. E Imben começa a citar os Evangelhos:

Então Pilatos manda subjugar a Jesus, e açoitá-lo.

Os braços de Molay são amarrados no alto da parede e a túnica grosseira atirada por sobre sua cabeça: suas costas nuas são açoitadas por dois assistentes que usam chicotes para cavalos terminados por bolinhas de metal duplas. O torturador à sua direita, sendo mais alto e ágil que seu companheiro, machuca também as suas pernas ao açoitar as costas, mas não a parte superior dos braços.

E os soldados tecem uma coroa de espinhos, e a colocam sobre sua cabeça.

Uma coroa de ramos espinhosos entrelaçados já foi preparada e é colocada firmemente sobre a cabeça de Molay, tirando sangue de seu escalpo e testa.

Mas eles gritaram, dizendo: "Crucificai-o! Crucificai-o!".

E então o Grão-Mestre é afixado a uma cruz toscamente constituída; pregos de seção quadrada são fincados através de seus punhos. A violência do impacto do prego na mão direita de Molay faz com que seu polegar se torça na direção da palma tão violentamente que a junta se desloca e a unha de seu polegar se enterra firmemente na carne de sua palma. A sola de seu pé direito é premida contra a face vertical da cruz, e um prego mais longo enfiado com violência exatamente entre o segundo e o terceiro metatarsos.

Assim que a ponta do prego aparece no outro lado do pé os torturadores colocam seu pé esquerdo sob o primeiro para que o mesmo prego possa atravessar ambos os pés. Assim o corpo de Molay fica suspenso por apenas três pontos de dor excruciante. A perda de sangue é mínima e ele permanece completamente consciente.

Molay sente dores indescritíveis enquanto o peso de seu corpo instantaneamente trabalha contra ele, forçando-o a curvar-se para baixo, produzindo tensões traumáticas nos músculos de seus braços, ombros e caixa torácica. As costelas são puxadas para cima de forma que seu peito fica em uma posição que impede a exalação, e para fugir da asfixia o Grão-Mestre não tem alternativa a não ser firmar-se sobre as feridas de seus pés pregados para erguer o corpo, de forma que seus pulmões possam exalar o ar e buscar mais uma inspiração. O pânico de não ser capaz de respirar é momentaneamente substituído pela dor de se firmar sobre carne empalada. O efeito geral desse dilema vil é a anoxia crescente (diminuição de oxigênio) que leva a câimbras agonizantes e uma taxa metabólica dramaticamente elevada.

Entre suas perguntas Imbert segue o modelo bíblico e oferece a Molay um trapo encharcado de vinagre para "saciar" sua terrível sede, novamente citando as escrituras:

E um deles correu a encher uma esponja de vinagre, colocando-a na ponta de um caniço e dando-lhe de beber, dizendo: "deixemo-lo a sós: vejamos se Elias virá para descê-lo daí''.

As horas parecem semanas e a resistência de Molay começa a se quebrar. Ele pergunta a Imbert o que deve dizer para ser baixado da cruz. Imbert mais uma vez cita a Bíblia:

Mas um dos soldados com uma lança perfura seu lado, e daí fluem sangue e água.

Imbert enfia uma faca no lado de Molay, não profundamente o bastante para causar danos à sua vida, mas o suficiente para completar a deliberada recriação do sofrimento do "Filho de Deus".

Jacques de Molay confessa tudo ali na própria cruz, sofrendo a mesma agonia vil que fez com que Jesus momentaneamente perdesse sua fé, 1280 anos antes. Ele é baixado da cruz.

O trauma maciço, pelo qual o corpo de Molay passa, força a produção de grandes quantidades de ácido lático em sua corrente sangüínea, levando-o ao que é conhecido como "acidose metabólica": seus músculos se congelam em câimbras permanentes., a pressão sangüínea sobe e seu coração bate aceleradamente. Ele é baixado da cruz antes que a morte, com seus doces lábios, o atingisse.

Guilherme de Imbert está muito satisfeito com seu sucesso, e enxerga ainda mais uma divertida brincadeira. Ele manda colocar Molay no próprio sudário fúnebre que este usava para debochar do Messias. Enquanto os torturadores o colocam de barriga para cima sobre o sudário, e a parte que sobra é levantada por sobre sua cabeça para cobrir a frente de seu corpo, Imbert não consegue resistir a uma citação final da história da Paixão:

E quando José toma o corpo, ele o envolve em uma peça de linho limpa.

Amassando o sudário em volta do corpo desesperadamente danificado, Imbert diz ao homem quase inconscientemente que ele deve erguer-se se sentem tão importante quanto o verdadeiro Cristo!

A Inquisição tinha ordens estritas para não matar o Grão-Mestre dos Templários, mas não tinha nenhuma intenção de cuidar que ele recuperasse sua saúde. Molay não tinha família na região que pudesse tratá-lo, mas Geoffroy de Charney, o Preceptor da Normandia que também estava sob interrogatório, o fez. A família de Charney foi chamada e recebeu ordens para cuidar de ambos, que deveriam morrer juntos sete anos mais tarde, quando se retrataram publicamente de suas confissões e foram lentamente assados sobre carvão por sua reincidência na "heresia".

A Evidência Física.

Fomos capazes de reconstruir as circunstâncias do interrogatório de Molay porque uma importante peça de evidência ainda sobrevive até os dias de hoje. O sudário em estilo qumraniano/maçônico que foi tirado do Templo de Paris dos Templários e usado para envolver a figura danificada do Grão-Mestre viajou com Molay para a casa de Geoffroy de Charney, onde foi lavado, dobrado e guardado dentro de uma gaveta. Exatamente cinqüenta anos mais tarde, em 1357, essa peça de linho com quatro metros e meio de comprimento foi tirada de seu lugar e exposta publicamente em Livey. Não estamos certos se foi exibida ou não por ter cinqüenta anos de idade, mas temos certeza dos motivos pelos quais gerou tanto interesse público.

O corpo fervente de Molay havia sido baixado da cruz, abandonado em um frio e úmido porão de um calabouço, onde os fluídos mórbidos do homem ferido - suor e sangue com alto teor de ácido lático - haviam corrido livremente em volta de seu corpo, manchando o pano onde o contato havia sido mais firme. O trauma da crucificação fez com que o corpo de Jacques de Molay "pintasse" a imagem de seu sofrimento em seu sudário "maçônico".

A família de Charney havia removido o sudário e pensado nas feridas, e deve ter gasto muitos meses trazendo Molay a um estado razoavelmente próximo da saúde. O sudário foi guardado na casa da família sem que se lhe desse mais atenção. O sobrinho de Geoffroy de Charney, também chamado de Geoffroy, foi morto pelos ingleses em 1356 (um ano antes da exibição do sudário) na Batalha de Poitiers, e parece bem provável que o conhecimento da verdadeira origem do sudário tenha morrido com ele.

A imagem no sudário era fenomenalmente clara. A marcas do sangue de Molay haviam sido impressas no pano pelo ácido lático do sangue que corria livremente, reagindo com o incenso que era usado como agente branqueador, por ser rico em carbonato de cálcio. O nariz longo, o cabelo com comprimento abaixo dos ombros e partido ao meio, a barba longa que se abria na base e o corpo de um metro e oitenta de altura combinam perfeitamente com a imagem conhecida do último Grão-Mestre dos Cavaleiros Templários

As primeiras pessoas que viram o sudário pensaram reconhecer a imagem porque ela combinava com seu conhecimento de um homem que havia sofrido um destino similar por volta de mil e trezentos anos antes: eles pensaram que estavam olhando a face de Jesus, e essa peça de pano é hoje chamada de o Sudário de Turim.

A imagem que o mundo cristão aprendeu a amar como a face de Deus na verdade é a face de um homem torturado e assassinado em nome de Deus, não pelos romanos, mas sim por um rei francês avarento com o apoio da Igreja Católica.

Muitos têm buscado as origens do Sudário de Turim: acreditamos ter encontrado a solução exatamente porque *não* estávamos procurando por ela. Todas as teorias previamente apresentadas negam algum aspecto das evidências apresentadas, mas em nossa busca por Hiram, o Sudário era apenas mais uma peça do quebra-cabeça que estávamos completando. Em 1988, o Vaticano permitiu a realização de testes científicos que foram feitos em três laboratórios de datação por carbono 14 separados e independentes: esses testes foram conclusivos em mostrar que o linho do Sudário não tem datação anterior a 1260 d.C. Se pensarmos que o Sudário já teria alguns anos de uso, as datas são rigorosamente no alvo.

Estranhamente, as datações de Carbono 14 foram publicadas em 13 de outubro, o mesmo dia no ano em que Molay foi preso e crucificado! Há uma chance em trezentas e sessenta e cinco de que isso tenha sido uma coincidência, mas não pudemos deixar de pensar se não existe mais do que podemos ver. O Vaticano sempre negou que o Sudário seja uma relíquia sagrada, porque a Igreja conhece as suas origens: pode ser que Roma ache adequado provar esse ponto exatamente no aniversário da criação do Sudário?

Os ensinamentos de Jesus efetivamente "morreram" com ele, para serem substituído pela fórmula helenística de mistérios criada por Paulo, o "Derramador de Mentiras", mas ainda assim os ensinamentos "ressurrectos" foram dados ao mundo uma vez mais pela crucificação de Jacques de Molay.

Durante os mil duzentos e setenta e quatro anos que separam as duas crucificações, os verdadeiros ensinamentos de Jesus permaneceram "mortos e enterrados" sob o Templo de Jerusalém. Mas, uma vez lançados ao mundo, os conceitos de igualdade, responsabilidade social e poder do conhecimento humano reemergiram para dar fim ao vácuo intelectual da muito propriamente denominada Idade das Trevas.

O poder político que o Império Romano vinha perdendo nos primeiros três séculos d.e. foi mantido

através do planejamento de Constantino que, como mostramos antes, teceu uma complexa rede de superstições para envolver as mentes das massas e mantê-las em seu devido lugar. Sua visão do papel das pessoas comuns era usá-Ias para produzir bens e riqueza nos tempos de paz e serem usados como soldados nos tempos de guerra: a recompensa para suas tristes e ignorantes vidinhas era a promessa de sua própria ressurreição pessoal e uma maravilhosa vida após a morte. A Igreja de Roma impôs a fé cega como uma virtude e rotulou a literatura cristã que se referia ao conhecimento como sendo "gnóstica", e a chamaram de má. "Gnóstico" vem simplesmente da palavra grega que quer dizer "conhecimento". Não é coincidência que o periodo popularmente conhecido como Idade das Trevas corresponda ao tempo entre a ascensão da Igreja de Roma e a crucificação de Jacques de Molay!

Felizmente, graças aos verdadeiros ensinamentos de Jesus, a Idade das Trevas que durou um quarto de século começou a recuar perante a brilhante luz da razão.

A Mensagem Vem à Tona

Enquanto o Grão-Mestre estava sendo crucificado, muitos Templários haviam escapado da rede.

Uma grande parte da frota Templária estava no porto atlântico de La Rochelle, e eles devem ter sido avisados ou ouvido certos rumores, porque quando o sol se ergueu na manhã de sexta-feira, 13 de outubro, os guardas que tinham ordens de prendê-los só enxergaram água onde a frota havia estado ancorada na noite anterior. Os navios da Ordem nunca mais foram vistos, mas a sua bandeira de batalha, com seu crânio e tíbias cruzadas, foi.

Agora precisávamos estabelecer o que acontecera com os Templários que conseguiram escapar das garras do rei Filipe. Através de nossas investigações descobrimos que sua presença fora detectada e dois lugares após a fuga: Escócia e América.

Não podemos estar totalmente seguros da evidência que sobreviveu, mas várias histórias ainda persistem sobre navios indo para a Escócia e Portugal. A frota pode ter visitado ambos os refúgios, um após o outro, mas para nós parece mais provável que tenham se dividido tão logo deixaram o porto, com uma parte se dirigindo à Escócia e o restante navegando para a parte nordeste do amigável Portugal para fazer estoque de provisões.

Dali seguiram em uma viagem que sempre fora discutida, mas, por causa dos compromissos assumidos na Terra Santa, nunca havia sido tentada. Apontaram suas proas exatamente para o oeste e navegaram através do que hoje é chamado de paralelo 42°, em busca da terra marcada pela estrela que os manuscritos Nazoreanos mencionavam como Mérica, à qual esses cavaleiros franceses se referiam como "la Mérica", um nome que mais tarde tornou-se simplesmente América. Eles quase que certamente aportaram no Cabo Cod ou em Rhode Island, na Nova Inglaterra, nas primeiras semanas de 1308, colocando os pés no Novo Mundo quase um século e meio antes que Cristóvão Colombo nascesse.

Essa é uma declaração forte, mas já existem evidências irrefutáveis de que os Templários alcançaram a América, nela se estabeleceram e que fizeram várias viagens entre América e Escócia. Na pequena cidade de Westfords, Massachussets, existe a imagem de um Cavaleiro desenhada por meio de uma série de buracos feitos em um pedaço de rocha. O agora famoso cavaleiro pode ser visto usando um elmo e o hábito de uma ordem militar, e a espada que está no desenho já gasto foi identificada como tendo um punho pomelado, no estilo dos cavaleiros europeus do século XIV: Mas para nós o detalhe mais fascinante é o escudo que tem um desenho claro e simples: mostra um navio medieval de um só mastro navegando para oeste... Em direção a uma estrela.

Em Newport, Rhode Island, existe um segundo monumento europeu - uma intrigante torre construída no estilo das igrejas redondas dos Templários. Já foi descrita como tendo detalhes arquitetônicos tipicamente romanescos em seus pilares e arcos.

Sua datação coloca essa torre no exato século que viu o desaparecimento da frota dos Templários.

Deveria ser um edifício de muitos usos para colonizadores, servindo como igreja, torre de vigia e farol. Não há dúvidas de que o edifício é extremamente antigo, porque em um mapa de 1524 que registra a descoberta italiana dessa costa, o navegador italiano Giovanni da Verrazano marca o lugar dessa torre como sendo uma "Vila Normanda".

Essas descobertas são poderosos indicadores da presença Templária no Novo Mundo, mas sozinhas não são conclusivas. No entanto, já sabíamos que a Capela de Rosslyn nos dá a evidência que supera todo o debate, como já discutimos antes neste livro. Muito conhecida como um lugar onde os Templários se

congregaram após o ataque do rei Filipe e de Roma, essa construção elaborada levou quarenta anos para ser erguida e foi completada por volta de 1480 por Oliver St. Clair, o que predata a chegada de Colombo à América em vários anos. Colombo fez a sua primeira chegada ao Novo Mundo na manhã de 12 de outubro de 1492, em uma ilha das Bahamas, por ele chamada de São Salvador. Sua primeira descida no continente não aconteceu antes de 10 de agosto de 1498 quando ele aportou na América do Sul.

Ao considerar essas datas comparativas é extremamente instrutivo observar a decoração esculpida na Capela porque ali o impossível se torna evidente. Como dito antes, os arcos e teto da Capela de Rosslyn têm espigas de milho e pés de babosa neles esculpidos como motivos decorativos: essas são duas plantas que os escoceses não teriam como conhecer, muito menos representar tão apuradamente. O milho era cultivado extensamente, em todas as suas formas atuais, pelos índios da América do Norte e do Sul, mas ainda se acredita que tenha permanecido desconhecido fora do Novo Mundo pelo menos até 1492.

De acordo com a história oficial, sementes de milho foram levados para a Europa e África pela primeira vez por exploradores do século XVI, e eventualmente se espalharam através de todo o mundo.

Essas plantas esculpidas são uma parte absolutamente integral da construção a capela, e devem ter sido feitas pelo menos alguns anos antes do término das obras, portanto, temos como evidência clara que os homens que instruíram os pedreiros da Capela de Rosslyn devem ter visitado a América pelo menos um quarto de século antes de Colombo.

À luz de evidências tão sólidas podemos aceitar o Cavaleiro de Westford e a Torre de Newport como o que realmente são - vestígios Templários no que hoje são os Estados Unidos da América.

Antes de abandonarmos o assunto dos primeiros desembarques europeus no Novo Mundo, gostaríamos de explicar como se tornou nossa mais firme convicção que o continente americano tomou esse nome não do também explorador e "descobridor" Ameriggo Vespucci, mas sim da estrela do oeste chamada Merika, que os Nazoreanos acreditavam ser a marca de uma terra de perfeição do outro lado do oceano onde o sol se punha. Não tínhamos só a evidência da verdadeira fonte desse nome: foi muito fácil mostrar como errada a velha explicação.

A linha histórica oficial que rotineiramente se trilha para encontrar a origem do nome do Novo Mundo nasce inteiramente do estúpido mal-entendido de um clérigo obscuro que nunca se aventurou mais do que alguns quilômetros do Monastério de São Deodato nos Montes Vosges, no Ducado de Lorraine que fica na fronteira franco-alemã. Esse padre muito entusiasta tinha verdadeira paixão pela geografia e por nomes prenhes de significado. Ele se deu o nome altamente imaginativo de "Hylacomylus", da palavra grega para "madeira", da palavra latina para "lago" e da palavra grega para "moinho", que eventualmente foram traduzidos para o alemão, formando o nome da família Waldseemiller. Esse homem bastante excêntrico comandava um pequeno grupo que tinha acesso a uma prensa, e juntava toda a informação que existia sobre o Mundo, inclusive as inspiradoras descobertas do grande e misterioso continente do outro lado do oceano do oeste. O pequeno grupo compôs e imprimiu um volume de 103 páginas em abril de 1507, ao qual chamaram *Cosmographiae Introductio.* Esse livro cobria os princípios tradicionais da cosmografia, incluindo as divisões do planeta, distâncias entre lugares importantes e os detalhes de ventos e climas, mas também foi a fonte de um engano que tornaria um simples navegador amador famoso para sempre. Waldseemiller encontrou um grande número de referências, feitas por vários marinheiros, à grande massa de terra que ficava a oeste, descrevendo-a como América", e também encontrou um delirante descritivo das viagens de um explorador italiano de nome Ameriggo Vespucci. Ele erroneamente juntou as duas informações sem ligação alguma e escreveu:

Agora, essas partes da terra (Europa, África, Ásia) já foram mais extensamente exploradas e uma quarta parte foi descoberta por Ameriggo Vespucci (como descreveremos a seguir). Só porque Europa e Ásia receberam seus nomes a partir de mulheres, nào vejo motivo porque alguém deva objetar que se chame a essa parte de Amerige (do grego 'ge' significando 'terra de') i.e., a terra de Ameriggo, ou América, a partir de Ameriggo, seu descobridor, um homem de grande habilidade.

Waldseemiller imprimiu seu livro e mais um mapa gigantesco com o novo continente marcado como América", e sempre se assumiu que ele tenha sido o originador do nome por esta ser a primeira referência impressa. As palavras do frade, aqui mostradas, foram usadas para mostrar o seu processo de pensamento sobre de que forma o nome de Ameriggo teria sido usado, mas isso não é tudo. Leiamos cuidadosamente o texto e veremos que ele não mostra nada mais que sua certeza do porquê o nome

América" era tão apropriado. Era um nome que, na sua opinião, poderia ter sido ainda melhor se fosse Amerige", mas ele podia compreender porque América" seria uma palavra aceitável. Seu livro foi escrito quinze anos depois da descoberta "oficial "do Novo Mundo feita por Colombo, e exatamente duzentos anos depois que os Templários pela primeira vez ali aportaram. Em todo, parece tolo assumir que ninguém tivesse dado um nome a esse continente antes que esse monge alemão se decidisse a escrever um livro chamado *Introdução à Cosmografia*, ou que um não-navegador tivesse tido a audácia de tomar para si o direito de batizar um novo quadrante do globo.

Waldseemüler tinha o nome certo, mas a explicação errada. Sua inclinação pessoal para nomes com significado o desviou do caminho, e o poder da prensa fez com que seu erro fosse amplamente transmitido em um curto espaço de tempo. Muito pouco tempo após essas palavras terem sido escritas, ele entendeu seu grande engano e se retratou publicamente da afirmação de que Ameriggo Vespucci era o descobridor do Novo Mundo - mas aí já era tarde, as pessoas já tinham uma explicação que parecia fazer algum sentido. Era um caso clássico da história se tornando "balela".

Qualquer convenção, uma vez aceita, precisa de muita dinamite intelectual para ser removida. O mito acidental de Ameriggo Vespucci já é folclore cultural do sistema educacional americano. Mas aqueles que realmente pretendam entender a América e as forças que criaram os Estados Unidos de hoje precisam seguir a extraordinária corrente do pensamento Nazoreano.

Conclusão

A queda dos Cavaleiros Templários foi o fim de uma grande Ordem, mas sua derrocada abriu caminho para toda uma nova ordem mundial, baseada em Ma'at como fora reelaborada por Jesus. Na reconstrução da crucificação de Jacques de Molay e seguindo as pistas da fuga dos Templários, estávamos à beira de encontrar o elo final com a Maçonaria. O porquê dos Templários terem cedido seus segredos para que uma nova Ordem chamada Maçonaria se formasse ainda não estava claro, mas pelo menos sabíamos onde buscar novas respostas que preenchessem essas lacunas em nosso conhecimento.

Fazendo a revisão do que havíamos descoberto sobre os eventos que cercaram a crucificação de Jacques de Molay, não podíamos deixar de vê-Ia como o evento central de um episódio da história que definiu o maior divisor de águas no desenvolvimento social do Ocidente. O ataque à Ordem dos Templários por um rei cobiçoso e sem importância provou ser o primeiro passo vital no longo processo para liberar o mundo cristão do princípio todo-poderoso da castração intelectual, exercido pelo Vaticano, permitindo a construção de uma civilização movida por seu desejo de conhecimento e pelo reconhecimento dos valores individuais. Esse impulso da autocracia para a democracia como governo e da aristocracia para a ameritocracia na estrutura social, dentro de um cenário de tolerância teológica, não foi buscado em lugar nenhum mais conspicuamente, e em parte alcançado, nos Estados Unidos da América.

Capítulo Quinze
A Redescoberta dos Manuscritos Perdidos

Por que será, nos perguntamos, que os Estados Unidos da América existem? Eles não surgiram simplesmente do nada, e duvidamos que sem o benefício da análise posterior, *muitos* observadores modernos teriam dado a eles a chance de terem sucesso ou de tornarem-se o eixo da cultura mundial e a nação mais poderosa da terra em menos de dois séculos. O plano para os Estados Unidos não foi o desenvolvimento de nenhuma coisa óbvia que já tivesse acontecido antes na Europa: era uma coisa aparentemente *muito* nova e muito radical, mas a inspiração para um país novo, onde cada indivíduo tivesse importância, onde esses mesmos indivíduos fossem os responsáveis pelo Estado e onde todos eles respondessem a seu Deus, tem que ter vindo de algum lugar. Sentimos, com cada vez mais certeza, que essa inspiração veio através da Maçonaria e dos Templários diretamente do homem a quem chamamos Jesus, que viveu em um tempo de opressão quando buscou igualdade, justiça e iluminação para todo o seu povo. Sua visão não podia e efetivamente não superou as fronteiras de sua própria nação, mas com o tempo a mensagem que ele deu ao mundo foi ouvida e cogitada.

Descobrimos essas palavras de especial interesse:

Observar a Boa Fé e a Justiça para com todas as nações: cultivar a paz e a harmonia com

todas elas. A Religião e a Moralidade se articulam nessa conduta e seria possível que as boas Políticas também não se articulassem com elas? Será o valor de uma livre, iluminada e, em período não muito distante, grande nação, dar à humanidade o magnânimo e novíssimo exemplo de um povo sempre guiado pelas mais elevadas Justiça e Benevolência".

Foram proferidas por George Washington em seu discurso de despedida, e as palavras escolhidas confirmam claramente o que já se sabia: esse primeiro presidente dos Estados Unidos havia sido Maçom por toda a sua vida. Elas também são estranhamente remanescentes dos ensinamentos perdidos de Jesus, falando da importância da "liberdade", da "Iluminação", da "Boa Fé", da "Justiça" e da "Benevolência", assim como das aspirações de construção de uma "grande nação" e a articulação de Religião e Moralidade. Essas características exprimidas por Washington podem soar aos ouvidos modernos como o tipo de palavra que se usa em ocasiões desse tipo, mas quando elas foram proferidas, foram verdadeiramente muito marcantes.

A existência de artefatos Templários na Costa Leste dos Estados Unidos não explica como essa Ordem francesa fora-da-lei pode ter influenciado os princípios fundamentais desse país. Para entender a seqüência de acontecimentos decidimos primeiramente analisar um posto avançado templário, cinco mil quilômetros através do Oceano Atlântico, na Costa Oeste da Escócia.

Que muitos Templários se estabeleceram na Escócia após o colapso de sua Ordem na Europa continental é coisa bastante documentada e as evidências ainda hoje são fáceis de serem percebidas. A Igreja de Kilmartin, perto do Loch Awe em Argyll, contém muitos exemplos de sepulturas de Templários e tumbas esculpidas mostrando figuras templárias: além disso, existem muitas sepulturas maçônicas no mesmo cemitério.

Visitando esse lugar em 1990, fomos imediatamente capturados pela visão de um monumento marítimo que fica na parede do átrio da igreja, em homenagem a um capitão perdido no mar durante o século XVII. O que nos chamou a atenção é que o monumento é composto por dois pilares emoldurando um crânio e duas tíbias cruzadas, a bandeira de batalha dos Templários e o símbolo de um Mestre Maçom, emolduradas pelas figuras que uniam a Maçonaria a Seqenenre Tao.

Isso era muito excitante, mais ainda mais fascinante era o grande número de sepulturas e esculturas templárias no cemitério ao lado dessa igreja. Enquanto discutíamos essas descobertas nos pareceu que se um contingente grande o bastante de Templários tivesse fugido para Argyll no século XIV, poderíamos esperar encontrar mais do que apenas um lugar onde houvessem sepulturas templárias. Nas semanas seguintes viajamos a partir de Kilmartin explorando todas as velhas igrejas e campos santos que pudéssemos encontrar. Logo descobrimos vários lugares onde havia pelo menos uma sepultura templária, e mesmo não estando procurando especificamente por elas, também achamos várias tumbas extremamente antigas que exibiam símbolos maçônicos.

Fazia tempo que estávamos conscientes de haver uma forte Conexão Templária com essa área da Escócia, desde quando Hugues de Payen desposou Catarina St. Clair. De fato, o primeiro preceptório Templário fora da Terra Santa foi erguido em terras dos St. Clair em um lugar ao sul de Edimburgo agora conhecido como *Temple.* No início do século XIV, os Templários possuíam muitas propriedades na Escócia, experimentando muita afeição e respeito por parte desse povo.

Santuário Escocês

A Escócia sempre fora um lugar importante para a Ordem do Templo, mas descobrimos que as circunstâncias políticas da Escócia a tornaram um santuário particularmente adequado após o ataque do rei Filipe e do papa.

Seguindo-se à morte do rei Alexandre III em 1286, a antiga linhagem de reis celtas chegou a um fim abrupto, porque ele não tinha filhos, nem irmãos ou irmãs. Seu único herdeiro direto era Margarete, a "Donzela da Noruega", mas ela morreu a caminho da Escócia, deixando a sucessão em disputa. O país se enfraqueceu pelas lutas internas e o rei Eduardo I da Inglaterra tirou vantagens da situação, dando apoio a Jean de Balliol, que era um dos que disputavam o trono, exigindo em troca disso que Balliol se tornasse vassalo do rei da Inglaterra e reconhecesse seu poder sobre o reino escocês. As pessoas não se deixaram enganar e ele se tornou um rei bastante impopular, conhecido como *Toom Tabard,* que se traduz como *Roupa Vazia,* significando na verdade que ele era um fantoche do rei da Inglaterra.

O rei da Inglaterra também não tinha nenhum respeito por esse homem e o tratava como um vassalo comum, humilhando-o publicamente em determinada ocasião ao insistir que Balliol enfrentasse julgamento por uma dívida não paga a um importador londrino de vinhos. Balliol finalmente se voltou contra Eduardo em 1296, quando rejeitou a ordem real de ajudá-lo a combater os franceses. Eduardo respondeu a isso com uma marcha sobre Berwick e a deposição de Balliol, enviando-o para o exílio em França e exigindo o controle direto sobre a Escócia para si próprio. Para assegurar-se de que nenhum celta faria uma exigência pelo poder, o inglês levou consigo o simbolo da independência escocesa: a antiga *Pedra do Destino* ou *Pedra de Scone*, como também é conhecida. Esse pequeno bloco retangular de pedra mal-talhada sobre o qual os reis da Escócia sempre eram coroados nunca mais foi devolvido e ainda fica sob o trono inglês na Abadia de Westminster 117.

Após roubar o símbolo da independência dos escoceses, o rei inglês estabeleceu um governador na Escócia para controlá-la em seu nome, mantendo os pobres escoceses duramente oprimidos sob sua liderança ditatorial.

A primeira reaparição do nacionalismo escocês aconteceu logo depois disso, quando o nobre William Wallace matou o Xerife de Lanark como vingança pelo assassinato de sua mulher em maio de 1297. Isso foi uma afronta ao rei inglês e Wallace viria a ser severamente punido, mas o apoio popular a ele cresceu muito, levando a uma batalha sem quartel na ponte de Stirling a 11 de setembro de 1297, na qual as forças de Eduardo foram derrotadas.

Eduardo I fez as pazes com os franceses e então voltou sua atenção para o encrenqueiro Wallace, a quem derrotou em Linlithgow no ano seguinte. Wallace escapou de ser capturado e imediatamente viajou para a Franca, buscando apoio para suas causa entre os velhos inimigos de Eduardo. Registra-se que ele recebeu cartas do rei Filipe, o Belo, recomendando sua causa ao papa Clemente V, e é certo que o apoio que ele recebeu da família Moray (cujo nome tem continuamente sido ligado aos Templários e à Maçonaria) o pôs em contato com os Templários durante essa época.

Ele teve sucesso em buscar esse apoio porque houve uma batalha entre os escoceses e os ingleses em Rosslyn, no ano de 1303, que foi vencida com o auxilio dos Cavaleiros do Templo, liderados por um St. Clair. Wallace permaneceu sendo um fora-da-lei caçado pela Coroa Inglesa por sete anos, antes de ser traído e levado a Londres para ser enforcado, aviltado e esquartejado em 1305. Seguindo-se a sua execução e desmembramento, partes do corpo de Wallace foram exibidas em Newcastle-on-Tyne, Berwick, Stirling e Perth.

Através desse período de inquietude houve dois escoceses que tinham direito genuíno, mas não indiscutível, sobre o trono, um deles sendo Robert Bruce, o oitavo conde de Carrick, e o outro sendo John Comyn. Robert era um homem ambicioso e a princípio buscou avançar em sua disputa com a ajuda de Eduardo I, mas seu apoio ao rei inglês foi se enfraquecendo gradativamente ao sentir que não receberia dele o posto elevado que desejava. Quando Robert se pôs a investigar outras opções para construir seu *status* pessoal na Escócia, seu oponente Comyn tirou vantagem da situação e informou a Eduardo I que Robert Bruce estava conspirando contra ele.

O rei teria acabado com uma irritação desse tipo sem pensar duas vezes, mas um correligionário avisou a Robert Bruce do perigo iminente, e ele teve que pensar bem rápido. Suas opções haviam ficado subitamente bastante reduzidas, e ele decidiu fazer uma jogada gigantesca. Ele sabia que havia uma tenra ressurgência celta e que os escoceses não aceitariam com facilidade um rei que fosse vassalo da Inglaterra para sempre, portanto, ele decidiu ser a faísca que acendeu o paiol de pólvora.

Ele sabia que Comyn era um dos favoritos do papa e bastante considerado por Eduardo I, portanto, conspirou para polarizar sua posição com um insulto público ao papa e ao rei enquanto erguia os estandartes da batalha por um renascimento celta.

Ele fez tudo isso em um só movimento pré-articulado, quando atraiu Comyn à Igreja Franciscana de Dumfries e o atacou nos degraus do altar. Enquanto Comyn jazia sangrando, Robert não permitiu que os monges o ajudassem, e ficou sobre ele até ter certeza de que seu oponente havia sangrado até morrer.

Esse ato brutal cometido em solo sagrado ultrajou tanto a Eduardo quanto ao papa, mas os patriotas escoceses o consideraram com um bravo ato de desafio aberto aos ingleses, porque Comyn havia herdado de Jean de Balliol a demanda pelo trono, sendo apoiado pelo rei Eduardo I. O papa reagiu anunciando em 10 de fevereiro de 1305 que Robert Bruce estava, a partir daquele momento, excomungado. Apesar dessa punição definitiva dada pelo papa, treze meses mais tarde Bruce tinha apoio total dos senhores celtas e foi coroado rei da Escócia pela condessa de Buchan em Scone - sem o beneficio da Pedra do Destino.

Essa era, portanto, a situação na Escócia quando parte da frota templária tomou a decisão de dirigir-se para Argyll e Firth of Forth, onde sabiam que Robert Bruce estava engajado em uma rebelião contra a Inglaterra. O fato de Robert Bruce ter sido excomungado, combinado com os fortes elos entre a família St. Clair e Rosslyn, davam à Escócia a sua grande atração como Santuário - era um dos poucos lugares no planeta onde o papa não podia alcançá-los. Por causa da guerra contra os ingleses os Templários também sabiam que, como guerreiros experientes, seriam recebidos de braços abertos.

Apenas três meses antes que Filipe, o Belo, estruturas se sua armadilha para os Templários, Eduardo I da Inglaterra morreu, sendo sucedido por seu fraco e incompetente filho Eduardo II, que quase instantaneamente recuou para a Inglaterra, deixando Robert livre para cuidar de seus inimigos na Escócia.

A história registra que Bruce não tinha tido nada senão grandes derrotas entre 1306 e 1307, mas depois que ele saiu de sua situação aparentemente sem esperança, começou a sistematicamente recuperar seu reino dos ingleses.

O maior triunfo dos escoceses foi a Batalha de Bannockburn a 06 de novembro de 1314. Ela é registrada como tendo sido flagrantemente negativa para o exército de Bruce até que a intervenção de uma força reserva desconhecida rapidamente virou a maré da batalha e assegurou a vitória para os escoceses. Espalharam-se imediatamente várias histórias de que esses guerreiros misteriosos carregavam a Béausant (a bandeira de batalha dos Templários). Uma intervenção templária parece realmente ser a única explicação possível. Portanto, no mesmo ano em que Jacques de Molay e Geoffroy de Chamey estavam sendo queimados vivos em Paris, a Batalha de Bannockburn era vencida pela chegada de uma força templária liderada pelo Grão-Mestre dos Templários Escoceses, sir William St Clair. Essa vitória em Bannockburn declarou e garantiu a liberdade do reinado de Bruce na Escócia. A parte de St Clair nessa vitória foi bem recompensada, pois a família recebeu um bispado e terras adicionais que foram juntadas às suas posses em Rosslyn

Essa grande vitória foi o passo principal para assegurar-se uma independência para a Escócia.

O rei Robert I passou o resto de sua vida lutando contra os ingleses na Irlanda e ao longo das fronteiras escocesas até que eventualmente, em 1328, a Inglaterra formalmente reconheceu a Escócia como nação livre. Um ponto de interesse maçônico relacionado com a Batalha de Bannockburn é o de que ela aconteceu na data que tem o dia mais longo do ano - um dia ainda celebrado pelos Maçons de todo o mundo como a Festa de São João, o Batista.

Parece que os Templários encontraram um bom refúgio na Escócia, mas era obviamente uma relação simbiótica com o rei da Escócia que se beneficiava dos talentos desses guerreiros profissionais, a princípio provavelmente em termos de planejamento estratégico, mas eventualmente também como assistência direta em combate. Por um tempo, os Templários ficaram seguros com a excomunhão de Robert I, mas esse estado de coisas, enquanto bom para os Templários, não era bom para a Escócia, porque um reino cujo rei foi excomungado era visto como uma terra pagã, e qualquer governante cristão estaria livre para montar uma Cruzada contra esses infiéis.

A menos que as boas relações fossem eventualmente restauradas entre o rei da Escócia e o bispo de Roma, a Escócia estaria sob constante risco de uma invasão sem lei no futuro. Em 1317 o papa João XXII tentou impor uma trégua entre os escoceses e os ingleses, e conta-se que ficou furioso quando Robert Bruce respondeu capturando a cidade fronteiriça de Berwick em um ataque-surpresa. As relações entre o papa e a Escócia se deterioraram ainda mais quando os ingleses alegremente contaram, em plena corte papal, histórias de obstinação e preparação escocesa para a guerra, e em 1320 o papa enviou dois legados papais para entregar uma sentença adicional de excomunhão contra Bruce, Jaime, o Negro, Douglas e o conde de Moray. A defesa dessas acusações adicionais foi feita com a Declaração de Arbroath, que foi publicada pelos Barões escoceses a 06 de abril de 1320.

Ela é de natureza extremamente maçônica e declara o seguinte a respeito de Robert Bruce:

Todos estavam unidos a ele pelo direito e pelo serviço que ele havia prestado a seu povo. Os nobres disseram que haviam lutado não pela glória, nem riquezas, nem honra, mas apenas pela liberdade, que nenhum homem verdadeiro cederia a não ser com a própria vida.

Ali também se encontra a definição de realeza:

... o verdadeiro e legal consentimento de todo o povo fez com que ele fosse nosso rei e príncipe.

A ele estamos obrigados e decididos aderir em todas as coisas, tanto por conta de seu direito e seu próprio mérito como por ser a pessoa que restaurou a segurança do povo em defesa de suas liberdades. Mas, ao fim de tudo, se esse príncipe abandonar esses princípios que até agora tão nobremente perseguiu, e consentir que nós ou nosso reino sejam sujeitados ao rei ou povo da Inglaterra, nós imediatamente o rejeitaremos como nosso inimigo, e como um corruptor tanto dos seus quanto dos nossos direitos, e faremos imediatamente um outro rei que defenda nossas liberdades.

Os patriarcas da Escócia eram Templários ou aliados dos Templários, portanto, não nos surpreende seu estilo "Nazoreano" de pensamento, presente nesse documento de democracia tão pouco usual, que faz a figura de um rei ser mais parecida com a de um presidente. Certamente um dos signatários do documento é o lorde Henry St Clair de Rosslyn.

Claro está, acreditamos, que é muito significativo que o pensamento Nazoreano/Templário/Maçônico estivesse presente em muitos pontos importantes da História ocidental, sempre que o assunto da liderança popular e a vontade do povo se apresentaram como os fatores principais. Na Inglaterra, cem anos antes da Declaração de Arbroath, a Magna Carta foi assinada pelo rei João sob a persuasão de um grupo que incluía Templários. E até o dia de hoje é o único documento da Constituição inglesa que pode ser comparado à carta de Direitos dos Estados Unidos - um documento que foi, como veremos mais tarde, maçonicamente inspirado em sua totalidade.

Em outubro de 1328, por razões políticas que não são de grande importância para nossa história, o papa João XXII libertou Robert I do banimento da excomunhão, mas o então legítimo rei da Escócia morreu com a idade de 55 anos a 3 de junho de 1329, apenas dez dias antes que João XXII editasse uma carta reconhecendo publicamente seu direito ao trono da Escócia. Robert I foi sucedido por seu filho David II, que só tinha cinco anos de idade, e lorde Randolph, membro da família Moray e tio do conde de Moray, foi apontado como regente. A morte de Robert Bruce não foi o fim de suas ligações com os Templários.

Antes de morrer ele havia feito um voto de ir a Jerusalém e combater os sarracenos, e como sinal de respeito o seu coração embalsamado foi levado por sir William St Clair e sir James Douglas até Jerusalém em uma última Cruzada, mas desafortunadamente eles foram mortos no caminho em uma batalha na Andaluzia. O coração de Bruce nunca alcançou a Cidade Santa, e voltou para ser enterrado na Abadia de Melrose enquanto sir William estava sendo enterrado em Rosslyn.

Assim que a Escócia novamente se tornou parte oficial da Cristandade, tornou-se imperativo que os Templários desaparecessem de vista e se tornassem uma sociedade secreta, já que o poder do Vaticano agora estava novamente capacitado a perseguir seus inimigos em toda a Europa. Felizmente durante o periodo de transição um membro da família templária Moray era regente, governando em nome do rei infante David II, e isso lhes deu o grau de controle de que necessitavam para planejar o futuro da organização que já tinha substituído a sua Ordem destroçada, para que eles pudessem manter os grandes segredos que lhes haviam sido confiados.

O Retorno a Rosslyn

Uma nova Ordem secreta asseguraria a sobrevivência dos rituais e o pensamento do Templo, e os planos para essa mudança devem ter sido desenvolvidos em paralelo com a negociação papal, para que quando a Escócia começasse novamente a prestar homenagens ao papa, os Templários já estivessem invisíveis àqueles que não sabiam onde procurar - e um dos lugares onde valia a pena olhar era a família St Clair.

Como já discutimos no Capítulo Cinco, a Capela de Rosslyn, construída pelo falecido William St Clair, já havia provado ser tremendamente importante em nossa busca, por ser a construção desse edificio o que fez a interface entre os Templários e a Maçonaria. O uso de plantas americanas em suas esculturas decorativas (tais como o milho e a babosa), que deveriam ser totalmente desconhecidas nessa época, nos forneceram evidências inegáveis de que alguém ligado à família St Clair havia atravessado o Atlântico numa data flagrantemente antiga.

Nossa visita à capela construída pelo conde William St Clair tinha acontecido quatro anos antes, e por termos aprendido muito durante esse prazo, decidimos voltar a esse ponto essencial da história. Uma vez mais nos pusemos a caminho às sete e meia da manhã, chegando logo após o meio-dia na calma aldeia escocesa. Era um agradável dia de início de verão. Quente, mas com uma boa cobertura de nuvens

que fazia o sol manchar de luz a campina verde, iluminando os muitos cimos da Capela de Rosslyn de maneira um tanto dramática.

Entrar na capela era como cumprimentar um velho amigo. Era familiar e convidativa, mas também interessante e excitante, e felizmente ainda teria muita informação nova a partilhar conosco. Certamente tínhamos muitas descobertas a comprovar em Rosslyn.

Ao entrar no edifício ficamos felizes por ele estar deserto, de maneira que pudemos usufruir de sua poderosa personalidade sem distrações. A Capela de Rosslyn apresenta uma sensação de espiritualidade viva, uma sensação de aqui e agora combinada com o passado distante. Nós dois temos grande carinho por velhas igrejas, mas cada igreja que conhecemos foi sempre um personagem vazio e sem vida, se comparada com Rosslyn. É difícil descrever a cálida sensação que nos envolve dentro dessa estrutura medieval sem parecer fantasiosa, mas Robert simplificou tudo ao notar que essa era a única capela onde poderíamos alegremente passar a noite sozinhos.

Andamos pela nave admirando o lugar e então voltamos nossa atenção para a primeira de todas as esculturas de espigas de milho e babosa, para nos reassegurarmos conscientemente de que não havíamos imaginado o que havíamos visto em nossa primeira visita. Não havia necessidade de preocupações: não havia nenhuma dúvida sobre o que estávamos vendo. Enquanto estudávamos o lintel esculpido com o motivo da babosa uma senhora do vicariato se aproximou pela porta do norte e, com um sorriso amigável, nos perguntou se já tínhamos visto o milho. Respondemos que sim, e ela começou a discutir o assunto.

A reverenda Janet Dyer mostrou-se bastante entendida em botânica, sendo seu marido botânico de profissão.

"O cacto da babosa é fascinante, não é?", ela disse, olhando para o friso. "Talvez pudesse ser uma outra coisa... mas então, eu não sei o que seria, se não fosse babosa". Ela virou um pouco para a esquerda e apontou para o arco enfeitado com as espigas de milho. "Meu marido diz que o milho é muito perfeito, provavelmente baseado em uma planta ainda imatura".

Ela continuou com seus comentários extremamente pertinentes referindo-se à evidência documentada de que o príncipe Henry Sinclair, o primeiro *Jarl* (conde) de St Clair das Ilhas Orkney teria, graças a dinheiro Templário, comissionado uma frota de doze navios para uma viagem ao "Novo Mundo". A frota sob o comando de Antonio Zeno aportou na Nova Escócia e explorou a . costa leste do que agora são os Estados Unidos da América antes de 1400. A data é correta porque Henry Sinclair foi assassinado logo após o seu retorno, nesse mesmo ano.

Parece lógico que vidas tenham sido perdidas nesta expedição, e a família Sinclair declara que um cavaleiro chamado sir James Gunn morreu nas Américas e lá foi enterrado. A imagem do cavaleiro medieval encontrada em Westford, Massachusetts é, segundo eles, sua tumba apressadamente preparada.

Encontramos evidências que apóiam essa declaração na cripta abaixo da capela, onde uma pequena cota de armas na parede mostra em seu lado esquerdo, acima da "Cruz Pontilhada" da família Sinclair, um navio de um só mastro e duas velas, idêntico ao que se vê no escudo do cavaleiro de Westford. Este navio também está apontando para oeste, mas em vez de velas atadas sob uma estrela ocidental esse navio se mostra com suas velas totalmente abertas.

Olhando em toda a volta do interior da capela Robert não conseguiu tirar seus olhos do órgão Hamilton que fica na extensão, em estilo vitoriano, da parede ocidental. "Posso dar uma olhada no órgão, por favor?", ele pediu à reverenda Janet.

"Claro, fique à vontade". A resposta dela foi tão amigável e relaxada que Robert testou sua sorte um pouco mais.

"Será que eu poderia tocá-lo? Eu sou o organista da Igreja de Cristo em minha cidade".

Tendo recebido permissão Robert subiu a escada em espiral até a galeria do órgão e alguns minutos depois a nave estava ressoando as notas de *Cwm Rhonda* enquanto Chris continuava filmando os muitos itens de interesse.

Assim que começamos a anotar os detalhes do edifício nossa atenção foi imediatamente presa pelos pilares decorativos que lá existem num total de quatorze: doze idênticos em forma e tamanho, e dois especial e esplendidamente diferentes na ponta oriental da Capela. O pilar da esquerda é conhecido como o Pilar do Maçom, e é perfeitamente proporcional, uma elegantíssima obra de arte. O pilar da direita é bem diferente: conhecido como o Pilar do Aprendiz, regiamente decorado, com seus quatro envoltórios florais espiralando pra baixo em volta do centro em flauta, partindo dos cantos do capitel para encontrar a base do lado oposto.

O significado destes símbolos era de grande importância para os construtores dessa capela, mas seu significado pode ter sido há muito tempo perdido. No entanto, nossa reconstrução do passado nos permitiu compreender o que e para que estávamos olhando. O assim chamado Pilar do Maçom é na realidade uma recriação do pilar sacerdotal conhecido pelos Maçons como Jachin e pelos Nazoreanos como *tsedeq,* e o Pilar do Aprendiz é o pilar real chamado Booz, representando o poder de *mishpat.*

Uma coisa que precisávamos procurar nessa charada em forma de edifício era alguma referência a Hiram Abiff: teríamos ficado surpresos se esse edifício inteiramente Templário/Maçônico não tivesse uma figura com um buraco na cabeça, a ferida cranial que agora sabíamos ter vindo diretamente de Seqenenre Tao. E com certeza a encontramos. No alto do canto onde a parede meridional encontra a parede ocidental, no nível do órgão, existe uma cabeça com um enorme e profundo corte em sua têmpora direita, e do lado oposto da parede ocidental vemos a cabeça da pessoa que o matou. Essas cabeças são conhecidas há centenas de anos, mas seu verdadeiro simbolismo se perdeu, substituído por uma história sem conseqüências, mas completamente implausível.

Para conseguir uma melhor visão, nós dois subimos a escada em espiral até a galeria do órgão e admiramos a esplêndida vista da capela, que se descortina do que originalmente fora parede ocidental, antes que um horrendo batistério nela fosse enfiado em 1882. Desse ponto vantajoso ficamos muito próximos à cabeça de Hiram Abiff, e pudemos ver a ferida na cabeça com grande clareza.

Essa ferida já havia sido notada, e a história geralmente aceita é a de que é a cabeça de um aprendiz assassinado e que a cabeça oposta é a do mestre que o matou. De acordo com essa lenda um mestre pedreiro viajou para Roma em busca de inspiração para criar o pilar "real", mas enquanto estava longe seu aprendiz rapidamente criou e executou o pilar que existe até hoje. Por ser muito melhor do que qualquer coisa que o mestre tivesse feito, ou poderia ter feito, assim que voltou a Rosslyn ele atingiu seu aprendiz com um maço, matando-o imediatamente.

Essa história soa como uma versão corrompida da lenda maçônica de Hiram Abiff, e pode ser facilmente desqualificada como razão para a existência da cabeça ferida. Sabemos disso porque o próprio William St Clair supervisionou toda a construção do edifício desde seu inicio até sua morte em 1484, apenas dois anos antes de seu término: além do mais, ele se responsabilizou por cada pequeno detalhe da obra. É uma questão de registro que cada relevo, não importa de que tamanho, foi primeiramente criado em madeira e submetido à sua aprovação, e só depois de aprovado era feito em pedra. William St Clair, com esse projeto, havia trazido para a Escócia os melhores pedreiros da Europa, erguendo a aldeia de Rosslyn para abrigá-los, e pagando aos mestres pedreiros a grande quantia de 40 libras por ano, e para os pedreiros menos importantes, a ainda bela soma de 10 libras por ano. A idéia de que após toda essa imensa preparação e despesas, um simples aprendiz tivesse conseguido produzir a peça central de todo o edifício parece extremamente improvável.

Faça-se a Luz!

Enquanto falávamos sobre o verdadeiro significado dos pilares e da cabeça ferida, e o fato de que as razões originais para sua existência haviam sido perdidas, lenta, mas seguramente, um véu de escuridão começou a erguer-se da frente de nossos olhos. Teríamos estado cegos? A grande luz da verdade sobre o edifício subitamente nos pareceu fulgurantemente óbvia: a Capela de Rosslyn não era capela coisíssima nenhuma, e muito menos cristã! Para começar, não existe altar dentro dela. Para que funcionasse como capela, uma mesa foi posta no centro do edifício porque não existe nenhum espaço a leste onde os pilares se erguem. Atrás de Booz e Jachin existem três pedestais de pedra colocado contra a parede, mas eles não são altares de nenhum tipo.

Essa estrutura não foi erguida como um lugar de devoções cristãs!

Já sabíamos que um certo William St Clair, que mais tarde tornou-se o primeiro Grão-Mestre eleito da Grande Loja da Escócia, teve problemas com a Igreja de Roma por batizar seus filhos nessa capela, mas a importância desse ponto não havia sequer sido notadal19. Checando a história oficial descobrimos que Rosslyn teve que ser reconsagrada em 1862: antes dessa data existem sérias dúvidas sobre sua consagração. De fato, as objeções que o rei Jaime VI levantou para com o este conde de Rosslyn, como Grão-Mestre dos Maçons, foi a de que ele mandara batizar seus filhos na Capela de Rosslyn que nem mesmo era um lugar de culto cristão!

Quanto mais observávamos, mais este fato se tornava óbvio. O simbolismo é profusamente egípcio,

celta, judeu, templário e maçônico. Céu repleto de estrelas, florescências vegetais saindo das bocas de Homens Verdes celtas, pirâmides entrelaça das, imagens de Moisés, torres da Jerusalém Celestial, cruzes gradeadas assim como esquadros e compassos. A única imagística cristã aconteceu com as alterações da época vitoriana: os vitrais coloridos, o batistério giratório, uma estátua da Madona com seu filho.

Alguns pequenos elementos decorativos têm sido descritos como cristãos pela Igreja Episcopal, mas uma inspeção mais profunda mostra que eles não são o que parecem ser.

Na área da parede setentrional existe um pequeno friso que mostra a crucificação. Mas há boas razões para acreditar que essa não é a crucificação de Jesus Cristo: é, isso sim, a tortura do último Grão-Mestre da Ordem dos Cavaleiros Templários, Jacques de Molay. Em primeiro lugar, todos os personagens usam trajes da Idade Média, inclusive os embuçados membros da Inquisição. Os detalhes são corretíssimos, com a cruz em formato de *tau* ou "T", e os cravos sendo pregados através dos punhos, dois detalhes que os artistas medievais invariavelmente representavam errado, a menos que soubessem exatamente o que acontecera com Jacques de Molay. Outro trecho mostra Templários com um carrasco próximo a eles e, mais sintomático ainda, encontramos um relevo que mostra figuras segurando o Sudário de Turim com a face de Molay claramente visível. Com certeza podíamos esperar que os Templários da Escócia soubessem do sofrimento de seu mestre, mas também sabemos que eles sabiam da história de sua imagem aparecendo "miraculosamente" em seu próprio sudário ritual.

Confirmamos posteriormente que esse edifício não era o que todos pensavam que fosse quando lemos que mesmo após o término das obras ele nunca fora usado como capela por haver uma capela familiar no castelo, a muito pouca distância. Os atuais zeladores admitem a estranheza de se gastar uma razoável fortuna durante quarenta e cinco anos para erguer uma capela que nunca seria usada. Isso os deixa sem respostas, já que não podem fazer nenhuma sugestão do motivo pelo qual assim foi.

O óbvio começava a nos envolver e ambos tivemos um ataque de arrepios. Rosslyn nunca fora uma simples capela: foi, isso sim; um relicário erguido pelos Templários para que nele se guardassem os manuscritos encontrados por Hugues de Payen e seu grupo sob o Santo dos Santos do último Templo de Jerusalém! Sob nossos pés estava o mais precioso tesouro de toda a Cristandade. Em comparação a esses tesouros, os Manuscritos do Mar Morto são simples competidores. Os Nazoreanos/ Qumranianos foram instruídos (pela *Assunção de Moisés)* a colocar seus preciosíssimos manuscritos sob o Santo dos Santos por volta de 69 d.C., e material mais mundano, como a Regra da Comunidade, foi guardado em toda a volta da Judéia nos lugares mais humildes, como as Cavernas de Qumran. Seguindo esses exemplos, a Capela de Rosslyn é uma cópia deliberada do lugar onde se enterrou os manuscritos secretos! A escavação que trouxe à luz os Manuscritos do Mar Morto causou imensa sensação: não podemos deixar de pensar como o mundo responderia a essa descoberta.

Acreditamos que estes Manuscritos provavelmente trazem a história da luta Nazoreana: a história de Jesus Cristo, a cerimônia secreta de ressurreição dos vivos e a importância de construir o espírito humano como se ele fosse um templo. Ele nos contam sobre a vida de Jesus, devendo, portanto, ser o manuscrito perdido de "Q", o Evangelho que foi a fonte material de Mateus, Marcos, Lucas e João.

Sentamos em um banco e observamos o assoalho de pedra, honrados e quase anestesiados pela excitação, porque subitamente percebemos com certeza absoluta estar a apenas uns poucos pés de distância de tudo o que havíamos buscado, a razão e o propósito da criação da Maçonaria.

Levamos dez minutos para nos recompor o suficiente para poder continuar nossa busca por fatos. Fomos buscar mais pistas em informações históricas: e elas não demoraram a aparecer. Tendo decidido que os manuscritos Nazoreanos estavam sob Rosslyn, não se passaram mais de quatro minutos para que soubéssemos que eles estavam contidos precisamente em quatro baús. Isso veio à luz quando lemos um relato de um incêndio que ocorreu em 1447, apenas um ano depois do lançamento da pedra fundamental.

William St Clair possuía muitos títulos, inclusive o de Príncipe de Orkney, e o relato a seguir usa essa descrição:

Por esse tempo (1447) houve um fogo no quadrado interno (do Castelo de Rosslyn) na ocasião do qual os ocupantes foram forçados a abandonar o edifício. O capelão do príncipe, vendo isso, e recordando de todos os escritos de seu senhor, entrou na parte da frente das masmorras onde todos eles estavam, e atirou para fora quatro grandes baús que estavam guardados. As notícias do fogo chegando ao príncipe através dos lamentáveis gritos das mulheres e cavalheiros, e com a visão do que ocorria a partir do lugar de onde estava sobre o Monte Colledge, fizeram com que se preocupasse exclusivamente

com a perda de suas escrituras e outros manuscritos: mas quando o capelão, que se havia salvado descendo pela corda do sino atada a uma viga, declarou como suas Escrituras e Documentos haviam sido salvos, ele se mostrou muito feliz e foi reconfortar sua princesa e damas.

O que poderia haver de tão importante nesses quatro baús para que William St Clair pensasse apenas neles sendo ameaçados pelo fogo, e não em sua mulher e outras senhoras? Claro está que ele não seria tão insensível e inseguro que se preocupasse em primeiro lugar com documentos civis sobre suas terras ou títulos. Em qualquer caso, baús medievais são imensos móveis, e esses papéis certamente não preencheriam nem um quarto de um deles, quanto mais quatro. Não: esses baús continham os manuscritos de Jerusalém que haviam sido trazidos para a Escócia pelos Cavaleiros Templários e agora estavam depositados sob sua guarda como o maior tesouro de todo o mundo. Se esses manuscritos houvessem sido queimados antes que ele houvesse terminado o relicário onde os guardaria, ele teria ficado efetivamente desesperado.

William St Clair dedicou sua vida à construção do relicário dos manuscritos, e estamos certos de que esses quatro baús ainda estão lá, debaixo de um metro e meio de rocha sólida.

Quanto mais olhamos e estudamos a história de Rosslyn, mais isso se confirma. Aparentemente se considera que o edifício foi erguido muito rapidamente, mas que suas fundações, curiosamente, tomaram um tempo excessivamente longo. Do início do trabalho até o fim das fundações passaram-se quatro anos, um exagero se levarmos em conta que a "capela" é um cômodo relativamente pequeno, com uma cripta mínima em nível mais baixo a leste. Isso sempre intrigou historiadores, mas agora sabíamos exatamente o porquê de se ter gasto tanto tempo.

A missão de William St Clair era recriar os subterrâneos do Templo de Herodes exatamente como Hugues de Payen e seus oito companheiros haviam encontrado trezentos anos antes. Suspeitamos que o sistema de subterrâneos é muito maior do que se encontra sobre o solo, e que os manuscritos encontraram seu lugar final de descanso em uma reconstrução de seu lar original. Foi nesse ponto que uma grande incoerência se resolveu: agora sabíamos que o Grau do Real Arco descrevia o local da escavação como sendo o Templo de Zorobabel em vez do Templo de Herodes.

Aqueles que originalmente criaram o Grau do Real Arco - tenham sido velhos Templários desgarrados ou seus descendentes na Escócia - se basearam em histórias a eles repassadas pela tradição oral de Hugues de Payen, que lhes disse que o lugar das escavações era o Templo de Zorobabel. Agora já se sabe que os cruzados acreditavam que o Domo da Rocha, o templo muçulmano que foi erguido naquele local apenas no século VII, era o Templo de Herodes, e que as ruínas sob ele eram as do Templo de Zorobabel.

Pelo lado de fora, Rosslyn é uma representação em pedra da Jerusalém Celestial tal como apresentada na cópia manuscrita de Lamberto, com torres e um imenso pátio central, curvado em arco. Dentro desse Relicário de Rosslyn, a planta-baixa é a de uma reconstrução do Templo de Herodes, decorada com simbolismo nazoreano e Templário. No canto nordeste, encontramos uma secção de parede decorada com as torres da Jerusalém Celestial completa, com os compassos maçônicos, recriada exatamente como está desenhada no manuscrito de Lamberto. Sob exame mais detalhado das bases que antes suportavam estátuas, percebemos que essa imagem da Jerusalém Celestial aparecia muitas vezes.

Olhando diretamente para cima a partir do nicho do órgão, pudemos ver que o teto abobadado tem uma série de pedras-chave ao longo de seu comprimento, exatamente como o Real Arco descreve ter encontrado nas ruínas do Templo de Herodes! Feita com rocha com mais de um metro de espessura, essas pedras-chave estão ali suportando um peso incalculável. Esculpida na face inferior do teto sobre nossas cabeças podemos ver um firmamento estrelado tal como é encontrado nas pirâmides e nas Lojas maçônicas, e em meio a essas estrelas, vemos o Sol, a Lua, uma cornucópia, uma pomba e quatro figuras celestes.

Pensando sobre o Real Arco percebemos que se nossa idéia de que o edifício de Rosslyn foi uma reconstrução do templo arruinado de Herodes, devíamos esperar que o edifício estivesse de acordo com a descrição dada no ritual. Nós recordamos das palavras relevantes proferidas nesse estágio:

Logo cedo pela manhã ao reiniciar nossos trabalhos descobrimos um par de pilares de estranha beleza e simetria: prosseguindo com nosso trabalho, descobrimos seis outros pares de igual beleza, os quais, por sua situação, pareciam ser os vestígios da galeria subterrânea que levava

ao Lugar Mais Sagrado.

Quatorze pilares no total: exatamente o que víamos à nossa frente em Rosslyn! William St Clair havia seguido o roteiro com cuidado. Consultamos o ritual do Real Arco para ver se havia mais exigências que deveriam predizer o desenho desse relicário. Há uma referência às chamadas "luzes" da Ordem que definitivamente se referem a uma formação planejada:

Essas luzes são colocadas em forma de um triângulo eqüilátero, cada uma das menores dividindo ao meio a linha formada por outras duas, dividindo o grande triângulo em três triângulos menores nas extremidades, os quais, por sua união, formam um quarto triângulo ao centro, todos eles iguais e eqüiláteros, emblemáticos dos quatro pontos ou divisões da Maçonaria. Esse arranjo simbólico corresponde ao misterioso Tau Tríplice...

Nos recordamos de que era a marca do *tau* que os kenitas usavam em suas testas quando Moisés os encontrou pela primeira vez, e o formato da cruz sobre a qual tanto Jesus quanto Molay haviam sofrido. Em Rosslyn, pudemos ver que os quatorze pilares haviam sido colocados de maneira que os oito do leste, incluindo Booz e Jachin, estavam distribuídos no formato de um *triplo tau.* A formação e as proporções eram exatamente como o Grau do Real Arco ainda hoje os mostra.

Não pode ser nenhuma coincidência - todos os pilares de Rosslyn são erguidos segundo um plano preciso, de acordo com antigo conhecimento, assim como mostrado no ritual do Real Arco!

Outro ponto que sempre intrigou historiadores foi o fato de que a "capela" nunca foi terminada e que era "claramente a primeira secção de um edifício muito maior e mais volumoso - uma grande catedral". Não existe nenhuma razão conhecida pela qual a família St Clair devesse ter subitamente interrompido a construção e esquecido o projeto de quarenta e cinco anos, se fosse sua intenção erguer uma igreja colegiada. Ainda assim a parede ocidental é imensa, totalmente incompatível com o resto da estrutura e obviamente incompleta. Ela tem decoração no que hoje é o seu exterior, e isso foi tomado como evidência de que havia sido planejada para ser uma parede interna para algum edifício maior não-existente. Para todos os efeitos e por todos os motivos ela parece ser a ruína de uma estrutura muito maior, exceto que se sabe que essa estrutura nunca existiu.

Mas nós sabemos que houve essa construção. Pensando bem, teria sido estranho completar uma pequena capela se a intenção fosse a de construir uma grande catedral medieval: e uma catedral no meio do nada, para ser mais exatos. A parede ocidental está incompleta e a conclusão óbvia seria a de que nunca foi terminada - mas existe outra razão para que essa parede solitária permaneça assim: são os vestígios de uma catedral em ruínas ou, neste caso, de um *templo em ruínas.* Não podemos esquecer que Hugues de Payen e seu time encontraram os manuscritos enquanto investigavam ruínas, e o ritual do Real Arco nos recorda desse fato:

. .. limpando os restos e detritos que obstruíam nosso progresso, chegamos a alguma coisa que nos parecia ser rocha sólida, mas atingindo-a acidentalmente com minha alavanca, emitiu um som cavo. Então limpamos mais da terra solta e dos detritos...

O relicário de Rosslyn foi completado exatamente como planejado: nunca houve nenhuma intenção de construir mais do que existe porque essa imensa parede ocidental é uma reconstrução cuidadosamente executada das ruínas do Templo de Herodes, que os Cavaleiros Templários viram pela primeira vez durante sua exploração em Jerusalém no ano de 1118.

A seguir nos recordamos da seqüência do ritual, que diz:

. .. quando percebemos que em vez de rocha sólida havia uma série de pedras na forma de um arco, e estando conscientes de que o arquiteto da estrutura anterior não havia planejado em vão nenhuma parte dela. . .

Exatamente como "o arquiteto da estrutura anterior não havia planejado em vão nenhuma parte dela", assim foi com William St Clair. Cada faceta dessa fascinante estrutura ali está para contar uma história. Hoje a entrada do Ocidente original perdeu seu *efeito* dramático planejado de ruína do Templo de

Herodes reconstruída, porque os vitorianos enfiaram nela um batistério extremamente mal concebido. Quanto mais cedo esse "furúnculo" for extirpado desse maravilhoso relicário, melhor!

O Segredo Perdido da Maçonaria de Marca Redescoberto

Quanto mais olhávamos, melhor compreendíamos não haver nada de acidental nessa edificação. Cada detalhe foi cuidadosamente levado em consideração, e sua importância para essa grande história, congelada no relicário de Rosslyn. O fato de que todas as esculturas foram primeiramente realizadas em madeira e levadas para aprovação pelos supervisores e finalmente pelo próprio senhor de St Clair nos recordou do ritual usado pelo grau maçônico conhecido como Maçonaria de Marca121.

A cerimônia envolve os eventos que supostamente ocorreram durante a construção do Templo do Rei Salomão, e o candidato faz o papel de um Companheiro Maçom (o 2º. Grau da Maçonaria Simbólica), que percorre a Loja como o último de três trabalhadores que exibem seu trabalho para a aprovação do Segundo, Primeiro e Mestre Supervisores, que estão colocados respectivamente nos portões do sul, do oeste e do leste.

Seus três pedestais são visitados um de cada vez, e em cada um os dois primeiros trabalhadores (os Diáconos da Loja) têm seu trabalho comparado com os planos, sendo-lhes dada aprovação. Quando o candidato finalmente apresenta seu trabalho vê-se que ele é uma pequena pedra-chave que não encontra aprovação. O Segundo e Primeiro Supervisores dizem que é uma pedra trabalhada de forma estranha que não está enquadrada nas instruções recebidas, mas por ter sido executada com tal maestria os faz dar ao trabalhador a permissão para seguir até o próximo portão. Finalmente o Companheiro chega ao pedestal do Mestre Supervisor, que tomado de ira porque o candidato teve a audácia de apresentar-lhe uma pedra que não está de acordo com as plantas e descrições, e ordena que essa pedra seja jogada no entulho da pedreira. Após isso declara que o candidato deve ser condenado à morte por sua impudência, mas assim que um pedido é *feito* para que seja leniente, o candidato é liberado para partir.

Os trabalhadores são então chamados para que recebam seus salários na câmara do meio do Templo do rei Salomão, e o candidato a eles se junta, colocando sua mão através de um pequeno buraco conhecido como "o postigo", para receber seu pagamento. É imediatamente seguro pelo punho e denunciado como impostor, e um machado é baixado violentamente como que para decepar sua mão.

Uma vez mais, felizmente, é poupado.

Percebe-se então que todo o trabalho cessou por falta de uma pedra chave que complete o arco.

Os supervisores declaram ter visto uma pedra assim que lhes foi trazida, e uma busca é feita pela pedra-chave perdida que manterá o arco perfeito. Ela é encontrada pelo candidato que então se torna Mestre de Marca, a quem uma marca (um pequeno símbolo) é dada, tornando-se a sua marca pessoal do ofício.

O relicário de Rosslyn tem centenas dessas marcas talhadas em seu interior.

Chris já tinha sido feito Maçom de Marca, e até esse momento nada de sua iniciação tinha feito muito sentido a não ser simplesmente como iniciação, mas agora o mistério se esclarecia rapidamente.

Nos é possível compreender como essa lenda do aprendiz assassinado se desenvolveu em Rosslyn como híbrida da história de Hiram Abiff e da história dos Maçons da Marca. William St Clair tinha um flagrante problema de segurança: os pedreiros que erguiam o relicário de seus manuscritos tinham que conhecer o projeto da rede de câmaras subterrâneas, e por isso sabiam que esse estranho edifício existia para abrigar alguma coisa de grande valor.

William St Clair era um homem brilhante e talentoso, e acreditamos que ele desenvolveu o 10 Grau da Maçonaria Simbólica e o grau da Marca para dar a seus Maçons operativos um código de conduta e um envolvimento com o segredo, sem lhes revelar o grande mistério da ressurreição em vida que estava reservado aos Maçons especulativos. É uma questão de registro afirmar que ele tinha dois graus de pedreiros no local: os pedreiros comuns, ganhando 10 libras por ano, e os pedreiros de Marca, ganhando 40 libras por ano, honrados pela posse de uma marca pessoal à moda do continente. Ambos os tipos de artesãos devem ter estado conscientes de que estavam reconstruindo o Templo do rei Salomão por alguma razão muito estranha (apesar de na verdade ser o Templo de Herodes).

Quando William St Clair inicialmente planejou o edifício para ser relicário de seus manuscritos, precisou estar seguro de que tinha a lealdade e a fidelidade desses trabalhadores na pedra, para que eles mantivessem seus "segredos legais tão firmemente ocultos como se fossem os seus próprios". Para que

isso acontecesse, ele teve que uni-los em torno do respeito a algum segredo, e acreditamos que o Grau de Aceitação na Maçonaria, hoje conhecido como o de "Aprendiz Aceito" foi desenvolvido por sir William no inicio dos trabalhos, usando elementos selecionados da cerimônia de iniciação Templária para assegurar-se de que quaisquer segredos que tivesse que revelar a essas pessoas estivesse cercado por um sistema de obrigações. Para manter os diferenciais ele teve que dar aos pedreiros mais antigos, que recebiam um provento de 40 libras por ano, um segredo extra, para que eles tivessem em seu poder algo mais que os outros pedreiros.

Cremos que ambos os graus chegavam a conhecer o segredo do pilar real ou Booz, e eram chamados de, como são ainda hoje, Aprendizes Aceitos, e os escalões mais altos aprendiam a importância da pedra-chave do arco porque eram Pedreiros da Marca. Nenhum escalão tinha a permissão de aprender o segredo do pilar sacerdotal, ou o significado dos pilares gêmeos e da pedrachave combinados:

MISHPAT TSEDEQ
OU PILAR REAL + OU PILAR SACERDOTAL = ESTABILIDADE
OU BOOZ OU JACHIN

Ou, mais simplesmente...
FORÇA + ESTABELECIMENTO = ESTABILIDADE.

Essa grande fórmula que assegurava a estabilidade no Antigo Egito tinha que ser preservada e reservada aos filósofos, os Maçons especulativos, homens como o próprio William St Clair.

Os pedreiros que trabalhavam a pedra conheciam segredos, até um nível apropriado: mas nenhum jamais era elevado, pela ressurreição em vida, ao nível de um pedreiro especulativo, ou Mestre Maçom. .

Agora podíamos estar certos, sem uma sombra de dúvida sequer, de que o lugar onde a Maçonaria se iniciara fora a construção da Capela de Rosslyn no meio do século XV: posteriores desenvolvimentos históricos confirmam esse ponto de vista porque a família St Clair de Rosslyn se tomou hereditariamente a dos Grão-Mestres de Ofícios e Guildas e Ordens da Escócia, mais tarde ocupando o posto de Mestre dos Maçons da Escócia até o fim do século XVIII.

Como bem sabemos, muitos Maçons modernos crêem que sua organização descende de práticas rituais das guildas medievais de trabalhadores semianalfabetos. É uma teoria de origem que se mostra pejada de problemas, e ainda assim parece explicar as bem documentadas referências às primeiras lojas operativas da Escócia. A verdadeira razão é bem o oposto: foram os pedreiros especulativos (Templários) que adotaram os pedreiros operativos (trabalhadores na pedra) e os instruíram sobre os segredos dos graus inferiores concernentes ao Templo de Salomão.

Acreditamos que esses Maçons de Marca e seus substitutos Aprendizes Aceitos ficavam felicíssimos em participar do segredo de Rosslyn, mas que não faziam a menor idéia dos "tesouros" fabulosos que lá seriam ocultos.

Nunca questionavam a ausência das corriqueiras imagens cristãs porque sabiam que esse lugar era secreto e especial. A única imagem bíblica que pudemos conclusivamente identificar foi uma escultura de Moisés usando um par de bem desenvolvidos chifres. Apesar de nossos estudos do Êxodo nos dizerem que esse fanático pela morte pode muito bem tê-los merecido, não conseguimos perceber porque os Templários o teriam considerado dessa maneira. Por algum tempo pensamos ter encontrado uma figura clara do Novo Testamento em uma pequena estatueta de São Pedro, mas logo percebemos que não era nenhuma representação desse discípulo.

O ritual maçônico nos diz que os trabalhadores entravam na câmara do meio do rei Salomão para receber seus salários, mas com o grande conhecimento que nossos historiadores modernos colocam à nossa disposição, sabemos que o Templo original não possuía uma câmara do meio: no entanto, o relicário de Rosslyn a tem. A cripta da suposta capela fica a sudeste, com degraus de acesso descendentes imediatamente à direita do pilar real. Esses íngremes degraus estão tremendamente gastos, com seus espelhos verticais tão arqueados que se torna muito difícil descê-los ou subi-los. O guia oficial diz desses degraus:

Esses degraus muito usados indicam que muitos peregrinos visitaram a Capela nos noventa ou cem anos entre o término de suas obras e a Reforma. A razão exata pata esta peregrinação é, por enquanto,

obscura, mas é possível que os Cavaleiros Templários tenham ai depositado alguma relíquia sagrada de antiga veneração.

Idéia certa, conclusão errada. Qualquer Madona ou Virgem seria estrangeira nesses locais e certamente nesse relicário.

A meio caminho fica uma porta com dobradiças que nos recordam as grandes dobradiças que estão na porta da copia que Lamberto fez do desenho da Jerusalém Celestial. Uma vez dentro dessa câmara, nos chamou a atenção a sua exigüidade. Nada existe dentro dela a não ser algumas poucas decorações de parede, uma alcova ainda menor ao norte e uma lareira com chaminé que foi construída na principal parede sul do edifício. Os degraus muito gastos nos contam que essa sala foi grandemente usada, e a presença de uma lareira mostra que o era por períodos razoavelmente dilatados. Ao menos que uma pessoa ai ficasse por algumas horas, uma lareira teria sido desnecessária para os endurecidos Cavaleiros do meio do século XV.

Foi perto dessa lareira que encontramos uma pequena figura que a princípio acreditamos ser São Pedro, por estar carregando uma chave. Achamos isso muito estranho porque, mais do quaisquer outras imagens, essa é a mais Católica e menos Nazoreana/Templária que podemos conhecer, sendo a base das falsas declarações da Igreja sobre os ensinamentos de Jesus. Então percebemos que a figura tinha apenas uma grande chave em suas mãos, enquanto São Pedro normalmente carrega várias, e que a cabeça dessa chave era um esquadro perfeito - "um sinal seguro e verdadeiro de reconhecimento maçônico". Subitamente soubemos que esta figura marca a entrada para as câmaras dos manuscritos: essa pequena escultura na rocha segurava em suas mão nada mais nada menos que *A Chave de Hiram.*

Acreditamos que esta fosse a Câmara do Meio desse relicário Templário, porque até a conclusão do projeto a parede ocidental da cripta era aberta, dando acesso ao labirinto que a ela se segue.

Os manuscritos Nazoreanos eram provavelmente mantidos atrás de uma porta fechada dentro dos porões, de maneira que os St Clair e seus companheiros Maçons "ressurrectos" pudessem consultálos antes que fossem finalmente selados aí dentro até o final dos tempos. A sala, que agora se conhece como "a cripta", era a sala central do Templo reconstruído, porque liga o salão principal acima com a câmara subterrânea em arco que hospeda os manuscritos sagrados. Era aqui que os pedreiros recebiam seus salários, e sem dúvida era aqui que eram iniciados e juravam segredo como Mestres Maçons de Marca ou Aprendizes Aceitos.

Antes que os porões fossem selados ao término das obras, vários Templários tardios ganharam o direito de ser enterrados lado-a-lado com os sagrados manuscritos. É uma questão de registro histórico que alguns desses Cavaleiros aqui enterrados não o foram em caixões, mas apenas em suas armaduras de batalha completas. Esse era um privilégio antes reservado exclusivamente aos reis. Sir Walter Scott imortalizou essa prática em seu poema *A Canção do Último Menestrel:*

Parecia toda em fogo a capela orgulhosa onde os chefes de Rosslyn jazem sem caixões: cada barão, em vez de sudário de arminho, era envolvido por sua panóplia de ferro. Existem vinte desses bravos barões de Rosslyn Que aqui jazem na capela rústica.

Examinando a sala principal pensamos como éramos desafortunados, pois todas as estátuas principais, que antes se erguiam nos muitos nichos das paredes, desapareceram. Já se disse que foram removidas pelos habitantes locais quando as tropas do Parlamento se acercaram durante a Guerra Civil Inglesa, e que certamente foram enterradas nas vizinhanças. Adoraríamos saber a quem eles representavam: David e Salomão, talvez, ou quem sabe Hugues de Payen e Jacques de Molay?

Foi então que encontramos um pequeno relevo que possivelmente poderia dar mais peso à nossa interpretação do primeiro selo Templário, aquele que mostrava dois Cavaleiros em uma só montaria.

Chris já havia tentado dar a sugestão de que esse motivo representava os dois níveis de participação na Ordem: os que eram "ressurrectos" pelos segredos na frente do cavalo, e os que não tinham acesso a esses segredos, na garupa. Aqui em Rosslyn encontramos um pequeno relevo que era uma representação tridimensional desse selo, a não ser pelo fato de que o cavaleiro da frente está empurrando o cavaleiro de trás para fora do cavalo com seu cotovelo. Poderia isso significar que, após a queda da Ordem, os de nível secundário tivessem sido afastados da mesma para manter o máximo de segurança possível para os que partilhavam os segredos principais? Ainda é um tanto de especulação, mas como resposta parece se encaixar muito bem com os fatos.

O Lorde Protetor que Protegia Rosslyn

Talvez a evidência mais marcante para apoiar nossa visão de Rosslyn é ela ainda estar onde está. Durante a Guerra Civil Inglesa, Cromwell e suas forças Parlamentares devastaram a Irlanda, a Escócia e o País de Gales, assim como a Inglaterra, causando danos a propriedades tanto Católicas quanto Realistas, onde quer que pudessem. O próprio Cromwell visitou Rosslyn e apesar de destruir todas as igrejas papistas que encontrou, nem ao menos arranhou esse edifício. A posição oficial, como nos foi dada pela reverenda Dyer, é a de que ele era um Maçom de alto grau, consciente de que Rosslyn era um relicário maçônico, e dessa vez tivemos que concordar inteiramente com os atuais zeladores do edifício. As fortes evidências circunstanciais que já havíamos detectado apontavam diretamente para o Lorde Protetor como sendo um importante Maçom, e o fato de poupar Rosslyn deliberadamente parece reforçar mais ainda essa idéia.

Os St Clair *(ou* Sinclair, como mais tarde o nome começou a ser soletrado) estavam naturalmente do lado Realista, e o Castelo de Rosslyn foi completamente destruído pelo general Monck em 1630, mas ainda assim o relicário de Rosslyn permaneceu intocado: se tivesse sido uma capela católica teria sido arrasada instantaneamente!

Deixamos o relicário de Rosslyn com muita relutância porque lá havíamos descoberto tanto em tão curto espaço de tempo, e percorremos a pequena distância até o lugar, logo abaixo na estrada, que é simplesmente chamado de Templo. Esse era o quartel-general dos Templários na Escócia, apesar da pitoresca ruína ser a de uma estrutura muito mais recente, construída com as pedras da Preceptoria original. No cemitério encontramos inúmeras sepulturas maçônicas, muitas delas exibindo o simbolismo do Real Arco, e muitas com o antigo motivo dos dois pilares e do lintel.

Essas tumbas são extremamente antigas, e não foram nem restauradas nem protegidas de nenhuma maneira, sendo, portanto, bem difícil precisar suas datas. Uma delas, talvez uma das mais recentes, exibe a data de 1621 e como muitas outras traz a trolha e a pequena picareta do Real Arco (comemorando a descoberta dos manuscritos) assim como a caveira com as duas tíbias cruzadas, o símbolo templário de ressurreição que se tornou sua bandeira de batalha naval. Essa data significa que os restos mortais que estão sob a pedra são de um homem que foi Maçom do Real Arco quase cem anos antes que a Maçonaria fosse oficialmente fundada em Londres, 1717.

Claro está que é o ritual do Real Arco quem nos conta da descoberta Templária dos manuscritos nas ruínas do Templo de Herodes, e nós, portanto, acreditamos que de deva datar de muito antes de Rosslyn e da Maçonaria de Marca, assim como do Grau de Companheiro, que agora acreditamos ser um desenvolvimento do Grau da Marca - e não ao contrário, como geralmente se acredita. Os homens que foram Maçons do Real Arco ao fim do século XV podem muito bem ter sido descendentes dos Templários.

Neste dia, ao voltar de Rosslyn para a Inglaterra, refletimos sobre o grande número de revelações que descobrimos e a informação vital que havia vindo à luz para preencher lacunas em nossa busca. Lendo o livreto-guia ficamos impressionados ao descobrir que sir William St Clair usava muitos títulos, inclusive o de "Cavaleiro da Concha e do Tosão de Ouro". Isso imediatamente nos chamou a atenção, pois a Maçonaria freqüentemente se descreve como sendo "mais antiga que o Tosão de Ouro ou a Águia Romana". Para ser claro, isso informava aos antigos membros da Ordem da Maçonaria que o ritual não era uma invenção dos St Clair: na verdade não apenas os predatava, mas predatava até mesmo o grande Império Romano. Lendo mais sobre a visão oficial de Rosslyn também achamos um par de intrigantes comentários que perpassavam pelas verdades que recém havíamos descoberto. O primeiro diz:

> **Os próprios porões podem ser mais que uma simples tumba, e outros artefatos importantes lá podem estar depositados. Essa única ação registrada dos Senhores de Sinclair que aparentemente contradiz sua merecida reputação de cavalheirismo e lealdade pode também ser explicada pela abertura dos porões, pois certamente é possível que alguma pista sobre o paradeiro de certos tesouros de grande interesse histórico também possa ser revelada.**

Muito verdadeiro. O autor não sabia que grandes segredos Rosslyn oculta, e, no entanto, o edifício tem sempre sido considerado como muito mais do que os olhos podem ver. Outros comentários também

parecem ser premonitórios de nossa decodificação:

Devemos reconhecer isto ao tentar compreender a motivação tanto do construtor dessa única e magnífica capela quanto dos talentosos artistas e artífices que executaram seu projeto. Os frutos dessa aproximação com a mente aberta inevitavelmente nos levará a hipóteses que nos impulsionarão a estudos mais profundos para localizar evidências que, pelo menos no momento presente, podem estar ocultas ou foram descartadas por qualquer uma de várias razões...

Temos confiança que quando requisitarmos formalmente a abertura e a investigação dos porões que ficam abaixo do relicário de Rosslyn encontraremos pensamentos e atitudes maduras e racionais. Não pesquisar esses porões pode negar mais ainda ao mundo os dados dessa grande e antiga sabedoria, que nos conta sobre Jesus e seus contemporâneos e nos leva em direção ao terceiro milênio d.e. com um conhecimento seguro do que efetivamente aconteceu nos primórdios da era cristã.

Encontramos uma inscrição Latina gravada no relicário de Rosslyn, e a consideramos um comentário muito apropriado sob a forma de lema único. Bem humorada como é, só podemos assumir que tenha vindo dos manuscritos Nazoreanos:

O VINHO É PODEROSO, UM REI É MAIS PODEROSO,
AS MULHERES *SÃO* MAIS PODEROSAS AINDA,
MAS A VERDADE A TUDO CONQUISTA.

Por Trás do Selo de Salomão

Uma noite, quase uma semana depois de nossa visita a Rosslyn, quando estávamos discutindo o grande detalhamento simbólico que William St Clair havia construído em seu Relicário dos manuscritos para que se adequasse às descrições que estão no Grau do Real Arco, procuramos pela definição do *Tríplice Tau.* Já havíamos ficado excitados ao perceber que os pilares principais do edifício formavam um *Tríp/ice Tau* perfeito, porque sabíamos que este era o símbolo da Maçonaria do Real Arco, assim como uma antiga marca anterior a Moisés. Não havíamos, contudo, pensado sobre sua definição precisa como é dada no ritual desse grau.

Chris leu as palavras em voz alta:

O Tríplice Tau, significando, entre outras coisas ocultas, **Templum Hierosolima** - ou Templo de Jerusalém. Também significa **Clavis ad Thesaurum** - a chave para um tesouro - e **Theca ubi res pretiosa deponitur** - o lugar onde algo precioso foi escondido, ou então **Res ipsa pretiosa** - a coisa preciosa ela mesma.

Finalmente estava claro como cristal porque sir William St Clair havia arrumado os pilares daquela maneira. O arranjo central do relicário era uma maneira simbólica de dizer que a estrutura representa o Templo de Jerusalém, e que este é o lugar onde um tesouro precioso foi escondido!

Essa foi uma descoberta maravilhosa. Na mesma página dessa explicação Chris não pôde deixar de notar o significado dado ao Selo *(ou* Signo) de Salomão (a Estrela de David) dentro do Grau do Real Arco. Mais uma vez ele leu em voz alta:

"A Jóia do Companheiro do Real Arco é um triângulo duplo, algumas vezes chamado de Selo de Salomão, dentro de um círculo de ouro: na parte de baixo vê-se um rolo de pergaminho onde estão as palavras *Nil Nisi Clovis Deest - Nada Falta A Não Ser A Chave,* e no círculo aparece a legenda *Si tatlia jungere possis sit tibi scire posse - Se puderes compreender essas coisas, saberás o bastante'.*

Robert deu um assobio de admiração. Essas referências soavam como se tivessem sido criadas para ser pistas dadas aos indivíduos que um dia desvendariam o mistério de Rosslyn. A palavras eram totalmente sem sentido em qualquer outro contexto, mas agora traziam em si uma importância muito precisa.

O único problema era que nenhum de nós dois conseguia se recordar de ter visto um Selo de Salomão em qualquer lugar de Rosslyn, e por isso nos pusemos a estudar nossas fotografias, vídeos e a planta baixa do edifício para ver se havia alguma coisa que tivéssemos deixado de perceber. Pois havia.

Chris traçou uma linha através dos pilares inferiores do *Triplo Tau,* e pegando um compasso, ajustou-os à largura do edifício no plano e descreveu um arco a partir de cada parede. Os dois arcos se encontram exatamente entre os pilares mais a oeste, formando um triângulo eqüilátero. Ele então desenhou outra linha através da largura do edifício exatamente entre os segundos dois pilares a partir da entrada oeste, e traçou mais dois arcos na direção leste. Eles se cortaram exatamente no centro do pilar central do *Triplo Tau,* formando um Selo de Salomão perfeito. Mesmo os dois pilares que ficam dentro do símbolo estão colocados exatamente onde as linhas dessa estrela se cruzam.

No exato centro desse Selo de Salomão invisível, no teto arqueado, existe uma grande protuberância com a forma de uma ponta de flecha decorada que aponta diretamente para uma pedra chave no chão logo abaixo. Esta é, acreditamos, a pedra-chave que deve ser removida para que se possa entrar nos porões do Templo de Herodes reconstruído e recuperar os manuscritos Nazoreanos.

A configuração de Rosslyn não é nenhuma coincidência. Se qualquer dos corredores tivesse alguns centímetros a mais ou os pilares estivessem ligeiramente fora de posição, nada dessa geometria teria funcionado. Foi nesse momento que percebemos com certeza absoluta que esses símbolos haviam sido o ponto de partida de todo o projeto, para marcar o tesouro que está abaixo nos grande porões em arco. A explicação dos símbolos foi certamente adicionada ao Grau do Real Arco, por William St Clair, após o desenho ter sido completado, revelando a pista para que alguma geração futura pudesse descobrir *a chave.*

As palavras no ritual dizem; *Se puderes compreender essas coisas, saberás o bastante:* nós antes não compreendíamos, mas agora certamente sabíamos bastante para estarmos certos de que havíamos encontrado o significado da Maçonaria.

Escavando os Manuscritos Nazoreanos

Não podemos conceber uma prova mais poderosa da totalidade de nossa hipótese que a descoberta de que Rosslyn é o Relicário dos manuscritos. A pergunta a ser feita é: estarão esses manuscritos ainda lá? A resposta é que quase certamente sim, ainda estão. Não há evidência, nem histórica nem física, de que alguém tenha mexido nas fundações do edifício, apesar das guerras e batalhas que devastaram o terreno à sua volta.

Sondas de ultrassom já estabeleceram que existem espaços cavos sob o assoalho de Rosslyn, e nós pretendemos usar nossas novas evidências como prova poderosa para convencer as autoridades a escavar sob o edifício e recuperar os manuscritos, e depois ter vários estudiosos analisando a sabedoria ali contida: uma sabedoria tão especial que já mudou o mundo mesmo enquanto ainda enterrada!

Pensando naquela seta que aponta para baixo, nos vieram à mente as palavras dos primeiros Templários como ditas no Grau do Real Arco:

. .. determinados a examinar, em cujo propósito afastamos duas das pedras, quando descobrimos um vão de considerável magnitude, e imediatamente tiramos a sorte para ver quem desceria.

A sorte caiu sobre mim: donde, para que nenhuns vapores tóxicos ou outras causas tornassem insegura minha situação, meus companheiros ataram essa corda salva-vidas em torno de minha cintura, e eu fui diligentemente baixado dentro do vão. Chegando ao seu fundo, dei um sinal pré-combinado, e meus companheiros me deram mais corda, o que me permitiu caminhar pelo vão: foi então que descobri alguma coisa com a forma de um pedestal e nele senti certas marcas e caracteres gravados, mas que por falta de luz fui incapaz de me certificar quais fossem. Também encontrei este pergaminho, mas pelo mesmo motivo fui incapaz de ler seu conteúdo. Portanto dei outro sinal pré-combinado, e fui puxado para fora do vão, trazendo o manuscrito comigo. E então descobrimos logo na primeira frase que ele continha a Lei mais Sagrada, assim como promulgada por nosso Deus ao pé do Monte Sinai.

Se fosse apenas isso!

Nos comprometemos em um dia descer aos porões de Rosslyn e descobrir ali o tesouro que está além de qualquer preço.

Faz muitos anos que principiamos nossa busca pelas origens da Maçonaria, e agora alcançamos nosso fim. Ao identificar Hiram Abiff nós não apenas redescobrimos os segredos perdidos da Arte, mas também, inadvertidamente, viramos a chave que destranca a porta da verdadeira história da Cristandade.

Localizar o descanso final dos Manuscritos Nazoreanos foi o elo que faltava em uma corrente que

une cada Maçom aos misteriosos ritos da feitura de reis no Antigo Egito, Para muitos leitores não-Maçons esse é o fim da história - pelo menos até que uma pesquisa arqueológica tenha sido completada e o conteúdo dos manuscritos estiverem finalmente à disposição do mundo.

Mas para aqueles que têm um interesse especial no desenvolvimento da Maçonaria e como ela impactou o mundo nos séculos XVI, XVII e XVIII, nossa história continua no Apêndice I.

Post Scriptum

Começamos nossa pesquisa de forma inteiramente particular, e por isso desenvolvemos o hábito de manter tudo sob nosso controle, partilhando nossas descobertas apenas com um Past Master e um clérigo da Igreja Anglicana. Eles comentaram vários estágios de nosso trabalho e conseguiram nos convencer de que o que dizíamos fazia muito sentido. Consideramos isso extremamente valioso, porque estávamos próximos demais do assunto para saber se estávamos ou não transmitindo a excitação e a importância das descobertas que fazíamos em quantidade cada vez maior.

Um pouco antes de fazermos a apresentação da obra para nossa editora, a Century, decidimos que era importante contar às pessoas presentemente envolvidas com Rosslyn sobre o conteúdo do livro. Portanto, numa tarde de sol, fomos encontrar a Curadora de Rosslyn, Judy Fisken, e Bob Brydon, um historiador maçônico e Templário envolvido com a capela, e que provou ser uma mina de informações adicionais. Esse encontro durou cinco horas, mas ao final concordamos que havíamos dado de encontro com alguma coisa tremendamente interessante, que teria grandes implicações sobre o futuro de Rosslyn, Judy imediatamente conseguiu um encontro com Niven Sinclair, um homem de negócios de Londres que possui os direitos de escavação no sitio de Rosslyn.

Duas semanas mais tarde nós nos encontramos com Niven para almoçar, e mais uma vez explicamos nossas descobertas. Nos últimos anos Niven dedicou grande parte de seu tempo, além de considerável soma de dinheiro, à manutenção e promoção de Rosslyn, e decifrar os mistérios do edifício tinha se tornado a sua paixão. Ele nos ouviu atentamente e então, com um largo sorriso, nos informou ser ele quem tinha os direitos, dados pelo atual conde, para escavar os subterrâneos. Esse fascinante escocês cheio de energia era exatamente quem precisávamos ter a nosso lado.

Um outro encontro foi organizado para que apresentássemos nossas descobertas a um grupo chamado "os Amigos de Rosslyn". Umas trinta pessoas compareceram, e nós mais uma vez desfiamos a nossa historia, nos concentrando nas partes essenciais que se relacionavam com o edifício. A platéia incluía historiadores, membros da Grande Loja da Escócia, dez clérigos, o mais antigo Cavaleiro Templário da Escócia e o barão St Clair Bonde que é um descendente direto de William St Clair (e que desde então se mostrou um grande aliado). Ninguém encontrou nenhuma razão para rejeitar nosso ponto de vista, e na verdade várias pessoas se adiantaram para dizer que tinham importantes informações que confirmariam tudo o que acabáramos de dizer.

No entanto, na noite imediatamente anterior a esta apresentação, tínhamos feito mais uma descoberta significativa sobre os segredos ocultos em Rosslyn. Enquanto Chris preparava as transparências que exibiríamos alguma coisa muito interessante aconteceu. Havíamos decidido que Rosslyn era uma recriação espiritual do Templo de Herodes, e para ver se havia alguma semelhança entre os dois Chris superpôs os desenhos em acetato das fundações do Templo de Herodes e da Capela de Rosslyn.

Não eram semelhantes. Eram idênticos!

Rosslyn não é uma interpretação livre das ruínas de Jerusalém: no que concerne ao projeto das fundações, é uma cópia cuidadosamente executada. As seções inacabadas da Grande Parede do Oeste estão presentes, as paredes principais e a distribuição dos pilares casam perfeitamente, e os pilares de Jachin e Booz estão exatamente no limite leste do que seria o Templo Interno.

O lugar que identificamos como sendo o centro do Selo de Salomão corresponde exatamente com o ponto central do mundo medieval: o centro do Santo dos Santos, o local onde a Arca da Aliança foi colocada no Templo de Jerusalém.

Os paralelismos continuam do lado de fora da edificação. O terreno do lado leste de Rosslyn possui uma pequena queda apenas alguns metros à frente dos pilares gêmeos, exatamente como acontece no terreno do Templo original. Essa descoberta nos levou a observar mais cuidadosamente a paisagem em torno de Rosslyn, e descobrimos que a área parecia ter sido selecionada por refletir tão perfeitamente a

topologia de Jerusalém. A leste está o Vale do Cedrom escocês, e ao sul temos o Vale do Hinnon.

William St Clair era verdadeiramente um gênio.

Com essa nova compreensão do terreno à volta da Capela e a partir de .

outras pistas adicionais encontradas no edifício de Rosslyn, acreditamos ter finalmente decifrado a mensagem codificada que esse conde deixou traçada, parte na pedra e parte entrelaçada com um ritual maçônico.

Agora sabemos exatamente onde o Manuscrito de Cobre, o mapa do tesouro dos Essênios e dos Templários, está escondido.

Apêndice I
O Desenvolvimento da Maçonaria Moderna e seu Impacto no Mundo.

A Reforma Inglesa e as Condições de Surgimento

Entre o término das obras da Capela de Rosslyn e a abertura oficial da Grande Loja da Inglaterra a 24 de junho de 1717, a sociedade que havia se desenvolvido a partir da Ordem Templária e que se tornaria a Maçonaria conduziu seus negócios em segredo. Por razões de auto-preservação a organização se manteve oculta do público em geral até que o poder do Vaticano começasse a rapidamente se deteriorar no século XVI.

Isso aconteceu por causa da Reforma, um movimento que se espalhou amplamente dentro da Cristandade Ocidental para purgar a Igreja de seus abusos medievais, reduzir o controle papal e restaurar as doutrinas e práticas que os reformadores consideravam como em conformidade como modelo bíblico da Igreja. Os papas da Renascença eram flagrantemente mundanos, praticando abusos de sua posição tais como a simonia, o nepotismo e a corrupção financeira sem qualquer cuidado.

A própria Igreja estava sendo permeada de imoralidade e venalidade, e isso levou a uma ruptura entre a Igreja Católica Romana e os reformadores, cujas crenças e práticas vieram a chamar-se Protestantismo.

Da Reforma pode se dizer que efetivamente começou na Alemanha em 31 de outubro de 1517, quando Martinho Lutero, um professor agostiniano da Universidade de Wittenberg, trouxe a público as suas noventa e cinco teses, abrindo o debate sobre a legitimidade da venda de indulgências. O papado imediatamente enxergou essa atitude como uma ameaça à sua lucrativa ditadura internacional, e sem demora rotulou o livre pensador como herege. Os três famosos tratados que Lutero publicou em 1520, *Uma Carta-Aberta à Nobreza Cristã da Nação Alemã Sobre a Reforma do Estado Cristão,* O *Cativeiro Babilônico da Igreja* e *Sobre a Liberdade de Um Cristão,* lhe deram apoio popular muito amplo. Lutero acreditava que a salvação era um presente grátis para todas as pessoas, obtida através do perdão dos pecados apenas pela graça de Deus, e que, portanto, não havia nenhuma necessidade da existência de um papa. Não foi surpresa nenhuma quando esse pensamento tão similar aos de Jesus não foi bem-vindo pelo papado, e ele foi excomungado em 1521. Mas Lutero era um homem muito inteligente, e em abril desse mesmo ano, se apresentou ao Sacro Imperador Romano Carlos V e aos príncipes alemães na Dieta de Worms, recusando-se a negar suas idéias a menos que elas fossem provadas como erradas pela Bíblia ou pela razão pura.

Apesar da Inglaterra já ter seu próprio movimento de reforma religiosa baseado nas idéias de Martinho Lutero, a Reforma Inglesa ocorreu, não para podar os excessos papais, mas aparentemente como resultado direto dos problemas pessoais de Henrique VIII com a esposa de seu primeiro casamento, Catarina de Aragão. A ruptura com o poder papal foi ardilosamente planejada por Thomas Cromwell, primeiro ministro do rei, que fez aprovar um Ato pela Suspensão das Apelações no Parlamento em 1533, seguido no ano seguinte pelo Ato de Supremacia que claramente definia o controle real da Igreja. Thomas Cranner, o Arcebispo de Canterbury, autorizou que se fizesse uma tradução da Bíblia para o inglês, e isso se tornou muito importante na criação do Livro de Orações Diárias.

A Igreja Católica Romana foi substituída pela Igreja da Inglaterra ou Anglicana, apesar de ter havido uma breve reversão durante o reinado da filha de Henrique VIII com Catarina de Aragão, que havia sido rejeitada pelo rei por não lhe ter dado um herdeiro homem: a rainha Maria I governou de 1553 a 1558. Uma vez no poder Maria se pôs a restaurar o catolicismo, restabelecendo os serviços tradicionais e a autoridade do papa, ganhando o epíteto de *Bloody Mary* (Maria, a Sanguinária) pelas inúmeras

execuções de protestantes. Em 1554, ela se casou com o rei Filipe II da Espanha, filho do Sacro Imperador Romano Carlos V: esse evento deflagrou inúmeras rebeliões, que foram duramente esmagadas, e logo após 300 protestantes foram queimados na fogueira por causa de suas crenças.

Sob sua sucessora, a rainha Elizabeth I, a Inglaterra se tornou uma nação forte e protestante.

O Rei que Estruturou o Sistema de Lojas

A Maçonaria hoje consiste de quase cem mil células individuais chamadas de Lojas, cada uma delas com seu Venerável Mestre e um corpo completo dê Oficiais, a quem é dado o direito de conduzir cerimônias de iniciação e progresso. É possível traçar o desenvolvimento que leva a isso desde a Capela de Rosslyn erguida pela família St Clair até os dias de hoje.

Parece que após a construção de Rosslyn o conceito de Lojas "operativas" (aquelas compostas por pedreiros hábeis em seu oficio) continuou a florescer em associação com o mais antigo conceito de Lojas "especulativas" (formadas por aristocratas que eram iniciados através da ressurreição em vida). Como já vimos, uma vez completado o relicário de Rosslyn, não foi mais possível dissolver as organizações secretas com as quais esses orgulhosos trabalhadores da pedra haviam sido presenteados. Tinham seus próprios rituais e eram parte de uma Ordem que os unia a seus senhores e ao misterioso e antigo passado do rei Salomão, entre outros.

Nos cem anos seguintes esses Maçons operativos cresceram na Escócia como uma extensão remota dos Maçons especulativos, mas eventualmente os St Clair caíram em aparente obscuridade e a origem do sistema foi perdida para a memória viva. Lenta, mas seguramente as circunstâncias fizeram com que as cerimônias fossem repetidas com orgulho, mas sem qualquer compreensão de suas origens.

O rei Jaime VI de Escócia (mais tarde também Jaime I de Inglaterra) foi o único filho de Maria, rainha dos escoceses, e o primeiro rei a governar tanto a Escócia quanto a Inglaterra. Ele também foi o primeiro rei conhecido como membro da Maçonaria, tendo sido iniciado na Loja de Scoon e Perth em 1601 com a idade de trinta e cinco anos124. Nascido a 19 de junho de 1566, Jaime tinha apenas quinze meses de idade quando sucedeu à sua mãe no trono escocês, mas só iniciou seu reinado pessoal sobre a Escócia em 1583. Recebeu uma excelente educação de seu tutor principal, George Buchanan, que sem dúvida teve uma forte influência sobre o jovem rei.

O próprio Buchanan havia sido educado na Universidade de Saint Andrew, na Escócia, e em Paris, e era um homem de grande capacidade intelectual. Tinha morado na Europa por trinta anos, onde desenvolveu a reputação de ser um dos principais humanistas da época e tem sido considerado desde esse tempo como um dos maiores estudiosos do latim e poeta do fim do renas cimento.

O jovem rei tinha boa cabeça, e sob a liderança intelectual de Buchanan, Jaime afirmou com sucesso a sua posição de chefe da Igreja e do Estado da Escócia, sobrepujando os nobres que contra ele conspiravam. Ansioso para suceder à Elizabeth, que não tinha filhos, no trono inglês, fez apenas um leve protesto quando a própria mãe foi executada por traição contra Elizabeth em 1587.

Aos trinta e sete anos, dois anos depois de ser iniciado como Maçom, Jaime tornou-se o primeiro rei Stuart da Inglaterra, e se devotou dai por diante a negócios ingleses na maior parte do tempo.

Ainda que criado como presbiteriano, ele imediatamente antagonizou o crescente movimento puritano, ao rejeitar uma petição pela reforma da Igreja Inglesa na conferência de Hampton Court em 1604. A hostilidade Católica Romana a esse monarca protestante estava muito espalhada, e em 1605 um plano católico liderado por Guy Fawkes falhou em sua tentativa de explodir tanto o rei quanto o Parlamento.

Apesar desse plano de assassinato, houve suspeitas na Inglaterra de que Jaime fosse secretamente pró-católico por haver feito a paz com a Espanha em 1604. Jaime era um Maçom especulativo e também escreveu livros sobre realeza, teologia, bruxaria, e até tabaco: também, e muito significativamente, ele comissionou uma nova versão “Autorizada" da Bíblia que leva o seu nome - a Bíblia do Rei Jaime (é esta a versão que omite os dois Livros dos Macabeus anti-nazoreanos). A introdução que ainda hoje aparece no frontispício dessa Bíblia Protestante não revela nenhuma simpatia católica. Uma parte dela diz:

... para que por um lado, se tivermos que ser traduzidos por pessoas papistas em casa ou no estrangeiro, que daí em diante nos maldirão por sermos apenas os pobres instrumentos que farão com que a santa Verdade de Deus seja ainda mais e mais conhecida pelo povo, a quem eles ainda

desejam manter na ignorância e nas trevas...

Essa passagem desvenda um novo tipo de visão na qual "conhecimento" e "o povo" são vistos como coisas a quem se deve permitir estar juntas, em contraste com o egoísmo sectário e político da Igreja Católica nesse tempo.

A Maçonaria moderna é absolutamente não-sectária, e se orgulha de sempre ter sido assim: mas nós acreditamos que houve um período de anti Catolicismo, que se mostra perfeitamente claro nessa introdução da Bíblia do Rei Jaime. As circunstâncias do século XVII criaram condições perfeitas para que uma sociedade secreta de Maçons emergisse na arena pública. Sendo o rei ele mesmo um Maçom especulativo e com o poder do papa bloqueado para sempre na Escócia, os motivos para tanto segredo não existiam mais. O rei Jaime era um pensador e um reformista, e deve ter sentido que a estrutura do crescente movimento maçônico precisava ser melhor formalizada, portanto, quinze anos após haver tomado o controle de seu reino escocês, dois anos antes de ter sido iniciado como Maçom e cinco anos antes de tornar-se o monarca inglês, ele ordenou que a estrutura maçônica existente tivesse liderança e organização.

Ele fez de um líder Maçom, pelo nome de William Schaw, Guardião Geral do Oficio, e o instruiu para que aprimorasse toda a estrutura da Maçonaria. Schaw iniciou seu importante projeto a 28 de dezembro de 1598 quando publicou *Os Estatutos e as Ordenações a serem Observadas por Todos os Mestres Maçons Dentro Deste Reino*, assinando-se como O *Guardião Geral desse Oficio.*

Schaw não se preocupou muito com o fato de que essas reuniões haviam originalmente sido introduzidas pela família St Clair, que já havia mantido uma Corte dos Ofícios pelo menos duzentos anos antes, sob o reinado de Robert Bruce. Parece que no tempo de Schaw, os St Clair haviam perdido muito de sua influência, porque haviam buscado ganhos financeiros através de seu controle da Maçonaria operativa. No ano de 1600, um novo documento foi produzido pelos mestres, diáconos e membros comuns da Maçonaria da Escócia e divulgado com o consentimento de William Schaw, que é descrito nesse documento como sendo o Mestre Real das Obras. Esse documento é conhecido como o Primeira Carta de St Clair. Nele se lê:

Por todo o tempo em que tem sido observado por nós, tem-se como certo que os senhores de Rosslyn sempre foram patronos e protetores nossos e de nossos privilégios, mas nos últimos anos por negligência e imposições externas o oficio deixou de ser praticado. Isso privou os senhores de seus justos direitos, e o oficio de seus patronos, protetores e supervisores, levando a muitas corrupções no oficio e em empregadores em potencial que abandonaram tantos grandes empreendimentos.

Isso foi assinado pelos Oficias das Lojas de Dunfermline, St Andrews, Edimburgo, Haddington e Aitchison's Haven. Apesar dessa queda nos proventos da família St Clair, os Maçons escoceses defenderem a tradição e dispensaram a oferta de Schaw de uma garantia de Proteção Real da Ordem se o rei Jaime fosse aceito como Grão-Mestre. Apesar dos St Clair nada terem contra o rei Jaime se auto indicar como Grão-Mestre, eles tinham o apoio das Lojas contra isso.

O Ritual Schaw das Lojas foi regularizado, mas ainda era fortemente baseado nas "Antigas Constituições" e as palavras maçônicas e meios de reconhecimento ainda eram os mesmos da antiga tradição verbal, às quais Schaw inclusive se refere em muitas ocasiões. Ele denominou as reuniões de Maçons especulativos como Lojas, e dois anos após seu trabalho ter-se iniciado, as antes secretíssimas Lojas da Escócia começaram a preparar listagens de seus membros e a registrar atas de suas reuniões. Elas ainda não anunciavam publicamente sua existência, mas hoje em dia podemos identificá-las facilmente. A localização geográfica das primeiras Lojas registradas mostra como os Rituais cimentados em Rosslyn por William St Clair se tornaram um grande e importante movimento durante o reinado do rei Jaime VI.

Foi a regulamentação tanto da Maçonaria Especulativa quanto da operativa por William Schaw (Guardião Geral do Ofício, de Jaime VI) que formalizaram o ritual nisto que agora conhecemos como os Três Graus da Maçonaria Simbólica. Ele assim fez restabelecendo os antigos Maçons operativos como subsidiários de nível inferior dos Maçons especulativos. Uma exigência absoluta para filiação a uma Loja especulativa era a de que o candidato fosse um Homem Livre da região na qual a Loja estava situada, e

muito em breve um Maçom especulativo se distinguiu do Maçom operativo pelo titulo de Franco-Maçom. Cada associação devia ser parte de uma Loja, mas cada Loja de Maçons especulativos não tinha necessariamente que ter dentro de si uma associação.

Desse ponto em diante, a Maçonaria ganhou uma estrutura em Lojas que logo se espalharia para a Inglaterra, e eventualmente para todo o mundo ocidental.

Os Arquitetos do Segundo Grau

Acreditamos que o conteúdo atual dos Três Graus da Maçonaria Simbólica já estava grandemente presente em apenas dois graus antes que a reorganização de Schaw nelas inserisse um nível extra de Maçonaria Especulativa, entre o grau de Aprendiz e o de Mestre Maçom (que era originalmente conhecido como *A Parte do Mestre).* Esse novo Grau foi introduzido e designado como sendo o de Companheiro Maçom, derivado, segundo pensamos, do fato de que esses Maçons não eram trabalhadores da pedra, mas sim trabalhadores no "ofício dos companheiros", ou seja, a Maçonaria Especulativa. E agora estamos seguros de que esse Grau foi um desenvolvimento do grau de Maçom de Marca (e não ao contrário, como muitos Maçons preferem crer).

Quando Jaime VI de Escócia se tornou Jaime I de Inglaterra em 1603, um de seus primeiros atos foi o de conferir o grau de cavaleiro a Francis Bacon, que era um de seus pensadores favoritos, bem como um de seus irmãos Maçons. Seis anos mais tarde Bacon foi indicado como Procurador do Rei. As promoções foram se sucedendo, enquanto Jaime dava a Bacon as posições de Procurador Geral do Rei, Lorde Guardião do Grande Selo, e eventualmente Lorde Chanceler em 1618, ponto em que Bacon assumiu o título de Barão de Verulam.

O Irmão Bacon foi um dos maiores filósofos da História, e buscava purgar a mente humana daquilo a que ele chamava "ídolos" ou "tendências ao erro". Planejou uma grande obra, intitulada *Instaluratio Magna* (Grande Restauração) ali anotando suas idéias para a restauração do governo da Humanidade sobre a Natureza, que deveria conter seis partes:

1. Uma classificação das ciências.
2. Uma nova lógica indutiva.
3. Uma súmula de fatos empíricos e experimentais.
4. Exemplos de como mostrar a eficácia dessa nova abordagem Generalizações derivadas da história natural
5. Uma nova filosofia que seria uma ciência completa da Natureza.

Ao fim e ao cabo ele só conseguiu completar duas partes: *Os Avanços do Aprendizado,* em 1605 (mais tarde expandido como *Da Dignidade e Crescimento das Ciências* em 1623) e o *Novo Organon,* em 1620, que era um ataque ao *Organon* de Aristóteles. Esse último trabalho ele apresentou pessoalmente a seu patrono, Jaime VI. O ápice do trabalho de Bacon foi uma filosofia indutiva da Natureza, que se propunha a encontrar as "formas" ou leis naturais das ações dos corpos, tendo ele elaborado as assim chamadas tabelas de indução (de presença, ausência e gradação) destinadas a descobrir as formas que permitissem o domínio sobre a Natureza.

Apesar de Bacon nunca ter podido ser chamado de grande cientista, é altamente considerado como o homem que deu ímpeto ao desenvolvimento da moderna ciência indutiva. Suas obras eram tidas em alta conta por diversos pensadores e cientistas do século XVII, inclusive Robert Boyle, Robert Hooke, sir Isaac Newton e Thomas Hobbes. Um século mais tarde os filósofos franceses Diderot e Voltaire descreveram esse pensador inglês como nada menos que "o pai da ciência moderna".

É altamente provável que o Irmão Bacon tenha sido a força motriz atrás da elaboração do novo 2° Grau tal como apresentado pelo seu colega íntimo William Schaw; Ninguém nesse grupo real de Maçons tinha mais paixão pelo avanço da ciência e pela ampliação do estudo sobre a Natureza. Bacon, no entanto, deixou que seu conhecimento maçônico se misturasse com suas aspirações públicas ao publicar seu livro *A Nova Atlântida,* que falava abertamente de seu plano de reconstruir o Templo de Salomão em termos puramente espirituais. Essa visão essencialmente "ezequielesca", afirmava ele, deveria ser "um palácio da invenção" e "um grande templo da ciência". Era visualizado menos como um edifício que como um novo Estado em que a busca do conhecimento em todos os seus ramos fosse organizada segundo os princípios da mais alta eficiência.

É nesse trabalho que a semente de germinação intelectual da Constituição dos Estados Unidos da América foi firmemente plantada.

A Nova Heresia

O 2° Grau ou "de Companheiro" dá muito pouco conhecimento ao candidato, mas introduz a idéia de "mistérios ocultos da natureza e da Ciência", fazendo uma referência clara ao que chama de "a heresia de Galileu". Estamos certos de que o assunto central desse grau é tão antigo quanto qualquer outro da Maçonaria, sendo não obstante de elaboração muito mais recente, e isso se deve em grande parte a Francis Bacon. As partes usadas nessa nova cerimônia têm a ver com a natureza e o direito do Homem de investigá-la e entendê-la.

Toda a idéia de entender os mistérios da natureza nos faz lembrar a enciclopédia botânica encapsulada na elaboração do relicário de Rosslyn. Como mostramos antes, suas esculturas finamente trabalhadas registram detalhes de inúmeras plantas, inclusive as "impossíveis" espécies americanas.

O pensamento liberal em todas as partes havia finalmente levado à invenção de uma nova forma de heresia, pois o Vaticano, muito corretamente para seus objetivos, via grande perigo nessa idéia de "pensamentos não-controlados". A Igreja Católica Romana estava perseguindo aqueles que investigavam a ciência e chegavam a conclusões que conflitavam com a visão cardinalícia de suas escrituras. O mais significativo desses homens "perversos" era Galileu, que usou novas técnicas para confirmar que era o Sol e não a Terra o centro do Universo. Apesar desse conceito ter sido descrito pela primeira vez pelo egípcio Erastóstenes no século III a.c., foi conhecido como Copernicanismo a partir do mais recente proponente dessa idéia (Nicolau Copérnico 1473 - 1543) e a despeito de todos os protesto o Santo Ofício de Roma promulgou um edito contra o Copernicanismo no início de 1616. A heresia a que Galileu se referia e que havia sido posta fora-da-lei pela bula papal é citada como resposta a uma pergunta paradoxal que faz parte do ritual de elevação do Primeiro para o 2° Grau da Maçonaria. Seguem-se as perguntas e respostas:

P. Quando foste feito Maçom?
R. No corpo de uma Loja, justa, perfeita e regular.
P. E quando?
R. Quando o Sol estava em seu meridiano.
P. Como nesse país as Lojas de Maçons sempre se reúnem e seus candidatos sempre são iniciados à noite, como se reconcilia isso que à primeira vista parece ser um paradoxo?

R. Sendo o Sol um corpo fixo e a Terra continuamente girando à sua volta em seu próprio eixo, e a Maçonaria sendo uma ciência Universal, difundida através de todo o globo habitado, segue-se necessariamente que o Sol sempre está em seu meridiano no que diz respeito à Maçonaria.

Essa referência dificilmente teria sido aí colocado antes de 1610, a data em que Galileu publicamente anunciou sua convicção de que Copérnico estava verdadeiramente correto ao pensar que a Terra girava em torno do Sol. Francis Bacon, acreditamos, imediatamente incorporou essa nova verdade da Natureza em seu recém criado 2° Grau.

É importante recordar que o Grau de Companheiro não é uma invenção: foi feitos a partir de seções extraídas da Maçonaria de Marca, e provavelmente os dois graus originais de Homem da Marca e de Mestre da Marca, com alguns elementos novos a eles adicionados onde pareceram caber melhor.

Isso deu vazão a uma das maiores contradições desse ritual: informa-se ao candidato que um sinal secreto é feito ao segurar as mãos de uma determinada maneira sobre a cabeça, como usado por Josué:

Quando Josué lutou as batalhas do Senhor no Vale de Joshoshapat foi nessa postura que ele ficou e fervorosamente orou ao Senhor para que parasse o Sol em seu curso e estendesse a luz do dia até que ele tivesse completado a destruição de Seus inimigos.

Existe uma contradição óbvia em primeiro ser informado de que a Terra gira em torno do Sol, e logo depois que Deus fez o Sol parar seu giro em volta da Terra para ajudar a Josué. Acreditamos que a história foi mantida por ser velha ou importante demais para remover ou modificar, apesar de sua contradição com o material mais novo.

Essa explicação do sinal do Grau de Companheiro aparentemente se aplica a Josué 10:12, mas esse versículo na verdade se refere ao Vale de Ajalon, não de Joshoshapat. Josué, como sabemos, foi o líder dos Israelitas após Moisés, mas não foi até a época de David que o Vale de Joshoshapat se tornou território Israelita (como já mencionamos, Joshoshapat é outro nome para o Vale do Cedrom, que corre ao sul e leste de Jerusalém). Já discutimos como a lenda de Josué no Antigo Testamento o mostra como um Habiru assassino e violento sem qualquer relevância para os padrões da Maçonaria. A passagem do Antigo Testamento à qual essa citação é atribuída é uma das extremamente chocantes listas de assassinato em massa de homens, mulheres e crianças inocentes, sem outra razão que não fosse a rapinagem de pilhadores como Josué, e a aparente insanidade de Yahweh.

A passagem se vangloria sobre como, sob as ordens de Deus, cinco reis e todos os seus súditos e animais foram massacrados pelos atacantes habirus e como, de um extremo da Terra até o outro:

Ele não deixou ninguém vivo, mas destruiu completamente a tudo o que respirava, como o Senhor Deus de Israel lhe havia ordenado.

Já que Josué representa o comportamento mais antimaçônico que uma pessoa pode ter, e tendo esses fatos ocorridos antes do Templo do rei Salomão, não podemos imaginar porque alguém pretenderia que esse trecho do ritual maçônico se referisse a ele, a menos que fosse completamente ignorante sobre qualquer outra explicação.

Havia, no entanto, outra figura bíblica muito mais especial conhecida pelo nome de Josué, ou Yahoshua, que é vitalmente importante para a Maçonaria e que lutou a maior das "batalhas do Senhor" no Vale de Joshoshapat. Esse homem, claro, foi Jesus, que ficou com seus seguidores no Jardim do Getsêmani (que fica no Vale do Joshoshapat) quando ele finalmente confrontou e buscou a derrota de seus inimigos. Por estar ciente da antiga história de Seqenenre Tao/Hiram Abiff ele deve ter metaforicamente clamado a Deus para que parasse o Sol em seu meridiano, o que era uma maneira de pedir que as forças das trevas fossem mantidas em posição de fraqueza e que as forças da bondade estivessem em seu máximo por toda a duração do conflito que se aproximava. Desafortunadamente ele perdeu a batalha, mas graças aos Templários, veio eventualmente a ganhar a guerra.

Esse conhecimento dá sentido perfeito a uma estranhíssima explicação sobre o sinal do Grau de Companheiro, ou 2° Grau. No Capítulo Doze mostramos como o discurso de Tiago na crucificação e sua subseqüente liderança da Igreja significaram que ele foi profundamente afetado pelas ações de seu irmão, sendo pouquíssimo razoável achar que um episódio tão importante quanto as orações feitas no Jardim de Getsêmani não tivessem sido registradas nos manuscritos que os Templários descobriram. Tiago e os demais Qumranianos teriam encarado o que Jesus fez no Vale de Joshoshapat como um *pesher* de Josué 10:12, e essa interpretação do Sinal do 2° Grau dá sentido a um ritual que até então era insondável.

As Antigas Obrigações

Já está claro que mudanças no conteúdo do velho ritual foram reduzidas a um mínimo, e que as *O/d Charges (Antigas Obrigações)* da tradição verbal foram escritas pela primeira vez para assegurar de que não houvesse desvios. William Schaw ficou conhecido como aquele que buscou proteger "os Antigos Landmarks da Ordem" e a evidência escrita está disponível hoje em dia para nos dizer do que a Maçonaria tratava antes dos melhoramentos feitos por ordem de Jaime VI e implementados por Schaw; Bacon e outros. Existe um grande número desses documentos: um deles é o *Manuscrito Inigo Jones* de 1607, mas existem dúvidas quanto à sua autoria: já foi atribuído a esse famoso arquiteto e Maçom, mas também há indícios de que possa ter sido escrito cinqüenta anos depois, possivelmente por um membro da Loja Inigo Jones.

Um documento mais confiável é o *Manuscrito Wood* escrito em 1610 (o mesmo ano em que Galileu pela primeira vez declarou sua visão da estrutura do sistema solar) em pergaminho na forma de oito tiras dobradas para formar dezesseis folhas com trinta e duas páginas. Ele se inicia pela identificação das ciências com as quais a Maçonaria sempre esteve associada, e que são dadas como sendo: *Gramática, Retórica, Lógica, Aritmética, Geometria, Música* e *Astronomia.* Esses são os assuntos clássicos perdidos em todo o mundo durante a Idade das Trevas. Foram revalorizados do século X em diante, através do contato com estudiosos árabes da Espanha, Sicília e Norte da África, e pensadores gregos em Constantinopla. Entre outras coisas, as obras perdidas de Aristóteles foram redescobertas: e mais ainda, os trabalhos matemáticos e científicos dos árabes foram traduzidos para uso do Ocidente. No início do século XVII esses haviam novamente se tornado os assuntos naturais de todas as pessoas educadas, não

sendo de nenhuma maneira peculiares à Maçonaria.

O *Manuscrito Wood* segue dizendo que a Geometria é a maior de todas as ciências e que assim tem sido desde o inicio dos tempos. Traça a história da Ordem a partir dos dois pilares que foram encontrados depois do Dilúvio de Noé, um feito de mármore que não se queimaria com o fogo, outro feito de uma substância conhecida nas lendas maçônicas como *laterus,* que não se dissolve encharca nem afunda na água. Um desses pilares foi encontrado e sobre eles não estavam inscritos os segredos das ciências a partir das quais os sumérios desenvolveram o código moral que foi transmitido aos egípcios através dos sumérios Abraão e sua mulher Sara. O texto segue descrevendo como Euclides ensinou geometria aos egípcios, e quem os israelitas transferiram a Jerusalém, o que resultou no erguimento do Templo de Salomão.

Alguns dos manuscritos do século XVII não se referem a Hiram Abiff, o que levou alguns a acreditar que o personagem foi uma invenção de período relativamente mais recente. No entanto, o nome de Hiram Abiff era apenas uma das designações dessa figura central: ele também é conhecido como Aymon, Aymen, Amnon, A Man, Amon ou Amen e algumas vezes como Bennaim. Já foi dito que Amen é a palavra hebraica para "o confiável" ou "o fiel", o que combina perfeitamente com a figura de Hiram Abiff. Mas também sabemos que Amon ou Amen é o nome do antigo criador de Tebas, a cidade de Seqenenre Tao. Poderia haver aí um antigo elo? Acreditamos que sim.

O nome *A Man* nos interessou particularmente por trazer à baila a descrição dos autores do Livro do Gênese em 49:6 a que nos referimos no Capítulo Oito: é, recordemo-nos, o que consideramos como sendo uma descrição do Assassinato de Seqenenre:

Que a minha alma não entre em seu conselho, que meu coração não se una à sua assembléia: porque na sua cólera mataram um homem, e em seu capricho derrubaram uma parede.

Pode ser que essa vítima inominada tivesse nome, porque estavam se referindo a *A Man* - o primeiro nome original maçônico de Hiram Abiff, e também do deus criador de Tebas? E seria coincidência o fato dos cristãos chamarem por "Amen" no final de suas preces, como um apelo para que seus desejos se tornem realidade?

O outro nome, Bennaim, já fez com que pesquisadores maçônicos passassem por dificuldades. Foi notado que o final "im" em hebraico cria o plural (como em *pesherim)* enquanto a primeira parte significa "construtor". Podemos ir mais longe e sugerir que o nome é baseado na antiga palavra egípcia para pilar sagrado, que era encimado por uma pequena pirâmide chamada de "pedra de benben". Essa palavra, portanto, pode ser encarada como uma descrição muito antiga, significando "construtor dos pilares sagrados". Isso verdadeiramente faria muito sentido como uma descrição literal de Hiram Abiff, e uma metáfora para Jesus.

Nos parece que quando a Maçonaria estava sendo formalizada pelo grupo do rei Jaime, a partir do casamento especulativo/operativo dos Templários de Rosslyn, suas origens se tornaram confusas e suas partes foram perdidas. Esses Maçons do século XVII tinham quase uma linha direta com os primórdios da história humana, mas todos os estágios pelos quais os motivos haviam passado agora obscureciam muito dessa história. No entanto, apesar de serem pouco claros sobre o lugar onde sua Ordem se originou, eles percebiam a importância da sabedoria que ela contém e foram revigorados pelo impulso de conhecimento que surgiu no século XVII. Os Maçons já estavam prontos para alcançar suas vantagens.

Na cerimônia do 2º. Grau pergunta-se ao candidato: *"Quais são os objetos peculiares de pesquisa neste grau?"* A resposta que ele deve dar é a seguinte: *"Os mistérios ocultos da Natureza e da Ciência".* Ao completar a elevação desse novo Companheiro a ele se diz: *"Esperamos agora que sejam as Artes Liberais e as Ciências os teus estudos futuros".* Esse era um convite que nenhum Maçom do meio do século XVII poderia recusar. Tendo analisado os desenvolvimentos da Maçonaria no século XVII, nossa tarefa final era entender como a Maçonaria veio a deixar sua marca em todo o mundo moderno.

Em 1625, o Maçom e rei Jaime VI morreu e seu segundo filho Carlos o sucedeu no trono (o filho mais velho de Jaime, príncipe Henrique, havia morrido em 1612). Estamos seguros de que o novo rei seguiu os passos de seu pai, tornando-se um Maçom. É significativo que um grande número de sepulturas, ricas em simbolismo maçônico, foram erguidas na parede norte da Abadia de Holyrood em Edimburgo, que ele mandou reformar para sua própria coroação escocesa em 1633. No entanto, Carlos teve um início pouco auspicioso aos olhos da maioria protestante de seu povo, quando se casou com a

princesa católica Henrieta Maria, filha do rei Henrique *IV* da França. Como Jaime, Carlos era um fervoroso crente no direito divino dos reis, e demonstrava isso com arrogância, causando conflitos com o Parlamento e finalmente gerando uma guerra civil. O jovem rei era fortemente influenciado por seu amigo intimo George Villiers, o 1º. duque de Buckingham, a quem ele apontou como Primeiro Ministro a despeito da desaprovação generalizada.

Carlos permaneceu em constante conflito com seu Parlamento, dissolvendo três de suas formações em apenas quatro anos por causa da recusa a compactuar com suas exigências arbitrárias. Quando o terceiro desses Parlamentos se encontrou em 1628, apresentou uma "Petição de Direitos", uma declaração que exigia que o rei fizesse certas reformas em troca de fundos. Carlos foi forçado a aceitar essa petição, mas após fazer essa concessão, respondeu dissolvendo o Parlamento mais uma vez, e mandando prender vários de seus lideres parlamentares. Carlos não tinha a maleabilidade de seu pai para assuntos políticos e sua confrontação constante com o Parlamento levou a um período em que ele reinou por onze anos sem ter parlamento. Durante este período ele introduziu medidas financeiras extraordinárias para fazer frente às despesas governamentais, as quais ampliaram sua já profunda impopularidade. O reino inteiro começou a tornar-se instável sob o domínio autocrático de Carlos e, enquanto em outros tempos uma tal agitação social seria certamente uma coisa desagradável, as peculiares circunstâncias desse tempo paradoxalmente o tornaram um período de oportunidades. Novas formas de pensamento abundavam e a quebra de continuidade da velha e estabelecida ordem das coisas colocou todas as possibilidades num mesmo caldeirão.

Pode soar estranho, mas nós começamos a sentir cada vez mais os paralelos pertinentes entre esse período do século XVII na Inglaterra e as circunstâncias encontradas em Israel no tempo de Jesus e do movimento Nazoreano. Essas similaridades faziam com que os ensinamentos encontrados na Maçonaria fossem particularmente relevantes a todos os grupos envolvidos na Guerra Civil inglesa. O primeiro desses paralelos está no conflito do processo de conexão com Deus. Como com os judeus mil e seiscentos anos antes, praticamente todas as pessoas consideravam que Deus estava no centro de todas as questões, havendo uma crescente diversidade de opiniões sobre a melhor maneira de se relacionar com Ele. No tempo de Jesus havia o Sinédrio, que se constituía a autoridade efetiva do Templo e que era o único caminho oficial até Yahweh, e havia os saduceus, que reconheciam o comando do imperador romano. Mesmo os supostamente íntegros fariseus foram acusados por Jesus de ter perdido a visão da verdadeira base de sua fé, e por isso Jesus se opunha a seu poder. Na nossa maneira de ver, Jesus não era mais que um republicano, tentando estabelecer o domínio da "retidão" para todas as pessoas, tomando para si o papel de líder legislativo no suporte às leis de Deus. Ele era um antiburocrata que queria remover os individualistas que declaravam ter controle pessoal dos caminhos até Deus. Ele era sem dúvida antiinstituições, e achamos razoável descrevê-lo como um puritano em seu próprio tempo: um homem que propugnava pela simplicidade, rigor religioso e liberdade - e não tinha medo de lutar por isso. Nos séculos XVI e XVII a Igreja Católica era comandada por conservadores estabelecidos que haviam perdido a visão da Divindade acima de seus egos inchados, e sua insistência de que só o papa tinha direito de se comunicar com Deus havia se tornado muito frágil para todos que tinham a inteligência e a oportunidade de pensar por si próprios.

Algumas das criticas que os fariseus encontraram nos Evangelhos originais reconstituídos como sendo da autoria de "Q" soam muito similares às acusações que os puritanos do século XVII estavam utilizando contra a Igreja Católica Romana. Algumas das palavras atribuídas a Jesus em QS34 (dos Evangelhos Reconstituídos de "Q") nos tocaram como extremamente pertinentes a esses tempos tardios:

Envergonhai-vos, ó fariseus! Pois vós limpais o exterior da taça e do prato, mas por dentro sois cheios de cobiça e incontinência. Tolos Fariseus! Limpai o interior e o exterior também estará limpo!

Envergonhai-vos, ó fariseus! Pois vós amais os lugares da frente nas assembléias e os cumprimentos no mercado. Envergonhai-vos! Pois sois como sepulcros, belos no exterior, mas por dentro cheios de sujeira...

Envergonhai-vos, homens da lei! Pois tomastes a chave do conhecimento das mãos do povo! Vós mesmos não entrais no reino de Deus, mas impedís que os que querem entrar o façam!

Como é fácil substituir as palavras "fariseus" ou "homens da lei" pela palavra "cardeal", criando

uma passagem que soaria perfeitamente Puritana!

A segunda ligação que vemos entre os dois períodos está no fim do poder papal na Inglaterra e a combinação das autoridades sacerdotal e secular na figura única do rei. Pela primeira vez desde o estabelecimento da Igreja, a ambição que Jesus tinha de unir os pilares real e sacerdotal em apenas um foi alcançada. Enquanto trabalhávamos nesse Apêndice decidimos pesquisar no material que havíamos acumulado sobre a Guerra Civil inglesa. E encontramos uma ilustração do século XVII que confirma tudo o que havíamos detectado sobre este elo com a Igreja de Jerusalém. No início de nossa pesquisa havíamos celebrado sempre que encontrávamos algum artefato ou trecho de informação que se ligasse indubitavelmente a outra parte do quadro geral Nesse ponto, no entanto, estávamos começando a aceitar que amostras de evidências importantes continuariam a saltar aos nossos olhos porque nossa tese era correta, e o que estávamos minerando era um contínuo e infinito veio de verdade história. O que encontramos nesse ponto foi uma gravura do século XVII que mostra em detalhes os pilares real e sacerdotal de *mishpat* e *tsedeq* - exatamente como os havíamos compreendido pela leitura de antigos textos judeus. Não era simplesmente similar ao que havíamos chegado a compreender em termos do âmago dessas imagens: era idêntica, ou muito próxima disso.

A única diferença real era a figura que estava sobre a pedra-chave: nesta versão, o rei Carlos I havia assumido o papel de ambos os pilares, ao identificar-se com a pedra que os mantém unidos. Aqui o pilar da esquerda é *tsedeq*, sob o formato da IGREJA, tendo por cima a figura da VERDADE: o pilar da direita é *mishpat sob* a forma de ESTADO, tendo por cima a JUSTIÇA. E mais interessante ainda: o filho do Rei Carlos I, Carlos II**,** fez com que esse desenho fosse construído na entrada da casa Holyrood quando ela foi reerguida após a Guerra Civil em 1677.

Ao usar esse simbolismo, o rei Carlos I estava seguindo fielmente as pegadas de Jesus, mas lhe faltavam tanto o inegável brilho do líder judeu quanto sua clareza republicana. Jesus havia acreditado que quando a ordem social estivesse funcionando em sintonia com as leis dadas por Yahweh, não haveria necessidade de nenhum papel de Sumo Sacerdote porque Deus agiria diretamente através desse rei terreno para manter um estado de *shalom:* em contraste, o rei inglês via apenas um papel duplo que deveria assumir, com Deus sendo apenas uma figura distante. A Maçonaria estava passando adiante uma antiga mensagem que já havia perdido muito de seu significado original de suma importância!

Na Inglaterra, aqueles que buscavam uma nova ordem social teriam que combater muito antes de encontrar uma solução específica para suas diferenças - uma solução que veio da Ordem e que asseguraria a continuidade da monarquia no Reino Unido quando as nações em toda a sua volta estivessem passando seus governantes ao fio da espada.

A Ascensão dos Republicanos

Três anos após Carlos I ter subido ao trono, um jovem homem do povo com idéias republicanas entrou no Parlamento como representante de Huntingdon. Seu nome era Oliver Cromwell e sua família era de Gales com o nome original de Williams. Haviam saído da obscuridade através dos favores do ministro de Henrique VIII, Thomas Cromwell, que era o tio do trisavô de Oliver, fazendo-os adotar o nome de seu patrono como reconhecimento por sua ajuda. Os novos Cromwell logo se tornaram preeminentes na cidade de Huntingdon, no Cambridgeshire, onde Oliver nasceu a 25 de abril de 1599. Os Cromwell, agora bem de vida, mandaram seu filho para ser educado na cidade, pelas mãos de um líder puritano chamado Thomas Beard, um homem que expressava claramente sua vontade de "purificar" a Igreja da Inglaterra dos elementos católicos romanos que nela ainda restavam. Cromwell mais tarde freqüentou o predominantemente puritano Sidney Sussex College e a Universidade de Cambridge, e também estudou Direito em Londres. Em Agosto de 1620 ele se casou com Elizabeth Bourcheir e voltou para Huntingdon com o objetivo de cuidar das propriedades de seu pai, tornando-se membro do Parlamento por Huntingdon oito anos mais tarde.

Na década seguinte, Cromwell desenvolveu uma ideologia completamente puritana e sua vida pessoal se manteve morna antes de ferver novamente quando herdou algumas propriedades do tio de sua mulher em Ely. Em 1640 Cromwell retornou ao Parlamento, exatamente quando a relação entre o rei Carlos I e os puritanos entrou em crise, e o conflito se tornou inevitável. Dois anos mais tarde, a 22 de agosto de 1642, estourou a Guerra Civil entre o parlamento dominado por puritanos e os correligionários do rei. A astuta mente militar de Cromwell rapidamente percebeu que a paixão religiosa poderia gerar o

espírito de luta que vende batalhas, e rapidamente organizou um regimento de cavaleiros determinados para lutar ao lado das forças do Parlamento. Nos primeiros dois anos de guerra, após ambos os lados terem organizado seus exércitos, os Realistas (ou Cavaleiros, como eram conhecidos) tiveram cada vez mais sucessos. Após uma sangrenta batalha sem solução em Edgehill, em Warwickshire em outubro de 1642, os Realistas pareciam estar prontos a avançar sobre Londres, mas foram forçados a recuar.

Ao fim do primeiro ano de guerra os Realistas estavam dominando a maioria dos lugares da Inglaterra exceto Londres e o lado leste do país. A habilidade de Cromwell como comandante foi reconhecida e em 1644 o soldado de idéia fixa já era tenente general sob Edward Montagu, Conde de Manchester. Sua promoção foi merecida: ele liderou as forças parlamentares, conhecidas como os *Roundheads (*O Exército dos Roundheads era a força militar dos partidários puritanos de sir Oliver Cromwell, lorde protetor da Grã-Bretanha e Irlanda, quando da Revolução que depôs a casa real dos Stuart do trono inglês, em 1649. Cromwell instituiu uma república, baseada nos conceitos reformadores da Igreja Puritana da Inglaterra, permanecendo no governo da Grã-Bretanha até o ano de 1658), para a vitória na crucial Batalha de Marston Moor, ganhando para si e seus soldados o título de "ironsides".

Essa vitória provou ser uma espécie de ponto de virada para os Parlamentaristas, e os Realistas foram novamente derrotados pelo Novo Exército Modelo de sir Thomas Fairfax em Naseby, no Leicestersrure. Batalha após batalha dava a vitória aos Roundheads até que a capital dos Realistas, Oxford, caiu a 24 de junho de 1646, e Carlos, que se havia rendido aos escoceses, foi entregue ao parlamento e feito prisioneiro. A cidade de Lichfield no Sttafordshire ainda resistiu por algumas semanas, mas a primeira e mais importante parte da Guerra Civil já estava terminada.

Muitos observadores crêem que Oliver Cromwell era Maçom, e apesar de não haver nenhum registro definitivo sobre isso, é bem possível que assim tenha sido. Certamente seu superior e amigo íntimo, sir Thomas Fairfax foi um membro da Ordem e a sede da família Fairfax em Ilkley, Yorkshire, ainda possui um templo maçônico na seqüência da biblioteca, que é acessado por meio de uma escada em espiral que leva a uma sala pavimentada de quadrados brancos e pretos com dois pilares livres.

O edifício é hoje em dia o escritório central corporativo de uma grande firma de empreiteiros de eletricidade, mas a alguns quilômetros abaixo na aldeia de Guisley ainda existe uma Loja maçônica chamada Fairfax.

Uma das melhores fontes de informação sobre a Maçonaria durante este período foi o diário de Elias Ashmole, um formidável tomo formado por seis volumes de diários e mais um volume-índice.

O bibliotecário na Biblioteca da Universidade que Robert freqüenta ficou surpreso quando ele levou consigo todos os sete volumes em um único verão, com o objetivo de ler todo o diário!

Já havíamos discutido como conseguir informações sobre esse período e havíamos percebido ser a época dos grandes diaristas, portanto, lê-los seria a melhor maneira de saber sobre seu tempo. Ainda não sabíamos o que estávamos procurando, portanto, foi necessário ler tudo para ver o que encontraríamos.

Isso não foi um exercício sem sentido porque encontramos referências a algumas reuniões muito estranhas, que nos ajudaram a lançar luz sobre os eventos que levaram à formação da Sociedade Real e à Restauração.

Elias Ashmole era o Controlador Real das Ordenações em Oxford ao tempo da rendição e ele é também um dos mais importantes personagens da história oficial da Maçonaria. Quatro meses após ver seu lado perder a guerra, Ashmole viajou para Warrington para ser iniciado na Ordem. A anotação em seu diário para 16 de outubro de 1646 é a seguinte:

4:30 p.m. Eu fui feito Franco-Maçom em Warrington no Lancashire, com meu Col. Henry Mainwaring de Karincham no Cheshire. Os nomes daqueles que então eram da Loja, Senhor Richie Penket Warden, Senhor James Collier, Senhor Rich, Sankey, Henry Littler, John Ellam, Rich. ElIam & Hugh Brewer.

Viajar de Oxford para Warrington nesses dias deve ter sido uma jornada longa e árdua, e ainda assim no dia seguinte após sua iniciação Ashmole viajou novamente, dessa vez para o bastião Parlamentarista de Londres.

Essa foi uma coisa estranha de se fazer porque as tensões ainda estavam muito altas e todos os ex-oficiais Realistas foram banidos até a distância de trinta e dois quilômetros da cidade de Londres. Tendo tão recentemente servido como Controlador de Ordenações do Rei, Ashmole podia esperar tudo menos

não ser reconhecido, portanto, deve ter tido boas razões para ir lá, além de ter alguma garantia de proteção. Uma nota datada de 14 de maio de 1650 nos papéis do Escritório Público de Registros, Documentos de Estado Doméstico, Interregno A, confirma a pouco usual natureza de sua visita, além de mostrá-la como não sendo um arranjo temporário:

Ele (Ashmole) fez sua moradia em Londres sem se incomodar com o Ato do Parlamento que estabelecia o Contrário.

Há boas razões para que suponhamos que esse Maçom realista fosse capaz de viver abertamente em Londres por muitos anos, e que se relacionasse com tantos Parlamentaristas importantes. Não resta nenhuma dúvida que isso aconteceu graças ao fato de ser Maçom, e, portanto, membro da única organização não-religiosa e não-política que dava provimento a uma estrutura fraterna dentro da qual um Roundhead pudesse se encontrar com um cavaleiro e um católico pudesse se encontrar com um puritano sem medo e sem malícia. Uma vez mais o diário de Ashmole nos deu informações valiosas. A anotação de 17 de junho de 1652 é a seguinte:

IIH. A.M. Doutor Wilkins & Senhor Wren vieram visitar-me em Blaclfriaras, essa foi a primeira vez que eu vi o Doutor.

O senhor Wren a que ele se refere é o grande arquiteto sir Christopher Wren, que construiu várias importantes igrejas tais como a Catedral de São Paulo após a *City* de Londres ter sido destruída pelo Grande Incêndio de 1666. Wren deve ter sido Maçom, mas não existe evidência que apóie essa idéia, e muitos afirmam que ele não era. Doutor Wilkins, por outro lado, era sem dúvida alguma um membro da Ordem. À época desse encontro John Wilkins era Guardião do Colégio Wadham de Oxford (Wren era membro do mesmo Colégio, nessa ocasião), mas mais tarde tornou-se bispo de Chester e membro fundador da Sociedade Real. Wilkins era um correligionário dos Parlamentaristas e um puritano de considerável ascendência, sendo marido de Robina, irmã de Oliver Cromwell, de quem já havia sido capelão.

Ao tempo em que Ashmole encontrou Wilkins ela já estava em Londres por seis anos e muito havia acontecido. O rei havia reiniciado a guerra com a ajuda dos escoceses, mas havia sido derrotado e levado como prisioneiro para Preston, e finalmente um rei Maçom perdeu a guerra para um Parlamentarista Maçom. A 20 de janeiro de 1649 Carlos I foi levado a julgamento no Westminster Hall de Londres. O rei se recusou a reconhecer a legalidade desta corte e sequer entrou com um pedido de revisão das acusações de ser tirano, assassino e inimigo da nação, e uma semana mais tarde foi sentenciado à morte e publicamente decapitado a 30 de janeiro. Com a monarquia extinta e a Inglaterra sob seu controle, a primeira tarefa de Cromwell foi a sujeição da Irlanda e da Escócia. Os massacres que se seguiram à captura de Drogheda e Wexford foram terríveis e excessivos, resultado de seu ódio fervente tanto contra os irlandeses quanto contra os católicos romanos. O nome de Oliver Cromwell ainda evoca medo e ira na Irlanda, trezentos e cinqüenta anos após esses eventos.

A Escócia também foi um foco da ira de Cromwell, e lá ele destruiu castelos de realistas e igrejas católicas sempre que encontrou oportunidade para isso. Como vimos antes, o relicário maçônico de Rosslyn teria que ser conhecido exatamente assim, para que tanto Cromwell quanto o general George Monck permitissem que sobrevivesse intacto a essa guerra.

Apesar do talento de Cromwell para a violência, seu maior sucesso foi manter paz e estabilidade relativas e, paradoxalmente, os passos preparatórios para uma estrutura que permitiu uma grande medida de tolerância religiosa. Apesar de não ter nenhum amor por católicos, permitiu que os judeus, que haviam sido expulsos da Inglaterra em 1290, retomassem em 1655 - uma ação nascida de seu conhecimento do ritual maçônico. A vigorosa política externa de Cromwell e as conquistas de seu Exército e Marinha deram à Inglaterra, fora de suas fronteiras um prestígio que não havia tido por mais de meio século.

Com a decapitação de Carlos I**,** o Trono da Inglaterra foi abandonado e o país se tornou a primeira República parlamentarista em um período conhecido como Commonwealth. No ano seguinte o filho do rei morto Carlos desembarcou na Escócia para continuar a guerra: em 1651 ele foi coroado rei desse país e imediatamente invadiu a Inglaterra. O novo regime Parlamentarista estava bem estabelecido e organizado demais para ser ameaçado por esse ataque mal planejado, e Carlos foi duramente derrotado

em Worcester, tendo tido sorte o bastante em poder escapulir para a França.

Através de todos esses tempos tumultuados, o ex-Guardião das Ordenações para o velho rei viveu sem ser incomodado na Londres de Cromwell, convivendo com alguns dos mais inteligentes e influentes homens de ambas as facções. Ashmole obviamente tinha permissão de níveis bem altos para executar uma missão que transcendia a simples política e, enquanto construía alguma coisa que derivava integralmente da Maçonaria, a transformava em alguma coisa muito nova e muito importante.

Ashmole se tornou amigo e se relacionou com astrólogos, matemáticos, médicos e outros indivíduos que estavam avançando em seu conhecimento sobre os mistérios ocultos da Natureza e da Ciência, como requerido pelo 2° Grau da Maçonaria redefinido por Francis Bacon. A palavra havia sido lançada: havia um "Colégio Invisível", uma sociedade de cientistas que não podia ser identificada como um grupo, mas cuja presença era bastante evidente.

Cromwell morreu de causas naturais a 3 de setembro de 1658, e foi enterrado na Abadia de Westminster. Seu filho Richard, a quem ele havia nomeado como seu sucessor, foi fraco e não conseguiu manter o poder. O país rapidamente decaiu em anarquia, mas essa queda foi interrompida pelo comandante do exército na Escócia, general George Monck, que marchou sobre Londres com suas tropas em maio de 1660. Ele reconvocou o Parlamento e o fez restaurar a monarquia, colocando Carlos II no trono. O novo rei não levou muito tempo para buscar vingança sobre o homem que lhe havia causado tanta dor.

Fez com que o corpo de Cromwell fosse desenterrado e que seus restos apodrecidos fossem enforcados como sendo de um traidor antes que sua cabeça fosse espetada em uma trave no alto do Westminster Hall.

A Sociedade Real Emerge

O retorno à Monarquia depois da República pode muito bem ter sido bem-vindo por Ashmole em âmbito pessoal, mas também trouxe benefícios ao "Colégio Invisível". Em 1662, o rei Carlos 11 concedeu uma garantia real a esse Colégio, criando a Sociedade Real: a primeira assembléia do mundo onde cientistas e engenheiros se dedicavam a entender as maravilhas criadas pelo "Grande Arquiteto do Universo".

As liberdades que eram partes do tecido da Maçonaria haviam a princípio criado uma tenra República e quando esta falhou, deu à luz uma organização que iria fazer avançar as fronteiras do conhecimento humano para criar uma era de iluminação, e assentar as fundações da sociedade industrializada dos séculos XIX e XX.

O breve período que a Inglaterra passou sendo República não foi em vão: os monarcas, daí em diante, esqueceram a primitiva noção do direito divino de governar, e mantiveram seu poder a partir da afeição do povo e da autoridade da Casa dos Comuns, que expressava a vontade democrática do povo. Nos anos que se seguiram, esse direito democrático se espalhou para os pobres e eventualmente até mesmo para as mulheres - a visão do homem chamado Jesus levou muito tempo para se realizar.

Nesse ponto de nossa pesquisa já não tínhamos mais dúvidas de que a Maçonaria leva a semente Nazoreana e mais particularmente de Jesus, e podemos estar igualmente seguros de que a Sociedade Real germinou na estufa de pensamentos que foi liberada pela definição de Bacon para o 2° Grau da Maçonaria bem antes que pessoas como Ashmole e Wilkins a tudo reorganizassem depois dos traumas da Guerra Civil. John Wallis, o eminente matemático do século XVII, escrevendo suas reminiscências dos primórdios da Sociedade Real, assim diz:

> **Considero sua primeira base e fundação como sendo em Londres, ali pelo ano de 1645, se não antes, quando o doutor Wilkins (então capelão do Príncipe Eleitor do Palatino, em Londres) e outros, encontraram-se semanalmente em um certo dia e hora, sob certas penalidades, e uma contribuição semanal para as despesas com experiências, com certas regras acordadas entre nós. Quando (para impedir desvirtuamentos e por algumas outras razões) barramos todos os discursos sobre divindade, negócios de Estado, e notícias outras que não aquelas concernentes a nossos interesses em Filosofia.**

Essa descrição dos primeiros encontros dos novos pensadores é inquestionavelmente maçônica. O encontro semanal em hora determinada, as penalidades e a completa abstinência de todos os tópicos de política e religião ainda são marcas típicas de uma Loja de Maçons.

Essa indiscrição de Wallis foi corrigida pela hierarquia maçônica da Sociedade Real inicial, que comissionou Spratt a escrever a história oficial da Sociedade Real, não fazendo nenhuma menção a essas regras maçônicas que Wallis tão descuidadamente revelara.

Um dos cientistas mais influentes a se envolver com Ashmole foi Robert Hooke, que foi indicado como primeiro Curador de Experimentos da Sociedade Real. Seus prolíficos experimentos, demonstrações e discursos nos quinze anos seguintes foram um forte fator na sobrevivência da Sociedade em período tão inicial. Hooke foi um dos três topógrafos da cidade após o Grande Incêndio de Londres, além de ser um dos primeiros a propor o uso do microscópio para as investigações biológicas, dando partida ao moderno uso em Biologia da palavra «célula".

Todos os grandes homens dessa época buscavam filiação à Sociedade Real, e talvez o maior deles todos tenha sido sir Isaac Newton, que havia alcançado várias coisas, inclusive uma fenomenal e detalhada analise da estrutura gravitacional do Universo.

Em 1672, Newton foi eleito Membro da Sociedade Real e mais tarde nesse mesmo ano publicou seu primeiro ensaio científico sobre sua nova teoria da Luz e Cor, nas Transações Filosóficas da Sociedade. Um quarto de século após a Sociedade ter recebido sua garantia real, Newton publicou seu *Philosophia Naturalis Principia Mathematica* (Os Princípios Matemáticos da Filosofia Natural), o *Principia,* como são universalmente conhecidos. Esse trabalho marcante é, indiscutivelmente, o maior livro científico já escrito.

Apesar de virtualmente todos os primeiros membros da Sociedade Real terem sido Maçons, com o correr do tempo a Maçonaria parece ter-se movido para o banco de trás dessa sua nova cria, porque os encontros dessa *intelligentzia* não precisavam mais nem do segredo nem da proteção da Ordem para superar os obstáculos políticos e religiosos.

A nova Sociedade fez uso de grande parte do tempo e energia de Elias Ashmole, Roben Moray (registrado como o primeiro homem a ser iniciado na Maçonaria em solo inglês, em 1614) John Wilkins, Robert Hooke e Christopher Wren, que foi feito presidente em 1681. Fica muito claro a partir desses fatos tão bem documentados que a Maçonaria estabeleceu a Sociedade Real e que o foco do 2° Grau reconstruído já havia servido a seu propósito e movido o mundo para &ente em direção a uma era científica.

Durante a presidência de sir Isaac Newton, alguns anos mais tarde, um bem conhecido antigo Maçom francês com o nome de Cavaleiro Ramsay foi feito membro da Sociedade Real, apesar de lhe faltarem quaisquer credenciais científicas. Com a maioria dos melhores intelectos da Maçonaria devotando seu tempo e energia à nova Sociedade, parece que a Ordem em Londres estava sofrendo uma certa dose de esquecimento.

A Maçonaria Encontra Seus Próprios Pés

No ano de 1717, a Maçonaria na área de Londres estava em sua maré mais baixa: só havia quatro Lojas que se reuniam regularmente:

1. O Ganso e a Grelha, *(Goose and Gridiron)* no adro da Catedral de São Paulo.
2. A Coroa, *(The Crown)* em Parker Lane, perto de Drury Lane.
3. A Tavema da Macieira, *(TheAppletree Tavern)* na rua Charles, em Covent Garden.
4. A Tavema da Taça e das Uvas, *(The Rummer and Grapes Tavern)* no Channel Row, Westminster.

Não pode haver dúvidas de que a Ordem em Londres estava sofrendo a crise da perda de sua identidade tradicional. Por que ainda tinha que existir?

A Maçonaria havia subitamente se tornado uma vítima de seu próprio sucesso: havia superado a grande e longa ameaça da Igreja e havia dado a partida para a democracia e um clima de constante pesquisa científica. No resto do país, entretanto, as Lojas maçÔnicas estavam começando a se tornar regulares e cada vez mais populares.

Uma Grande Loja, formada em algum momento desconhecido antes de 1705, já vinha se reunindo com regularidade em York, e essa primeira Grande Loja, que era intensamente apoiada por membros da nobreza, reclamava o título de "Grande Loja de Toda a Inglaterra". Alguma coisa precisava ser feita em Londres, e, portanto, as quatro Lojas acima listadas se encontraram na Taverna da Macieira em fevereiro de 1717 e votaram no mais velho dos Maçons presentes para presidir esse encontro.

Este Maçom mais velho não parece ter seu nome registrado em nenhum ponto da literatura, mas a reunião certamente decidiu convocar uma assembléia de todas as quatro Lojas na Taverna do Ganso e da Grelha para o dia 24 de junho, com o propósito de eleger um Grão-Mestre que comandasse toda a Ordem.

De acordo com essa decisão, no dia da Festa de São João Batista desse mesmo ano a assembléia e banquete foram realizados, e o sr. Anthony Sawyer eleito primeiro Grão-Mestre por um ano. É interessante notar que nesta época eles escolheram um GrãoMestre entre os próprios membros "até que venha o dia em que possamos ter a honra de ter um Irmão Nobre em nosso comando".

Isso bem pode ser uma referencia ao fato de que a Maçonaria Escocesa escolhia um Irmão Nobre como Grão-Mestre desde o tempo do Primeira Carta de St Clair de 1601. A Nova Grande Loja Inglesa registrou um grande número de regras:

Que o privilegio de reunir-se como Maçons que havia até agora sido ilimitado deva ser investido em certas Lojas ou assembléias de Maçons acertadas para determinados lugares: e que cada Loja dai em diante acertada, exceto as quatro Lojas que nesse momento já existem, devam ser legalmente autorizadas a agir por uma garantia do Grão-Mestre com tempo definido, dada a certos indivíduos após petição, com consentimento e aprovação por comunicação à Grande Loja: e que sem tal garantia nenhuma Loja pode desse momento em diante ser considerada regular ou constitucional.

Que todos os privilégios de que coletivamente desfrutam, em virtude de seus direitos imemoriais, continue a ser desfrutado; e que nenhuma lei, ou regra ou regulamentação que seja passada ou feita desse dia em diante pela Grande Loja os prive desses privilégios, ou exceda os limites de qualquer dos marcos da Ordem que nesse momento sejam definidos como sendo o padrão do governo maçônico.

A necessidade de fixar as constituições originais como o padrão pelo qual todas as futuras leis dessa Sociedade venham a ser regulamentadas, foi tão bem compreendida por toda a Fraternidade nesse instante que foi estabelecida como cláusula pétrea, em cada instalação, pública e privada, obrigar o Grão-Mestre, e os Veneráveis e Vigilantes de todas as Lojas, a se aplicarem no apoio a essas constituições: às quais também todos são ligados por fortes laços durante a iniciação.

Ao formar uma Grande Loja sob o controle de um Grão-Mestre eleito, as quatro Lojas haviam efetivamente criado um sistema de controle da Maçonaria que asseguraria que apenas elas quatro estavam isentas de obedecer às suas ordens, mas que todos os outros Maçons deviam conformar-se com seus editos.

Eles podiam declarar uma Loja regular ou fazê-la ser removida da lista de Lojas regulares. Seu direito de fazer isso foi desafiado por outros Maçons, particularmente aqueles de York, que não aceitavam a missão auto-imposta de Londres para assegurar que nenhum novo herege emergisse sem concordar com a heresia regular e aprovada pela Ordem. Tentando formalizar-se como uma instituição regular, a Maçonaria Inglesa já estava começando a perder seu rumo. Não obstante, a nova estrutura conseguiu aglutinar tudo o que havia após um período de lutas internas, e os mais altos escalões da Ordem foram vagarosamente sendo ocupados pela família real, que buscava manter sua influência na mais republicana das organizações do mundo.

Esse elo entre a Maçonaria e a família real tem sido, na nossa opinião, a razão mais importante na sobrevivência da monarquia britânica.

Organizamos uma lista de Past Grão-Mestres Ingleses, e a gravitação em direção à aristocracia e a família real é fácil de perceber (Apêndice III). Quando esta lista é comparada com o registro dos Past Grão-Mestres Escoceses (Apêndice IV) fica claro que desde seus mais remotos registros a Maçonaria Escocesa sempre esteve intimamente ligada aos Senhores do Reino assim como ao mais humilde de todos os pedreiros: uma tradição ainda hoje orgulhosamente mantida na Escócia. A Ordem logo se espalhou pelo mundo.

Foi a influência fundamental da Maçonaria nas Revoluções Americana e Francesa, combinada com a tendência dos Maçons Escoceses de apoiar a causa jacobita, que finalmente fez com que os reis hanoverianos da Inglaterra adotas sem a Ordem como sendo sua própria.

Em 1782, quatro anos antes da Declaração de Independência dos Estados Unidos, o duque de Clarence, irmão de Jorge II, tornou-se Grão-Mestre. No ano da Revolução Francesa, 1789, o príncipe de Gales e seus dois irmãos foram iniciados na Ordem, e dentro de um ano o príncipe de Gales já era Grão-Mestre, recebendo pleitos de lealdade de Maçons em todo o mundo (inclusive George Washington, nesse

tempo Venerável da Loja Alexandria, n° 22 no rol da Grande Loja de Nova York) assim como de muitas Lojas francesas.

Por esse meio, os reis hanoverianos usaram o sistema maçônico para oferecer uma razão democrática para manter a lealdade de seus súditos Maçons. A Maçonaria na Inglaterra estava no caminho para tornar-se o clube de jantares sociais que é hoje em dia, e começando a perder a visão de sua herança longínqua.

Seus verdadeiros segredos estavam efetivamente ficando a cada dia mais perdidos.

A Maçonaria se Difunde

Logo após a formação da Grande Loja de Londres, o segundo GrãoMestre, George Payne, começou a colecionar vários manuscritos sobre os assuntos da Maçonaria, inclusive cópias das *Ancient Charges.* Em 1729 foi decidido que se publicaria o Livro das Constituições, e desse momento se diz que um grande número de manuscritos valiosos "foi queimado rápido demais por alguns irmãos muito escrupulosos para que não caíssem nas mãos dos elementos de oposição que a Ordem conhece como os "modernos". Declara-se inclusive que o original da cópia que Inigo Jones fez das *Ancient Charges* foi perdida dessa maneira. No mesmo ano houve concordância de que no futuro o Grão-Mestre deveria ser nomeado antes da reunião anual e que cada Grão-Mestre quando instalado teria o poder exclusivo de nomear seus Deputados e Vigilantes. Em 1724 o Grão-Mestre, que nesse momento era o duque de Richmond, organizou o primeiro Comitê de Caridade para prover um fundo geral de alívio aos Maçons em dificuldades: isso já havia sido sugerido por seu predecessor, o duque de Buccleuch.

Isso parece ser o primeiro registro de uma organização de caridade maçônica, esta alternativa tão importante na Maçonaria moderna.

Em janeiro de 1723, após apenas nove meses no cargo, o duque de Montagu renunciou ao cargo de Grão-Mestre em favor do duque de Wharton, que tinha tanta vontade de ser Grão-Mestre que até tinha tentado ser eleito como tal em uma reunião irregular de Maçons.

Daí em diante a sucessão de pares do reino já havia sido estabelecida e continuaria inabalável. Os homens comuns como os que haviam sido Grão-Mestres no inicio nunca mais alcançaram esse cargo, nem na verdade a posição de Grão-Mestre Adjunto: nobres de lugares inferiores tomaram esses papéis, se encarregando do trabalho administrativo do Grão-Mestrado.

A crescente organização começou a necessitar de centros secundários de administração, e em 1727 o Escritório do Grão-Mestre Provincial foi instituído como forma de dar assistência ao governo de uma Ordem grandemente aumentada e geograficamente muito extensa. A 10 de maio de 1727 Hugh Warburton foi instalado como o primeiro Grão-Mestre provincial, sua província sendo Gales do Norte, e a 24 de junho de 1727, sir Edward Mansell-Bart foi instalado como Grão-Mestre Provincial de Gales do Sul.

Também em 1727, a primeira carta constitutiva para uma Loja ultramarina foi expedida pela Grande Loja de Londres para Gibraltar, seguida de perto pela permissão para que se abrisse uma Loja na rua São Bernardo, em Madrid.

A Maçonaria estava se espalhando como fogo em capim seco, e em 1728, Grande Loja de Londres começou a se estabelecer no futuro Império Britânico, com o cargo de Deputado dado a George Pomfret para que estabelecesse uma Loja em Bengala. O escopo do controle provincial da Ordem aumentou com a indicação dos Grão-Mestres Provinciais da Saxônia, de Nova Jersey na América e de Bengala. Em 1730 o primeiro príncipe de sangue real foi iniciado: Francisco, duque de Lorena, Grão-Duque da Toscana, que mais tarde se tornou Imperador da Alemanha, foi iniciado pelo conde de Chesterfield em uma Loja especial arranjada no Hague: o duque recebeu os dois primeiros Graus da Maçonaria, e foi mais tarde exaltado ao 3° Grau na casa de sir Robert Walpole em mais uma Loja presidida pelo conde de Chesterfield. No mesmo ano o alcance da Maçonaria no estrangeiro foi ainda mais ampliado com a indicação de Deputados para formar Lojas na Rússia, na Espanha, em Paris e em Flandres.

A Ordem nesse momento já estava rapidamente se tornando um clube de jantares cheio de estilo para a nobreza, e em 1730 foi realizada a primeira reunião campestre da jurisdição de Londres, em Hampstead a 24 de junho, para a qual cartas-convite foram enviadas para vários membros da nobreza. Em 1733 já havia cinqüenta e três Lojas representadas na Comunicação Anual da Grande Loja, portanto, o território de poder e influência na Grande Loja de Londres estava crescendo.

Nessa reunião de 1733, vários regulamentos novos foram confirmados, tratando das operações do

Comitê de Caridade, inclusive direito de ouvir as próprias reclamações antes que qualquer um deles fosse levado à Grande Loja. Na mesma reunião uma coleta foi feita para ser distribuída aos Maçons em dificuldades, e encorajá-los a fundar uma nova colônia na Georgia. Durante o ano, vários Deputados foram indicados para abrirem Lojas em Hamburgo e na Holanda.

Em 1738 James Anderson (então Grande Secretário) publicou um revisadíssimo *Livro das Constituições.* É esse trabalho sobre a história da Ordem que fez com que certos autores a ele atribuíssem a criação da Maçonaria Simbólica. Nessa época os regulamentos foram introduzidos para conseguir que, se uma Loja deixasse de se reunir por mais de doze meses, fosse apagada das listas e perdesse a sua antiguidade. Também se fixou nessa época que todos os futuros Grão-Mestres seriam eleitos pela Grande Loja de Diáconos, para encorajar os cavalheiros a ocupar esse cargo, enquanto se passavam resoluções sobre o que era descrito como sendo "Convenções ilegais" de Maçons.

Isso removeu o direito democrático dos Irmãos de eleger quem eles achassem mais aptos a liderá-los. O território da Grande Loja de York foi encampado pelas garantias dadas às Lojas do Lancashire, Durham e Northumberland, que como se sabe causaram a interrupção de todas as relações de amizade entre as duas Grandes Lojas.

Por esse tempo já haviam sido expedidas garantias para organizar Lojas em Aubigny, em França, Lisboa, Savanah, na Georgia, na América do Sul. Gambay e Oeste da África. Grão-Mestres Provinciais haviam sido indicados para a Nova Inglaterra, Carolina do Sul e Cape Coast Castle na África. Durante o ano de 1737 o dr. Desaguliers (past Grão-Mestre de 1719) iniciou Frederico, príncipe de Gales, em uma Loja especial arranjada para esse propósito em Kew mais tarde no mesmo ano, elevando-o ao 2° Grau e então o exaltando ao sublime Grau de Mestre Maçom. Na comunicação da Grande Loja, sessenta Lojas estavam representadas e foram indicados Grão-Mestres Provinciais para Montserrat, Genebra, a Costa da África, Nova York e as Ilhas da América.

Em 1738 mais duas Províncias viram a Luz: a das Ilhas do Caribe e a província de Yorkshire, West Riding, que foi considerada como mais um encampamento dos direitos da Grande Loja de York. Isso aumentou em muito a brecha já existente entre as duas Grandes Lojas e resultou em um total rompimento de relações. A 15 de agosto de 1738 a Grande Loja da Escócia teve uma importante vitória na disputa por antiguidade entre as Grandes Lojas, ao iniciar Frederico, o Grande, da Prússia em uma Loja reunida em Brunswick com esse propósito. Frederico a partir disso organizou uma Grande Loja em Berlim sob a Constituição Escocesa.

O Desenvolvimento da Maçonaria na América.

Já havíamos alcançado a história registrada da Ordem e de alguma forma a busca estava completa, mas ainda tínhamos uma curiosidade fora do comum sobre o destino em longo prazo da terra da estrela chamada Mérica. Para completar nosso quadro decidimos olhar sem muito aprofundamento para o desenvolvimento dos Estados Unidos da América.

Não é segredo que a Maçonaria foi uma grande força por trás da Revolução Americana e da fundação da República dos Estados Unidos da América. A demonstração contra os impostos britânicos conhecida como "A Festa do Chá de Boston" foi organizada em 1773 pelos membros da Loja St Andrews, que tinha entre seus membros indivíduos famosos como Samuel Adams e Paul Revere.

A Loja, que se reunia na Taverna do Dragão Verde (Green Dragon Tavern) em Boston, não foi a organizadora da "Festa do Chá", mas seus membros fundaram um clube chamado *Causus Pro Bono Publico,* do qual Joseph Warren, o Venerável da Loja - e que mais tarde se tornou Grão-Mestre de Massachusetts - era uma das grandes forças. De Henry Purkett se declarava estar presente à "Festa do Chá" como espectador, e em desobediência ao Venerável Mestre da Loja St Andrews, que estava ativamente presente.

Os homens que criaram os Estados Unidos da América ou eram eles mesmos ativos Maçons ou estavam em contato constante com os Maçons. Eles usavam os pensamentos que haviam se desenvolvido na Inglaterra durante o século anterior como blocos para a construção de sua própria Constituição. Eles não sabiam, mas com sua devoção aos princípios maçônicos de Justiça, Verdade e Igualdade para seu novo país, estavam fazendo uma tentativa de construir uma terra que seria guiada por Ma'at redescoberta: um Estado moderno que fosse o herdeiro genuíno da grandeza do Antigo Egito.

De várias maneiras os arquitetos dos Estados Unidos alcançaram esse objetivo: mas na grande maioria delas eles, até agora, falharam.

Foi necessária uma terrível Guerra Civil para que se acabasse a escravidão da população negra sulista, e ainda hoje em muitos estados, a palavra "igualdade" ainda é uma aspiração das pessoas racionais e uma irrelevância para as irracionais.

Como a própria Maçonaria, os Estados Unidos são um ideal imperfeito que merece ser vitorioso, mas falha exatamente por ser formado por meros mortais.

Dos homens que assinaram a Declaração de Independência em 4 de julho de 1778, os seguintes eram Maçons: William Hooper, Benjamin Franklin, Matthew Thornton, William Whipple, John Hancock, Philip Livingston e Thomas Nelson.

Dizia-se à época que com apenas quatro homens da assembléia fora da sala, se poderia ter realizado um trabalho de Loja maçônica no 3°Grau! Poderiam também terem sido abertas as portas para muitos líderes do exército: Maçons ativos entre eles incluíam homens como Greene, Marion, Sullivan, Rufus, Putnam, Edwards,Jackson, Gist, barão Steuben, barão de Kalb, o marquês de Lafayette e o próprio George Washington.

Quando Washington foi empossado como primeiro Presidente da República a 30 de abril de 1789, foi pelas mãos do Grão-Mestre de Nova York que ele prestou seu juramento sobre uma Bíblia maçônica, que normalmente era usada como Livro da Lei Sagrada na Loja St John, n° 1, filiada à Grande Loja de Nova York. Ele havia sido Maçom por toda a sua vida adulta, tendo sido iniciado na Loja maçônica de Fredericksburg cinco meses antes de seu vigésimo primeiro aniversário na sexta-feira 4 de novembro de 1752. Como sua Loja Mãe se reunia na primeira sexta-feira do mês, ele foi elevado ao 2° Grau a 3 de março de 1753, e exaltado ao "sublime grau" de Mestre Maçom a 4 de agosto de 1753 na mesma Loja. Ao tempo de sua iniciação ele havia apenas completado a supervisão das propriedades do lorde Fairfax na Virgínia, cujo antepassado havia apresentado Oliver Cromwell à Maçonaria.

A família Fairfax era toda de Maçons ativos na Grande Loja de York e seu irmão mais velho, Lawrence, com quem George estava morando nessa ocasião, havia sido educado na Inglaterra e estava casado com uma sobrinha de lorde Fairfax. A Loja que Washington freqüentava provavelmente seguia um "Rito de York" *ad hoc em* vez de um "Rito Escocês", mas seis anos após sua iniciação, em 1758, a Loja de Fredericksburg recebeu um Documento da Grande Loja de Escócia que formalizou sua posição. Quando Washington foi empossado como primeiro Presidente dos Estados Unidos da América ele já era membro da Ordem há quase trinta e seis anos, e era membro da Loja Alexandria, n° 22.

Procurando em velhos manuscritos encontramos um registro contemporâneo do discurso de George Washington logo após ter sido presenteado com um *Livro das Constituições* assinado pelos Maçons de Boston a 27 de dezembro de 1792. Pela data do presente podemos notar que é o seu quadragésimo aniversário como membro da Ordem. Mostrá-lo-emos a seguir na forma como foi encontrado:

POR MAIS ELOGIOSO que possa ser à mente humana, e verdadeiramente honroso como é, receber de nossos cidadãos-companheiros testemunhos de aprovação por nossos esforços de promover o bem-estar público: não é mesmo agradável saber que as suaves virtudes do coração são altamente respeitadas por uma Sociedade cujos princípios liberais estão fundamentados nas imutáveis leis da verdade e da Justiça.

Ampliar a esfera da felicidade social é digno - como desejo benevolente - de uma Instituição maçônica: e é mais fervorosamente ainda desejado que a conduta de cada membro dessa fraternidade assim como as publicações que revelam os princípios pelos quais que eles atuam, podem tender a convencer a humanidade de que o grande objetivo da Maçonaria é promover a felicidade da raça humana.

Ao rogar pela aceitação de meus agradecimentos pelo Livro das Constituições que me foi enviado, e pela honra que nele me deram com a dedicatória, peço que também me permitam assegurar a todos que sinto todas essas emoções da gratidão que vossos afetUosos discursos e cordiais desejos foram calculados para inspirar: e eu sinceramente oro para que o Grande Arquiteto do Universo possa abençoar-vos aqui, e receber-vos no além em seu templo imortal.

Foi também em 1792 que Washington lançou a pedra-fundamental da Casa Branca - a 13 de outubro, o aniversário da crucificação de Molay!

Nesse ano o dólar foi adotado como a unidade de moeda corrente para os Estados Unidos da América. O símbolo do dólar é um "S" cortado verticalmente por duas traves, apesar de que, ao ser

impresso, hoje em dia apareça com apenas uma linha vertical: $.

Esse sinal foi emprestado de uma velha moeda espanhola, mas as duas linhas verticais eram os pilares de *tsedeq* e *mishpat*, mais conhecidos pelos fundadores dos Estados Unidos como *Booz* e *Jachin*, os pilares do pórtico do Templo do rei Salomão.

Hoje a nota de um dólar apresenta a imagem de uma pirâmide com um olho inserido em seu topo, que é a mais antiga das imagens de uso diário, porque veio até nós desde antes do tempo de Seqenenre Tao, escapando ao expurgo dos motivos egípcios da cerimônia da feitura de reis, por causa do profeta Ezequiel durante o cativeiro babilônio dos judeus.

Representa Deus (na forma de Amon-Rá) como um olho sempre presente, lançando Seu olhar sobre Seu povo para julgar cada ação que fazem na vida, para que recebam seus justos merecimentos na morte. A base integral de Ma'at é uma medida da bondade feita em vida assim como vista por Deus. No anverso da nota de um dólar está o Irmão George Washington e, na nota de dois dólares que foi retirada de circulação, está outro Maçom famoso - Benjamin Franklin.

A 18 de setembro de 1793, George Washington assentou a pedra-angular do edifício do Capitólio em Washington, e junto com seus companheiros estavam todos vestidos em traje maçônico completo com todos os paramentos.

Os Estados Unidos da América ainda são um país *muito* jovem, para fazer frente à longevidade do Egito terá que manter seu *status* de poder até pelo menos 4500 d.C., e para alcançar o primeiro grande ápice desse país ainda lhe faltam uns quatrocentos anos. Mas suspeitamos que a experiência maçônica que encontrou seu lar na terra cosmopolita do outro lado do oceano a oeste há de encontrar uma conclusão bem mais grandiosa, por ser apenas mais uma das pedras pisadas em uma jornada que se iniciou no sul do Iraque há pelo menos seis mil anos atrás.

9. ESQUERDA: O corpo desenrolado de uma múmia desconhecida que foi castrada e queimada viva - seria ele o Jubelo da lenda maçônica?

10. ACIMA NO ALTO: Detalhe da cabeça de 'Jubelo' - a torção de sua fisionomia mostra que este homem deve ter morrido em profunda agonia.